

Sumário

Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 34, n. 3

DOSSIÊ – MONOLINGUISMO OU MULTILINGUISMO NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO?

Um programa de pesquisas comparativas sobre o multilinguismo na produção científica do Cone Sul	5
Fernanda Beigel e Luiz Jackson	
Capital lingüístico y circulación internacional: un estudio comparativo entre Argentina, Brasil y Chile	17
Fernanda Beigel, Ana Maria Almeida e Juan Ignacio Piovani	
Origen social, competencias lingüísticas y patrones de publicación científica en Argentina, Brasil y Chile	49
Ana Maria Almeida, Denis Baranger e Juan Ignacio Piovani	
Las competencias lingüísticas en juego en el campo académico: perfiles de adquisición, valoración y utilización del inglés por investigadores/as científicos/as de Argentina	101
Oswaldo Gallardo	
Circulación situada e idiomas de publicación de las élites académicas del Cono Sur	153
Fernanda Beigel y Breno Bringel	
La batalla de las lenguas en la publicación nacional: un estudio comparativo de las publicaciones del CNPq (Brasil) y Conicet (Argentina)	209
Fernanda Beigel y Luciano Digiampietri	
Los circuitos lingüísticos de la publicación científica latinoamericana	253
Maximiliano Salatino	

ARTIGOS

- Documento e patrimônio entre usos e reflexões 295
Hilário Figueiredo Pereira Filho
- “Saia do Brasil Agora”: emigração brasileira como ação antecipatória 315
Kathleen M. Millar e Michele A. Fanini
- Gestão de recursos naturais em áreas protegidas: diálogo institucional,
capital social e agência na transição para sistemas agroecológicos 341
Aico Sipriano Nogueira
- Duelos e intelectuais no Brasil (1886-1892) 375
Marconi Severo
- Jovens ciganos no ensino médio em Portugal: fatores-chave para a continuidade
e o sucesso escolar 403
Maria Manuela Mendes, Olga Magano, Sara Pinheiro e Susana Mourão

ENTREVISTA

- Entrevista com Monique de Saint Martin: as elites em face às reconversões,
bifurcações e fronteiras sociais 427
Por Maria Chaves Jardim e Thais Joi Martins

RESENHA

- Abdelmalek Sayad, *Femmes em rupture de ban: entretiens inédits avec deux Algériennes* 439
Por Gustavo Dias



Contents

Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 34, n. 3

DOSSIER – MONOLINGUALISM OR MULTILINGUALISM IN THE PRODUCTION OF KNOWLEDGE?

A comparative research program on multilingualism in the scientific output of the Southern Cone	11
Fernanda Beigel and Luiz Jackson	
Linguistic capital and international circulation: a comparative study between Argentina, Brazil and Chile	33
Fernanda Beigel, Ana Maria Almeida and Juan Ignacio Piovani	
Social origin, language skills and scientific publication patterns in Argentina, Brazil and Chile	75
Ana Maria Almeida, Denis Baranger and Juan Ignacio Piovani	
Linguistic skills in the academic field. Profiles of acquisition, assessment and use of English by scientific researchers in Argentina	127
Oswaldo Gallardo	
Situated circulation and publication languages of the academic elites of the Southern Cone	181
Fernanda Beigel and Breno Bringel	
The battle of the languages in national publishing: a comparative study of the publishing performance by CNPq (Brazil) and Conicet (Argentina)	231
Fernanda Beigel and Luciano Digiampietri	
Linguistic circuits of Latin American scientific production	275
Maximiliano Salatino	

ARTICLES

Document and heritage between uses and reflections 295

Hilário Figueiredo Pereira Filho

“Get Out of Brazil Now”: Brazilian Emigration as Anticipatory Action 315

Kathleen M. Millar and Michele A. Fanini

Management of natural resources in protected areas: interinstitutional dialogue,
social capital, and agency in the transition to agroecological systems 341

Aico Sípriano Nogueira

Duels and intellectuals in the Brazil (1886-1892) 375

Marconi Severo

Young Ciganos in secondary education in Portugal: key factors for continuity and
school success 403

Maria Manuela Mendes, Olga Magano, Sara Pinheiro and Susana Mourão

INTERVIEW

Interview with Monique de Saint Martin 427

By Maria Chaves Jardim e Thais Joi Martins

REVIEW

Abdelmalek Sayad, *Femmes em rupture de ban: entretiens inédits avec deux Algériennes* 439

By Gustavo Dias



Um programa de pesquisas comparativas sobre o multilinguismo na produção científica do Cone Sul

Fernanda Beigel*

<http://orcid.org/0000-0002-7996-9660>

Luiz Jackson**

<http://orcid.org/0000-0002-6269-6096>

A escrita acadêmica em inglês é uma operação complexa para pesquisadores socializados em outras línguas nativas porque não consiste simplesmente na aplicação de habilidades aprendidas na socialização primária ou estritamente dependentes de origem social e capital cultural herdado. A formação educacional, o pertencimento a equipes de pesquisa e redes internacionais, a posse de capital acadêmico e social, a obtenção de apoio de pesquisadores nativos que corrigem ou traduzem; tudo isso favorece o domínio desse conhecimento. O acúmulo desses recursos e a viabilidade de adquirir habilidades de escrita em inglês explicam a circulação desigual que ocorre entre acadêmicos de um mesmo país ou entre pesquisadores de países não hegemônicos, além de contribuir a compreender as assimetrias de gênero (Lillis e Curris, 2010; Chardenet, 2012; Beigel, 2017).

As políticas de admissão e promoção adotadas por instituições de fomento e universidades elegem como parâmetros principais *rankings* de periódicos internacionais ou o fator de impacto das revistas, favorecendo a centralização crescente do inglês e empurrando muitas disciplinas para o monolinguismo, sob o pressuposto de que esse idioma seria a “língua franca” da ciência (Ortiz, 2009; Gerhards, 2014). Disso resulta a desvalorização dos periódicos nacionais, que perdem apoio institucional e da comunidade científica e, em muitos casos, mudam seu idioma de publicação para

* Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, Argentina.

** Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

o inglês. Os efeitos nocivos dessa tendência, que empobrece culturalmente a ciência e a afasta das necessidades locais, têm sido amplamente apontados por iniciativas internacionais como o Folec, Fórum Latino-Americano de Avaliação da Ciência (Folec, 2019), a Iniciativa Helsinski (Helsinski Initiative, 2019) e a Recomendação de Ciência Aberta da Unesco (Unesco, 2021).

Essa situação é flagrante em uma região como a América Latina, que possui infraestrutura própria de comunicação acadêmica e desenvolvimento científico impulsionado principalmente por recursos públicos. Por que, porém, seus pesquisadores preferem publicar seus artigos em inglês, em revistas indexadas em *Scopus* ou *Wos*? Existe uma falha endógena que não nos permite resolver de uma vez por todas a visibilidade de nossas revistas e livros em nossas línguas? O que será da existência do português acadêmico se a transição das revistas para o inglês continuar a ser promovida? A segmentação linguística da circulação do conhecimento já foi documentada para o mundo árabe (Hanafi e Arvanitis, 2014). Há uma relação de causalidade nesse estado de coisas, que pode ser resumida em uma espécie de alienação entre o potencial de produção de conhecimento, a infraestrutura pública disponível e o sistema de recompensas que nossas próprias instituições e países promovem. Por essa razão, a chave para a promoção do multilinguismo e da bibliodiversidade mantém-se nos sistemas de avaliação acadêmica que hoje estão globalmente sob escrutínio.

Contudo, as línguas que são deslocadas do circuito de publicação *mainstream*, ou seja, dos periódicos indexados na *Scopus* ou *Web of Science*, não desaparecem dos processos de produção e circulação do conhecimento (Engels *et al.*, 2018; Mounier e Dacos, 2010; Curry e Lillis, 2022). O que de fato acontece é a depreciação do multilinguismo científico, depreciado pela hierarquia subjacente aos sistemas de avaliação dominantes já referidos. As limitações dos serviços de indexação latino-americanos para produzir indicadores de produção transversais, sem sobreposições, também operam nessa direção, pois as plataformas existentes não são conectadas entre si. Por isso, é necessário recorrer a outras abordagens empíricas para descobrir a diversidade dos circuitos de produção existentes. Especialmente na América Latina, há um espaço regional de comunicação científica muito dinâmico, incluindo milhares de revistas acadêmicas de qualidade, que oferecem oportunidades de divulgação em espanhol, em português e, cada vez mais, em formato multilíngue, como sugere o recente relatório do PKP (Khanna, Ball, Alperin e Willinsky, 2022).

Este dossiê oferece resultados de pesquisas que visam justamente a problematizar os circuitos da produção científica em espanhol e português, explorando a relevância do inglês na autopercepção dos pesquisadores e o peso atribuído às publicações nacionais por elites acadêmicas acostumadas a serem avaliadas por seus níveis de internacionalização. Os artigos apresentados são baseados em estudos realizados por uma equipe

formada por pesquisadores de diferentes países do Cone Sul que trabalharam juntos em três projetos. De um lado, o Levantamento de Capacidades Linguísticas e Internacionalização (Ecapin), realizado em três populações de acadêmicos (Brasil, Chile e Argentina) e financiado pelo Programa Neies Mercosul (SPU-Capes) Projeto 3/2015. Em seguida, o estudo comparativo entre CNPq e Conicet com base nos sistemas curriculares *Lattes* e *Sigeva*, financiado pela Universidade Dauphine-PSL e pela Fundação L'Oréal. Por fim, o projeto Oliva, que desenvolveu uma base de dados de periódicos indexados no *SciELO* e *Redalyc*. Esses estudos também contaram com o apoio de dois fundos de pesquisa argentinos (Pict 2017-2647 e PIP 2014-0157). Atualmente, a equipe continua a desenvolver novos estudos comparativos sobre multilinguismo no âmbito do Programa Prisa da Agência Universitária da Francofonia (2021-2023).

Os resultados da pesquisa trinacional Ecapin são apresentados em quatro artigos deste dossiê. “Capital linguístico e circulação internacional: um estudo comparativo entre Argentina, Brasil e Chile” (Beigel, Almeida e Piovani) apresenta a descrição geral da pesquisa, sua metodologia e principais resultados. Seu objeto foram as elites acadêmicas internacionalizadas dos três países, a princípio mais bem integradas ao sistema acadêmico mundial dominado pelo inglês. Formada por pesquisadores pressionados a publicar em revistas internacionais, surpreende a heterogeneidade observada em termos de formação pós-graduada no estrangeiro e a incidência desta, menos relevante do que se supunha, na incorporação de competências linguísticas para a escrita em inglês.

O artigo “Origem social, habilidades linguísticas e padrões de publicação científica na Argentina, Brasil e Chile” (Piovani, Almeida e Baranger) concentra-se na parte da pesquisa voltada à discussão das modalidades de aquisição de habilidades em inglês, precoce ou tardiamente no curso da vida, e seu desenvolvimento por motivos familiares ou exigências da profissão acadêmica. Os resultados alcançados sugerem que, independentemente do nível de competência linguística, a grande maioria dos pesquisadores da amostra publicou em inglês. No caso argentino, não há correlação clara entre origem social de pesquisadores e pesquisadoras e o fato de terem publicado pelo menos uma vez em inglês. Para brasileiros(as) e chilenos(as), a proporção dos(as) que publicaram pelo menos uma vez em inglês é um pouco maior entre os que vêm de famílias com capital escolar superior. E, de modo geral, verifica-se que a escrita acadêmica em inglês depende de estratégias distintas. Os mais proficientes publicam textos escritos de forma autônoma, sem envio para tradução ou revisão de um falante nativo de inglês ou de um colega com maior conhecimento do idioma. Mas a grande maioria reconhece a importância de participar de projetos e redes internacionais para contar com a colaboração de pesquisadores que contribuem decisivamente para viabilizar essas publicações.

O artigo de Gallardo “El capital idiomático en juego en el campo académico. Perfiles de adquisición, valoración y utilización del inglés por investigadores científicos argentinos” analisa mais detalhadamente a relação entre capital linguístico e pertencimento disciplinar, notando que entre as ciências sociais e humanas há agentes que declaram conhecer três línguas ou mais, enquanto nas exatas e biológicas a grande maioria concentra-se no inglês. Os primeiros, aliás, tendem a ter uma origem social mais “legítima” e um perfil cosmopolita que privilegia o capital idiomático. No entanto, são os que menos publicam em inglês e não o valorizam tanto como fator determinante para suas atividades acadêmicas. Assim, argumenta-se que a centralidade do inglês nas estratégias de circulação da Argentina parece ser muito mais influenciada pelos parâmetros vigentes de avaliação do que pela origem social e pelas habilidades adquiridas antes de entrar no campo.

O artigo de Beigel e Bringel “Circulación situada e idiomas de publicación de las élites académicas del Cono Sur” reflete sobre o posicionamento multiescalar de pesquisadores das três populações estudadas para “situar” suas faces global e local. O trabalho relaciona as conclusões observadas na pesquisa Ecapin com uma análise empírica de uma amostra de currículos completos de pesquisadores selecionados dessas mesmas populações. Esse levantamento sugere que, de modo geral, as trajetórias revelam significativa bibliodiversidade e multilinguismo, contendo uma parcela importante que publica em periódicos nacionais e no idioma nativo, em todas as áreas científicas. Além dessa constatação geral, verificam-se perfis diferenciados para cada país. No Chile há maior introjeção do inglês na estruturação de sua própria comunidade científica, enquanto na Argentina existe maior preocupação em valorizar o circuito latino-americano. O Brasil mostra uma orientação mais forte para a publicação dentro de suas fronteiras, mas isso não significa necessariamente que eles publicam majoritariamente em português.

Em conexão direta com esse problema, o artigo de Beigel e Digiampietri “La batalla de las lenguas en la publicación nacional” analisa dois sistemas nacionais de dados curriculares, *Sigeva* (Argentina) e *Lattes* (Brasil), fazendo uma comparação entre as publicações autorregistradas por pesquisadores do Conicet e do CNPq. Essa comparação permite verificar diferenças importantes entre as duas populações estudadas. Por um lado, os pesquisadores argentinos publicam muito pouco em seu país, mas mantêm um percentual de suas publicações em espanhol em todas as áreas. Possuem periódicos nacionais de qualidade, mas a cultura avaliativa do Conicet pressupõe que sem internacionalização não serão recompensados pela promoção na carreira acadêmica. A orientação para revistas e livros latino-americanos explica o peso do espanhol nas trajetórias estudadas. Por outro lado, os pesquisadores brasileiros publicam regularmente em periódicos de seu país, mas muitos deles são

editados exclusivamente em inglês. Essa tendência de publicação nacional é forte não apenas nas ciências sociais e humanas, mas em todas as disciplinas, fenômeno explicado pelo peso significativo dos periódicos de ciências da saúde e ciências agrárias na coleção *SciELO*.

Por fim, o artigo de Salatino “Los circuitos lingüísticos de la publicación científica latinoamericana” privilegia a análise de periódicos, com dados coletados no âmbito do projeto Oliva, ou seja, uma base de 1.720 revistas indexadas no *SciELO* e *Redalyc*. Primeiramente, relaciona esse *corpus* de produção publicado em periódicos latino-americanos com o idioma de produção encontrado no *Scopus* e *Web of Science*, demonstrando a escassa representação de outros idiomas além do inglês nessas bases de dados *mainstream*. Em seguida, oferece uma visão geral dos periódicos latino-americanos a partir de uma classificação em quatro circuitos linguísticos: três orientados quase inteiramente pelo espanhol, português e inglês e um quarto totalmente multilíngue. De particular interesse nesse artigo são as evidências que ele fornece sobre o crescimento desse espaço multilíngue, composto por mais de mil periódicos que publicam em inglês, português e espanhol e, em muitos casos, em francês, alemão e italiano.

Gostaríamos ainda de destacar que, para favorecer o multilinguismo e as políticas de tradução que nosso circuito de comunicação exige, apresentamos este dossiê em dois idiomas, espanhol e inglês, além desta introdução também em português. Agradecemos imensamente à revista *Tempo Social* por acolher esta proposta e pelos esforços editoriais que a edição multilíngue demanda.

Referências Bibliográficas

- BEIGEL, F. (2017), “Científicos periféricos, entre Ariel y Calibán. Capital institucional y circuitos de consagración en Argentina”. *Dados*, 60 (3): 825-865.
- CHARDENET, Patrick. (2012), “Langues et savoirs: perceptions et réalités du capital linguistique dans la circulation des connaissances”. *Coloquio Circulación Internacional del Conocimiento*, Cinvestav-IIESU, México.
- CURRY, M. J. & LILLIS, T. (2022), “Multilingualism in academic writing for publication: Putting English in its place”. *Language Teaching*, 1-14. <https://doi.org/10.1017/S0261444822000040>.
- ECAPID. (2018), *Encuesta sobre capacidades lingüísticas e internacionalización*. Red Mercosur. Proyecto N°3/2016-2019, Mendoza.
- ENGELS, T.; STARCIC, A. & SIVERTSE, G. (2018), “Are book publications disappearing from scholarly communication in the social sciences and humanities?”. *Aslib Journal of Information Management*, 70 (6): 592-607.

- FOLEC. (2020), *Documentos fundacionales*. Disponível em <https://www.clacso.org/>.
- GERHARDS, J. (2014), “Transnational linguistic capital: Explaining English proficiency in 27 European countries”. *International Sociology*, 29 (1): 56-74.
- HANAFI, S. & ARVANITIS, R. (2014), “The marginalization of the Arab language in social science: Structural constraints and dependency by choice”. *Current Sociology*, 62 (5): 723-742.
- HELSINKI INITIATIVE ON MULTILINGUALISM IN SCHOLARLY COMMUNICATION. (2019), Helsinki: Federation of Finnish Learned Societies, Committee for Public Information, Finnish Association for Scholarly Publishing, Universities Norway & European Network for Research Evaluation in the Social Sciences and the Humanities. <https://doi.org/10.6084/m9.figshare.7887059>.
- KHANNA, Saurabh; BALL, Jon; ALPERIN, Juan Pablo & WILLINSKY, John (2022), “Recalibrating the scope of scholarly publishing: A modest step in a vast decolonization process”. *SciELO Preprints*. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4729>.
- LILLIS, T. & CURRY, M. J. (2010), *Academic writing in a global context: The politics and practices of publishing in English*. London, Routledge.
- MOUNIER, P. & DACOS, Marin. (2010), *L'édition électronique*. Paris, La Découverte.
- ORTIZ, R. (2009), *La supremacía del inglés en las ciencias sociales*. Buenos Aires, Siglo XXI.
- UNESCO (2021), *The Unesco science report. The race against time for smarter development*. Disponível em <https://www.unesco.org/reports/science/2021/en>.

Texto recebido em 05/11/2022 e aprovado em 15/11/2022.

DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2022.204162

FERNANDA BEIGEL é socióloga, doutora em Ciências Políticas e Sociais. Pesquisadora principal do Conicet e professora titular da Universidad Nacional de Cuyo, onde dirige o Centro de Estudios de la Circulación del Conocimiento (Cecic), <https://cecic.fcp.uncuyo.edu.ar/acerca-de/>. E-mail: mfbeigel@mendoza-conicet.gob.ar.

LUIZ CARLOS JACKSON é professor do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo. E-mail: ljackson@usp.br.



A comparative research program on multilingualism in the scientific output of the Southern Cone

Fernanda Beigel*

<http://orcid.org/0000-0002-7996-9660>

Luiz Jackson**

<http://orcid.org/0000-0002-6269-6096>

Academic writing in English is a complex operation for researchers socialized in different native languages because it is not merely the application of skills learned in primary socialization or a capacity strictly dependent on social origin and inherited cultural capital. Other factors intervene, such as academic training, the support of editors or native collaborators who correct or translate (whose accessibility depends on the academic and social capital of individuals, their research teams and international networks), all this comes together in the mastery of this knowledge. The accumulation of these resources and the viability of acquiring writing skills in English explain the unequal circulation among academics from the same country or among researchers from non-hegemonic countries, as well gender asymmetries (Lillis and Curris, 2010; Chardenet, 2012; Beigel, 2017).

Tenure and promotion policies by research agencies and universities tend to elaborate their evaluation indicators considering journal rankings and Impact factor. This has favoured the hyper-centralization of English, pushing many disciplines to monolingualism, under the assumption that this language is the “lingua franca” of science. Another direct effect is related to the devaluation of national journals, which have lost community and institutional support, or even have shifted their language of publication to English. The harmful effects of this trend, which impoverishes

* Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, Argentina.

** Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

interculturality in science and distances it from the local needs, have been widely pointed out by international initiatives such as Folec, the Latin American Forum for the Evaluation of Science (Folec, 2019), the Helsinki Initiative (Helsinki Initiative, 2019) and Unesco's Open Science Recommendation (Unesco, 2021).

This situation is evident in a region like Latin America, which has its own infrastructure for academic communication and scientific development driven mainly by public resources. Why, then, do our researchers prefer to publish their articles in English, in journals indexed in *Scopus* or *WOS*? Is there an endogenous flaw that does not allow us to improve once and for all the visibility of our journals and books in our languages? What will happen with academic Portuguese if the transition from journals to English continues to be promoted? The linguistic segmentation of knowledge circulation has already been documented for the Arab world (Hanafi and Arvanitis, 2014). There is a causal relationship in this state of affairs, which can be summarized in a kind of alienation between the potential for producing knowledge, the available public infrastructure and the reward system that our own institutions and countries develop. For this reason, the key to boost multilingualism and bibliodiversity remains in the academic assessment systems that are currently under scrutiny globally.

Indeed, languages that are marginalized by the mainstream publishing circuit, (*Scopus* or *Web of Science*), but they have not disappeared as languages of production, nor do they cease to be used in the sphere of knowledge circulation (Engels et al. 2018; Mounier and Dacos, 2010; Curry and Lillis, 2022). The fact is that the multilingualism that exists in scientific production and publishing in national languages is rendered invisible by the hierarchy granted in the evaluation systems to those traditional databases. Also operating in this direction, we should mention the limitations of the Latin American indexing services to produce regional indicators, without overlaps, because the existing platforms are not interoperable with each other. Therefore, it is critical to undertake other empirical surveys to observe the diversity of publishing circuits. Especially in Latin America, there is a very dynamical regional circuit of scientific communication, which publishes thousands of quality academic journals, indexed in the region, which offer dissemination spaces in Spanish, Portuguese and, increasingly, in a multilingual format, as shown in the recent PKP report (Khanna, Ball, Alperin and Willinsky, 2022).

This dossier offers research results that aim precisely to shed light on these diverse circuits of scientific production in Spanish and Portuguese, on the relevance of English in the self-perceptions of researchers and on the value of national publication in the academic elites accustomed to being evaluated by their levels of internationalization. The articles presented are based on studies carried out by a team composed of

researchers from different countries who worked together in three research projects. On the one hand, the Survey of Language Skills and Internationalization (Ecapin), which was executed over three populations of researchers (Brazil, Chile and Argentina) and was funded by the Neies Mercosur Program (SPU-Capes) Project 3/2015. Secondly, the comparative study between the output of the CNPq (Brazil) and Conicet (Argentina) on the basis of the *Lattes* and *Sigeva* curriculum systems that was funded by the University Dauphine-PSL and the Fondation L'Oréal. Finally, the Oliva project, which developed a statistical database of all the journals indexed in *SciELO* and *Redalyc* at the document level. These studies were also supported by two Argentine research funds (Pict 2017-2647 and PIP 2014-0157) and currently the team continues to develop new comparative studies on multilingualism in the framework of the Agence Universitaire de la Francophonie's Prisa Program (2021-2023).

The results of the Ecapin trinational survey are presented in four articles that are part of this dossier. First, "Linguistic capital and international circulation: a comparative study between Argentina, Brazil and Chile" by Beigel, Almeida and Piovani. It deals with the general description of the survey, its methodology and main results. The survey was addressed to the internationalized academic elites selected for the three countries, who are expected to be highly integrated into the English-dominated global academic system. These researchers are generally subjected to strong pressures to publish abroad and in English, thus the heterogeneity observed in terms of post-graduate training abroad and its incidence – less relevant than expected – is critical to understand the construction of language skills for writing in English.

Secondly, the article "Social origin, language skills and scientific publication patterns in Argentina, Brazil and Chile" by Piovani, Almeida and Baranger is presented. This paper focuses on the part of Ecapin devoted to the modalities of acquisition of English skills, either early or later in the life course, and their development for family reasons or academic profession requirements. Regarding the patterns of scientific publication and social origin, it is suggested that, regardless of the level of competence in English, the vast majority of the researchers in the sample have published in this language. In the case of Argentina, there is no clear relationship between social origin and the fact of having published at least once in English, while among Brazilian and Chilean researchers, the proportion of those who have published at least once in English is somewhat higher among those who come from households with higher educational capital. In other words, what is verified is that academic writing in English is associated with other ways of resolving the skills needed to publish in that language: those who are more proficient publish more texts written autonomously, without sending them for translation and even with less need to seek the review of a native English speaker or a colleague with greater knowledge

of the language. But the vast majority highlight the importance of participating in international projects and account the collaboration of researchers who contribute decisively to making these publications viable.

Thirdly, an article by Gallardo entitled “Linguistic capital at stake in the academic field. Profiles of acquisition, valuation, and use of English by Argentine scientific researchers”. This article analyses in more detail this national case in Ecapin and the relationship between the volume of linguistic capital and discipline, and shows that among the social sciences and humanities (SSH) there are people who master three or more languages, while the rest of the disciplinary areas tend to concentrate only in English. The former, moreover, tend to have a more “legitimate” social origin and a cosmopolitan profile that favours linguistic capital. However, these SSH researchers publish less in English and to a lesser extent value it as a determinant factor for their academic career. Gallardo argues that the centrality of English in the Argentinian’s circulation strategies seems to be much more influenced by variants of evaluative culture than by the social origin or skills acquired in primary socialization, before entering the field.

Next, the article by Beigel and Bringel, entitled “Situating circulation and publication languages of Southern Cone academic elites” reflects on the multi-scale positioning of researchers from the three surveyed populations in order to “situate” their global facets and their localization. The paper takes the findings observed in the Ecapin survey and relates them to an empirical analysis of these national communities, analysing the complete *curricula vitae* of sample of selected researchers from the populations surveyed. This study shows that seen as a whole, the complete production trajectories include greater bibliodiversity and multilingualism than expected, with a significant portion publishing in national journals and in the native language, in all scientific areas. Beyond this general finding, differentiated profiles are observed for each country. In Chile there is a greater introjection of English in the structuring of its own scientific community, while in Argentina there is a greater concern to value the Latin American circuit. Brazil shows a stronger orientation towards publication within its borders, but this does not necessarily mean that they publish regularly in Portuguese.

In direct connection with this problem, the article by Beigel and Digiampietri entitled “The battle of languages in national publication” delves in another source, examining two national curricular data systems, *Sigeva* (Argentina) and *Lattes* (Brazil), and comparing the complete output self-loaded by the Conicet and CNPq researchers. This comparison reveals important differences between the two populations studied, since Argentine researchers publish very little in their country, but maintain a percentage of their publications in Spanish in all areas. They have quality national journals,

but the evaluative culture of Conicet seems to indicate them that they will not be rewarded for promotion in the academic career. However, the orientation towards Latin American journals and books in the SSH explains the weight of Spanish in the trajectories studied. In contrast, the article shows that Brazilian researchers publish frequently in Brazilian journals, but many of these documents are published exclusively in English. This tendency to publish nationally is not only strong in the SSH, but in all disciplines, a phenomenon that the paper explains by the weight of journals in the health sciences and agricultural sciences in the *SciELO* collection.

Finally, the article by Salatino entitled “The linguistic circuits of Latin American scientific publishing” undertakes the observation of journals, with another source: the data collected in the framework of the Oliva project, i.e. a database of 1720 journals indexed in *SciELO* and *Redalyc*. First, it relates this corpus of production published in Latin American journals to the language of production found in Scopus and Web of Science, demonstrating the scarce representation of languages other than English in these mainstream databases. It then provides an overview of Latin American journals based on a classification into four linguistic circuits: three separated entirely by language (Spanish, Portuguese and English) and a fourth multilingual. Of particular interest in this article is the evidence it provides on the growth of this multilingual space, composed of more than 1000 journals publishing partly in English, Portuguese and Spanish, and, in many cases, in French, German and Italian.

Finally, we would like to point out that in the aim to push multilingualism and translation policies that are so important for our regional circuit, we offer this dossier in two languages, Spanish and English, as well as this introduction additionally in Portuguese. We are deeply grateful to Tempo Social for having hosted this proposal and for the editorial efforts that the multilingual publishing demands.

References

- BEIGEL, F. (2017), “Científicos periféricos, entre Ariel y Calibán. Capital institucional y circuitos de consagración en Argentina”. *Dados*, 60 (3): 825-865.
- CHARDENET, Patrick. (2012), “Langues et savoirs: perceptions et réalités du capital linguistique dans la circulation des connaissances”. *Coloquio Circulación Internacional del Conocimiento*, Cinvestav-IIESU, México.
- CURRY, M. J. & LILLIS, T. (2022), “Multilingualism in academic writing for publication: Putting English in its place”. *Language Teaching*, 1-14. <https://doi.org/10.1017/S0261444822000040>.
- ECAPID. (2018), *Encuesta sobre capacidades lingüísticas e internacionalización*. Red Mercosur. Proyecto N°3/2016-2019, Mendoza.

- ENGELS, T.; STARCIC, A. & SIVERTSE, G. (2018), "Are book publications disappearing from scholarly communication in the social sciences and humanities?". *Aslib Journal of Information Management*, 70 (6): 592-607.
- FOLEC. (2020), *Documentos fundacionales*. Disponível em <https://www.clacso.org/>.
- GERHARDS, J. (2014), "Transnational linguistic capital: Explaining English proficiency in 27 European countries". *International Sociology*, 29 (1): 56-74.
- HANAFI, S. & ARVANITIS, R. (2014), "The marginalization of the Arab language in social science: Structural constraints and dependency by choice". *Current Sociology*, 62 (5): 723-742.
- HELSINKI INITIATIVE ON MULTILINGUALISM IN SCHOLARLY COMMUNICATION. (2019), Helsinki: Federation of Finnish Learned Societies, Committee for Public Information, Finnish Association for Scholarly Publishing, Universities Norway & European Network for Research Evaluation in the Social Sciences and the Humanities. <https://doi.org/10.6084/m9.figshare.7887059>.
- KHANNA, Saurabh; BALL, Jon; ALPERIN, Juan Pablo & WILLINSKY, John (2022), "Recalibrating the scope of scholarly publishing: A modest step in a vast decolonization process". *SciELO Preprints*. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4729>.
- LILLIS, T. & CURRY, M. J. (2010), *Academic writing in a global context: The politics and practices of publishing in English*. London, Routledge.
- MOUNIER, P. & DACOS, Marin. (2010), *L'édition électronique*. Paris, La Découverte.
- ORTIZ, R. (2009), *La supremacía del inglés en las ciencias sociales*. Buenos Aires, Siglo XXI.
- UNESCO (2021), *The Unesco science report. The race against time for smarter development*. Disponível em <https://www.unesco.org/reports/science/2021/en>.

Texto recebido em 05/11/2022 e aprovado em 15/11/2022.

DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2022.204162

FERNANDA BEIGEL é socióloga, doutora em Ciências Políticas e Sociais. Pesquisadora principal do Conicet e professora titular da Universidad Nacional de Cuyo, onde dirige o Centro de Estudios de la Circulación del Conocimiento (Cecic), <https://cecic.fcp.uncuyo.edu.ar/acerca-de/>. E-mail: mfbeigel@mendoza-conicet.gob.ar.

LUIZ CARLOS JACKSON é professor do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo. E-mail: ljackson@usp.br.



Capital lingüístico y circulación internacional: Un estudio comparativo entre Argentina, Brasil y Chile¹

Fernanda Beigel*

<http://orcid.org/0000-0002-7996-9660>

Ana Maria Almeida**

<https://orcid.org/0000-0002-4504-0423>

Juan Ignacio Piovani***

<https://orcid.org/0000-0002-8774-3258>

Introducción

Durante mucho tiempo, los investigadores de diferentes latitudes han vivido (o maldecido) la parábola “publicar o perecer”, pero la mayoría de ellos acaba creyendo que publicar en las revistas de la corriente principal es la puerta de oro para entrar en la “ciencia mundial”. Una vez cumplida la globalización de los criterios establecidos por el Institute of Scientific Information (ISI) creado en 1959, publicar en inglés se convirtió en el medio más eficaz para adquirir prestigio científico “universal”. Las revistas estadounidenses fueron el modelo legítimo de este nuevo estilo de producción y el inglés la lengua dominante que conquistó casi todas las disciplinas. Varios estudios (Gingras, 2002, Ortiz, 2009) han observado que la base de datos de indexación creada por Garfield fue durante cuarenta años la única fuente para los informes y estudios comparativos internacionales y, en consecuencia, también para la “universalización” de los indicadores de evaluación de las carreras individuales y las instituciones. No cabe duda de que la hipercentralidad del inglés prevaleció en este proceso como el

* Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, Argentina.

** Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil.

*** Universidad Nacional de La Plata, Buenos Aires, Argentina.

1. Los autores desean agradecer el apoyo del Programa Neies Mercosur (SPU-Capes), Proyecto 3/2015; PICT 2017-2647 (Agencia I+D+I, Argentina), y Paris Dauphine-PSL, University Chair-Fondation L'Oréal La Poste, Generali France, Safran y Talan.

capital lingüístico transaccional más valioso (Gerhards, 2014). De Swaan (2002) sostiene que este predominio también forma parte de la lógica de un sistema lingüístico global que se sustenta en relaciones de poder e intercambio, que no evolucionan independientemente de las dinámicas económicas políticas y culturales.

En el caso de América Latina, esto parece corroborarse de diversas maneras en el largo plazo: la imposición de una lengua sobre otras fue una forma de violencia simbólica que comenzó durante la conquista en 1492 y continuó durante la colonización, como resultado de la violencia física ejercida contra las comunidades originarias de este subcontinente. Dos lenguas dominantes, el español y el portugués, se establecieron como oficialmente legítimas mientras se producía el exterminio de gran parte de la población nativa, subyugando cientos de lenguas indígenas como el Náhuatl, el Quechua, el Aymara, el Guaraní, el Mapudungún y otras. En la actualidad, los supervivientes de estas comunidades siguen hablando esas lenguas y las tradiciones nativas han resistido.

En el ámbito de la producción y circulación del conocimiento científico parece que estas dos lenguas oficiales han sido arrinconadas por el inglés, al menos entre los biólogos, investigadores de salud y medicina, ingenieros, físicos, astrónomos y otros. Informes recientes afirman que el inglés se utiliza en más del 90% de los documentos publicados en revistas académicas (Badillo, 2021). Lo que no se dice claramente es que esta observación se limita a las bases de datos principales que incluyen principalmente la producción de las universidades tradicionales de alto rango. Este enfoque oscurece la considerable actividad académica que sigue teniendo lugar en todo el mundo en múltiples idiomas, lo que indica el valor que estos idiomas tienen para los escritores académicos, así como para los lectores. La realidad global del multilingüismo en todos los ámbitos, incluido el académico, pone en tela de juicio la naturalización del inglés como lengua privilegiada de publicación (Curry y Lillis, 2022). Desde la perspectiva de la periferia, se observan otras realidades, junto a un dinámico circuito regional con más de 6.000 revistas científicas editadas en español y portugués, publicadas en acceso diamante (Beigel, 2019).

Las características de la integración de las élites científicas semiperiféricas a los estándares globales han sido examinadas en estudios históricos, sociológicos y bibliométricos (Vessuri, Guédon y Cetto, 2014; Vessuri y Kreimer, 2018; Aguado-López *et al.*, 2018; Alperin y Rosembaum, 2017; Vasen y Lujano, 2017; Piovani, 2020). Sin embargo, hasta ahora no se ha estudiado cómo llegan a dominar el inglés como lengua extranjera, sopesando el efecto causal del origen social y el papel que juega la formación académica. La encuesta examinada en este trabajo (Ecapin, 2018) recoge los resultados de un estudio trinacional realizado en Argentina, Brasil y Chile por un equipo compuesto por investigadores senior de los tres países. Luego de

determinar el universo de estudio de cada campo nacional, sus condiciones estructurales y su eje comparativo, se aplicó la encuesta a tres poblaciones de académicos. Los resultados de esta encuesta se analizan en diferentes artículos presentados en esta revista, mientras que este trabajo se centra particularmente en los medios para la construcción de habilidades lingüísticas para la publicación académica en inglés. En la primera parte, analizamos la literatura disponible sobre la construcción del capital lingüístico transnacional. En segundo lugar, profundizamos en la descripción de las tres poblaciones estudiadas y el peso de los estudios de doctorado en el extranjero en sus trayectorias. Por último, señalamos los principales aspectos de la comparación transnacional que explican las similitudes y diferencias en los modos de circulación del conocimiento en el Cono Sur.

La escritura académica en inglés, en la encrucijada entre el origen social y el capital social

El capital lingüístico, como tipo de capital cultural, se compone tanto de la competencia en sí como del proceso de adquisición o incorporación, que constituye una marca de origen que posteriormente determinará su uso en el ámbito cultural (Bourdieu, 2003). Sin embargo, el aprendizaje temprano de la lengua y el capital académico no conducen naturalmente a la publicación en los circuitos principales. Los intercambios lingüísticos en el mundo académico son asimétricos porque las lenguas se valoran de forma diferente y los académicos no tienen el mismo acceso a las habilidades asociadas a la escritura científica en inglés (Chardenet, 2012; Lillis y Curry, 2010; Gerhards, 2014). Como sostienen Gérard y Wagner (2015), el conocimiento de una élite académica nunca es el resultado de prácticas exclusivamente eruditas, sino que siempre implica algún tipo de *savoir-faire* (saber hacer) y *savoir-être* (saber ser). Estos conocimientos se cultivan en las instituciones en las que se forman las élites y, para ser eficaces, siempre deben estar vinculados a determinados tipos de recursos sociales y políticos.

Para entender el funcionamiento y la reproducción de este saber hacer institucional, es útil recordar la distinción de Bourdieu entre los “tres estados” del capital cultural: encarnado, objetivado e institucionalizado. El primer estado, encarnado, está vinculado a un individuo a través de su familia y su educación; el segundo, está relacionado con los productos materiales y las perspectivas desarrolladas en las instituciones académicas. El capital cultural institucionalizado consiste en credenciales académicas cuyo valor simbólico excede las capacidades y perspectivas adquiridas por el individuo porque son capaces de hacer creer a los demás y de consolidar el prestigio independientemente del estatus real del portador (Bourdieu, 1979). El

saber hacer institucional es una competencia interaccional que aumenta el éxito académico y se diferencia de las capacidades de los no elegidos. La élite se construye a sí misma, pero busca la aprobación desde arriba y también desde abajo, porque los grupos a los que las élites pretenden dominar también deben aceptar el principio de su superioridad. Entre las propiedades estructurales del campo científico y las propiedades que encarnan los agentes, hay un conjunto de diferentes capitales simbólicos responsables de este poder de hacer creer, establecer la valía, reconocer y distinguir.

Sin embargo, dentro de campos académicos estructuralmente heterogéneos como los periféricos observados en este estudio, la transición mágica hacia un *habitus* de escritura transnacional requiere más que un capital académico o un título académico en el extranjero. Como observó Beigel (2017), el diferencial para definir los circuitos de reconocimiento radica en disposiciones y habilidades que se adquieren a través de la experiencia de investigación en ciertas instituciones o grupos y no en otros. Este *savoir-être* y *savoir-faire* se incorporan en la formación académica, en la docencia auxiliar, en la participación en concursos de becas, en el aprendizaje en laboratorios con investigadores senior, en la adquisición del *know-how* que transmiten los investigadores de éxito, en la familiarización con los estilos de publicación en el instituto en el que se realiza su trabajo, en la colaboración en redes de publicación e investigación colectivas. Este capital institucional es mucho más que una forma institucionalizada del capital académico que supone una titulación: es un capital social y un conocimiento incorporado que opera a la hora de buscar un puesto de entrada como investigador o a la hora de escribir un artículo. Estas habilidades y el *savoir-dire* (saber decir) son relevantes a la hora de construir el *métier* académico en los concursos de titularidad o al redactar una solicitud o una propuesta de proyecto para una beca de investigación.

Muchos estudios asignan tradicionalmente una fuerte incidencia a la formación doctoral en el extranjero como determinante de las formas de circulación y de los estilos de publicación (Gantman, 2011; varios otros). De hecho, ese era el caso de los investigadores medios hace dos o tres décadas. Estudios recientes muestran que el 92% de los investigadores del Conicet (Argentina), una de las poblaciones de este estudio, tienen títulos de doctorado obtenidos en su propio país y, sin embargo, están altamente internacionalizados con niveles considerables de publicación en inglés (Beigel, Gallardo y Bekerman, 2018). En contra de la idea de sentido común de que “más joven es mejor”, los adultos pueden avanzar más rápido en la adquisición de una segunda lengua siempre que ese aprendizaje se produzca en un contexto adecuado (Krashen, 2009).

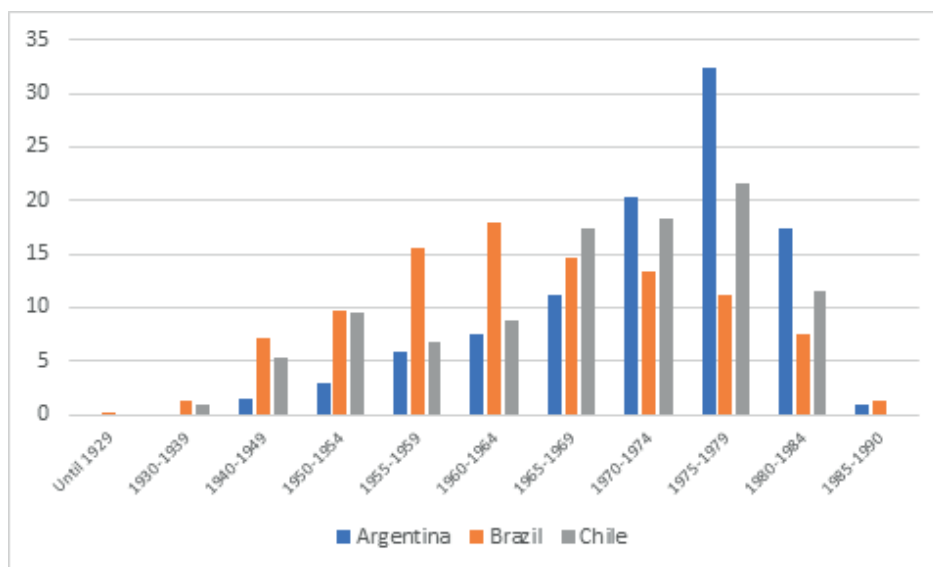
La encuesta, la población objeto y la comparación transnacional de la incidencia de la formación doctoral en el extranjero

La encuesta Ecapin tuvo como objetivo comparar el uso de lenguas extranjeras en las publicaciones y las experiencias de adquisición de competencia lingüística en inglés de investigadores argentinos, brasileños y chilenos, a partir de un cuestionario autoadministrado. Para hacer posible esta comparación, teniendo en cuenta el clásico problema de la equivalencia de contextos, se decidió trabajar con poblaciones “emparejadas” según el cumplimiento de una serie de condiciones relacionadas con la definición de “científico”. La idea era estudiar a los miembros más cualificados del sistema científico de cada país y, por tanto, los más proclives a la internacionalización. Sin embargo, dado que cada país tiene un sistema de ciencia y tecnología (CyT) diferente, no fue posible lograr una equivalencia perfecta. En el caso de Argentina, la población objetivo fueron los investigadores del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (Conicet), mientras que en Brasil el estudio se centró en los investigadores adscritos a programas de doctorado de excelencia (nivel 7, según la calificación de Capes), y en el caso chileno, en aquellos involucrados en proyectos de investigación financiados por Fondecyt en el período comprendido entre 2000 y 2014.

La recolección de datos se realizó durante 2017-2018 por correo electrónico mediante cuestionarios autoadministrados. En Argentina y Brasil se invitó a todos los miembros de la población objetivo a participar en el estudio, mientras que en Chile se adoptó un procedimiento de muestreo probabilístico sistemático. Sin embargo, teniendo en cuenta las bajas tasas de respuesta (como es de esperar en este tipo de encuestas), el resultado final fue el de muestras autoseleccionadas. En relación con el cuestionario, su estructura estaba compuesta por varios módulos comunes a los tres países: a) datos sociodemográficos y académicos básicos; b) antecedentes académicos e inserción institucional actual; c) habilidades lingüísticas (comprensión lectora, comprensión oral, expresión oral y escritura) y uso de lenguas extranjeras; y d) la experiencia de la adquisición de la competencia escrita en inglés. Los cuestionarios utilizados fueron muy similares en los tres países. No obstante, fue necesario realizar algunos ajustes para tener en cuenta las especificidades locales, lo que dio lugar a algunas diferencias que acabaron afectando a algunos indicadores de comparación previstos.

La base de datos combinada (que incluye las muestras de los tres países) está compuesta por 3.195 registros, de los cuales 2.390 corresponden a Argentina, 597 a Brasil y 208 a Chile. La muestra argentina incluye un 54,9% de mujeres, frente al 39,9% de Brasil y el 33,2% de Chile. La muestra argentina no sólo es la más grande sino también la más joven: el encuestado de mayor edad es un investigador nacido

GRÁFICO 1

Año de nacimiento de los investigadores, por países (%)

Fuente: Encuesta Ecapin.

en 1940, mientras que en Brasil se da el caso de un investigador nacido en 1928 y en Chile uno nacido en 1936. Además, el año medio de nacimiento es 1972 para los argentinos, 1967 para los chilenos y 1964 para los brasileños. En Brasil y Argentina, los más jóvenes nacieron en 1987, mientras que en Chile lo hicieron en 1984. Como se puede observar en el Gráfico 1, el 71,1% de los argentinos nacieron a partir de 1970, frente al 51,4% de los chilenos y el 33,5% de los brasileños en la misma situación. En el Gráfico también se puede observar que en la distribución correspondiente a Brasil la moda es el intervalo 1960-1964 (17,9% del total), mientras que en Argentina y Chile la moda es el intervalo 1975-1979, aunque en el primer caso incluye al 32,4% de los investigadores y en el segundo al 21,6%.

La muestra argentina es también la que presenta la mayor proporción de investigadores nacidos en el país (97%), cifra que se reduce al 88,8% en Brasil y al 80,8% en Chile. Los pocos investigadores argentinos nacidos en el extranjero son principalmente europeos (especialmente españoles o italianos), latinoamericanos (sobre todo uruguayos y, en menor medida, brasileños o colombianos) y estadounidenses. En la muestra brasileña destacan los investigadores de origen europeo (4,5%), pero también los argentinos (2,7%) y en menor medida los estadounidenses (1%). Por su parte, la muestra chilena, que es la que presenta una mayor proporción de investigadores nacidos en el extranjero, cuenta con un 6,7% de europeos (nacidos princi-

palmente en Alemania, Francia, Rusia y España), y un 4,3% de argentinos. Desde el punto de vista de la movilidad de los investigadores entre los tres países en estudio, Brasil y Chile tienen un saldo neto negativo con Argentina, en el sentido de que en ellos hay una importante presencia de investigadores argentinos, mientras que en Argentina la presencia de investigadores chilenos y brasileños es más bien marginal. Tampoco es cuantitativamente significativa la presencia de investigadores brasileños en Chile y chilenos en Brasil. Otro aspecto interesante a destacar es que, más allá de que algunos de los investigadores nacidos en el extranjero no son migrantes en sentido estricto (por ejemplo, en el caso de los hijos de diplomáticos en servicio o de exiliados políticos que tenían la nacionalidad -o el derecho a la nacionalidad- del país en el que trabajan actualmente), la proporción de nacidos en el extranjero en la muestra argentina (3%) es inferior a la proporción de migrantes en la población total del país (4,8%), mientras que en Brasil y Chile es mucho mayor (11,2% frente a 0,3%, en el caso brasileño, y 19,2% frente a 2,6%, en el caso chileno)

En cuanto a las variables que podrían estar asociadas al uso de lenguas extranjeras, una cuestión relevante a reconocer -más allá del hecho de haber nacido y crecido en un lugar donde se habla otro idioma-, es el país donde se realizó el doctorado. Argentina parece tener la dinámica más endógena, ya que el 83,7% de los investigadores encuestados realizaron el doctorado en su propio país. Nótese que esta proporción de investigadores con doctorado nacional es incluso inferior al porcentaje registrado en el total de la población objetivo (92%), como ya se ha mencionado. Y esta cifra incluso aumenta en las generaciones más jóvenes dado que la beca de doctorado otorgada por el Conicet sólo admite la realización del doctorado en una universidad argentina. En Brasil, a pesar de tener una fuerte tradición de estudios de posgrado, con programas institucionalizados y consolidados desde antes que en Argentina, el porcentaje de investigadores con doctorado nacional desciende al 69,3%. En el caso de este país, las dos principales entidades públicas que conceden becas de doctorado, el CNPq y la Capes, apoyan los doctorados nacionales, pero también cuentan con un amplio sistema de becas internacionales, ya sea para la realización del doctorado completo (cuatro o cinco años) o para realizar estancias de investigación de corta duración en el extranjero, como es el caso de las llamadas becas sándwich.

En el caso de la muestra de Chile, que cuenta con la mayor proporción de investigadores con estudios de posgrado en el extranjero, hay que tener en cuenta que si bien el Conicyt tiene un programa de becas para doctorados nacionales, el esquema de Becas Chile, a diferencia de las becas del Conicet en Argentina, exige un doctorado en el extranjero y, preferentemente, en universidades de alto rango. De hecho, estas becas se otorgan de acuerdo con el ranking de universidades de la OCDE por áreas temáticas. Asimismo, y aunque no es vinculante para el otorgamiento de las becas,

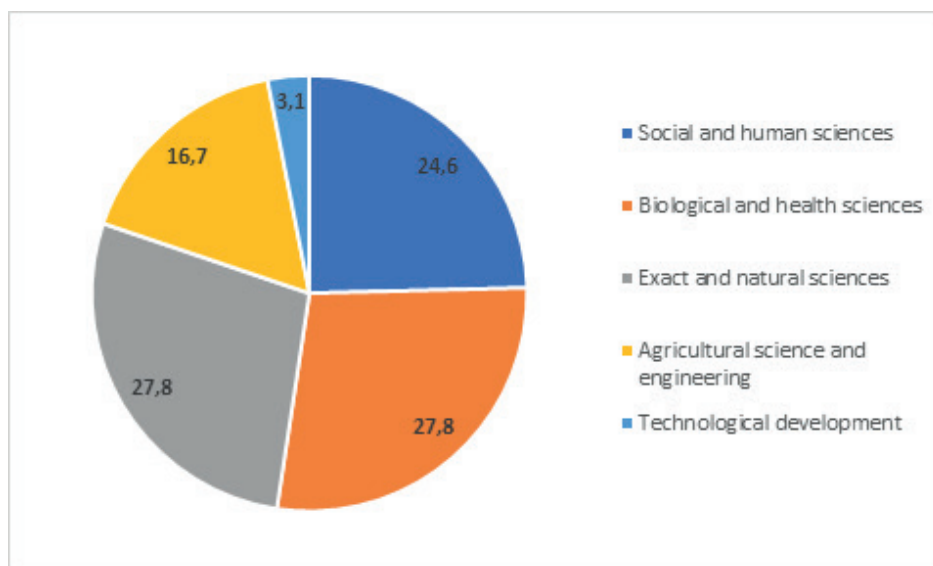
se han implementado convenios con universidades de varios países desarrollados, especialmente Reino Unido, Canadá, Australia y Estados Unidos.

Entre los investigadores argentinos que se doctoraron en el exterior, los principales destinos fueron Estados Unidos (3,6%), España (3,6%), Francia (1,3%) y Brasil (1,3%). En el caso de Brasil, destacan los porcentajes de quienes se doctoraron en Estados Unidos (8,5%), Reino Unido (7,9%), Francia (5,5%) y Alemania (2,5%). Entre los chilenos, Estados Unidos (21,2%), España (13,5%), Francia (8,7%), Reino Unido (6,7%) y Alemania (4,3%) fueron los destinos más populares para los estudios de doctorado. Si se considera la suma de todos los que se doctoraron en países de habla inglesa, se observa que en Argentina esta cifra se eleva al 5,3%; en Brasil al 17,4% y en Chile al 31,2%.

Hasta ahora, se han analizado los porcentajes de los que completaron su doctorado en su propio país de trabajo o en otro, y esto se consideraba tradicionalmente relevante en relación con el conocimiento de lenguas extranjeras. En cambio, la presencia de investigadores nacidos en el extranjero en cada país no puede tomarse linealmente como un indicador de la internacionalización académica, sobre todo si se supone que muchos de ellos llegaron a su actual lugar de residencia y trabajo después de terminar sus estudios. En consecuencia, es importante analizar los porcentajes de finalización del doctorado en el extranjero exclusivamente de los nacidos, respectivamente, en Argentina, Brasil y Chile. Entre los nacidos en Argentina, el 83,8% se doctoró en su país, mientras que el 3,6% lo hizo en Estados Unidos, el 3,4% en España, el 1,9% en Francia y el 1,6% en Brasil. Entre los nacidos en Brasil, el 72,2% se doctoró en una universidad local, mientras que el 8,4% lo hizo en una estadounidense, el 7,1% en una británica, el 5% en una francesa y el 2,6% en una alemana. Chile es el país con la mayor proporción de investigadores nacidos en el país con doctorados extranjeros, con un 20,6% que lo hizo en Estados Unidos, 13,5% en España, 8,2% en Francia, 6,5% en el Reino Unido, 1,8% en Brasil y 1,2% en Argentina. Aunque no se encuentran entre los destinos doctorales más importantes, Brasil, y en menor medida Argentina, han sido polos de atracción para la realización del doctorado entre los investigadores del Cono Sur: el 1,6% de los nacidos en Argentina y el 1,8% de los nacidos en Chile se doctoraron en Brasil, mientras que el 0,4% de los investigadores nacidos en Brasil y el 1,8% de los nacidos en Chile lo hicieron en Argentina. Por otro lado, no hay casos de investigadores nacidos en Brasil que hayan obtenido su doctorado en Chile, y sólo el 0,3% de los nacidos en Argentina lo hicieron allí.

Los porcentajes relativos al lugar de realización del doctorado, como se verá más adelante, varían según la disciplina científica de los investigadores. Los datos sobre este último punto, por su parte, se visualizan en el Gráfico 2. Las ciencias sociales y humanas, las biológicas y de la salud, y las exactas y naturales comprenden, cada una,

GRÁFICO 2

Investigadores por disciplina (%)

Fuente: Encuesta Ecapin.

aproximadamente una cuarta parte de la muestra. Las ciencias agrarias y la ingeniería suponen alrededor del 17% del total, mientras que los investigadores especializados en desarrollo tecnológico apenas representan el 3%.

En la muestra argentina, si bien las tres áreas principales tienen una distribución relativamente pareja, las ciencias biológicas y de la salud se destacan levemente. Cabe señalar que estas disciplinas tradicionalmente tuvieron un lugar preponderante en el Conicet y fueron centrales para su prestigio internacional. Este país, además, es el único en el que el área de tecnología está registrada “oficialmente”, y su bajo peso relativo se debe, al menos en parte, a que comenzó a adquirir relevancia y reconocimiento institucional en tiempos recientes. En las muestras brasileña y chilena, destaca el área de ciencias exactas y naturales, con el 34,3% y el 40,4% de los investigadores, respectivamente. En segundo lugar, aparece el área de ciencias biológicas y de la salud en Brasil (29,1%) y en Chile la de ciencias sociales y humanas (35,1%). Las ingenierías y las ciencias agrarias tienen porcentajes bastante equivalentes de investigadores en los tres países, oscilando aproximadamente entre el 16,5 y el 18,5%.

Al considerar la relación entre la disciplina científica y el lugar de realización del doctorado, se observa que en el caso argentino la proporción de doctorados locales varía entre el 73,9% para las ciencias sociales y el 88,5% para las ciencias biológicas y de la salud, con valores que también superan el 85% en las tres áreas restantes. La menor proporción de doctorados locales entre los investigadores de las ciencias sociales y humanas está posiblemente relacionada con la tardía institucionalización

de estos programas en las universidades argentinas. Los investigadores de estas disciplinas que se doctoraron en el extranjero lo hicieron principalmente en España (5,4%), Francia (5,3%), Estados Unidos (3,7%), Italia (2,5%), Brasil (2,2%) y Reino Unido (2,2%). Entre los de ciencias biológicas y de la salud, destacan España (3,1%) y Estados Unidos (3%); mientras que en las ciencias exactas y naturales los destinos extranjeros más frecuentes fueron Estados Unidos (4,2%), España (2%) y Alemania (1,5%). Por último, entre los investigadores de ingeniería y ciencias agrarias destacan Estados Unidos (4,2%) y España (4%); y en el caso de Desarrollo Tecnológico España (4%), Francia (2%) y Alemania (2%).

En la muestra brasileña, el porcentaje de investigadores con doctorado nacional es del 63,9% en ciencias exactas y naturales, del 66,3% en ingeniería y ciencias agrarias, del 68,3% en ciencias sociales y humanas y del 78,2% en ciencias biológicas y de la salud. En este último ámbito, el Reino Unido (6,3%), Estados Unidos (4,6%) y Francia (2,3%) fueron los destinos más frecuentes de los estudios de doctorado. Entre los investigadores de ciencias sociales y humanas, destacan los doctorados franceses (10,6%), estadounidenses (9,8%) y británicos (7,3%). En el caso de las ciencias exactas y naturales, el peso relativo de los doctorados en Estados Unidos (11,7%) y el Reino Unido (8,3%) sigue siendo elevado, pero el de los franceses (3,9%) desciende notablemente. Los investigadores brasileños en ingeniería y ciencias agrarias que se doctoraron en el extranjero lo hicieron principalmente en el Reino Unido (10,5%), Francia (8,4%), Estados Unidos (7,4%) y Alemania (4,2%).

En la muestra chilena hay un 24,7% de investigadores en ciencias sociales y humanas que se doctoraron en España, mientras que casi un 14% lo hizo en Francia, así como en Estados Unidos y el Reino Unido. En las ciencias biológicas y de la salud, la mayoría de los doctorados extranjeros se obtuvieron en Estados Unidos (53,8%), Alemania (15,4%) y España (7,7%). En las ciencias exactas y naturales, vuelve a destacar Estados Unidos (22,6%), seguido de España (8,3%), Francia (4,8%) y Alemania (3,6%). Por último, en el ámbito de ingeniería y las ciencias agrarias, la mayoría de los doctorados extranjeros proceden también de Estados Unidos (21,1%), Francia (10,5%), Alemania, Australia, España y Bélgica (alrededor del 5% en cada uno de estos países).

Conclusiones

Si bien la hipercentralidad del inglés ha sido considerada una característica central del sistema académico mundial y una tendencia creciente en el circuito académico latinoamericano, impulsada por las políticas científicas estatales y por las creencias de los investigadores, no se ha intentado hasta ahora observar hasta qué punto la

publicación en inglés es efectivamente un requisito para desarrollar una carrera académica en la región. Intentamos arrojar nueva luz sobre esta cuestión explorando los resultados de una encuesta que compara el uso de lenguas extranjeras en las publicaciones y las experiencias de adquisición de competencia lingüística en inglés de investigadores radicados en Argentina, Brasil y Chile. Los resultados muestran una realidad más compleja que la adelantada por la idea de la hipercentralidad del inglés. La bibliodiversidad y el multilingüismo parecen ser más la norma que la excepción entre estos investigadores. Se identificó entre ellos un flujo constante de publicaciones en la lengua nacional, así como el uso de otras lenguas. Dado que estos resultados varían según el campo disciplinario, también fue relevante observar la diversidad relacionada con la formación de doctores en el extranjero.

La encuesta mostró que la publicación en inglés no está directamente vinculada a los estudios de doctorado en el extranjero como lo estaba hace décadas. Reveló que está ligada sobre todo a la capacidad de dominar un idioma con la ayuda de colegas nativos, redes de investigación y diversas fuentes de traducción. Todo ello depende no sólo del capital académico sino sobre todo del capital social adquirido durante la formación doctoral junto con la participación en determinados equipos de investigación internacionalizados. La encuesta puso en evidencia la relevancia del contexto institucional donde se forjan las competencias lingüísticas necesarias para escribir y publicar un artículo académico en inglés. Estas habilidades difieren según la disciplina e implican un conocimiento experto de la estructura formal de los artículos científicos, junto con los usos y costumbres en materia de citación. Así, la transformación de las habilidades lingüísticas aprendidas en la infancia hacia el capital académico implica la familiaridad con los contextos, la literatura disponible y otros conocimientos prácticos. Los resultados de este estudio muestran la importancia de la formación personalizada impartida por hablantes nativos de inglés y/o la ayuda de colegas académicos con gran experiencia en la escritura en inglés.

Las diferencias más importantes se expresan al desagregar los datos por disciplina y en relación con la autopercepción de las habilidades. Al menos tres cuartas partes de los investigadores brasileños declaran tener una competencia avanzada en las cuatro habilidades lingüísticas examinadas en la encuesta. En todos los ítems presentan los valores más altos. Los argentinos y chilenos, en cambio, sólo en comprensión lectora perciben una competencia avanzada. Para las otras tres, los promedios son significativamente menores, 51% para el caso argentino y 43% para el chileno. Una mejor autopercepción de la competencia en inglés no está necesariamente asociada a un inicio más temprano de la formación. Al comparar los tres países se verifica que Argentina presenta los niveles más altos de inicio temprano del aprendizaje del inglés, pero esto no se traduce en una mayor autopercepción de competencia que

en el caso brasileño, donde hay casi una cuarta parte de los casos que declara haber iniciado su aprendizaje en la escuela de posgrado o incluso después.

Aunque la encuesta se dirigía a las élites académicas internacionalizadas de los tres países, que se suponen más internacionalizadas y mejor integradas en el sistema académico mundial dominado por el inglés, sorprendentemente, los resultados muestran una importante bibliodiversidad y multilingüismo en las prácticas editoriales. El informe brasileño muestra una fuerte representación de un perfil globalizado bien definido, el del investigador que se percibe con un nivel avanzado de inglés, que ha publicado tres cuartas partes, o más, de sus publicaciones en ese idioma, más de cinco artículos fuera de Brasil en los últimos cinco años, y que escribe de forma autónoma en inglés. Existe, sin embargo, un grupo de investigadores que “sobrevive” en los programas altamente competitivos encuestados mientras publica en su lengua nacional, el portugués. Una minoría más pequeña, por otra parte, tiende a publicar también en español, francés y alemán. Los informes de Chile y Argentina corroboran este panorama general. Además, Beigel y Bringel (2022) comprobaron la distancia entre las autopercepciones y las prácticas editoriales a través de un análisis de los currículos completos de los investigadores de las poblaciones objetivo de esta encuesta.

América Latina está a la vanguardia del movimiento de acceso abierto no comercial. En consecuencia, sólo unas pocas de sus revistas están indexadas en WoS o Scopus, mientras que la mayoría de las más de 7.000 revistas existentes están indexadas en sistemas regionales como *Redalyc*, *SciELO* y *Latindex Catálogo*. Otros miles de revistas siguen sin estar indexadas en ningún repositorio, pero se publican regularmente, sostenidas por el trabajo de profesores a tiempo completo, al amparo de las universidades públicas. Esto es posible porque, al menos en algunas disciplinas, en ciertas instituciones se acepta la publicación en lenguas nativas y en revistas locales en los procedimientos de evaluación. Por eso se observan élites académicas bicéfalas, unas orientadas principalmente a los estándares globales de publicación y a la colaboración internacional, otras orientadas básicamente a la circulación local. En medio de estos grupos polarizados, pueden encontrarse agendas de investigación multiescalares y multilingües.

Referencias

- AGUADO-LÓPEZ, Eduardo; BECERRIL-GARCÍA, Arianna & GODÍNEZ-LARIOS, Sheila. (2018), “Asociarse o perecer: la colaboración funcional en las ciencias sociales latinoamericanas”. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, 161: 3-22. DOI: <https://doi.org/10.54777/cis/reis.161.3>.

- BADILLO, A. (2021), *El portugués y el español en la ciencia: apuntes para un conocimiento diverso y accesible*. Madri, OEI/Real Instituto Elcano.
- BEIGEL, Fernanda. (2017), “Científicos periféricos, entre Ariel y Calibán. Saberes institucionales y circuitos de consagración en Argentina. Las publicaciones de los Investigadores del Conicet” (publicado en español y en inglés). *Dados: Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, 60 (3): 825-865.
- BEIGEL, Fernanda. (2019), “Indicadores de circulación: Una perspectiva multi-escalar para medir la producción científico-tecnológica latinoamericana”. *Ciencia, Tecnología y Política*, 2 (3), 028. <https://doi.org/10.24215/26183188e028>.
- BEIGEL, F; GALLARDO, O. & BEKERMANN, F. (2018), “Institutional expansion and scientific development in the periphery: The structural heterogeneity of Argentina’s academic field”. *Minerva*, 1-27. <https://doi.org/https://doi.org/10.1007/s11024-017-9340-2>.
- BEIGEL, F. & BRINGEL, B. (2022), forthcoming.
- BOURDIEU, Pierre. (1979), “Les trois états du capital culturel”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 30: 3-6.
- BOURDIEU, P. (2003), *El oficio del científico*. Barcelona, Anagrama.
- CHARDENET, P. (2012), “Langues et savoirs: perceptions et réalités du capital linguistique dans la circulation des connaissances”. *Coloquio Circulación Internacional del Conocimiento*. México, Cinvestav-IIESU.
- CURRY, M. J. & LILLIS, T. (2022), “Multilingualism in academic writing for publication: Putting English in its place”. *Language Teaching*: 1-14 DOI:10.1017/S0261444822000040.
- DE SWAAN, Abram. (2002), *The world language system. A political sociology and political economy of language*. Cambridge, Polity Press.
- GANTMAN, Ernesto. (2011), “La productividad científica argentina en ciencias sociales: economía, psicología, sociología y ciencia política en el Conicet (2004-2008)”. *Revista Española de Documentación Científica*, 34 (3): 408-425.
- GÉRARD, Étienne & WAGNER, Anne-Catherine. (20 mai 2015), “Introduction: Élités au Nord, élités au Sud : des savoirs en concurrence?”. *Cahiers de la Recherche sur l'Éducation et les Savoirs* [En ligne], 14 . Disponible em: <http://journals.openedition.org/cres/2722>, consultado em 19/01/2022.
- GERHARDS, Jürgen. (2014), “Transnational linguistic capital: Explaining English proficiency in 27 European countries”. *International Sociology*, 29 (1): 56-74. DOI: 10.1177/0268580913519461.
- GINGRAS, Yves. (2002), “Les formes spécifiques de l'internationalité du champ scientifique”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 141-142: 31-45.
- KRASHEN, S. D. (2009), *Principles and practice in second language acquisition*. Retrieved from <http://www.sdkrashen.com/>.
- KREIMER, P. & VESSURI, H. (2018), “Les sciences en Amérique latine. Tensions du passé et défis

- du présent”. In: KLEICHE-DRAY, Mina (dir.). *Les ancrages nationaux de la science mondiale XVIII^e-XXI^e siècles*. Paris, Éditions des Archives Contemporaines – IRD Éditions, pp. 99-131.
- LILLIS, Theresa & CURRY, Mary Jane. (2010), *Academic writing in a global context: The politics and practices of publishing in English*. Londres, Routledge.
- ORTIZ, Renato. (2009), *La supremacía del inglés en las ciencias sociales*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno.
- PIOVANI, Juan Ignacio. (2020), “Styles of academic production in the Argentine social sciences: heterogeneity and heterodoxy”. *Serendipities. Journal for the Sociology and the History of the Social Sciences*, 4 (1-2): 27-48.
- VASEN, F., & LUJANO VILCHIS, I. (2017), “National systems of classification of academic journals in Latin America: Recent trends and implications for academic evaluation in the social sciences”. *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales*, 62 (231): 199-228.
- VESSURI, H.; GUÉDON, J.-C. & CETTO, A. M. (2014), “Excellence or quality? Impact of the current competition regime on science and scientific publishing in Latin America and its implications for development”. *Current Sociology*, 62 (5): 647-665.

Resumen

Capital lingüístico y circulación internacional: un estudio comparativo entre Argentina, Brasil y Chile

Si bien la hipercentralidad del inglés ha sido considerada un rasgo central del sistema académico mundial y una tendencia creciente en el circuito académico latinoamericano, impulsada por las políticas científicas estatales y por las creencias de los investigadores, no se ha intentado hasta ahora observar hasta qué punto la publicación en inglés es efectivamente un requisito para desarrollar una carrera académica en la región. Intentamos aportar a la comprensión sobre esta cuestión explorando los resultados de una encuesta que compara el uso de lenguas extranjeras en las publicaciones y las experiencias de adquisición de competencia lingüística en inglés de investigadores radicados en Argentina, Brasil y Chile. Los resultados muestran una realidad más compleja que la adelantada por la evidencia de la hipercentralidad del inglés. La bibliodiversidad y el multilingüismo parecen ser más la norma que la excepción entre estos investigadores. Se identificó entre ellos un flujo constante de publicaciones en la lengua nacional, así como el uso de otras lenguas. Dado que estos resultados varían según el campo disciplinario y en relación con la formación de doctores en el extranjero, el artículo propone una visión más matizada de la dinámica de las prácticas de publicación en el Cono Sur.

Palabras clave: Hipercentralidad del inglés; Capital lingüístico; Multilingüismo.

Abstract

Linguistic capital and international circulation: a comparative study between Argentina, Brazil and Chile

While the hyper centrality of English has been considered a central feature of the world academic system and an increasing tendency in the Latin American academic circuit, one that has been pushed by state scientific policies and by the beliefs of researchers, no attempt has been made so far to observe to which extent publication in English is indeed a requirement for developing an academic career in the region. We attempt to shed new light in this issue by exploring the results of a survey that compares the use of foreign languages in publications and the experiences of acquiring linguistic competence in English for researchers based in Argentina, Brazil and Chile. The results show a more complex reality than that advanced by the evidence of hyper centrality of English. Bibliodiversity and multilingualism seems to be more the norm than the exception among these researchers. A steady stream of publication in the national language was identified among them, as well as the use of other languages. As these results vary by disciplinary field and related to PhD formation abroad, the article proposes a more nuanced view of the processes and dynamics of publication practices in the Southern Cone.

Keywords: Hyper centrality of English; Linguistic capital; Multilingualism.

Resumo

Capital linguístico e circulação internacional: um estudo comparativo entre Argentina, Brasil e Chile

Embora a hipercentralidade do inglês tenha sido considerada característica central do sistema acadêmico mundial e tendência crescente no circuito acadêmico latino-americano, impulsionada pelas políticas científicas estatais e pelas crenças dos pesquisadores, até agora não se tentou observar até que ponto a publicação em inglês é efetivamente requisito para desenvolver uma carreira acadêmica na região. Intentamos contribuir para a compreensão dessa questão explorando os resultados de uma pesquisa que compara o uso de línguas estrangeiras em publicações e as experiências de aquisição de competência linguística em inglês de pesquisadores radicados na Argentina, Brasil e Chile. Os resultados mostram uma realidade mais complexa do que a avançada pela evidência da hipercentralidade do inglês. A bibliodiversidade e o multilinguismo parecem ser mais a norma do que a exceção entre esses pesquisadores. Identificou-se entre eles um fluxo constante de publicações na língua nacional, bem como o uso de outros idiomas. Dado que esses resultados variam segundo o campo disciplinar e em relação com a formação de doutores no exterior, o artigo propõe uma visão mais matizada da dinâmica das práticas editoriais no Cone Sul. Palavras-chave: Hipercentralidade do inglês; Capital linguístico; Multilinguismo.

Texto recebido em 22/01/2022 e aprovado em 16/09/2022.

DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2022.194320

FERNANDA BEIGEL é socióloga, doutora em Ciências Políticas e Sociais pela Universidad Nacional de Cuyo (Mendoza, Argentina). Realizou estudos de pós-doutorado no Centre de Sociologie Européenne (EHESS, Paris). Pesquisadora principal do Conicet e professora titular da Universidad Nacional de Cuyo, onde dirige o Centro de Estudios de la Circulación del Conocimiento (Cecic), <https://cecic.fcp.uncuyo.edu.ar/acerca-de/>. E-mail: fernandabeigel@gmail.com.

ANA MARIA ALMEIDA é professora titular da Faculdade de Educação da Unicamp. Suas pesquisas examinam a contribuição da escola para a produção e reprodução das desigualdades e os efeitos da circulação internacional de teorias, modos de análise e retóricas de validação sobre a produção e difusão de dispositivos de governo na área educacional. Coordena o Grupo de pesquisa sobre Educação, Instituições, Desigualdades (Focus). É editora associada de *Educação & Sociedade*. É co-coordenadora da Comissão Gênero e Sexualidade da Unicamp e co-chair do Gender Working Group do Global Research Council. E-mail: aalmeida@unicamp.br.

JUAN IGNACIO PIOVANI é professor titular da Facultad de Humanidades de la Universidad Nacional de La Plata (Argentina) e pesquisador principal do Conicet e Mecila. Dedicar-se a temas relacionados com a história dos métodos e técnicas de pesquisa, com o campo das ciências sociais na Argentina, com o mercado de trabalho e as desigualdades sociais. É autor de vários livros e numerosos artigos publicados em revistas europeias e latino-americanas. E-mail: juan.piovani@presi.unlp.edu.ar.



Linguistic capital and international circulation: A comparative study between Argentina, Brazil and Chile¹

Fernanda Beigel*

<http://orcid.org/0000-0002-7996-9660>

Ana Maria Almeida**

<https://orcid.org/0000-0002-4504-0423>

Juan Ignacio Piovani***

<https://orcid.org/0000-0002-8774-3258>

Introduction

For a long time, researchers in different latitudes have lived (or cursed) the parable “publish or perish”, but most of them eventually believe that publishing in mainstream journals is the golden door to enter “world science”. After the globalization of the criteria established by the Institute of Scientific Information (ISI) created in 1959 was fulfilled, publishing in English became the most efficient means to acquire “universal” scientific prestige. The American journals were the legitimate model of this new style of production and dominant language that conquered almost all disciplines. Several studies (Gingras, 2002; Ortiz, 2009) have observed that the indexing database created by Garfield was for forty years the only source for international reports and comparative studies and, consequently also for the “universalization” of indicators for the assessment of individual careers and institutions. There is no doubt that the hyper centrality of English prevailed in this process as the most valuable transactional linguistic capital (Gerhards, 2014). De Swaan (2002) argues that this

* Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, Argentina.

** Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil.

*** Universidad Nacional de La Plata, Buenos Aires, Argentina.

1. The authors wish to thank the support of Programa Neies Mercosur (SPU-Capes) Proyecto 3/2015; Pict 2017-2647 (Agencia I+D+I, Argentina), and Paris Dauphine-PSL University Chair-Fondation L'Oréal, La Poste, Generali France, Safran and Talan.

dominance is also part of the logic of a global linguistic system that is sustained in relations of power and exchange, which do not evolve independently of the political and cultural economic dynamics.

In the case of Latin America, this seems to be corroborated in various ways in the long term: the imposition of one language over others was a form of symbolic violence that began during the conquest in 1492 and continued during colonization, as a result of physical violence exercised against the original communities of this subcontinent. Two dominant languages, Spanish and Portuguese, were established as officially legitimate while the extermination of much of the native population occurred, subjugating hundreds of indigenous languages such as Nahuatl, Quechua, Aymara, Guarani, Mapudungun and others. Nowadays, survivors of these communities continue to speak those languages and native traditions have resisted.

In the realm of the production and circulation of scientific knowledge it seems like these two official languages have been put down by English, at least within biologists, health and medicine researchers, engineers, physicists, astronomers, and others. Recent reports affirm that English is used in more than 90% of the documents published in academic journals (Badillo, 2021). What is not clearly said is that this observation is limited to the mainstream databases that include mainly the production of the traditional high-ranked universities. This focus obscures the considerable scholarly activity that continues to take place around the world in multiple languages, signaling the value these languages have for academic writers as well as readers. The global reality of multilingualism across domains, not least the academic, calls into question the naturalization of English as the privileged language of publication (Curry and Lillis, 2022). From the perspective of the periphery, other realities can be observed, along with a dynamical regional circuit with more than 6.000 scientific journals edited in Spanish and Portuguese, published in diamond access (Beigel, 2019).

The features of the integration of these semi-peripheral scientific elites to global standards have been examined in historical, sociological and bibliometric studies (Vessuri, Guédon and Cetto, 2014; Vessuri and Kreimer, 2018 Aguado-López *et al.*, 2018; Alperin and Rosemblum, 2017 Vasen and Lujano, 2017, Piovani, 2020). However, so far it has not yet been studied how they mastered English as a foreign language, weighing the causal effect of social origin and the role played by academic training. The survey examined in this paper (Ecapin, 2018) gathers the results of a tri-national study carried out in Argentina, Brazil and Chile by a team composed of senior researchers from the three countries. After determining the universe of study for each national field, its structural conditions and comparative axis, the survey was applied to three populations of scholars. The results of this survey are analyzed in different articles presented in this journal, while this paper focuses particularly

on the means for the construction of linguistic abilities for academic publishing in English. In the first part, we discuss the available literature on building linguistic transnational capital. Secondly, we delve on the description of the three populations surveyed and the weight of doctoral studies abroad in their trajectories. Finally, we point out the main aspects of the cross-national comparison that explain similarities and differences in the modes of circulation of knowledge in the Southern Cone.

Academic writing in English, in the crossroads between social origin and social capital

Linguistic capital, as a kind of cultural capital, is made up of both the competence itself and the process of acquisition or incorporation, that constitutes a mark of origin that will later determine its use in the cultural field (Bourdieu, 2003). Early language learning and scholar capital, however, do not naturally lead to publishing in mainstream circuits. Linguistic exchanges in the academic world are asymmetrical because languages are valued differently and scholars do not have the same access to the skills associated with scientific writing in English (Chardenet, 2012; Lillis and Curry, 2010; Gerhards, 2014). As Gérard and Wagner (2015) argue, the knowledge of an academic elite is never a result of exclusively scholar practices, but always involves some kind of *savoir-faire* (know-how) and *savoir-être* (know-how to be). Such knowledge is cultivated at the institutions where elites get their education and in order to be effective, they must always be bound to certain types of social and political resources.

To understand the working and the reproduction of this institutional know-how, it is useful to recall Bourdieu's distinction between the "three states" of cultural capital: embodied, objectified and institutionalized. The first state, embodied, is tied to an individual through his or her family and education; the second, is related to the material products and outlooks developed at the academic institutions. Institutionalized cultural capital consists of academic credentials whose symbolic value exceeds the capacities and outlooks acquired by the individual because are capable of making others believe and of consolidating prestige regardless of the current status of the bearer (Bourdieu, 1979). The institutional know-how is an interactional competence that increases academic success and differs from the abilities of the non-chosen. The elite constructs itself but seeks approval from above and also from below, because the groups whom the elites intend to dominate must also accept the principle of their superiority. Between the structural properties of the scientific field and the properties that the agents embody, there is a set of different symbolic capitals responsible for this power of making others believe, establishing worth, acknowledging and distinguishing.

However, within structurally heterogeneous academic fields as the peripheral ones observed in this study, the magical transition into a transnational writing habitus requires more than scholar capital or an academic title abroad. As Beigel (2017) observed, the differential for defining circuits of recognition lies in dispositions and skills that are acquired through research experience at certain institutions or groups and not in others. These *savoir-être* and *savoir-faire* are incorporated in academic training, assistant teaching, participating in competitions for fellowships, learning in laboratories with senior researchers, acquiring the know-how passed on by successful researchers, becoming familiar with the publication styles at the institute in which their work is done, collaborating in collective publishing and research networks. This institutional capital is much more than an institutionalized form of academic capital involved in a degree: it is social capital and embodied knowledge that operates when seeking an entry-level post as a researcher or when writing a paper. These skills and *savoir-dire* (know-how to say) are relevant when building the academic *métier* in tenure competitions or when drafting an application or a project proposal for a research grant.

Many studies traditionally assigned a strong incidence of doctoral training abroad as a determination of the forms of circulation and styles of publication (Gantman, 2011; several others). Indeed, that was the case for the average researchers two or three decades ago. Recent studies show that 92% of the Conicet researchers (Argentina), one of the populations of this study, have doctorate degrees obtained in their own country and, however, they are highly internationalized with considerable levels of publication in English (Beigel, Gallardo and Bekerman, 2018). Contrary to the common-sense idea that “younger is better”, adults can advance faster in the acquisition of a second language as long as that learning takes place in an appropriate context (Krashen, 2009).

The survey, the target population and the cross-national comparison of the incidence of doctoral formation abroad

The Ecapin survey aimed to compare the use of foreign languages in publications and the experiences of acquiring linguistic competence in English for Argentine, Brazilian and Chilean researchers, based on a self-administered questionnaire. To make this comparison possible, taking into account the classic problem of equivalence of contexts, it was decided to work with “matched” populations according to the fulfillment of a series of conditions related to the definition of “scientist”. The idea was to study the most qualified members of the scientific system of each country and, therefore, those most prone to internationalization. However, given

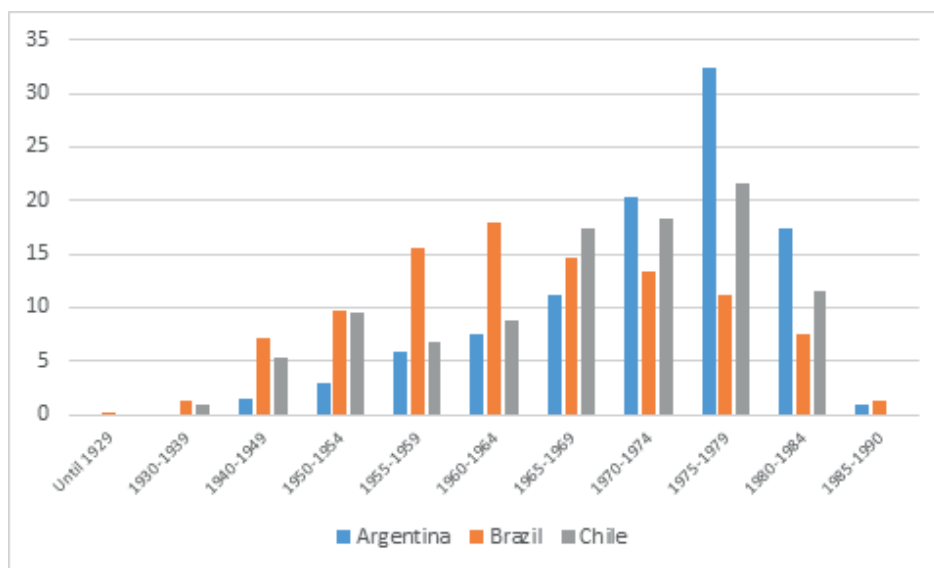
that each country has a different science and technology (SANDT) system; it was not possible to achieve a perfect equivalence. For Argentina, the target population were the researchers from the National Scientific and Technical Research Council (Conicet), whereas in Brazil the study focused on the researchers ascribed to doctoral programs of excellence (level 7, according to Capes' qualification), and in the Chilean case, on those involved in research projects financed by Fondecyt in the period from 2000 to 2014.

The data collection was performed during 2017-2018 by email using self-administered questionnaires. In Argentina and Brazil all members of the target population were invited to participate in the study, while in Chile a systematic probability sampling procedure was adopted. However, taking into account the low response rates (as expected in this type of survey), the final result was that of self-selected samples. In relation to the questionnaire, its structure was made up of several modules common to the three countries: a) basic sociodemographic and academic data; b) academic background and current institutional insertion; c) language skills (reading comprehension, oral comprehension, oral expression and writing) and the use of foreign languages; and d) the experience of the acquisition of writing competence in English. The questionnaires used were very similar in the three countries. However, it was necessary to make some adjustments to account for local specificities, which led to some differences that ended up affecting some expected indicators of comparison.

The combined database (which includes the samples of the three countries) is made up of 3,195 records, of which 2,390 correspond to Argentina, 597 to Brazil, and 208 to Chile. The Argentine sample includes 54.9% women, compared to 39.9% in Brazil and 33.2% in Chile. The Argentine sample is not only the larger but also the youngest: the eldest respondent is a researcher born in 1940, while in Brazil there is the case of a researcher born in 1928 and in Chile one born in 1936. Furthermore, the average year of birth is 1972 for Argentinians, 1967 for Chileans, and 1964 for Brazilians. In Brazil and Argentina, the youngest were born in 1987, while in Chile they were born in 1984. As can be seen in Figure 1, 71.1% of Argentinians were born from 1970 onwards, compared to 51.4% of Chileans and 33.5% of Brazilians in the same situation. In the Figure it can also be observed that in the distribution corresponding to Brazil the mode is the interval 1960-1964 (17.9% of the total), while in Argentina and Chile the mode is the interval 1975-1979, although in the first case this includes 32.4% of the researchers and in the second 21.6%

The Argentine sample is also the one with the highest proportion of researchers born in the country (97%), a figure that drops to 88.8% in Brazil and 80.8% in Chile. The few Argentinian researchers born abroad are mainly Europeans (especially Span-

FIGURE 1
Year of birth of the researchers, by country (%)



Source: Ecapin Survey.

iards or Italians), Latin Americans (particularly Uruguayans and, to a lesser extent, Brazilians or Colombians) and Americans. In the Brazilian sample, researchers of European origin stand out (4.5%), but also Argentinians (2.7%) and to a lesser extent Americans (1%). For its part, the Chilean sample, which is the one with the highest proportion of foreign-born researchers, has 6.7% Europeans (born mainly in Germany, France, Russia and Spain), and 4.3% Argentinians. From the point of view of the mobility of researchers between the three countries under study, Brazil and Chile have a net negative balance with Argentina, in the sense that there is a significant presence of Argentinian researchers in them, while in Argentina the presence of Chilean and Brazilian researchers is rather marginal. Nor is the presence of Brazilian researchers in Chile and Chileans in Brazil quantitatively significant. Another interesting aspect to note is that, beyond the fact that some of the researchers born abroad are not migrants in the strict sense (for example, in the case of children of diplomats in service or political exiles who had nationality - or the right to nationality - of the country in which they currently work), the proportion of foreign-born in the Argentinian sample (3%) is lower than the proportion of migrants in the total population of the country (4.8%), while in Brazil and Chile it is much higher (11.2% versus 0.3%, in the Brazilian case, and 19.2% versus 2.6%, in the Chilean case)².

2. The data on the percentage of immigrants in each country are taken from the World Bank and correspond to the year 2015: <https://datos.bancomundial.org/indicador/sm.pop.totl.zs>.

As for the variables that could be associated with the use of foreign languages, a relevant issue to be acknowledged – beyond the fact of being born and raised in a place where another language is spoken –, is the country where the doctorate was carried out. Argentina seems to have the most endogenous dynamics, since 83.7% of the surveyed researchers completed their doctorate in their own country. Note that this proportion of researchers with national doctorates is even lower than the percentage registered in the total target population (92%), as mentioned above. And this figure is even increasing in the younger generations given that the doctoral scholarship granted by Conicet only admits the completion of a doctorate in an Argentinian university. In Brazil, despite having a strong tradition of postgraduate studies, with institutionalized and consolidated programs earlier than in Argentina, the percentage of researchers with a national doctorate falls to 69.3%. In the case of this country, the two main public entities that grant doctoral scholarships, CNPq and Capes, support national doctorates, but they also have an extended system of international scholarships, either for the completion of the full doctorate (four or five years) or to carry out short-term research stays abroad, as is the case of the so-called sandwich scholarships.

In the case of the sample from Chile, which has the highest proportion of researchers with postgraduate studies abroad, it should be taken into account that although Conicyt has a scholarship program for national doctorates, the *Becas Chile* scheme, unlike the Conicet scholarships in Argentina, require a doctorate abroad and, preferably, in high-ranked universities. Indeed, these scholarships are awarded according with the OECD ranking of universities by subject area. Likewise, and although it is not binding for the granting of scholarships, agreements have been implemented with universities in several developed countries, especially the United Kingdom, Canada, Australia and the United States.

Among the Argentine researchers who received their doctorates abroad, the main destinations where the United States (3.6%), Spain (3.6%), France (1.3%) and Brazil (1.3%). In the case of Brazil, stand out the percentages of those who did their doctorates in the United States (8.5%), the United Kingdom (7.9%), France (5.5%) and Germany (2.5%). Among those from Chile, the United States (21.2%), Spain (13.5%), France (8.7%), the United Kingdom (6.7%) and Germany (4.3%) were the most popular destinations for PhD studies. If the sum of all those who did doctorates in English-speaking countries is considered, it is observed that in Argentina this figure rises to 5.3%; in Brazil to 17.4% and in Chile to 31.2%.

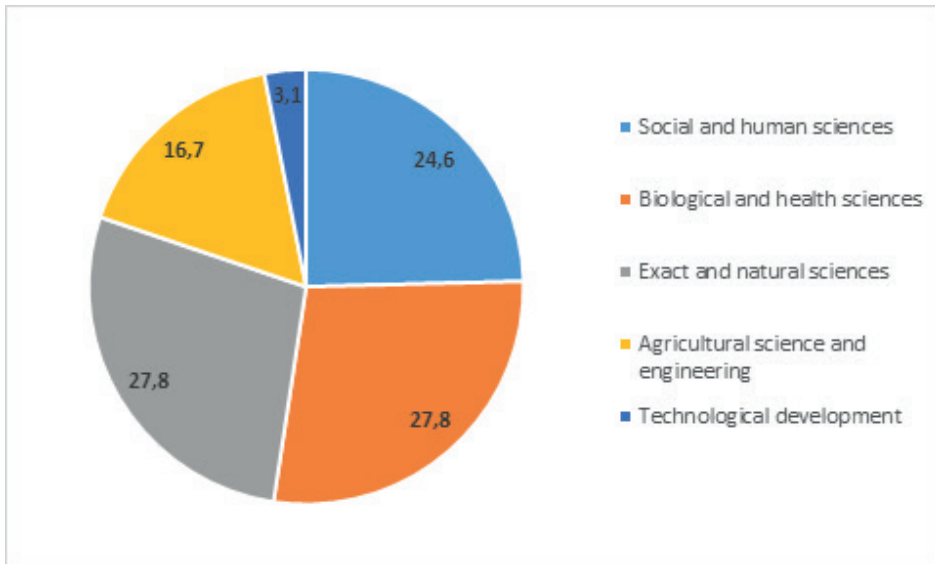
So far, we have analyzed the percentages of those who completed their doctorate in their own country of work or in another, and this was traditionally considered relevant in relation to knowledge of foreign languages. Instead, the presence of

foreign-born researchers in each country cannot be taken linearly as an indicator of academic internationalization, especially if it is assumed that many of them arrived at their current place of residence and work after completing their studies. Accordingly, it is important to analyze the percentages of completion of the doctorate abroad exclusively of those born, respectively, in Argentina, Brazil and Chile. Among those born in Argentina, 83.8% received a doctorate in their country, while 3.6% did so in the United States, 3.4% in Spain, 1.9% in France and 1.6% in Brazil. Among those born in Brazil, 72.2% received their doctorates from a local university, while 8.4% did so from an American one, 7.1% from a British one, 5% from a French one and a 2.6% from a German one. Chile has the highest proportion of locally-born researchers with foreign doctorates, with 20.6% in the United States, 13.5% in Spain, 8.2% in France, 6.5% in the United Kingdom, 1.8% in Brazil and 1.2% in Argentina. Although they are not among the most important doctoral destinations, Brazil, and to a lesser extent Argentina, have been poles of attraction for the completion of the doctorate among researchers from the Southern Cone: 1.6% of those born in Argentina and 1, 8% of those born in Chile completed their doctorate in Brazil, while 0.4% of researchers born in Brazil and 1.8% of those born in Chile did so in Argentina. On the other hand, there are no cases of Brazilian-born researchers who obtained their doctorate in Chile, and only 0.3% of those born in Argentina did it there.

The percentages relative to the place of completion of the doctorate, as will be seen later, vary according to the scientific discipline of the researchers. The data about this last point, on the other hand, are visualized in Figure 2. The social and human sciences, the biological and health sciences, and the exact and natural ones comprise, each one, approximately a quarter of the sample. Agricultural science and engineering account for about 17% of the total, while the researchers who specialize in technological development barely represent 3%.

In the Argentinian sample, although the three main areas have a relatively even distribution, biological and health sciences stand out slightly. It is worth noting that these disciplines traditionally had a preponderant place in Conicet and were central to its international prestige. This country, moreover, is the only one in which the area of technology is “officially” registered, and its low relative weight is due, at least in part, to the fact that it began to acquire relevance and institutional recognition in recent times. In the Brazilian and Chilean samples, the area of exact and natural sciences stands out, with 34.3% and 40.4% of researchers, respectively. In second place, the area of biological and health sciences appears in Brazil (29.1%) and in Chile that of social and human sciences (35.1%). Engineering and agricultural sciences have fairly equivalent percentages of researchers in the three countries, ranging approximately between 16.5 and 18.5%.

FIGURE 2
Researchers by discipline (%)



Source: Ecapin Survey.

When considering the relationship between the scientific discipline and the place of completion of the doctorate, it is observed that in the Argentine case the proportion of local doctorates varies between 73.9% for social sciences and 88.5% for the biological and health sciences, with values that also exceed 85% in the three remaining areas. The lower proportion of local doctorates among researchers in the social and human sciences is possibly related to the tardy institutionalization of these programs in Argentine universities. Researchers in these disciplines who completed their doctorates abroad did so mainly in Spain (5.4%), France (5.3%), the United States (3.7%), Italy (2.5%), Brazil (2.2%) and the United Kingdom (2.2%). Among those in the biological and health sciences, Spain (3.1%) and the United States (3%) stand out; while in the exact and natural sciences the most frequent foreign destinations were the United States (4.2%), Spain (2%) and Germany (1.5%). Finally, among the researchers in engineering and agricultural sciences, the United States (4.2%) and Spain (4%) stand out; and in the case of Technological Development Spain (4%), France (2%) and Germany (2%).

In the Brazilian sample, the percentage of researchers with national doctorates is 63.9% in the exact and natural sciences, 66.3% in engineering and agricultural sciences, 68.3% in the social and human sciences, and 78.2% in biological and health sciences. As for this latter area, the United Kingdom (6.3%), the United States (4.6%) and France (2.3%) were the most frequent destinations for PhD studies. Among the researchers in social and human sciences, French (10.6%), American

(9.8%) and British (7.3%) doctorates stand out. In the case of the exact and natural sciences, the relative weight of doctorates in the United States (11.7%) and the United Kingdom (8.3%) remain high, but that of the French (3.9%) fall markedly. Brazilian researchers in engineering and agricultural sciences who received their doctorates abroad did so mainly in the United Kingdom (10.5%), France (8.4%), the United States (7.4%) and Germany (4.2%).

In the Chilean sample there are 24.7% of researchers in the social and human sciences who received a PhD in Spain, while nearly 14% did so in France, as well as in the United States and the United Kingdom. In the biological and health sciences, the majority of foreign doctorates were obtained in the United States (53.8%), Germany (15.4%) and Spain (7.7%). In the exact and natural sciences, the United States stands out again (22.6%), followed by Spain (8.3%), France (4.8%) and Germany (3.6%). Finally, in the area of engineering and agricultural sciences, the majority of foreign doctorates also come from the United States (21.1%), France (10.5%), Germany, Australia, Spain and Belgium (around 5% in each of these countries).

Conclusions

While the hyper centrality of English has been considered a central feature of the world academic system and an increasing tendency in the Latin American academic circuit, one that has been pushed by state scientific policies and by the beliefs of researchers, no attempt has been made so far to observe to which extent publication in English is indeed a requirement for developing an academic career in the region. We attempt to shed new light in this issue by exploring the results of a survey that compares the use of foreign languages in publications and the experiences of acquiring linguistic competence in English for researchers based in Argentina, Brazil and Chile. The results show a more complex reality than that advanced by the idea of the hyper centrality of English. Bibliodiversity and multilingualism seems to be more the norm than the exception among these researchers. A steady stream of publication in the national language was identified among them, as well as the use of other languages. As these results vary by disciplinary field it was also relevant to observe diversity related to PhD formation abroad.

The survey showed that publishing in English is not directly linked to doctoral studies abroad as it was decades ago. It revealed that it is mostly attached to the ability to master a language through the help of native-speaking colleagues, research networks and diverse sources for translation. All of which depends not only on academic capital but most of all on the social capital acquired during doctoral formation along with the participation in certain internationalized research teams. The survey

revealed the relevance of the institutional context where the linguistic competences required for writing and publishing an academic article in English are forged. These abilities differ according with the discipline and involve an expert knowledge of the formal structure of the scientific papers, along with the uses and habits in terms of citation. Thus, the transformation of language skills learned in childhood towards academic capital implies familiarity with contexts, available literature and other practical knowledge. The results of this study provide evidence of the importance of personalized training given by native English speakers and/or the aid of academic colleagues who are highly experienced in writing in English.

The most important differences are expressed by disaggregating the data by discipline and in relation to the self-perception of the skills. At least three quarters of Brazilian researchers declared that they have an advanced competence in the four language skills examined in the survey. In all the items they present the highest values. Argentineans and Chileans, on the other hand, only in reading comprehension perceive an advanced competence. For the other three, the averages are significantly lower, 51% for the Argentine case and 43% for the Chilean case. A better self-perception of competence in English is not necessarily associated with an earlier start of training. When comparing the three countries it is verified that Argentina presents the highest levels of early start of English learning but this does not result in a higher self-perception of competence than in the Brazilian case, where there is almost a quarter of cases who declare having started their apprenticeship in graduate school or even afterwards.

Even if the survey targeted the internationalized academic elites of the three countries, which are supposed to be more internationalized and better integrated into the English-dominated world academic system, surprisingly, the results show significant bibliodiversity and multilingualism in publishing practices. The Brazilian report shows a strong representation of a well-defined globalized profile, that of the researcher who is perceived with an advanced level of English, who has published three quarters, or more, of his/her publications in that language, more than five articles outside Brazil in the last five years, and who writes autonomously in English. There is, however, a group of researchers who “survive” in the highly competitive programs surveyed while publishing in their national language, Portuguese. A smaller minority, on the other hand, also tend to publish in Spanish, French and German. The Chilean and Argentine reports corroborate this general panorama. Furthermore, Beigel and Bringel (2022) proved the distance between self-perceptions and publishing practices through an analysis of the complete curricula of the researchers of the target populations of this survey.

Latin America is at the forefront of the non-commercial Open Access movement. Accordingly, only a few of its journals are indexed in *WOS* or *Scopus*, while

the majority of the more than 7,000 existing journals are indexed in regional systems such as Redalyc, Scielo and Latindex Catalogue. Other thousands of journals remain not indexed in any repositories, but they are published regularly, sustained by the work of full-time professors, under the shelter of public universities. This is possible because at least in some disciplines, in certain institutions, publishing in native languages and local journals are accepted in the assessment procedures. This is why double-headed academic elites can be observed, ones mainly facing global publishing standards and international collaboration, others basically oriented to local circulation. In the midst of these polarized groups, multi-scalar and multi-lingual research agendas can be found.

References

- AGUADO-LÓPEZ, Eduardo; BECERRIL-GARCÍA, Arianna & GODÍNEZ-LARIOS, Sheila. (2018), "Asociarse o perecer: la colaboración funcional en las ciencias sociales latinoamericanas". *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, 161: 3-22. DOI: <https://doi.org/10.5477/cis/reis.161.3>.
- BADILLO, A. (2021), *El portugués y el español en la ciencia: apuntes para un conocimiento diverso y accesible*. Madri, OEI/Real Instituto Elcano.
- BEIGEL, Fernanda. (2017), "Científicos periféricos, entre Ariel y Calibán. Saberes institucionales y circuitos de consagración en Argentina. Las publicaciones de los Investigadores del Conicet" (publicado en español y en inglés). *Dados: Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, 60 (3): 825-865.
- BEIGEL, Fernanda. (2019), "Indicadores de circulación: Una perspectiva multi-escalar para medir la producción científico-tecnológica latinoamericana". *Ciencia, Tecnología y Política*, 2 (3), 028. <https://doi.org/10.24215/26183188e028>.
- BEIGEL, F.; GALLARDO, O. & BEKERMANN, F. (2018), "Institutional expansion and scientific development in the periphery: The structural heterogeneity of Argentina's academic field". *Minerva*, 1-27. <https://doi.org/https://doi.org/10.1007/s11024-017-9340-2>.
- BEIGEL, F. & BRINGEL, B. (2022), forthcoming.
- BOURDIEU, Pierre. (1979), "Les trois états du capital culturel". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 30: 3-6.
- BOURDIEU, P. (2003), *El oficio del científico*. Barcelona, Anagrama.
- CHARDENET, P. (2012), "Langues et savoirs: perceptions et réalités du capital linguistique dans la circulation des connaissances". *Coloquio Circulación Internacional del Conocimiento*. México, Cinvestav-IIESU.
- CURRY, M. J. & LILLIS, T. (2022), "Multilingualism in academic writing for publication: Putting English in its place". *Language Teaching*: 1-14 DOI:10.1017/S0261444822000040.

- DE SWAAN, Abram. (2002), *The world language system. A political sociology and political economy of language*. Cambridge, Polity Press.
- GANTMAN, Ernesto. (2011), “La productividad científica argentina en ciencias sociales: economía, psicología, sociología y ciencia política en el Conicet (2004-2008)”. *Revista Española de Documentación Científica*, 34 (3): 408-425.
- GÉRARD, Étienne & WAGNER, Anne-Catherine. (20 mai 2015), “Introduction: Élités au Nord, élités au Sud: des savoirs en concurrence?”. *Cahiers de la Recherche sur l'Éducation et les Savoirs* [En ligne], 14. Disponible em: <http://journals.openedition.org/cres/2722>, consultado em 19/01/2022.
- GERHARDS, Jürgen. (2014), “Transnational linguistic capital: Explaining English proficiency in 27 European countries”. *International Sociology*, 29 (1): 56-74. DOI: 10.1177/0268580913519461.
- GINGRAS, Yves. (2002), “Les formes spécifiques de l'internationalité du champ scientifique”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 141-142: 31-45.
- KRASHEN, S. D. (2009), *Principles and practice in second language acquisition*. Retrieved from <http://www.sdkrashen.com/>.
- KREIMER, P. & VESSURI, H. (2018), “Les sciences en Amérique latine. Tensions du passé et défis du présent”. In: KLEICHE-DRAY, Mina (dir.). *Les ancrages nationaux de la science mondiale XVIII^e-XXI^e siècles*. Paris, Éditions des Archives Contemporaines – IRD Éditions, pp. 99-131.
- LILLIS, Theresa & CURRY, Mary Jane. (2010), *Academic writing in a global context: The politics and practices of publishing in English*. Londres, Routledge.
- ORTIZ, Renato. (2009), *La supremacía del inglés en las ciencias sociales*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno.
- PIOVANI, Juan Ignacio. (2020), “Styles of academic production in the Argentine social sciences: heterogeneity and heterodoxy”. *Serendipities. Journal for the Sociology and the History of the Social Sciences*, 4 (1-2): 27-48.
- VASEN, F., & LUJANO VILCHIS, I. (2017), “National systems of classification of academic journals in Latin America: Recent trends and implications for academic evaluation in the social sciences”. *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales*, 62 (231): 199-228.
- VESSURI, H.; GUÉDON, J-C. & CETTO, A. M. (2014), “Excellence or quality? Impact of the current competition regime on science and scientific publishing in Latin America and its implications for development”. *Current Sociology*, 62 (5): 647-665.

Abstract

Linguistic capital and international circulation: a comparative study between Argentina, Brazil and Chile

While the hyper centrality of English has been considered a central feature of the world academic system and an increasing tendency in the Latin American academic circuit, one that has been

pushed by state scientific policies and by the beliefs of researchers, no attempt has been made so far to observe to which extent publication in English is indeed a requirement for developing an academic career in the region. We attempt to shed new light in this issue by exploring the results of a survey that compares the use of foreign languages in publications and the experiences of acquiring linguistic competence in English for researchers based in Argentina, Brazil and Chile. The results show a more complex reality than that advanced by the evidence of hyper centrality of English. Bibliodiversity and multilingualism seems to be more the norm than the exception among these researchers. A steady stream of publication in the national language was identified among them, as well as the use of other languages. As these results vary by disciplinary field and related to PhD formation abroad, the article proposes a more nuanced view of the processes and dynamics of publication practices in the Southern Cone.

Keywords: Hyper centrality of English; Linguistic capital; multilingualism.

Resumen

Capital lingüístico y circulación internacional: un estudio comparativo entre Argentina, Brasil y Chile

Si bien la hipercentralidad del inglés ha sido considerada un rasgo central del sistema académico mundial y una tendencia creciente en el circuito académico latinoamericano, impulsada por las políticas científicas estatales y por las creencias de los investigadores, no se ha intentado hasta ahora observar hasta qué punto la publicación en inglés es efectivamente un requisito para desarrollar una carrera académica en la región. Intentamos aportar a la comprensión sobre esta cuestión explorando los resultados de una encuesta que compara el uso de lenguas extranjeras en las publicaciones y las experiencias de adquisición de competencia lingüística en inglés de investigadores radicados en Argentina, Brasil y Chile. Los resultados muestran una realidad más compleja que la adelantada por la evidencia de la hipercentralidad del inglés. La bibliodiversidad y el multilingüismo parecen ser más la norma que la excepción entre estos investigadores. Se identificó entre ellos un flujo constante de publicaciones en la lengua nacional, así como el uso de otras lenguas. Dado que estos resultados varían según el campo disciplinario y en relación con la formación de doctores en el extranjero, el artículo propone una visión más matizada de la dinámica de las prácticas de publicación en el Cono Sur.

Palabras clave: Hipercentralidad del inglés; Capital lingüístico; Multilingüismo.

Resumo

Capital linguístico e circulação internacional: um estudo comparativo entre Argentina, Brasil e Chile.

Embora a hipercentralidade do inglês tenha sido considerada característica central do sistema acadêmico mundial e tendência crescente no circuito acadêmico latino-americano, impulsionada pelas políticas científicas estatais e pelas crenças dos pesquisadores, até agora não se tentou observar até que ponto a publicação em inglês é efetivamente requisito para desenvolver uma carreira acadêmica na região. Intentamos contribuir para a compreensão dessa questão explorando

os resultados de uma pesquisa que compara o uso de línguas estrangeiras em publicações e as experiências de aquisição de competência linguística em inglês de pesquisadores radicados na Argentina, Brasil e Chile. Os resultados mostram uma realidade mais complexa do que a avançada pela evidência da hipercentralidade do inglês. A bibliodiversidade e o multilinguismo parecem ser mais a norma do que a exceção entre esses pesquisadores. Identificou-se entre eles um fluxo constante de publicações na língua nacional, bem como o uso de outros idiomas. Dado que esses resultados variam segundo o campo disciplinar e em relação com a formação de doutores no exterior, o artigo propõe uma visão mais matizada da dinâmica das práticas editoriais no Cone Sul. Palavras-chave: Hipercentralidade do inglês; Capital linguístico; Multilinguismo.

Texto recebido em 22/01/2022 e aprovado em 16/09/2022.

DOI: 10.11606/0103-2070.rs.2022.194320

FERNANDA BEIGEL é socióloga, doutora em Ciências Políticas e Sociais pela Universidad Nacional de Cuyo (Mendoza, Argentina). Realizou estudos de pós-doutorado no Centre de Sociologie Européenne (EHESS, Paris). Pesquisadora principal do Conicet e professora titular da Universidad Nacional de Cuyo, onde dirige o Centro de Estudios de la Circulación del Conocimiento (Cecic), <https://cecic.fcp.uncuyo.edu.ar/acerca-de/>. E-mail: fernandabeigel@gmail.com.

ANA MARIA ALMEIDA é professora titular da Faculdade de Educação da Unicamp. Suas pesquisas examinam a contribuição da escola para a produção e reprodução das desigualdades e os efeitos da circulação internacional de teorias, modos de análise e retóricas de validação sobre a produção e difusão de dispositivos de governo na área educacional. Coordena o Grupo de pesquisa sobre Educação, Instituições, Desigualdades (Focus). É editora associada de *Educação & Sociedade*. É co-coordenadora da Comissão Gênero e Sexualidade da Unicamp e co-chair do Gender Working Group do Global Research Council. E-mail: aalmeida@unicamp.br.

JUAN IGNACIO PIOVANI é professor titular da Facultad de Humanidades de la Universidad Nacional de La Plata (Argentina) e pesquisador principal do Conicet e Mecila. Dedicar-se a temas relacionados com a história dos métodos e técnicas de pesquisa, com o campo das ciências sociais na Argentina, com o mercado de trabalho e as desigualdades sociais. É autor de vários livros e numerosos artigos publicados em revistas europeias e latino-americanas. E-mail: juan.piovani@presi.unlp.edu.ar.



Origen social, competencias lingüísticas y patrones de publicación científica en Argentina, Brasil y Chile¹

Ana Maria Almeida*

<https://orcid.org/0000-0002-4504-0423>

Denis Baranger**

<https://orcid.org/0000-0002-2501-4949>

Juan Ignacio Piovani***

<https://orcid.org/0000-0002-8774-3258>

Introducción

Este artículo se propone comparar sistemáticamente las respuestas brindadas por un conjunto de investigadores vinculados a instituciones científicas y universitarias de Argentina, Brasil y Chile a un cuestionario centrado en sus características sociodemográficas y su trayectoria académica, las condiciones de adquisición de competencia en lengua inglesa y el uso de idiomas extranjeros en sus publicaciones (Encuestas Ecapin, 2018)².

Para hacer posible esta comparación, se decidió trabajar con poblaciones “emparejadas” conformadas por los componentes más integrados al núcleo central del sistema científico (CYT) de cada país. Sin embargo, dado que cada uno de ellos tiene un sistema de CYT diferente, no fue posible lograr una equivalencia perfecta. Así, en el caso argentino se tomó como población el total de los investigadores del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (Conicet). En Brasil se consideró a los investigadores vinculados a la planta de los programas de doctorado

* Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil.

** Universidad Nacional de Misiones, Misiones, Argentina.

*** Universidad Nacional de La Plata, Buenos Aires, Argentina.

1. Los autores expresan su agradecimiento al Programa Neies Mercosur (SPU-Capes), Proyecto n. 3/2015, por el apoyo financiero para la realización de la investigación en la que se basa este artículo.
2. Los autores expresan su agradecimiento al Programa Neies Mercosur (SPU-Capes), Proyecto n. 3/2015, por el apoyo financiero para la realización de la investigación en la que se basa este artículo.

de nivel 7 (máxima calificación de la Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes)³. Y, en el caso chileno, a aquellos que desarrollaron proyectos financiados por el Fondo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico (Fondecyt) – los más competitivos del sistema científico nacional – en el período de 2000 a 2014.

El relevamiento de datos se hizo por correo electrónico mediante cuestionarios autoadministrados. En Argentina y en Brasil fueron invitados a participar todos los integrantes del universo, mientras que en Chile se adoptó un procedimiento de muestreo probabilístico sistemático. Empero, teniendo en cuenta las bajas tasas de respuesta –previsibles en este tipo de relevamientos – el resultado final en los tres países fue el de muestras voluntarias o autoseleccionadas.

En relación con el cuestionario, su estructura está compuesta por varios bloques comunes a los tres países. Se indagó acerca de las características sociodemográficas y formativas básicas, los antecedentes académicos y la inserción institucional actual, y las condiciones ligadas al uso de idiomas extranjeros y a la adquisición de competencia en inglés. Los cuestionarios fueron en general equivalentes, aunque en cada país fue necesario realizar adaptaciones para dar cuenta de especificidades locales, lo que derivó en algunas diferencias que terminaron incidiendo en las posibilidades de comparación.

Las preguntas que se abordan en este artículo pueden enmarcarse en los análisis de lo que Beigel (2014) define como Sistema Académico Mundial, que se caracteriza, entre otras cosas, por la prevalencia de un esquema de publicaciones de corriente principal (*mainstream*) compuesto por revistas líderes indexadas en bases de datos internacionales (Beigel, 2017), con un claro sesgo a favor de artículos en inglés (Ortiz, 2009) producidos principalmente por académicos del Norte, en especial en el caso de las ciencias sociales (Mosbah-Natanson y Gringas, 2014)

En este contexto adquieren particular relevancia las cuestiones referidas a la circulación internacional del conocimiento, que depende de la comunicación mediada por interacciones cara a cara y, lo que es más importante, por textos. La desigual distribución de la competencia lingüística necesaria para participar en estos intercambios es, por tanto, uno de los retos a los que se enfrentan los investigadores. Para aquellos que se comunican en una lengua distinta a las dominantes en su campo, como es el caso de muchos investigadores de países menos desarrollados, la adquisición de competencias lingüísticas puede resultar especialmente difícil y, tal como señala Danell (2013), opera como una barrera para publicar en las revistas *mainstream*

3. Se siguió este criterio dado que en Brasil la regla general es que los investigadores de tiempo completo estén vinculados a un programa de postgrado universitario.

del Sistema Académico Mundial. Por otra parte, en sentido amplio la cuestión de la lengua dominante en la ciencia no puede disociarse de lo que Phillipson (1992; 2013) demonima “imperialismo lingüístico”, que también opera en la cultura, la educación, la economía y los medios de comunicación, entre otras esferas, y que se caracteriza por ser estructural, ideológico y hegemónico.

Para participar en los debates centrales de sus disciplinas⁴, los investigadores que trabajan en lenguas menos preeminentes deben dominar la lengua dominante – que incluso en las ciencias sociales para muchos expertos ya es el inglés (Danell, 2013; Heilbron, 2014; Mosbah-Natanson y Gringas, 2014) –, recurrir al trabajo de traductores o confiar a colegas extranjeros la redacción de los trabajos que quieren circular en audiencias fuera de sus comunidades nacionales o lingüísticas. Todas estas estrategias requieren recursos que no están igualmente disponibles para todos: dinero, tiempo, contactos y conocimientos.

Por más evidente que parezca esta cuestión, la literatura académica sobre la circulación internacional del conocimiento ignora con demasiada frecuencia cómo las asimetrías en el dominio de una lengua extranjera interfieren con la posibilidad de presentar un artículo en un congreso, un manuscrito a una revista o un libro a una editorial internacional. Este artículo pretende contribuir a llenar este vacío, examinando los usos de lenguas extranjeras en las publicaciones de investigadores de Argentina, Brasil y Chile, que trabajan en diferentes disciplinas, relacionando dichos usos con sus perfiles sociales y, en particular, con las condiciones para la adquisición de la competencia lingüística.

El artículo se organiza en tres secciones. En la primera se examinan las modalidades de adquisición de competencia lingüística. En la segunda se analiza la relación entre dichas competencias y la producción científica. Finalmente, en la tercera sección se indaga sobre cómo juegan las diferencias disciplinares en el uso de idiomas en los tres países.

Trayectorias sociales y escolares y dominio de la lengua extranjera

Las respuestas al cuestionario utilizado en la investigación permitieron analizar con detalle las modalidades de adquisición y desarrollo de competencias en inglés, ya sea de manera temprana o más tardía en el curso de vida, ya sea por motivos familiares

4. Cabe señalar, no obstante, que la participación en los debates internacionales de la disciplina a través de la publicación en revistas internacionales del circuito *mainstream*, al menos en el caso de los científicos de contextos periféricos, no va necesariamente de la mano de un mayor impacto o relevancia científica en la comunidad científica local, como ha mostrado Hanafi (2011) para el caso de la ciencia en los países árabes.

o profesionales y, finalmente, si en el marco procesos vinculados a exigencias de la familia, al curriculum escolar o a requisitos de la profesión.

Tal como han demostrado otros estudios (Tsiplakides, 2018; Butler y Le, 2018; Sayer, 2018; Shin y So, 2018; Smala *et al.*, 2013; Kaplan y Piovani, 2018), las respuestas obtenidas prueban hasta qué punto la competencia en lenguas extranjeras depende de los recursos familiares y escolares puestos a disposición de los estudiantes. Más precisamente, queda en evidencia que preguntar sobre el dominio y la adquisición de competencia en una lengua extranjera implica preguntar también sobre la posición social de los investigadores, es decir, sobre los recursos de aprendizaje a los que pudieron acceder, e incluso sobre el tipo de escolaridad y las modalidades de circulación internacional que estaban disponibles para ellos cuando eran niños y jóvenes en función de su posición social.

En este sentido, la variación en la autopercepción del nivel de dominio del idioma inglés de los investigadores entrevistados, en su conjunto, sigue la variación en el capital escolar de su hogar de origen, medido por el nivel educativo formal de sus padres y madres. Como se observa en la Tabla 1, los investigadores de familias cuyos padres tienen un capital escolar bajo informan un menor dominio del inglés. Las diferencias entre grupos, aunque acotadas, son consistentes. Esta asociación entre manejo del inglés y capital escolar familiar es más fuerte para la competencia oral, pero también se registra en comprensión de textos y la escritura.

TABLA 1
Promedios de competencias en inglés (escala 1-3) según capital escolar de los padres

CAPITAL ESCOLAR DE LOS PADRES	LEER	ESCUCHAR	HABLAR	ESCRIBIR
Muy bajo	2,80	2,37	2,25	2,39
Bajo	2,82	2,34	2,24	2,42
Medio	2,83	2,41	2,31	2,47
Alto	2,86	2,51	2,36	2,50
Muy alto	2,91	2,64	2,50	2,55
Total	2,85	2,47	2,34	2,48

Fuente: Elaboración propia en base a la Ecapin.

Por otra parte, de acuerdo con las respuestas de los investigadores el aprendizaje de la lengua extranjera se dio principalmente durante los períodos de formación, especialmente en la infancia y la adolescencia, o en la etapa de estudios de posgrado (ver Tabla 2). Entre los investigadores de Argentina y Chile, una mayor proporción indica que el aprendizaje de lenguas extranjeras ocurrió en la niñez y la adolescencia, mientras que para los investigadores de Brasil el período más frecuentemente citado

es el de estudios de posgrado. Una pequeña proporción de investigadores chilenos (5%) declara haber adquirido dominio del idioma inglés en el marco del ejercicio profesional, pero esta alternativa de respuesta no fue incluida en los cuestionarios de Brasil y Argentina.

TABLA 2
Período de adquisición de conocimientos de inglés según país (%)

PERÍODO EN QUE ADQUIRIÓ CONOCIMIENTOS DE INGLÉS	Argentina	Brasil	Chile
Infancia y adolescencia	71%	55%	42%
Durante el grado	49%	41%	23%
Durante el postgrado	51%	65%	28%
Durante el ejercicio profesional	0%	0%	5%
n (=100%)	2390	597	208

Nota: en Argentina y Brasil se admitieron respuestas múltiples; en Chile solo una.

Fuente: Elaboración propia en base a la Ecapin.

TABLA 3
Motivos para estudiar inglés, según país (%)

MOTIVOS PARA ESTUDIAR INGLÉS	Argentina	Brasil	Chile
Interés personal	53%	51%	45%
Exigencia familiar	35%	23%	10%
Exigencia en la primaria	11%	9%	
Exigencia de la secundaria	22%	12%	
Exigencia primaria o secundaria			36%
Exigencia del grado	24%	22%	
Exigencia del postgrado	31%	47%	
Exigencia del grado o del postgrado			61%
Para leer textos académicos	46%	53%	51%
Para movilidad académica en exterior	28%	23%	38%
Para interactuar en Chile con extranjeros			21%
Para publicar en inglés	40%	44%	36%
Para contacto con colegas exterior	30%	35%	29%
Por vivir en el exterior (1)		29%	
n (=100%)	2390	597	208

Opciones ilimitadas en los 3 países

(1) esta opción figuraba sólo en el formulario brasileño.

Fuente: Elaboración propia en base a la Ecapin.

Este resultado ayuda a explicar por qué, entre los motivos enumerados para el aprendizaje de lenguas extranjeras, se citan con mayor frecuencia los requisitos escolares y de los procesos formativos, seguidos por los de la vida profesional y, más concretamente, los de la publicación en el extranjero (ver Tabla 3). Solo los investigadores de Brasil señalan “vivir en el exterior” entre las razones para estudiar inglés. En términos comparativos, se observa que en el caso argentino el interés personal y las exigencias familiares pesan más que en Brasil y Chile, mientras que los requerimientos curriculares de la escuela primaria y secundaria cuentan más en Chile y Argentina que en Brasil. En este último país se destaca la exigencia de aprendizaje de inglés durante los estudios de posgrado, como ya se ha señalado, y la necesidad de publicar en inglés (en mayor proporción que en Argentina y Chile).

El recurso a institutos de lenguas especializados parece ser la estrategia más recurrente para el aprendizaje del idioma inglés, especialmente entre los investigadores brasileños y argentinos. Al mismo tiempo, la inmersión lingüística en un país extranjero es una experiencia compartida por una buena parte de los investigadores de los tres países. Sin embargo, se destacan algunas diferencias. En Brasil y Chile, el aprendizaje en el seno familiar se menciona más que en Argentina, mientras que la educación primaria y secundaria bilingüe es más frecuente entre los investigadores argentinos y, aún más, entre los chilenos⁵. Finalmente, se observa que las clases particulares, muy frecuentes en Brasil, donde florece todo un sector de prestación de servicios de esta naturaleza en torno a las universidades, no se mencionan en los otros dos países, al menos para los investigadores de las generaciones incluidas en este estudio.

TABLA 4
Modos de adquisición del inglés, según país (%)

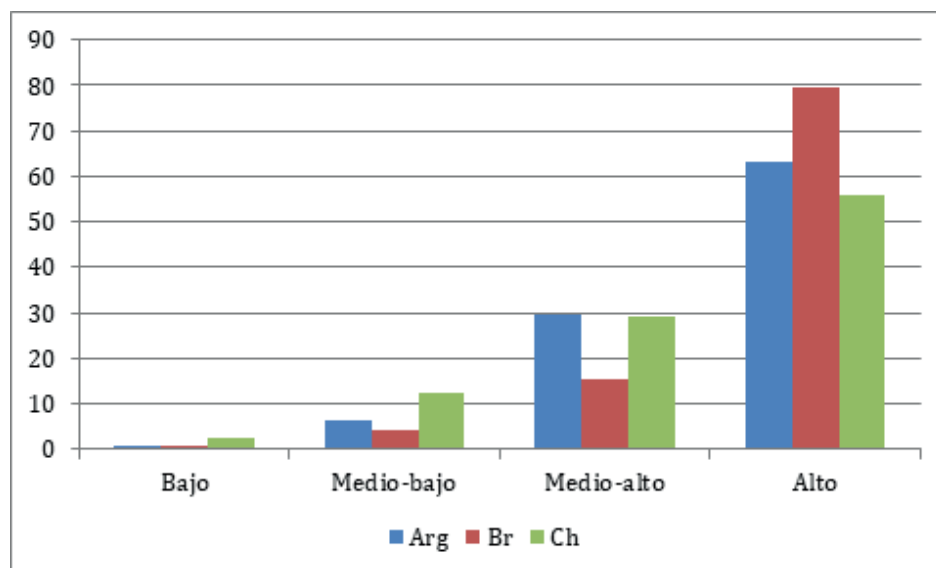
MODOS DE ADQUISICIÓN DEL INGLÉS	Argentina	Brasil	Chile
En el seno familiar	4%	10%	12%
Educación prim o Sec bilingüe	10%	2%	17%
Educación prim o Sec no bilingüe	21%	21%	38%
En instituto de lenguas	82%	72%	46%
Por inmersión en país extranjero	32%	44%	46%
Por estudio autónomo	23%	34%	6%
Por clases particulares	0%	25%	0%
n (=100%)	2390	597	208

Opciones ilimitadas en los 3 países
Fuente: Elaboración propia en base a la Ecapin.

5. Esto es consistente con la alta proporción de científicos chilenos que provienen de escuelas privadas de élite.

GRÁFICO 1

Índice de competencia en lengua inglesa, según país (%)



Fuente: Elaboración propia en base a la Ecapin.

Independientemente del ámbito o la estrategia a través de la cual se ha adquirido el dominio del inglés, existe una variación en la percepción de los investigadores sobre su nivel de competencia. Los investigadores de Brasil señalan una mayor competencia en todos los dominios (leer, escuchar, hablar, escribir), seguidos por los investigadores de Argentina y, en tercer lugar, los de Chile. Esto también se confirma con un índice agregado de 4 niveles de competencia (bajo / medio-bajo / medio-alto / alto) que hemos construido considerando conjuntamente los cuatro dominios relevados. Si bien la mayoría de los científicos presenta niveles altos (65,9%) o medio-altos (26,7%) de competencia en lengua inglesa, y las muestras de los tres países siguen patrones muy similares, se registran algunas diferencias significativas que se observan en el Gráfico 1

Tal como se señaló más arriba, los científicos brasileños son los que declaran, en mayor proporción, niveles de competencia altos (79,6%), seguidos por los argentinos (63,3%) y los chilenos (56%). Y también entre los brasileños es menor el porcentaje de los que apenas alcanzaron competencias medio-bajas (4,3%, frente a 6,4% entre los argentinos y 12,6% entre los chilenos). Esto contrasta con el índice de proficiencia en inglés (*English Proficiency Index*) de la población general de cada país, medido por *Education First*⁶. En 2019, Argentina ocupó el puesto 27 a nivel

6. <https://www.ef.com/wwen/epi/>.

mundial con una puntuación de 58,38 (nivel de competencia alto); Chile quedó en el puesto 42, con 52,89 puntos (nivel moderado) y Brasil en el puesto 59, con 50,10 puntos (nivel bajo).

Competencias lingüísticas y publicación científica

Más allá de los niveles de competencia en inglés, y de los modos de adquisición del conocimiento de este idioma, resulta importante considerar su relación con la producción y la publicación científica.

En primer lugar, se destaca que el 98,2% de los brasileños, 94,2% de los argentinos y 90,4% de los chilenos publicó al menos una vez en inglés. Como era de esperar, el hecho de publicar en este idioma guarda cierta relación con los niveles de competencia lingüística. En este sentido, se registra que, entre los argentinos con conocimientos básicos o nulos de inglés, solo un 42,9% ha publicado en ese idioma, mientras que entre quienes tienen competencia alta esta cifra asciende al 96,4%. En el caso de los brasileños, estos porcentajes varían, para ambos extremos de la escala de competencia, entre 80% y 99,6% y, para los chilenos, entre el 60% y el 96,6%. Entre quienes tienen escasa competencia lingüística, destaca el contraste entre el bajo porcentaje de científicos argentinos y el relativamente alto porcentaje de brasileños con publicaciones en inglés.

Por otra parte, la relación entre el capital escolar del hogar de origen y la propensión a publicar en inglés no tiene la misma intensidad ni sigue el mismo patrón en las tres submuestras. En la muestra argentina las diferencias entre grupos sociales no son significativas. En cambio, en los casos de Chile y Brasil, tal como se observa en la Tabla 5, el porcentaje de quienes han publicado en inglés aumenta entre aquellos que provienen de hogares con capital escolar alto o muy alto.

TABLA 5
Publicaciones en inglés según capital escolar del hogar de origen, por país

		CAPITAL ESCOLAR DE ORIGEN		
		Muy bajo / Bajo	Medio	Alto / Muy alto
ARGENTINA	No publicó en Ing.	4,9%	5,5%	6,5%
	Publicó en Ing.	95,1%	94,5%	93,5%
BRASIL	No publicó en Ing.	2,8%	1,9%	,8%
	Publicó en Ing.	97,2%	98,1%	99,2%
CHILE	No publicó en Ing.	12,5%	15,4%	7,7%
	Publicó en Ing.	87,5%	84,6%	92,3%

Fuente: elaboración propia en base a la Ecapin.

Ahora bien, independientemente del hecho de haber publicado en inglés, resulta relevante analizar el peso relativo que las publicaciones en dicho idioma tienen dentro de la producción científica total de cada investigador. Considerando las muestras de Argentina y Brasil, en un 68,7% de los casos las publicaciones en inglés representan más del 75% del total; en un 7,5% representan entre 50 y 75%; en un 4,3% entre un 25 y un 50%; en un 6,6% entre 10 y 25% y en un 9,8% menos de 10%. Las diferencias entre argentinos y brasileños – para quienes se encuentra disponible la información en la base de datos – no son notorias, si bien la proporción de publicaciones en inglés es levemente mayor entre los brasileños: 69,3% de ellos cuenta con más de 75% de sus publicaciones en este idioma, frente al 68,6% de los argentinos, y solo 8% tiene menos de un 10% de sus publicaciones en inglés, frente a un 10,3% de los argentinos.

También es relevante analizar las estrategias de escritura en inglés. Entre quienes han publicado en este idioma en calidad de autor único (74% de los argentinos y 80,7% de los brasileños), lo más habitual es redactar en ese idioma por cuenta propia o redactar individualmente y luego hacer revisar el texto por un hablante nativo o alguien idóneo. En el caso argentino, la redacción individual en inglés alcanza al 22,7% de la muestra, mientras que el 32,6% declara escribir individualmente y luego hace revisar el texto por un hablante nativo, un profesional idóneo o un colega con mayor dominio del idioma. En el caso brasileño, los que redactan individualmente – sin revisión posterior – son el 37,2%, y los que hacen revisar el texto son el 30,9%. La estrategia de escribir en la lengua nativa y enviar a traducción, aun siendo minoritaria, es mucho más frecuente entre los investigadores brasileños: 6,2% frente a 3,4% entre los argentinos.

Como era de esperar, el nivel de competencia en lengua inglesa incide notablemente en las estrategias de escritura. Entre quienes tienen competencia básica no se registran casos de escritura directa en inglés, a la vez que un 22,6% escribe en su lengua nativa y envía el texto a traducción. En cambio, entre quienes tienen competencia avanzada, se registra menos de un 1% de investigadores que escribe en su lengua nativa y envía a traducir, y un 33% que escribe directamente en inglés sin revisión posterior.

Otra estrategia muy frecuente para la publicación en inglés es la coautoría. En el caso argentino solo el 3,2% de los científicos relevados no ha publicado en inglés como coautor, mientras que en el caso brasileño esta cifra asciende al 4,7%. Las estrategias de redacción en coautoría siguen patrones similares a las de las autorías individuales. En el caso brasileño se puede agregar un dato interesante, que se refiere al porcentaje de publicaciones en inglés realizadas en colaboración con colegas angloparlantes nativos. Se registra un 1,8% de investigadores que han publicado todos sus artículos en inglés con estos colegas y, en contraste, un 26,6% que nunca

publicó con hablantes nativos. Por otra parte, un 56,4% declara que hasta el 50% de sus artículos en inglés son fruto de la colaboración con angloparlantes, y un 12,7% que dice tener más de la mitad – pero no todas – sus publicaciones en inglés con este tipo de colaboradores.

Disciplinas científicas y uso de idiomas

Ya sea que se las considere como “estructuras culturales” (Geertz, 1994, p. 24) o bien “institucionales” (Heilbron y Bokobza, 2015, p. 8), las disciplinas tienen una existencia social, más que estrictamente epistemológica, de lo cual se sigue una tendencia a atraer a determinados tipos de agentes y a condicionar sus prácticas (Bourdieu, 2001).

Desde el punto de vista de las disciplinas, el uso de lenguas es un dato clave por cuanto está indicando la extensión de la comunidad o campo científico al cual pertenece el investigador. En especial, el dominio del inglés en tanto *lingua franca* se torna crucial al expresar el grado de inserción en el sistema *mainstream* a la vez que la misma existencia de éste. Es así que todas las investigaciones conocidas nos muestran que cualquier físico/a que se respete, por ejemplo, está obligado a jugar en el tablero mundial de su disciplina, mientras que muchos de los científicos sociales pueden liberarse de ese tipo de exigencia. Tal como concluye Gantman (2012) en su trabajo sobre la influencia de factores económicos, lingüísticos y políticos en la productividad científica en diferentes países y disciplinas, la cuestión idiomática es significativa en las ciencias sociales, así como en medicina y ciencias agrarias, pero no lo es en las ciencias exactas, en las que el inglés funciona como *lingua franca*.

En lo que sigue nos dedicaremos a mostrar qué dicen los datos recabados acerca de las diferencias disciplinares en el uso de idiomas en Argentina, Brasil y Chile. La clasificación de los investigadores en grandes áreas disciplinares plantea algunas dificultades, ya que éstas fueron definidas diversamente en los tres países. Es que, a los efectos de la recolección de datos, se consideró adecuado adoptar la clasificación vigente en el ámbito institucional con el que los investigadores se encontraban más familiarizados. La Tabla 6 muestra la composición de las muestras por grandes áreas, dando cuenta además de que los investigadores que han publicado en inglés predominan ampliamente en la mayoría de las áreas – alcanzando al 100% en muchas de ellas – mientras que los porcentajes son algo más bajos en las ciencias sociales y humanidades en los tres países.

TABLA 6
Composición de las muestras por grandes áreas disciplinares y por país (%)

ÁREAS DISCIPLINARES POR PAÍS	% publicaron en Inglés	n (=100%)
Argentina: Ciencias Biológicas y de la Salud	100,0%	702
Argentina: Ciencias Exactas y Naturales	100,0%	601
Argentina: Ciencias Sociales y Humanidades	76,9%	590
Argentina: Desarrollo Tecnológico	100,0%	99
Argentina: Ingenierías y Ciencias Agrarias	99,5%	398
Brasil: Ciências Agrárias	100,0%	30
Brasil: Ciências Biológicas	100,0%	87
Brasil: Ciências da Saúde	100,0%	86
Brasil: Ciências Exatas e da Terra	100,0%	205
Brasil: Ciências Humanas	92,8%	83
Brasil: Ciências Sociais Aplicadas	92,0%	25
Brasil: Engenharias	98,5%	65
Brasil: Linguística, Letras e Arte	84,6%	13
Chile: Artes	100,0%	3
Chile: Cs exactas y nat. (mat., física, quím., biol., etc)	100,0%	90
Chile: Ciencias jurídicas, económica y administrativas	75,0%	4
Chile: Ciencias sociales	85,7%	42
Chile: Humanidades (historia, literatura, filosofía etc.)	50,0%	24
Chile: Tecnología y ciencias de la ingeniería	95,7%	23
Chile: Tecnología y ciencias médicas	100,0%	10
Chile: Tecnología y ciencias silvoagropecuarias	100,0%	12

Fuente: Encuesta Ecapin.

Para obtener una aproximación sintética a la estructura por grandes áreas de las muestras nacionales, con fines comparativos intentamos en la Tabla 7 homogeneizar las categorías en base a la clasificación argentina. Es claro que hay en este procedimiento alguna dosis de arbitrariedad, ya que en principio la inclusión de un investigador en una u otra gran área y en una disciplina en particular es el resultado de una elección individual de cada encuestado entre un conjunto de alternativas provisto en el formulario de encuesta⁷. Además, en Argentina, el área “Desarrollo

7. Elección que puede variar a lo largo de la carrera de un investigador, y que puede obedecer a razones estratégicas por parte de éste.

Tecnológico” puede incluir investigadores prácticamente casi de cualquier disciplina (siendo que hay casos en que ésta es la única información de la que se dispone)⁸.

TABLA 7

Composición de las muestras por país según Grandes Áreas Conicet (%)

GRANDES ÁREAS DISCIPLINARES SEGÚN CONICET	PAÍS DE LA ENCUESTA		
	Argentina	Brasil	Chile
Ciencias Biológicas y de la Salud	29%	29%	7%
Ciencias Exactas y Naturales	25%	34%	39%
Ciencias Sociales y Humanidades	25%	21%	35%
Desarrollo Tecnológico	4%	0%	0%
Ingenierías y Ciencias Agrarias	17%	16%	19%
n (=100%)	2390	597	208

Fuente: Encuesta Ecapin.

En cambio, en la tabla 7 somos nosotros quienes decidimos la inclusión de los investigadores brasileños y chilenos en una gran área, siendo que la inclusión en la misma de una disciplina o subdisciplina en particular no responde a factores fácilmente objetivables⁹. El resultado muestra un menor peso de la investigación médica en la muestra chilena, a la vez que una mayor importancia de las ciencias sociales y humanas.

Pero no tiene demasiado sentido examinar la importancia del inglés al nivel de las cinco grandes áreas, dado que las mismas están de hecho agrupando disciplinas disímiles a ese respecto. Precisar este tipo de relaciones demanda ir a un análisis más desagregado, cuanto menos al nivel de las disciplinas individuales, por lo cual excluimos la posibilidad de considerar a las grandes áreas como variable independiente. Por lo demás, el objeto de la clasificación de los investigadores en disciplinas no puede consistir en determinar inexistentes categorías “puras”, ni mucho menos “reales”, sino que se trata apenas de identificar grupos de investigadores que, presumible-

8. “Desarrollo Tecnológico” es una gran área creada recientemente en el Conicet respondiendo a una voluntad gubernamental de incrementar la investigación tecnológica. Anteriormente las cuatro grandes áreas existentes fueron un modo de gestión política de los recursos tendiente a lograr un desarrollo “equilibrado”, entendiéndose por esto uno en el cual a cada gran área le correspondiera gruesamente una cuarta parte de los recursos (por ejemplo, de las becas y de las plazas para investigadores de la CIC). En un relevamiento realizado el 11-nov-2019 de los 270 investigadores de la CIC incluidos en esa categoría, encontramos un amplio predominio de disciplinas tales como Biotecnología, Ingeniería Química, Medicina, Ingeniería Forestal, etc. y no más de cinco pertenecientes a las ciencias sociales.
9. ¿Quién desarrolla una vacuna, debería incluirse en Ciencias Médicas, en Ciencias Exactas y Naturales o en Ingenierías? Disciplinas como “Ecología” o “Genética” a veces se ubican en “Exactas y Naturales”, otras en “Biología y Salud” o en “Ingenierías y C. Agrarias” etc.

mente, tenderán a presentar semejanzas con relación a sus prácticas de producción y publicación científicas¹⁰.

Para algunas de las disciplinas relevadas en la muestra el *n* resulta ser insuficiente; por ello, se consideró adecuado fijar un umbral de 32 (el 1% del total de las tres muestras) para incluir una disciplina en la lista de la Tabla 8. Claramente, las modalidades que aparecen en la tabla no son ni exhaustivas (puesto que se han eliminado las disciplinas con bajas frecuencias), ni tampoco mutuamente excluyentes en sentido estricto (en la medida en que en base a la conformación de los datos disponibles se conservan varias categorías agrupadas, como ‘ciencias sociales’, que están incluyendo individuos de las disciplinas individuales que aparecen por sí mismas en otro lugar de la lista). Pero esto no es un problema cuando lo que interesa es determinar la medida en que diferentes disciplinas o grupos de disciplinas se comportan de manera análoga en distintos países.

En la tabla 8 las disciplinas se han ordenado de acuerdo al porcentaje de investigadores que han declarado contar con una proporción de publicaciones en inglés mayor al 75%, un indicador que es mucho más adecuado para estimar la importancia de este idioma que el simple hecho de haber publicado en inglés al menos en una ocasión. En efecto, los porcentajes muy elevados para ciertas disciplinas muestran que, para estos investigadores, la comunidad científica de referencia es primordialmente angloparlante, por lo cual la publicación en inglés deviene en una condición indispensable para pertenecer el campo. En cambio, en la parte inferior de la tabla, los porcentajes vecinos al 0% para muchas de las ciencias sociales y humanas indican una situación por completo diferente, en la cual el inglés se encuentra muy lejos de jugar el papel principal.

Por otra parte, la primera columna de la tabla indica el porcentaje de investigadores en cada disciplina que se autoevaluaron como poseyendo un nivel de expresión escrita “avanzado”. Este no parece ser el factor crítico en cuanto a la posibilidad de publicar en inglés. Ciertamente, el porcentaje con competencia elevada tiende a disminuir al descender en la lista, pero la correlación dista de ser perfecta. Como se ha visto en la sección anterior, hay varios modos de resolver la cuestión de la escritura en inglés, los que se ven favorecidos cuando predomina la modalidad de publicaciones con múltiples autores, característica de las ciencias exactas, naturales y médicas que ocupan el alto de la tabla.

10. En rigor, para una definición de los *habitus* implicados habría que pensar en un grado de desagregación mayor que el de las disciplinas (en subdisciplinas y aún en niveles menores) que derivara en algún grado de homogeneidad. Así, por ejemplo, Bourdieu no se refería a los biólogos “en general”, sino a los biólogos moleculares, o al caso de los *phage workers* (quienes estudian los bacteriófagos) como “ejemplo de grupo dotado de una cultura distintiva y de una estructura normativa que han jugado el rol de factores de integración” (2001, p. 135).

TABLA 8
Competencia en escritura y publicación en inglés, por disciplinas (%)

DISCIPLINAS	Escritura Inglés avanzada	% con publ. en inglés	% publ. Inglés >75%	n
Química	61%	100%	91%	202
Física	77%	100%	90%	229
Astronomía	76%	100%	90%	50
Bioquímica	69%	100%	90%	48
Matemática	79%	100%	88%	58
Computación	92%	100%	86%	51
Ciencias Médicas	67%	100%	86%	265
Biología	62%	100%	84%	535
Veterinaria	55%	100%	80%	51
Ingenierías	56%	99%	77%	303
Desarrollo Tecnológico	43%	100%	77%	99
Ciencias Agrarias	57%	99%	72%	154
C. Tierra, Agua y Atmósfera	53%	100%	65%	201
Economía	63%	97%	43%	35
Psicología	38%	94%	21%	52
Educación	33%	88%	16%	49
Ciencias Sociales	46%	76%	8%	63
Historia	31%	66%	6%	95
Ciencias Políticas	37%	80%	4%	46
Antropología	35%	88%	3%	34
Filosofía	62%	85%	2%	66
Sociología	30%	74%	1%	104
Arqueología	33%	96%	0%	55
Antropología Social y Cultural	28%	79%	0%	43
Literatura	43%	59%	0%	49

Fuente: Encuesta Ecapin.

En cuanto a la publicación en terceras lenguas – más allá de la nacional y de la inglesa –, lamentablemente la encuesta chilena no provee la información necesaria, por lo cual el análisis comparativo debe limitarse a Argentina y Brasil.

TABLA 9

Investigadores que publicaron en terceras lenguas según publicación en inglés (%)

OTROS IDIOMAS	Argentina		Brasil	
	Inglés No	Inglés Sí	Inglés No	Inglés Sí
Español			64%	25%
Portugués	13%	9%		
Francés	12%	7%	73%	11%
Alemán	5%	4%	0%	4%
n (=100%)	138	2835	11	583

Fuente: Encuesta Ecapin.

La Tabla 9 permite ver, en primer lugar, cómo la tercera lengua de publicación más importante es, como era esperable, el portugués para los argentinos y el español para los brasileros. Les siguen el francés y, finalmente, el alemán.

Generalmente los porcentajes de terceras lenguas son mayores entre quienes no han publicado en inglés, denotando así una posible forma alternativa de internacionalización (aunque marginal: son apenas 11 – un 2% – los brasileros que no publicaron en inglés). Es notable cómo los porcentajes son muchos mayores para los brasileros que para los argentinos (con excepción del alemán, de mínima importancia).

De este modo, la Tabla 10 permite ver en cuáles disciplinas cobra mayor importancia la publicación en terceras lenguas. El papel del alemán es marginal, alcanzando guarismos significativos para los filósofos (33%) y, en mucho menor medida, para los literatos (11%) y sociólogos (9%). La publicación en francés es casi inexistente en las ciencias duras, alcanzando alguna relevancia en las sociales y humanas. En cuanto al español y el portugués, es notable cómo los brasileros, en todas las disciplinas, exhiben porcentajes mayores de publicación que los argentinos¹¹.

Finalmente, la tabla 11 permite comparar a los investigadores de Argentina y Brasil. Es interesante observar las diferencias. Por ejemplo, cómo en algunos casos de disciplinas duras los porcentajes de importancia de las publicaciones en inglés son menores en Brasil que en Argentina. Si bien no es clara la razón de estas diferencias, podría ser un efecto de la mayor edad de los brasileños (que tendrían más publicaciones en una época en la que pesaba menos el inglés), o tal vez ello sea el resultado del mayor peso de una agenda nacional propia.

11. Hemos mantenido separadas “Antropología” y “Antropología Social y Cultural”. La primera denominación incluye en Argentina a los antropólogos biológicos (aunque no sólo a éstos), mientras que, en Brasil, a falta de una opción separada, concentra también a los antropólogos sociales. De modo que 58% de antropólogos brasileros que ha publicado en español debe compararse con el 44% de argentinos “sociales” que han escrito en portugués.

TABLA 10
Investigadores que publicaron en otros idiomas, según disciplina (%)

DISCIPLINAS	Francés	Portugués	Español	Alemán	n (=100%)
Antropología	17%	12%	58%	3%	29
Antropología Social y Cultural	22%	44%		5%	41
Arqueología	5%	11%		5%	55
Astronomía	6%	5%	8%	0%	50
Biología	3%	5%	13%	1%	505
Bioquímica	0%	7%	0%	2%	47
C. Tierra, Agua y Atmósfera	3%	6%	20%	4%	195
Ciencias Agrarias	2%	3%	22%	1%	145
Ciencias Médicas	4%	2%	39%	2%	255
Ciencias Políticas	18%	26%	33%	9%	45
Ciencias Sociales	17%	7%	44%	2%	46
Computación	12%	0%	11%	4%	49
Desarrollo Tecnológico	5%	5%	29%	3%	99
Economía	9%	4%		6%	35
Educación	18%	20%	48%	7%	45
Filosofía	23%	18%	40%	33%	61
Física	4%	7%	13%	2%	218
Historia	30%	22%	55%	6%	89
Ingenierías	5%	7%	23%	3%	278
Literatura	26%	20%	67%	11%	47
Matemática	12%	3%	10%	2%	57
Psicología	8%	26%	40%	0%	49
Química	2%	3%	11%	3%	196
Sociología	24%	28%	73%	9%	96
Veterinaria	4%	11%	33%	6%	48
Total	8%	9%	26%	4%	2987

Fuente: Encuesta Ecapin.

TABLA 11

Investigadores con un porcentaje superior al 75% de sus publicaciones en inglés, según disciplina y país (%)

DISCIPLINAS	% con >75% publ. Inglés	
	Argentina	Brasil
Antropología	6%	0%
Antropología Social y Cultural	0%	
Arqueología	0%	
Astronomía	89%	92%
Biología	91%	76%
Bioquímica	98%	50%
C. Tierra, Agua y Atmósfera	66%	73%
Ciencias Agrarias	78%	67%
Ciencias Médicas	97%	71%
Ciencias Políticas	5%	0%
Ciencias Sociales	0%	31%
Computación	100%	82%
Desarrollo Tecnológico	77%	
Economía	36%	71%
Educación	0%	32%
Filosofía	2%	0%
Física	97%	91%
Historia	0%	55%
Ingenierías	86%	77%
Literatura	0%	0%
Matemática	94%	81%
Psicología	9%	53%
Química	96%	85%
Sociología	0%	9%
Veterinaria	87%	67%

Fuente: Encuesta Ecapin.

Discusión y conclusiones

Una de las principales cuestiones abordadas en este artículo remite a la relación entre el nivel socioeconómico y la adquisición de competencias en lenguas extranjeras. En línea con los hallazgos de estudios previos que han abordado dicha relación para la población total de los países objeto de indagación, como por ejemplo Kaplan y Piovani (2018) para el caso argentino y Borges y Garcia Filice (2016) para el brasileño, se constató la asociación entre el origen social de los científicos y la adquisición de lenguas extranjeras, en el sentido de que quienes provienen de hogares con capitales escolares más altos presentan mayores competencias en inglés, así como una tendencia a adquirirlas más tempranamente en el marco de la educación formal y/o en el seno familiar. Además, ellos también han realizado sus doctorados en universidades de Estados Unidos en una proporción mayor que sus colegas de orígenes sociales más bajos. Y éste es un aspecto relevante no solo por su importancia para el perfeccionamiento de las competencias lingüísticas, sino por la mayor propensión que tienen los científicos formados en países anglófonos a publicar en inglés y en el circuito *mainstream*, tal como han señalado Gantman (2011) y Calvo *et al.* (2019), y por las posibilidades de desarrollar vínculos académicos con colegas angloparlantes, siendo que la publicación en coautoría con dichos colegas, como se ha puesto en evidencia en este artículo, es una de las estrategias que facilitan la publicación internacional en inglés. Al respecto, Gingras y Mosbah-Natanson (2010) señalan que los investigadores de ciencias sociales de regiones periféricas como África, Asia y América Latina logran insertarse en el circuito científico internacional fortaleciendo su colaboración con colegas de otras regiones, especialmente de América del Norte y Europa. Estos autores indican que, hacia 2005, más del 30% de los artículos publicados por científicos sociales latinoamericanos en el circuito *mainstream* era fruto de colaboraciones internacionales, y que el 67,5% de tales colaboraciones involucraba a colegas de Estados Unidos y Canadá.

En cuanto a los patrones de publicación científica se observa que, independientemente del nivel de competencia, la amplia mayoría de los investigadores de la muestra ha publicado en inglés. En el caso argentino no se observa relación clara entre el origen social y el hecho de haber publicado al menos una vez en inglés, mientras que, entre los investigadores brasileños y chilenos, la proporción de los que han publicado al menos una vez en inglés es algo mayor entre quienes provienen de hogares con capital escolar más alto.

Por otra parte, el nivel de competencia en inglés se encuentra asociado a modos diferentes de resolver la escritura en dicha lengua: quienes tienen más proficiencia publican en mayor medida textos escritos de manera autónoma, sin enviar a tra-

ducción e incluso con menor necesidad de buscar la revisión de un angloparlante nativo o de un colega con mayor conocimiento del idioma. Ahora bien, cuando se considera al subgrupo más internacionalizado, definido como aquél que ha publicado al menos el 75% de su producción total en inglés, la relación entre grado de competencia lingüística y publicación en este idioma se desvanece. Pero varían las estrategias de escritura, siendo obviamente más autónomas las de quienes tienen mayor proficiencia.

Los científicos brasileños resultan ser, en promedio, los que más publican en inglés. Y esto a pesar de componer la muestra más envejecida, una cuestión relevante si se asume que tanto la difusión de la enseñanza del inglés como el peso de este idioma en el sistema científico han ido aumentando a lo largo del tiempo¹². A diferencia de sus colegas de Argentina y Chile, que declaran mayoritariamente haber desarrollado competencias lingüísticas durante la infancia y la adolescencia, una alta proporción de los científicos brasileños las ha adquirido durante los estudios de posgrado. Esto sugiere que, al menos en este país, la competencia idiomática de los investigadores está estrechamente ligada a la profesión académica. Y esto, por su parte, podría ser indicativo de que la utilización del inglés en las prácticas de escritura y publicación científicas no depende tanto de la adquisición temprana de competencias lingüísticas, por fuera de la profesión científica o universitaria, sino del grado de profesionalización y de internacionalización de los sistemas científicos. Esto explicaría, por ejemplo, la alta proporción de científicos brasileños que, aun con escaso o nulo conocimiento de inglés han publicado en este idioma (80%), frente al 60% de los chilenos (60%) y, especialmente, el 42,9% de los argentinos en equivalente situación desde el punto de vista de sus conocimientos de lengua inglesa. Para el caso de los científicos de habla castellana, en la literatura se reconocen también otros factores explicativos de los perfiles de publicación. Gantman y Fernández Rodríguez (2016), por ejemplo, muestran que la participación en el segmento de publicaciones internacionales en inglés, en oposición al segmento de publicaciones locales/regionales en el propio idioma de los investigadores, pareciera estar fuertemente influenciada por el tipo de institución de educación superior a la que se encuentran afiliados. En algún sentido, esto podría considerarse convergente con los hallazgos de este artículo, en la medida en que aquellas instituciones cuyos investigadores publican

12. A propósito de las características de la muestra, en este punto también cabe recordar que en el caso brasileño se tomó como referencia a la planta de docentes-investigadores de los programas de doctorado con la máxima calificación de Capes. Dado que esta institución le confiere un peso muy importante a la internacionalización, y que entre los indicadores se encuentra la publicación en revistas extranjeras, se sigue que, por definición, los docentes-investigadores de los programas mejor evaluados son también, en general, los que más publican en lenguas extranjeras.

más preponderantemente en el circuito internacional sean, a la vez, instituciones más profesionalizadas e internacionalizadas.

Los científicos chilenos, por su parte, son los que en total menos publican en inglés, lo que pareciera contradecir una serie de cuestiones clave: a) la mayor proporción de investigadores chilenos con doctorados en países angloparlantes (siendo que éstos, como ya se ha señalado, tienden a publicar más en inglés); b) las políticas científicas y universitarias que, en este país, promueven las publicaciones *mainstream* a través de premios monetarios. Pero hay que tener en cuenta que la muestra chilena es la que tiene mayor peso de las ciencias sociales y humanas – más de 30% del total –, y que estas disciplinas son, a su vez, las que presentan proporciones menores de publicación en inglés en todos los países. Además, aunque los científicos chilenos – como ya se señaló – son los que en mayor proporción se doctoran en países anglófonos, en el caso de las ciencias sociales y humanas se destacan, en primer lugar – y por bastante diferencia –, los doctorados españoles. Por lo tanto, la menor proporción de investigadores con publicaciones en inglés en la muestra chilena podría explicarse por su propia composición, dada la asociación observada entre las disciplinas científicas y la propensión a publicar en inglés.

En efecto, los investigadores de las disciplinas sociales y humanísticas publican menos en esta lengua en los tres países, especialmente en Argentina. Esto está en línea con la idea de un sistema en cierto sentido menos internacionalizado – con mayor proporción de investigadores nacidos en el país y que cursaron sus doctorados localmente – y con patrones de producción relativamente más heterodoxos en comparación con los modelos estándar que promueven las revistas de corriente principal (Calvo *et al.*, 2019; Piovani, 2019). Esta menor propensión de los investigadores argentinos de ciencias sociales y humanas a publicar en inglés, en comparación de sus colegas chilenos y brasileños (véase Fiorin, 2007; Finardi y França, 2016; Madeira y Marengo, 2016, entre otros, para el caso de las publicaciones internacionales de investigadores brasileños de ciencia sociales y humanas), ya había sido señalada por Gibert Galassi (2013), y puede ratificarse recurriendo a datos secundarios como los que produce Scimago acerca de las publicaciones en revistas *mainstream*.

En las ciencias sociales y humanas también se observa el peso, aunque menor en comparación con el inglés, de las publicaciones en otras lenguas. Esto es consistente con los hallazgos de Baranger y Niño (en prensa) para el conjunto de investigadores de estas disciplinas que están afiliados al Conicet de Argentina, especialmente en lo que concierne a aquello que denominan “modelo universalista” de publicación, y ratifica la relevancia de la tradición alemana en filosofía y el peso de la tradición francesa en sociología, psicología y otras ciencias sociales.

La mayor importancia del castellano y el portugués – entre las terceras lenguas – en las publicaciones de brasileños y argentinos, respectivamente, facilitada muy probablemente por la cercanía geográfica y los vínculos históricos, que también involucran a los sistemas universitarios y científicos, y por las similitudes en ambos idiomas, podría aportar sustento empírico a la idea de circuitos regionales emergentes, alternativos al *mainstream*, al que se han referido autores como Beigel (2014), Collyer (2018), Heilbron (2014), Piovani (2019) y Vessuri, Guédon y Cetto (2014), entre otros.

Finalmente, en lo que concierne a las disciplinas científicas y su relación con la publicación en inglés, los porcentajes muy bajos – e incluso nulos – de investigadores de algunas ciencias sociales y humanas que publican predominantemente en esta lengua, sugieren que ella aun está lejos de jugar el papel principal que evidentemente cumple, como *lingua franca*, en las ciencias naturales y biomédicas, incluso en América Latina. Se hace hincapié en el alcance regional de esta afirmación porque, como señalan Gingras y Mosbah-Natanson (2010), y según la base de datos que se utilice, ya hacia principios del siglo XXI entre el 85% y el 95% de las publicaciones de ciencias sociales en el circuito *mainstream* estaban escritas en inglés. No obstante, la menor participación relativa de las publicaciones en inglés en el total de la producción de científicos sociales latinoamericanos no implica necesariamente la carencia de internacionalización. Por el contrario, y como se acaba de señalar, el peso de otros idiomas en algunas disciplinas específicas, y especialmente del portugués entre los argentinos y el español entre los brasileños, convalida lo señalado por Baranger y Niño (en prensa) acerca del modelo universalista de publicación, así como la importancia del circuito iberoamericano para la internacionalización de científicos de América Latina (Baranger y Beigel, 2021).

Al mismo tiempo, los datos presentados en este artículo pueden interpretarse en alguna medida como sostén de la hipótesis de Bourdieu (2001), según la cual las diferencias en la posición social y trayectoria de los agentes permiten explicar su atracción por determinadas disciplinas. Empero, sería necesario llevar adelante un análisis mucho más fino, para mostrar cómo este factor incide en las diferencias de competencias y de prácticas de publicación entre los agentes.

Referencias Bibliográficas

- BARANGER, Denis & BEIGEL, Fernanda. (2021), "La publication en Ibéro-Amérique en tant que mode d'internationalisation des chercheurs en sciences humaines et sociales du Conicet (Argentine)". *Revue d'Anthropologie des Connaissances* [En ligne], 15 (3).
- BARANGER, Denis & NIÑO, Fernanda. (e/p), "El espacio de las disciplinas sociales en el Conicet". In: PIOVANI, Juan Ignacio *et al.* (orgs.). *Las ciencias sociales en la Argentina contemporánea*. Santa Fé, Ediciones UNL – Clacso.
- BEIGEL, Fernanda. (2014), "Introduction: Current tensions and trends in the World Scientific System". *Current Sociology*, 62 (5): 617-625.
- BEIGEL, Fernanda. (2017), "Científicos periféricos, entre Ariel y Calibán. Saberes institucionales y circuitos de consagración en Argentina: Las publicaciones de los investigadores del Conicet". *Dados: Revista de Ciências Sociais* 60 (3): 825-865.
- BORGES, Rovênia Amorim & GARCIA-FILICE, Renísia Cristina. (2016), "A língua inglesa no Programa Ciência sem Fronteiras: paradoxos na política de internacionalização". *Interfaces Brasil/Canadá*. 16 (1) : 72-101.
- BOURDIEU, Pierre. (2001), *Science de la science et réflexivité*. París, Seuil.
- BUTLER, Yuko Goto & LE, Vi-Nhuan. (2018), "A longitudinal investigation of parental social-economic status (SES) and young students' learning of English as a foreign language". *System* 73: 4-15, abril.
- COLLYER, Fran. (2018), "Global patterns in the publishing of academic knowledge: Global North, global South". *Current Sociology*, 66 (1): 56-73.
- DANELL, Rickard. (2013), "Geographical diversity and changing communication regimes. A study of publication activity and international citation patterns". In: DANELL, Rickard *et al.* (orgs.). *Social science in context: Historical, sociological, and global perspectives*. Lund, Nordic Academic Press.
- FINARDI, Kyria Rebeca & FRANÇA, Claudio. (2016), "O inglês na internacionalização da produção científica brasileira: evidências da subárea de Linguagem e Linguística". *Intersecções*, 9 (2): 234-250.
- FIORIN, José Luiz. (2007), "Internacionalização da produção científica: a publicação de trabalhos de Ciências Humanas e Sociais em periódicos internacionais". *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, 4 (8): 263-281
- GANTMAN, Ernesto. (2011), "La productividad científica argentina en ciencias sociales: economía, psicología, sociología y ciencia política en el Conicet (2004-2008)". *Revista Española de Documentación Científica*, 34 (3): 408-425.
- GANTMAN, Ernesto. (2012), "Economic, linguistic, and political factors in the scientific productivity of countries." *Scientometrics*, 93 (3), 967-985.
- GANTMAN, Ernesto & FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, Carlos J. (2016), "Literature segmentation

- in management and organization studies: The case of Spanish-speaking countries (2000-10)". *Research Evaluation*, 25 (4), 461-471.
- GEERTZ, Clifford. (1994), *Conocimiento local. Ensayos sobre la interpretación de las culturas*. Barcelona, Paidós.
- GIBERT GALASSI, Jorge. (2013), *Autonomía y dependencia en las ciencias sociales latinoamericanas: un estudio de bibliometría, epistemología y política*. Buenos Aires, Clacso.
- GINGRAS, Yves & MOSBAH-NATANSON, Sébastien. (2010), "Where are social sciences produced?". In: *World social science report. Knowledge divides*. Paris, Unesco.
- HANAFI, Sari. (2011), "University systems in the Arab East: Publish globally and perish locally vs publish locally and perish globally". *Current Sociology*, 59 (3), 291-309.
- HEILBRON, Johan. (2014), "The social sciences as an emerging global field". *Current Sociology*, 62 (5): 685-703.
- HEILBRON, Johan & BOKOBZA, Anaïs. (2015), "Transgresser les frontières en sciences humaines et sociales en France". *ARSS*, 215: 108-121.
- KAPLAN, Carina & PIOVANI, Juan Ignacio. (2018), "Capitales y trayectorias socioeducativas". In: PIOVANI, Juan Ignacio & SALVIA, Agustín (orgs.). *La Argentina en el siglo XXI. Cómo somos, vivimos y convivimos en una sociedad desigual*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno.
- MADEIRA, Rafael Machado & MARENCO, André. (2016), "Os desafios da internacionalização: mapeando dinâmicas e rotas da circulação internacional". *Revista Brasileira de Ciência Política*, 19: 47-74.
- MOSBAH-NATANSON, Sébastien & GINGRAS, Yves. (2014), "The globalization of social sciences? Evidence from a quantitative analysis of 30 years of production, collaboration and citations in the social sciences (1980-2009)". *Current Sociology* 62 (5): 626-646.
- ORTIZ, Renato. (2009), *La supremacía del inglés en las ciencias sociales*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno.
- PHILLIPSON, Robert. (1992), *Linguistic imperialism*. Oxford, Oxford University Press
- PHILLIPSON, Robert. (2013), "Linguistic imperialism". In: CHAPPELLE, Carol A. (org.). *The Encyclopedia of Applied Linguistics*. Chichester, Wiley.
- PIOVANI, Juan Ignacio. (2019), "Styles of academic production in the Argentine social sciences: heterogeneity and heterodoxy". *Serendipities. Journal for the Sociology and the History of the Social Sciences*, 4 (1-2): 27-48.
- SAYER, Peter. (2018), "Does English really open doors? Social class and English teaching in public primary schools in Mexico". *System*, 73: 58-70.
- SHIN, Hye Won & SO, Youngsoon. (2018), "The moderating role of socioeconomic status on motivation of adolescents' foreign language learning strategy use". *System*, 73: 71-79.
- SMALA, Simone *et al.* (2013), "Languages, cultural capital and school choice: distinction and second-language immersion programmes". *British Journal of Sociology of Education*, 34 (3): 373-391.

TSIPLAKIDES, Iakovos. (2018), "Shadow education and social class inequalities in secondary education in Greece: the case of teaching English as a foreign language". *International Journal of Sociology of Education*, 7 (1): 71-93.

VESSURI, Hebe *et al.* (2014), "Excellence or quality? Impact of the current competition regime on science and scientific publishing in Latin America and its implications for development". *Current Sociology*, 62 (5): 647-665.

Resumen

Origen social, competencias lingüísticas y patrones de publicación científica en Argentina, Brasil y Chile

En este artículo se analizan las condiciones de adquisición de competencia lingüística en lengua inglesa y el uso de idiomas extranjeros en las publicaciones de investigadores de Argentina, Brasil y Chile. El análisis se basa en los resultados de una encuesta *cross-national* realizada a muestras de investigadores integrados al núcleo central del sistema científico de cada país. En relación con el foco principal del artículo, se abordan las modalidades de adquisición de la competencia lingüística y su relación con factores sociodemográficos, como el origen social, y con la trayectoria formativa. Por otra parte, se analiza la relación entre las competencias lingüísticas y la publicación científica, y se explora el lugar de las disciplinas en el uso de idiomas extranjeros. Los resultados ponen en evidencia que existe una asociación entre el origen social, la trayectoria formativa, las modalidades de adquisición de competencias en inglés y el nivel de dichas competencias. Sin embargo, e independientemente de su dominio de la lengua, la mayoría de los investigadores de los tres países publica en inglés y, en todo caso, su nivel de competencia tiene incidencia en las estrategias de escritura (autónomas, colaborativas o por traducción profesional). En términos comparativos, los científicos brasileños son los que más publican en inglés, aunque en el caso chileno la menor proporción de publicaciones en esta lengua podría deberse al mayor peso que tienen en su muestra los investigadores de ciencias sociales y humanas, toda vez que, en estas disciplinas, al menos en América Latina, el inglés no ha adquirido un estatus de lengua franca equivalente al de las ciencias naturales.

Palabras clave: Competencias lingüísticas; Publicación científica; Origen social; Argentina; Brasil; Chile.

Resumo

Origem social, competências linguísticas e padrões de publicação científica na Argentina, Brasil e Chile

Este artigo analisa as condições de aquisição de competência linguística em língua inglesa e o uso de idiomas estrangeiros nas publicações de pesquisadores da Argentina, Brasil e Chile. A análise se baseia nos resultados de um questionário *cross-national* respondido por uma amostra

do conjunto de pesquisadores integrados ao núcleo central do sistema científico de cada país. O foco principal do artigo são as modalidades de aquisição da competência linguística e sua relação com características sociodemográficas, como a origem social, e com a trajetória de formação. Além disso, o artigo analisa a relação entre as competências linguísticas e a publicação científica, e explora a variação disciplinar no uso de idiomas estrangeiros. Os resultados mostram que existe uma associação entre origem social, trajetória de formação, modalidades de aquisição da competência em inglês e o nível dessas competências. No entanto, independentemente do domínio da língua, a maioria dos pesquisadores dos três países publica em inglês, e, em todos os casos, seu nível de competência tem impacto sobre suas estratégias de escrita (autônomas, colaborativas ou via tradução profissional). Em termos comparativos, os pesquisadores brasileiros são os que mais publicam em inglês, embora, no caso chileno, a menor proporção de publicações nessa língua possa se dever ao maior peso dos pesquisadores em ciências sociais e humanas na amostra, uma vez que, nessas disciplinas, pelo menos na América Latina, o inglês não adquiriu o mesmo *status* de língua franca que nas ciências naturais.

Palavras-chave: Competências linguísticas; Publicação científica; Origem Social; Argentina; Brasil; Chile.

Abstract

Social origin, language skills and scientific publication patterns in Argentina, Brazil and Chile
This article analyzes the conditions of acquisition of linguistic competence in the English language and the use of foreign languages in the publications of researchers from Argentina, Brazil and Chile. The analysis is based on the results of a cross-national survey carried out on samples of the researchers most integrated into the central nucleus of the scientific system of each country. In relation to the main focus of the article, the modalities of acquisition of linguistic competence and its relationship with sociodemographic factors, such as social origin, and with the educational trajectory are addressed. On the other hand, the association between linguistic competence and scientific publication, and the place of scientific disciplines in the use of foreign languages are analyzed. The results show that there is a connection between social origin, educational trajectory, ways of acquiring English skills and the level of these skills. However, and regardless of their linguistic proficiency, the majority of researchers in the three countries publish in English and, in any case, their level of competence has an impact on writing strategies (whether autonomous, collaborative or mediated by professional translation). In comparative terms, Brazilian scientists publish the most in English, although in the Chilean case the lower proportion of publications in this language could be due to the greater weight of social and human scientists in the sample, since, in these disciplines, at least in Latin America, English has not acquired a *lingua franca status* equivalent to that of the natural sciences.

Keywords: Linguistic skills; Scientific publication; Social origin; Argentina; Brazil; Chile.

Texto recebido em 14/12/2021 e aprovado em 12/07/2022.

DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2022.193439

ANA MARIA ALMEIDA é professora titular da Faculdade de Educação da Unicamp. Suas pesquisas examinam a contribuição da escola para a produção e reprodução das desigualdades e os efeitos da circulação internacional de teorias, modos de análise e retóricas de validação sobre a produção e difusão de dispositivos de governo na área educacional. Coordena o Grupo de pesquisa sobre Educação, Instituições, Desigualdades (Focus). É editora associada de *Educação & Sociedade*. É co-coordenadora da Comissão Gênero e Sexualidade da Unicamp e co-chair do Gender Working Group do Global Research Council. E-mail: aalmeida@unicamp.br.

DENIS BARANGER é sociólogo, professor emérito da UNAM (Argentina), com funções docentes e de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Especializado em metodologia e epistemologia, trabalha com a recepção da obra de Bourdieu na Argentina e na América Latina e o campo argentino das ciências sociais. É autor de *Epistemologia e metodologia na obra de Bourdieu* (Buenos Aires, Prometeo, 2004) e de outros livros, além de numerosos artigos e capítulos publicados na Argentina e no exterior. Em 2016 recebeu o Prêmio Konex, Diploma al mérito en Sociología. E-mail: baranger.denis@gmail.com.

JUAN IGNACIO PIOVANI é professor titular da Facultad de Humanidades de la Universidad Nacional de La Plata (Argentina) e pesquisador principal do Conicet e Mecila. Dedicase a temas relacionados com a história dos métodos e técnicas de pesquisa, com o campo das ciências sociais na Argentina, com o mercado de trabalho e as desigualdades sociais. É autor de vários livros e numerosos artigos publicados em revistas europeias e latino-americanas. E-mail: juan.piovani@presi.unlp.edu.ar.



Social origin, language skills and scientific publication patterns in Argentina, Brazil and Chile¹

Ana Maria Almeida*

<https://orcid.org/0000-0002-4504-0423>

Denis Baranger**

<https://orcid.org/0000-0002-2501-4949>

Juan Ignacio Piovani***

<https://orcid.org/0000-0002-8774-3258>

Introduction

This article aims to systematically compare the answers given by a group of researchers linked to scientific and university institutions in Argentina, Brazil, and Chile to a questionnaire focused on their sociodemographic characteristics and academic trajectory, the conditions of acquisition of English language proficiency, and the use of foreign languages in their publications (Ecapin Surveys, 2018).

The study focused on “matched” populations made up of the researchers that participate in the central core of each country’s scientific system (s&t). However, given that each country has a different s&t system, it was not possible to achieve perfect equivalence. Thus, in the case of Argentina, the total number of researchers of the National Council for Scientific and Technical Research (Conicet) was taken as the population. In Brazil, researchers linked to the staff of level 7 doctoral programs (maximum qualification of the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes)² were considered. In the Chilean case, those

* Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil.

** Universidad Nacional de Misiones, Misiones, Argentina.

*** Universidad Nacional de La Plata, Buenos Aires, Argentina.

1. The financial assistance of the Neies Mercosur Program (SPU-Capes) towards this research is hereby acknowledged (Project n. 3/2015).
2. This criterion was applied because, in Brazil, full-time researchers’ affiliation with a university graduate program is the norm.

who developed projects financed by the National Fund for Scientific and Technological Development (Fondecyt) – the most competitive in the national scientific system – from 2000 to 2014.

Data collection was done by e-mail using self-administered questionnaires. In Argentina and Brazil, all members of the universe were invited to participate, while in Chile, a systematic probability sampling procedure was adopted. However, taking into account the low response rates – predictable in this type of survey – the final result in the three countries was that of voluntary or self-selected samples.

The questionnaire is composed of several sections common to the three countries. The questionnaire inquired about [basic] socio-demographic and educational characteristics, academic background and current institutional affiliation, conditions linked to the use of foreign languages, and the acquisition of English proficiency. The questionnaires were generally equivalent, although, in each country, it was necessary to make adaptations to account for local specificities, which resulted in some differences that affected the possibilities of comparison.

The questions addressed in this article are framed by what Beigel (2014) defines as the Global Academic System, in which there is a prevalence of a mainstream publication scheme composed of leading journals indexed in international databases (Beigel, 2017). In addition, there is a clear bias in favor of articles in English (Ortiz, 2009) produced mainly by Northern scholars, especially in the case of the social sciences (Mosbah-Natanson and Gringas, 2014).

In this context, issues related to the international circulation of knowledge, which depends on communication mediated by face-to-face interactions and, more importantly, by texts, take on particular relevance. The unequal distribution of the linguistic competence required to participate in these exchanges is, therefore, one of the challenges facing researchers. For those who communicate in a language other than those dominant in their field, as is the case for many researchers from less developed countries, the acquisition of language skills can be particularly difficult and, as Danell (2013) points out, operates as a barrier to publishing in mainstream journals in the Global Academic System. At the same time, in a broad sense, the question of the dominant language in science cannot be dissociated from what Phillipson (1992; 2013) calls “linguistic imperialism”, which also operates in culture, education, economics and the media, among other spheres, characterized by being structural, ideological and hegemonic.

To participate in the central debates of their disciplines, researchers working in less preeminent languages must master the dominant language³ – which many

3. However, participation in the international debates of the discipline through publication in interna-

experts consider as being already English even in the social sciences (Danell, 2013; Heilbron, 2014; Mosbah-Natanson and Gringas, 2014) –, resort to the work of translators, or entrust foreign colleagues to write papers they want to circulate to audiences outside their national or linguistic communities. All these strategies require resources that are not equally available to all: money, time, contacts, and expertise.

As obvious as this issue may seem, the academic literature on the international circulation of knowledge too often ignores how asymmetries in the mastery of a foreign language interfere with the possibility of submitting an article to a conference, a manuscript to a journal or a book to an international publisher. This article aims to contribute to fill this gap by examining the uses of foreign languages in the publications of researchers from Argentina, Brazil and Chile, working in different disciplines, relating these uses to their social profiles and, in particular, to the conditions for the acquisition of linguistic competence.

The article is organized into three sections. The first examines the modalities of language proficiency acquisition. The second section analyzes the relationship between these skills and scientific production. Finally, the third section explores how disciplinary differences play a role in the use of languages in the three countries.

Social and school trajectories and foreign language proficiency

The responses to the questionnaire used in the research made it possible to analyze in detail the modalities of acquisition and development of English skills, whether early or later in the life course, whether for family or professional reasons, and, finally, whether in the framework of processes linked to family demands, the school curriculum or the requirements of the profession.

As other studies have shown (Tsiplakides, 2018; Butler and Le, 2018; Sayer, 2018; Shin and So, 2018; Smala *et al.*, 2013; Kaplan and Piovani, 2018), the responses obtained prove to what extent foreign language proficiency depends on the family and school resources made available to students. More precisely, it is evident that asking about the acquisition and mastery of a foreign language means to ask also about the social position of the researchers, that is, about the learning resources they were able to access, and even about the type of schooling and the modalities of international circulation that were available to them early in life as a function of their social position.

tional journals of the mainstream circuit does not necessarily go hand in hand with higher scientific impact or relevance in the local scientific community in the case of scientists from peripheral contexts. At least, this is what Hanafi (2011) shows in the case of science in Arab countries.

In this sense, the variation in the self-perceived level of English language proficiency of the researchers interviewed, as a whole, follows the variation in the school capital of their home of origin, as measured by the formal educational level of their fathers and mothers. As seen in Table 1, researchers from families whose parents have low school capital report lower English proficiency. The differences between groups, although narrow, are consistent. This association between English proficiency and family school capital is strongest for oral proficiency, but also present in reading comprehension and writing.

TABLE 1
Average English proficiency (scale 1-3) according to parents' educational capital

PARENTS' EDUCATIONAL CAPITAL	READING	LISTENING	SPEAKING	WRITING
Very low	2,80	2,37	2,25	2,39
Low	2,82	2,34	2,24	2,42
Medium	2,83	2,41	2,31	2,47
High	2,86	2,51	2,36	2,50
Very high	2,91	2,64	2,50	2,55
Total	2,85	2,47	2,34	2,48

Source: Ecapin Surveys.

On the other hand, according to the researchers' responses, foreign language learning occurred mainly during the formative years, especially in childhood and adolescence, or during graduate studies (see Table 2). A higher proportion of researchers from Argentina and Chile indicate that foreign language learning occurred in childhood and adolescence, while a higher proportion of researchers from Brazil mentioned that it occurred during their graduate studies. A small proportion of Chilean researchers (5%) reported having acquired proficiency in English as part of their professional practice, but this alternative response was not included in the questionnaires for Brazil and Argentina.

This result helps to explain why, among the reasons listed for learning foreign languages, the most frequently mentioned are school and academic training requirements, followed by those of professional life and, more specifically, those of publishing abroad (see Table 3). Only researchers from Brazil mention "living abroad" among the reasons for studying English. In comparative terms, personal interest and family demands weigh more among the Argentinean researchers, than the Brazilian and Chilean ones, whereas the curricular requirements of primary and secondary school count more in Chile and Argentina than in Brazil. In the latter

country, the requirement to learn English during graduate studies stands out, as already mentioned, and the need to publish in English (to a larger extent than in Argentina and Chile).

TABLE 2
Period of English language acquisition by country (%)

PERIOD DURING WHICH ENGLISH LANGUAGE SKILLS WERE ACQUIRED	Argentina	Brazil	Chile
Childhood and adolescence	71%	55%	42%
Undergraduate program	49%	41%	23%
Graduate program	51%	65%	28%
Professional practice	0%	0%	5%
n (=100%)	2390	597	208

Note: in Argentina and Brazil multiple responses were allowed; in Chile only one response was allowed.

Source: Ecapin Surveys.

TABLE 3
Reasons for studying English, by country (%)

REASONS FOR STUDYING ENGLISH	Argentina	Brazil	Chile
Personal interest	53%	51%	45%
Family requirement	35%	23%	10%
Elementary and middle school requirement	11%	9%	
High school requirement	22%	12%	
K-12 requirement			36%
Undergraduate program requirement	24%	22%	
Graduate program requirement	31%	47%	
Undergraduate or graduate program requirement			61%
To read academic texts	46%	53%	51%
For academic mobility abroad	28%	23%	38%
To interact in Chile with foreigners			21%
To publish in English	40%	44%	36%
For contact with colleagues abroad	30%	35%	29%
Living abroad (1)		29%	
n (=100%)	2390	597	208

Unlimited options in the 3 countries

(1) This option appeared only in the Brazilian form.

Source: Ecapin Surveys.

The use of specialized private language learning centers seems to be the most recurrent strategy for learning English, especially among Brazilian and Argentine researchers. At the same time, linguistic immersion in a foreign country is an experience shared by a good part of the researchers of the three countries. However, some differences stand out. In Brazil and Chile, learning within the family is mentioned more than in Argentina, whereas bilingual schooling is more frequent among Argentine researchers and even more so among Chileans⁴. Finally, private tutoring, which is very frequent in Brazil, where a whole sector of service provision flourishes around universities, is not mentioned in the other two countries, at least for researchers of the generations included in this study.

TABLE 4
Modalities of English language acquisition, by country (%)

MODALITIES OF ENGLISH LANGUAGE ACQUISITION	Argentina	Brazil	Chile
Within the family	4%	10%	12%
Bilingual primary or secondary education	10%	2%	17%
Non-bilingual primary or secondary education	21%	21%	38%
At a specialized private language institute	82%	72%	46%
By immersion in a foreign country	32%	44%	46%
By self-study	23%	34%	6%
By independent private tutoring	0%	25%	0%
n (=100%)	2390	597	208
Unlimited options in the 3 countries			

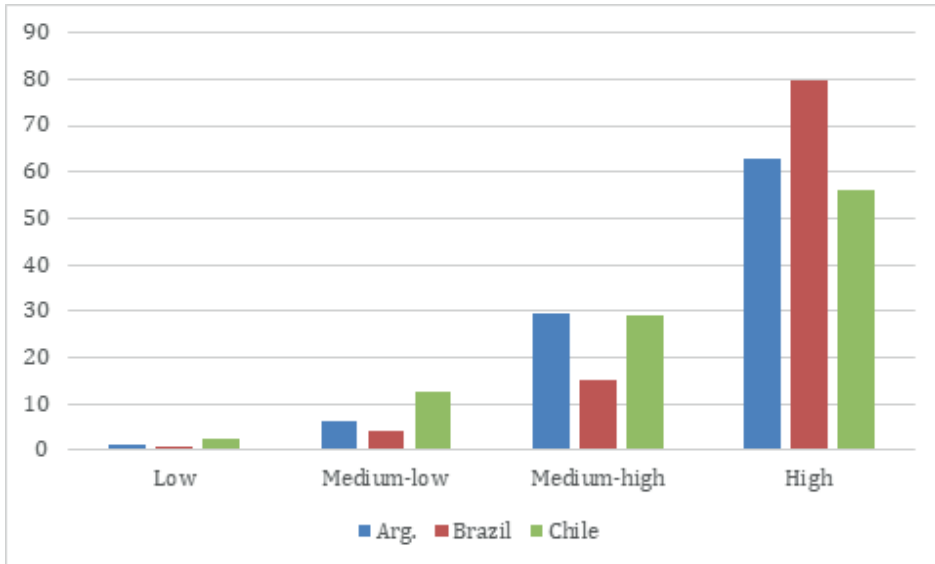
Source: Ecapin Surveys.

Regardless of the place or strategy through which the English language has been learned, researchers' perceptions of their level of proficiency vary. Those from Brazil report higher proficiency in all domains (reading, listening, speaking, writing), followed by researchers from Argentina and, in third place, those from Chile. An aggregate index of 4 levels of proficiency (low / medium-low / medium-high / high) that we have constructed considering together the four domains surveyed confirms this result. Although the majority of scientists present high (65.9%) or medium-high (26.7%) levels of English language proficiency and the samples of the three countries follow very similar patterns, Figure 1 shows some differences.

As noted above, Brazilian scientists are those who report the highest proportion of high levels of competence (79.6%), followed by Argentines (63.3%) and Chil-

4. This is consistent with the high proportion of Chilean scientists coming from elite private schools.

FIGURE 1:
English language proficiency, by country (%)



Source: Ecapin Surveys.

eans (56%). Also, among Brazilians, the percentage of those who barely reached medium-low competencies is lower (4.3%, compared to 6.4% among Argentines and 12.6% among Chileans). This result contrasts with the English Proficiency Index of the general population of each country, measured by Education First⁵. In 2019, Argentina ranked 27th globally with a score of 58.38 (high proficiency level), Chile ranked 42nd with 52.89 points (moderate level), and Brazil ranked 59th with 50.10 points (low level).

Language skills and scientific publication

Beyond the levels of proficiency in English and the ways of acquiring knowledge of this language, it is worth considering its relationship with scientific production and publication.

First, 98.2% of the Brazilians, 94.2% of the Argentines and 90.4% of the Chileans published at least one text in English. As was to be expected, publishing in this language relates to the levels of linguistic competence. Among Argentines with basic or no knowledge of English, only 42.9% have published in English, while among those with high English proficiency this figure rises to 96.4%. For Brazil-

5. <https://www.ef.com/wwen/epi/>.

ians, these percentages vary, for both extremes of the proficiency scale, between 80% and 99.6% and, for Chileans, between 60% and 96.6%. Among those with low linguistic competence, the contrast between the low percentage of Argentine scientists and the relatively high percentage of Brazilians with publications in English stands out.

On the other hand, the relationship between the family educational capital and the propensity to publish in English does not have the same intensity nor follow the same pattern in the three subsamples. In the Argentine sample, the differences between social groups are not significant. In the cases of Chile and Brazil, as shown in Table 5, the percentage of those who have published in English increases among those who come from households with high or very high educational capital.

TABLE 5
English-language publications by family educational capital, by country

		FAMILY EDUCATIONAL CAPITAL		
		Very low/Low	Medium	High / Very high
ARGENTINA	Has not published in English	4,9%	5,5%	6,5%
	Has published in English	95,1%	94,5%	93,5%
BRAZIL	Has not published in English	2,8%	1,9%	,8%
	Has published in English	97,2%	98,1%	99,2%
CHILE	Has not published in English	12,5%	15,4%	7,7%
	Has published in English	87,5%	84,6%	92,3%

Source: Ecapin Surveys.

However, besides assessing the existence of publications in English, it is relevant to analyze their relative weight within the total scientific production of each researcher. In the case of Argentine and Brazilian researchers, publications in English represent more than 75% of the total for 68.7% of them. For 7.5% they represent between 50 and 75%, for 4.3% between 25 and 50%, for 6.6% between 10 and 25% and for 9.8% less than 10%. The differences between Argentines and Brazilians -for whom the information is available in the database- are not notable, although the proportion of publications in English is slightly higher among Brazilians: 69.3% of them have more than 75% of their publications in this language, compared to 68.6% of Argentines, and only 8% have less than 10% of their publications in English, compared to 10.3% of Argentines.

As expected, the level of proficiency in English has a significant impact on writing strategies. Among those with basic competency, there were no cases of direct writing in English, while 22.6% wrote in their native language and sent the text for

translation. On the other hand, among those with advanced proficiency, less than 1% write in their native language and send the text for translation, and 33% write directly in English without subsequent revision.

Another strategy for publication in English is co-authorship. In the case of Argentina, only 3.2% of the scientists surveyed have not published in English as co-authors, while in Brazil, this figure rises to 4.7%. Co-authored writing strategies follow similar patterns to those of individual authorship. In the Brazilian case, an intriguing fact refers to the percentage of publications in English made in collaboration with English-speaking colleagues. While 1.8% of researchers have published all their articles in English with these colleagues, 26.6% have never published with native speakers. At the same time, 56.4% of the researchers stated that up to 50% of their articles in English were the result of collaboration with English speakers colleagues, and 12.7% said that they had more than half – but not all – of their publications in English co-authored by this type of collaborator.

Scientific disciplines and use of languages

Whether considered as “cultural structures” (Geertz, 1994, p. 24) or “institutional” (Heilbron and Bokobza, 2015, p. 8), disciplines have a social, rather than strictly epistemological, existence, from which follows a tendency to attract specific types of agents and to condition their practices (Bourdieu, 2001).

Regardless of the discipline, customarily used languages indicate the breadth of the community or scientific field in which the researcher navigates. In some cases, the command of English as a *lingua franca* is crucial, expressing the researchers level of insertion in the discipline mainstream, and their very existence as researchers. For others, this is not the case. Thus, research shows that any self-respecting physicist, for example, has to play on the global level of their discipline, while many social scientists can free themselves from this requirement. As Gantman (2012) concludes in his work on the influence of economic, linguistic and political factors on scientific productivity in different countries and disciplines, the language in which the work is presented is significant in the social sciences, as well as in medicine and agricultural sciences, but not in the exact sciences, where English is the *lingua franca*.

In what follows, we show what the data collected say about the disciplinary differences in the use of languages in Argentina, Brazil and Chile. The classification of researchers into major disciplinary areas poses some difficulties, since these are defined differently in the three countries. Thus the study adopted each country’s institutional classification. Table 6 shows the composition of the samples by research area, showing that researchers who have published in English predominate widely in

most of them – reaching 100% in many cases – while the percentages are somewhat lower in the social sciences and humanities in the three countries.

TABLE 6
Composition of samples by major disciplinary areas and by country (%)

DISCIPLINARY ÁREAS BY COUNTRY	% Have published in English	n (=100%)
Argentina: Biological Sciences and Health	100,0%	702
Argentina: Exact and Natural Sciences	100,0%	601
Argentina: Social Sciences and Humanities	76,9%	590
Argentina: Technological Development	100,0%	99
Argentina: Engineering and Agrarian Sciences	99,5%	398
Brazil: Agrarian Sciences	100,0%	30
Brazil: Biological Sciences	100,0%	87
Brazil: Health Sciences	100,0%	86
Brazil: Mathematics, Physical Sciences and Geosciences	100,0%	205
Brazil: Humanities	92,8%	83
Brazil: Applied Social Sciences	92,0%	25
Brazil: Engineering	98,5%	65
Brazil: Linguistics, Letters and Arts	84,6%	13
Chile: Arts	100,0%	3
Chile: Mathematics and Physical Sciences	100,0%	90
Chile: Law, Economics and Management	75,0%	4
Chile: Social Sciences	85,7%	42
Chile: Humanities (History, Litterature, Philosophy etc.)	50,0%	24
Chile: Technology and Enginnering Sciences	95,7%	23
Chile: Technology and Medical Sciences	100,0%	10
Chile: Technology and Forestry, Agrarian and Livestock Sciences	100,0%	12

Source: Ecapin Surveys.

To obtain a synthetic approximation to the structure by domain areas of the national samples, we attempt in Table 7 to homogenize the categories based on the Argentine classification. There is some arbitrariness in this approach since, in principle, the inclusion of a researcher in one or another disciplinary area and in a particular discipline is the result of an individual choice of each respondent among

a set of alternatives provided in the survey form⁶. Furthermore, in Argentina, the “Technological Development” area can include researchers from almost any discipline (in some cases, this is the only information available)⁷.

TABLE 7
Composition of samples by country according to Conicet Major Areas (%)

LARGE DISCIPLINARY AREAS ACCORDING TO CONICET	COUNTRY OF THE SURVEY		
	Argentina	Brazil	Chile
Biological and Health Sciences	29%	29%	7%
Exact and Natural Sciences	25%	34%	39%
Social Sciences and Humanities	25%	21%	35%
Technological Development	4%	0%	0%
Engineering and Agrarian Sciences	17%	16%	19%
n (=100%)	2390	597	208

Source: Ecapin Surveys.

On the other hand, in Table 7, we are the ones who decide on the inclusion of Brazilian and Chilean researchers in a large area, since the inclusion of a particular discipline or sub-discipline does not respond to easily objectifiable factors⁸. The result shows the lower weight of medical research in the Chilean sample and the greater importance of the social sciences and the humanities.

But it does not make much sense to examine the importance of English at the level of the five major disciplinary areas, since they are actually grouping disparate disciplines in regard to the use of English. Determining a more precise relationship between language usage and discipline requires a more disaggregated analysis, at least at the level of the disciplines. We thus do not consider the large disciplinary areas as an independent variable. In any case, the purpose of classifying researchers

6. This choice may vary throughout a researcher’s career and may be due to strategic reasons on the part of the researcher.
7. “Technological Development” is a large area recently created in Conicet in response to the government’s desire to increase technological research. Previously, the division of researchers among four large areas aimed at achieving a “balanced” development, meaning one in which each large area received a quarter of the resources (for example, grants and positions for researchers of the CIC). In a survey conducted on 11-Nov-2019 of the 270 CIC researchers included in that category, we found a predominance of disciplines such as Biotechnology, Chemical Engineering, Medicine, Forestry Engineering etc., and no more than five belonging to the social sciences.
8. Is a researcher that develops a vaccine working in the Medical Sciences, Natural Sciences, or Engineering? Disciplines such as “Ecology” or “Genetics” are sometimes classified in the Exact and Natural Sciences realm, other times in Biology and Health Sciences or even under Engineering and Agricultural Sciences, and so on.

into disciplines cannot be to determine non-existent “pure” categories, much less “real” ones, but only to identify groups of researchers who presumably will tend to have similarities in terms their scientific production and publication practices⁹.

For some of the disciplines surveyed in the sample, the *n* turns out to be insufficient. Therefore, we have set a threshold of 32 (1% of the total of the three samples) to include a discipline in the list in Table 8. Clearly, the modalities shown in the table are not exhaustive, since we have eliminated low-frequency disciplines from the list. Moreover, they are not mutually exclusive in the strict sense either, since several grouped categories have been retained, such as social sciences, which includes individuals from the disciplines that appear by themselves elsewhere in the list. But this is not a problem because our interest is to determine the extent to which different disciplines or groups of disciplines behave analogously in the three countries.

In table 8, we ordered the disciplines according to the proportion of researchers that declared having published more than 75% of their bibliographical output in English (fourth column). This indicator is more appropriate for estimating the importance of the English language in each given discipline than simply acknowledging the existence of one publication. Indeed, the high percentages of English publications in some of them show that the scientific community of reference for the researchers is primarily Anglophone, so that publication in English becomes an indispensable condition for belonging to the field. At the bottom of the table, the percentages are close to 0% for some of the social sciences and humanities. It indicates that, for those disciplines, English is far from playing the leading role.

The second column indicates the percentage of researchers in each discipline who self-assessed themselves as having an “advanced” level of written expression. The data show that this does not seem to affect the possibility of publishing in English. Although the percentage of researchers declaring a high proficiency tends to decrease as one moves down the list, the correlation with the publishing output is far from perfect. As seen in the previous section, researchers circumvent the obstacles of writing in English in multiple ways. One of them is writing with a proficient colleague, which is favored when the multi-author publication mode predominates, as is the case in the natural and medical sciences domains seen at the top of the table.

Regarding the publication in other languages, the comparative analysis will be limited to Argentina and Brazil since the Chilean survey does not provide this information.

9. Strictly speaking, for a definition of the researchers’ habitus, it would be necessary to disaggregate the data even more, taking into account sub-disciplines and subjects of study. That is why Bourdieu, for example, did not refer to biologists “in general” but to molecular biologists, or to the case of phage workers (who study bacteriophages) as “an example of a group endowed with a distinctive culture and a normative structure that has played the role of integration factors” (2001, p. 135).

TABLE 8
Writing and publishing proficiency in English, by discipline (%)

DISCIPLINES	Advanced English writing	Have published in English	> 75% of publications in English	n
Chemistry	61%	100%	91%	202
Physics	77%	100%	90%	229
Astronomy	76%	100%	90%	50
Biochemistry	69%	100%	90%	48
Mathematics	79%	100%	88%	58
Computer Sciences	92%	100%	86%	51
Medical Sciences	67%	100%	86%	265
Biology	62%	100%	84%	535
Veterinarian Sciences	55%	100%	80%	51
Engineering	56%	99%	77%	303
Technological Development	43%	100%	77%	99
Agrarian Sciences	57%	99%	72%	154
Geosciences, Water and Atmospheric Sciences	53%	100%	65%	201
Economics	63%	97%	43%	35
Psicology	38%	94%	21%	52
Education	33%	88%	16%	49
Social Sciences	46%	76%	8%	63
History	31%	66%	6%	95
Political Science	37%	80%	4%	46
Antropology	35%	88%	3%	34
Philosophy	62%	85%	2%	66
Sociology	30%	74%	1%	104
Archeology	33%	96%	0%	55
Social and Cultural Anthropology	28%	79%	0%	43
Literature	43%	59%	0%	49

Source: Ecapin Surveys.

TABLE 9
Researchers who published in other languages according to publication in English (%)

OTHER LANGUAGES	Argentina		Brazil	
	English No	English Yes	English No	English Yes
Spanish			64%	25%
Portuguese	13%	9%		
French	12%	7%	73%	11%
German	5%	4%	0%	4%
n (=100%)	138	2835	11	583

Source: Ecapin Surveys.

Table 9 shows, first of all, that the third most important language of publication is, as expected, Portuguese for Argentines and Spanish for Brazilians. French and, finally, German follow.

Generally, the percentages of third languages are higher among those who have not published in English, thus denoting a possible alternative form of internationalization (although marginal: there are only 11 – 2% – of Brazilians who have not published in English). It is remarkable how the percentages are much higher for Brazilians than for Argentines (except for German, which is of minimal importance).

Table 10 shows the disciplines in which publication in third languages is most important. The role of German is marginal, reaching significant figures for philosophy (33%) and, to a much lesser extent, for literature (11%) and sociology (9%). Publication in French is almost non-existent in the so-called hard sciences, reaching some relevance in the social sciences and the humanities. As for Spanish and Portuguese, it is remarkable how Brazilians, in all disciplines, exhibit higher percentages of publication in these languages than Argentines¹⁰.

Finally, Table 11 allows us to compare researchers from Argentina and Brazil. It is interesting to note the differences. For example, in some hard sciences, the importance of publications in English is lower in Brazil than in Argentina. The reason for these differences is not immediately clear. It could be the effect of the age of the Brazilian researchers included in this sample. Since they are older than the Argentinians, they could have begun publishing at a time when English was less important. Other possibility is that they have a more substantive national agenda than their Argentinian counterparts.

10. We have kept “Anthropology” and “Social and Cultural Anthropology” separate. In Argentina, the first includes biological anthropologists (although not only these), while in Brazil, in the absence of a separate option, it also concentrates social anthropologists. Thus, 58% of Brazilian anthropologists who have published in Spanish should be compared with 44% of Argentine “social” anthropologists who have done so in Portuguese.

TABLE 10
Researchers who published in other languages, by discipline (%)

DISCIPLINE	French	Portuguese	Spanish	German	n (= 100%)
Anthropology	17%	12%	58%	3%	29
Cultural and Social Anthropology	22%	44%		5%	41
Archeology	5%	11%		5%	55
Astronomy	6%	5%	8%	0%	50
Biology	3%	5%	13%	1%	505
Biochemistry	0%	7%	0%	2%	47
Earth, Water and Atmospheric Sciences	3%	6%	20%	4%	195
Agrarian Sciences	2%	3%	22%	1%	145
Medical Sciences	4%	2%	39%	2%	255
Political Sciences	18%	26%	33%	9%	45
Social Sciences	17%	7%	44%	2%	46
Computing Sciences	12%	0%	11%	4%	49
Technological Development	5%	5%	29%	3%	99
Economics	9%	4%		6%	35
Education	18%	20%	48%	7%	45
Philosophy	23%	18%	40%	33%	61
Physics	4%	7%	13%	2%	218
History	30%	22%	55%	6%	89
Engineering	5%	7%	23%	3%	278
Literature	26%	20%	67%	11%	47
Mathematics	12%	3%	10%	2%	57
Psychology	8%	26%	40%	0%	49
Chemistry	2%	3%	11%	3%	196
Sociology	24%	28%	73%	9%	96
Veterinary Sciences	4%	11%	33%	6%	48
Total	8%	9%	26%	4%	2987

Source: Ecapin Surveys.

TABLE 11
Researchers with more than 75% of their publications in English, by discipline and country (%)

DISCIPLINE	% with >75% publ. English	
	Argentine	Brazil
Anthropology	6%	0%
Social and Cultural Anthropology	0%	
Archeology	0%	
Astronomy	89%	92%
Biology	91%	76%
Biochemistry	98%	50%
Earth, Water and Atmospheric Sciences	66%	73%
Agrarian Sciences	78%	67%
Medical Sciences	97%	71%
Political Sciences	5%	0%
Social Sciences	0%	31%
Computing Sciences	100%	82%
Technological Development	77%	
Economics	36%	71%
Education	0%	32%
Philosophy	2%	0%
Physics	97%	91%
History	0%	55%
Engineering	86%	77%
Literature	0%	0%
Mathematics	94%	81%
Psychology	9%	53%
Chemistry	96%	85%
Sociology	0%	9%
Veterinarian Sciences	87%	67%

Source: Ecapid surveys.

Discussion and conclusions

One of the main issues addressed in this article is the relationship between socioeconomic status and the acquisition of foreign language skills. In line with the findings of previous studies such as Kaplan and Piovani (2018) for the Argentine case and Borges and Garcia Filice (2016) for the Brazilian case, we found an association between the social origin of scientists and the acquisition of foreign languages. Researchers coming from families with higher educational capitals present higher English skills. They tend to acquire them earlier through formal education and within the family. In addition, they have also completed their doctorates in U.S. universities in a higher proportion than their colleagues from lower social origins. Besides showing the link between social origin and foreign language acquisition, this result is relevant for understanding the production and circulation of knowledge. Scientists trained in English-speaking countries show a larger propensity to publish in English and in the mainstream publishing circuit, as noted by Gantman (2011) and Calvo *et al.* (2019). They also have more opportunities for developing academic links with English-speaking colleagues, which can translate in coauthored publications with them. As evidenced in this article, this is one of the strategies that facilitates publication in English. In this regard, Gingras and Mosbah-Natanson (2010) point out that social science researchers from peripheral regions such as Africa, Asia, and Latin America manage to insert themselves into the international scientific circuit by strengthening their collaboration with colleagues from other regions, especially North America and Europe. These authors indicate that, by 2005, more than 30% of the articles published by Latin American social scientists in the mainstream circuit resulted from international collaboration, and that 67.5% of those involved colleagues from the United States and Canada.

Regarding scientific publication patterns, most researchers in the sample have published in English, regardless of their level of competence. In the case of Argentina, there is no clear relationship between social origin and having published at least once in English. Among Brazilian and Chilean researchers, though, the proportion of those who have published at least once in English is somewhat higher among those who come from households with higher educational capital.

In addition, the level of competence in English affects how researchers write. Those who are more proficient publish more texts written autonomously, without sending them for translation, and even with less need to seek the review of a native English speaker or a colleague with better language knowledge. However, when considering the most internationalized subgroup, i.e., those who have published at least 75% of their total production in English, the relationship between the level of

competence and publication vanishes. The writing strategies still vary though, with those who have better proficiency being more autonomous.

Brazilian scientists are, on average, the ones who publish the most in English, although they make up the oldest sample. This result may be relevant if one assumes that the diffusion of English teaching and the weight of this language in the scientific system have increased over time¹¹. Unlike their younger colleagues in Argentina and Chile, who predominantly report having developed language skills during childhood and adolescence, a higher proportion of Brazilian scientists have acquired them during graduate studies. This result suggests that, at least in this country, the language competence of researchers seems to be closely associated with the academic profession. This association seems to indicate that the use of English in scientific writing and publication does not depend as much on early language acquisition as on the degree of professionalization and internationalization of the scientific systems in which the researchers navigate.

This explanation would explain, for example, the high proportion of Brazilian scientists who, even with little or no knowledge of English, have published in this language (80%), compared to 60% of Chileans and, especially, with 42.9% of Argentines. In the case of Spanish-speaking scientists, the literature notes other explanatory factors for variation in publication styles. Gantman and Fernández Rodríguez (2016), for example, show that participation in the segment of international publications in English, as opposed to the segment of local/regional publications in the researchers' language, seems to be strongly influenced by the type of higher education institution to which they are affiliated. This seems convergent with the findings of this article, insofar as the institutions whose researchers publish more predominantly in the international circuit are, at the same time, more professionalized and internationalized.

Chilean scientists, meanwhile, are the ones who publish the least in English. This result seems to contradict a number of key issues: a) the larger proportion of Chilean researchers with PhDs in English-speaking countries (since them, as has already been pointed out, tend to publish more in English); b) the scientific and university policies which, in this country, promote mainstream publications through monetary prizes. But it should be borne in mind that the Chilean sample is the one with the highest weight of social and human sciences – more than 30% of the total –, and that these

11. Regarding the characteristics of the sample, we recall that, in the Brazilian case, it is composed of the teaching-research staff of the doctoral programs with the highest Capes rating. Given that this institution gives considerable weight to internationalization and that among its indicators is publishing in foreign journals, it follows that, by definition, the teachers-researchers of the best-evaluated programs are usually those who have published the most in foreign languages.

disciplines are, in turn, the ones with the lowest proportions of publication in English in all countries. Furthermore, although Chilean scientists – as already mentioned – are the ones who, in the highest proportion, obtain their doctorates in English-speaking countries, in the case of the social sciences and the humanities, Spanish doctorates stand out in the first place – and by a considerable margin. Therefore, the lower proportion of researchers with publications in English in the Chilean sample could be explained by its own composition, given the association observed between scientific disciplines and the propensity to publish in English.

Indeed, researchers in the social sciences and the humanities publish less in English in all three countries, especially in Argentina. This result is in line with a less internationalized system, i.e., presenting a higher proportion of researchers born in the country who have pursued their PhDs locally. It is also in line with a relatively more heterodox system regarding publication patterns compared to the standard models promoted by mainstream journals (Calvo *et al.*, 2019; Piovani, 2019). This lower propensity of Argentine social sciences and humanities researchers to publish in English compared to their Chilean and Brazilian colleagues (see Fiorin, 2007; Finardi and França, 2016; Madeira and Marengo, 2016, among others, for the case of international publications of Brazilian social sciences and humanities researchers), had already been pointed out by Gibert Galassi (2013) and can be ratified by resorting to secondary data such as those produced by Scimago about publications in mainstream journals.

The importance of publications in other languages is also noticeable in the social sciences and the humanities, although less so if compared to English. This result is consistent with the findings of Baranger and Niño (in press) for the researchers in these disciplines affiliated to the Conicet in Argentina, especially concerning what the authors call the “universalist model” of publication. It ratifies the relevance of the German tradition in philosophy and the weight of the French one in sociology, psychology, and other social sciences.

The larger importance of Spanish and Portuguese -among the third languages- in the publications of Brazilians and Argentines, respectively, results most likely from the similarities between both languages and from the geographical proximity and historical links that also involve the university and scientific systems. This result could provide empirical support to the idea of emerging regional circuits as an alternative to the mainstream, which authors such as Beigel (2014), Collyer (2018), Heilbron (2014), Piovani (2019), and Vessuri, Guédon, and Cetto (2014), among others, have referred.

Finally, as regards scientific disciplines and their relationship with publication in English, the very low – or even zero – percentages of researchers in social sciences

and humanities who publish predominantly in this language suggest that it is still far from playing the leading role that it evidently does, as a *lingua franca*, in the natural and biomedical sciences, even in Latin America. The regional scope of this statement is relevant because, as Gingras and Mosbah-Natanson (2010) point out, and depending on the database used, by the beginning of the 21st century between 85% and 95% of social science publications in the mainstream circuit were already written in English. However, the lower relative participation of publications in English in the total production of Latin American social scientists does not necessarily imply a lack of internationalization. On the contrary, as noted above, the weight of other languages, particularly Portuguese among Argentines and Spanish among Brazilians, validates what Baranger and Niño (in press) indicate about the universalist model of publication, as well as about the importance of the Ibero-American circuit for the internationalization of Latin American scientists (Baranger and Beigel, 2021).

At the same time, the data presented in this article can be interpreted to some extent as supporting Bourdieu's (2001) hypothesis, according to which differences in the social position and trajectory of the researchers can explain their attraction to specific disciplines. However, it would be necessary to carry out a much more detailed analysis to show how this factor influences the differences in competencies and publication practices among researchers.

Bibliographic References

- BARANGER, Denis & BEIGEL, Fernanda. (2021), "La publication en Ibéro-Amérique en tant que mode d'internationalisation des chercheurs en sciences humaines et sociales du Conicet (Argentine)". *Revue d'Anthropologie des Connaissances* [En ligne], 15 (3).
- BARANGER, Denis & NIÑO, Fernanda. (e/p), "El espacio de las disciplinas sociales en el Conicet". In: PIOVANI, Juan Ignacio *et al.* (orgs.). *Las ciencias sociales en la Argentina contemporánea*. Santa Fé, Ediciones UNL – Clacso.
- BEIGEL, Fernanda. (2014), "Introduction: Current tensions and trends in the World Scientific System". *Current Sociology*, 62 (5): 617-625.
- BEIGEL, Fernanda. (2017), "Científicos periféricos, entre Ariel y Calibán. Saberes institucionales y circuitos de consagración en Argentina: Las publicaciones de los investigadores del Conicet". *Dados: Revista de Ciências Sociais* 60 (3): 825-865.
- BORGES, Rovênia Amorim & GARCIA-FILICE, Renísia Cristina. (2016), "A língua inglesa no Programa Ciência sem Fronteiras: paradoxos na política de internacionalização". *Interfaces Brasil/Canadá*. 16 (1) : 72-101.
- BOURDIEU, Pierre. (2001), *Science de la science et réflexivité*. Paris, Seuil.

- BUTLER, Yuko Goto & LE, Vi-Nhuan. (2018), "A longitudinal investigation of parental social-economic status (SES) and young students' learning of English as a foreign language". *System* 73: 4-15, abril.
- COLLYER, Fran. (2018), "Global patterns in the publishing of academic knowledge: Global North, global South". *Current Sociology*, 66 (1): 56-73.
- DANELL, Rickard. (2013), "Geographical diversity and changing communication regimes. A study of publication activity and international citation patterns". In: DANELL, Rickard *et al.* (orgs.). *Social science in context: Historical, sociological, and global perspectives*. Lund, Nordic Academic Press.
- FINARDI, Kyria Rebeca & FRANÇA, Claudio. (2016), "O inglês na internacionalização da produção científica brasileira: evidências da subárea de Linguagem e Linguística". *Interseções*, 9 (2): 234-250.
- FIORIN, José Luiz. (2007), "Internacionalização da produção científica: a publicação de trabalhos de Ciências Humanas e Sociais em periódicos internacionais". *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, 4 (8): 263-281
- GANTMAN, Ernesto. (2011), "La productividad científica argentina en ciencias sociales: economía, psicología, sociología y ciencia política en el Conicet (2004-2008)". *Revista Española de Documentación Científica*, 34 (3): 408-425.
- GANTMAN, Ernesto. (2012), "Economic, linguistic, and political factors in the scientific productivity of countries." *Scientometrics*, 93 (3), 967-985.
- GANTMAN, Ernesto & FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, Carlos J. (2016), "Literature segmentation in management and organization studies: The case of Spanish-speaking countries (2000-10)". *Research Evaluation*, 25 (4), 461-471.
- GEERTZ, Clifford. (1994), *Conocimiento local. Ensayos sobre la interpretación de las culturas*. Barcelona, Paidós.
- GIBERT GALASSI, Jorge. (2013), *Autonomía y dependencia en las ciencias sociales latinoamericanas: un estudio de bibliometría, epistemología y política*. Buenos Aires, Clacso.
- GINGRAS, Yves & MOSBAH-NATANSON, Sébastien. (2010), "Where are social sciences produced?". In: *World social science report. Knowledge divides*. Paris, Unesco.
- HANAFI, Sari. (2011), "University systems in the Arab East: Publish globally and perish locally vs publish locally and perish globally". *Current Sociology*, 59 (3), 291-309.
- HEILBRON, Johan. (2014), "The social sciences as an emerging global field". *Current Sociology*, 62 (5): 685-703.
- HEILBRON, Johan & BOKOBZA, Anaïs. (2015), "Transgresser les frontières en sciences humaines et sociales en France". *ARSS*, 215: 108-121.
- KAPLAN, Carina & PIOVANI, Juan Ignacio. (2018), "Capitales y trayectorias socioeducativas". In: PIOVANI, Juan Ignacio & SALVIA, Agustín (orgs.). *La Argentina en el siglo XXI. Cómo somos, vivimos y convivimos en una sociedad desigual*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno.

- MADEIRA, Rafael Machado & MARENCO, André. (2016), "Os desafios da internacionalização: mapeando dinâmicas e rotas da circulação internacional". *Revista Brasileira de Ciência Política*, 19: 47-74.
- MOSBAH-NATANSON, Sébastien & GINGRAS, Yves. (2014), "The globalization of social sciences? Evidence from a quantitative analysis of 30 years of production, collaboration and citations in the social sciences (1980-2009)". *Current Sociology* 62 (5): 626-646.
- ORTIZ, Renato. (2009), *La supremacía del inglés en las ciencias sociales*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno.
- PHILLIPSON, Robert. (1992), *Linguistic imperialism*. Oxford, Oxford University Press
- PHILLIPSON, Robert. (2013), "Linguistic imperialism". In: CHAPPELLE, Carol A. (org.). *The Encyclopedia of Applied Linguistics*. Chichester, Wiley.
- PIOVANI, Juan Ignacio. (2019), "Styles of academic production in the Argentine social sciences: heterogeneity and heterodoxy". *Serendipities. Journal for the Sociology and the History of the Social Sciences*, 4 (1-2): 27-48.
- SAYER, Peter. (2018), "Does English really open doors? Social class and English teaching in public primary schools in Mexico". *System*, 73: 58-70.
- SHIN, Hye Won & SO, Youngsoon. (2018), "The moderating role of socioeconomic status on motivation of adolescents' foreign language learning strategy use". *System*, 73: 71-79.
- SMALA, Simone *et al.* (2013), "Languages, cultural capital and school choice: distinction and second-language immersion programmes". *British Journal of Sociology of Education*, 34 (3): 373-391.
- TSIPLAKIDES, Iakovos. (2018), "Shadow education and social class inequalities in secondary education in Greece: the case of teaching English as a foreign language". *International Journal of Sociology of Education*, 7 (1): 71-93.
- VESSURI, Hebe *et al.* (2014), "Excellence or quality? Impact of the current competition regime on science and scientific publishing in Latin America and its implications for development". *Current Sociology*, 62 (5): 647-665.

Abstract

Social origin, language skills and scientific publication patterns in Argentina, Brazil and Chile

This article analyzes the conditions of acquisition of linguistic competence in the English language and the use of foreign languages in the publications of researchers from Argentina, Brazil and Chile. The analysis is based on the results of a cross-national survey carried out on samples of the researchers most integrated into the central nucleus of the scientific system of each country. In relation to the main focus of the article, the modalities of acquisition of linguistic competence and its relationship with sociodemographic factors, such as social origin, and with the educational trajectory are addressed. On the other hand, the association between linguistic competence and scientific publication, and the place of scientific disciplines in the use of foreign languages are analyzed. The results show that there is a connection between social origin, educational trajectory, ways of acquiring English skills and the level of these skills. However, and regardless of their linguistic proficiency, the majority of researchers in the three countries publish in English and, in any case, their level of competence has an impact on writing strategies (whether autonomous, collaborative or mediated by professional translation). In comparative terms, Brazilian scientists publish the most in English, although in the Chilean case the lower proportion of publications in this language could be due to the greater weight of social and human scientists in the sample, since, in these disciplines, at least in Latin America, English has not acquired a *lingua franca status* equivalent to that of the natural sciences.

Keywords: Linguistic skills; Scientific publication; Social origin; Argentina; Brazil; Chile.

Resumo

Origem social, competências linguísticas e padrões de publicação científica na Argentina, Brasil e Chile

Este artigo analisa as condições de aquisição de competência linguística em língua inglesa e o uso de idiomas estrangeiros nas publicações de pesquisadores da Argentina, Brasil e Chile. A análise se baseia nos resultados de um questionário *cross-national* respondido por uma amostra do conjunto de pesquisadores integrados ao núcleo central do sistema científico de cada país. O foco principal do artigo são as modalidades de aquisição da competência linguística e sua relação com características sociodemográficas, como a origem social, e com a trajetória de formação. Além disso, o artigo analisa a relação entre as competências linguísticas e a publicação científica, e explora a variação disciplinar no uso de idiomas estrangeiros. Os resultados mostram que existe uma associação entre origem social, trajetória de formação, modalidades de aquisição da competência em inglês e o nível dessas competências. No entanto, independentemente do domínio da língua, a maioria dos pesquisadores dos três países publica em inglês, e, em todos os casos, seu nível de competência tem impacto sobre suas estratégias de escrita (autônomas, colaborativas ou via tradução profissional). Em termos comparativos, os pesquisadores brasileiros são os que mais publicam em inglês, embora, no caso chileno, a menor proporção de publicações nessa língua

possa se dever ao maior peso dos pesquisadores em ciências sociais e humanas na amostra, uma vez que, nessas disciplinas, pelo menos na América Latina, o inglês não adquiriu o mesmo *status* de língua franca que nas ciências naturais.

Palavras-chave: Competências linguísticas; Publicação científica; Origen Social; Argentina; Brasil; Chile.

Resumen

Origen social, competencias lingüísticas y patrones de publicación científica en Argentina, Brasil y Chile

En este artículo se analizan las condiciones de adquisición de competencia lingüística en lengua inglesa y el uso de idiomas extranjeros en las publicaciones de investigadores de Argentina, Brasil y Chile. El análisis se basa en los resultados de una encuesta *cross-national* realizada a muestras de investigadores integrados al núcleo central del sistema científico de cada país. En relación con el foco principal del artículo, se abordan las modalidades de adquisición de la competencia lingüística y su relación con factores sociodemográficos, como el origen social, y con la trayectoria formativa. Por otra parte, se analiza la relación entre las competencias lingüísticas y la publicación científica, y se explora el lugar de las disciplinas en el uso de idiomas extranjeros. Los resultados ponen en evidencia que existe una asociación entre el origen social, la trayectoria formativa, las modalidades de adquisición de competencias en inglés y el nivel de dichas competencias. Sin embargo, e independientemente de su dominio de la lengua, la mayoría de los investigadores de los tres países publica en inglés y, en todo caso, su nivel de competencia tiene incidencia en las estrategias de escritura (autónomas, colaborativas o por traducción profesional). En términos comparativos, los científicos brasileños son los que más publican en inglés, aunque en el caso chileno la menor proporción de publicaciones en esta lengua podría deberse al mayor peso que tienen en su muestra los investigadores de ciencias sociales y humanas, toda vez que, en estas disciplinas, al menos en América Latina, el inglés no ha adquirido un estatus de lengua franca equivalente al de las ciencias naturales.

Palabras clave: Competencias lingüísticas; Publicación científica; Origen social; Argentina; Brasil; Chile.

Texto recebido em 14/12/2021 e aprovado em 12/07/2022.

DOI: DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2022.193439

ANA MARIA ALMEIDA é professora titular da Faculdade de Educação da Unicamp. Suas pesquisas examinam a contribuição da escola para a produção e reprodução das desigualdades e os efeitos da circulação internacional de teorias, modos de análise e retóricas de validação sobre a produção e difusão de dispositivos de governo na área educacional. Coordena o Grupo de pesquisa sobre

Educação, Instituições, Desigualdades (Focus). É editora associada de *Educação & Sociedade*. É co-coordenadora da Comissão Gênero e Sexualidade da Unicamp e co-chair do Gender Working Group do Global Research Council. E-mail: aalmeida@unicamp.br.

DENIS BARANGER é sociólogo, professor emérito da Unam (Argentina), com funções docentes e de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Especializado em metodologia e epistemologia, trabalha com a recepção da obra de Bourdieu na Argentina e na América Latina e o campo argentino das ciências sociais. É autor de *Epistemologia e metodologia na obra de Bourdieu* (Buenos Aires, Prometeo, 2004) e de outros livros, além de numerosos artigos e capítulos publicados na Argentina e no exterior. Em 2016 recebeu o Prêmio Konex, Diploma al mérito en Sociología. E-mail: baranger.denis@gmail.com.

JUAN IGNACIO PIOVANI é professor titular da Facultad de Humanidades de la Universidad Nacional de La Plata (Argentina) e pesquisador principal do Conicet e Mecila. Dedicase a temas relacionados com a história dos métodos e técnicas de pesquisa, com o campo das ciências sociais na Argentina, com o mercado de trabalho e as desigualdades sociais. É autor de vários livros e numerosos artigos publicados em revistas europeias e latino-americanas. E-mail: juan.piovani@presi.unlp.edu.ar.



Las competencias lingüísticas en juego en el campo académico

Perfiles de adquisición, valoración y utilización del inglés por investigadores/as científicos/as de Argentina¹

Oswaldo Gallardo*

<https://orcid.org/0000-0003-0662-2196>

Introducción: las capacidades en inglés en un campo académico en transformación

Numerosos estudios destacan la centralidad que la internacionalización ha adquirido en las agendas públicas de investigación y educación superior, y cómo se han multiplicado los programas, el financiamiento y los debates en torno a este fenómeno en Argentina y América Latina (Didou Aupetit y Gérard, 2009; De Filippo, Barrere y Gómez, 2010; Gaillard y Arvanitis, 2013; Vessuri, 2008). Este artículo aborda una dimensión específica de estos procesos, la adquisición y puesta en práctica de competencias lingüísticas específicas en el contexto de un campo académico nacional atravesado por lógicas tanto locales como nacionales y globales. El objetivo es abordar los procesos de construcción de estas competencias y su utilización en el campo, sobre todo las correspondientes al inglés – aunque se

* Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, Argentina.

1. Este artículo recoge resultados de la tesis doctoral del autor, titulada “Una mirada relacional sobre el Conicet. Internacionalización, capital idiomático y cultura evaluativa en el campo científico-universitario argentino (2003-2015)”, defendida en septiembre de 2019 en el Doctorado en Estudios Sociales de América Latina de la Universidad Nacional de Córdoba. Para la investigación correspondiente a este artículo, además del financiamiento de Conicet a través de una beca doctoral, se contó con apoyo de los proyectos: Neies-Mercosur Educativo 03/15; y del proyecto “Gender asymmetries in academic publishing and its impact in career-building (Argentina-Brazil)”, financiado por The Women and Science Chair, a Paris Dauphine-PSL University Chair and its Foundation, en asociación con Fondation l’Oréal, La Poste, Generali France, Safran y Talan.

mencionarán también otros idiomas – en el marco de un país mayoritariamente hispanohablante.

El problema idiomático en las prácticas académicas ha recibido más atención desde el punto de vista de la denominada supremacía del inglés en el sistema académico mundial que desde la mirada a la construcción del capital lingüístico en los/as investigadores/as que circulan en tal sistema. Este se ha organizado, en el último medio siglo, en base a una estructura desigual de producción y circulación de conocimiento a partir de la distinción entre ciencia *mainstream* y ciencia periférica. Aunque sus orígenes eran claramente locales, el modo de producción *mainstream* (la lengua, el estilo de escritura, en suma, el *paper* estadounidense) se convirtió en el patrón global de medición de calidad de la ciencia (Beigel y Salatino, 2015; Ortiz, 2009; Packer y Meneghini, 2007). Al modo de los imperialismos de lo universal (Bourdieu y Wacquant, 2005) la lengua de la ciencia se impuso simbólicamente junto al encumbramiento de esa forma de reconocimiento como la única “internacionalmente” válida.

Las bases de indexación *mainstream* – con *Web of Science* y *Scopus* a la cabeza – certificaron esa centralidad del inglés, con relativa independencia del país de las revistas y de los/as autores/as. Para mediados de 2022, en *Scopus*, hay indexados 176.676 artículos en revistas con al menos un/a autor/a con filiación en una institución argentina en el período 2001-2020. El 85,4% fue publicado en inglés, el 16,6% en español y el 0,6% en portugués². Para el mismo período, de los 32.358.070 artículos publicados a nivel global, el 88,8% corresponden al inglés, el 1,2% al español y el 0,6% al portugués.

En *Web of Science* el panorama es similar. También para las primeras dos décadas del presente siglo, el total de artículos de autores/as de Argentina es de 142.230. Un 86,9% fue publicado en inglés, un 12,4% en español y un 1,1% en portugués. A nivel global (total de 27.231.230 artículos) los porcentajes son, respectivamente, 95,7%, 0,8% y 0,4%³. Es decir, a nivel global el peso del inglés sigue siendo incontestable en las bases de indexación del circuito *mainstream*, y las publicaciones de autores/as de Argentina reflejan también esta tendencia.

Las bases de datos latinoamericanas marcan una presencia mucho mayor del español y del portugués, aunque el inglés está lejos de ser una lengua marginal. Los registros combinados de *SciELO* y *Redalyc* (proyecto Oliva, cf. Beigel *et al.*, 2022) muestran que hay 41.957 artículos de autores/as con filiación institucional en Argentina para el período 2001-2019. El 84,5% de estas publicaciones fue realizada

2. La suma de los valores excede el 100% debido a que *Scopus* computa, en algunos casos, más de un idioma por artículo. Búsqueda realizada por el autor el 23/5/2022.

3. Búsqueda realizada por el autor el 23/5/2022.

en español, el 14% en inglés y el 1,3% en portugués. Los porcentajes para el total de publicaciones del período son, respectivamente, 44,5%, 24,1% y 31,1%.

Es decir, el horizonte del inglés como *lingua franca* de la comunicación científica se matiza si se mira más allá de las bases de datos *mainstream* fuertemente sesgadas hacia el inglés. Pero el balance idiomático de la producción científica global “real” no ha sido establecido ni hay herramientas actualmente para hacer ese relevamiento con fiabilidad, del que Oliva es una aproximación con limitaciones.

En este contexto, resulta relevante preguntarse por el peso del inglés y las estrategias de construcción de las competencias lingüísticas en un campo periférico donde la lengua materna de sus protagonistas es, en casi todos los casos, el español. Resulta por lo tanto pertinente preguntarse qué tan hipercéntrica es el inglés en la producción científica de estos y estas investigadoras, qué tipo de competencias disponen y cómo las utilizan; y, finalmente, qué lugar ocupan los idiomas en la construcción del capital académico.

Este capital lingüístico, en tanto especie de capital cultural, está conformado tanto por los elementos constitutivos en sí mismos (las competencias en idiomas extranjeros) como por el proceso de adquisición de las mismas. Las maneras de adquisición de este capital cultural incorporado imponen marcas de origen que serán determinantes luego para el uso en el campo cultural (Bourdieu, 2012). Si bien son pocos los casos que se mencionarán en que un idioma – distinto del español – se aprende directamente en el seno familiar, éste último juega un rol preponderante en el aprendizaje precoz de los idiomas. La observación empírica muestra una gran cantidad de investigadores/as que iniciaron su formación en la infancia y en la adolescencia por decisión paterna y materna. Este aprendizaje precoz tiene su origen en la disposición de los padres en invertir tempranamente en el aprendizaje de sus hijos, sobre todo, del inglés. Se trata entonces de un capital cultural y de unas disposiciones heredadas que se oponen, por sus condiciones de origen, con el aprendizaje que Bourdieu llama metódico y tardío, y que puede aparecer como respuesta a las demandas del campo científico.

Evidentemente, no sólo el capital escolar y cultural familiar ni la estructura del campo académico contribuyen a explicar la composición del capital lingüístico. Gerhards pone de relieve otras variables sociales que tienen influencia sobre la distribución de lo que denomina capital lingüístico internacional (competencias en idiomas distintos del materno) (Gerhards, 2012, 2014). Son tres los factores que tendrían incidencia sobre las posibilidades de aprender un idioma extranjero: las oportunidades de aprenderlo (el factor más importante, relacionado por ejemplo con la obligatoriedad o no de la enseñanza del inglés en el sistema educativo); las motivaciones por aprender (el prestigio del idioma, la motivación instrumental – la

vinculada a la necesidad de publicar en inglés, por ejemplo –, la motivación integral, relacionada con una valoración positiva de la “cultura” vinculada a un idioma); y los costos (que aumentan conforme lo hace la edad y disminuyen conforme aumenta el nivel educativo). También pueden incidir factores sociales de nivel macro y de nivel individual. Entre los primeros se cuentan el tamaño de la población del país (que sería un indicador de la posición ocupada por el idioma oficial en el mercado idiomático) y el nivel de gasto y modernización del sistema educativo. Entre los segundos menciona, la generación, la clase social, el nivel educativo alcanzado y la distancia lingüística entre el inglés y el idioma materno (Gerhards, 2014). Este esquema teórico sirve de base para analizar la influencia de la pertenencia generacional, la procedencia social y las disciplinas científicas sobre la distribución del capital lingüístico entre los investigadores.

Comprender el impacto del creciente dominio del inglés en el medio académico global sobre contextos específicos donde los actores no lo tienen como idioma materno ha sido el objetivo de numerosos estudios de Mary J. Curry y Theresa Lillis (Curry, 2006; Lillis y Curry, 2006, 2010). Un hallazgo relevante de estas autoras es que, a la hora de publicar en inglés, para los académicos no anglófonos es más significativo el trabajo conjunto con “agentes de alfabetización” (*literacy brokers*) que las competencias lingüísticas propias en inglés. Estos agentes son especialistas en el idioma, colegas especialistas en la disciplina con experiencia en la publicación en revistas en inglés o incluso amigos o familiares angloparlantes (Lillis y Curry, 2010). Parece claro, por lo tanto, que las capacidades lingüísticas deben ser analizadas en ocasión de su utilización, es decir, en el marco de las tendencias y transformaciones de la estructura y de las lógicas de evaluación y circulación que caracterizan al campo académico argentino.

El campo académico en la Argentina se caracteriza por una profunda heterogeneidad estructural (Beigel *et al.*, 2018). En su seno conviven instituciones con trayectorias y culturas evaluativas diferentes, a veces contraopuestas. Entre 2003 y 2015 el campo sufrió un proceso de fuerte expansión de las capacidades de investigación, que en buena medida representó una recuperación respecto de la marginalidad – particularmente presupuestaria – a la que fueron sometidas la investigación y la educación superior durante el auge de las políticas neoliberales en la región durante la década de 1990. Entre 2016 y 2019 se produjo una contracción con el cambio de gobierno (Macri 2016-2020), pero la producción de conocimientos siguió fuertemente concentrada en el ámbito público.

El Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (Conicet) es una de las principales instituciones que conforman este entramado. Creado a mediados del siglo XX siguiendo el modelo del CNRS francés, es el principal organismo que

otorga cargos de investigación de tiempo completo en el país. Institucionalmente, se trata de un organismo descentralizado bajo la órbita del Estado nacional, que es su principal fuente de financiamiento. Como organismo público, depende actualmente del Ministerio de Ciencia, Tecnología e Innovación, aunque tiene importantes grados de autonomía funcional.

Por su lado, las universidades nacionales (públicas) dependen del Estado pero cuentan también con altos grados de autonomía, incluso instituida con rango constitucional. El más de medio centenar de universidades nacionales representa un panorama, a su vez, sumamente variado en cuanto a antigüedad, tamaño, carreras, lógicas evaluativas y relación con el Conicet y otros organismos académicos. Existen también un puñado de universidades provinciales y una gran cantidad de universidades privadas cuya orientación mayoritaria, y muchas veces única, es hacia la docencia, específicamente hacia las carreras profesionales. Salvo excepciones en campos específicos, el desarrollo de actividades de investigación no es un rasgo fundamental del sistema privado, a diferencia de los países centrales. La inversión privada en investigación y desarrollo también es marginal en el caso argentino, siendo el Estado nacional el protagonista descolante en el financiamiento de estas actividades.

La centralidad del Conicet en el campo radica en la Carrera del Investigador Científico (CIC), que consiste en puestos de tiempo completo abocados a la investigación a los que se accede por concurso. En estos concursos de ingreso se evalúa, fundamentalmente, la cantidad de publicaciones científicas indexadas en el circuito *mainstream*. Únicamente las ciencias sociales reconocen la validez también del circuito de indexación latinoamericano. Pero ni Conicet ni en las universidades existe un único sistema de clasificación y evaluación de las revistas, como sí sucede en Brasil o Colombia.

Los estudios empíricos disponibles permiten afirmar que el Conicet está atravesado por una cultura evaluativa basada en la indexación de las publicaciones científicas como principal forma de ponderar los antecedentes para el ingreso y promoción en el organismo. La cultura evaluativa y de circulación está fuertemente definida por la indexación antes que por la originalidad de las publicaciones (Beigel, 2014; Beigel y Salatino, 2015), criterio que acepta algunas adaptaciones disciplinares. En las ciencias sociales y humanidades se valorizan también las publicaciones en español, la indexación regional e incluso nacional, y se acredita la producción de libros. En el resto de las disciplinas, en cambio, sólo se reconocen *papers*, casi únicamente en inglés y en revistas del circuito *mainstream*.

Disciplinariamente, el organismo se organiza en cuatro grandes áreas: Ciencias Agrarias, de Ingeniería y de Materiales (CAIM), Ciencias Biológicas y de la Salud (CBS), Ciencias Exactas y Naturales (CEN) y Ciencias Sociales y Humanidades

(CSH). Según Conicet, la primera gran área comprende sobre todo desarrollos de investigación aplicada y, en menor medida, desarrollo experimental e investigación básica vinculada con problemas tecnológicos, e incluye seis disciplinas⁴. Las Ciencias Biológicas y de la Salud⁵ han estado muy ligadas a la historia misma del Conicet desde su fundador, el premio Nobel de Medicina Bernardo Houssay, primer presidente del Consejo desde 1958 hasta su fallecimiento en 1971. Las Ciencias Exactas y Naturales incluyen disciplinas bastante diversas⁶, con énfasis en la investigación básica y tradicionalmente también muy importantes en Conicet. Por último, las Ciencias Sociales y Humanidades son las que mayor cantidad de disciplinas incluyen⁷.

Metodología y fuentes

En este artículo se utiliza la misma encuesta que en el resto del *dossier*⁸ (encuesta sobre capacidades lingüísticas e internacionalización, Ecapin). Se aplicó a investigadores/as del Conicet de manera autoadministrada entre el 31 de octubre de 2016 y el 12 de marzo de 2017. Se obtuvieron 2.390 respuestas válidas, que corresponden al 23,8% de los 10.036 investigadores activos a diciembre de 2016.

La encuesta analizada aquí no se basa en una muestra probabilística sino a la población de investigadores que accedió a completar la misma (Ver Beigel, Piovani y Almeida, en este número). Si bien, en términos estadísticos estrictos, no se puede considerar a esta población como representativa del universo total, en el caso argentino es posible afirmar que está estructurada de modo análogo a tal universo. Las distribuciones por disciplinas, sexos, rangos etarios, categoría de Conicet y provincias de lugar de trabajo se corresponden, razonablemente, con las de los investigadores/as activos/as en 2016 (ver tablas 1 y 2).

4. Ciencias Agrarias; Ingeniería Civil, Mecánica, Eléctrica e Ingenierías Relacionadas; Hábitat, Ciencias Ambientales y Sustentabilidad; Informática y Comunicaciones; Ingeniería de Procesos, Productos Industriales y Biotecnología; Desarrollo Tecnológico y Social y Proyectos Complejos.
5. Las disciplinas del área son Ciencias Médicas; Biología; Bioquímica y Biología Molecular; Veterinaria.
6. Disciplinas: Ciencias de la Tierra, del Agua y de la Atmósfera; Matemática; Física; Astronomía; Química.
7. Disciplinas: Derecho, Ciencias Políticas y Relaciones Internacionales; Literatura, Lingüística y Semiótica; Filosofía; Historia, Geografía, Antropología Social y Cultural; Sociología, Comunicación Social y Demografía; Economía, Ciencias de la Gestión y de la Administración Pública; Psicología y Ciencias de la Educación; Arqueología y Antropología Biológica.
8. La encuesta formó parte de un estudio comparativo sobre el conocimiento y utilización en el campo académico de idiomas por parte de académicos de Argentina, Chile y Brasil. El mismo recibió financiamiento de los proyectos Pict 2013-1442, PIP-Conicet 2014-0157 y Neies-Mercosur Educativo 03/15.

TABLA 1

Investigadores/as que respondieron la encuesta y total del Conicet, por área científica de pertenencia [%]

ÁREA CIENTÍFICA	ENCUESTA	INVESTIGADORES DE CONICET
Ciencias Biológicas y de la Salud	29	30
Ciencias Sociales y Humanidades	25	22
Ciencias Agrarias e Ingenierías	21	25
Ciencias Exactas y Naturales	25	23
Total	100	100

Fuente: Elaboración propia (encuesta Ecapin) y *Conicet en Cifras*. Sitio web consultado el 12/03/2017 (véase <https://cifras.conicet.gov.ar/publica/>).

TABLA 2

Investigadores/as que respondieron la encuesta y total del Conicet, por sexo [%]

SEXO	ENCUESTA	INVESTIGADORES DE CONICET
Mujeres	55	53
Varones	45	47
Total	100	100

Fuente: Elaboración propia (encuesta Ecapin) y *Conicet en Cifras*. Sitio web consultado el 12/03/2017 (véase <https://cifras.conicet.gov.ar/publica/>).

Para este artículo se utilizó también una fuente complementaria, derivada de la tesis doctoral del autor. Se relevaron los currículums (CV) de los/as investigadores/as de Conicet activos en 2015 y se obtuvo información sobre competencias lingüísticas para 4.638 de ellos/as (59% del total). Los cinco idiomas que se revelaron como principales – inglés, francés, italiano, alemán y portugués – fueron relevados en tres niveles: capacidad autopercebida, instancias de formación consignadas, y aprobación de exámenes de validez internacional. Se registró también la mención de otros 67 idiomas (al menos 13 de los cuales son lenguas muertas de interés para la lingüística, la historia y la antropología).

Los idiomas extranjeros de los/as investigadores/as argentinos/as

Las capacidades en lenguas distintas del español corresponden sobre todo al inglés, al que le siguen en importancia el francés, el portugués, el alemán y el italiano. Prácticamente la totalidad de los/as investigadores/as que declara conocimientos de algún idioma incluye al inglés (sólo 65 de 4.638 no lo hacen en sus CV) y el 37% menciona únicamente al inglés. La concentración en estos cinco idiomas se complementa con otros 44 que algunos investigadores declaran conocer en algún grado. Siete de ellos

son lenguas muertas conocidas por 92 investigadores. La mayor parte de los casos corresponde al latín y al griego clásico (aprendidos durante la formación de grado o, más raramente, en la escuela secundaria). En proporción mínima, también están presentes lenguas de interés para la investigación histórica (acadio, armenio clásico, egipcio clásico y sus variantes, sánscrito y hebreo clásico). No es casual entonces que el 67% de los investigadores con conocimiento de estas lenguas pertenezcan al área de Ciencias Sociales y Humanidades. La síntesis de la información precedente se muestra en la Tabla 3.

TABLA 3
Investigadores/as que declaran conocer lenguas distintas del español, por principales idiomas [%]
(*N = 4.638*)

IDIOMA	CASOS	%
Inglés	4573	98,6%
Francés	1761	38%
Portugués	1121	24%
Italiano	1017	22%
Alemán	713	15%
Otras lenguas vivas	235	5%
Lenguas muertas	91	2%

Fuente: elaboración propia (relevamiento de CV).

Las disciplinas STEM⁹ tienden a concentrarse en el inglés no sólo como lengua de publicación y comunicación sino como el único idioma distinto del español que los investigadores conocen o que, al menos, consignan en sus CV. La Tabla 4 muestra que casi la mitad de las y los investigadores de Ciencias Biológicas y de la Salud (CBS) y de Ciencias Agrarias e Ingenierías (CAIM) conocen un único idioma extranjero y que el 82% sólo conoce hasta dos. Las proporciones son algo menores en el caso de Ciencias Exactas y Naturales (CEN), y muy inferiores en Ciencias Sociales y Humanidades (CSH), donde más de la mitad declara conocer tres idiomas o más. Cuando hay competencias en un único idioma, para CSH se trata del inglés en el 92% de los casos, mientras que para el conjunto de las otras áreas la cifra sube hasta el 98%.

9. El término STEM refiere a “Science, Technology, Engineering and Mathematics”. Aquí lo utilizamos genéricamente para referirnos a investigadores/as que no pertenecen al área de Ciencias Sociales y Humanidades.

TABLA 4

Cantidad de idiomas extranjeros declarados en el CV, por área [%] (N = 4.638)

IDIOMAS	CBS	CAIM	CEN	CSH
1	48%	44%	36%	19%
2	34%	34%	38%	29%
Subtotal 1+2	82%	78%	74%	48%
3	13%	15%	17,5%	29%
4	4,4%	5%	6,5%	15%
5	0,5%	1,5%	1,6%	6%
6 a 9	0,1%	0,5%	0,4%	2%
Total	100%	100%	100%	10%

Fuente: elaboración propia (relevamiento de CV).

TABLA 5

Investigadores/as que declaran en sus CV conocer los cinco principales idiomas, y proporción dentro de estos que declara aprobación de exámenes, por área disciplinar (N = 4.638)

INDICADOR	IDIOMA	CAIM	CBS	CEN	CSH
Declara capacidad en el idioma	Inglés	99,5%	99,3%	99,5%	97,7%
	Francés	31%	30%	35%	60%
	Portugués	21%	17%	18%	45%
	Alemán	12%	11%	21%	19%
	Italiano	21%	15%	23%	30%
Al menos un examen internacional aprobado	Inglés	15%	18%	12%	16%
	Francés	4,2%	4,3%	2,6%	3,5%
	Portugués	1,3%	1,6%	-	1,1%
	Alemán	15%	17%	10%	13%
	Italiano	1,7%	1,3%	0,4%	0,3%

Fuente: Elaboración propia (relevamiento de CV).

El conocimiento de francés fue consignado por el 38% de las y los investigadores, el de portugués por el 24%, el de italiano por el 22% y el de alemán por el 15%. La Tabla 5 presenta estos datos desagregados por área disciplinar. El primer conjunto de filas indica el porcentaje dentro de la población que incluyó datos sobre capital lingüístico en su CV, desagregado por las cinco lenguas más importantes. La segunda parte muestra los porcentajes dentro de cada uno de esos recortes específicos correspondientes a la aprobación de al menos un examen internacional¹⁰.

10. Se contabilizaron exámenes o certificaciones avalados por instituciones internacionales (tal como

Puede observarse que la proporción de investigadores e investigadoras que declaran conocer el inglés es próxima al 100% en todas las áreas, pero en francés, portugués e italiano la correspondiente a CSH es marcadamente mayor que en las otras áreas. El alemán es la excepción, al ser CEN el ámbito donde mayor cantidad de individuos declara conocerlo.

Ningún área disciplinar parece estar asociada con más intensidad a la aprobación de exámenes internacionales, los porcentajes son relativamente bajos para todas las áreas e idiomas. Los datos parecen indicar que esta práctica de legitimación externa del capital lingüístico no está generalizada entre los y las investigadoras de Conicet.

Cabe notar también la bajísima proporción de investigadores/as con exámenes internacionales en portugués e italiano. Brasil e Italia son destinos importantes para la formación y la movilidad de las y los investigadores de Conicet, especialmente el primero. Pero también Francia es un destino muy importante y su lengua nacional no presenta valores mucho más altos. La cantidad de investigadores/as con exámenes en alemán, en cambio, es proporcionalmente cercana a la del inglés.

Pasemos ahora a los resultados de la encuesta. Para ponderar las competencias en inglés se utilizó una escala de valoración para que los investigadores se auto-clasificaran (avanzado, intermedio, básico, ninguno) en función de las cuatro *skills* o capacidades lingüísticas habituales en los exámenes internacionales (comprensión lectora, comprensión auditiva, expresión oral y producción escrita).

La capacidad de comprensión lectora es la que en más alto grado fue calificada como “avanzada” (86% de quienes respondieron la encuesta). El resto tiene un comportamiento similar entre sí. La comprensión auditiva avanzada fue señalada por el 54%, la producción escrita por el 53% y la expresión oral por el 44%. En el extremo opuesto de la escala –la calificación “básica”– se ubicó apenas en el 1% para el caso de comprensión lectora y en alrededor del 10% para el resto de las competencias. Estas proporciones no sufren mayor variación entre las distintas áreas, aunque siempre los porcentajes más altos corresponden a CBS y los más bajos a CSH y CAIM.

La concentración de las capacidades en torno a la lectura también se refleja en los otros idiomas reflejados en la encuesta. Se solicitó para ello señalar las capacidades autopercebidas en idiomas distintos del inglés y el español, resultando los más importantes el portugués, el francés, el italiano y el alemán. La Tabla 6 sistematiza la información obtenida, destacándose que la comprensión lectura y, parcialmente, la auditiva aventajan a las restantes competencias en cantidad de investigadores e investi-

First, TOEFL, Delf, Celpe, Marco Común Europeo de Referencia para las Lenguas) así como los exámenes de idiomas exigidos por las universidades extranjeras para cursar estudios en ellas. Se excluyeron los llamados exámenes de suficiencia de idiomas habituales en las carreras de grado y posgrado en la Argentina, sin validez fuera de ellas.

gadoras que las señalaron. Es decir, leer y comprender un discurso en otro idioma son habilidades más extendidas que poder expresarse y, sobre todo, escribir en el mismo.

TABLA 6

Investigadores/as con conocimiento de idiomas distintos del inglés, por capacidad e idioma [%]
(*N = 2.390*)

IDIOMA	CASOS	COMPRENSIÓN	COMPRENSIÓN	EXPRESIÓN	PRODUCCIÓN
		LECTORA	AUDITIVA	ORAL	ESCRITA
Portugués	1350	92%	76%	37%	18%
Francés	1175	94%	60%	45%	67%
Italiano	571	94%	88%	66%	35%
Alemán	490	81%	60%	52%	33%

Fuente: Elaboración propia (encuesta Ecapin).

Es llamativo el caso del portugués, ya que la expresión oral y la escrita fueron señaladas en proporciones muy bajas, como si quienes conocieran este idioma tendieran únicamente a leerlo y comprenderlo auditivamente. Esto sugiere que una parte importante de los/as investigadores/as con competencias en portugués se atribuyen estas a partir de un aprendizaje coloquial que permite, por ejemplo, desarrollar en la práctica la capacidad de entender un artículo en portugués, pero difícilmente la de escribirlo. Un idioma con el que no hay ninguna familiaridad aparente, como el alemán, en cambio, presenta una distribución menos desequilibrada de las cuatro competencias. Es posible que esto se deba a que para disponer de algún conocimiento mínimo de alemán sea preciso un estudio formal del mismo que incluya en algún grado cada una de las cuatro capacidades.

En la encuesta no se solicitó la valoración de las competencias en idiomas distintos del inglés pero se puede recurrir a la información recopilada en el relevamiento de CV para reforzar la interpretación precedente. Para ello se exploró comparativamente la autopercepción para las y los investigadores que señalaron competencias en inglés y francés, inglés y portugués o en los tres idiomas (2.234 casos). Entre estos, sólo se tomaron los casos en los que se había señalado la autocalificación para el idioma, la cual fue recodificada a la escala Avanzado, Intermedio, Básico, en la medida en que resultó posible. Así, se retuvieron 1.048 investigadores/as para quienes se pudo comparar la autopercepción general sobre el inglés y el francés. Dentro del grupo así delimitado, en el 59% de los casos la autocalificación en inglés resulta más alta que en francés, equivalente en un 34%, y sólo en un 7% es mayor en francés que en inglés. La combinación más habitual es inglés avanzado-francés básico, que por sí sola alcanza al 30% de los individuos.

Para el caso del inglés y el portugués se obtuvo datos para 693 investigadores/as. De manera análoga al caso del francés, la modalidad más común es inglés avanzado-portugués básico (28%). La calificación del nivel de inglés es mayor a la del portugués en un 60% de los casos, en un 33% son equivalentes y en un 7% superior el idioma luso al británico, es decir, prácticamente la misma distribución que se observaba para el francés.

Por último, quienes comparten una autopercepción en francés y portugués suman 349 casos. Entre estos, el 50% corresponde a la misma calificación, el francés supera en la escala al portugués en un 27% y la relación inversa se da en un 23% de los casos.

La adquisición de competencias en inglés

Fue posible establecer tres modalidades de construcción las capacidades en idiomas extranjeros. Por un lado, la adquisición *informal*, no institucionalizada, por contacto directo con hablantes del idioma en cuestión. Aquí se incluye la adquisición de una o más lenguas maternas en el seno familiar, ya se trate de migrantes recientes o de familias que mantengan en uso una lengua heredada de las generaciones previas (el que, en Argentina, podría ser sobre todo el caso del italiano y de idiomas ibéricos distintos del español y el portugués). Se incluye también la adquisición por inmersión en un contexto lingüístico distinto del de nacimiento, lo cual puede deberse a distintas causas: estadías en el exterior durante la infancia o la adolescencia (asociado a traslados laborales de los padres), cursado de carreras o parte de ellas países no hispanohablantes, estadías de investigación y trabajo, entre otras posibilidades. Mientras que la adquisición en el seno familiar sólo puede iniciarse en la infancia, el que se realiza por inmersión puede iniciarse en cualquier momento de la trayectoria.

Un segundo modo es el aprendizaje – distinto de la adquisición (Krashen, 2009) – que se realiza a través de instancias *formales* o institucionalizadas. En estos casos, el aprendizaje puede corresponder a la asistencia a instituciones educativas, sean estas bilingües o no, o a instituciones de enseñanza de idiomas. Hay multitud de este tipo de instituciones y clasificarlas no es sencillo. Básicamente, se trata de institutos de lenguas universitarios, de redes avaladas por Estados extranjeros (como el Instituto Goethe o la Alianza Francesa) y de instituciones particulares. El puntapié de la formación en los “institutos de idiomas” puede corresponder a cualquier momento de la trayectoria aunque es habitual que se dé en paralelo con alguno de los niveles educativos formales. Este aprendizaje institucionalmente reconocido está acompañado a veces por la aprobación de exámenes internacionales, que en ocasiones son condición para desarrollar actividades en universidades del ámbito angloparlante.

El tercer modo es denominado aquí como *no formal*, en el que el estudio está también sistematizado pero no institucionalizado, y que corresponde al aprendizaje autónomo y a la toma de clases particulares. El momento de inicio de este tipo de formación no está supeditado a ningún momento particular de la trayectoria y puede abarcar extensos períodos temporales.

Estos tipos ideales de modos de construcción de capacidades lingüísticas aparecen fuertemente entremezclados en las trayectorias individuales, según fue posible reconstruir a partir de la encuesta. No son unívocos, sus posibles significados para una trayectoria social y científica están fuertemente condicionados por el momento en que aparecen en una trayectoria determinada. Todos, además, pueden darse en el país de nacimiento como en el exterior, excepto el aprendizaje por inmersión, que forzosamente es en otro ámbito idiomático. Por último, las modalidades de aprendizaje y el momento en que este da inicio guardan una relación estrecha con el origen social de investigadoras e investigadores.

El modo de adquisición del inglés más habitual en el caso argentino es el formal. Según arrojó la encuesta, el 92% de los/as investigadores/as señaló alguna de sus modalidades específicas como instancia de formación. La más importante es la asistencia a cursos o institutos, la cual fue señalada por el 82% de los investigadores/as. Por su lado, el aprendizaje en el contexto escolar no bilingüe fue apuntado por el 21% y el bilingüe por el 10%. El estudio autónomo del inglés fue señalado por el 33% de quienes respondieron la encuesta. Un 34% de ellos y ellas experimentó alguna de las instancias del aprendizaje informal (32% la inmersión en contexto anglófono y 4% la adquisición en el contexto familiar). Obviamente, se dan múltiples combinaciones entre las distintas modalidades, si bien se destaca la asistencia a institutos de idiomas como única instancia de formación (alcanza al 33% de la población analizada). Esta modalidad combinada con el aprendizaje por inmersión representa el 12% y con el estudio autónomo, el 10%.

El momento de los inicios de los estudios de inglés se concentra en las primeras décadas de vida. Quienes iniciaron su adquisición del idioma en la infancia representan el 37% de los casos, seguidos de quienes lo hicieron en la adolescencia, el 34%. Aunque en tales segmentos se concentre la mayor parte de los casos, no deja de ser relevante que el 18% de los/as investigadores/as declare como primer momento de estudio del inglés la carrera de grado, que el 10% señale la carrera de posgrado, e incluso un 1% la carrera de Conicet.

Entre los motivos esgrimidos para emprender y continuar los estudios de inglés prima la combinación de múltiples razones. Consideradas individualmente, las más importantes son el interés personal (53%) seguida de la necesidad del inglés para leer (48%) y publicar (42%) artículos. La exigencia familiar fue señalada por el 36%

de las y los encuestados y el carácter obligatorio de acreditar un idioma durante la carrera de posgrado, por el 32%. También aparecen la necesidad de establecer contacto con colegas del exterior (32%) y como requisito para realizar una movilidad a un contexto angloparlante (31%). Más lejos aparecen la exigencia de la carrera de grado (24%), de la escuela secundaria (23%) y de la primaria (11%).

Es posible vincular el origen social con las modalidades de aprendizaje del inglés así como sobre las motivaciones reconocidas para esta formación. Aquellos/as investigadores/as provenientes de familias relativamente próximas al campo científico-universitario¹¹ iniciaron sus estudios de inglés durante la infancia o adolescencia en el 79% de los casos. En el caso de ocupaciones materna/paterna más lejanas las proporciones bajan, moderadamente, al 70%¹² y al 66%¹³.

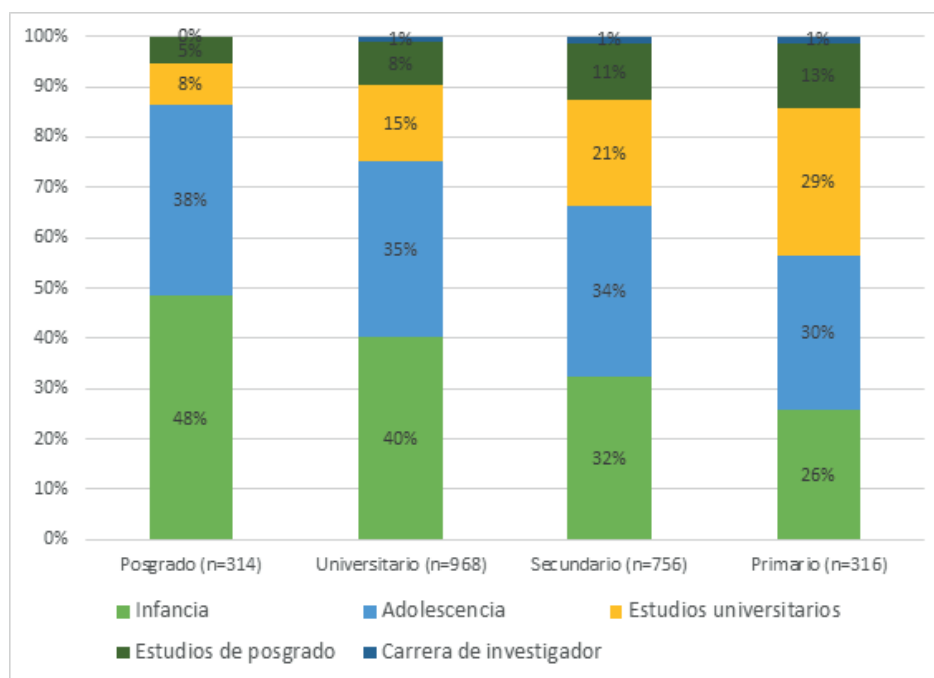
El Gráfico 1 sintetiza el mismo análisis desde la perspectiva del capital escolar y cultural heredado. Permite visualizar que el máximo nivel educativo finalizado (en este caso, por el padre o la madre) se correlaciona con el momento de inicio del aprendizaje del inglés. Los antecedentes familiares que incluyen una carrera de posgrado se corresponden en un 48% de los casos al estudio de inglés durante la infancia, porcentaje que disminuye progresivamente hasta el 26% para cuyos padres sólo finalizaron la escuela primaria. En el extremo opuesto de cada barra, el inicio del aprendizaje de inglés después de la adolescencia aumenta desde el 14% hasta el 44% entre el primer y el último grupo mencionados. El segmento intermedio – expresado por quienes comenzaron a estudiar durante la adolescencia – representa, en cambio, aproximadamente un tercio para todos los grupos definidos por el nivel educativo del padre y /o madre.

Los motivos esgrimidos para comenzar y continuar la formación en inglés parecen guardar también relación con el origen social. La Tabla 7 indica el porcentaje de investigadores/as que seleccionó cada una de las razones propuestas en la encuesta para el inicio del estudio de inglés, desagregado según el máximo nivel educativo alcanzado por la madre o el padre. El estudio del idioma como “exigencia familiar” fue señalado por el 47% de quienes tienen madre o padre con posgrado finalizado.

11. Se trata de los casos en los que el padre o la madre pueden ser clasificados como “Profesionales científicos/as e intelectuales”, según las categorías propuestas por la OIT en 2008 (véase <http://www.ilo.org/public/spanish/bureau/stat/isco/>).
12. Grupos ocupaciones de Directores y gerentes; Técnicos y profesionales de nivel medio; Personal de apoyo administrativo; Ocupaciones militares (véase <http://www.ilo.org/public/spanish/bureau/stat/isco/>).
13. Grupos ocupacionales de Trabajadores/as de los servicios y vendedores/as; Agricultores/as y trabajadores/as calificados/as agropecuarios/as; Oficiales, operarios/as y artesanos/as; Operadores/as de instalaciones y máquinas; Ocupaciones elementales; Amas de casa (véase <http://www.ilo.org/public/spanish/bureau/stat/isco/>).

GRÁFICO 1

Investigadores/as según momento de inicio del estudio de inglés y máximo nivel educativo finalizado por padre o madre [%] (N = 2.354)



Fuente: Elaboración propia (encuesta Ecapin). Nota: Primario incluye 29 casos de primario incompleto. Sólo se incluyen casos con datos para ambas variables.

Desde ese extremo la proporción disminuye hasta el 22% correspondiente a los hogares sólo con nivel primario. La misma secuencia descendente se verifica para los dos motivos siguientes, es decir, la exigencia de la educación primaria y secundaria. Esto apunta a que, a mayor capital escolar familiar, mayor reconocimiento de la incidencia de los padres sobre la estrategia de adquisición de idiomas.

Cuando se reconocen motivos ya vinculados con la carrera académica, la secuencia se vuelve ascendente por lo que puede pensarse que los efectos del capital cultural familiar se invierten. La exigencia familiar o de la educación primaria o secundaria fue señalada como motivo en mayor proporción que el resto por quienes provienen de hogares con padre o madre con nivel de posgrado o universitario. Excepto el interés personal, todos los otros motivos (donde la acción de la familia desaparece y sólo permanecen razones académicas) fueron señalados en mayor medida por las y los investigadores provenientes de hogares con menor capital escolar (hasta nivel secundario y, sobre todo, nivel primario completo).

TABLA 7

Investigadores/as por motivo de inicio de aprendizaje de inglés, porcentajes por máximo nivel educativo de la madre y/o el padre

MOTIVOS	POSGRADO	SUPERIOR	SECUNDARIO	PRIMARIO
Exigencia familiar	46%	40%	29%	22%
Educación primaria	16%	11%	11%	5%
Educación secundaria	29%	22%	21%	17%
Carrera de grado	20%	21%	27%	29%
Carrera de posgrado	26%	29%	33%	38%
Contacto con colegas	29%	31%	28%	36%
Lectura de bibliografía	38%	45%	49%	56%
Redacción de publicaciones	34%	39%	43%	47%
Realizar una movilidad	28%	28%	28%	34%
Interés personal	54%	53%	53%	51%

Fuente: Elaboración propia (encuesta Ecapin). Nota: Primario incluye 29 casos de primario incompleto. Sólo se incluyen casos con datos para ambas variables.

La puesta en práctica del capital lingüístico

El inglés, en tanto lengua de publicación, ocupa un lugar central en las estrategias de construcción del capital académico de parte los/as investigadores/as de Conicet. Entre las “cinco publicaciones relevantes” que seleccionan quienes se presentan a promoción de categoría, el 83% de las publicaciones fueron realizadas en inglés (Beigel, 2017). En otro estudio se determinó que, si se considera el total de publicaciones (artículos, libros y partes de libro), más del 80% de estas corresponden únicamente a artículos en inglés entre investigadores/as de CEN y CBS. Entre los/as del área CAIM, la proporción es superior al 70%. Sólo en CSH el inglés tiene una participación reducida (menos del 10% de la producción total corresponde a artículos en este idioma) (Beigel y Gallardo, 2021).

Teniendo en cuenta este panorama, en la encuesta se solicitó la valoración del inglés en distintas dimensiones de la labor científica. Una vez más, se producen diferencias importantes a través de las áreas científicas, haciéndose visibles las particularidades de los investigadores de Ciencias Sociales y Humanidades. La Tabla 8 presenta los porcentajes de individuos que valoraron como “muy importante” al inglés en cuatro dimensiones de la actividad académica: la lectura y consulta de bibliografía, la comunicación colegas ubicados fuera del país, y la publicación científica en la Argentina y en el exterior. Cada una de estas valoraciones se solicitó a partir de dos enfoques, uno orientado a la propia trayectoria de cada investigador, y otro

hacia la opinión sobre el conjunto del campo disciplinar en el que actúan. Debido a la proximidad de los valores para CBS, CAIM y CEN estos se presentan como el promedio de los valores de cada área. La lectura más significativa es que, en todos los casos, el porcentaje de CSH es notoriamente menor que para el resto de las áreas disciplinares.

TABLA 8

Investigadores que valoran como “muy importante” el inglés en su trayectoria individual y en su disciplina de actuación [%], (N = 2.390)

DIMENSIONES DE ACTIVIDAD ACADÉMICA	Trayectoria Individual	Trayectoria individual	Disciplina de Actuación	Disciplina de Actuación
	CSH	STEM	CSH	STEM
Lectura de bibliografía y antecedentes	83%	94%	66%	91%
Comunicación con colegas del exterior	56%	80%	57%	87%
Publicación en Argentina	12%	21%	9%	19%
Publicación en el exterior	61%	96%	55%	89%

Fuente: Elaboración propia (encuesta Ecapin). Los valores para CAIM, CBS y CEN corresponden al promedio de las tres áreas.

Las CSH son, por lo tanto, un espacio donde el inglés es valorado como un recurso idiomático central, pero no tan central como en las otras áreas. En CSH aparecen también otros idiomas con alguna valoración positiva. Según arrojó la encuesta, el 19% ha publicado en francés y otro 16% expresa su deseo de hacerlo en el futuro. Valores similares presenta el portugués, con 21% y 20%, respectivamente. Los valores son sensiblemente menores para el alemán, en el que el 9% de los investigadores de CSH ha realizado al menos una publicación, mientras que el mismo porcentaje expresa su voluntad de hacerlo en el futuro.

Para el promedio de las otras tres áreas, en cambio, sólo el 2,9% han publicado en francés, y apenas el 3,9% manifiesta la intención de concretar alguna publicación en el futuro. En el caso del portugués los valores son un poco mayores, en tanto ha publicado en este idioma el 5% de los investigadores, mientras que el 6% estaría interesado en hacerlo. Por último, en alemán sólo ha publicado el 1,7% y al 3,9% le gustaría hacerlo.

Es posible también analizar las modalidades específicas de escritura en inglés. Considerando a quienes han publicado en este idioma, un 4% lo ha hecho sólo bajo la modalidad de autor/a único/a; un 31% únicamente ha publicado en coautoría; y el resto (65%) lo ha hecho de ambas formas.

Las modalidades de escritura más señalada por quienes han publicado al menos una vez como autor/a único/a son la redacción en inglés (73%), la redacción en

inglés y la solicitud de corrección por parte de colegas (35%) o por profesionales idóneos/as en la materia (38%). La redacción en español y posterior traducción sólo fue señalada por el 5% de las y los investigadores.

El Gráfico 2 muestra las principales combinaciones de las modalidades de redacción según los resultados de la encuesta (corresponden al 99% de los casos), destacándose que, de izquierda a derecha, disminuye la proporción de investigadores/as que se autocalifican con una competencia “avanzada” de escritura en inglés, al mismo tiempo que aumentan las percepciones “intermedia” y “básica”. Conforme se avanza hacia la columna de la derecha aparecen modalidades de escritura más alejadas de la escritura individual (la primera representa a quienes únicamente señalaron este tipo de redacción) y se hace más crucial la intervención de *literacy brokers*. La primera columna indica que el 89% de quienes indican como única modalidad la redacción en inglés se autopercibe con una calificación avanzada en producción escrita en este idioma.

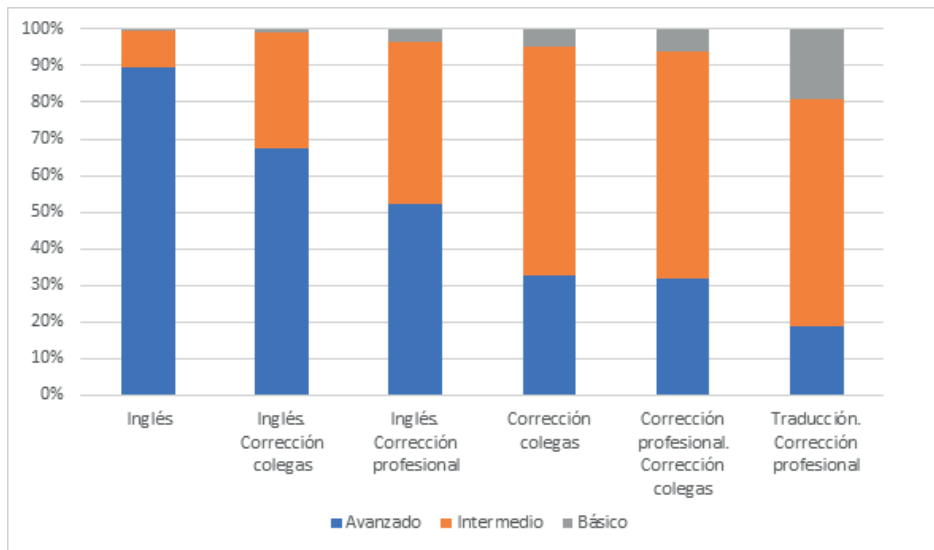
La segunda columna suma a la escritura individual el envío del manuscrito para su corrección por colegas. Puede especularse que un texto en inglés enviado a un colega de la disciplina es, desde la perspectiva de su autor/a, menos susceptible de correcciones que uno enviado a un profesional, lo que probablemente demande más tiempo de trabajo. Es decir, mientras se perciba que es más necesario pulir la redacción original, más probable recurrir a un profesional específico para esta tarea, que además es rentada y para la que, por lo tanto, es preciso movilizar recursos económicos, sean personales o institucionales.

En las columnas cuarta y quinta, donde ya desaparece la modalidad de escritura en inglés sin revisión y la autopercepción avanzada disminuye hasta el 30%, aparecen el envío a corrección por colegas o por colegas y profesionales, señal de una experticia personal que otorga menos certezas sobre la aceptación del manuscrito por el equipo editorial de la publicación. La última columna, si bien representa sólo el 4% de los casos, es relevante porque aquí la percepción avanzada es de menos del 20% y se hacen presentes las modalidades que probablemente menos huellas dejen de la redacción original del autor/a (la corrección por profesionales y la traducción).

La estructura de capacidades lingüísticas, influenciada por el origen social, no parece guardar relación con la distribución de las modalidades de escritura en inglés. No hay, por ejemplo, una tendencia a que quienes empezaron antes a estudiar el idioma redacten en mayor medida por sí solos/as. En cambio, sí hay una relación visible con las áreas disciplinares donde se inscriben las y los investigadores tanto como sus publicaciones. Las combinaciones que se describieron como más autónomas (la redacción en inglés y la corrección por colegas) están generalizadas sobre todo entre los y las investigadoras de CEN (alcanzan al 61% de los casos). En CAIM

GRÁFICO 2

Combinación de modalidades de escritura en inglés para publicaciones de autor/a único/a, según autopercepción de la capacidad de escritura en inglés [%]



Fuente: Elaboración propia (encuesta Ecapin). Significado de las etiquetas: Inglés (sólo redacta en inglés), Corrección colegas (redacta en inglés y envía a corregir por colegas), Corrección profesional (redacta en inglés y envía a corregir por profesional idóneo), Traducción (redacción en español y envío a traducción).

representan el 53% y en CBS, el 45%. En CSH disminuyen todavía más, hasta el 30%, y la modalidad más usual es la redacción en inglés más la redacción en inglés y el envío a corrección por profesional, con 42% de los casos. En definitiva, las y los investigadores de las otras áreas parecen ser más expertos/as en la redacción en inglés de sus publicaciones en autoría única que quienes se inscriben en las Ciencias Sociales y Humanidades. Sobre ello pueden concurrir dos efectos. Sin dudas, que la publicación en inglés sea casi la única posibilidad reconocida y practicada por las disciplinas STEM influye sobre la disposición de sus investigadores/as de apropiarse del inglés como herramienta central y hacer de ella un uso experto. Así, tarde o temprano, todos y todas aprenden a escribir en inglés de manera suficientemente económica para publicar sus trabajos en ese idioma. La cultura de circulación específica de cada espacio disciplinar, por lo tanto, parece establece una suerte de tasa de conversión del capital lingüístico en académico.

El análisis de las modalidades de escritura de las publicaciones en coautoría en inglés arroja resultados aproximados a los ya analizados. Entre los 2141 investigadores/as que conforman este grupo, las modalidades más señaladas son la redacción en inglés con el conjunto de coautores/as (63%), la redacción individual en inglés (41%),

la redacción en inglés en coautoría y el envío a corrección por un profesional (21%), la revisión del manuscrito redactado por otros/as coautores/as (17%), la redacción individual en inglés y el envío a corrección por un profesional (14%), la redacción en inglés en conjunto con colegas angloparlantes (8%) y el envío a traducción, sea a partir de una redacción en coautoría (5%) o individual (4%). Combinadas, las modalidades que implican sólo la redacción en inglés sin envío a corrección posterior representan el 63% de los casos, aquellas con intervención de algún profesional (para corregir o traducir), el 17%; mientras que el 20% restante de los casos corresponde a quienes señalan tanto modalidades autónomas como con intervención de terceros.

A través de las disciplinas se observan diferencias importantes. Mientras que los tipos de escritura autónoma (sin intervención de profesionales o colegas a posteriori) suman en CEN, CAIM y CBS entre el 77 y el 62%, en CSH sólo alcanza al 36%. Hay tres disciplinas dentro de CEN que se destacan por la muy alta incidencia de este tipo de modalidades de escritura en inglés. Se trata de Matemática (100%), Astronomía (95%) y Física (90%), entre las que está ausente o casi ausente la apelación a la revisión por parte de colegas o profesionales en inglés, tal vez asociado a la formalidad de los *papers* en estas disciplinas. En el otro extremo, las que presentan los valores más bajos de esta escritura “autónoma”, son todas sociales, Antropología social y cultural (24%), Historia (25%), Arqueología (27%).

Cabe señalar, finalmente, un detalle relevante: que la proporción de investigadores/as que señala como única modalidad a la redacción individual en inglés es aproximadamente constante en todos los grupos disciplinares (en torno al 10%), lo que puede estar señalando a un núcleo de autores/as que asumen la responsabilidad de la escritura. La relación entre auto percepción de la capacidad de escribir en inglés y las modalidades de escritura es idéntica a la mostrada en el Gráfico 2. Del mismo modo, no hay una relación observable entre las opciones de escritura y el origen social.

La población que no ha publicado en inglés (138 individuos) fue consultada en otra sección del cuestionario sobre los motivos para no hacerlo. Señalaron el no contar con las capacidades suficientes (41 casos), resultar irrelevante para la disciplina de actuación (30) o sencillamente no tener interés en hacerlo (25); se declaran en desacuerdo con la publicación en inglés (10) o no lo consideran relevante para su carrera (6). Un grupo de 90 investigadores/as consignaron tener interés en publicar en el futuro en el idioma. No publicar en inglés y, más aún, rechazarlo de forma explícita son casos excepcionalmente poco frecuentes en la población bajo estudio.

Como se trató de una pregunta semiestructurada también fue posible recuperar algunos de los motivos específicos que añadieron los encuestados. Para un grupo efectivamente se trata de un momento de la carrera en el que todavía no han publicado en inglés: “Está en evaluación”, “Estoy en el proceso de publicar en inglés, es algo que

quiero lograr en mi primer año como investigadora”, “He presentado ponencias en inglés y estoy actualmente preparando artículos en inglés para publicar”, “Publiqué sólo reseñas, actualmente estoy por enviar dos artículos en inglés. No lo hacía porque no me sentía segura pero ahora sí”.

En otros casos, en cambio, salen a la luz opiniones de distintos/as investigadores/as consistentes con culturas evaluativas donde el inglés no es central: “creo que el español es una lengua científica de prestigio y que publicar en ella trabajos de calidad promueve su aprendizaje por parte de colegas en el exterior”, “el intercambio principal es con colegas que hablan castellano, portugués y francés”, “en la especialidad que tengo (que es provinciana en buena medida) no ha sido imprescindible. un aspecto importante es que publicar en inglés requiere un esfuerzo mayor para un resultado incierto en la evaluación, y sin que sea seguro que el público lector se incrementará”, “es relevante pero no mucho para las perspectivas con las cuales trabajo, el francés en primer término es, en cambio, fundamental, y el portugués en segundo lugar; por otro lado, en cuanto a problema de investigación (historia de los debates y políticas sobre la lengua en Argentina) me suelen pedir contribuciones en países hispanohablantes y en Argentina”, “he publicado en francés, idioma de referencia en mi área de trabajo”, “la mayoría de las revistas internacionales especializadas en historia latinoamericana publican en castellano; publiqué mucho también en francés”, “mis temas hacen más relevante la publicación en español y portugués; tengo mucha más familiaridad con otras lenguas y tal vez eso, y una escritura insuficiente en inglés, incidan”, “prefiero publicar en idiomas donde me lean personas de países con los que tengo posibilidad efectiva de establecer vínculos persistentes para mí o para mis becarios”, “publico en alemán, por mi área de estudio”.

Conclusiones

El análisis de los datos disponibles permite caracterizar a los/as investigadores/as argentinos/as como conocedores/as de un amplio abanico de idiomas distintos del español. La adquisición de tales capacidades se da con distinta profundidad, en diferentes momentos de la trayectoria y por una variedad de razones. Es clara, no obstante, la preeminencia del inglés por sobre otras lenguas. Si bien la encuesta que se utilizó como fuente principal se centró justamente en el inglés, la comparativa con otros idiomas siempre se muestra menos favorable para estos, algo que confirma también el análisis de los CV. Al mismo tiempo, resulta claro que el inglés es, además del español, el principal idioma utilizado en las actividades específicamente académicas. Excepto para los/as investigadores de Ciencias Sociales y Humanidades es también el vehículo casi exclusivo de las publicaciones en revistas científicas.

Fue posible caracterizar las modalidades de aprendizaje de las capacidades en inglés, entre las que predomina la formal sobre la informal o los procesos de adquisición (Krashen, 2009). También se pudo establecer la multiplicidad de representaciones con las que los/as investigadores/as justifican el aprendizaje del inglés, destacándose aquellas vinculadas al ejercicio de la profesión académica. Sin embargo, también se pudo establecer la incidencia moderada del capital cultural heredado -medido a través del máximo nivel educativo alcanzado por la madre o el padre- sobre el momento inicio de la formación en inglés.

Pero quizás el principal aporte del análisis conducido radique en la relativa independencia entre la trayectoria de adquisición del inglés y sus condiciones de utilización en un espacio social con reglas tan específicas como las del campo académico. La centralidad del inglés es valorada de manera destacada por los/as investigadores/as de Ciencias Sociales y Humanidades, tanto respecto de su propia trayectoria como para el conjunto de la disciplina en la que se desempeñan. Pero esta valoración es más alta en todas las dimensiones analizadas entre quienes se ubican en las otras áreas disciplinares.

En el contexto de un organismo tan homogéneo como Conicet, la adquisición de un nivel avanzado de capacidades en inglés está fuera de toda discusión. El diferencial puede encontrarse cuando se interroga por la mayor o menor autonomía que tales capacidades otorgan para la redacción en inglés. Por un lado, hay un núcleo de investigadores/as que parecen asumir la responsabilidad de redactar en inglés las publicaciones individuales o colectiva, y que declara casi no recurrir a otro tipo de modalidad. Pero mientras disminuye la autopercepción de la capacidad de escribir en inglés, aumenta la participación de *literacy brokers* (Lillis y Curry, 2010), es decir, de agentes que refuerzan o revisan la adecuación idiomática de un manuscrito. Así, todos/as alcanzan la posibilidad de publicar exitosamente en inglés, aun cuando individualmente no dispongan de la capacidad o disposición de hacerlo.

De esta manera, inciden sobre el proceso de construcción de las capacidades en idiomas extranjeros múltiples factores a distinta escala, tal como propone Gerhards para comprender el capital lingüístico internacional (Gerhards, 2014). En el contexto de un campo altamente formalizado como el académico, sin embargo, tales capacidades están fuertemente atravesadas por las condiciones de su puesta en práctica. Pueden ser invocadas como una forma de capital académico en tanto se adapten a las exigencias del campo en que tal capital es eficiente. En particular, tiene incidencia la distinta centralidad del inglés en cada espacio disciplinar específico. Así, los/as investigadores/as de Ciencias Sociales y Humanidades – que están provistos/as de un capital lingüístico más diversificado – presentan la menor disposición a usarlo para sus publicaciones científicas, en tanto el español sigue siendo el principal vehículo de la comunicación.

Finalmente, es necesario también reflexionar sobre la representatividad de las conclusiones alcanzadas para el conjunto del campo científico argentino. La heterogeneidad de las culturas evaluativas en su seno advierte que es necesario indagar empíricamente sobre las prácticas académicas del conjunto de investigadores/as que no forman parte del Conicet. No hay suficientes estudios disponibles para caracterizar el balance idiomático de las publicaciones de estos investigadores e investigadoras, pero es altamente probable que presenten un peso menor del inglés. Ahora bien, como se ha tratado de mostrar en este artículo, esto no guardaría una relación unidireccional con las capacidades en idiomas distintos del español, su trayectoria de adquisición o su utilización académica fuera de las publicaciones. Por ello resultaría pertinente indagar sobre la construcción y puesta en práctica de estas capacidades en contextos que no exigen un tipo de publicación e internacionalización tan homogéneo como el del organismo aquí analizado.

Referências bibliográficas

- BEIGEL, Fernanda. (2017), “Científicos periféricos, entre Ariel y Calibán. Saberes institucionales y circuitos de consagración en Argentina: Las publicaciones de los investigadores del Conicet”. *Dados*, 60 (3): 825-65. Disponible en <https://doi.org/10.1590/001152582017136>.
- BEIGEL, Fernanda. (2014), “Publishing from the Periphery: Structural Heterogeneity and Segmented Circuits. The Evaluation of Scientific Publications for Tenure in Argentina’s Conicet”. *Current Sociology*, 62 (5): 743-65. Disponible en <https://doi.org/10.1177/0011392114533977>.
- BEIGEL, Fernanda & GALLARDO, Oswaldo. (febrero de 2021), “Productividad, bibliodiversidad y bilingüismo en un corpus completo de producciones científicas”. *Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad. Revista CTS*, 46 (16): 41-7. Disponible en <http://www.revistacts.net/contenido/numero-46/productividad-bibliodiversidad-y-bilinguismo-en-un-corpus-completo-de-producciones-cientificas/>.
- BEIGEL, Fernanda; GALLARDO, Oswaldo & BEKERMANN, Fabiana. (2018), “Institutional expansion and scientific development in the periphery: The structural heterogeneity of Argentina’s academic field”. *Minerva*, 56 (3): 305-331. Disponible en <http://rdcu.be/EuXI>, DOI: 10.1007/s11024-017-9340-2.
- BEIGEL, Fernanda; PACKER, Abel Laerte; GALLARDO, Oswaldo & SALATINO, Maximiliano. (2022), “Oliva: Una mirada transversal a la producción científica indexada en América Latina. Diversidad disciplinar, colaboración institucional y multilingüismo en Scielo y Redalyc”. *SciELO Preprints*. DOI: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2653> (en prensa en *Dados, Revista de Ciências Sociais*).
- BEIGEL, Fernanda & SALATINO, Maximiliano. (2015), “Circuitos segmentados de consagración

- académica: las revistas de Ciencias Sociales y Humanidades en la Argentina". *Información, Cultura y Sociedad*, 32: 11-35. Disponible en <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/ICS/article/view/1342>.
- BOURDIEU, Pierre. (2012), *La distinción. Criterio y bases sociales del gusto*. Buenos Aires, Taurus.
- BOURDIEU, Pierre & WACQUANT, Loïc. (2005), "Sobre las astucias de la razón imperialista". In: WACQUANT, Loïc (ed.). *El misterio del ministerio. Pierre Bourdieu y la política democrática*. Barcelona, Gedisa.
- CURRY, Mary Jane. (August 2006), "Reframing notions of competence in scholarly writing: from individual to networked activity". *Revista Canaria de Estudios Ingleses*, 53: 63-78. Disponible en <http://riull.ull.es/xmlui/handle/915/17285>.
- DIDOU AUPETIT, Sylvie, & GÉRARD, Etienne, eds. (2009), *Fuga de cerebros, movilidad académica, redes científicas. Perspectivas latinoamericanas*. México, Iesalc-Cinvestav-IRD. Disponible en <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000186433>.
- DE FILIPPO, Daniela, BARRERE, Rodolfo & GÓMEZ, Isabel. (2010), "Características e impacto de la producción científica en colaboración entre Argentina y España". *Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad*, 6 (16): 179-200. Disponible en <http://www.revistacts.net/contenido/numero-16/caracteristicas-e-impacto-de-la-produccion-cientifica-en-colaboracion-entre-argentina-y-espana/>.
- GAILLARD, Jacques & ARVANITIS, Rigas, eds. (2013), *Research collaborations between Europe and Latin America. Mapping and understanding partnership*. Paris, Éditions des Archives Contemporaines.
- GERHARDS, Jürgen. (2012), *From Babel to Brussels. European integration and the importance of transnational linguistic capital*. Berlín, Freie Universität Berlin.
- GERHARDS, Jürgen. (2014), "Transnational linguistic capital: Explaining English proficiency in 27 European countries". *International Sociology*, 29 (1): 56-74. Available in <https://doi.org/10.1177/0268580913519461>.
- KRASHEN, Stephen D. (2009), *Principles and practice in second language acquisition*. Internet edition. Available in <http://www.sdkrashen.com/>.
- LILLIS, Theresa & CURRY, Mary Jane. (2006), "Professional academic writing by multilingual scholars". *Written Communication*, 23 (1): 3-35. Available in <https://doi.org/10.1177%2F0741088305283754>.
- LILLIS, Theresa & CURRY, Mary Jane. (2010), *Academic writing in a global context. The politics and practices of publishing in English*. Londres, Routledge.
- ORTIZ, Renato. (2009), *La supremacía del inglés en las ciencias sociales*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno Editores Argentina.
- PACKER, Abel Laerte & MENEGHINI, Rogerio. (2007), "Learning to communicate science in developing countries". *Interciencia*, 32 (9): 643-47. Available in <https://www.redalyc.org/pdf/339/33932912.pdf>.

VESSURI, Hebe. (2008), “Competición y colaboración en un contexto de multiplicación de ‘centros de atracción’ y ‘desiertos yermos’”. *Revista de la Educación Superior*, 37 (148): 123-39. Disponible en http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-27602008000400009&lng=es&nrm=iso.

Resumen

Las competencias lingüísticas en juego en el campo académico. Perfiles de adquisición, valoración y utilización del inglés por investigadores/as científicas de Argentina

El objetivo del artículo es discutir el proceso de adquisición y utilización del idioma inglés por parte de investigadores e investigadoras cuya lengua materna es el español. El estudio empírico se basa en una encuesta (N = 2.390) y en el análisis de currículum vitae (N = 4.638) de investigadores/as del Conicet (Argentina). Se identificaron distintos perfiles de capacidades en inglés, así como su vinculación con las trayectorias de adquisición y el origen social de los/as investigadores/as. Sin embargo, el uso académico de estas capacidades está claramente influenciado por el campo específico donde son puestas en práctica. Así, mientras los/as investigadores/as de todas las áreas disciplinares presentan capacidades avanzadas en inglés, éstas son aplicadas mayormente por quienes se desempeñan en las ciencias naturales y aplicadas, en particular en lo que se refiere a la redacción de publicaciones científicas.

Palabras clave: Competencias lingüísticas; Aprendizaje del inglés; Investigadores del Conicet (Argentina).

Resumo

As competências linguísticas em jogo no campo acadêmico. Perfis de aquisição, valoração e utilização do inglês por investigadores/as científicas da Argentina

O objetivo deste artigo é discutir o processo de aquisição e uso do inglês por pesquisadores científicos cuja língua materna é o espanhol. Os dados foram gerados por uma pesquisa (N = 2.390) e pela análise de currículos (N = 4.638) de pesquisadores do Conicet (Argentina). Diferentes perfis de aprendizagem de inglês foram identificados indicando que há uma conexão entre a trajetória de aquisição e a origem social dos pesquisadores. No entanto, o uso acadêmico da língua é altamente determinado pelo campo em que é aplicado. Pesquisadores de todas as áreas científicas possuem capacidades avançadas em inglês. Mas essas capacidades são aplicadas principalmente por pesquisadores STEM, particularmente a habilidade de escrita.

Palavras-chave: Competências linguísticas; Aprendizagem de inglês; Pesquisadores do Conicet (Argentina).

Abstract

Linguistic skills in the academic field. Profiles of acquisition, assessment and use of English by scientific researchers in Argentina

The aim of this article is to discuss the process of acquisition and use of English by scientific researchers whose mother language is Spanish. The data has been generated by both a survey (N = 2.390) and analysis of curriculum vitae (N = 4.638) of researchers at Conicet (Argentina). Different English learning profiles have been identified indicating there is a connection between the acquisition trajectory and the social origin of researchers. However, the academic use of the language is highly determined by the field in which it is applied. Researchers of all scientific areas have advanced capacities in English. But these capacities are mostly applied by STEM researchers, particularly the writing skill.

Keywords: Linguistic skills; English learning; Conicet researchers (Argentina).

Texto recebido em 13/07/2022 e aprovado em 19/08/2022.

DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2022.200076

OSVALDO GALLARDO é professor e licenciado em História pela Universidade Nacional de Cuyo (Argentina). É doutor em Estudos Sociais da América Latina pela Universidade Nacional de Córdoba (Argentina). Atualmente é bolsista de pós-doutorado no Conicet e professor na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Nacional de Cuyo. Tem feito pesquisa em várias universidades argentinas e na USP, Unicamp e UFPA. E-mail: osvaldogallardo87@gmail.com.



Linguistic skills in the academic field

Profiles of acquisition, assessment and use of English by scientific researchers in Argentina¹

Oswaldo Gallardo*

<https://orcid.org/0000-0003-0662-2196>

Introduction: English skills in a changing academic field

Several studies highlight the centrality that internationalization has acquired in the public agenda of research and higher education, and how the programmes, the funding, and the debates around this phenomenon in Argentina and Latin America have multiplied (Didou Aupetit and Gérard, 2009; De Filippo, Barrere and Gómez, 2010; Gaillard and Arvanitis, 2013; Vessuri, 2008). This article deals with a specific dimension of these processes, the acquiring and practice of the specific linguistics abilities in the context of a national academic field crossed by the global, national, and local logics. The aim is to address the processes of acquiring these abilities and their use in the field, particularly the ones concerning English though other languages will be mentioned as well within a context of a mostly Spanish speaking country.

* Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, Argentina.

1. This article is based on results of author's PhD thesis ("Una mirada relacional sobre el Conicet. Internacionalización, capital idiomático y cultura evaluativa en el campo científico-universitario argentino, 2003-2015"), approved in September 2019 in the Latin American Social Studies Program of the National University of Córdoba, Argentina. For this article, funding was provided by Conicet doctoral grant and additional research projects: Neies-Mercosur Educativo 03/15; "Gender asymmetries in academic publishing and its impact in career-building (Argentina-Brazil)", The Women and Science Chair, a Paris Dauphine-PSL University Chair and its Foundation, en asociación con Fondation l'Oréal, La Poste, Generali France, Safran y Talan.

The idiomatic problem in the academic practices has received more attention from the point of view of the so-called supremacy of the English language in the international academic system than from the view of the construction of a linguistic capital in the researchers in such system. This has been organized, over the last century, based on an unequal structure of production and circulation of knowledge as from the distinction between mainstream and peripheric science. Though its origins were clearly local, the mainstream style of production (language, writing style, that is, the American paper) became the global pattern for measuring quality in science (Beigel and Salatino, 2015; Ortiz, 2009; Packer and Meneghini, 2007). In the same way as the imperialisms of the universal (Bourdieu and Wacquant, 2005), the language of the science was imposed symbolically together with the exaltation of that form of recognition as the only one valid worldwide.

The mainstream indexation bases – headed by *Web of Science* and *Scopus* – certified this centrality of the English, with relative independence from the country where journals and authors come from. By mid-2022, in Scopus, there are 176,676 indexed articles in journals with at least one author affiliated to an Argentinian institution within the period 2001-2020. An 85.4% was published in English, 16.6% in Spanish and 0.6% in Portuguese². For the same period, out of the 32,358,070 published articles worldwide, 88.8% are in English, 1.2% in Spanish, and 0.6% in Portuguese.

There is a similar panorama in Web of Science. For the first two decades of the current century, the total amount of articles from Argentinian authors is 142,230. An 86.9% was published in English, 12.4% in Spanish and 1.1% in Portuguese. To a global extent (total amount of 27,231,230 articles), the percentages are, respectively, 95.7%, 0.8%, and 0.4%. That is to say that, globally, the weight of English is still undisputed in the indexation bases of the mainstream circuit, and the publishing of Argentinian author also reflect that tendency.

The Latin American data bases indicate a much stronger presence of Spanish and Portuguese, though English is far from being a marginal language. The combined registers of SciELO and Redalyc (Oliva project, cf. Beigel *et al.*, 2022) show that there are 41,957 articles by Argentinian institutional affiliated authors for the 2001-2009 period. An 85.5% of these publications were written in English, 14% in Spanish and 1.3% in Portuguese. The percentages for the total amount of publications in this period are, respectively, 44.5%, 24.1% and 31.1%.

In other words, the horizon of English as *lingua franca* for scientific communication is adjusted when we look beyond the mainstream databases strongly biased

2. The sum of the values is over 100% since Scopus takes into account more than one language per article in some cases. Search performed by the author.

towards English. But the idiomatic balance of the “real” scientific production has not been yet established nor there are current tools to conduct a reliable study, in which Oliva is a limited approximation.

In this context, it is relevant to ask oneself about the incidence of English and the strategies for acquiring linguistic abilities in a peripheric field where the protagonists’ native language is, in every case, Spanish. It is, therefore, appropriate to ask oneself how hyper central English is in the scientific production of these researchers, what their abilities are and how they use them and, finally, what place languages take in the construction of the academic capital.

This linguistic capital, as part of the cultural capital, is shaped by its constitutive elements (abilities in foreign languages) as well as their processes of acquisition. The ways in which this incorporated cultural capital is acquired impose marks of origin that will be determinant for their use in the cultural field (Bourdieu, 2012). Even though there are few cases mentioned in which a language – other than Spanish – is learned within the family, this last plays a meaningful role in the early learning of languages. Empirical observation shows that a large number of researchers started this process during their childhood or adolescence by parental decision. This early learning can be traced back to the parental disposition in starting an early investment in the learning of their children, especially English. Therefore, it is this cultural capital together with the inherited dispositions that oppose, by their conditions of origin, to the learning that Bourdieu calls methodical and late and that can appear as an answer to the demands of the scientific field.

Evidently, not only the family cultural capital nor the academic field structure explain the composition of the linguistic capital. Gerhards brings forward other social variables that have an influence over the distribution of what he calls international linguistic capital (competences in languages other than the mother tongue) (Gerhards, 2012, 2014) Three factors may have an impact over the possibilities of learning a foreign language: the opportunities to learn it (the most important factor related to the compulsive teaching of English in the educational system); the learning motivations (the prestige of the language, instrumental motivation-linked to the need of publishing in English for instance- integral motivation, linked with a positive value of the “culture” linked to a language); and the cost (that rises according to age and decreases according to an increase in the educational level). Other social factors can also have an impact at macro and individual level. Amongst the first can be considered the population of a country (that could indicate the position occupied by the official language in the idiomatic market) and the government investment and modernization of the educational system. Within the second, generation, social class, educational level and linguistic distance between English and the mother language

are mentioned (Gerhards, 2014). This theoretical framework provides the basis for analysing the influence of the generation membership, social origin, and scientific discipline over the distribution of the linguistic capital among researchers.

Understanding the impact of the increasing influence of English in the global academic world over specific contexts in which the actors are not English native speakers, has been the aim of numerous studies by Mary J. Curry and Theresa Lillis (Curry, 2006; Lillis and Curry, 2006, 2010). A relevant finding made by these authors is that, when publishing in English, the non-anglophone academics find more significant to work together with *literacy brokers* than to use their own linguistic abilities in English. These brokers are specialists in the language, specialist colleagues in the discipline with experience in publishing in journals in English, and even English-speaking friends or family (Lillis and Curry, 2010). It seems clear, thus, that linguistic abilities must be analysed in terms of their use, that is, in the frame of the tendencies and transformations of the structure and the logics of evaluation and circulation that characterize the Argentinian academic field.

The academic field in Argentina is distinguished by a deep structural heterogeneity (Beigel *et al.*, 2018). At its heart, institutions with different trajectories and evaluative cultures coexist. Between 2003 and 2015 the field underwent a deep process of expansion of its research capacities that represented a recovery respect from the marginality -mostly due to budget- forced on research and higher education during the auge of the neoliberal policies in the region during the 1990s. Between 2016 and 2019, a contraction within the change of government was experienced (Macri 2015-2019), but the production of knowledge continued intensely concentrated in the public area.

The National Council of Scientific and Technical Research (Conicet) is one of the main institutions that are part of this framing. Created by the mid XX century following the French CNRS model, it is the main institution that provides full-time research positions in the country. It is a decentralized organization run by the national State, which is its main source for funding. As a public institution, even though it depends on the Ministry of Science, Technology, and Innovation, it holds an important degree of functional autonomy.

On the other hand, 63 public national universities depend on the State but also hold high degrees of autonomy, even instituted at a constitutional rank. They present a quite varied panorama in terms of their antiquity, size, colleges/courses of studies, evaluative logics, and relation with Conicet and other academic institutions. There are also a handful of provincial universities and a large number of private universities which are mainly – and sometimes solely – oriented to teaching, specifically to liberal professions. Different from central countries, the development of research

activities is not a characteristic of the private system, except for specific fields. Private investment in research and development is also marginal in the case for Argentina, being the national State, the most outstanding funder of R&D activities.

The centrality of Conicet in this field sits in the Scientific Researcher Career, that consists in full time positions devoted to research accessible through competition. In these competitions, the number of indexed scientific publications in the mainstream circuit is assessed. Only the Social Sciences and Humanities consider the Latin American indexation circuit. However, neither for Conicet nor for universities, there is a sole system for classifying and assessing journals as it happens in Brazil or Colombia.

The available empiric studies allow to state that Conicet is breached by an evaluative culture based on the indexation of the scientific publications as its main way to weigh the background for entry and promotion within the institution. The evaluative and circulation culture is strongly defined more by the indexation than by the originality of the publications (Beigel, 2014; Beigel and Salatino, 2015), a criterion that admits some disciplinary adaptations. In the Social and Humanities Sciences, publishing in Spanish, regional and even national indexation together with the production of books are also well regarded. In the other disciplines, however, only *papers* are acknowledged, mainly in English and in mainstream journals.

In terms of scientific disciplines, the institution is organized in four large areas: Engineering and Agricultural Sciences (EAS), Biology and Health Sciences (BHS), Natural and Exact Sciences (NES) and Social Sciences and Humanities (SSH). According to Conicet, the first major area comprises mainly applied research developments and, to a lesser extent, experimental development and basic research linked to technological problems, and it includes six disciplinary committees³. Biology and Health Sciences⁴ have been linked to the history of Conicet itself since it was founded by the Nobel Prize for Medicine Bernardo Houssay, first Chairman of the Council from 1958 to his death in 1971. Traditionally very important to Conicet, Exact and Natural Sciences include a variety of disciplines⁵, with an emphasis in basic research. Finally, Social Sciences and Humanities the area that comprises more disciplinary committees⁶.

3. Agricultural Sciences; Civil, Mechanic, and Electric and related Engineering; Habitat, Environmental Sciences and Sustainability; IT and Communication; Process Engineering, Industrial Products and Biotechnology; Technological and Social Development and Complex Projects.

4. The disciplinary committees for this area are Medical Science, Biology, Biochemistry and Molecular Biology, Veterinary.

5. Disciplinary committees: Earth, Water and Atmosphere Sciences; Mathematics; Physics; Astronomy; Chemistry.

6. Disciplinary committees: Law, Political Sciences, and International Relations; Literature, Linguistics

Methodology and sources

The same survey as in the rest of the *dossier*⁷ has been used (survey on the linguistics abilities and internationalization, Ecapin, by its acronym in Spanish) for this article. It has been self-administered by Conicet researchers from October 31, 2016, to March 12, 2017. 2,390 valid answers were obtained, corresponding to a 23.8% of the 10,036 active researchers by December 2016.

The hereby analysed survey is not based on a probabilistic sample but on the population of researchers that agreed to completing it (see Beigel, Piovani and Almeida, in this number). Though this population cannot be considered as representative of the whole universe, in strict statistics terms, for the Argentinian case it is possible to state that it is structured in an analogical way to that universe. The distributions by discipline, gender, age range, Conicet category and provincial workplaces correspond, reasonably, with the active researchers in 2016 (see tables 1 and 2).

TABLE 1
Researchers that answered the survey and Conicet total bi scientific field (%)

SCIENTIFIC FIELD	SURVEY	CONICET RESEARCHERS
Biological and Health Sciences	29	30
Social and Humanities Sciences	25	22
Agricultural and Engineering Sciences	21	25
Exact and Natural Sciences	25	23
Total	100	100

Source: Own elaboration (Ecapin Survey) y *Conicet en Cifras*. Conicet 2017, accessed 12/03/2017, <<https://cifras.conicet.gov.ar/publica/>>.

TABLE 2
Researchers that answered the survey and Conicet total, by gender (%)

GENDER	SURVEY	CONICET RESEARCHERS
Female	55	53
Male	45	47
Total	100	100

Source: Own elaboration (Ecapin Survey) y *Conicet en Cifras*. Conicet 2017, accessed 12/03/2017, <<https://cifras.conicet.gov.ar/publica/>>.

and Semiotics; Philosophy; History, Geography, Social and Cultural Anthropology; Sociology, Social Communication and Demography; Economics, Management Sciences and Public Administration; Psychology and Education Sciences; Archaeology and Biological Anthropology.

7. The survey was part of a comparative study about the knowledge and the usage of foreign languages by academics in Argentina, Chile, and Brazil. It was funded by the Pict projects 2013-1442, PIP-Conicet 2014-0157 and Neies-Mercosur Educational 03/15.

For this article, a complementary source was used as well, derived from the author's PhD thesis. The Curriculum Vitae (CVs) of the active Conicet researchers in 2015 were analysed and information on linguistics abilities/competences of 4,638 researchers was obtained (59% of the total). The five languages that were identified as the main ones – English, French, Italian, German, and Portuguese – were analysed in three levels: self-perceived skills, informed formative training, and international exams passing. Other sixty-seven languages were mentioned (at least 13 of which are dead languages for the linguistic, historical, and anthropological interest).

Foreign languages for argentinian researchers

The skills in languages other than Spanish relate mostly to English, followed by French, Portuguese, German, and Italian. Practically, all researchers that claim to have knowledge of a foreign language included English (only sixty-five out of 4,638 do not state this in their CVs) and 37% mentions only English. The concentration of these five languages is complemented with other forty-four that some researchers claim to know at some degree. Seven of them are dead languages known by ninety-two researchers. Most of these cases correspond to Latin and Classic Greek (learned during their graduate education or, more rarely, during secondary school). In a minimum ratio, languages of interest for the historical research are to be found (Acadian, Classic Armenian, Classic Egyptian and its variations, Sanskrit and Classic Hebrew). It is not accidental then that 67% of the researchers with some knowledge of these languages belong to the Social and Humanity Sciences. The synthesis of the mentioned information is shown in Table 3.

TABLE 3
Researchers that claim to know languages other than Spanish, by main languages (%) (N = 4,638)

LANGUAGE	CASES	%
English	4573	98,6%
French	1761	38%
Portuguese	1121	24%
Italian	1017	22%
German	713	15%
Other	235	5%
Dead languages	91	2%

Source: Own elaboration (CV survey).

The STEM disciplines⁸ tend to focus on English not only as the language for publishing and communication but also as the only language different from Spanish that researchers know or, at least, include in their CVs. Table 4 shows that half the researchers in Biology and Health Sciences (BHS) and Engineering and Agricultural Sciences (EAS) know/understand a single foreign language and that up to 82% know even two. The ratios are slightly smaller in the case of Natural and Exact Sciences (NES), and very inferior in Social and Humanity Sciences (SSH), where more than half claims to know three or more languages. When abilities in a single language exist, they are in English for SSH in 92% of the cases whereas for the other areas the number climbs up to 98%.

TABLE 4
Number of foreign languages mentioned in CVs by area [%] (N = 4.638)

LANGUAGES	BHS	EAS	NES	SSH
1	48%	44%	36%	19%
2	34%	34%	38%	29%
Subtotal 1+2	82%	78%	74%	48%
3	13%	15%	17,5%	29%
4	4.4%	5%	6.5%	15%
5	0.5%	1.5%	1.6%	6%
6 to 9	0.1%	0.5%	0.4%	2%
Total	100%	100%	100%	10%

Source: Own elaboration (CV survey).

Knowledge in French was claimed by 38% of the researchers, in Portuguese by 24%, in Italian by 22% and in German by 15%. Table 5 presents this data discriminated by disciplinary area. The first set of rows indicates the percentage within the population that included information about their linguistic capital in their CVs, discriminated in by the five most important languages. The second part shows the percentages within each one of those specific cuts concerning the passing of at least one international exam⁹.

8. Stem refers to Science, Technology, Engineering and Mathematics. Here it is used to refer to researchers that are not in the Social and Humanities Sciences area.
9. Exams or certificates (such as First, Toefl, Delf, Celpe, European Common Frame for Languages) issued by international institutions were considered as well as the language exams required by foreign universities to take a course there. Sufficiency exams in graduate and post-graduate programmes in Argentina were excluded since they lack validation for foreign universities.

TABLE 5

Researchers that claim to know all five main languages in their cvs, and ratio within these that claims having passes exams, by area (N = 4.638)

INDICATOR	LANGUAGE	EAS	BHS	NES	SSH
States skills in the language	English	99.5%	99.3%	99.5%	97.7%
	French	31%	30%	35%	60%
	Portuguese	21%	17%	18%	45%
	German	12%	11%	21%	19%
	Italian	21%	15%	23%	30%
At least passing one international exam	English	15%	18%	12%	16%
	French	4.2%	4,3%	2.6%	3.5%
	Portuguese	1.3%	1,6%	-	1.1%
	German	15%	17%	10%	13%
	Italian	1.7%	1,3%	0.4%	0.3%

Fuente: Own elaboration (CV survey).

It can be observed that the ratio of researchers that claim to know English is near 100% in all areas, but for French, Portuguese and Italian the corresponding to SSH is significantly larger than in the other areas. German is the exception since it is in NES where more researchers claim to know it.

No disciplinary area appears to be associated with a higher intensity to the passing of international exams, the percentages are relatively low for all the areas and languages. Data appears to indicate that this external validation practice of the linguistic capital is not widespread among Conicet researchers.

It is also to be noted that the low ratio of researchers having passed international exams of Portuguese and Italian. Brazil and Italy are important destinations for development and mobility of Conicet researchers, particularly the first one. France is also a particularly important destination, but its national language does not present much higher values. The number of researchers passing exams for German, however, is close to English, in proportion.

Let us consider the results of the survey now. In order to weigh the skills in English, a scale of assessment was included for the researchers to self-classify themselves (advanced, intermediate, basic, none) according to the four usual linguistics abilities or skills for international exams (reading comprehension, listening, speaking, and writing).

The reading comprehension skill is categorized as advanced in most cases (86% of those who were surveyed). The remaining behave similarly among themselves. An advanced listening skill was indicated by the 54%, a writing skill by 53% and

speaking by 44%. At the other end of the scale – the categorization for “basic” – was barely above a 1% for the reading comprehension and around 10% for the other skills. These ratios do not allow greater variations among the different areas, though the higher percentages correspond to BHS and the lower to SSH and EAS.

The concentration of skills concerning reading is reflected in the other languages depicted in the survey as well. It was requested to point the self-perceived skills in languages-other than English and Spanish- being Portuguese, French, Italian and German the most important. Table 6 systematizes the collected information, highlighting that reading comprehension and, partially, listening outrun the other skills in the number of researchers that pointed them out. That is to say, reading and comprehending a speech in another language are more spread skills than being able to speak or even write using it.

TABLE 6
Researchers with knowledge of a language other than English by ability and language [%] (N = 2.390)

LANGUAGE	CASES	READING COMPREHENSION	LISTENING SKILLS	SPEAKING SKILLS	WRITING SKILLS
Portuguese	1350	92%	76%	37%	18%
French	1175	94%	60%	45%	67%
Italian	571	94%	88%	66%	35%
German	490	81%	60%	52%	33%

Source: Own elaboration (Ecapin Survey).

The case of Portuguese is remarkable since speaking and writing were pointed out in low ratios, as if the ones who know this language tend only to read it and understand it when listening to it. This suggests that a substantial portion of the researchers with skills in Portuguese ascribe these from a colloquial learning that allow them, for instance, to develop the ability to understand an article in Portuguese in practice but barely to be able to write one. A language apparently as unfamiliar as German (for Argentina) presents a less unbalanced distribution of the four skills. Possibly, this is due to the fact that in order to have some knowledge in German, it is required to pursue a formal learning that includes each of the four skills in some degree.

In the survey, it was not requested to assess the skills in languages other than English but the collected information in the CVs can be managed so as to reinforce the preceding interpretation. To that end, the self-perception of researchers that claimed abilities both in English and French, English and Portuguese or in the three languages (2,234 cases) was explored comparatively. Among these, only the cases in which the self-categorization for the language, recoded to the Advanced, Intermedi-

ate and Basic scale, when possible, have been considered. Thus, 1,048 researchers were kept for whom the general self-perception about English and French could be compared. Within such delimitations, in 59% of the cases the self-categorization in English is higher than in French, equivalent in a 34% and only a 7% is higher in French than in English. The most common combination is Advanced English-Basic French, reaching by itself 30% of the subjects.

In the case of English and Portuguese, data for 693 researchers was obtained. In the same way as for French, the most common modality is “Advanced English-Basic Portuguese” (28%). The qualification for the level of English is higher than the one for Portuguese in 60% of the cases, 33% are equivalent, and by 7% higher in Portuguese than in the British language, practically the same distribution observed for French.

Finally, 349 cases share a self-perception for French and Portuguese. Among those, 50% corresponds to the same categorization, French overcomes Portuguese by 27% and the inverse relation occurs in 23% of the cases.

Acquisition of skills in English

It has been possible to establish three modalities for constructing skills in foreign languages. On one hand, the informal acquisition, non-institutionalized, by direct contact with native speakers of the language. It is included the acquisition of one or more native languages within the family, such as in the case of recent migrants or families that keep using the language inherited from the previous generations (which in Argentina, could be the case of Italian and Iberic languages other than Spanish or Portuguese). The acquisition by means of immersion in a linguistic context different from the birthplace is also included, given by several reasons such as stays abroad during childhood or adolescence (associated to work relocation of any of the parents), the course of full or partial studies in non-Spanish-speaking countries, research, or work stays, among other possibilities. While the acquisition within the family can only be started during childhood, the one made by means of immersion can begin at any point of the trajectory.

A second way is the actual learning -different from acquisition (Krashe, 2009) that is made through formal or institutionalized stages. In these cases, the learning can correspond with attending educational institutions, bilingual or not, or language teaching institutions. There are plenty of these and classifying them is not simple. Essentially, they are university language institutions, Foreign States endorsed institutions (such as the Goethe Institute or the French Alliance) and private institutions. The starting point for the learning in “language institutions” can correspond with any

moment during the trajectory though it is quite common that it occurs in parallel to some of the formal educational stages. This institutionally acknowledged language goes together with passing international exams that are, occasionally, a requirement to develop activities at English-speaking universities.

The third way is designated here as non-formal, in which the learning is also systematized but non-institutionalized and corresponds with autonomous learning and private tutoring classes. The starting point of this type of learning is not contingent upon any specific point of the trajectory and can encompass extended time periods.

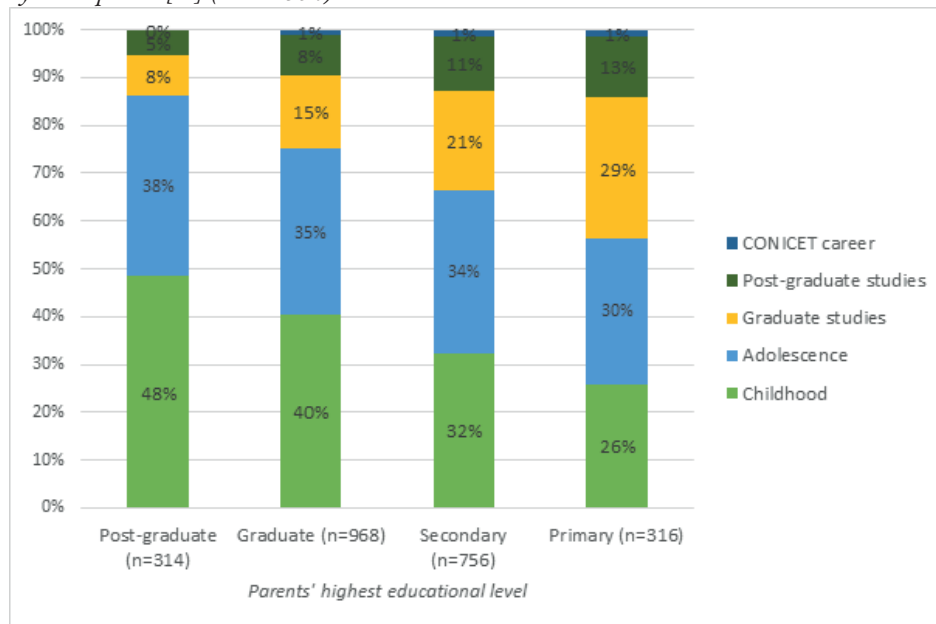
These ideal types of methods of constructing linguistics abilities appear strongly intermingled in the individual trajectories, as it was possible to rebuild based on the survey. They are no unmistaken, their possible meaning for a social and scientific trajectory is strongly conditioned by the time they appear during a determined trajectory. In addition, all of them can occur in both the country of birth and abroad, except for the immersive learning that occurs in a different idiomatic context. Finally, the learning modalities and the moment this begins are closely linked with the social origin of the researchers.

The most common way of English acquisition is the formal one for the Argentinian case. According to the survey, 92% of researchers pointed out one of these specific modalities as a learning stage. The most important is attending courses or institutions, indicated by 82% of the researchers. On the other hand, learning in a non-bilingual school context was mentioned by 21% and in a bilingual one by 10%. Autonomous learning was mentioned by 33% of the surveyed. A 34% of those experienced some of the stages of informal learning (32%, immersion in an English-speaking context and 4% within the family). Clearly, multiple combinations occur in different modalities, although attending language institutes as a unique learning stage is emphasised (33% of the analysed population). This mode combined with the learning by immersion represents 12% and with autonomous learning, 10%.

The moment when English acquisition begins focuses mainly during the first decades of life. The ones who started acquiring the language during their childhood represent 37% of the cases, followed by the ones who did it during their adolescence by a 34%. Although most of the cases occur in such segments, it is still relevant that 18% of the researchers declare that the first instant for studying English is their graduate studies, 10% post-graduate studies and even 1% during their Conicet career.

Among the reasons mentioned to start and continue studying English, there is a combination of multiple options. Individually, the most important are personal interest (53%), the need for reading in English (48%) and publishing articles (42%). The family demand was mentioned by a 36% and the mandatory certification of a language during post-graduate studies, by a 32%. Establishing communication

FIGURE 1
Researchers according to the beginning of learning English and highest educational level completed by either parent [%] (N = 2.354).



Source: Own elaboration (Ecapin Survey). Note: Primary includes 29 cases for incomplete primary level. Including only the cases with data for both variables.

with colleagues abroad (32%) also appeared as a necessity and as a requirement for mobility purposes in an English-speaking context. Far behind, the demands during graduate studies (24%), secondary school (24%) and primary school (11%) were also brought up.

It is possible to synthesize social origin with the ways in which English is learned as well as with the acknowledged motivations for such process. Those researchers with a family origin connected with the scientific field¹⁰ started their learning process during their childhood or adolescence in 79% of the cases. In the case of mother/father occupations, those ratios decrease moderately to a 70%¹¹ and 60%¹².

Figure 1 summarizes the same analysis from the perspective of educational and cultural capital inherited. It allows to visualize that the highest educational level

10. In cases in which either mother or father can be classified as scientific or professional intellectuals, according to the categories proposed by the ILO in 2008 (see <http://www.ilo.org/public/spanish/bureau/stat/isco/>).
11. Directors and managers occupational groups; Technician and middle level professionals; administrative support personnel; military occupations (see <http://www.ilo.org/public/spanish/bureau/stat/isco/>).
12. Services and salespeople occupational groups; farmers and agricultural qualified workers; officers, operators and crafters; installing and machinery operators; basic occupations, housewives (see <http://www.ilo.org/public/spanish/bureau/stat/isco/>).

completed (by either parent) is correlated with the starting point of the English learning process. The family background that includes post graduate studies correspond to a 48% of the cases of learning English during childhood. These percentages drop progressively to a 26% for parents that only completed primary school. In the opposite end of each bar, the beginning of the English learning process after adolescence rises from a 14% to a 44% between the first and last-mentioned groups. The intermediate segment – expressed by the ones that started their studies during their adolescence- represents, however, approximately a third for each group defined by the educational level of their parents.

The reasons mentioned for beginning and continuing the English learning process seem to be related with social origin as well. Table 7 indicates the percentage of researchers in the survey that selected each of the proposed reasons for starting to learn English, discriminated by the highest educational level reached by either parent. Learning the language as a “family demand” was indicated by 47% of those who have at least one parent who completed a post graduate level. From that point, the ratio decreases to a 22% corresponding to homes with a primary level alone. The same descending sequence is verified by the two following explanations, this is, the demands of primary and secondary school. This aims to the higher educational family capital, the more recognition of the parental influence on the strategy for acquiring the language.

TABLE 7
Researchers by reasons for learning English, percentages by highest educational level of either parent

REASON	POST-GRADUATE	HIGHER	SECONDARY	PRIMARY
Family demand	46%	40%	29%	22%
Primary school education	16%	11%	11%	5%
Secondary school education	29%	22%	21%	17%
Graduate studies	20%	21%	27%	29%
Post-graduate studies	26%	29%	33%	38%
Contact with peers	29%	31%	28%	36%
Bibliography reading	38%	45%	49%	56%
Writing of publications	34%	39%	43%	47%
Mobility goals	28%	28%	28%	34%
Personal reasons	54%	53%	53%	51%

Source: Own elaboration (Ecapin Survey). Note: Primary includes 29 cases for incomplete primary level. Including only the cases with data for both variables.

When there is a recognition of the reasons already involved in the academic career, the sequence becomes ascendent. This leads to think that the effects of the cultural family capital are reversed. Family or primary and secondary school demand were noted in a higher ratio by the ones that come from homes with either parent who completed a postgraduate or university educational level. Except for the case of personal interest, all other reasons (in which family influence disappears and only academic reasons remain) were marked to a larger extent by researchers coming from homes with a lesser educational capital (up to secondary and, above all, primary school level).

Implementing the linguistic capital

English, as the language for publishing, holds a central position in the strategies for constructing academic capital by Conicet researchers. Among the “five relevant publications” selected for the ones contesting for a category promotion, 83% of the publications were written in English (Beigel, 2017). In another study it was determined that when considering the total number of publications (articles, books and chapters of books), 80% of those correspond solely to articles in English by Natural and Exact Sciences (NES) and Biological and Health Sciences (BHS) researchers. Among the Engineering and Agricultural Sciences (EAS) area, the proportion rises above a 70%. Only in the Social Sciences and Humanities (SSH) area, English has a reduced participation (less than 10% of the total productions of articles in that language) (Beigel and Gallardo, 2021).

Considering this panorama, the Ecap survey asked about an appreciation of English in the various aspects of the scientific work. Once more, significant differences were produced along the scientific areas, being more evident the peculiarities of the SSH researchers. Table 8 presents the percentages of the individuals that regarded English as “very important” in four proposed dimensions of the academic activity: reading and consulting bibliography, communication with colleagues abroad and scientific publication in Argentina and abroad. Each of these appreciations was asked based on two approaches, one oriented to the particular trajectory of each researcher, and the second to the opinion on the disciplinary field group they are part of. Due to the proximity of the values for BHS, EAS and NES, those are presented as an average of the values for each area. The most significant interpretation is that, in every case, the percentage for SSH is remarkably smaller than for the rest of the disciplinary area.

TABLE 8

Researchers that regard English as “very important” in their individual trajectory and in their discipline of performance [%], (N = 2.390)

DIMENSIONS OF THE ACADEMIC TASKS	Individual Trajectory CSH	Individual Trajectory STEM	Discipline of Performance CSH	Discipline of Performance STEM
Bibliography and background reading	83%	94%	66%	91%
Communication with peers abroad	56%	80%	57%	87%
Publishing in Argentina	12%	21%	9%	19%
Publishing abroad	61%	96%	55%	89%

Source: Own elaboration (Ecapin Survey). The values for CAIM, CBS and CEN correspond to an average of the three areas.

The Social Sciences and Humanities (SSH) are, therefore, a space in which English is regarded as a central linguistic resource but not as central as in the other areas. There are other languages with some positive appreciation in the SSH as well. According to the survey, 19% of researchers has published in French and another 16% expects to do so in the future. Portuguese presents similar ratios in a 21% and 20% respectively. The values are sensibly reduced for German, in which 9% of the SSH researchers has published at least once, whereas the same percentage expresses their will to do so in the future.

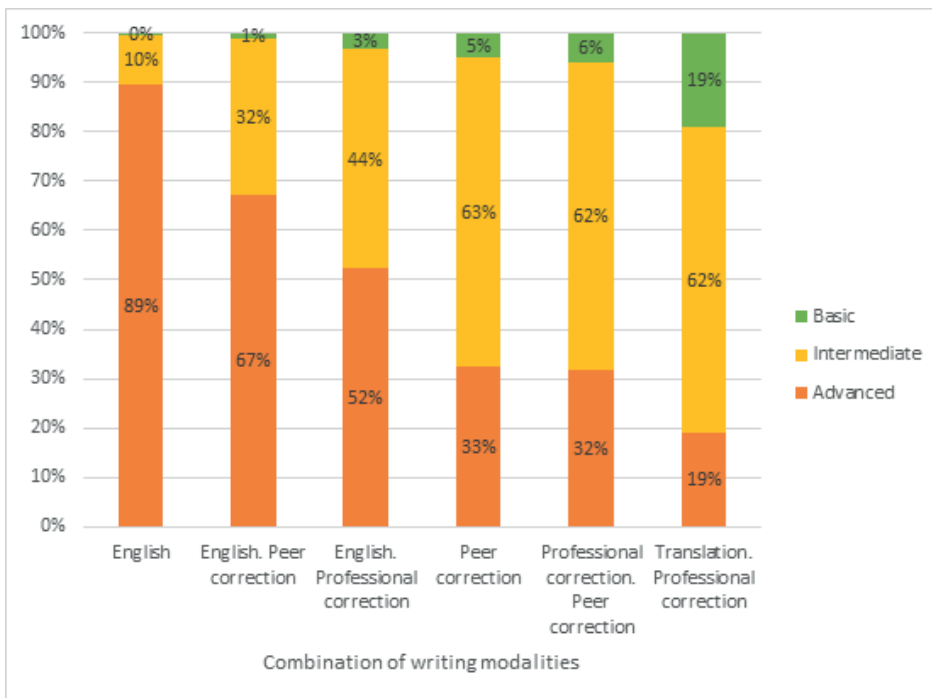
For average in the other areas, only 2.9% have published in French and barely a 3.9% have expressed the intention of substantiating a publication in the future. For Portuguese, the values are slightly higher as long as a 5% of researchers have published in this language, while a 6% might be concerned in doing it. At last, only a 1.7% have published in German and a 3.9% would like to.

It is also possible to analyse the specific modalities of writing in English. Taking into consideration the ones who have published in this language, a 4% have done it in a sole author mode, a 31% have only published in co-authorship; and the rest (65%) have done it in both modalities.

The most signalled writing modalities for those who have published at least once as sole author are writing in English (73%), writing in English and the request for peer correction (35%) or by skilled professionals on the subject (38%). Writing in Spanish and subsequent translation was mentioned only by 5% of the researchers.

Figure 2 shows the main combinations of the writing modalities according to the survey results (corresponding to a 99% of the cases), highlighting that, from left to right, the ratio of researchers that categorize themselves as having “advanced” skills for writing in English decreases as the “intermediate” and “basic” perceptions increase.

FIGURE 2
 Combination of writing modalities in English for sole author publications, according to self-perception of the ability for writing in English [%].



Source: Own elaboration (Ecapin Survey). Meaning of the labels: English (only writes in English), Peer correction (writes in English and requests peer correction), Professional correction (writes in English and request correction by a specialist), Translation (writes in Spanish and requests for translation).

Moving onto the right column, writing modalities that are far beyond the individual writing can be seen (the first one represents those who only pointed out that type of writing) and the intervention of “literacy brokers” becomes more crucial. The first column indicates that 89% of those who indicate writing in English as the only mode, categorize themselves as having an advanced skill in writing in this language.

The second column adds sending the manuscript for peer correction of the individual writing. It can be speculated that a text in English sent to a colleague is, from the author’s point of view, less likely to corrections than one sent to a professional which probably demands more working time. In other words, as long as it is recognised that it is more necessary to polish the original writing, it will be more likely to consult a paid professional specific to the area for performing this task and, therefore, it will be necessary to invest personal or institutional economic resources.

In the fourth and fifth columns, in which the writing mode without revision has disappeared and the “advanced” self-perception decreases to 30%, sending the manuscript to be edited/corrected by peers and professionals appears as a sign of personal

expertise that provides less certainty about the acceptance of the manuscript by the editorial team of the publication. Even when the last column represents only 4% of the cases, is relevant since the “advanced” self-perception is less than 20% and the modalities that probably leave less traces of the original writing appear (correction by professionals and translation)

The structure of linguistics abilities, influenced by social origin, does not seem to be related with the distribution of the writing modalities in English. There is not, for instance, a tendency in the ones that early started to study the language to write by themselves at some extent. There is, on the other hand, an evident relation with the disciplinary areas where researchers as well as their publications enrol. The combinations that were described as the most autonomous (writing in English and correction by peers) are generalized among NES researchers (61% of the cases). In EAS, they represent the 53% and in BHS, 45%. In SSH, they decrease even more to a 30% and the most usual mode is writing in English and writing in English and requesting for correction by a professional, with 42% of the cases. Ultimately, researchers in other areas seem to have more expertise in writing their sole author articles in English than the ones in the Social Sciences and Humanities area. Two effects can be described/identified. Undoubtedly, one is that the publication in English is almost the only recognized and practiced possibility by STEM disciplines that have an influence over the willingness of the researchers to acquire English as central tool and make a skilled use of it. Thus, eventually, everybody learns to write in English in an economical way in order to publish their works in that language. The specific circulation culture of each disciplinary area seems to establish some sort of rate of conversion of the linguistic capital into an academic one.

When analysing the writing modalities of the publications in English as co-authors, the results are similar to the ones already analysed. From the 2,141 researchers that are part of this group, the most noted modalities are writing in English with the co-authors group (63%), individual writing in English (41%), writing in English as co-author and correction by a professional (2%), revision of the manuscript written by other co-authors (17%), individual writing in English and correction by a professional (14%), writing in English with an English-speaking assemble of peers (8%) and requesting for translation of the text, either as co-author (5%) or individual (4%). Combined, the modalities that imply writing solely in English without later correction represent 63% of the cases, 17% of those with the intervention of a professional (for correcting or translating), while the remaining 20% corresponds with those who point out autonomous modalities as well as the intervention of a third party.

Significant differences are observed along the disciplines. While the types of autonomous mode (without later intervention of professionals or peers) add up in

NES, EAS and BHS between 77% and 62%, in SSH it only reaches a 36%. There are three disciplines within NES that stand out because of the high occurrence of this type of writing modalities in English. They are Mathematics (100%), Astronomy (95%) and Physics (90%), among which the request for revision of English by peers or professionals is almost absent, which might be associated with the formality of papers in these disciplines. On the other end, the ones that present the lowest levels of this “autonomous” writing are all social sciences such as Social and Cultural Anthropology (24%), History (25%) and Archaeology (27%).

It is worth mentioning a relevant detail: the ratio of researchers that mention individual writing in English as their sole mode is nearly constant in all disciplinary groups (around a 10%), which can be leading to a core of authors that take responsibility for their writing. The relation between the self-perception of the ability of writing on English and the writing modalities is almost identical to the shown in figure 2. In the same way, a relation between the writing options and social origin have not been observed.

The population that has not published in English (138 individuals) was consulted in another part of the survey about their reasons for not doing so. They listed not having the skills needed (41 cases), being it irrelevant for the performed discipline (30) or a simple lack of interest on the matter (25); they disagree with publishing in English (10) or do not consider it relevant for their career (6). A group of 90 researchers expressed an intention to publish in English eventually. Not publishing in English and, even more, explicitly rejecting to do it are exceptionally infrequent cases in the studied population.

As this was a semi-structured question it was also possible to retrieve some of the specific reasons provided in the survey. For a group, this is a specific time of their career in which they have not published in English yet: “It is being considered”, “I am in the process of publishing in English, it is something I want to achieve during my first year as researcher”, “I have prepared presentations in English and I am currently writing articles for publishing”, “I have only published reviews, I am currently about to submit two articles in English. I have not done before because I did not feel confident, but I do now”.

In some other cases, however, opinions arise from different researchers consistent with evaluative cultures in which English is not central: “I consider Spanish a prestigious scientific language and publishing quality works using it promotes its learning by colleagues abroad”, “The main interchange is with Spanish, Portuguese, and French-speaking colleagues”, “In my field (which is mostly local/provincial) it has not been essential. An important aspect is the fact that publishing in English demands a greater effort with uncertainty whether the number of readers will

increase”, “It is relevant but not as much for the perspectives I work with, instead French is fundamental in the first place and Portuguese in the second; on the other hand, in terms of research issues (history of debates and policies about language in Argentina) I am usually asked for contributions from Spanish-speaking countries and in Argentina”, “I have published in French, the reference language in my field”, “Most of the international journals specialized in Latin American History publish in Spanish; I have also published a lot in French”, “My subjects make more relevant publishing in Spanish and Portuguese; I am much more familiar with other languages and it may be because of that and an insufficient writing in English that come to play”, “I rather publish in languages in which I am read by people from countries where I have an active chance to create bonds with for me and my fellows”, “I publish in German because of my study field”.

Conclusions

The analysis of the available data allows to characterize Argentinian researchers as knowers of a wide range of languages other than Spanish. The acquisition of such skills occurs at distinct levels, in various times of their trajectories and due to a variety of reasons. It is clear, nevertheless, the prevalence of English above other languages. Although the survey that was used as the main source was focused particularly on the English language, the comparison with other languages is always seen as less favourable for those, a fact that is also validated by the analysis of the CVs. At the same time, it is also clear that English is, besides Spanish, the main language used in specific academic tasks. Except for Social Sciences and Humanities researchers, it is also the almost exclusive vehicle for publishing in scientific journals.

It has been possible to characterize the learning modalities of the skills in English, among which there is a predominance of the formal over the informal, and over the processes of acquisition (Krashen, 2009). It could also be established the multiplicity of representations in which researchers justify learning English, emphasizing those linked to the academic professional performance. However, it could also be established the moderate effect/incidence of an inherited cultural capital-measured through the highest educational level reached by any of the parents-over the starting point of learning English.

Possibly, the main contribution of the conducted analysis lies in the relative independence between the trajectory of the English acquisition and the conditions for its use in a social space with such specific procedures as those of the academic field. The centrality of English is highly assessed by Social Sciences and Humanities researchers, concerning their own trajectory as well as the disciplinary corpus in

which they perform. This assessment, however, is higher in all the analysed dimensions among those who are part of other disciplinary areas.

In the context of an institution as homogeneous as Conicet, the acquisition of an advanced level of English skills is indisputable. The differential can be found when the question over the greater or lesser autonomy that such skills provide when writing in English appears. On one hand, there is a body of researchers that seem to take responsibility in writing in English both individual and collective publications and that claim requiring hardly another type of mode. However, whereas there is a decrease in the self-perception of the ability for writing in English, there is an increase in the participation of the literary brokers (Lillis and Curry, 2010), this is, of agents that reinforce or review the language adequacy of manuscript. In this way, everyone reaches the possibility of successfully publishing in English, even when they individually do not possess the ability or disposition for doing so.

Thus, multiple factors at different scales have an impact over the process of constructing skills in foreign languages, as proposed by Gerhards so as to understand the international linguistic capital (Gerhards, 2014). In the context of a highly formalized field such as the academic, however, such abilities are strongly crossed by the conditions for their implementation. They can be invoked/invoiced as a form of academic capital as long as they adapt to the demands of the field in which such capital is efficient. Particularly, the differentiated centrality of English in each specific disciplinary space has an influence. In this way, the Social and Humanity Sciences researchers – provided with a more diverse linguistic capital – present a lesser willingness to use it for their scientific publications, while Spanish is still the main communication vehicle.

Finally, it is necessary to reflect upon the representativity of the conclusions reached for the whole of the Argentinian scientific field. The heterogeneity of the evaluative cultures themselves advise/warn that it is necessary to examine empirically the academic practices of the group of researchers that are not part of Conicet. There are not enough available studies to characterize the language balance of the publications of these researchers, but it is highly likely that they present a lesser weight than English. That said, as it has been revealed throughout this article, this might not keep a unidirectional relation with the skills in languages other than Spanish, their acquisition trajectory, or their academic use apart from publishing. That is why it would be relevant to explore the construction and implementation of those skills in contexts that do not demand a type of publishing and internationalization so homogeneous as in the hereby analysed institution.

References

- BEIGEL, Fernanda. (2017), "Científicos periféricos, entre Ariel y Calibán. Saberes institucionales y circuitos de consagración en Argentina: Las publicaciones de los investigadores del Conicet". *Dados*, 60 (3): 825-65. Disponible en <https://doi.org/10.1590/001152582017136>.
- BEIGEL, Fernanda. (2014), "Publishing from the Periphery: Structural Heterogeneity and Segmented Circuits. The Evaluation of Scientific Publications for Tenure in Argentina's Conicet". *Current Sociology*, 62 (5): 743-65. Disponible em <https://doi.org/10.1177/0011392114533977>.
- BEIGEL, Fernanda & GALLARDO, Osvaldo. (febrero de 2021), "Productividad, bibliodiversidad y bilingüismo en un corpus completo de producciones científicas". *Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad. Revista CTS*, 46 (16): 41-7. Disponible em <http://www.revistacts.net/contenido/numero-46/productividad-bibliodiversidad-y-bilinguismo-en-un-corpus-completo-de-producciones-cientificas/>.
- BEIGEL, Fernanda; GALLARDO, Osvaldo & BEKERMAN, Fabiana. (2018), "Institutional expansion and scientific development in the periphery: The structural heterogeneity of Argentina's academic field". *Minerva*, 56 (3): 305-331. Disponible en <http://rdcu.be/EuXI>, DOI: 10.1007/s11024-017-9340-2.
- BEIGEL, Fernanda; PACKER, Abel Laerte; GALLARDO, Osvaldo & SALATINO, Maximiliano. (2022), "Oliva: Una mirada transversal a la producción científica indexada en América Latina. Diversidad disciplinar, colaboración institucional y multilingüismo en Scielo y Redalyc". *Scielo Preprints*. DOI: <https://doi.org/10.1590/ScieloPreprints.2653> (en prensa en *Dados, Revista de Ciências Sociais*).
- BEIGEL, Fernanda & SALATINO, Maximiliano. (2015), "Circuitos segmentados de consagración académica: las revistas de Ciencias Sociales y Humanidades en la Argentina". *Información, Cultura y Sociedad*, 32: 11-35. Disponible en <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/ICS/article/view/1342>.
- BOURDIEU, Pierre. (2012), *La distinción. Criterio y bases sociales del gusto*. Buenos Aires, Taurus.
- BOURDIEU, Pierre & WACQUANT, Loïc. (2005), "Sobre las astucias de la razón imperialista". In: WACQUANT, Loïc (ed.). *El misterio del ministerio. Pierre Bourdieu y la política democrática*. Barcelona, Gedisa.
- CURRY, Mary Jane. (August 2006), "Reframing notions of competence in scholarly writing: from individual to networked activity". *Revista Canaria de Estudios Ingleses*, 53: 63-78. Disponible en <http://riull.ull.es/xmlui/handle/915/17285>.
- DIDOU AUPETIT, Sylvie, & GÉRARD, Etienne, eds. (2009), *Fuga de cerebros, movilidad académica, redes científicas. Perspectivas latinoamericanas*. México, Iesalc-Cinvestav-IRD. Disponible en <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000186433>.
- DE FILIPPO, Daniela, BARRERE, Rodolfo & GÓMEZ, Isabel. (2010), "Características e impacto

- de la producción científica en colaboración entre Argentina y España”. *Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad*, 6 (16): 179-200. Disponible en <http://www.revistacts.net/contenido/numero-16/caracteristicas-e-impacto-de-la-produccion-cientifica-en-colaboracion-entre-argentina-y-espana/>.
- GAILLARD, Jacques & ARVANITIS, Rigas, eds. (2013), *Research collaborations between Europe and Latin America. Mapping and understanding partnership*. Paris, Éditions des Archives Contemporaines.
- GERHARDS, Jürgen. (2012), *From Babel to Brussels. European integration and the importance of transnational linguistic capital*. Berlín, Freie Universität Berlin.
- GERHARDS, Jürgen. (2014), “Transnational linguistic capital: Explaining English proficiency in 27 European countries”. *International Sociology*, 29 (1): 56-74. Available in <https://doi.org/10.1177/0268580913519461>.
- KRASHEN, Stephen D. (2009), *Principles and practice in second language acquisition*. Internet edition. Available in <http://www.sdkrashen.com/>.
- LILLIS, Theresa & CURRY, Mary Jane. (2006), “Professional academic writing by multilingual scholars”. *Written Communication*, 23 (1): 3-35. Available in <https://doi.org/10.1177%2F0741088305283754>.
- LILLIS, Theresa & CURRY, Mary Jane. (2010), *Academic writing in a global context. The politics and practices of publishing in English*. Londres, Routledge.
- ORTIZ, Renato. (2009), *La supremacía del inglés en las ciencias sociales*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno Editores Argentina.
- PACKER, Abel Laerte & MENEGHINI, Rogerio. (2007), “Learning to communicate science in developing countries”. *Interciencia*, 32 (9): 643-47. Available in <https://www.redalyc.org/pdf/339/33932912.pdf>.
- VESSURI, Hebe. (2008), “Competición y colaboración en un contexto de multiplicación de ‘centros de atracción’ y ‘desiertos yermos’”. *Revista de la Educación Superior*, 37 (148): 123-39. Disponible en http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-27602008000400009&lng=es&nrm=iso.

Abstract

Linguistic skills in the academic field. Profiles of acquisition, assessment and use of English by scientific researchers in Argentina

The aim of this article is to discuss the process of acquisition and use of English by scientific researchers whose mother language is Spanish. The data has been generated by both a survey (N = 2.390) and analysis of curriculum vitae (N = 4.638) of researchers at Conicet (Argentina). Different English learning profiles have been identified indicating there is a connection between the acquisition trajectory and the social origin of researchers. However, the academic use of the language is highly determined by the field in which it is applied. Researchers of all scientific areas have advanced capacities in English. But these capacities are mostly applied by STEM researchers, particularly the writing skill.

Keywords: Linguistic skills; English learning; Conicet researchers (Argentina).

Resumo

As competências linguísticas em jogo no campo acadêmico. Perfis de aquisição, valoração e utilização do inglês por investigadores/as científicos/as da Argentina

O objetivo deste artigo é discutir o processo de aquisição e uso do inglês por pesquisadores científicos cuja língua materna é o espanhol. Os dados foram gerados por uma pesquisa (N = 2.390) e pela análise de currículos (N = 4.638) de pesquisadores do Conicet (Argentina). Diferentes perfis de aprendizagem de inglês foram identificados indicando que há uma conexão entre a trajetória de aquisição e a origem social dos pesquisadores. No entanto, o uso acadêmico da língua é altamente determinado pelo campo em que é aplicado. Pesquisadores de todas as áreas científicas possuem capacidades avançadas em inglês. Mas essas capacidades são aplicadas principalmente por pesquisadores STEM, particularmente a habilidade de escrita.

Palavras-chave: Competências linguísticas; Aprendizagem de inglês; Pesquisadores do Conicet (Argentina).

Resumen

Las competencias lingüísticas en juego en el campo académico. Perfiles de adquisición, valoración y utilización del inglés por investigadores/as científicos/as de Argentina

El objetivo del artículo es discutir el proceso de adquisición y utilización del idioma inglés por parte de investigadores e investigadoras cuya lengua materna es el español. El estudio empírico se basa en una encuesta (N = 2.390) y en el análisis de currículum vitae (N = 4.638) de investigadores/as del Conicet (Argentina). Se identificaron distintos perfiles de capacidades en inglés, así como su vinculación con las trayectorias de adquisición y el origen social de los/as investigadores/as. Sin embargo, el uso académico de estas capacidades está claramente influenciado por el campo específico donde son puestas en práctica. Así, mientras los/as investigadores/as de todas las áreas disciplinares presentan capacidades avanzadas en inglés, éstas son aplicadas mayormente

por quienes se desempeñan en las ciencias naturales y aplicadas, en particular en lo que se refiere a la redacción de publicaciones científicas.

Palabras clave: Competencias lingüísticas; Aprendizaje del inglés; Investigadores del Conicet (Argentina).

Texto recebido em 13/07/2022 e aprovado em 19/08/2022.

DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2022.200076

OSVALDO GALLARDO é professor e licenciado em História pela Universidade Nacional de Cuyo (Argentina). É doutor em Estudos Sociais da América Latina pela Universidade Nacional de Córdoba (Argentina). Atualmente é bolsista de pós-doutorado no Conicet e professor na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Nacional de Cuyo. Tem feito pesquisa em várias universidades argentinas e na USP, Unicamp e UFPB. E-mail: osvaldogallardo87@gmail.com.



Circulación situada e idiomas de publicación de las élites académicas del Cono Sur¹

Fernanda Beigel*

<http://orcid.org/0000-0002-7996-9660>

Breno Bringel**

<http://orcid.org/0000-0002-6961-310X>

Introducción

La preocupación por la centralidad creciente del inglés como lengua académica no es nueva, y se viene discutiendo con creciente interés por sus consecuencias en el empobrecimiento de la interculturalidad de la ciencia, así como en la pérdida que implica para la bibliodiversidad (Helsinki Initiative, 2019). El uso y abuso del factor de impacto en las evaluaciones académicas, y la jerarquización que esto significó para las revistas concebidas como “mainstream”, inclinó progresivamente a las élites académicas de los países no hegemónicos a la publicación en esas revistas y en inglés (Guédon, 2011; Gingras, 2016). Asimismo, produjo circuitos de producción y circulación segmentados lingüísticamente, como ha sido documentado para el mundo árabe (Hanafi y Arvanitis, 2014). Esta situación forma parte de las tendencias dominantes de un sistema académico mundial que se desarrolló en las últimas décadas profundizando la oposición entre, por un lado, una investigación científica con estándares pretendidamente globales y, por otro, expresiones de la ciencia denostadas como marginales a la “universalidad” de la ciencia.

* Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, Argentina.

** Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

1. Los autores agradecen el apoyo financiero del Programa NEIES Mercosur (SPU-Capes) Proyecto n. 3/2015; del programa PICT 2017-2647 de la Agencia I+D+I de Argentina; y del Programa JCNE de la Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

El último informe mundial de la Ciencia publicado por Unesco (2021) señala las desigualdades producidas por la hipercentralidad del inglés como lengua de publicación y analiza sus efectos según las regiones. Llama la atención el hecho de que esta hegemonía parece haberse profundizado respecto del informe anterior. En dirección similar, la Organización de Estados Iberoamericanos (OEI) llevó a cabo un estudio reciente sobre ciencia plurilingüe, cuyos resultados iniciales han provocado una amplia repercusión en el ámbito iberoamericano, extendiéndose la idea de una “dictadura del inglés” en la difusión de la ciencia². En el Informe, realizado en conjunto con el Instituto Elcano y firmado por su investigador Ángel Badillo, se estima que en 2020 aproximadamente el 95% del total de artículos publicados en revistas científicas en bases de referencia mainstream estaba escrito en inglés, mientras solo el 1% en español o en portugués (OEI, 2021)³. Solo el 13% de los científicos en España presentó sus trabajos en español, el 12% en México, el 16% en Chile, y en torno al 20% en Argentina, Colombia y Perú. La situación del portugués es un poco más compleja. Sólo el 3% de los investigadores portugueses y el 12% de los brasileños eligieron su lengua para publicar sus trabajos, mientras los demás lo hicieron en inglés.

Este paisaje deja poco margen para imaginar una transformación de estas tendencias, sobre todo si no se hace frente a la hegemonía de bases de datos de editoriales comerciales, como *Scopus* o *Wos-Clarivate*, cuyos sesgos geográficos y lingüísticos ya han sido ampliamente analizados (Archambault *et al.*, 2009; Pinto y González, 2009). A la vez, es difícil calibrar verdaderamente la incidencia de la publicación en inglés en el mundo iberoamericano porque son todavía escasos los estudios de trayectorias académicas o universos completos de producción por la sencilla razón de que estas bases de datos de personas y de producción no están siempre disponibles de manera exhaustiva. Sabemos, sin embargo, que existen y conviven varios circuitos, nociones diversas de “excelencia” y distintas formas de producción del conocimiento, no sólo en el Sur, sino también en el Norte (Paradeise y Thoenig, 2013; Mugnaini, Damaceno, Digiampietri y Mena-Chalco, 2019; Mbula, Tijssen, Wallace y McLean, 2020).

Nadie duda que la hipercentralidad del inglés sea una realidad. Pero hay evidencias suficientes para afirmar que esa no es la única realidad (Curry y Lillis, 2022). La capacidad de escribir y publicar en idiomas distintos tiene su especificidad según la localización de cada comunidad académica, en el cruce de la pertenencia disciplinar y de los márgenes de maniobra que se observan en los estándares de evaluación a los que están sometidos. En términos generales, un investigador afiliado a una univer-

2. Véase a ese respecto: <https://elpais.com/ciencia/2021-07-27/la-dictadura-del-ingles-en-la-ciencia-el-95-de-los-articulos-se-publica-en-esa-lengua-y-solo-el-1-en-espanol-o-portugues.html>.

3. El informe de avance del estudio se presentó en un evento público en julio de 2021 y puede verse en este link: <https://www.youtube.com/watch?v=Bue0tfGLKwk>.

alidad de Estados Unidos o del Reino Unido no necesita publicar en otro idioma. Como consecuencia, tiene una ventaja competitiva, dada la mayor facilidad para publicar en revistas incluidas en las bases de datos mainstream que, en su mayoría, usan el idioma inglés. En cambio, para una investigadora china o latinoamericana, publicar en inglés implica un intenso aprendizaje de una lengua distinta de la propia, además de gastos adicionales de revisión y traducción, por no hablar de la necesidad de dialogar con determinados debates especializados y literaturas que no necesariamente coinciden con las de sus lugares de origen o de actuación. Una situación intermedia podríamos encontrarla con una investigadora de India. En este caso, aunque el inglés se use como lengua oficial, para publicar en una revista mainstream se requieren unos saberes y disposiciones que normalmente no están disponibles en universidades periféricas. No nos referimos, por lo tanto, sólo a habilidades básicas de comunicación, sino a un conjunto más amplio de *capacidades lingüísticas* (y cognitivas), que están involucradas en la posibilidad de escribir en lengua inglesa. El dominio de estas habilidades no depende sólo del origen social, sino también de la formación académica, del capital institucional, de la inserción en equipos y redes internacionales, entre otros factores que están atravesados por diferentes tipos de desigualdades (Beigel, 2017).

Es un lugar común pensar que la publicación en inglés es o bien una “imposición” o bien una meta deseada por quienes producen desde la “periferia” y cuyos idiomas maternos no son el inglés (Ortiz, 2008; De Swaan, 2001). No obstante, Curry y Lillis (2019) sostienen que muchos académicos multilingües continúan comprometidos con sus comunidades locales y escriben también (y, en algunos casos, principalmente) en su lengua nativa. También observan que, a pesar de la presión creciente de las agencias de evaluación y de las instituciones para publicación en revistas en inglés con alto factor de impacto, algunos/as investigadores/as empiezan a comprometerse con la práctica de la “publicación equivalente”, entendida como un ejercicio que trasciende la mera traducción y que consiste en la reescritura de sus trabajos en distintos idiomas y para diferentes audiencias.

En algunas disciplinas y universidades existe una tendencia a la publicación en revistas iberoamericanas, que se editan en español o en portugués y que, por lo general, están indexadas en Scielo, Redalyc o Latindex. Junto a eso, también sobrevive la publicación en revistas nacionales y en el idioma nativo (Mugnaini, Damaceno, Digiampetri y Mena-Chalco, 2019). Esto significa que, a diferencia de lo que muchas veces suele decirse en los debates públicos sobre las culturas evaluativas y las publicaciones, éstas no son simplemente reflejo de criterios heterónomos, sino un terreno de disputa en el cual se presenta una tensión permanente entre las orientaciones globales y los estándares locales (Beigel, 2014; Bringel, 2015). Este fenómeno,

además, no es exclusivo de los académicos de los países (semi)periféricos analizados en este artículo. Paradeise y Thoenig (2015) hicieron un estudio de numerosos departamentos de universidades de los países hegemónicos y verificaron que existen diversos modos de adaptación a las presiones heterónomas que dependen, en buena medida, de la autonomía institucional. La senioridad del investigador también le permite, muchas veces, mayor autonomía a diferencia de los jóvenes que suelen tener que adaptar sus carreras a las exigencias si quieren lograr una estabilidad, promoción y/o acceso a financiación.

Por otra parte, la idea de que los estilos de circulación internacionalizados se correspondan con las universidades metropolitanas antiguas y prestigiosas, mientras los *habitus* locales se encuentran atrincherados en universidades “provincianas” ha sido igualmente problematizada. De hecho, la localización de un investigador en una institución prestigiosa situada en una metrópoli como Buenos Aires o São Paulo no implica necesariamente que ese individuo tenga una trayectoria globalizada y predominen relaciones con orientación cosmopolita. Como veremos, son precisamente esas instituciones dominantes las que, muchas veces, tienen mayor margen material para alojar y amparar sectores disidentes y resistencias, mientras son las más pequeñas y periféricas las que evidencian una tendencia más fuerte a la internacionalización como fuga de las presiones institucionales. Por otra parte, ninguna de esas instituciones está exenta de una dinámica local donde interviene el poder universitario, y las lógicas administrativo-burocráticas (Beigel, 2017).

Teniendo en cuenta estos elementos, nos dedicaremos en este artículo a la observación de la relación entre las autopercepciones de los investigadores acerca del valor de la publicación en inglés (y, de forma más amplia, de ese idioma para alcanzar logros académicos) y la diversidad de prácticas de circulación que se observa en su trayectoria completa de publicaciones. Para establecer esta relación, nos basamos en dos fuentes. La primera es la Encuesta de Capacidades Lingüísticas e Internacionalización (Ecapin), desarrollada en tres poblaciones de investigadores de Argentina, Brasil y Chile en el marco de un proyecto de investigación con un equipo trinacional⁴.

4. El equipo trinacional, constituido en 2015 bajo la coordinación general de Fernanda Beigel, se propuso analizar comparativamente la internacionalización académica y las capacidades lingüísticas en Argentina, Brasil y Chile. Para ello, creamos la Encuesta de Capacidades Lingüísticas e Internacionalización (Ecapin), que se ejecutó en 2018 en tres poblaciones de académicos basada en un cuestionario autoadministrado. Para seleccionar estas poblaciones, teniendo en cuenta los diferentes contextos, se seleccionaron poblaciones “emparejadas” a partir de una definición de “investigador/a” y de una serie de requisitos de internacionalización. No fue posible conseguir una equivalencia perfecta dadas las diferencias entre los sistemas científicos nacionales y la disponibilidad de acceso a la información sobre las personas que componen cada universo académico. Como veremos con mayores detalles en la segunda parte del artículo, para Argentina se tomó el universo de investigadores/as del Conicet, mientras para

La segunda fuente, a su vez, consiste en la observación empírica de una muestra de currículums de académicos encuestados de los tres países.

El artículo está dividido en cuatro partes, además de la presente introducción. En la primera parte proponemos el concepto de “circulación situada” como alternativa a perspectivas lineales y tradicionales de la internacionalización. Eso nos permite dar mayor centralidad a la agencia y a la proactividad de los investigadores y sus estrategias *vis-à-vis* los lugares de producción de conocimiento y las múltiples mediaciones institucionales, a distintas escalas. Ya en la segunda parte presentamos sintéticamente la encuesta trinacional que constituye la base de este estudio y discutimos las valoraciones de la publicación en inglés entre las élites científicas de Argentina, Brasil y Chile. Contextualizamos, asimismo, las similitudes y diferencias de los diferentes casos nacionales. En seguida, examinamos la bibliodiversidad en las trayectorias académicas y la multiescalaridad de la circulación de esos académicos a partir de la presentación de una muestra de currículums seleccionados sobre la base de los universos encuestados en los tres países. La cuarta parte del texto, por fin, expone y examina los principales resultados, tratando de arrojar una mirada comparativa sobre la circulación y los idiomas de publicación de las élites científicas del Cono Sur. En conjunto, el artículo pretende captar diferentes perfiles de circulación y formas de valoración del inglés, subrayando la importancia de la agencia, la diversidad y el dinamismo del proceso de circulación y sus anclajes socio-institucionales.

Circulación situada: entre los estándares globales y las trayectorias académicas situadas

Hay un cierto consenso en el diagnóstico sobre la construcción de la hegemonía del inglés como un proceso creciente desde la Segunda Guerra Mundial, con un fortalecimiento todavía mayor tras la caída del Muro de Berlín. Su avance en las últimas décadas es exponencial, a la vez que proporcional al descenso de otros idiomas antes más influyentes globalmente como el francés y el alemán. Los impactos de esta hegemonía, a su vez, son múltiples. Por un lado, refuerza las asimetrías y las desigualdades en términos de acceso a recursos y oportunidades de publicación. Por otro, aunque supuestamente permite una mayor inteligibilidad global, también acaba reduciendo la complejidad y el potencial cognitivo al limitar, como subrayan muchos lingüistas, las estructuras semánticas. Como consecuencia, la diversidad de

Brasil se tomó a los docentes de los programas de posgraduación con la categoría máxima de Capes y para Chile los investigadores/as que hubieran dirigido proyectos financiados por Fondecyt entre 2010-2016. Para mayores detalles sobre la encuesta véanse los artículos de Beigel, Almeida y Piovani; bien como Almeida, Baranger y Piovani, en este mismo dossier.

tradiciones intelectuales, la pluralidad de acentos y la multiplicidad de connotaciones se ve mermada (Ortiz, 2008), algo especialmente grave para las ciencias sociales y las humanidades, pero con efectos nocivos para todas las disciplinas.

Tanto en el debate intelectual como en diversos informes de organizaciones internacionales se han identificado profundas “brechas de capacidades” entre países y regiones centrales y periféricas, en las cuales la cuestión del idioma adquiere particular relevancia. A pesar de eso, la incidencia del inglés en un campo científico no hegemónico está lejos de ser uniforme, incluso cuando no hay un coste alto en términos de capacidades lingüísticas en juego. Mweru (2010), por ejemplo, realizó una investigación empírica con investigadores de Kenia para averiguar por qué los académicos de ese país no publican en revistas internacionales arbitradas y mainstream, aun cuando manejan sin grandes dificultades el inglés. Los principales factores recabados fueron: falta de tiempo, bajos salarios, dificultades para acceder a libros y artículos de revistas relevantes, malas experiencias con revistas internacionales y falta de apoyo en las universidades. Así, las habilidades lingüísticas importan, pero no pueden ser pensadas como factores auto-explicativos, dado que hablar un idioma no significa necesariamente capacidad para escribir académicamente en ese idioma. Esto explica que muchos países del Sur Global, aun cuando viven realidades bilingües con el inglés como lengua oficial, sigan activando principalmente circuitos locales y nacionales y más raramente los mainstream.

Por otro lado, el debate sobre la dependencia académica, el carácter profundamente desigual de la internacionalización y de la circulación internacional no puede ser leído sólo en clave de “determinaciones” estructurales o colonialismo académico. Los investigadores de la periferia – y en el caso que nos interesa especialmente, la élite científica sudamericana –, poseen trayectorias altamente complejas y son agentes activos en la construcción de sus propias carreras. Poseen capacidades lingüísticas variadas y desarrollan estrategias para relacionarse con agentes no sólo “globales” o “externos”, sino también locales y nacionales, en función de sus concepciones políticas o científicas, del margen de maniobra que les ofrecen las culturas evaluativas, los formatos de concursos públicos, las modalidades de promoción en la carrera, las dinámicas de construcción de investigaciones relevantes para las sociedades etc.

Entendemos que, dentro de esta dinámica, la noción de *internacionalización* resulta limitante porque se refiere, en sus usos más extendidos, a una dinámica unidireccional según la cual los/as científicos/as se mueven hacia fuera de su país y tradicionalmente hacia el Norte. En este sentido, suele entenderse principalmente como una lógica impuesta desde fuera a partir de los condicionantes de la posición periférica de un investigador, un país o una región. Además, durante mucho tiempo la propia idea de un “salto de escalas” (*scale shift*), ha solido asociarse al desplazamiento progresivo

de escalas desde lo local y lo nacional hacia lo internacional o, dicho de otra manera, desde “abajo” hacia “arriba”. Pero pocas veces en sentido contrario, de una localidad a otra, o bajo esquemas de multi-escalaridad y dinámicas vectoriales relacionales.

A lo largo de la última década, se ha criticado esta visión determinista de la internacionalización y su escalera prefijada (MacKinnon, 2010). Los aportes de las teorías críticas feministas han sido cruciales para enriquecer esta perspectiva dentro de la sociología de la ciencia y del conocimiento. Trabajos seminales como los de Harding (1986) y Haraway (1988), sin dudas, abrieron nuevas pistas para el entendimiento de debates fundamentales sobre la posición, la perspectiva y la situación en la ciencia y en el conocimiento. En su crítica al objetivismo y a una universalidad impuesta que fomenta no sólo reduccionismos, sino también la imposición del lenguaje del hombre (blanco/colonial), proponen una mirada que defiende el *conocimiento situado*. Para estas autoras, y para buena parte de las teóricas feministas, se trataría de reivindicar una “perspectiva parcial” (y corporizada) que se opone a una visión que separa el objeto del sujeto, y promete la trascendencia de todos los límites.

En nuestro caso, no nos interesa discutir aquí tanto la cuestión de la objetividad o de la parcialidad del conocimiento, sino más bien otra dimensión de su carácter “situado”: la localización de la producción de saberes y la dinámica multiescalar que se evidencia en la trayectoria de los agentes. Eso significa, desde nuestra perspectiva, asumir una apertura contextual y territorial de la espacialidad académica de los saberes, así como de las prácticas individuales y sociales de circulación de los científicos, que son siempre *localizadas*. Sostenemos que la *agencia* y la proactividad de los investigadores también necesita ser considerada, junto a la importancia de los *lugares de producción*, porque se evidencian distintas interacciones y formas de circulación que manifiestan el arraigo de esas trayectorias. Por ello, se vuelve fundamental examinar las autopercepciones de los/as investigadores/as y los diferentes tipos de *mediaciones* institucionales que ofrecen alternativas de colaboración en diferentes escalas.

Entenderlas de esta manera no significa que estos conocimientos y estas prácticas sean estrictamente “locales”, sino que parten de un lugar o un *locus específico* (Bringel, 2006). La circulación, por más internacional que sea, se produce de forma situada, siguiendo ciertas condiciones de posibilidad institucional y social. En vez de aceptar una concepción meramente “importada” (o exógena) de la internacionalización, de la circulación y de la publicación, la concepción que aquí sugerimos de una *circulación situada* presupone una dinámica compleja y permanente de adaptación, decodificación y recodificación de las orientaciones principales que circulan dentro y fuera de las comunidades, y en el péndulo de las fronteras locales y nacionales.

La circulación del conocimiento no surge de cero, en un vacío o por mera estimulación exógena. Está, obviamente, asociada a las colaboraciones y a las redes

internacionales o nacionales existentes. Parte siempre de unas condiciones locales con las cuales los agentes (los científicos, en nuestro caso) se vinculan, crecen y maniobran. No depende sólo de su nacionalidad (aunque este sea un factor clave para las capacidades lingüísticas), sino también de su locus principal de actuación institucional y social. Eso abarca tanto anclajes institucionales como interacciones culturales y sociales que se resumen en la posición de los investigadores, en el lugar estructural y situacional y, por qué no, también en la perspectiva cognitiva. Si los agentes se relacionan de formas diferentes con estos contextos y condiciones locales y nacionales, de ellos se deriva una heterogeneidad de prácticas y de estrategias.

De esta manera, el concepto de circulación situada que proponemos reconoce que la investigación colaborativa y las publicaciones están relacionadas con una dinámica localizada de producción del conocimiento, con sus anclajes sociales e institucionales, y sus interacciones regionales o globales. La publicación en inglés, la participación en proyectos colaborativos, en asociaciones o congresos internacionales tiene una factura propia, de una manera u otra, según la plataforma que ofrecen las condiciones locales y nacionales, que no desaparecen, sino que se retroalimentan con los contactos, redes y apuestas supranacionales. Coyunturas históricas específicas, de ampliación o restricción de las políticas científicas, también importan mucho. El tránsito por diferentes instituciones, la movilidad académica o el cambio de lugares de producción, también resultan claves para la comprensión de las trayectorias de circulación.

Se desprenden dos implicaciones principales de lo dicho. En primer lugar, si la producción de conocimiento está arraigada a los diversos locus que transita una persona, es fundamental considerar coyunturas críticas y marcadores sociales diversos para operacionalizar la geopolítica del conocimiento en la actualidad. Lejos de las geografías binarias que suelen buscar los factores causales siempre en una exterioridad proactiva (Norte/Sur, centro/periferia, internacional/nacional, local/global), nos parece central considerar el dinamismo interior de las propias comunidades e instituciones. Para ello, es crucial captar la complejidad y la diversidad de situaciones individuales e institucionales, bien como la heterogeneidad estructural de los diversos espacios, sin caer en cualquier tipo de sujeción ontológica. Esto implica pensar la *posicionalidad* en términos de un “nuevo perspectivismo”, según el cual el lugar desde dónde se habla marca nuestra visión de mundo, pero también somos parte de esa construcción. Porque ese lugar está atravesado por múltiples circuitos de legitimación y diversas desigualdades (institucionales, geográficas, de género y étnico-raciales), sin las cuales difícilmente podemos comprender la eficacia de las capacidades lingüísticas en una determinada comunidad científica nacional, campo disciplinar o trayectoria individual.

En segundo lugar, en tiempos de internet y culturas digitales, las dinámicas de la producción y la circulación académica son siempre multi-escalares y operan a partir de mecanismos diversos, ya sea por las interacciones materiales con distintos agentes o movibilidades, o en el proceso de construcción epistémica que involucra un diálogo con un universo discursivo amplio. La compartimentalización de las escalas termina, muchas veces, separando lo “internacional” o lo “global” como propio de la internacionalización y deja lo “regional⁵” y lo “nacional” limitado a una noción reduccionista de lo “local”. Esta noción jerarquizada de la internacionalización y el uso a veces restringido de la idea de ‘circulación internacional’ suele ocultar los tránsitos, las tensiones, las construcciones y las elecciones de los agentes a la hora de desarrollar sus propias trayectorias. Éstas son construidas socialmente en un balance único entre esas interacciones y la plataforma que le otorga el lugar y la posición en la que cada investigador esté inserto.

La literatura especializada suele subrayar una diferencia considerable entre las ciencias sociales y humanidades y las ciencias duras en lo que se refiere a las escalas de la circulación: mientras las primeras suelen trabajar en una escala nacional (donde lo local también importa), las segundas operarían en una escala más global. Arvanitis, Waast y Al-Husban (2010) argumentan que, en el caso del mundo árabe, por ejemplo, buena parte de la investigación más relevante en ciencias sociales pasa desapercibida en el extranjero por tres motivos: se publica principalmente en árabe, raramente se traduce y no está necesariamente conectada con la agenda “global”. Sin embargo, Hanafi (2011) señaló también que en estas mismas disciplinas se viene produciendo una segmentación creciente según la cual ciertos investigadores árabes que escriben en inglés circulan globalmente mientras que los que publican en árabe tienden a moverse en los circuitos locales. En estudios recientes, que dejan atrás el uso de bases de datos mainstream con sus consabidas limitaciones, se descubre, al observar corpus completos de publicaciones de los/as investigadores/as, que sus estrategias de publicación apuestan en distintas direcciones y que hay más bibliodiversidad de lo esperado (Mugnaini *et al.*, 2019; Baranger y Beigel, 2021).

Como consecuencia, emergen algunas cuestiones importantes en lo que se refiere a la circulación internacional y a la publicación en inglés: además de las asimetrías históricas Norte/Sur que impactan en la estructura desigual de la circulación del

5. Cuando hablamos de lo regional en este trabajo nos referimos a una escala continental, particularmente en nuestro caso al ámbito latinoamericano. Beigel (2014) ya ha analizado cómo y por qué esta forma de regionalismo tiende a ser obturada y desmerecida en los estudios tradicionales sobre la internacionalización, mientras Cairo y Bringel (2010; 2019), a su vez, han propuesto, en términos más amplios, la centralidad de analizar las dinámicas y procesos de articulaciones que resultan en construcciones regionales y sus relaciones con la ‘regionalización’ de prácticas sociopolíticas diversas.

conocimiento, es crucial reponer las condiciones e historias de cada comunidad científica nacional y sus estructuras institucionales localizadas. De eso surgirán varios tipos, formas o “patrones” de circulación, que variarán según la combinación de múltiples factores: los procesos de institucionalización, los recursos materiales y el capital académico acumulado en los centros de investigación y los equipos de trabajo, así como la agencia de los investigadores sobre la base del capital social y el capital lingüístico disponible. Por lo tanto, ese arraigo no puede ser soslayado, ni tampoco homogeneizado en una nueva forma de reduccionismo. No es lo mismo estar en una gran universidad antigua, metropolitana y prestigiosa o en una pequeña, más nueva, ubicada en provincias dentro de países de la semi-periferia como los que analizamos en este trabajo. Pero aún en esos casos que parecen opuestos, las instituciones evidenciarán también la multi-escalaridad que es un signo de la producción científica de nuestro tiempo. En lo que sigue trataremos de avanzar en uno de los marcadores sociales que permite operacionalizar esta circulación situada: la valoración de la publicación en inglés y su efectiva incidencia en las trayectorias de la élite científica de Argentina, Brasil y Chile.

La valoración de la publicación en inglés entre las élites científicas del Cono Sur

La encuesta trinacional Ecapin, en la que se enmarca el presente estudio, explora el tema de las publicaciones en inglés dentro de las élites más internacionalizadas de Argentina, Brasil y Chile, proponiéndose observar este fenómeno desde diferentes aristas, otorgando un lugar específico a las percepciones de los investigadores. Los cuestionarios siguen una estructura común a los tres países, aunque cada equipo nacional agregó elementos específicos en función de la diversidad de la carrera académica en las poblaciones seleccionadas. El bloque de información que tomaremos en este trabajo es el referido a las capacidades en inglés y, en particular, a la percepción de la relevancia del inglés en el campo disciplinar y en la propia trayectoria.

En términos generales, la encuesta permite visualizar las diferencias entre dos estilos idiomáticos diferenciados básicamente por el origen disciplinar. El primero con una incidencia relativamente baja del inglés, identificable con las ciencias sociales y humanas. Y un segundo, con predominio del inglés, asociado a las ciencias “duras”. Un promedio para los tres países involucrados en el estudio muestra que en las ciencias sociales y humanas un 25% declara no haber publicado nunca en inglés; más de un tercio lo ha hecho en una muy baja proporción (hasta el 10% de sus publicaciones) y menos de una décima parte ha publicado más de la mitad de sus publicaciones en ese idioma. En el resto de las áreas (ciencias exactas y naturales, ciencias agrarias e ingenierías, biología y ciencias de la salud, y Tecnología), el contraste es claro: el

90% de los investigadores señalan que el inglés es el idioma de más de tres cuartas partes de sus publicaciones.

Asimismo, la encuesta permitió caracterizar la valoración de los investigadores sobre el papel del inglés tanto en su propia trayectoria como sobre la disciplina en la que se desempeñan. Como se puede ver en la Tabla 1, hay una homogeneidad importante en las distintas valoraciones hacia el interior las disciplinas de las ciencias “duras”. Mientras para los brasileños el inglés es considerado muy importante en la mayoría de los aspectos de la propia trayectoria con valores superiores a 92% de los encuestados, la importancia del inglés para la participación en reuniones científicas para los argentinos es bastante más baja (72%), lo que refleja la existencia de espacios de intercambio externos a aquella lengua dominante, bien como una relevancia dada a los congresos nacionales. Es interesante notar especialmente la importancia del inglés como lengua para las publicaciones en el país: mientras el 47% de los brasileños lo considera importante, solo 21% de los argentinos lo valora positivamente. Esto está vinculado, como veremos más abajo, con el desarrollo de las revistas que se publican en inglés en cada país y con las apuestas nacionales e institucionales por esa estrategia de circulación.

TABLA 1
Investigadores que valoran como “muy importante” el inglés en distintos aspectos, por país para las “ciencias duras” – CBS, CEN y CAIM [%]

ASPECTO	Argentina	Chile	Brasil
Lectura de bibliografía	94%	92,5%	95,4%
Participación en reuniones científicas	72%	s/d	92,6%
Comunicación con colegas del exterior	81%	81%	95,8%
Publicaciones en el país	21%	s/d	47%
Publicaciones en el exterior	95%	89%	97%

Fuente: Encuesta Ecapin.

Veamos ahora qué ocurre con las ciencias sociales y humanidades. En este caso, la valoración del inglés como “muy importante” en distintos aspectos de la trayectoria es siempre menor que en el resto, pero aun así tiene un peso elevado. Como puede verse en la Tabla 2, más de la mitad de los argentinos lo valora como “muy importante” en la lectura de bibliografía, la participación en reuniones científicas y en la comunicación con colegas de otros países. En lo que atañe a publicaciones en el exterior, resulta “muy importante” para el 82,54%. Los valores más altos se hallan en las respuestas de Brasil, mientras para los investigadores chilenos parece tener menos importancia para la comunicación y la elaboración de textos que para la lectura de

bibliografía, donde se registra un valor más alto (70%), aunque bastante menor que el de sus colegas de Argentina y Brasil.

TABLA 2

Investigadores/as de Ciencias Sociales y Humanidades que valoran como “muy importante” el inglés en distintos aspectos de su propia trayectoria, por país [%]

ASPECTO	Argentina	Chile	Brasil
Lectura de bibliografía	82,54%	70%	95,4%
Participación en reuniones científicas	49,66%	s/d	92,6%
Comunicación con colegas del exterior	55,25%	55%	95,8%
Publicaciones en el país	11,19%	s/d	47%
Publicaciones en el exterior	59,83%	44%	97%

Fuente: Encuesta Ecapin.

En estas valoraciones pesan varios factores que inciden en las conceptualizaciones dominantes acerca de qué tipo de prestigio científico se considera válido. Entre esos factores resultan relevantes los “mensajes” que reciben los investigadores por parte de la cultura evaluativa nacional, así como las normativas de evaluación docente o de movilidad en la carrera académica a nivel institucional. En el caso de la población encuestada de Brasil, se incluyen en nuestra muestra investigadores y docentes de los programas de posgrado considerados de excelencia, es decir, calificados con la nota máxima (7) por la Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) en todas las áreas del conocimiento. Para que un programa pueda obtener tal calificación, uno de los elementos más importantes es su grado de “internacionalización”. Y el peso de dicha internacionalización recae fundamentalmente en sus investigadores/as y en su capacidad de obtener financiaciones internacionales, participar de comités, equipos, proyectos y redes internacionales o realizar estancias en el extranjero. Pero, a pesar de las múltiples posibilidades y vectores para evaluar la internacionalización, uno de los ítems que más se valora es la “producción intelectual” de profesores permanentes de los programas en revistas internacionales.

A esta presión institucional a los investigadores brasileños que participan de programas de posgrado de excelencia, hay que sumarle un estímulo. Por lo general, son o aspiran a ser investigadores de “productividad de investigación” (*produtividade em pesquisa*) del Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Se trata de un programa de incentivo salarial dedicado a investigadores de alto nivel que valora principalmente la producción científica individual. Aunque

los criterios normativos de evaluación de las candidaturas se establecen por comités divididos por áreas del conocimiento, se suelen premiar las trayectorias en las que hay una mayor presencia de publicaciones en revistas indexadas en el sistema mainstream (sean revistas brasileñas o internacionales).

Este es, sin duda, un fuerte aliciente para promover indirectamente la publicación en inglés no sólo en el exterior, sino también en las publicaciones brasileñas que migraron a esa lengua. Las exigencias de los distintos niveles de la bolsa CNPq han promovido diversas segmentaciones marcadas no sólo por diferencias de estratificación salarial y diferencias de status para acceder a financiamientos, sino también asimetrías de género (Barros y Silva, 2019). La mayor parte de los bolsistas de productividad del CNPq son profesores de las universidades metropolitanas más importantes concentradas en el Sudeste del país, tales como la Universidade de São Paulo (USP), la Universidad Estadual de Campinas (Unicamp) o la Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Aunque el importe recibido por la bolsa es variable (suele oscilar entre un 13 y un 20% del sueldo base como profesor en una universidad pública), ser bolsista del CNPq es un importante símbolo de status dentro de la comunidad académica brasileña. Además, habilita la entrada y suma puntos para el éxito en otras convocatorias públicas, reproduciendo el clásico “efecto Mateo” de Merton (1968).

En cambio, cuando se analiza un universo de investigadores más amplio, crece la diversidad de formas de circulación y su arraigo nacional. En lo que se refiere a las publicaciones, Mugnaini *et al.* (2019) hicieron un análisis completo de las publicaciones incluidas en los currículums de 260.663 investigadores registrados en la Plataforma Lattes (una base nacional abierta de currículums) y constataron que las revistas brasileñas ocupan una importante porción de los artículos de estos individuos en todas las áreas científicas, revelando la utilidad de los periódicos nacionales como vehículos de publicación de los autores brasileños. Por otra parte, del total de las revistas detectadas (23.000), el 60% no está indexada ni en *SciELO*, ni en *Scopus* o *Web of Science* (wos). Para las ciencias sociales y humanas se verifica, de esta manera, que publican asiduamente en revistas no indexadas y que la circulación dentro de la región latinoamericana y caribeña existe pero con menor frecuencia que en el nivel nacional. Este fenómeno se inscribe en la situación específica del relativo aislamiento del portugués como lengua de comunicación regional.

Para el caso de Chile, Ramos Zincke (2021) señala que las transformaciones institucionales de signo neoliberal, que promovieron la competencia llegaron a Chile más temprana y consistentemente que en otros países de América Latina, cambiando significativamente la dinámica de la investigación científica y el balance entre su orientación local e internacional. Como resultado, los científicos chilenos constituyen actualmente una población relativamente bien adaptada a la internacionalización y a

su regulación expresada en las indexaciones del mainstream global. Es una población que exhibe una “buena conducta” en la materia, presionada o motivada desde las agencias científicas del Estado hasta las universidades, mostrando un significativo grado de conformidad o ajuste práctico a esta lógica.

El sistema de incentivo salarial que tienen muchas universidades chilenas premiando las publicaciones en *wos-Clarivate* con una suma fija es una manifestación concreta de este sistema de competencia. Al analizar los patrones de publicación de los científicos chilenos en el marco de nuestra encuesta trinacional, Ramos Zincke (2021) señala que entre 2007 y 2016, las publicaciones *wos* y *Scopus* crecieron alrededor del 40% en todo el globo, mientras en América Latina y el Caribe tuvieron un aumento superior al 80%. Para Chile, su aumento es aún superior al crecimiento de la productividad latinoamericana: más del 140%, en ambos sistemas de indexación, lo que implica una cifra por encima de los demás países de más alta productividad científica en la región (Brasil, México y Argentina).

Este escenario, en cambio, contrasta con la escasa valoración del inglés para la publicación en el exterior observada en la encuesta chilena, es decir, el hecho de que sólo el 44% haya considerado el inglés “muy importante” para este tipo de publicaciones. Un factor que puede contribuir a explicar esta valoración está relacionado con la fuerte apuesta del país a la indexación de sus propias revistas nacionales en el circuito mainstream, con lo cual muchos chilenos pueden publicar en español y en su propio país e igual recolectar la recompensa monetaria. Para poder verificar el peso de la publicación nacional en revistas indexadas y examinar el peso del inglés existen pocos trabajos que analicen las trayectorias completas de los investigadores chilenos. Pero cuando se analizan corpus de libros, es interesante notar que el vector local se mantiene fuerte, especialmente en las ciencias sociales y humanas, donde inclusive el diálogo con la propia literatura chilena es relevante en la red de citas (Ramos Zincke, 2014).

Argentina, por su parte, es un país bastante excepcional en el contexto de las políticas de evaluación en América Latina. En primer lugar, porque dispone de un sistema de categorización de docentes-investigadores (Proince) que utiliza criterios establecidos por el propio sistema universitario, con esquemas de ponderación diferenciados de los estándares globales⁶. En segundo lugar, porque en su agencia de investigación pública (Conicet), los/as investigadores/as no están sometidos a un régimen salarial diferenciado según su productividad en el circuito mainstream como vimos para el caso de Chile y Brasil. La cultura evaluativa del Conicet, sin embargo,

6. Proince funcionó hasta 2019 cuando se creó un nuevo sistema en los últimos meses del gobierno de Mauricio Macri (denominado Sidiun). Sin embargo, el mismo no se aplicó.

está fuertemente internacionalizada desde hace varias décadas. La escritura en inglés y los indicadores de impacto inciden en las competencias de ingreso, así como en la promoción. Estas tendencias se observan al analizar las cinco “producciones más relevantes” que estos investigadores eligen para solicitar una promoción. De un total de 23.852 publicaciones que surgen de los pedidos de promoción de 2013-2015, pudimos detectar que la mayor parte eran artículos y no libros, el 7% había sido publicado en Argentina y el 83% estaba en inglés. Un dato interesante es que en las ciencias sociales y humanas también se observan altas tasas de internacionalización de la publicación, pero en lugar de predominar los estándares globales se desarrolla una forma de circulación orientada a las revistas indexadas en repositorios latinoamericanos (Beigel, 2017).

La observación de las publicaciones del currículum completo de los investigadores, en cambio, nos mostró que las trayectorias académicas del Conicet son menos homogéneas de lo que se evidencia cuando deben elegir las producciones más relevantes de su carrera para concursar o solicitar promoción (Beigel y Gallardo, 2021). Esta bibliodiversidad no sólo se manifiesta con la resiliencia del libro, sino también con una mayor presencia de la publicación nacional y/o en lengua nativa.

Espacios de publicación y circulación situada: una muestra de trayectorias de Argentina, Brasil y Chile

La publicación en inglés y en el circuito mainstream ocupan altísimos porcentajes de valoración alta en todas las disciplinas, inclusive en las ciencias sociales y humanas, dentro de la élite académica del Cono Sur. Sin embargo, esta presencia creciente del inglés está estrechamente vinculada, tal como hemos visto, con las recompensas que ofrecen las políticas evaluativas. Así, cuando los investigadores tienen que elegir sus publicaciones más relevantes, en un dossier de presentación a promoción en la carrera académica o para el ingreso a un puesto de investigación o docencia, suelen elegir aquellas revistas y lenguas que consideran más eficaces para conquistar su objetivo. Y esto se observa en los investigadores que se desarrollan en grandes, medianas y pequeñas universidades de los tres países que formaron parte de la encuesta.

A pesar de ello, los estudios disponibles sobre grandes universidades como la Universidad de Buenos Aires (UBA), la Universidad de São Paulo (USP) o la Universidad de Chile (UCH) verifican que existen núcleos importantes de investigadores y profesores que mantienen un habitus local de circulación. Además, aunque a primera vista pueda parecer contradictorio, es precisamente en esas grandes universidades donde todavía subsisten muchas de las revistas no indexadas que proliferan en América Latina y que sirven de vehículo y difusión a estos sectores académicos (Beigel

y Salatino, 2015). La USP, por ejemplo, mantiene su propio portal que cuenta con 197 revistas con perfiles muy diversos, algunas muy antiguas como la Revista de la Facultad de Derecho (fundada en 1893). En ninguna de éstas, como tampoco en la mayoría de las revistas más tradicionales de la universidad, hay una gran preocupación con la indexación o la internacionalización. De hecho, la mayor parte de las revistas editadas por la universidad son publicadas exclusivamente en portugués, y no están indexadas ni en *Scopus* ni en *WOS*. En la Universidad de Buenos Aires ocurre algo semejante, con más de 90 revistas, en su mayoría sin indexación o incluidas en colecciones como Latindex, Scielo o Redalyc. Esto indica que en estas instituciones prestigiosas y antiguas sobreviven múltiples estilos de producción y circulación. O quizás justamente por tratarse de estructuras universitarias con mayor autonomía existe espacio institucional para albergar resistencias y también para la construcción de puentes entre los estándares locales y globales.

En función de esta hipótesis de trabajo, nos propusimos complementar la encuesta trinacional con un estudio de los currículums de los profesores e investigadores que participaron de nuestra encuesta para valorar la distancia entre sus autopercepciones acerca de la importancia del inglés y sus estilos de circulación observables en la publicación de libros, la participación en congresos y el idioma de sus publicaciones. Con este fin, construimos una muestra intencional, no probabilística, sin un nexo estadístico con las muestras emparejadas utilizadas en la encuesta, pero seleccionada sobre las mismas poblaciones allí delimitadas. Para elegir los individuos tomamos las afiliaciones institucionales predominantes en Ecapin para cada país, procurando respetar la diversidad disciplinar y generacional de la encuesta.

Las poblaciones seleccionadas en la encuesta se diferencian por la estructura particular de cada sistema científico nacional tanto como las posibilidades de acceder fehacientemente a información curricular sobre sus investigadores e investigadoras. En el caso brasileño y chileno todos los investigadores/as tienen su lugar de trabajo como profesores en universidades, mientras que en el caso argentino la población seleccionada fueron los investigadores del Conicet, que pueden tener lugar de trabajo dentro o fuera de las universidades. Dado que el Conicet es autónomo y tiene su propia carrera de investigación full time, las instituciones de afiliación dominantes fueron seleccionadas en función de nuestro conocimiento previo de esta institución y su distribución institucional y espacial en el territorio (Beigel *et al.*, 2020). Consecuentemente, para el caso argentino se seleccionaron los individuos a partir de las cuatro afiliaciones institucionales dominantes en ese organismo: a) investigadores sin cargo docente universitario b) investigadores con cargo docente en la UBA, c) investigadores con cargo docente en Universidad Nacional de Córdoba y d) investigadores con cargo docente en Universidad Nacional de La Plata. Para cada sub

grupo se seleccionó 25 individuos, 5 por cada una de las áreas disciplinares de las que se compone la muestra/encuesta (ciencias exactas y naturales, ciencias agrarias e ingenierías, biología y ciencias de la salud y ciencias sociales y humanas, y Tecnología) y de esos 5 individuos, uno por cada categoría del organismo (Asistente, Adjunto, Independiente, Principal y Superior). El total de currículums relevados fue 100.

Entre las múltiples opciones disponibles para el caso brasileño, como ya hemos adelantado, la opción del equipo de trabajo de Ecapin fue tomar como población de análisis a docentes de los programas de posgrado con la máxima evaluación de Capes (nota 7), dado que se trata de un plantel diversificado generacional e institucionalmente y que, en virtud de la calificación de sus instituciones de trabajo, presumiblemente tienen exigencias y niveles de publicación internacionalizados. Estos programas de alta calificación de los que se nutrió la encuesta se encuentran insertos en más de 60 instituciones universitarias e institutos de investigación. Pero la mayor cantidad de respuestas en la encuesta provino de cinco universidades metropolitanas. De acuerdo a ello, hemos seleccionado nuestra muestra para analizar los indicadores de circulación tomando las instituciones con mayor presencia: 1) Universidad de São Paulo (USP); 2) Universidad Estadual de Campinas (Unicamp); 3) Universidad Federal de Río de Janeiro (UFRJ); 4) Universidad Federal de Minas Gerais (UFMG); y 5) Universidad Federal de Río Grande del Sur (UFRGS). En cada institución se seleccionaron 20 individuos, 5 casos por cada una de las 4 áreas disciplinares de las que se compone la encuesta (ciencias exactas y naturales, ciencias agrarias e ingenierías, biología y ciencias de la salud y ciencias sociales y humanas) procurando un equilibrio entre las diferentes etapas estables de la carrera académica, que en Brasil corresponde a profesores adjuntos, asociados y titulares para las universidades federales (y entre profesores-doctores, libre docentes y titulares en el caso de las universidades del estado de São Paulo, que tienen una estructura propia diferenciada de la carrera académica). El total de currículums relevados fue 100.

Frente a la ausencia de criterios similares a los otros dos casos en los que el Conicet y la Capes proveen un marco institucional relativamente análogo, para construir la población de investigadores de Chile se optó por tomar al conjunto de investigadores beneficiarios de los principales proyectos científicos y tecnológicos financiados en los últimos quince años por el Estado chileno a través del Fondo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico (Fondecyt, Ministerio de Educación). Este grupo de investigadores/as tiene su lugar de trabajo en las principales universidades del país que desarrollan actividades de investigación y cubren todas las áreas disciplinares. Entre la Universidad de Chile y la Pontificia Universidad Católica de Chile componen más del 40% de los respondientes de la encuesta y esto se corresponde con la proporción que estas dos universidades tradicionales de Santiago tienen en el conjunto de la

población seleccionada. Le siguen la Universidad de Concepción y la Universidad de Santiago de Chile, con lo que se alcanza el 60% del total de la población y de la encuesta. Consecuentemente, procedimos a seleccionar 20 individuos para cada una de las cuatro instituciones distribuidos según los rangos de edad. Al igual que para Brasil y Argentina, en cada institución se seleccionaron 5 personas por cada una de las 4 áreas disciplinares de las que se compone la muestra/encuesta. El total de currículums procesados fue 80.

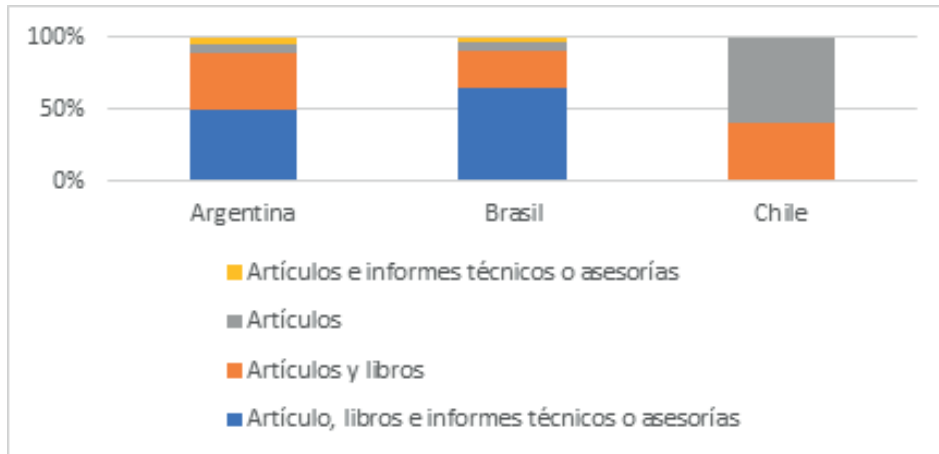
La muestra de individuos argentinos está equilibrada en cuanto a la paridad de género, dado que actualmente este organismo tiene más del 50% de mujeres investigadoras. Para Brasil y Chile no se introdujo la paridad de género en la muestra por la composición mayoritariamente masculina de la población. Por otra parte, por estudios previos sabemos que, en promedio, el 90% de los investigadores del Conicet realizaron sus doctorados en Argentina. Pero dada la distribución equitativa de la muestra por edad/categoría, en esta subpoblación el 78% tiene título de doctorado emitido en Argentina y el restante 22% se nutre de investigadores de 60 años o más entre los que se encuentran precisamente una mayor preeminencia de títulos en el exterior. En el caso de los investigadores brasileños la política de becas “sándwich” produjo que muchos doctorados se realizaran en el país pero con estadías en el exterior que suelen durar entre 6 y 12 meses. Los investigadores chilenos representan una situación prácticamente opuesta a la argentina: solo el 35% del total de los individuos escogidos se doctoró en una universidad chilena, mientras que el resto lo hizo en una universidad extranjera. Esta localización del proceso de formación doctoral tiene, como veremos, una incidencia en el perfil de las trayectorias de circulación de los investigadores de países semi-periféricos.

El relevamiento de los currículums se hizo en los tres países a partir del perfil público de cada investigador en la web oficial de su lugar de trabajo⁷. Lamentablemente, los currículums de los investigadores chilenos no estaban disponibles en los repositorios institucionales ni existía un sistema de información curricular nacional al estilo de Lattes para Brasil o Sigeva para Argentina. El protocolo de relevamiento incluyó los siguientes indicadores: (a) bibliodiversidad, es decir, tipos de publicación presentes en el currículum; (b) porcentaje de publicaciones en inglés; (c) porcentaje de publicaciones en el idioma nacional; (d) porcentaje de publicaciones nacionales; (e) porcentaje de participación en congresos nacionales.

Al poner en relación este relevamiento curricular, uno de los primeros aspectos que llama nuestra atención es la comparación del formato de producción observable

7. Agradecemos a Anabella Abarzúa Cutroni, Victor Algañaraz, Gonzalo Castillo y Cecilia Garro Scalvini por su colaboración con los relevamientos de esta base de datos de currículums.

GRÁFICO 1
Bibliodiversidad por país



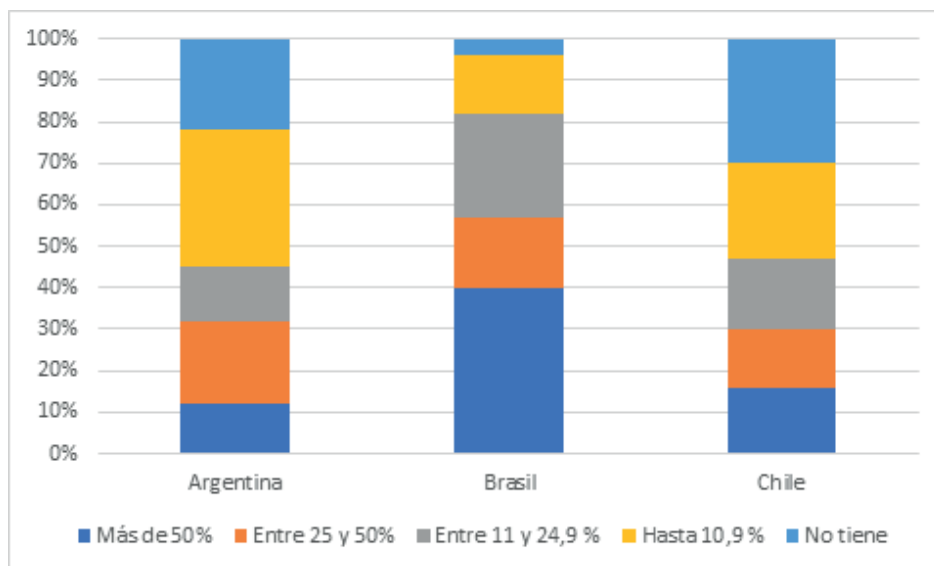
Fuente: Elaboración propia en base a Ecapin.

en los tres grupos. El Gráfico 1 permite constatar que el perfil argentino alcanza un total de 88% de investigadores que tienen artículos y capítulos de libro o libros en su listado de publicaciones. Solo un 4% posee únicamente artículos y hay un 8% que no tiene libros pero tampoco sólo artículos porque suma informes técnicos, lo cual prefigura un perfil más tecnológico. La mirada sobre el perfil completo de estos investigadores arroja un panorama mucho más afín al libro, que no sólo se observa en los investigadores de ciencias sociales y humanas, lo que sería bastante poco llamativo, sino en todas las áreas científicas.

Un perfil semejante se puede describir para Brasil, donde la porción de investigadores que sólo publican artículos o artículos e informes técnicos representa prácticamente idéntica proporción a los argentinos, y por lo tanto también una gran mayoría que publica en artículos y en libros. En el caso de los brasileños pesan más los informes técnicos en la combinación con artículos y libros, seguramente por el espacio dado por las evaluaciones de Capes a la “producción técnica”, que también cuenta con un espacio específico en el propio currículum Lattes. En contraste con los perfiles argentino y brasileño, en el grupo chileno este aspecto se visualiza como mucho más moldeado por los estándares mainstream ya que 60 % de los/as investigadores/as poseen sólo artículos en su perfil.

Con respecto a la publicación nacional, los estudios previos mostraban que cuando los investigadores elegían las publicaciones más relevantes que suponían serían eficaces para un ingreso a una promoción tendían a elegir publicaciones en formato de artículo y en revistas fuera del país. Sin embargo, en este relevamiento de perfiles

GRÁFICO 2
Porcentaje de publicaciones nacionales por país



Fuente: Elaboración propia en base a Ecapin.

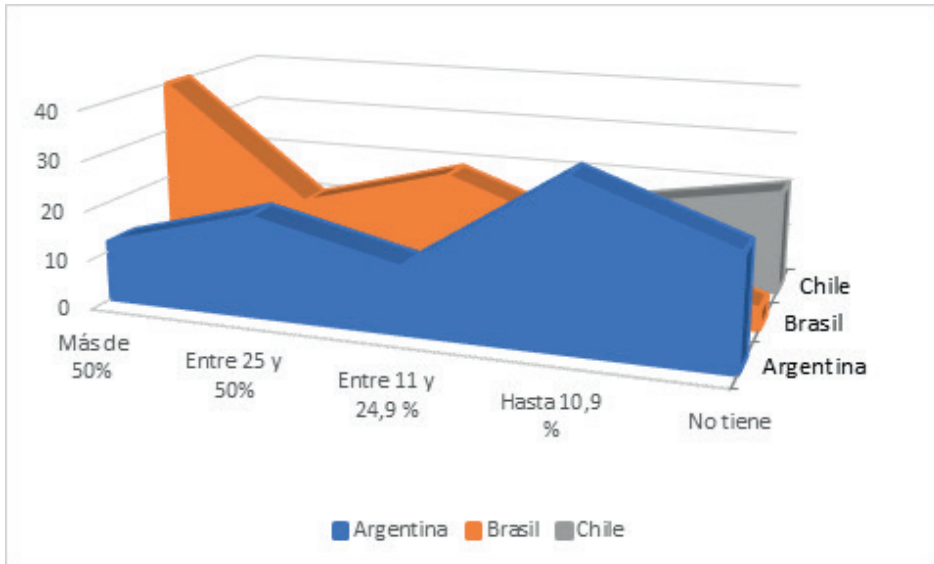
seleccionados para este trabajo, el 83% de todos investigadores seleccionados tiene publicaciones en Argentina, destacando la menor proporción en el caso del grupo chileno que exhibe 65% del total con publicaciones en Chile.

El Gráfico 2 permite ver que Chile representa la mayor proporción de investigadores sin ninguna publicación en el país. También llama la atención el caso de Argentina, con más del 20% de investigadores sin ninguna publicación en Argentina. Conviene recordar que el proceso de internacionalización de este organismo se extiende a todas las áreas, inclusive a las ciencias sociales en las que predomina una orientación latinoamericana que explica las diferencias con Brasil donde la publicación nacional tiene un peso más relevante en todas las disciplinas.

A su vez, el Gráfico 3 contiene la misma información, pero en la modalidad de líneas de serie que permiten ver con mayor claridad las combinaciones. Esto arroja dos perfiles opuestos entre Brasil y Argentina, en lo concerniente a la cantidad de investigadores con más del 50% de sus publicaciones en el país. Brasil con un 40% de investigadores que tienen más de la mitad de sus publicaciones nacionales y Argentina con sólo poco más del 10%. En este sentido, Argentina y Chile se asemejan en torno de un 20% de investigadores del total de cada grupo sin publicaciones nacionales. El grupo de investigadores brasileños aparece, así, como el que presenta porciones mayores de publicaciones nacionales y el porcentaje más bajo de investigadores sin publicaciones nacionales (4%).

GRÁFICO 3

Perfiles por país diferenciados según porcentaje de publicaciones nacionales



Fuente: Elaboración propia en base a Ecapin.

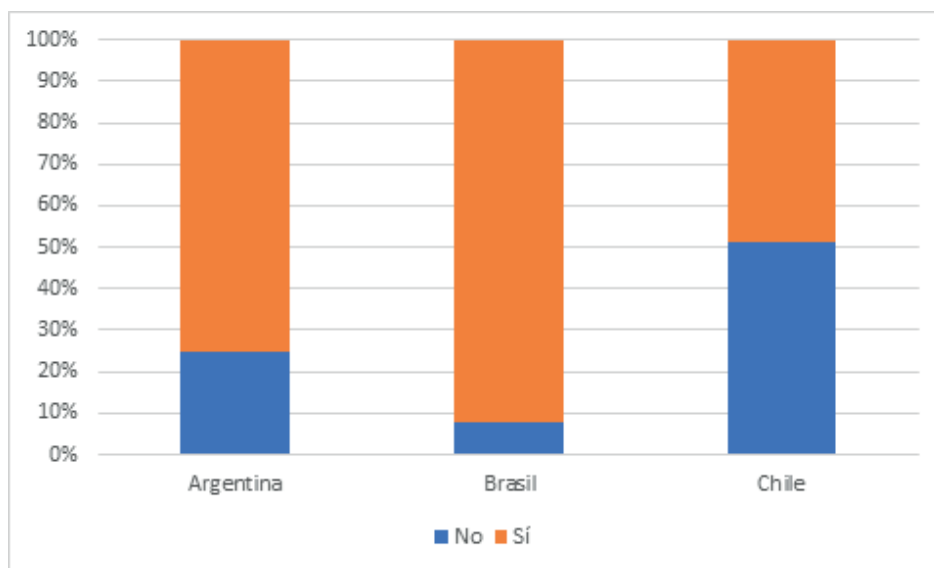
Ahora bien, en relación con el porcentaje de publicaciones en inglés, la encuesta Ecapin había evidenciado la importancia crucial de las publicaciones en este idioma para la mayor parte de los encuestados. Entre el 92 y el 96% del total de los encuestados declararon haber publicado al menos una vez en aquella lengua. En una primera mirada, estos datos podrían arrojar una imagen homogeneizadora tendiente a confirmar la tan mentada hipercentralidad del inglés. Sin embargo, si lo analizamos con más detenimiento, en base al relevamiento de los currículums, podemos verificar que no estamos simplemente frente a una suerte de “aculturación”, como suele describirse en muchos estudios basados en sistemas mainstream de información.

En Brasil, por ejemplo, solo un 9% de investigadores no tiene ninguna publicación en portugués, un valor muy diferente de los grupos de Chile y Argentina. Llama la atención que los argentinos registraron individuos una proporción bastante alta sin publicaciones en español (24%) pero más alta aún es en el caso de Chile, con poco más de la mitad. El Gráfico 4 permite comparar la distribución de los individuos que no tienen publicaciones en el idioma nacional y para el caso de Chile fuertemente influido por el peso del doctorado en países de habla inglesa.

Finalmente, un último dato importante tiene que ver con el porcentaje de congresos en el país. Nos propusimos relevarlo para poder realizar contrastes con la internacionalización visible en la movilidad de las personas y la que se promueve desde las publicaciones. Pudimos observar dos perfiles muy semejantes para Brasil y

GRÁFICO 4

Porcentaje con al menos una publicación en la lengua nacional, por país



Fuente: Elaboración propia en base a Ecapin.

Argentina con un 90% de los investigadores de cada grupo exhibiendo más del 50% de sus congresos en el propio país. Lamentablemente para Chile no se pudo efectuar un relevamiento consistente de este dato debido a la ausencia de la información en los perfiles de algunas universidades estudiadas. La existencia de un porcentaje importante de participación en encuentros e intercambios nacionales en los casos de Argentina y de Brasil refuerza la idea de que más allá de que buena parte de los investigadores de la élite académica publican en inglés, existe también una tendencia no despreciable a la complementariedad de estrategias, la publicación nacional y multi-escalaridad en ambos países. Más allá de congresos temáticos puntuales, cabe recordar que casi todas las disciplinas y áreas del conocimiento poseen en Argentina y en Brasil instancias nacionales de intercambios regulares en el formato de eventos, dinamizados por asociaciones nacionales o financiados por agencias públicas, muchas de las cuales sirven como dinamizadoras de debates de especial interés local. La participación en esos espacios nacionales, además, implica que incluso en los casos en los que la circulación internacional es muy fuerte, el arraigo nacional importa a la hora de delimitar discusiones y presentar públicamente avances iniciales de las investigaciones.

Conclusiones

En muchos debates públicos, en las universidades y fuera de ella, se suele asociar, en un fuerte tono nacionalista, la publicación en inglés a la pérdida de un campo propio

(o autóctono) de debate nacional. Asimismo, no pocas veces se suele clasificar de “elitista” a los investigadores de los programas y universidades más tradicionales por ser parte activa de una trama que impone desde afuera criterios exógenos de publicación. A partir del análisis de una población de investigadores de la élite científica de Argentina, Brasil y Chile, que valoran muy positivamente la publicación en inglés, hemos mostrado que esta realidad es mucho más compleja y diversa.

El vínculo a una institución antigua y prestigiosa no significa necesariamente que la apuesta de sus investigadoras sea una mera reproducción del circuito y de la lógica mainstream. Ser parte de una institución internacionalizada del Cono Sur ofrece, como hemos visto, ventajas comparativas de partida, dado que éstas tienen mayor autonomía para acoger múltiples estilos de circulación y producción, abriendo espacios de formación y reproducción de esos perfiles. De hecho, la bibliodiversidad y el multilingüismo es relevante en las trayectorias de los/as investigadores/as de élite aquí analizados, habiendo una porción importante que publica en revistas nacionales y en el idioma nativo.

A pesar de esta constatación general se observan, a la vez, perfiles diferenciados en los tres países analizados. En Chile se puede verificar una mayor introyección del inglés no sólo hacia afuera como forma de integración global, sino también hacia dentro, es decir, en la estructuración de su propia comunidad científica. Mientras tanto, en Argentina hay una preocupación mayor por valorizar el circuito latinoamericano y en Brasil una orientación más fuerte hacia dentro de sus fronteras. Esas tendencias permiten visualizar cómo la geopolítica del conocimiento científico se asocia también a procesos políticos e históricos específicos. En el caso brasileño, por ejemplo, el argumento del tamaño continental del país, unido a un idioma diferente al resto de la región, se solía usar para explicar la persistencia de un debate más autorreferencial en las últimas décadas. Si bien eso puede ser visto, por algunos, como un tipo de provincianismo, puede ser entendido también como una preocupación por discutir los temas relevantes para el país a partir de sus propios términos y necesidades.

Este recorrido enfatiza la necesidad de analizar de forma más sistemática la existencia de diferentes modalidades y patrones de circulación internacional dentro y fuera de la élite científica. La construcción de formas situadas de circulación, tal como hemos argumentado en este artículo, sólo pueden entenderse tras examinar cómo se producen los cruces entre escalas y las mediaciones que se dan en cada caso. La mirada comparativa sobre circulación e idiomas de publicación de las élites científicas del Cono Sur ilustra tanto aproximaciones como distancias entre los tres casos nacionales en términos de bibliodiversidad, proporción de publicaciones en el país, porcentaje de publicaciones en inglés y participación en congresos nacionales. En conjunto, estos datos también permiten abrir una discusión sobre la relevancia diferencial del

inglés y de la lengua nativa de acuerdo con la localización de los investigadores en ciertas comunidades académicas y disciplinas. Otros cruzamientos relevantes como, por ejemplo, la relación entre edad de los investigadores y la publicación en inglés no pudieron ser explorados en el presente estudio, pero se muestran importantes para análisis futuros.

Por fin, los significados aparentemente contradictorios que se observaron en el anclaje nacional de las comunidades académicas estudiadas (comparativamente más fuerte en Brasil que en Argentina y en Chile) pueden ser comprendidos como ventaja comparativa, si se quiere estimular una agenda local de discusión hacia una ciencia más relevante socialmente. Pero también pueden entenderse como una fragilidad, si buena parte de las revistas brasileñas siguen optando por la edición en inglés y el sistema de clasificación de revistas (Qualis), en sus reformulaciones recientes, estimula una preferencia por aquellas que tienen un alto Factor de Impacto. De esta forma, el sistema de evaluación académica sigue siendo el mascarón de proa que puede reorientar estas tendencias para que prime la diversidad y la circulación multiescalar, estimulando las instituciones a potenciar diferentes estilos de producción e interacción. Igualmente, la noción de circulación situada puede ser una alternativa teórico-metodológica a las lecturas críticas de la internacionalización que tienden a ser homogeneizadoras, al tiempo que frente a las perspectivas de un cosmopolitismo deslocalizado.

Referencias

- AAMON, Ulrich (ed.). (2001), *The dominance of English as a language of science: effects on other languages and language communities*. Berlim/Nova York, Mouton de Gruyter.
- ARCHAMBAULT, Éric; CAMPBELL, David; GINGRAS, Yves & LARIVIÈRE, Vincent. (2009), "Comparing bibliometric statistics obtained from the *Web of Sciences* and *Scopus*". *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 60 (7): 1320-1326.
- ARVANITIS, Rigas; WAAST, Rolam & AL-HUSBAN, Abdel Hakim. (2010), "Social sciences in the Arab World". In: *World social science report*. Paris, Unesco, pp. 68-72.
- BARANGER, Denis & BEIGEL, Fernanda. (2021), "La publicación en Ibéro-América en tant que mode d'internationalisation des chercheurs en sciences humaines et sociales du Conicet (Argentine)". *Revue d'Anthropologie des Connaissances*, 15 (3), Publicado el 01/09/2021, consultado el 05/02/2022. URL: <http://journals.openedition.org/rac/23440>.
- BARROS, Suzane Carvalho & SILVA, Luciana Mourão Cerqueira e. (2019), "Desenvolvimento na carreira de bolsistas produtividade: uma análise de gênero". *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71 (2): 68-83.

- BEIGEL, Fernanda. (2014), "Publishing from the periphery: structural heterogeneity and segmented circuits. The evaluation of scientific publications for tenure in Argentina's Conicet". *Current Sociology*, 62 (5): 743-765.
- BEIGEL, Fernanda. (2017), "Científicos periféricos entre Ariel y Calibán. Saberes institucionales y circuitos de consagración en Argentina: las publicaciones de los investigadores del Conicet". *Dados*, 60(3): 825-865.
- BEIGEL, Fernanda *et al.* (2018), "Institutional expansion and scientific development in the periphery. The structural heterogeneity of Argentina's academic field". *Minerva*, 56 (3): 305-331.
- BEIGEL, Fernanda & GALLARDO, Osvaldo. (2021), "Productividad, bibliodiversidad y bilingüismo en un *corpus* completo de producciones científicas". *Revista CTS*, 16 (46): 41-71.
- BEIGEL, Fernanda & SALATINO, Maximiliano (2015), "Circuitos segmentados de consagración académica: las revistas de ciencias sociales y humanas en Argentina". *Información, Cultura y Sociedad*, 32: 7-32.
- BRINGEL, Breno. (2006), "El lugar también importa". *Revista Nera*, 9 (9): 27-48.
- BRINGEL, Breno. (2015), "Desafíos para os periódicos de Ciências Sociais no Brasil: cenários, atores e políticas". *Pensata*, 4 (2): 53-64.
- CAIRO, Heriberto & BRINGEL, Breno. (2010), "Articulaciones del Sur Global: afinidad cultural, internacionalismo solidario e Iberoamérica en la globalización contrahegemónica". *Geopolítica(s): Revista de Estudios sobre Espacio y Poder*, 1 (1): 41-63.
- CAIRO, Heriberto & BRINGEL, Breno. (2019) *Critical geopolitics and regional (re)configurations: interregionalism and transnationalism between Latin America and Europe*. Londres, Routledge.
- CURRY, Mary Jane & LILLIS, Theresa. (2019), "Unpacking the Lore on Multilingual Scholars Publishing in English: A Discussion Paper". *Publications*, 7 (2): 1-14.
- GINGRAS, Yves. (2016), *Bibliometrics and research evaluation. Uses and abuses*. Cambridge, MIT.
- GUÉDON, Jean-Claude. (2011), "El acceso abierto y la división entre ciencia principal y periférica". *Crítica y Emancipación*, 3 (6): 135-180.
- HANAFI, Sari. (2011), "University systems in the Arab East: Publish globally and Perish locally vs. Publish locally and Perish globally". *Current Sociology*, 59 (3): 291-309.
- HANAFI, Sari & ARVANITIS, Rigas. (2014), "The marginalization of the Arab language in social science: structural constraints and dependence by choice". *Current Sociology*, 62 (5): 723-742.
- HARAWAY, Donna. (1988), "Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective". *Feminist Studies*, 14 (3): 575-599.
- HARDING, Sandra. (1986), *The science question in feminism*. Ithaca/Nova York, Cornell University Press.
- "HELSINKI INITIATIVE ON MULTILINGUALISM IN SCHOLARLY COMMUNICATION". (2019), Helsinki, Federation of Finnish Learned Societies, Committee for Public Information, Finnish Association for Scholarly Publishing, Universities Norway & European Network for

- Research Evaluation in the Social Sciences and the Humanities. <https://doi.org/10.6084/m9.figshare.7887059>.
- LEITE, Denise *et al.* (2020), "A autoavaliação na Pós-Graduação como componente do processo avaliativo Capes". *Avaliação: Revista de Avaliação da Educação Superior*, 5 (2), Epub 07-09-2020.
- MACKINNON, Danny. (2010), "Reconstructing scale: towards a new scale politics". *Progress in Human Geography*, 35 (1): 21-36.
- MBULA, Erika *et al* (eds.). (2020), *Transforming research excellence: new ideas from the Global South*. Cape Town, African Minds.
- MERTON, Robert. (1968), "The Matthew effect in Science". *Science*, 159 (3810): 56-63.
- MUGNAINI, Rogério; DAMACENO, Rafael; DIGIAMPETRI, Luciano & MENA-CHALCO, Jesús. (2019), "Panorama da produção científica do Brasil além da indexação: uma análise exploratória da comunicação em periódicos". *Transinformação* (31), e190033.
- MWERU, Maureen. (2010), "Why Kenyan academic do not publish in international refereed journals". In: *World Social Science Report*. Paris, Unesco, pp. 110-111.
- OEI. (2021), *El portugués y el español en la ciencia: apuntes para un conocimiento diverso y accesible*. Madrid, Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI) / Real Instituto Elcano (Informe escrito por Ángel Badillo en el marco del Proyecto "Ciencia Plurilingüe").
- ORTIZ, Renato. (2008), *A diversidade dos sotaques: o inglês e as ciências sociais*. São Paulo, Brasiliense.
- PARADEISE, Catherine & THOENIG, Jean-Claude. (2013), "Academic institutions in search of quality: local orders and global standards". *Organization Studies*, 34 (2): 189-218.
- PARADEISE, Catherine & THOENIG, Jean-Claude. (2015), *In search of academic quality*. Londres/Nova York, Palgrave.
- PINTO, Adilson Luiz & GONZÁLEZ, José Antonio Moreiro. (2009), "Comparación científica entre *Web of Science* (wos) y *Google Académico*: estudio a partir de los autores más representativos de Brasil". *Scire*, 15(2): 107-120.
- RAMOS ZINCKE, Claudio. (2014), "Local and global communications in Chilean social science: Inequality and relative autonomy". *Current Sociology*, 62 (5): 704-722.
- RAMOS ZINCKE, Claudio. (2021), "A well-behaved population: The Chilean scientific researchers of the XXI century and the international regulation". *Sociologica*, 15 (2), 153-178.
- UNESCO (2021), *Unesco Science Report: the race against time for smarter development*. Paris, Unesco. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377433>.

Resumen*Circulación situada e idiomas de publicación de las élites académicas del Cono Sur*

Este artículo analiza la relación entre las autopercepciones de los investigadores acerca del valor de la publicación en inglés y la diversidad de prácticas de circulación que se observan en su trayectoria completa de publicaciones. Para ello, nos basamos metodológicamente en una encuesta trinacional realizada con la élite académica de Argentina, Brasil y Chile y en la observación empírica de una muestra de currículums de investigadores de estos tres países. La contribución del texto apunta en una doble dirección: en términos conceptuales, proponemos el concepto de “circulación situada” como alternativa a perspectivas lineales y tradicionales de la internacionalización; en el terreno empírico, mostramos cómo la bibliodiversidad en las trayectorias académicas y la multi-escalaridad de la circulación de esos académicos proyecta una mirada compleja en los tres casos. Como consecuencia, los hallazgos nos permiten ir más allá de las visiones habituales sobre el inglés como idioma de publicación y avanzar en el debate sobre el dinamismo del proceso de circulación y sus anclajes socio-institucionales.

Palabras clave: Circulación situada; Publicaciones; Inglés; Élite académicas; Bibliodiversidad.

Abstract*Situated circulation and publication languages of the academic elites of the Southern Cone*

This article analyzes the relationship between researchers' self-perceptions about the value of publishing in English and the diversity of circulation practices observed in their entire publication trajectory. Methodologically, we use both a trinational survey carried out with the academic elite of Argentina, Brazil and Chile and an empirical observation of a sample of researchers' resumes from these three countries. The contribution is twofold: in conceptual terms, we propose the concept of “situated circulation” as an alternative to linear and traditional perspectives of internationalization; In the empirical field, we show how the bibliodiversity in the academic trajectories and the multiscalarity of the circulation of these academics gives us a complex and diverse look in the three cases. As a consequence, the findings allow us to go beyond the usual views on English as a language of publication and advance the debate on the dynamism of the circulation process and its social-institutional anchors.

Keywords: Situated circulation; Publications; English; Academic elites; Bibliodiversity.

Resumo*Circulação situada e idiomas de publicação das elites acadêmicas do Cone Sul*

Este artigo analisa a relação entre a autopercepção dos pesquisadores sobre o valor da publicação em inglês e a diversidade de práticas de circulação observadas em suas trajetórias. Para isso, nós nos baseamos metodologicamente em uma pesquisa trinacional realizada com a elite acadêmica da Argentina, Brasil e Chile e na observação empírica de uma amostra de currículos de pesquisadores desses três países. A contribuição do texto é dupla: em termos conceituais, propomos

o conceito de “circulação situada” como alternativa às perspectivas lineares e tradicionais de internacionalização; no campo empírico, mostramos como a bibliodiversidade nas trajetórias acadêmicas e a multiescalaridade da circulação desses acadêmicos projetam uma realidade complexa e diversificada nos três casos. Isso nos permite, então, ir além das visões habituais do inglês como língua de publicação e avançar no debate sobre o dinamismo do processo de circulação e suas ancoragens socioinstitucionais.

Palavras-chave: Circulação situada; Publicações; Inglês; Elites acadêmicas; Bibliodiversidade.

Texto recebido em 24/01/2022 e aprovado em 17/08/2022.

DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2022.194375

FERNANDA BEIGEL é socióloga, doutora em Ciências Políticas e Sociais. Pesquisadora principal do Conicet e professora titular da Universidad Nacional de Cuyo, onde dirige o Centro de Estudios de la Circulación del Conocimiento (Cecic), <https://cecic.fcp.uncuyo.edu.ar/acerca-de/>. E-mail: mfbeigel@mendoza-conicet.gob.ar.

BRENO BRINGEL é doutor em Ciências Políticas. Pesquisador sênior da Universidad Complutense de Madrid (Programa Talento Investigador) e professor do Iesp da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde coordena o Núcleo de Teoria Social e América Latina (Netsal). E-mail: brenobringel@iesp.uerj.br.



Situated circulation and publication languages of the academic elites of the Southern Cone¹

Fernanda Beigel*

<http://orcid.org/0000-0002-7996-9660>

Breno Bringel**

<http://orcid.org/0000-0002-6961-310X>

Introduction

The concern about the growing centrality of English as an academic language is not new and it has been discussed with increasing interest because of its consequences in the impoverishment of the interculturality of science, as well as in the loss it implies for bibliodiversity (Helsinki Initiative, 2019). The use and abuse of the impact factor in academic evaluations and the hierarchisation that this meant for journals conceived as “mainstream” progressively inclined the academic elites of non-hegemonic countries to publish in those journals and English (Guédon, 2011; Gingras, 2016). It also produced linguistically segmented circuits of production and circulation, as has been documented in the Arab world (Hanafi and Arvanitis, 2014). This situation is part of the dominant trends of a global academic system that developed in recent decades, deepening the opposition between, on the one hand, scientific research with supposedly international standards and, on the other hand, expressions of science vilified as marginal to the “universality” of science.

* Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, Argentina.

** Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

1. The authors are grateful for the financial support provided by the Neies Mercosur Program (SPU-Capes) Project n. 3/2015; Pict 2017-2647 program of the National Agency for the Promotion of Research, Development and Innovation of Argentina; and by the JCNE Program of the Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

The latest World Science Report published by Unesco (2021) points out the inequalities produced by the hypercentralization of English as the language of publication and analyses its effects according to regions. It is striking that this hegemony seems to have deepened concerning the previous report. In a similar direction, the Organization of Ibero-American States for Education, Science and Culture (OEI) carried out a recent study on multilingual science, and its initial results have had a wide repercussion in the Ibero-American sphere, spreading the idea of a “dictatorship of English” in the dissemination of science². In the report, carried out jointly with the Elcano Institute and signed by its researcher Ángel Badillo, it is estimated that in 2020, approximately 95% of all articles published in mainstream scientific journals were written in English, while only 1% in Spanish or Portuguese (OEI, 2021)³. Only 13% of scientists in Spain presented their work in Spanish, 12% in Mexico, 16% in Chile, and around 20% in Argentina, Colombia and Peru. The situation in Portuguese is a bit more complex. Only 3% of Portuguese researchers and 12% of Brazilians chose their language to publish their work, while the rest did so in English.

This landscape leaves little room to imagine a transformation of these trends, especially if we do not face the hegemony of commercial publisher databases, such as Scopus or WoS-Clarivate, whose geographical and linguistic biases have already been widely analysed (Archambault *et al.*, 2009; Pinto and González, 2009). At the same time, it is difficult to truly calibrate the incidence of publication in English in the Ibero-American world because studies of academic trajectories or complete universes of production are still scarce for the simple reason that these databases of individuals and production are not always available in a thorough manner. We know, however, that several circuits, diverse notions of “excellence”, and different forms of knowledge production exist and coexist, not only in the South but also in the North (Paradeise and Thoenig, 2013; Mugnaini, Damaceno, Digiampietri and Mena-Chalco, 2019; Mbula, Tijssen, Wallace and McLean, 2020). Accordingly, no one doubts that the hypercentrality of English is a reality. However, there is sufficient evidence to affirm that this is not the unique reality (Curry and Lillis, 2022).

The ability to write and publish in different languages has its specificity according to the location of each academic community, at the crossroads of disciplines and the margins of maneuver observed in the evaluation standards to which they are subjected. Researchers affiliated with a university in the United States, or the United Kingdom do not need to publish in another language. As a result, they have

2. See: <https://elpais.com/ciencia/2021-07-27/la-dictadura-del-ingles-en-la-ciencia-el-95-de-los-articulos-se-publica-en-esa-lengua-y-solo-el-1-en-espanol-o-portugues.html>.

3. The study progress report was presented at a public event in July 2021 and can be accessed at the following link: <https://www.youtube.com/watch?v=Bue0tfGLKwk>.

a competitive advantage, given the greater ease of publishing in journals included in mainstream databases, most of which use English. On the other hand, for Chinese or Latin American researchers, publishing in English implies intense learning of a language other than their own, in addition to the additional costs of revision and translation, not to mention the need to engage in dialogue with certain specialized debates and types of literature that do not necessarily coincide with those of their places of origin or action. An intermediate situation could be found with a researcher from India. In this case, although English is used as the official language, publishing in a mainstream journal requires knowledge and dispositions that are generally not available in peripheral universities. Therefore, we are not referring only to basic communication skills but to a broader set of *linguistic abilities* (and cognitive abilities) that are involved in the ability to write in English. The mastery of these skills depends not only on social origin but also on academic training, institutional capital, and insertion in international teams and networks, among other factors that are crossed by different types of inequalities (Beigel, 2017).

It is common to think that publishing in English is either an “imposition” or the desired goal for those who produce from the “periphery” and whose native languages are not English (Ortiz, 2008; De Swaan, 2001). Nevertheless, Curry and Lillis (2019) argue that many multilingual scholars remain engaged with their local communities and also write (and, in some cases, primarily) in their native language. They also note that, despite the increasing pressure from evaluation agencies and institutions to publish in English-language journals with a high impact factor, some researchers are beginning to engage in the practice of “equivalent publishing”, understood as an exercise that transcends mere translation and consists of rewriting their work in different languages and for different audiences.

Some disciplines and universities tend to publish in Ibero-American journals, which are edited in Spanish or Portuguese and are generally indexed in *SciELO*, *Redalyc* or *Latindex*. Additionally, publication in national journals and the native language also survives (Mugnaini, Damasceno, Digiampetri and Mena-Chalco, 2019). This means that, contrary to what is often said in public debates about evaluative cultures and publications, these are not simply a reflection of heteronomous criteria but a terrain of dispute in which there is a permanent tension between global orientations and local standards (Beigel, 2014; Bringel, 2015). In addition, this phenomenon is not exclusive to scholars from the (semi)peripheral countries analysed in this article. Paradeise and Thoenig (2015) conducted a study of numerous university departments in hegemonic countries. They verified that there are various modes of adaptation to heteronomous pressures that depend, to a large extent, on institutional autonomy. The seniority of the researcher also allows them, many times,

greater independence, unlike young people who often must adapt their careers to the demands if they want stability, promotion and access to funding.

On the other hand, the idea that internationalised circulation styles correspond to old and prestigious metropolitan universities while local habitus is entrenched in “provincial” universities has been equally problematised. The location of a researcher in a prestigious institution in a metropolis such as Buenos Aires or São Paulo does not necessarily imply that this individual has a globalised trajectory and that cosmopolitan-oriented relationships predominate. As we shall see, these dominant institutions often have the most significant material margin to accommodate and protect dissident sectors and resistance. In contrast, the smaller and more peripheral ones show a stronger tendency toward internationalisation as an escape from institutional pressures. On the other hand, none of these institutions is exempt from a local dynamic where university power and administrative-bureaucratic logic intervene (Beigel, 2017).

With these elements in mind, we will devote this article to the observation of the relationship between researchers’ self-perceptions of the value of publishing in English (and, more broadly, of the importance of that language for academic achievement) and the diversity of circulation practices observed in their entire publication trajectory. To establish this relationship, we draw on two sources. The first is the Survey of Linguistic Abilities and Internationalization (Encuesta de Capacidades Lingüísticas e Internacionalización – Ecapin), developed on three populations of researchers from Argentina, Brazil and Chile in the framework of a tri-national research project⁴. The second source, in turn, consists of the empirical observation of a sample of resumes of academics surveyed from the three countries.

The article is divided into four parts, in addition to this introduction. In the first part, we suggest the concept of “situated circulation” as an alternative to linear and traditional internationalisation perspectives. This allows us to provide further

4. The tri-national team, formed in 2015 under the coordination of Fernanda Beigel, intended to comparatively analyse academic internationalisation and linguistic capabilities in Argentina, Brazil and Chile. To do so, we created the Survey of Linguistic Capabilities and Internationalization (Encuesta de Capacidades Lingüísticas e Internacionalización – Ecapin), executed in 2018 in three populations of academics based on a self-administered questionnaire. To select these populations, taking into account the different contexts, “matched” populations were selected based on a definition of “researcher” and a set of internationalisation requirements. It was impossible to achieve perfect equivalence given the differences between national scientific systems and the availability of access to information on the individuals who form each academic universe. As we will see in more detail in the second part of the article, we selected the universe of Conicet researchers for Argentina. In contrast, for Brazil, we set the teachers of postgraduate programs with the highest Capes category, and for Chile, the researchers who had directed projects funded by Fondecyt between 2010-2016. For more details on the survey, see the articles by Beigel, Almeida and Piovani; and Almeida, Baranger and Piovani in this same dossier.

centrality to the agency and proactivity of researchers and their strategies *vis-à-vis* the places of knowledge production and the multiple institutional mediations at different scales. In the second part, we synthetically present the tri-national survey that forms the basis of this study and discuss the evaluations of publication in English among the scientific elites of Argentina, Brazil and Chile. We also contextualise the similarities and differences of the different national cases. Then, we examine the bibliodiversity in the academic trajectories and the multiscale circulation of these academics based on the presentation of a sample of resumes selected based on the universes surveyed in the three countries. Finally, the fourth part of the text exposes and examines the main results, trying to shed a comparative look on the circulation and languages of publication of the scientific elites of the Southern Cone. Overall, the article aims to capture different profiles of circulation and forms of valuation of English, highlighting the importance of the agency, diversity and dynamism of the circulation process and its socio-institutional anchorage.

Situated circulation: between global standards and situated academic trajectories

There is some consensus on the diagnosis of the construction of the hegemony of English as a growing process since World War II, with an even more significant strengthening after the fall of the Berlin Wall. Its advance in recent decades has been exponential and, at the same time, proportional to the decline of other previously more globally influential languages, such as French and German. The impacts of this hegemony, in turn, are numerous. On the one hand, it reinforces asymmetries and inequalities in terms of access to resources and publishing opportunities. On the other, although it supposedly allows for more global intelligibility, it also reduces complexity and cognitive potential by limiting semantic structures, as many linguists emphasize. Consequently, the diversity of intellectual traditions, the plurality of accents and the multiplicity of connotations are diminished (Ortiz, 2008), which is particularly serious for the social sciences and humanities but has harmful effects on all disciplines.

In the intellectual debate and reports by international organisations, deep “capability gaps” have been identified between central and peripheral countries and regions, where the language issue is particularly relevant. Despite this, the incidence of English in a non-hegemonic scientific field is far from uniform, even when there is no high cost in terms of linguistic capabilities at stake. Mweru (2010), for example, conducted empirical research with Kenyan researchers to find out why Kenyan academics do not publish in international peer-reviewed and mainstream journals, even when they have no great difficulty in English. The main factors found were: lack of time, low salaries, problems accessing relevant books and journal articles,

bad experiences with international journals, and lack of university support. Thus, language skills matter, but they cannot be considered self-explanatory factors since speaking a language does not necessarily mean the ability to write academically in that language. This explains why many countries in the Global South, even when they live bilingual realities with English as the official language, continue to activate mainly local and national circuits and rarely mainstream ones.

On the other hand, the debate on academic dependence, the profoundly unequal nature of internationalisation and international circulation cannot be read only in terms of structural “determinations” or intellectual colonialism. Researchers from the periphery – and in the case we are particularly interested in, the South American scientific elite – have highly complex trajectories and are active agents in constructing their careers. They possess varied linguistic capacities and develop strategies to relate to not only “global” or “external” agents but also local and national ones, depending on their political or scientific conceptions, the room for manoeuvre offered by the evaluative cultures, the formats of public competitions, the modalities of career promotion, the dynamics of the construction of relevant research for societies, etc.

Within this dynamic, the notion of *internationalisation* turns out to be limiting because it refers, in its most extended uses, to a unidirectional dynamic according to which scientists move outside their country and traditionally towards the North. In this sense, it is usually understood mainly as a logic imposed from outside based on the conditioning factors of the peripheral position of a researcher, a country or a region. Moreover, the very idea of a scale shift has long been associated with the progressive displacement of scales from the local and national to the international or, in other words, from the “bottom” to the “top”, but rarely in the opposite direction, from one locality to another, or under schemes of multiscale and relational vector dynamics.

Over the last decade, this deterministic vision of internationalisation and its fixed scales has been criticised (MacKinnon, 2010). The contributions of feminist critical theories have been crucial in enriching this perspective in the sociology of science and knowledge. Seminal works such as those of Harding (1986) and Haraway (1988) have undoubtedly opened up new leads for understanding fundamental debates about the position, perspective and situation in science and knowledge. In their critique of objectivism and an imposed universality that fosters reductionism and the imposition of the language of man (white/colonial), they suggest a view that defends *situated knowledge*. For these authors and a good part of feminist theorists, it would be a matter of vindicating a “partial (and embodied) perspective” that opposes the vision that separates the object from the subject and promises the transcendence of all limits.

In our case, we are not so much interested in discussing here the objectivity or partiality of knowledge but rather another dimension of its “situated” character: the localisation of knowledge production and the multiscale dynamics that are evidenced in the trajectory of the agents. This means, from our perspective, assuming a contextual and territorial openness of the academic spatiality of knowledge, as well as of the individual and social practices of circulation of scientists, which are always *localised*. We argue that the *agency* and proactivity of researchers also need to be considered, along with the importance of the *places of production*, because different interactions and forms of circulation that manifest the rootedness of these trajectories are evidenced. Therefore, it becomes fundamental to examine researchers’ self-perceptions and the different types of institutional *mediations* that offer collaboration alternatives at different scales.

Understanding them this way does not mean that this knowledge and these practices are strictly “local” but rather that they start from a place or *specific locus* (Bringel, 2006). Circulation, however international it may be, occurs in a situated manner, following certain conditions of institutional and social possibility. Rather than accepting a merely “imported” (or exogenous) conception of internationalisation, circulation and publication, the concept we suggest here of a *situated circulation* presupposes a complex and permanent dynamic of adaptation, decoding and recoding of the main orientations that circulate within and outside communities, and in the pendulum of local and national borders.

The circulation of knowledge does not arise from scratch, in a vacuum or by mere exogenous stimulation. It is associated with existing national and international collaborations and networks. It always starts from local conditions with which the agents (scientists, in our case) are linked, grow and manoeuvre. It depends not only on their nationality (although this is a crucial factor for linguistic capabilities) but also on their primary locus of institutional and social action. This encompasses both institutional anchors and cultural and social interactions that are summarised in the position of the researchers, in the structural and situational locus and, why not, also in the cognitive perspective. If the agents relate differently to these local and national contexts and conditions, a heterogeneity of practices and strategies is derived from them.

The concept of situated circulation recognises that collaborative research and publications are related to a localised dynamic of knowledge production, with its social and institutional anchors and regional or global interactions. Publication in English, and participation in collaborative projects, associations or international congresses, have a cost, in one way or another, according to the platform offered by local and national conditions, which do not disappear but are fed back by supranational contacts, networks and stakes. Specific historical conjunctures of expansion or

restriction of scientific policies are also critical. Transit through different institutions, academic mobility or the change of production sites is also key to understanding circulation trajectories.

Two main implications can be drawn from the above. Firstly, given that knowledge production is rooted in the diverse locus that a person moves through, it is fundamental to consider critical conjunctures and various social markers to operationalise the geopolitics of knowledge. Far from binary geographies that look for causal factors always in proactive exteriority (North/South, centre/periphery, international/national, local/global), it seems central to consider communities and institutions' inner dynamism. To this end, it is crucial to grasp the complexity and diversity of individual and institutional situations and the structural heterogeneity of the various spaces without any ontological subjection. This implies thinking of *positionality* in terms of a "new perspectivism", according to which the place from which we speak marks our vision of the world, but we are also part of this construction. Because that place is traversed by multiple circuits of legitimisation and various inequalities (institutional, geographical, gender and ethnic-racial), without which we can hardly understand the effectiveness of linguistic capacities in a given national scientific community, disciplinary field or individual trajectory.

Secondly, in times of internet and digital cultures, the dynamics of academic production and circulation are always multiscalar. They operate through diverse mechanisms, whether through material interactions with different agents or mobilities or in the process of epistemic construction that involves a dialogue with a broad discursive universe. The compartmentalisation of scales often ends up separating the "international" or the "global" as proper to internationalisation. It leaves the "regional"⁵ and the "national" limited to a reductionist notion of the "local". This hierarchical notion of internationalisation and the sometimes-restricted use of the idea of 'international circulation' often obscures the transits, tensions, constructions and choices of agents in developing their trajectories. These are socially constructed in a unique balance between these interactions and the platform provided by the place and position in which each researcher is inserted.

The specialised literature often highlights a considerable difference between the social sciences, humanities and the hard sciences in terms of scales of circulation.

5. When speaking of "regional" in this paper, we refer to a continental scale, particularly in our case, the Latin American space. In previous studies Beigel (2014) has already analyzed how and why this form of regionalism tends to be obscured and downplayed in traditional studies on internationalization, while Cairo and Bringel (2010; 2019), in turn, have proposed, in broader terms, the centrality of analyzing the dynamics and processes of articulations that result in regional constructions and their relations with the 'regionalization' of diverse sociopolitical practices.

While the former tends to work on a national scale (where the local also matters), the latter would operate on a more global scale. Arvanitis, Waast and Al-Husban (2010) argue that in the case of the Arab world, for example, much of the most relevant social science research goes unnoticed abroad for three reasons: it is mainly published in Arabic, it is rarely translated, and it is not necessarily connected to the “global” agenda. However, Hanafi (2011) also pointed out that in these same disciplines, a growing segmentation has occurred whereby some Arab researchers writing in English circulate globally while those publishing in Arabic tend to move in local circuits. In recent studies, which leave behind the use of mainstream databases with their well-known limitations, it has been discovered, by observing complete corpora of researchers’ publications, that their publication strategies go in different directions and that there is more bibliodiversity than expected (Mugnaini *et al.*, 2019; Baranger and Beigel, 2021).

Consequently, some critical issues emerge regarding international circulation and publication in English: in addition to the historic North/South asymmetries that impact the unequal structure of knowledge circulation, it is crucial to reinstate the conditions and histories of each national scientific community and its localised institutional structures. Several types, forms or “patterns” of circulation will emerge from this, which will vary according to the combination of multiple factors: the processes of institutionalisation, the material resources and intellectual capital accumulated in research centres and work teams, as well as the agency of researchers based on the social capital and linguistic capital available. Therefore, this rootedness cannot be overlooked, nor can it be homogenised in a new form of reductionism. It is not the same thing to be in a large, old, metropolitan and prestigious university or a small, newer one located in provinces within semi-peripheral countries, such as those analysed in this paper. But even in those cases that seem to be opposites, the institutions will also evidence the multiscalar circulation, which is a sign of the scientific production of our time. In what follows, we will try to advance in one of the social markers that allow us to operationalise this situated circulation: the valuation of publication in English and its practical impact on the trajectories of the scientific elite in Argentina, Brazil and Chile.

The valuation of publishing in English among the scientific elites of the Southern Cone

The Ecapin tri-national survey, in which the present study is framed, explores the issue of publications in English among the most internationalised elites of Argentina, Brazil and Chile, seeking to observe this phenomenon from different angles, giving a specific place to the perceptions of researchers. The questionnaires follow a stan-

dard structure for the three countries, although each national team added particular elements according to the diversity of academic careers in the selected populations. The block of information that we will take in this paper refers to English skills and, in particular, to the perception of the relevance of English in the disciplinary field and one's trajectory.

In general terms, the survey allows us to visualise the differences between two idiomatic styles differentiated by the disciplinary origin – the first with a relatively low incidence of English, identifiable with the social and human sciences. The second, predominance of English, is associated with the “hard” sciences. The average for the three countries involved in the study shows that in the social and human sciences, 25% of researchers state that they have never published in English; more than a third have done so in a low proportion (up to 10% of their publications) and less than a tenth have published more than half of their publications in that language. In the other areas (exact and natural sciences, agricultural sciences and engineering, biology and health sciences, and technology), the contrast is clear: 90% of researchers state that English is the language of more than three-quarters of their publications.

TABLE 1

Researchers of the 'hard sciences' who value English as “very important”, according with different aspects, by country and discipline – CBS, CEN and CAIM [%]

ASPECT	Argentina	Chile	Brazil
Literature discussion	94%	92,5%	95,4%
Participation in congresses and meetings	72%	s/d	92,6%
Communication with colleagues abroad	81%	81%	95,8%
Publishing in the country	21%	s/d	47%
Publishing abroad	95%	89%	97%

Source: Ecapin Survey.

The survey also made it possible to characterise the researchers' valuation of the role of English both in their trajectories and the discipline in which they work. As shown in Table 1, there is significant homogeneity in the perceptions within the fields of the “hard” sciences. While for Brazilians, English is considered very important in most aspects of their trajectories, with values higher than 92% of respondents, the importance of English for participation in scientific meetings for Argentinians is much lower (72%), which reflects the existence of exchange spaces outside the dominant language, as well as relevance is given to national congresses. It is interesting to note the importance of English as a language for publications in their own country: while 47% of Brazilians consider it essential, only 21% of Argentinians

value it positively. This is linked, as we will see below, to the development of journals published in English in each country and to the national and institutional bets on this circulation strategy.

Let us now see what happens with the social sciences and humanities. In this case, the valuation of English as “very important” in different aspects of their career is always lower than in the rest, but it still has a high weight. As seen in Table 2 below, more than half of the Argentinians value it as “very important” in the reading the bibliography, participating in scientific meetings and communicating with colleagues from other countries. As regards publications abroad, it is “very important” for 82.54%. The highest values are found in the responses from Brazil. At the same time, for Chilean researchers, it seems to be less important for communication and the production of texts than for the reading of the bibliography, where a higher value (70%) is recorded, although considerably lower than that of their colleagues from Argentina and Brazil.

TABLE 2
SSH researchers who value English as “very important”, according with different aspects, by country [%]

ASPECT	Argentina	Chile	Brasil
Literature discussion	82,54%	70%	95,4%
Participation in congresses and meetings	49,66%	s/d	92,6%
Communication with colleagues abroad	55,25%	55%	95,8%
Publishing in the country	11,19%	s/d	47%
Publishing abroad	59,83%	44%	97%

Source: Ecapin Survey.

These evaluations are influenced by several factors that impact the dominant conceptualisations of what type of scientific prestige is considered valid. Among these factors are the “messages” that researchers receive from the national evaluative culture and the regulations for teaching evaluation or academic career mobility at the institutional level. In the case of the Brazilian surveyed population, our sample includes researchers and teachers from graduate programs considered to be of excellence, i.e., rated with the maximum grade (7) by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) in all areas of knowledge. One of the essential elements for a program to obtain such a grade is its degree of “internationalisation”. And the weight of this internationalisation lies mainly in its researchers and their ability to get international funding, participate in international committees, teams, projects and networks, or carry out stays abroad. However,

despite the multiple possibilities and vectors for evaluating internationalisation, one of the most highly valued items is the “intellectual production” of permanent professors of the programs in international journals.

We must add a stimulus to this institutional pressure on Brazilian researchers who participate in graduate programs of excellence. In general, they are or aspire to be “productive” researchers (*bolsa de produtividade em pesquisa*) of the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). This salary incentive program is dedicated to high-level researchers that mainly value individual scientific production. Although the normative criteria for evaluating applications are established by committees divided by areas of knowledge, the trajectories that are usually rewarded are the ones in which there is a more significant presence of publications in journals indexed in the mainstream system (whether Brazilian or international journals).

This is undoubtedly a solid incentive to indirectly promote publication in English abroad and in Brazilian publications that have migrated to that language. The requirements of the different levels of the CNPq grant have enabled various segmentations marked not only by salary stratification and status differences to access funding but also by gender asymmetries (Barros and Silva, 2019). Most of the CNPq productivity grantees are professors from the most important metropolitan universities concentrated in the Southeast of the country, such as the Universidade de São Paulo (USP), the Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) or the Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Although the amount received for the grant varies (it usually ranges between 13 and 20% of the base salary as a professor at a public university), being a CNPq grantee is an important status symbol within the Brazilian academic community. In addition, it enables entry and adds points for success in other public calls for applications, reproducing Merton’s classic “Matthew’s effect” (1968).

In contrast, when a broader universe of researchers is analysed, the diversity of forms of circulation and their national rootedness grows. Mugnaini *et al.* (2019) conducted a comprehensive analysis of the publications included in the resumes of 260,663 researchers registered in the Lattes Platform (an open national database of curricula vitae). They found that Brazilian journals occupy a significant portion of the articles of these individuals in all scientific areas, revealing the usefulness of national journals as publication vehicles for Brazilian authors. On the other hand, of the total number of journals detected (23,000), 60% are not indexed in Scielo, Scopus or Web of Science (WoS). For the social and human sciences, it is thus verified that they publish assiduously in non-indexed journals and that circulation within the Latin American and Caribbean regions exists but less frequently than at the national level. This phenomenon is part of the specific situation of the relative isolation of Portuguese as a language of regional communication.

In the case of Chile, Ramos Zincke (2021) states that the neoliberal institutional transformations that promoted competition reached Chile earlier and more consistently than in other Latin American countries, significantly changing the dynamics of scientific research and the balance between its local and international orientation. As a result, Chilean scientists currently constitute a population relatively well adapted to internationalisation and its regulation expressed in global mainstream indexing. It is a population that exhibits “good behaviour” in this matter, pressured or motivated by the scientific agencies of the State to the universities, showing a significant degree of conformity or practical adjustment to this logic.

Many Chilean universities’ have salary incentives that reward publications in WoS-Clarivate with a fixed sum which is concrete manifestation of this competition system (something that in Brazil occurs in some private universities). Analysing the publication patterns of Chilean scientists in the framework of our tri-national survey, Ramos Zincke (2021) points out that between 2007 and 2016, WoS and Scopus publications grew by about 40% across the globe, while in Latin America and the Caribbean, they had an increase of over 80%. For Chile, its increase is even higher than the growth of Latin American productivity: more than 140% in both indexing systems, which implies a figure above the other countries with the highest scientific productivity in the region (Brazil, Mexico and Argentina).

This scenario, on the other hand, contrasts with the low valuation of English for publication abroad observed in the Chilean survey, i.e., the fact that only 44% considered English “very important” for this type of publication. One factor that may explain this valuation is related to the country’s strong commitment to indexing its national journals in the mainstream circuit, with which many Chileans can publish in Spanish and in their own country and still collect the monetary reward. To verify the weight of national publication in indexed journals and examine the importance of English, few studies analyse the complete trajectories of Chilean researchers. However, when book publishing is included, it is interesting to note that the local vector remains strong, especially in the social and human sciences, where the dialogue with the Chilean literature is relevant in the network of citations (Ramos Zincke, 2014).

Argentina, on its part, is a rather exceptional country in the context of evaluation policies in Latin America firstly, because it has a system of categorisation of teacher-researchers (Proince) that uses criteria established by the university system itself, with weighting schemes that differ significantly from global standards⁶. Secondly,

6. Proince operated until 2019, when a new system was created in the last months of Mauricio Macri’s government (called Sidiun). However, it was not implemented.

researchers at the main public scientific agency, the Conicet (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas) are not subject to a differentiated salary regime based their productivity in the mainstream circuit, as we saw in the case of Chile and Brazil. However, the evaluative culture of Conicet has been strongly internationalised for several decades. Writing in English and impact indicators affect entry competencies and promotion. These trends are observed when analysing the five “most relevant productions” that these researchers choose to apply for promotion. From a total of 23,852 publications arising from promotion requests from 2013-2015, we could detect that most were articles and not books, 7% had been published in Argentina, and 83% were in English. An interesting fact is that in the social and human sciences, high rates of internationalisation of publication are also observed, but instead of global standards predominating, a form of circulation oriented to journals indexed in Latin American repositories is developing (Beigel, 2017).

The observation of the publications of the researchers’ complete curriculum, on the other hand, showed us that the academic trajectories of Conicet are less homogeneous than what is evidenced when they must choose the most relevant productions of their career to compete or apply for promotion (Beigel and Gallardo, 2021). This bibliodiversity is not only manifested by the resilience of the book publishing but also by a more significant presence of articles in national language.

Publication spaces and situated circulation: a sample of trajectories from Argentina, Brazil and Chile

Publication in English and the mainstream circuit occupy very high percentages of high valuation in all disciplines, including the social and human sciences, within the academic elite of the Southern Cone. However, as we have seen, this growing presence of English is closely linked to the rewards offered by evaluation policies. Thus, when researchers have to choose their most relevant publications in a dossier for promotion in their academic career or admission to a research or teaching position, they tend to select the journals and languages they consider most effective in achieving their objective. This is also observed in researchers working in large, medium and small universities in the three countries that participated in the survey.

Despite this, available studies on large universities, such as the University of Buenos Aires (UBA), the University of São Paulo (USP) or the University of Chile (UCH), verify that there are essential cores of researchers and professors who maintain a local habitus of circulation. In addition, although it may seem contradictory at first glance, it is precisely in these large universities where many of the non-indexed journals that proliferate in Latin America and serve as a vehicle and dissemination

for these academic sectors still subsist (Beigel and Salatino, 2015). USP, for example, maintains its portal with 197 journals with very diverse profiles, some of them very old, such as the *Revista de la Facultad de Derecho* (founded in 1893). In none of these, nor most of the more traditional journals of the university, there is a significant concern with indexing or internationalisation. Most of the journals published by the university are printed exclusively in Portuguese and are not indexed in either Scopus or WoS. A similar situation occurs at UBA, with more than 90 journals, most of which are not indexed or included in collections such as Latindex, Scielo or Redalyc. This indicates that multiple styles of production and circulation survive in these prestigious and old institutions. Or perhaps it is precisely because they are university structures with greater autonomy that there is institutional space to harbour resistances and build bridges between local and global standards.

Based on this working hypothesis, we complemented the tri-national survey with a study of the resumes of the professors and researchers. They participated in our survey to assess the distance between their self-perceptions about the importance of English and their circulation styles observable in the publication of books, participation in conferences and the language of their publications. To this end, we built a purposive, non-probabilistic sample without a statistical link to the matched samples used in the survey but selected from the same delimited populations. To choose the individuals, we set the predominant institutional affiliations in Ecapin for each country, trying to respect the disciplinary and generational diversity of the survey.

The populations selected in the survey are differentiated by the particular structure of each national scientific system and the possibilities of reliably accessing their researchers' resumes. In the Brazilian and Chilean cases, all researchers work as university professors, while in Argentina, Conicet researchers may work inside or outside universities. Since Conicet is autonomous and has a full-time research career, the dominant affiliation institutions were selected based on our previous knowledge of this institution and its institutional and spatial distribution in the territory (Beigel *et al.*, 2020). Consequently, for the Argentine case, individuals were selected based on the four dominant institutional affiliations in that organisation: a) researchers without a university teaching position, b) researchers with a teaching position at UBA, c) researchers with a teaching position at the National University of Córdoba and d) researchers with a teaching position at the National University of La Plata. For each subgroup, 25 individuals were selected, 5 for each of the disciplinary areas of the sample/survey (exact and natural sciences, agricultural sciences and engineering, biology and health sciences, social and human sciences, and technology) and of these five individuals, one for each category of the organisation (Assistant, Adjunct, Independent, Principal and Senior). The total number of resumes surveyed was 100.

Among the multiple options available for the Brazilian case, as we have already mentioned, the Ecapin team decided to select as the population for analysis the professors of graduate programs with the highest Capes evaluation (grade 7), given that this is a generationally and institutionally diversified group and that, by the qualification of their work institutions, they presumably have internationalised demands and publication levels. These highly qualified programs from which the survey was drawn are found in more than 60 university institutions and research institutes. But the most significant number of survey responses came from five metropolitan universities. Accordingly, we selected our sample to analyse the circulation indicators by taking the institutions with the most remarkable presence: 1) University of São Paulo (USP); 2) State University of Campinas (Unicamp); 3) Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ); 4) Federal University of Minas Gerais (UFMG); and 5) the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). In each institution, 20 individuals were selected, 5 cases for each of the four disciplinary areas of the survey (exact and natural sciences, agricultural sciences and engineering, biology and health sciences, and social and human sciences), seeking a balance between the different stable stages of the academic career, which in Brazil corresponds to adjunct, associate and full professors for the federal universities (and between professor-doctors, adjunct professors and full professors in the case of the universities of the State of São Paulo, which have their differentiated structure of the academic career). The total number of resumes surveyed was 100.

In the absence of similar criteria to the other two cases in which Conicet and Capes provide a relatively analogous institutional framework, to select the population of researchers in Chile, we chose the group of researchers who are beneficiaries of the leading scientific and technological projects financed in the last fifteen years by the Chilean State through the National Fund for Scientific and Technological Development (Fondecyt, Ministry of Education). This group of researchers works in the leading universities of the country that develop research activities and cover all disciplinary areas. Between the University of Chile and the Pontifical Catholic University of Chile, they make up more than 40% of the respondents to the survey. This corresponds to the proportion that these two traditional universities in Santiago have in the selected population as a whole. They are followed by the University of Concepción and the University of Santiago de Chile, reaching 60% of the total population and the survey.

Consequently, we selected 20 individuals for each of the four institutions distributed according to age ranges. As in the case of Brazil and Argentina, five individuals were chosen in each institution for each of the four disciplinary areas of which the sample/survey is composed. The total number of resumes processed was 80.

The sample of Argentinian individuals is balanced in terms of gender parity since Conicet currently has more than 50% female researchers. For Brazil and Chile, gender parity was not introduced in the sample due to the primarily male composition of the population. On the other hand, from previous studies, we know that, on average, 90% of Conicet researchers obtained their PhDs in Argentina. But given the equal distribution of the sample by age/category, in this subpopulation, 78% have doctoral degrees issued in Argentina, and the remaining 22% are researchers aged 60 years or older, among which there is precisely a greater preeminence of foreign degrees. In the case of Brazilian researchers, the policy of “sandwich” grants resulted in many doctoral degrees being obtained in the country but with stays abroad usually lasting between 6 and 12 months. Chilean researchers represent a situation that is practically the opposite of the Argentinian situation: only 35% of the individuals selected did their doctorate in a Chilean university, while the rest did so in a foreign university. As we shall see, this localisation of the doctoral training process impacts the profile of the circulation trajectories of researchers from semi-peripheral countries.

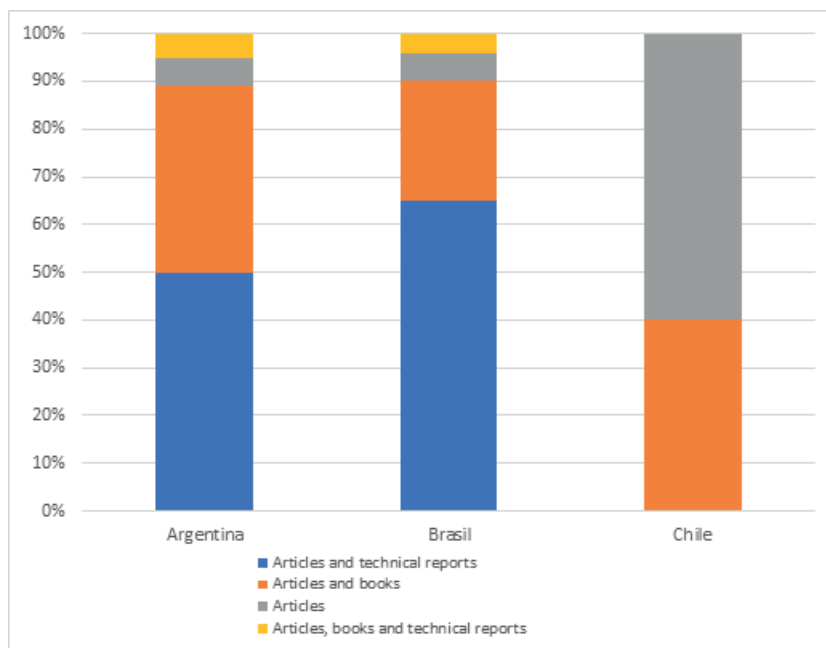
The resumes were collected in the three countries based on the public profile of each researcher on the official website of their place of work⁷. Unfortunately, Chilean researchers’ resumes were unavailable in institutional repositories, nor was there a national resume database, such as Lattes for Brazil or Sigeva for Argentina. The survey protocol included the following indicators: (a) bibliodiversity, i.e., types of publication present in the curriculum; (b) percentage of publications in English; (c) a percentage of publications in the national language; (d) percentage of national publications; (e) percentage of participation in national congresses.

When comparing this curricular survey, one of the first aspects that attract our attention is comparing the production format observable in the three groups. Figure 1 shows that the Argentinian profile reaches 88% of researchers with articles and book chapters or books in their list of publications. Only 4% have articles, and 8% do not have books but only articles because they add technical reports, which prefigures a more technological profile. A look at the complete profile of these researchers reveals a much more book-like picture, which is not only observed among researchers in the social and human sciences, which would be relatively unremarkable but in all scientific areas.

A similar profile can be described for Brazil, where the proportion of researchers who only publish articles, or articles and technical reports, is practically identical to that of the Argentinians. Therefore there is also a large majority who publish articles

7. We would like to thank Anabella Abarzúa Cutroni, Victor Algañaraz, Gonzalo Castillo and Cecilia Garro Scalvini for their collaboration with the surveys of this resume database.

FIGURE 1
Bibliodiversity by country



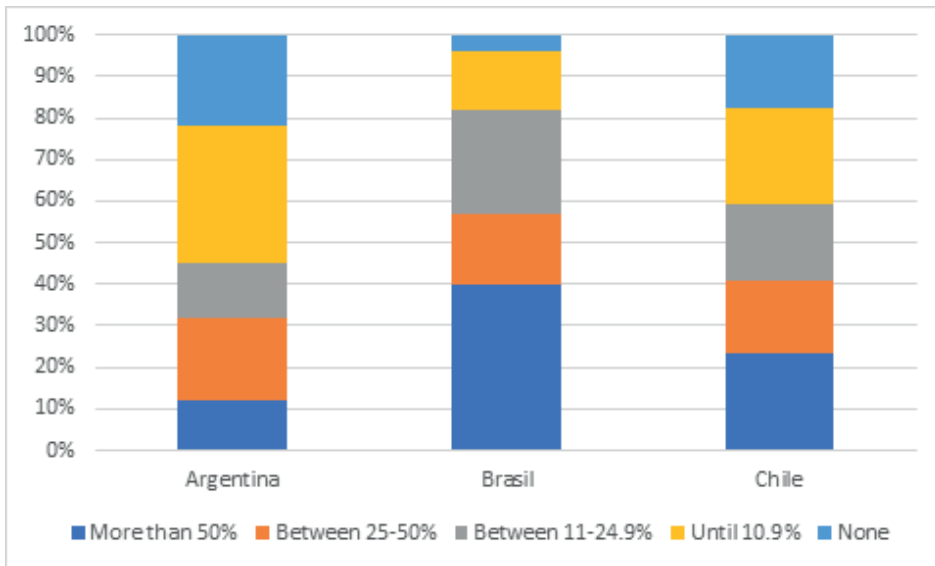
Source: Produced by the authors based on Ecapin Survey.

and books. In the case of Brazilians, technical reports in combination with papers and books have more weight, probably due to the space given by Capes evaluations to “technical production”, which also has a specific area in the Lattes curriculum itself. In contrast with the Argentinian and Brazilian profiles, in the Chilean group, this aspect is seen as much more shaped by mainstream standards since 60% of the researchers have only articles in their profiles.

Concerning national publications, previous studies showed that when researchers chose the most relevant publications that would be effective for promotion, they tended to select publications in article format and journals outside the country. However, in this survey of profiles chosen for this work, 83% of all selected researchers have publications in Argentina, with a lower proportion in the case of the Chilean group, which has 65% of the total with publications in Chile.

Figure 2 shows that Chile represents the highest proportion of researchers with no publications in the country. The case of Argentina is also striking, with more than 20% of researchers with no publications in Argentina. It should be remembered that the internationalisation process of Conicet extends to all areas, including the social sciences, where a Latin American orientation predominates. This explains the differences from Brazil, where national publications have a greater weight in all disciplines.

FIGURE 2
Percentage of national publications by country



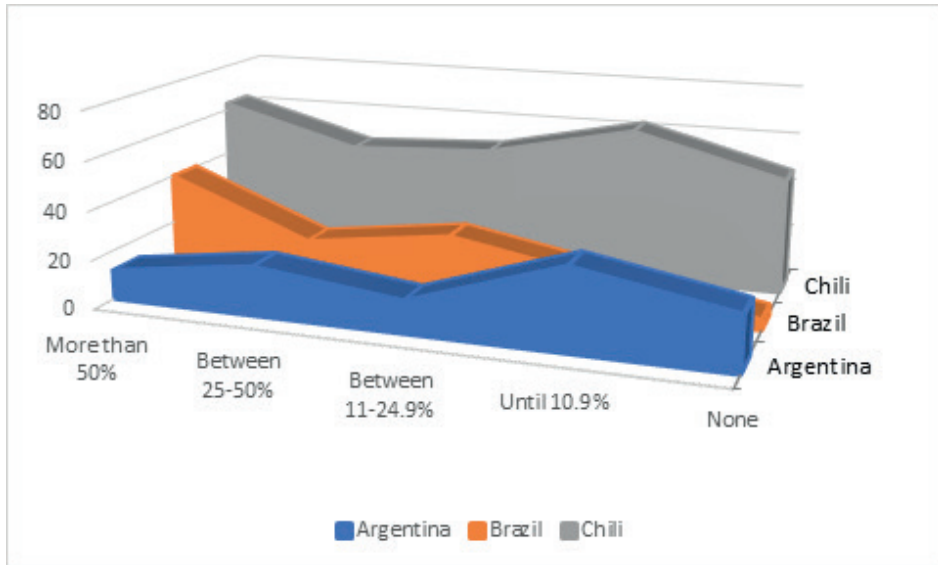
Source: Produced by the authors based on Ecapin Survey.

Figure 3 contains the same information but in the form of lines that allow us to see the combinations more clearly. This shows two opposing profiles between Brazil and Argentina regarding the number of researchers with more than 50% of their publications in their country. Brazil has 40% of researchers with more than half of their publications in their country, and Argentina has only a little more than 10%. In this sense, Argentina and Chile are similar, with around 20% of researchers in each group having no national publications. The group of Brazilian researchers thus appears as the one with the highest proportion of national publications and the lowest percentage of researchers without national publications (4%).

However, concerning the percentage of publications in English, the Ecapin survey showed the crucial importance of publications in this language for most respondents. 92 and 96% of all respondents reported having published at least once in English. At first glance, these data could give a homogenising image that tends to confirm the often mentioned hypercentrality of English. However, let's analyse it more closely, based on the survey of resumes. We can verify that we are not simply facing a sort of "acculturation", as it is often described in many studies based on mainstream information systems.

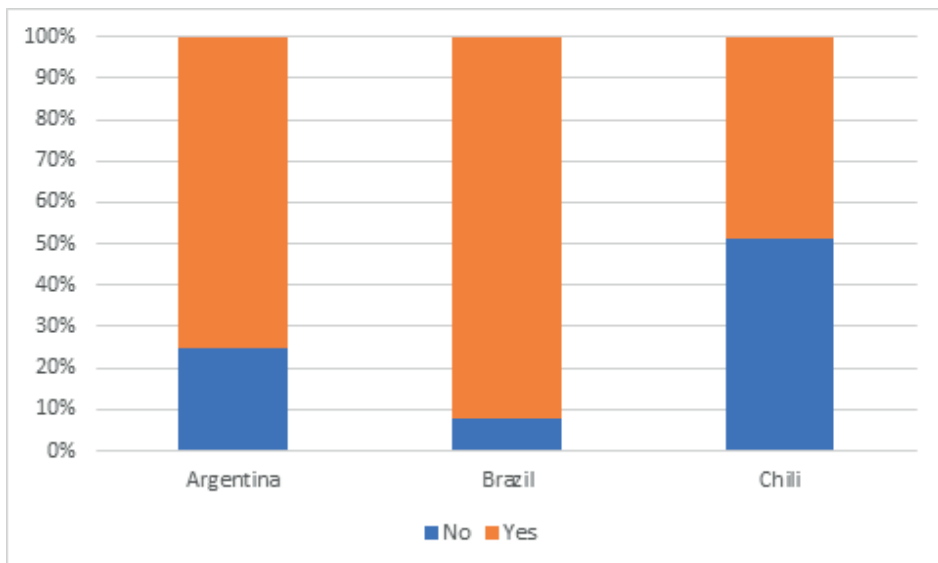
In Brazil, for example, only 9% of researchers have no publications in Portuguese, a very different value from the groups in Chile and Argentina. It is striking that the Argentinians recorded a relatively high proportion of individuals with no

FIGURE 3
Country profiles differentiated by the percentage of national publications



Source: Produced by the authors based on Ecapin Survey.

FIGURE 4
Percentage with at least one publication in the national language, by country



Source: Produced by the authors based on Ecapin Survey.

publications in Spanish (24%), but even higher in the case of Chile, with just over half. Figure 4 compares the distribution of individuals who have no publications in the national language. In the case of Chile, it is strongly influenced by the weight of the doctorate in English-speaking countries.

Finally, one last important observation concerns the percentage of congresses in the country. We intended to survey it to make contrasts with the internationalisation visible in the mobility of individuals and that promoted by publications. We observed two very similar profiles for Brazil and Argentina, with 90% of the researchers in each group presenting more than 50% of their congresses in their own country. Unfortunately, it was impossible for Chile to carry out a consistent survey of this fact due to the absence of information in the profiles of some of the universities studied. The existence of an important percentage of participation in national meetings and exchanges in the cases of Argentina and Brazil reinforces the idea that, beyond the fact that a good part of the researchers of the academic elite publishes in English, there is also a non-negligible tendency towards complementarity of strategies, national publication and multi-scalarity in both countries. Beyond specific thematic congresses, it should be remembered that almost all disciplines and areas of knowledge in Argentina and Brazil have national instances of regular exchanges in the format of events promoted by national associations or financed by public agencies, many of which serve as catalysts for debates of special local interest. Moreover, participation in these national spaces implies that even in cases where international circulation is robust, national roots are important when defining discussions and publicly presenting initial research advances.

Conclusions

In many public debates, in universities and outside, it is common to associate, in a solid nationalistic tone, publication in English with the loss of a rooted (or autonomous) national debate. Likewise, researchers from more traditional programs and universities are often classified as “elitists” for being an active part of a network that imposes external publication criteria. Based on the analysis of a population of researchers from the scientific elite of Argentina, Brazil and Chile, who value publication in English very highly, we have shown that this reality is much more complex and diverse.

The link to an old and prestigious institution does not necessarily mean that its researchers rely on a mere reproduction of the mainstream circuit and logic. Being part of an internationalised institution in the Southern Cone offers, as we have seen, comparative advantages from the outset since they have greater autonomy to

accommodate multiple styles of circulation and production, opening up spaces for the formation and reproduction of these profiles. Bibliodiversity and multilingualism are relevant in the trajectories of the elite researchers analysed here, with a significant portion publishing in national journals and their native language.

Despite this general statement, different profiles can be observed in the three countries analysed. In Chile, there is a greater introjection of English not only outwardly as a form of global integration, but also inwardly, that is, in structuring its own scientific community. Meanwhile, there is a more significant concern for valorising the Latin American circuit in Argentina and Brazil -the latter with a stronger orientation within its borders. These trends allow us to visualise how the geopolitics of scientific knowledge is also associated with specific political and historical processes. In the Brazilian case, for example, the argument of the continental size of the country, together with a language different from the rest of the region used to explain the persistence of a more self-centred debate in recent decades. While some see this as a kind of provincialism, it can also be understood as a concern to discuss issues relevant to the country on its own terms and needs.

This path emphasises the need to analyse more systematically the existence of different modalities and patterns of international circulation within and outside the scientific elite. As we have argued in this article, the construction of situated forms of circulation can only be understood after examining how the crossings between scales and mediations occur in each case. The comparative look at circulation and languages of publication of the scientific elites of the Southern Cone illustrates both approximations and distances between the three national cases in terms of bibliodiversity, the proportion of publications in the country, percentage of publications in English and participation in national congresses. Taken together, these data also allow us to open a discussion on the differential relevance of English and the native language according to the location of researchers in specific academic communities and disciplines. Other relevant crossovers, such as the relationship between the age of researchers and publication in English, could not be explored in the present study but are important for future analyses.

Finally, the contradictory meanings observed in the national anchorage of the observed academic communities (comparatively stronger in Brazil than in Argentina and Chile) can be understood as a comparative advantage if one wants to stimulate a local discussion agenda toward a more socially relevant science. However, they can also be understood as fragility if a good part of the Brazilian journals continues to opt for the English edition, and the journal classification system (Qualis), in its recent reformulations, stimulates a preference for those with a high Impact Factor. Thus, the academic evaluation system continues to be the figurehead that can reori-

ent these trends so that diversity and multiscalar circulation can prevail, stimulating institutions to promote different styles of production and interaction. Likewise, the notion of situated circulation can be a theoretical-methodological alternative to critical readings of internationalisation that tend to be homogenising and to the prospects of delocalised cosmopolitanism.

References

- AAMON, Ulrich (ed.). (2001), *The dominance of English as a language of science: effects on other languages and language communities*. Berlim/Nova York, Mouton de Gruyter.
- ARCHAMBAULT, Éric; CAMPBELL, David; GINGRAS, Yves and LARIVIÈRE, Vincent. (2009), "Comparing bibliometric statistics obtained from the *Web of Sciences* and *Scopus*". *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 60 (7): 1320-1326.
- ARVANITIS, Rigas; WAAST, Rolam & AL-HUSBAN, Abdel Hakim. (2010), "Social sciences in the Arab World". In: *World social science report*. Paris, Unesco, pp. 68-72.
- BARANGER, Denis & BEIGEL, Fernanda. (2021), "La publicación en Ibéro-América en tant que mode d'internationalisation des chercheurs en sciences humaines et sociales du Conicet (Argentine)". *Revue d'Anthropologie des Connaissances*, 15 (3), Publicado el 01/09/2021, consultado el 05/02/2022. URL: <http://journals.openedition.org/rac/23440>.
- BARROS, Suzane Carvalho & SILVA, Luciana Mourão Cerqueira e. (2019), "Desenvolvimento na carreira de bolsistas produtividade: uma análise de gênero". *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71 (2): 68-83.
- BEIGEL, Fernanda. (2014), "Publishing from the periphery: structural heterogeneity and segmented circuits. The evaluation of scientific publications for tenure in Argentina's Conicet". *Current Sociology*, 62 (5): 743-765.
- BEIGEL, Fernanda. (2017), "Científicos periféricos entre Ariel y Calibán. Saberes institucionales y circuitos de consagración en Argentina: las publicaciones de los investigadores del Conicet". *Dados*, 60(3): 825-865.
- BEIGEL, Fernanda *et al.* (2018), "Institutional expansion and scientific development in the periphery. The structural heterogeneity of Argentina's academic field". *Minerva*, 56 (3): 305-331.
- BEIGEL, Fernanda & GALLARDO, Osvaldo. (2021), "Productividad, bibliodiversidad y bilingüismo en un *corpus* completo de producciones científicas". *Revista CTS*, 16 (46): 41-71.
- BEIGEL, Fernanda & SALATINO, Maximiliano (2015), "Circuitos segmentados de consagración académica: las revistas de ciencias sociales y humanas en Argentina". *Información, Cultura y Sociedad*, 32: 7-32.
- BRINGEL, Breno. (2006), "El lugar también importa". *Revista Nera*, 9 (9): 27-48.
- BRINGEL, Breno. (2015), "Desafíos para os periódicos de Ciências Sociais no Brasil: cenários, atores e políticas". *Pensata*, 4 (2): 53-64.

- CAIRO, Heriberto & BRINGEL, Breno. (2010), "Articulaciones del Sur Global: afinidad cultural, internacionalismo solidario e Iberoamérica en la globalización contrahegemónica". *Geopolítica(s): Revista de Estudios sobre Espacio y Poder*, 1 (1): 41-63.
- CAIRO, Heriberto & BRINGEL, Breno. (2019) *Critical geopolitics and regional (re)configurations: interregionalism and transnationalism between Latin America and Europe*. Londres, Routledge.
- CURRY, Mary Jane & LILLIS, Theresa. (2019), "Unpacking the Lore on Multilingual Scholars Publishing in English: A Discussion Paper". *Publications*, 7 (2): 1-14.
- GINGRAS, Yves. (2016), *Bibliometrics and research evaluation. Uses and abuses*. Cambridge, MIT.
- GUÉDON, Jean-Claude. (2011), "El acceso abierto y la división entre ciencia principal y periférica". *Crítica y Emancipación*, 3 (6): 135-180.
- HANAFI, Sari. (2011), "University systems in the Arab East: Publish globally and Perish locally vs. Publish locally and Perish globally". *Current Sociology*, 59 (3): 291-309.
- HANAFI, Sari & ARVANITIS, Rigas. (2014), "The marginalization of the Arab language in social science: structural constraints and dependence by choice". *Current Sociology*, 62 (5): 723-742.
- HARAWAY, Donna. (1988), "Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective". *Feminist Studies*, 14 (3): 575-599.
- HARDING, Sandra. (1986), *The science question in feminism*. Ithaca/Nova York, Cornell University Press.
- "HELSINKI INITIATIVE ON MULTILINGUALISM IN SCHOLARLY COMMUNICATION". (2019), Helsinki, Federation of Finnish Learned Societies, Committee for Public Information, Finnish Association for Scholarly Publishing, Universities Norway & European Network for Research Evaluation in the Social Sciences and the Humanities. <https://doi.org/10.6084/m9.figshare.7887059>.
- LEITE, Denise *et al.* (2020), "A autoavaliação na Pós-Graduação como componente do processo avaliativo Capes". *Avaliação: Revista de Avaliação da Educação Superior*, 5 (2), Epub 07-09-2020.
- MACKINNON, Danny. (2010), "Reconstructing scale: towards a new scale politics". *Progress in Human Geography*, 35 (1): 21-36.
- MBULA, Erika *et al* (eds.). (2020), *Transforming research excellence: new ideas from the Global South*. Cape Town, African Minds.
- MERTON, Robert. (1968), "The Matthew effect in Science". *Science*, 159 (3810): 56-63.
- MUGNAINI, Rogério; DAMACENO, Rafael; DIGIAMPETRI, Luciano & MENA-CHALCO, Jesús. (2019), "Panorama da produção científica do Brasil além da indexação: uma análise exploratória da comunicação em periódicos". *Transinformação* (31), e190033.
- MWERU, Maureen. (2010), "Why Kenyan academic do not publish in international refereed journals". In: *World Social Science Report*. Paris, Unesco, pp. 110-111.
- OEI. (2021), *El portugués y el español en la ciencia: apuntes para un conocimiento diverso y acce-*

- sible*. Madri, Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI) / Real Instituto Elcano (Informe escrito por Ángel Badillo en el marco del Proyecto “Ciencia Plurilingüe”).
- ORTIZ, Renato. (2008), *A diversidade dos sotaques: o inglês e as ciências sociais*. São Paulo, Brasiliense.
- PARADEISE, Catherine & THOENIG, Jean-Claude. (2013), “Academic institutions in search of quality: local orders and global standards”. *Organization Studies*, 34 (2): 189-218.
- PARADEISE, Catherine & THOENIG, Jean-Claude. (2015), *In search of academic quality*. Londres/Nova York, Palgrave.
- PINTO, Adilson Luiz & GONZÁLEZ, José Antonio Moreira. (2009), “Comparación científica entre *Web of Science* (wos) y *Google Académico*: estudio a partir de los autores más representativos de Brasil”. *Scire*, 15(2): 107-120.
- RAMOS ZINCKE, Claudio. (2014), “Local and global communications in Chilean social science: Inequality and relative autonomy”. *Current Sociology*, 62 (5): 704-722.
- RAMOS ZINCKE, Claudio. (2021), “A well-behaved population: The Chilean scientific researchers of the XXI century and the international regulation”. *Sociologica*, 15 (2), 153-178.
- UNESCO (2021), *Unesco Science Report: the race against time for smarter development*. Paris, Unesco. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377433>.

Abstract

Situated circulation and publication languages of the academic elites of the Southern Cone

This article analyzes the relationship between researchers' self-perceptions about the value of publishing in English and the diversity of circulation practices observed in their entire publication trajectory. Methodologically, we use both a trinational survey carried out with the academic elite of Argentina, Brazil and Chile and an empirical observation of a sample of researchers' resumes from these three countries. The contribution is twofold: in conceptual terms, we propose the concept of "situated circulation" as an alternative to linear and traditional perspectives of internationalization; In the empirical field, we show how the bibliodiversity in the academic trajectories and the multiscalarity of the circulation of these academics gives us a complex and diverse look in the three cases. As a consequence, the findings allow us to go beyond the usual views on English as a language of publication and advance the debate on the dynamism of the circulation process and its social-institutional anchors.

Keywords: Situated circulation; Publications; English; Academic elites; Bibliodiversity.

Resumen

Circulación situada e idiomas de publicación de las élites académicas del Cono Sur

Este artículo analiza la relación entre las autopercepciones de los investigadores acerca del valor de la publicación en inglés y la diversidad de prácticas de circulación que se observan en su trayectoria completa de publicaciones. Para ello, nos basamos metodológicamente en una encuesta trinacional realizada con la élite académica de Argentina, Brasil y Chile y en la observación empírica de una muestra de currículums de investigadores de estos tres países. La contribución del texto apunta en una doble dirección: en términos conceptuales, proponemos el concepto de "circulación situada" como alternativa a perspectivas lineales y tradicionales de la internacionalización; en el terreno empírico, mostramos cómo la bibliodiversidad en las trayectorias académicas y la multi-escalaridad de la circulación de esos académicos proyecta una mirada compleja en los tres casos. Como consecuencia, los hallazgos nos permiten ir más allá de las visiones habituales sobre el inglés como idioma de publicación y avanzar en el debate sobre el dinamismo del proceso de circulación y sus anclajes socio-institucionales.

Palabras clave: Circulación situada; Publicaciones; Inglés; Élite académicas; Bibliodiversidad.

Resumo

Circulação situada e idiomas de publicação das elites acadêmicas do Cone Sul

Este artigo analisa a relação entre a autopercepção dos pesquisadores sobre o valor da publicação em inglês e a diversidade de práticas de circulação observadas em suas trajetórias. Para isso, nós nos baseamos metodologicamente em uma pesquisa trinacional realizada com a elite acadêmica da Argentina, Brasil e Chile e na observação empírica de uma amostra de currículos de pesquisadores desses três países. A contribuição do texto é dupla: em termos conceituais, propomos

o conceito de “circulação situada” como alternativa às perspectivas lineares e tradicionais de internacionalização; no campo empírico, mostramos como a bibliodiversidade nas trajetórias acadêmicas e a multiescalaridade da circulação desses acadêmicos projetam uma realidade complexa e diversificada nos três casos. Isso nos permite, então, ir além das visões habituais do inglês como língua de publicação e avançar no debate sobre o dinamismo do processo de circulação e suas ancoragens socioinstitucionais.

Palavras-chave: Circulação situada; Publicações; Inglês; Elites acadêmicas; Bibliodiversidade.

Texto recebido em 24/01/2022 e aprovado em 17/08/2022.

DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2022.194375

FERNANDA BEIGEL é socióloga, doutora em Ciências Políticas e Sociais. Pesquisadora principal do Conicet e professora titular da Universidad Nacional de Cuyo, onde dirige o Centro de Estudios de la Circulación del Conocimiento (Cecic), <https://cecic.fcp.uncuyo.edu.ar/acerca-de/>. E-mail: mfbeigel@mendoza-conicet.gob.ar.

BRENO BRINGEL é doutor em Ciências Políticas. Pesquisador sênior da Universidad Complutense de Madrid (Programa Talento Investigador) e professor do Iesp da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde coordena o Núcleo de Teoria Social e América Latina (Netsal). E-mail: brenobringel@iesp.uerj.br.



La batalla de las lenguas en la publicación nacional

Un estudio comparativo de las publicaciones del CNPq (Brasil) y Conicet (Argentina)¹

Fernanda Beigel*

<http://orcid.org/0000-0002-7996-9660>

Luciano Digiampietri**

<https://orcid.org/0000-0003-4890-1548>

El predominio del inglés como lengua académica en las revistas de corriente principal ha sido profusamente estudiado y la preocupación por su centralidad creciente no es nueva. El uso del factor de impacto en las evaluaciones y la jerarquización que esto significó para la publicación en las revistas “mainstream” inclinó efectivamente a las elites académicas de los países no hegemónicos a la publicación en inglés (Ortiz, 2009; Gingras, 2016). Inclusive produjo circuitos de producción y circulación segmentados lingüísticamente, como ha sido documentado para el mundo árabe (Hanafi y Arvanitis, 2014) y una tendencia sistemática de los investigadores a publicar fuera de la región (Da Silva Neubert, Schwarz Rodrigues y Mugnaini, 2021). El informe mundial publicado recientemente por la Unesco (2021) también señala las desigualdades producidas por la mundialización del inglés como lengua de publicación y observa sus efectos según las regiones: la hegemonía del inglés parece haberse profundizado respecto del informe anterior. Por su parte, la Organización de Estados Iberoamericanos realizó un estudio que tuvo bastante repercusión porque se informaba que, en 2020, el 95% del total de artículos publicados en revistas

* Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, Argentina.

** Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

1. Los autores agradecen el apoyo recibido para esta investigación de parte de Women and Science Chair, à Paris Dauphine-PSL university Chair and its Foundation, in partnership with Fondation l'Oréal, La Poste, Generali France, Safran and Talan.

científicas estaba escrito en inglés y únicamente el 1% en español o en portugués². Solo el 13% de los científicos de España habían publicado sus trabajos en español, el 12% de los residentes en México, el 16% de los chilenos, y con porcentajes en torno al 20% los de Argentina, Colombia y Perú. La situación del portugués se plantea aún más compleja porque, escasamente, el 3% de los investigadores portugueses y el 12% de los brasileños analizados en ese informe eligieron su lengua materna para publicar sus trabajos, los demás lo hicieron en inglés (Badillo, 2021).

Este paisaje tan heterónimo resulta desolador para el multilingüismo y deja poco margen para imaginar una transformación de estas tendencias. Pero se trata de un paisaje que se construye con bases de datos de editoriales comerciales oligopólicas (*Scopus* o *Wos-Clarivate*) cuyos sesgos geográficos y lingüísticos ya han sido ampliamente analizados (Archambault, Vignola-Gagné, Côté, Larivière y Gingras, 2006; Unesco 2010). Estas bases de datos de hecho oscurecen una considerable actividad intelectual que continúa desarrollándose en el mundo, en muchas lenguas, evidenciando el valor que éstas tienen para escritores y también para lectores. Esta realidad global del multilingüismo, que atraviesa distintas esferas, no solo la académica, pone en cuestión la naturalización del inglés como la lengua privilegiada de publicación (Curry y Lillis, 2022). En las ciencias sociales y humanas, por su parte, no se escribe sólo en lenguas nativas, sino que crece el multilingüismo, más allá de la posición geopolítica o el tamaño de la comunidad académica (Kulczycki *et al.*, 2020). Es real que la publicación en inglés promueve bajo diferentes modos la citación de literatura en inglés, pero hay estudios que demuestran que hay resistencias y negociaciones por parte de los investigadores que provienen de países con otras lenguas nativas para preservar sus estilos de escritura (Smirnova y Lillis, 2022).

Hay suficiente evidencia sobre la co-existencia de varios circuitos, diversos modos de conceptualizar la noción de “excelencia” y distintas formas de producción del conocimiento, no sólo en el Sur sino también en el Norte (Paradeise y Thoenig, 2015; Mbula, Tijssen, Wallace y McLean Eds., 2020). Por otra parte, sabemos que el libro sigue desarrollándose en el mundo académico y las prácticas de bibliodiversidad emergen cuando se observan las trayectorias completas de los investigadores (Engels *et al.*, 2018; Dacos y Mounier, 2010). Es decir, nadie duda que la hipercentralidad del inglés es una realidad, pero hay material empírico suficiente para afirmar que no es la única realidad.

Ahora bien, es difícil calibrar verdaderamente la incidencia de la publicación en inglés en el mundo Iberoamericano porque son todavía escasos los estudios de

2. <https://elpais.com/ciencia/2021-07-27/la-dictadura-del-ingles-en-la-ciencia-el-95-de-los-articulos-se-publica-en-esa-lengua-y-solo-el-1-en-espanol-o-portugues.html>.

trayectorias académicas o universos completos de producción. Las razones son sencillas: a) hay múltiples bases de datos de revistas de la región, pero con grandes solapamientos y b) hay sistemas de currículo en la mayoría de los países, pero no están disponibles abiertamente o no están curadas profesionalmente (Beigel, 2022). Sin embargo, estas bases de datos están siendo estudiadas crecientemente y permiten tener un panorama no sólo de la producción en revistas indexadas sino también en otros medios y formatos donde predominan las lenguas locales (Mugnaini, Damasceno, Digiampietri y Mena-Chalco, 2019; Beigel y Gallardo, 2021).

Este trabajo es parte de un proyecto de investigación de mayor alcance que produjo un estudio comparativo entre las publicaciones de dos comunidades científicas, los investigadores del Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq, Brasil) y los investigadores del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (Conicet-Argentina). En este artículo pondremos el foco en el idioma y el país de edición de la producción científica. El origen de los datos es similar para los dos países. En el caso de Argentina, se trata de información autocargada por los investigadores del Conicet en su sistema de gestión y evaluación (*Sigeva*). En el caso del CNPq, la información fue extraída del sistema *Lattes*, que centraliza los antecedentes de los académicos del Brasil. Tanto *Sigeva* como *Lattes* son, justamente, sistemas de información curricular, y no bases de datos de tipo bibliométrico, por lo cual no cuentan con un proceso de validación de los registros en ellas cargados. Estos son generados por los propios investigadores y pueden contener errores, omisiones o repeticiones. Por eso requieren de un trabajo mayor de filtrado y limpieza, así como de cruces con bases de datos complementarias, como ISSN para determinar el país de las revistas, los DOI para recuperar información única de artículos, entre otros procedimientos. Ante la ausencia de sistemas Cris integrados, estas bases de datos nos permiten aproximarnos universos completos de publicaciones. Su utilización ofrece dificultades a los estudios bibliométricos o de citas, pero en cambio permite construir una estadística descriptiva de la producción completa de una población concreta de investigadores científicas que es adecuada a los objetivos principales de este trabajo: ofrecer un panorama del multilingüismo, la bibliodiversidad y el peso de la publicación nacional en estas comunidades.

Habilidades lingüísticas y asimetrías de capital académico

La capacidad de escribir y publicar una producción en un idioma distinto de la lengua materna está estrechamente vinculada con la diversidad disciplinar y la localización espacial de la institución de afiliación de las personas. Ya varios estudios han demostrado que la escritura en inglés no surge simplemente del despliegue de

habilidades básicas de comunicación, sino que se trata de un conjunto más amplio de capacidades lingüísticas (Lillis y Curry, 2010; Chardenet, 2012). Lo que Gerhards (2014) llama el “capital lingüístico transnacional” -cuya máxima acumulación reporta el inglés- no se adquiere meramente con el entrenamiento típico de la socialización primaria. Confluyen para su dominio técnico la formación académica, la intervención de directores o colaboradores nativos que corrigen o traducen, cuyo acceso se define según el capital académico y social de los equipos de investigación y sus redes internacionales (Beigel, 2017). La acumulación de estos recursos y la viabilidad de adquirir estas disposiciones a la escritura en inglés explican la circulación desigual que se registra entre académicos de un mismo país y una misma disciplina, así como contribuye a explicar las asimetrías de género. Así, un investigador afiliado a una universidad de Estados Unidos o el Reino Unido tiene una ventaja competitiva, una mayor facilidad para publicar en el universo mayoritario de revistas en inglés incluidas en las bases de datos mainstream, dado su manejo del inglés como lengua nativa y su formación académica en ese idioma. En cambio, para una investigadora china, rusa o colombiana, publicar en inglés implica un intenso aprendizaje, además de tiempos adicionales de revisión y traducción, por no hablar de la necesidad de adaptarse a determinados debates y una literatura que no coincide con el mapa de sus lecturas previas, y que también está en inglés.

A estas desigualdades de base, en las que el capital lingüístico transnacional juega un papel clave para la entrada o permanencia en un determinado circuito académico, se suman otras estructuras que definen en buena medida el “margen de maniobra” que los investigadores de países no-hegemónicos tienen para escribir en sus idiomas nativos. Nos referimos a las políticas de ingreso y promoción que centran sus indicadores de evaluación en el factor de Impacto de las revistas antes que en la valoración de la calidad/originalidad de cada artículo o capítulo publicado. Así, los rankings de revistas, y su peso en los rankings universitarios han tenido un efecto nocivo en el multilingüismo de la producción y de la edición científica, torciendo las estrategias de publicación en torno de las revistas en inglés. Otro efecto directo se relaciona con la desvalorización de las revistas nacionales que frecuentemente pierden apoyo de la comunidad y respaldo institucional, con lo que se cierran órganos de comunicación científica que vinculan de manera más directa a las universidades con su entorno y le impulsan a desarrollar conocimiento socialmente relevante. Esto mismo movilizó a muchas revistas a cambiar su idioma nativo por el inglés.

Existen estudios comparativos que confirman que los investigadores del Cono Sur comparten la percepción de que publicar en inglés es muy importante para avanzar en la carrera académica y, en su gran mayoría, tienen y desean tener más publicaciones en inglés. La Encuesta de capacidades lingüísticas e internacionaliza-

ción (Ecapin, 2018)³ muestra que entre el 92 y el 96% del total de los encuestados de los tres países declararon haber publicado, al menos una vez en aquella lengua. Muchos, inclusive respondieron que tienen gran parte de su producción en inglés. Ecapin fue desarrollada en poblaciones académicas seleccionadas de estos tres países, pertenecientes a todas las áreas científicas, considerando sólo instituciones altamente internacionalizadas, puesto que se buscaba estudiar las elites académicas para indagar sobre la incidencia del capital escolar de origen para la publicación en inglés⁴. Sin embargo, se verificó una escasa incidencia, demostrándose, así, el peso de otros factores que mencionábamos más arriba. Para el caso de Argentina, la encuesta demostró que el 95,1% de los investigadores con capital escolar muy bajo/bajo había publicado alguna vez en inglés e inclusive el porcentaje disminuyó a medida que aumentaba el capital escolar de origen siendo 93,5% entre aquellos con capital escolar alto (Gallardo, 2022). Para Brasil, el 97,2% de los investigadores con capital escolar muy bajo o bajo había publicado alguna vez en inglés y entre los que poseían capital escolar alto la cifra subía a 99,2%. Una leve mayor correlación existía en el caso de Chile, donde el 87,5% de los investigadores con capital escolar muy bajo/bajo había publicado alguna vez en inglés mientras que entre los que poseían capital escolar alto la cifra subía a 92,3%.

Ahora bien, cuando se analizaron los currículums completos de estas personas, a pesar del peso tan grande del inglés en las autopercepciones, se observó una presencia importante de publicaciones en español o portugués. Esto se dio en todas las áreas científicas, y con una significativa relación con las publicaciones en revistas del propio país, con lo que emergieron perfiles más diversos de los esperados en estas elites académicas con una integración plena en circuitos mainstream. Es interesante destacar como rasgo saliente de Brasil que en este estudio se verificó que sólo el 8% de los investigadores relevados no tenía ninguna publicación en portugués -algo bastante llamativo siendo que se trataba de la población de docentes de los programas de posgraduación con categoría 7, el sector más jerarquizado de esa comunidad académica nacional. Este panorama se presenta aún más interesante cuando se analizan las prácticas de publicación en poblaciones más amplias de profesores brasileños, fuera de las elites estudiadas en Ecapin. Un estudio de Mugnaini, Damaceno,

3. La Encuesta Ecapin se desarrolló en el marco del Proyecto Neies-Mercosur N°3/2015 financiado por Capes (Brasil) y SPU (Argentina), dirigido por Fernanda Beigel e integrado por Ana María Almeida, Breno Bringel, Denis Baranger, Juan Piovani, Claudio Ramos Zincke y Osvaldo Gallardo. Los resultados de este estudio pueden verse en este mismo dossier que será publicado por la Revista Tempo Social en diciembre de 2022.

4. Para Argentina la encuesta se realizó entre el universo de investigadores del Conicet, en Chile entre los directores de proyectos Fondecyt y en Brasil los profesores de programas de posgraduación categorizados con la más alta calificación en Capes.

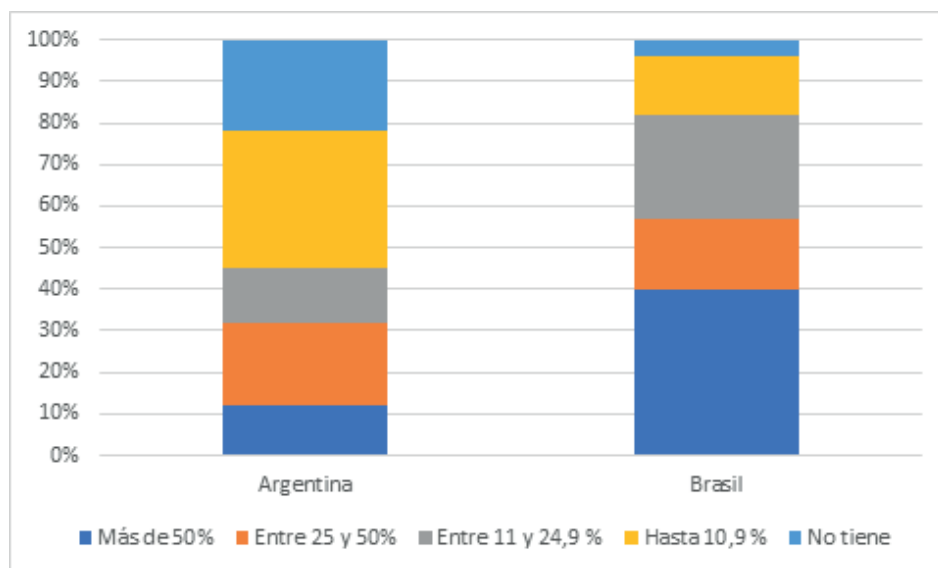
Digiampietri y Mena-Chalco (2019) analiza la lista completa de publicaciones de 260.663 personas de ese país y demuestra que las revistas nacionales ocupan una importante porción de los artículos en todas las áreas. Más llamativo aún es que el 60% del total de revistas en las que estos artículos están publicados corresponden a revistas no indexadas en *Scopus*, *WOS* ni *SciELO*.

Concentrémonos ahora en los hallazgos de este estudio respecto de la incidencia de la publicación nacional. El Gráfico 1 arroja dos perfiles opuestos entre Brasil y Argentina: el primero con un 40% de investigadores que tienen más de la mitad de sus publicaciones en el país y Argentina con sólo poco más del 10%. El grupo de investigadores brasileños presenta, además, el porcentaje más bajo de investigadores sin publicaciones nacionales (4%). Si observamos ahora los porcentajes de investigadores que no tienen publicaciones en su propio país o tienen menos del 11% vemos que Argentina tiene un 55% de sus investigadores que sólo excepcionalmente publican en revistas nacionales. Mientras tanto, Brasil llama la atención justamente porque presenta el patrón opuesto, prácticamente no tiene investigadores sin publicaciones en su propio país y el 58% acostumbra publicar asiduamente en revistas brasileñas.

Para explicar esta tendencia relevante de publicación en revistas brasileñas puede señalarse que muchas revistas en este país han hecho una transición al inglés (Beigel *et al.*, 2022), pero no parece ser la única explicación, como veremos más abajo. Para el caso de Argentina, es conveniente aclarar que el Conicet no tiene un sistema salarial estratificado según productividad ni incentivos directos a la publicación mainstream. Por otra parte, en este país las revistas nacionales indexadas en *Scopus* o *WOS* son excepcionales y escasas, siendo la mayoría indexadas en Latindex. Por último, este organismo ha estimulado en sus procesos de evaluación la circulación latinoamericana en las CSH valorizando las publicaciones en revistas indexadas en la región, con lo cual, una parte de las publicaciones fuera del país se encuentran en ese circuito, aunque no se expresan en el Gráfico 1.

El carácter decisivo de las políticas de evaluación científica en el estilo de publicación de las personas y el peso que tiene el inglés como marca de prestigio en las elites académicas de países no-hegemónicos se verifica en la comparación entre dos corpus estudiados en investigaciones previas. El primero, realizado sobre las 5 producciones “más relevantes” que los investigadores del Conicet deben elegir para presentarse a promoción en ese organismo, detecta que, de un total de 23.852 producciones, el 83% está publicado en inglés (Beigel, 2017). En cambio, del estudio del total de producciones de esos investigadores autocargadas en *Sigeva* surge que sólo la mitad (54,5%) está en inglés, un porcentaje significativamente más bajo (Beigel y Gallardo, 2021). Es un dato que dice mucho acerca de la cultura evaluativa porque cuando los investigadores tienen que elegir las publicaciones que consideran más eficaces para la

GRÁFICO 1
Porcentaje de publicaciones nacionales por país



Fuente: Encuesta Ecapin 2018.

movilidad tienden a seleccionar artículos y publicaciones en inglés, mientras que sus trayectorias completas evidencian mayor diversidad. Veamos ahora en profundidad cómo se visualiza la batalla entre las lenguas y la bibliodiversidad incorporando la dimensión disciplinar.

Distribución lingüística de la producción publicada por el universo de investigadores de CNPq (Brasil) y Conicet (Argentina)

Para comparar dos sistemas de investigación como los de Brasil y Argentina es necesario establecer las principales características de dos sistemas nacionales de categorización de investigadores que tienen elementos en común y diferencias significativas. Ambos sistemas están fuertemente internacionalizados, lo que se evidencia en el peso de los indicadores de impacto de las revistas y de la publicación en inglés para la promoción de sus agentes. Sin embargo, hay diferencias importantes entre ambos países. Por un lado, en el Conicet no existe un sistema de incentivo monetario por productividad: todos los investigadores de la misma categoría ganan prácticamente lo mismo (solo existen algunas diferencias pequeñas dadas por la zona geográfica del lugar de trabajo). La carrera de investigador tiene 5 posiciones jerárquicas a las que se asciende a través de un riguroso proceso de promoción con requisitos estrictos de productividad. En Brasil, la *bolsa de produtividade* no es una carrera de

investigación con posiciones escalonadas, como la de Conicet, sino que es un subsidio para completar un proyecto de investigación. Sin embargo, la bolsa tiene cinco categorías, con un orden ascendente según los antecedentes del candidato, y tiene un carácter habilitante en cuanto otorga a un profesor el status de “pesquisador”. La promoción en sus distintas categorías se ha vuelto cada vez más competitivo tanto por el financiamiento que implica como por el estatus que otorga (Beigel *et al.*, 2022).

La evaluación de las publicaciones en ambos organismos tiene diferencias importantes. En el CNPq se observa un predominio bastante extendido de la jerarquización de *Scopus* para otorgar los puntajes máximos. Un factor que también incide en este terreno es la existencia de un sistema nacional de evaluación de revistas. En Brasil, Qualis reúne las clasificaciones hechas por todos los comités evaluadores de Capes y CNPq otorgando un instrumento nacional que ha favorecido la cuantificación de la evaluación de las trayectorias. En el Conicet predominan los indicadores de impacto en las ciencias “duras” pero existe una regulación especial para las Ciencias Sociales y Humanidades que pondera por igual los servicios de indexación mainstream y a los regionales como Scielo o Latindex Catálogo. El Caicyt de Argentina evalúa solo las revistas nacionales que lo solicitan y no existe un instrumento nacional que oriente las valoraciones de las revistas internacionales. Las comisiones evaluadoras utilizan por lo general criterios *mainstream* para decidir un ingreso o la promoción de los investigadores y en las ciencias sociales y humanas se observa una internacionalización orientada al circuito latinoamericano. En definitiva, se trata de dos poblaciones académicas super seleccionadas y fuertemente presionadas para publicar en el más alto nivel en base a criterios globales.

Hay diferencias significativas en cuanto a la composición de género de las dos poblaciones: en Argentina las mujeres son mayoría (52% del total) mientras en Brasil son una franca minoría (35% del total). Para las tres grandes áreas de las “ciencias duras” se observa con claridad que, en todos los casos, tanto para Brasil como para Argentina, el promedio de publicaciones en inglés es mayor para los varones que para las mujeres. Y, por el contrario, es mayor la producción promedio en el idioma nacional para las mujeres. Si, como plantemos, los idiomas de publicación reflejan la internacionalización de la circulación y los efectos positivos que tiene en la cultura evaluativa de estos organismos, hay una tendencia leve pero clara a una masculinización del prestigio internacional y una feminización del prestigio local (Beigel *et al.*, 2022).

Veamos ahora, comparativamente, como se desempeñan estas dos poblaciones de investigadores al analizar los dos corpus completos de producción científica desde el punto de vista idiomático, siendo una de ellas hablante en lengua portuguesa y otra en lengua española. Para los investigadores del CNPq en Brasil hicimos una extracción del total de las producciones declaradas en el sistema *Lattes* entre 2013-2020. Para

los/as investigadores del Conicet en Argentina disponemos del total de producciones cargadas en el sistema *Sigeva* desde el inicio de la carrera de cada persona hasta el 1 de febrero de 2020 en que fue realizada la extracción⁵. El total de individuos incluidos en el estudio es el universo registrado oficialmente como investigadores del Conicet (10.619) y de investigadores del CNPq de Brasil (14.418).

Cuando tomamos todos los artículos de revista, el idioma inglés predomina con claridad siendo más alta la proporción en el caso de los investigadores/as de Brasil (79%) que en el caso de Argentina, donde los artículos en inglés representan el 64% del total. Como es de esperar, la distribución lingüística cambia según el área científica. El Gráfico 2 muestra la especificidad propia de las CSH, donde los artículos en inglés representan una porción minoritaria comparada con las otras áreas. Para Argentina es una porción que ronda el 15% mientras que para el caso de Brasil representa un 25% del total. Es interesante destacar que, en Argentina, en las ciencias “duras” la proporción de publicaciones en español tiende a aumentar en las categorías más bajas de la carrera, es decir, en las generaciones más jóvenes. Mientras tanto, en las categorías más altas, compuesta por los grupos de investigadores de mayor edad, la proporción de artículos en inglés, inversamente, aumenta. Entre los jóvenes del Conicet inclusive se observa una tendencia creciente a la publicación en Argentina, empujada principalmente por las CSH y por la normativa que tiene el organismo desde 2014 en la que se clasifica las publicaciones de estas disciplinas valorizando las indexaciones regionales como equivalentes a las indexaciones hegemónicas.

Más abajo veremos que en Brasil las publicaciones en revistas nacionales tienen mucho peso, pero la diferencia principal es que en Argentina mayormente están en español mientras en Brasil han aumentado significativamente las revistas publicadas íntegramente en inglés. Ahora bien, como era de esperar, la distribución de las lenguas de publicación está estrechamente vinculada con la dinámica disciplinar. Hay diferencias significativas entre las cuatro áreas seleccionadas para la comparación⁶ que se observan con un patrón semejante para los dos países. En las primeras más del 90% de los artículos están en inglés mientras en las ciencias agrarias rondan el 80%, con una mayor presencia del portugués para los investigadores de CNPq que del español en los investigadores de esas disciplinas en el Conicet.

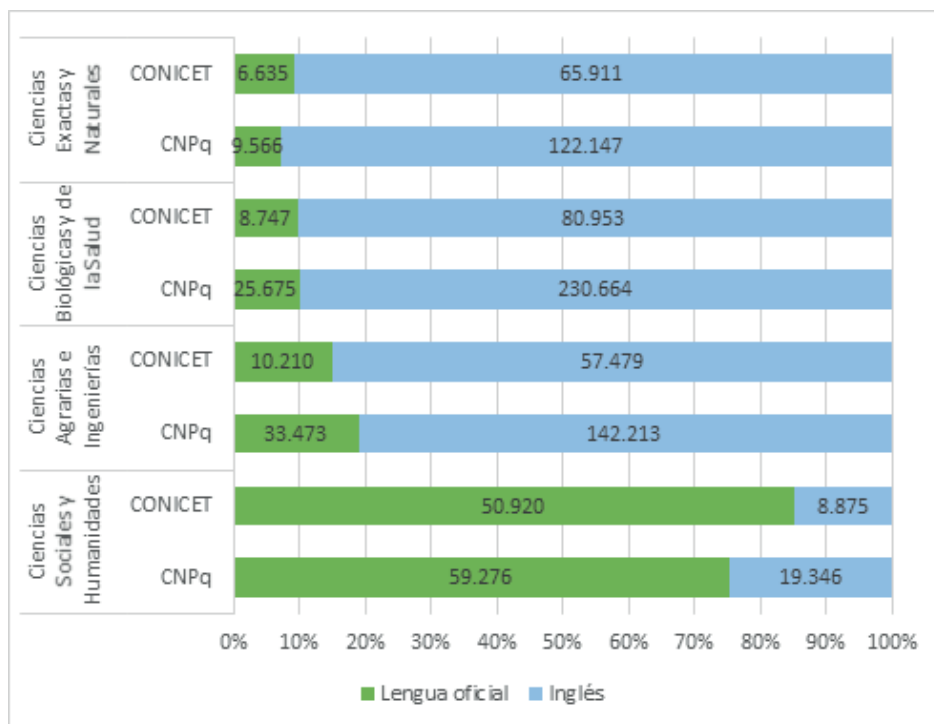
Las CSH de Argentina manifiestan una mayor inclinación a la publicación en español, en torno del 85% de los artículos. Sin embargo, como decíamos más arriba entre esas publicaciones hay muchos artículos en revistas iberoamericanas. Los in-

5. Agradecemos a la Presidencia del Conicet por la autorización para disponer de esta información y a Andrés Profeta por la extracción de los datos.

6. Las grandes áreas del Conicet son 4, mientras que en CNPq son 6, por lo que a los fines de la comparación se agruparon las áreas de Brasil en las 4 del Conicet.

GRÁFICO 2

Artículos de investigadores de Conicet y pesquisadores de CNPq, por idioma de publicación, según área científica*, (CNPq N = 14.784; Conicet N = 10.619)



* El gráfico compara la distribución de los artículos publicados en inglés y en la lengua oficial (español o portugués), por lo que no fueron incluidos los artículos publicados en otros idiomas. A diferencia de Argentina que disponemos de toda la producción de los investigadores, para el caso de Brasil la gran envergadura de la producción requirió trabajar sobre el recorte 2013-2020 por lo que representa una fotografía de la tendencia más reciente, sin el componente histórico de las prácticas de publicación de las generaciones más antiguas.

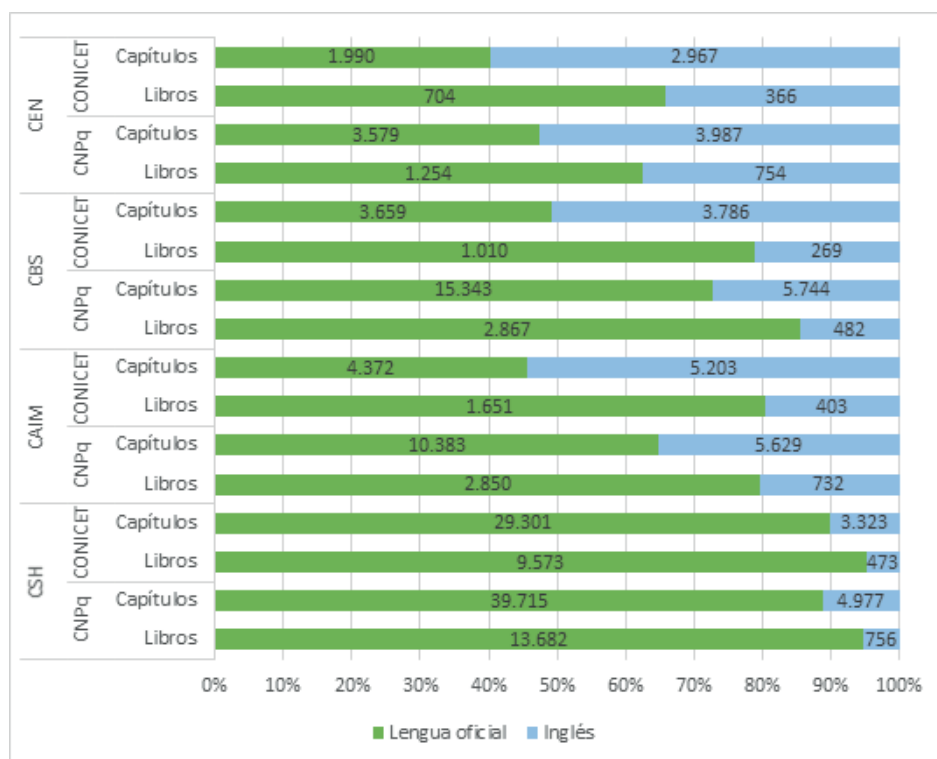
Fuente: Elaboración propia a partir de Sigeva-Conicet y Lattes-CNPq.

investigadores de CNPq en cambio pueden estar publicando en inglés en revistas de su propio país y tienen una tendencia menor a publicar en revistas latinoamericanas.

El estudio comparativo sobre las asimetrías de género en esta producción comparada arrojó que la productividad evidencia una brecha clara a favor de los varones y que cuando se introduce la variable lingüística, esta brecha se afirma y en todas las áreas científicas, de la comparación de la media de artículos publicados en inglés resulta un notorio saldo favorable a la producción masculina en ese idioma (Beigel *et al.*, 2022). Para Argentina, en promedio para el total de investigadores, los hombres publicaron 23,6 artículos mientras las mujeres, 17 (ver Gráfico 3). En Brasil observamos un fenómeno semejante: la media para el total de investigadores varones es de 37,4 artículos en inglés, mientras para las mujeres alcanza a 30,1. Las

GRÁFICO 3

Capítulos y libros de investigadores de Conicet y pesquisadores de CNPq por idioma de publicación, según área científica, (CNPq N = 14.784; Conicet N = 10.619)



Fuente: Elaboración propia a partir de bases de datos Sigeva-Conicet y Lattes-CNPq.

distancias entre sexos se triplican en Brasil dentro de las ciencias exactas y agrarias, mientras para las ciencias biológicas y las CSH la brecha es más pequeña. Esto se relaciona con la composición de género de esta población de pesquisadores del CNPq que se caracteriza por una significativa masculinidad, sobre todo en las categorías superiores. En Argentina, la mayor distancia se observa en las ciencias exactas y naturales. Las ciencias agrarias y las sociales tienen promedios más cercanos entre los sexos. Es interesante observar que en las ciencias biológicas y de la salud las mujeres argentinas acumulan mayor cantidad de artículos en inglés que los varones, algo que se corresponde con una alta tasa de feminización de este grupo en el Conicet.

Una mirada a las producciones completas de una comunidad académica permite verificar las limitaciones de las bases de datos hegemónicas por cuanto no sólo se analizan artículos de revista, sino todos los formatos de comunicación, como libros, actas de congresos, informes, que siguen teniendo una incidencia en las prácticas de publicación de los investigadores. Veamos ahora cómo se invierte la situación

idiomática cuando consideramos los capítulos y partes de libro, para todas las áreas científicas. El Gráfico 3 muestra que estos se publican mayormente en el idioma nacional. En ambos países las CSH tienen proporciones similares entre el inglés y la lengua nacional, en cambio para las otras áreas el Conicet evidencia mayores publicaciones de libros en inglés que Brasil. Para Argentina, los capítulos de libro en español representan el 61% y analizados sólo los libros, las cifras aumentan al 79%. Para los/as investigadores/as de CNPq los capítulos de libro en portugués representan el 74% mientras que para los libros completos sube al 85% la proporción en esa lengua. La presencia de otros idiomas es mínima en todos los tipos de publicación: sólo en las CSH tiene alguna relevancia.

Como vemos en el Gráfico 3, globalmente se puede decir que los investigadores de ambos países, cuando publican en el formato de libro, lo hacen mayormente en su propio idioma. En cambio, los capítulos de libro en inglés tienen una presencia significativa en las ciencias “duras”, con una mayor incidencia en Argentina que en Brasil. Un estímulo a la publicación de libros y partes de libro en portugués para las ciencias biológicas y de la salud proviene de la colección *SciELO Livros*. En total, en esa colección se han editado 1516 libros desde su creación en 2014 siendo 1383 publicados en portugués, 125 en español y solo 8 en inglés.

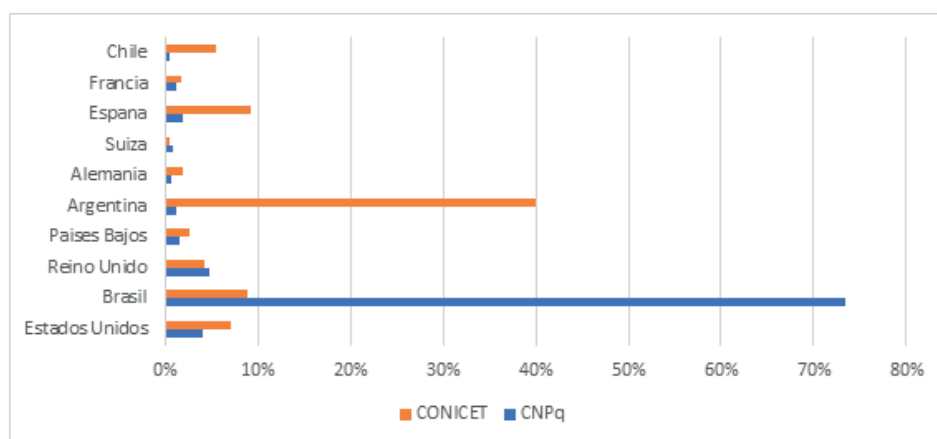
La morfología espacial de las publicaciones

Pasemos ahora a analizar el país de edición de estas publicaciones, considerando especialmente el peso de las revistas nacionales en cada universo de investigadores. Comenzando por Brasil, podemos observar en el Gráfico 4 que las ciencias sociales y humanas tienden a publicar la mayor parte de sus producciones en revistas brasileñas, alcanzando un 73% del total. Fuera de Brasil pueden anotarse sólo dos países, Reino Unido con 5% y Estados Unidos con un 4% del total de artículos, y el resto de los países se distribuyen en el porcentaje pequeño restante. Las disciplinas que muestran mayores porcentajes de publicación nacional son Lingüística, Servicio Social y Economía Doméstica. Por el predominio femenino de esas disciplinas podríamos pensar que las mujeres tienen mayores tendencias a publicar en Brasil, pero si aislamos los artículos publicados sólo por las mujeres de esta área científica el porcentaje total crece levemente a 75% y la distribución por países es muy semejante a la de los varones.

Si ahora ponemos en consideración las publicaciones de los investigadores argentinos de ciencias sociales y humanas podemos observar que tienden a publicar bastante menos que sus colegas brasileños en revistas de su propio país, alcanzando un 40% del total (Gráfico 4). A diferencia de Brasil que no refleja de manera relevante la

GRÁFICO 4

Porcentaje de artículos de ciencias sociales y humanas (2013-2020) publicados por Conicet y CNPq, por país de la revista



Fuente: elaboración propia a partir de bases datos Sigeva-Conicet y Lattes-CNPq.

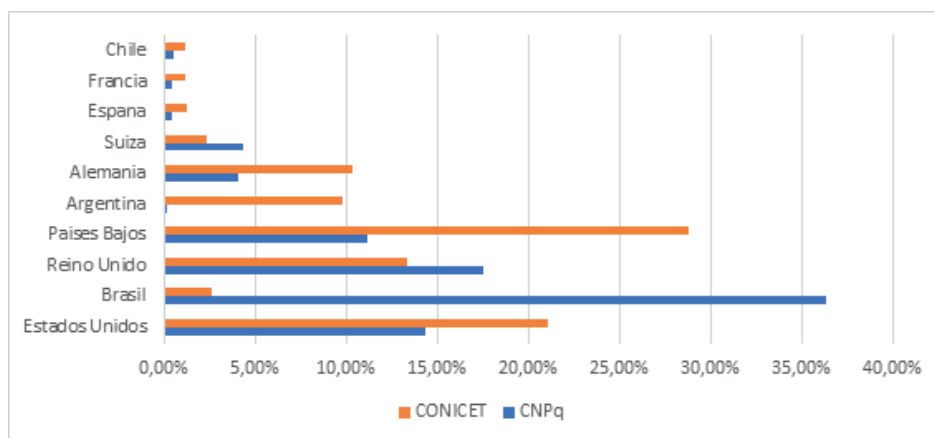
publicación en Portugal, como sería de esperar debido a la afinidad lingüística, en el caso argentino sí se observa una importante porción de artículos en revistas españolas (9%). Vale la pena mencionar que el 9% de los artículos se publican en Brasil mientras que para los investigadores brasileños las revistas argentinas no parecen ser un medio convocante. De hecho, en el Gráfico 4 vemos que no hay prácticamente publicaciones en revistas latinoamericanas mientras que se observa un fenómeno de publicación regional relevante para el caso argentino (las revistas de Chile y Brasil reúnen el 14% del total de artículos). Como adelantamos, esto se debe en buena parte a que el Conicet estimuló la publicación en revistas indexadas en América Latina equiparando su jerarquía con *Scopus* y *Web of Science* en la Resolución 2249 aprobada en 2014 (Baranger y Beigel, 2021).

Las disciplinas que muestran mayores porcentajes de publicación nacional en Argentina son la Historia y la Geografía (con 49% del total de artículos en revistas argentinas), el resto de las disciplinas bajan a promedios de 43% o menos. En el Conicet, el 58% de los investigadores de ciencias sociales y humanidades son mujeres, por eso conviene aislar los artículos con autoras femeninas para analizar si hay patrones específicos de publicación nacional. Sin embargo, la distribución es casi idéntica a la del conjunto con un 49% de artículos publicados en Argentina y una participación semejante del resto de los países.

En las otras áreas científicas, encontramos una notable tendencia a la publicación de artículos en revistas nacionales para Brasil, mientras que para los investigadores

GRÁFICO 5

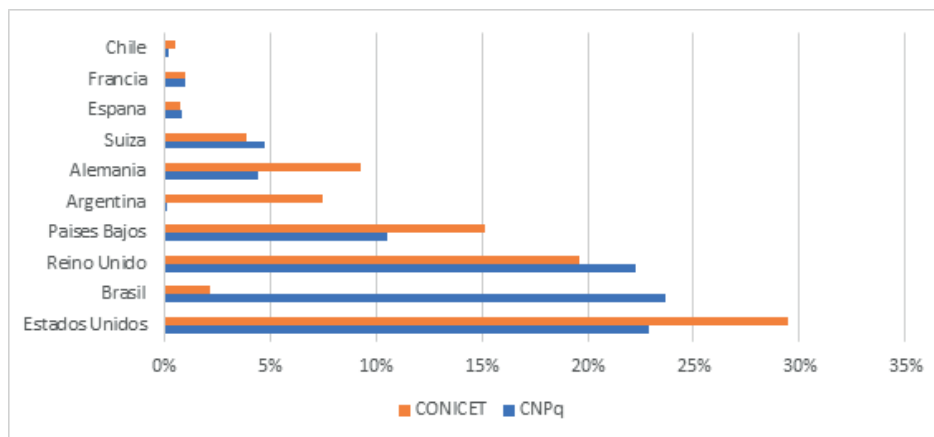
Porcentaje de artículos de ciencias agrarias e ingenierías (2013-2020) publicados por Conicet y CNPq, por país de la revista



Fuente: elaboración propia a partir de bases datos Sigeva-Conicet y Lattes-CNPq.

GRÁFICO 6

Porcentaje de artículos de ciencias biológicas y de la salud (2013-2020) publicados por Conicet y CNPq, por país de la revista

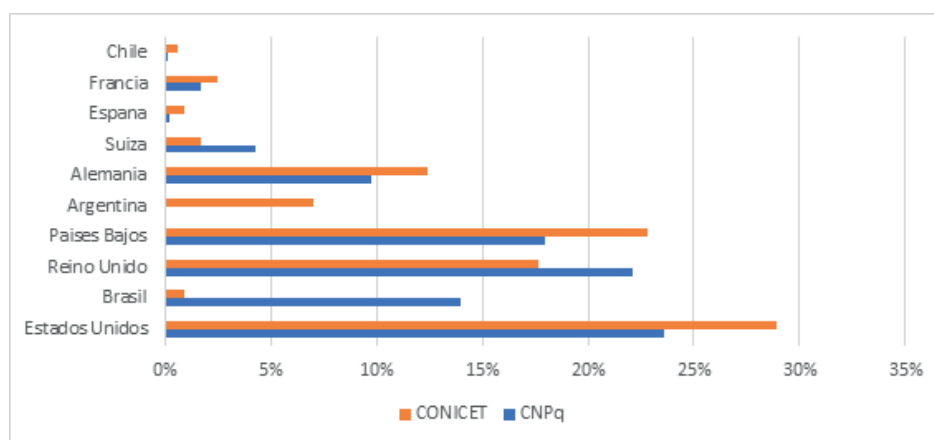


Fuente: elaboración propia a partir de bases datos Sigeva-Conicet y Lattes-CNPq.

argentinos resulta algo sumamente excepcional. En el Gráfico 5 vemos que el área con mayor presencia de revistas nacionales es Ciencias Agrarias e Ingenierías, donde se publica el 36% de los artículos de los investigadores brasileños, mientras para Argentina la porción de publicaciones nacionales baja al 10%. Le siguen Ciencias Biológicas y de la salud con un 24% del total para Brasil y sólo el 7% para Argentina (Gráfico 6).

GRÁFICO 7

Porcentaje de artículos de ciencias exactas y naturales (2013-2020) publicados por Conicet y CNPq, por país de la revista



Fuente: elaboración propia a partir de bases datos Sigeva-Conicet y Lattes-CNPq.

Un fenómeno que contribuye ciertamente a ofrecer un circuito de comunicación importante para las ciencias de la salud y las ciencias agrarias en Brasil es la existencia de muchas revistas de estas disciplinas en la Colección Scielo, que constituyen casi la mitad del total de revistas de la colección Brasil. Destacan especialmente 109 revistas del área de Salud, a lo que se suma una tradición importante de comunicación que nació con la biblioteca Bireme y actualmente Lilacs, con lo cual la oferta de espacios de difusión es variada. Lilacs indexa más de 100 revistas brasileñas del área de Salud presentes en la red *SciELO*. Este número es superior a las revistas de la red, en Salud, indexadas en *Scopus* (80) o *Web of Science* (41), reforzando la importancia de esta biblioteca (Bojo-Canales y Sanz-Valero, 2019). En Argentina también existen muchas revistas de medicina y ciencias de la salud (122 según el relevamiento más reciente) pero sólo 17 de éstas están indexadas (Beigel, Salatino y Monti, 2022).

Las Ciencias Exactas y Naturales son las que exhiben menor participación en revistas nacionales, aunque la proporción para Brasil sigue siendo significativa (14% del total de artículos), mientras en Argentina constituye el 7% (Gráfico 7). En relación con las diferencias de género, si aislamos los artículos publicados por las mujeres, el porcentaje de publicaciones en Brasil desciende un poco para las ciencias agrarias e ingenierías (34%), aumenta levemente para las ciencias exactas y naturales (19%) y para las Ciencias Biológicas y de la Salud (28%). En Argentina los porcentajes de publicación nacional para las mujeres son prácticamente los mismos que para el universo en las tres áreas, sin que destaque ningún patrón específico. En cambio, como vimos antes, los patrones lingüísticos de publicación sí varían signi-

ficativamente en ambos países donde se verifica una brecha de género importante en las publicaciones en inglés.

Si repasamos los países en los que publican los investigadores de estos países en las “ciencias duras” podemos señalar que Estados Unidos es un lugar de edición relevante, aunque tiene un papel más importante en Argentina. El Reino Unido ocupa un lugar de peso entre las revistas, pero a la par de los Países Bajos para Argentina. Esto se explica en buena medida porque es en estos países donde se edita la mayor parte de las revistas indexadas en *Scopus* y la Argentina hace más de una década que no está suscripta a la colección de *Web of Science* que, de hecho, no está disponible para lectura en la Biblioteca Digital nacional. En cambio, Brasil dispone de estas colecciones y las valoriza en su sistema de evaluación de la *bolsa de productividad*. Para las tres áreas las revistas editadas en Argentina representan menos del 10% del total señalando una tendencia fuertemente internacionalizada, con predominio de revistas editadas en Reino Unido, Países Bajos y Estados Unidos.

Consideraciones finales

Publicar en una lengua distinta de la propia no sólo implica un complejo proceso de adaptación y aprendizaje, sino que involucra una serie de pérdidas que ocurren con la traducción. El español y el portugués son lenguas universales no sólo porque las hablen cientos de millones de personas, sino también porque han recogido experiencias antagónicas, de conquistadores y de conquistados (Sánchez Cuervo, 2021). Despojarlas de su historicidad y de la riqueza de su particular recorrido en un forzoso proceso de traducción al inglés redundaría en un empobrecimiento intercultural de la ciencia. A su vez, aleja a la investigación científica de la interacción directa con su entorno social, ya sea éste las comunidades que podrían ser beneficiarias de los resultados de la ciencia como de los hacedores de políticas públicas que podrían servirse de esos insumos para generar acciones informadas. Pero, como han demostrado Curry y Lillis (2014) los académicos adoptan estrategias para alinearse con las exigencias de publicación en inglés, y al mismo tiempo usan tácticas para sostener agendas que con orientaciones contrapuestas. En algunos momentos se adaptan, en otras se acomodan y en otras resisten la dominación del inglés y eso es algo que se puede observar especialmente en sus trayectorias completas de publicación.

Pudimos ver que los investigadores argentinos publican muy poco en su país, pero mantienen un porcentaje de sus publicaciones en español en todas las áreas. Disponen de revistas nacionales de calidad, pero aun quienes allí publican estiman que el Conicet no las recompensará para sus carreras académicas. Se requiere un proceso de re-funcionalización de las revistas editadas por sociedades científicas que

permita mejorar su indexación y avanzar en políticas multilingües. Los investigadores brasileños publican asiduamente en revistas de su país, pero muchas de éstas se editan exclusivamente en inglés. El pequeño número de revistas indexadas en portugués, especialmente fuera de Brasil, ha sido un fuerte impulsor de las estrategias de publicación no solo para los brasileños, sino también para investigadores de diferentes países que tienen el portugués como lengua oficial (Solovova, Santos y Veríssimo, 2018). Este país dispone de un circuito de comunicación nacional de calidad y profesionalizado, con visibilidad internacional, que podría eventualmente convertirse en un espacio multilingüe, de tener las políticas de traducción adecuadas y los incentivos correctos por parte de los sistemas de financiamiento y evaluación académica.

La participación de estos investigadores en el circuito latinoamericano arrojó algunas constataciones contrapuestas, sobre todo en la comparación en las prácticas de las ciencias sociales y humanidades. Para Brasil se registraron escasas publicaciones en revistas latinoamericanas, mientras que se observa un fenómeno relevante de publicación regional para el caso argentino e inclusive una presencia fuerte de revistas de Brasil. Esta tendencia de internacionalización regional constituye una estrategia adaptativa desarrollada en Argentina en buena medida gracias a una recomendación promovida por el Conicet que reconoce y valoriza estas revistas en el proceso de evaluación de ingreso y promoción. Todo lo cual demuestra que los incentivos de los sistemas de evaluación académica generan cambios en las trayectorias de circulación de los investigadores.

En relación con la lengua de publicación pudimos detectar niveles de productividad diferenciados por género porque los varones publican en promedio muchos más artículos en inglés. Dada la valoración de este capital lingüístico transnacional en los sistemas de evaluación y las jerarquías académicas globales, esta brecha de género puede generar importantes asimetrías para las mujeres a la hora de promover en la carrera académica en ambos países. Por eso resulta de vital importancia atender este fenómeno en las reflexiones actuales de los sistemas nacionales de categorización de investigadores que existen en ambos países, para apuntar a formas más responsables y equitativas de evaluación académica.

Este estudio ha procurado mostrar que cuando se tiene a la vista un corpus completo de producción y no aquel que surge de bases de datos sesgadas geográfica y lingüísticamente, la publicación nacional en el caso de Brasil y la publicación latinoamericana en el caso de Argentina emerge como un fenómeno significativo. Por otra parte, nuestras lenguas nacionales siguen batallando y resistiendo. Valorizarlas y visibilizarlas, es fundamental para combinar una ciencia internacional, a la vez arraigada localmente, para que ésta sea cada vez más relevante para la sociedad que la rodea.

Referencias

- ARCHAMBAULT, É.; VIGNOLA-GAGNÉ, É. & CÔTÉ, G.; LARIVIÈRE, V. & GINGRAS, Y. (2006), “Welcome to the linguistic warp zone: Benchmarking scientific output in the social sciences and humanities”. *Retrieved December*, 18.
- BADILLO, A. (2021), *El portugués y el español en la ciencia: apuntes para un conocimiento diverso y accesible*. Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura/ Real Instituto Elcano.
- BARANGER, D., & BEIGEL, F. (2021), “La publication en Ibéro-Amérique en tant que mode d'internationalisation des chercheurs en sciences humaines et sociales du Conicet (Argentine)”. *Revue d'Anthropologie des Connaissances*, 15 (15-3).
- BEIGEL, F. (2017), “Científicos periféricos, entre Ariel y Calibán. Saberes institucionales y circuitos de consagración en Argentina: las publicaciones de investigadores del Conicet”. *Dados, Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, 60 (3): 825-865.
- BEIGEL, F. (2022), “Multilingüismo y bibliodiversidad en América Latina”. *Anuario Glotopolítica*, 5.
- BEIGEL, F.; ALMEIDA, A. CIRIZA, A.; PECHENY, M.; DIGIAMPIETRI, L.; MOSCHKOVICH, M. GALLARDO, O.; ROSSOMANDO, P. & GOMEZ, M. S. (2022), “A comparative study of gender inequalities in scientific publishing and its impact in career-building in Brazil and Argentina”. *Conferencia Chaire Unesco-Dauphine Femmes et Science. Chaire Femmes et Science Rapport Scientifique*. Unesco. Francia, Paris.
- BEIGEL, F. & GALLARDO, O. (2021), “Productividad, bibliodiversidad y bilingüismo en un corpus completo de producciones científicas”. *Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad – CTS*, 16 (46): 41-71. Disponible em <http://ojs.revistacts.net/index.php/CTS/article/view/211>.
- BEIGEL, F.; SALATINO, M. & MONTI, C. (2022), “Estudio sobre accesibilidad y circulación de las revistas científicas argentinas”. In: ZUKERFELD, M. & TERLIZZI, S. (Eds.). *Políticas de promoción del conocimiento y derechos de propiedad intelectual: experiencias, propuestas y debates para la Argentina*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Ciecti. ISBN 978-987-4193-56-8, pp. 10-46.
- BOJO-CANALES, C., & SANZ-VALERO, J. (2019), “Las revistas de ciencias de la salud de la red *SciELO*: un análisis de su visibilidad en el ámbito internacional”. *Revista Española De Documentación Científica*, 42 (4): e245, doi:10.3989/redc.2019.4.1629.
- CHARDENET, Patrick. (2012), “Langues et savoirs: perceptions et réalités du capital linguistique dans la circulation des connaissances”. *Coloquio Circulación Internacional del Conocimiento*. Cinvestav-IIESU, México.
- CURRY, M. J. & LILLIS, T. M. (2010), “Academic research networks: Accessing resources for

- English-medium publishing”. *English for Specific Purposes*, 29 (4): 281-295.
- CURRY, M. J. & LILLIS, T. M. (2022), “Multilingualism in academic writing for publication: Putting English in its place”. *Language Teaching*, 1-14, doi:10.1017/S0261444822000040.
- CURRY, M. J. & LILLIS, T. M. (2014), “Strategies and tactics in academic knowledge production by multilingual scholars”. *Education Policy Analysis Archives*, 22 (32). <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.v22n32.2014>.
- DA SILVA NEUBERT, P.; SCHWARZ RODRIGUES, R. & MUGNAINI, R. (March 2021), “Vai para onde? O destino da Ciência Latino-Americana e Caribenha”. *Informação & Sociedade: Estudos*. 30 (4): 1-21. DOI:10.22478/ufpb.1809-4783.2020v30n4.57794.
- DACOS, M. & MOUNIER, P. (2010), “Les carnets de recherche en ligne, espace d’une conversation scientifique décentrée”. *Lieux de savoir*, t. 2: *Gestes et supports du travail savant*. Paris, Albin Michel.
- ENGELS, T.; STARCIC, A. & SIVERTSE, G. (2018), “Are book publications disappearing from scholarly communication in the social sciences and humanities?”. *Aslib Journal of Information Management*, 70 (6): 592-607.
- HANAFI, S. & ARVANITIS, R. (2014), “The marginalization of the Arab language in social science: Structural constraints and dependency by choice”. *Current Sociology*, 62 (5): 723-742.
- GALLARDO, O. (2022), “Carrera académica y asimetrías de género en el Conicet, Argentina (2004-2018)”. *Temas Sociológicos*, 30. En prensa.
- GERHARDS, J. (2014), “Transnational linguistic capital: Explaining English proficiency in 27 European countries”. *International Sociology*, 29 (1): 56-74.
- GINGRAS, Y. (2016), *Bibliometrics and research evaluation: Uses and abuses*. Cambridge, Massachusetts, Mit Press.
- MBULA, Erika Kraemer; TIJSSEN, Robert; WALLACE, Matthew L. & MCLEAN, Robert (eds.). (2020), *Transforming research excellence: New ideas from the Global South*. Cape Town, South Africa, African Minds.
- KULCZYCKI, E. *et al.* (2020), “Multilingual publishing in the social sciences and humanities: A seven-country European study”. *J. Assoc. Inf. Sci. Technol.*, 71: 1371-1385.
- MUGNAINI, R.; DAMACENO, R. J. P.; DIGIAMPIETRI, L. A. & MENA-CHALCO, J. P. (2019), “Panorama da produção científica do Brasil além da indexação: uma análise exploratória da comunicação em periódicos”. *Transinformação*, 31.
- ORTIZ, R. (2009), *La Supremacía del inglés en las ciencias sociales*. Buenos Aires, Siglo XXI.
- PARADEISE, C. & THOENIG, J. C. (2017), *In search of academic quality*. México, FCE.
- SÁNCHEZ CUERVO, A. (2021), *Pensar en español*. <https://www.madrimasd.org/cultura-cientifica/ciencia-cultura/ensayo/pensar-en-espanol>.
- SMIRNOVA, N. & LILLIS, T. (2022), “Citation in global academic knowledge making: A paired text history methodology for studying citation practices in English and Russian”. *Journal of English for Research Publication Purposes*, 3 (1): 78-108.

SOLOVOVA, O.; SANTOS, J. V. & VERÍSSIMO, J. (2018), "Publish in English or Perish in Portuguese: Struggles and Constraints on the Semiperiphery". *Publications*, 6 (2): 25. Disponível em <https://doi.org/10.3390/publications6020025>.

UNESCO (2021), *Unesco science report: the race against time for smarter development*. S. Schneegans, T. Straza and J. Lewis (eds.). Paris, Unesco Publishing. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377433/PDF/377433eng.pdf.multi#page=129>.

Resumen

La batalla de las lenguas en la publicación nacional. Un estudio comparativo de las publicaciones del CNPq (Brasil) y Conicet (Argentina)

El predominio del inglés como lengua académica en las revistas de corriente principal ha sido profusamente estudiado. En cambio, es difícil calibrar la incidencia de la publicación en este idioma en el mundo Iberoamericano porque son todavía escasos los estudios de bases de datos regionales o de trayectorias académicas completas de investigadores de los países del Sur global. Las razones son sencillas: a) hay múltiples bases de datos de revistas Iberoamericanas, pero con grandes solapamientos; y b) hay sistemas de currículo en la mayoría de los países, pero no están disponibles abiertamente o no están curadas profesionalmente. Precisamente para colaborar en esta dirección, este trabajo comparativo ofrece un panorama de las publicaciones completas de dos comunidades científicas: los investigadores del Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq, Brasil) y los investigadores del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (Conicet-Argentina). Para poner el foco en el idioma y el país de edición de la producción científica, utilizamos la información autocargada en el sistema curricular *Sigeva* (Argentina) y *Lattes* (Brasil). Su utilización ofrece dificultades a los estudios bibliométricos o de citas, en cambio, permite construir una estadística descriptiva de la producción completa de itinerarios completos de producción que es relevante para ofrecer un panorama del multilingüismo, la bibliodiversidad y el peso de la publicación nacional en estas comunidades.

Palabras clave: Multilingüismo; Revistas nacionales; Circuitos de publicación; *Sigeva-Lattes*; Conicet; CNPq.

Abstract

The battle of the languages in national publishing. A comparative study of the publishing performance by CNPq (Brazil) and Conicet (Argentina)

The predominance of English as an academic language in mainstream journals has been extensively studied. In change, it is difficult to gauge the incidence of publication in this language in

the Ibero-American world because there are still few studies of regional databases or based in complete academic trajectories of researchers from the countries of the global South. The reasons are simple: a) there are multiple databases of Ibero-American journals, but with large overlaps in between; b) there are curriculum systems in most countries, but they are not openly available or professionally curated. Precisely to collaborate in this direction, this comparative work offers an overview of the complete publications of two scientific communities: researchers from the Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq, Brazil) and researchers from the National Council for Scientific and Technical Research (Conicet-Argentina). To focus on the language and country of publication of this scientific production, we used the information uploaded in *Sigeva* (Argentina) and *Lattes* (Brazil) curricular system. Its use offers difficulties to bibliometric or citation studies, however, it allows the construction of descriptive statistics of the production of complete production itineraries. A relevant information to offer an overview of multilingualism, bibliodiversity and the weight of the national publication in these communities.

Keywords: Multilingualism; National publishing; Publishing circuits; *Sigeva-Lattes*; Conicet; CNPq.

Resumo

A batalha das línguas na publicação nacional. Um estudo comparativo das publicações do CNPq (Brasil) e Conicet (Argentina)

A predominância do inglês como língua acadêmica nos principais periódicos tem sido amplamente estudada. Por outro lado, é difícil mensurar a incidência da publicação nesse idioma no mundo ibero-americano, porque ainda são poucos os estudos de bases de dados regionais ou baseados em trajetórias acadêmicas completas de pesquisadores dos países do Sul global. As razões são simples: a) existem várias bases de dados de revistas ibero-americanas, mas com grandes sobreposições entre elas; b) existem sistemas curriculares na maioria dos países, mas eles não estão disponíveis abertamente ou com curadoria profissional. Visando a colaborar nessa direção, este trabalho comparativo oferece um panorama das publicações completas de duas comunidades científicas: pesquisadores do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq, Brasil) e pesquisadores do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas (Conicet-Argentina). Para focar o idioma e o país de publicação dessa produção científica, utilizamos as informações disponibilizadas no sistema curricular *Sigeva* (Argentina) e *Lattes* (Brasil). Seu uso oferece dificuldades para estudos bibliométricos ou de citação, porém permite a construção de estatísticas descritivas da produção de trajetórias completas de produção. Uma informação relevante para oferecer um panorama do multilinguismo, da bibliodiversidade e do peso da publicação nacional nestas comunidades. Palavras-chave: Multilinguismo; Publicação nacional; Circuitos editoriais; *Sigeva-Lattes*; Conicet; CNPq.

Texto recebido em 02/09/2022 e aprovado em 30/09/2022.

DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2022.201819

FERNANDA BEIGEL é socióloga, doutora em Ciências Políticas e Sociais. Pesquisadora principal do Conicet e professora titular da Universidad Nacional de Cuyo, onde dirige o Centro de Estudios de la Circulación del Conocimiento (Cecic), <https://cecic.fcp.uncuyo.edu.ar/acerca-de/>. E-mail: mfbeigel@mendoza-conicet.gob.ar.

LUCIANO DIGIAMPIETRI é doutor em Ciência da Computação pela Universidade Estadual de Campinas. É professor associado na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (USP), Brasil. Publicou mais de duzentos artigos científicos em ciência da computação e ciência da informação. Seus atuais interesses de pesquisa incluem mineração de dados, cientometria, análise de redes sociais, bioinformática. É coordenador de Grupos de Pesquisa em Análise de Redes Sociais e Cientometria. E-mail: digiampietri@usp.br.



The battle of the languages in national publishing

A comparative study of the publishing performance by CNPq (Brazil) and Conicet (Argentina)¹

Fernanda Beigel*

<http://orcid.org/0000-0002-7996-9660>

Luciano Digiampietri**

<https://orcid.org/0000-0003-4890-1548>

The concern about the growing centrality of English as an academic language is not new. The use of the impact factor in the evaluations and the hierarchy meant for publication in mainstream journals effectively inclined the academic elites of non-hegemonic countries to publish in English (Ortiz, 2009, Gingras, 2016). It even produced linguistically segmented circuits of production and circulation, as documented for the Arab world (Hanafi and Arvanitis, 2014) and a systematic tendency of researchers to publish outside the region (Da Silva Neubert, Schwarz Rodrigues and Mugnaini, 2021). The world report recently published by Unesco (2021) also points out the inequalities produced by the globalization of English as the publication language and observes its effects according to the regions: the hegemony of English seems to have deepened compared to the previous report. For its part, the Organization of Ibero-American States carried out a study that had quite an impact because it was reported that, in 2020, 95% of all articles published in scientific journals were written in English and only 1% in Spanish or Portuguese. Only 13% of the scientists in Spain had published their work in Spanish, 12% of the residents of Mexico, 16% of the Chileans, and around 20% of those from Argentina,

* Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, Argentina.

** Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

1. The authors gratefully acknowledge the financial support of the Women and Science Chair, à Paris Dauphine-PSL University Chair and its Foundation, in partnership with Fondation l'Oréal, La Poste, Generali France, Safran and Talan.

Colombia, and Peru. The situation of Portuguese is even more complex because barely 3% of the Portuguese researchers and 12% of the Brazilian researchers analyzed in this report chose their mother language to publish their work, the rest did it in English (Badillo, 2021).

This heteronomous environment is bleak for multilingualism and leaves little room to imagine a transformation of these trends. But this is a landscape that is built through the lenses of the available databases of the oligopolistic commercial publishers (*Scopus* or *WOS-Clarivate*) whose geographic and linguistic biases have already been widely analyzed (Archambault, Vignola-Gagné, Côté, Larivière and Gingras, 2006; Unesco, 2010). These databases, in fact, obscure a considerable intellectual activity that continues to take place in the world, in many languages, evidencing the value that these have for writers and also for readers. This global reality of multilingualism, which crosses different spheres, not only academic, calls into question the naturalization of English as the privileged language of publication (Curry and Lillis, 2022). In the social and human sciences, on the other hand, not only is writing in native languages, but multilingualism is growing, regardless of the geopolitical position or the size of the academic community (Kulczycki *et al.*, 2020). It is true that the publication in English promotes the citation of literature in English in different ways, but there are studies that show that there is resistance and negotiations on the part of researchers who come from countries with other native languages to preserve their writing styles (Smirnova and Lillis, 2022).

There is sufficient evidence on the co-existence of various circuits, different ways of conceptualizing the notion of “excellence” and different forms of knowledge production, not only in the South but also in the North (Paradeise and Thoenig, 2015; Mbula, Tijssen, Wallace and McLean Eds., 2020). On the other hand, we know that the book continues to develop in the academic world and bibliodiversity practices emerge when the complete trajectories of researchers are observed (Engels *et al.*, 2018; Dacos and Mounier, 2010). In other words, nobody doubts that the hypercentrality of English is a reality, but there is enough empirical material to affirm that it is not the only reality.

However, it is difficult to truly gauge the impact of publishing in English in the Ibero-American world because there are still few studies of academic trajectories or complete universes of published production. The reasons are simple: a) there are multiple databases of journals edited in the region, but non-interoperable and with large overlaps and b) there curriculum national information systems exist in most countries, but are not openly available or professionally curated (Beigel, 2022). However, these databases are being increasingly studied and allow an overview not only of the production in indexed journals but also in other media and formats

where local languages predominate (Mugnaini, Damaceno, Digiampietri and Mena-Chalco, 2019; Beigel and Gallardo, 2021).

This research is part of a comparative study of two scientific communities, researchers from the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq, Brazil) and researchers from the National Council for Scientific and Technical Research (Conicet, Argentina). In this article, we focus on the language and country of publication of the scientific production. The origin of the data is similar for the two countries. In the case of Argentina, it consists of information self-loaded by Conicet researchers in its management and evaluation system (*Sigeva*). In the case of CNPq, the information was extracted from the *Lattes* system, which centralizes the curricula of Brazilian academics. Both *Sigeva* and *Lattes* are curricular information systems, and not bibliometric databases, which is why they do not have a validation process for the records loaded into them. These are filled by the researchers and may contain errors, omissions or repetitions. For this reason, they require more filtering and cleaning work, as well as crossings with complementary databases, such as ISSN to determine the country of the journals, DOIs to retrieve unique information from articles, among other procedures. In the absence of integrated Cris systems, these databases allow us to approach entire universes of publications. Its use offers difficulties to bibliometric or citation studies, but, on the other hand, it allows to build a descriptive statistic of the complete production of a specific population of scientific researchers that is adequate to the main objectives of this work: to offer an overview of multilingualism, bibliodiversity and the weight of the national publication in these communities.

Language skills and academic capital asymmetries

The ability to write and publish a production in a language other than the mother language is closely linked to disciplinary diversity and the spatial location of the person's institution of affiliation. Several studies have already shown that writing in English does not simply arise from the deployment of basic communication skills, but is about a broader set of linguistic abilities (Lillis and Curry, 2010; Chardenet, 2012). What Gerhards (2014) calls "transnational linguistic capital" – whose maximum accumulation is reported by English – is not acquired merely with the typical training of primary socialization. Academic training, the intervention of native directors or collaborators who correct or translate, whose access is defined according to the academic and social capital of the research teams and their international networks (Beigel, 2017) converge for their technical mastery. The accumulation of these resources and the feasibility of acquiring these dispositions to write in English explain

the unequal circulation that is registered between academics from the same country and the same discipline, as well as helping to explain gender asymmetries. Thus, a researcher affiliated with a university in the United States or the United Kingdom has a competitive advantage, a greater facility to publish in the majority universe of journals in English included in mainstream databases, given their knowledge of English as their native language and their academic training in that language. On the other hand, for a Chinese, Russian or Colombian researcher, publishing in English implies intense learning, as well as additional revision and translation times, not to mention the need to adapt to certain debates and a literature that does not match the map of your previous readings, which is also in English.

Added to these basic inequalities, in which transnational linguistic capital plays a key role in entering or remaining in a certain academic circuit, there are other structures that define the “room for maneuver” that researchers from non-hegemonic countries have to write in their native languages. We refer to the admission and promotion policies that focus their evaluation indicators on the impact factor of the journals rather than on the assessment of the quality/originality of each published article or chapter. Thus, the rankings of journals, and their weight in university rankings, have had a harmful effect on the multilingualism of scientific production and publishing, twisting publication strategies around journals in English. Another direct effect is related to the devaluation of national journals that frequently lose support from the community and institutional support, with which scientific communication bodies are closed that link universities more directly with their environment and encourage them to develop socially relevant knowledge. It mobilized many journals to change their native language to English.

Comparative studies confirm that researchers from the Southern Cone share the perception that publishing in English is very important to advance in an academic career and, for the most part, they have and wish to have more publications in English. The Survey of Language Capabilities and Internationalization (Ecapin, 2018)² shows that between 92 and 96% of the total number of respondents from the three countries stated that they had published at least once in that language. Many responded that they have a large part of their production in English. Ecapin was developed in selected academic populations of these three countries, belonging to all scientific areas, considering only highly internationalized institutions, since it sought to study the academic elites to investigate the incidence of school capital

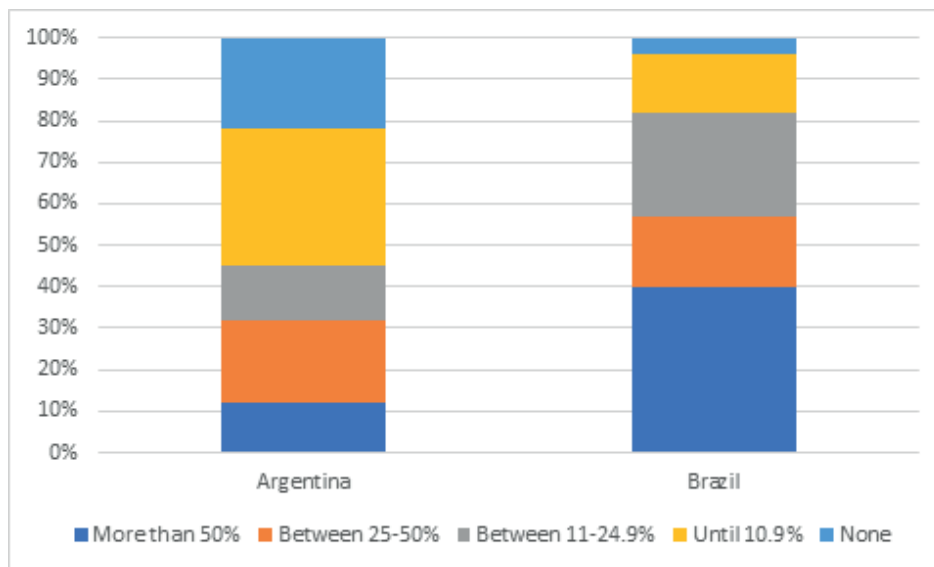
2. Ecapin Report was developed into the Neies-Mercosur Project No. 3/2015 financed by Capes (Brazil) and SPU (Argentina), coordinated by Fernanda Beigel and with the collaboration of Ana María Almeida, Breno Bringel, Denis Baranger, Juan Piovani, Claudio Ramos Zincke and Osvaldo Gallardo. The results of this study can be seen in this same dossier that will be published by the *Tempo Social* in December 2022.

of origin for publication in English. However, a low incidence was verified, thus demonstrating the weight of other factors which we mentioned above. In the case of Argentina, the survey showed that 95.1% of researchers with very low/low school capital had published in English at some time, and the percentage decreased as the school capital of origin increased, being 93.5% among those with high school capital (Gallardo, 2022). For Brazil, 97.2% of researchers with very low or low school capital had published in English at some time, and among those with high school capital the figure rose to 99.2%. A slightly higher correlation existed in the case of Chile, where 87.5% of researchers with very low/low school capital had published in English at some time, while among those with high school capital the figure rose to 92.3%.

However, when the complete curricula of these researchers were analyzed, despite the great weight of English in self-perceptions, a significant presence of publications in Spanish or Portuguese was observed. This occurred in all scientific areas, and with a significant relationship with publications in journals of the country itself, with more diverse profiles than expected emerged in these academic elites with full integration into mainstream circuits. It is interesting to highlight as a salient feature of Brazil that in this study it was verified that only 8% of the researchers surveyed did not have any publication in Portuguese -something quite striking considering that it was the population of professors of graduate programs with category 7, the most hierarchical sector of that national academic community. This panorama becomes even more interesting when publishing practices are analyzed in broader populations of Brazilian professors, outside of the elites studied in Ecapin. A study by Mugnaini, Damaceno, Digiampietri and Mena-Chalco (2019) analyzes the complete list of publications of 260,663 people in that country and shows that national journals occupy a significant portion of the articles in all areas. Even more striking is that 60% of all journals in which these articles were published correspond to journals not indexed in Scopus, WOS or Scielo.

Let us now focus on the findings of this study regarding the incidence of national publication. Figure 1 shows two opposite profiles between Brazil and Argentina: the first with 40% of researchers who have more than half of their publications in the country, and Argentina with just over 10%. The group of Brazilian researchers also has the lowest percentage of researchers without national publications (4%). If we now look at the percentages of researchers who do not have publications in their own country or who have less than 11%, we see that Argentina has 55% of its researchers who only exceptionally publish in national journals. Meanwhile, Brazil draws attention precisely because it presents the opposite pattern, it has practically no researchers without publications in their own country and 58% usually publish regularly in Brazilian journals.

FIGURE 1
Percentage of national publications, by country



Source: Ecapin report 2018.

To explain this relevant trend of publication in Brazilian journals, it can be pointed out that many journals in this country have made a transition to English (Beigel *et al.*, 2022), but this does not seem to be the only explanation, as we will see below. In the case of Argentina, it is convenient to clarify that Conicet does not have a salary (or fellowship) system stratified according to productivity or direct incentives for mainstream publication. On the other hand, in this country the national journals indexed in Scopus or wos are exceptional and scarce, the majority being indexed in Latindex. Lastly, this organization has stimulated in its evaluation processes the Latin American circulation in the social sciences and humanities (SSH), valuing the publications in journals indexed in the region. Part of the publications outside the country are found in that circuit, although they are not expressed in Figure 1.

The decisive nature of scientific evaluation policies in the publication style of people and the weight that English has as a mark of prestige in the academic elites of non-hegemonic countries is verified in the comparison between two *corpus* studied in previous research. The first, carried out on the five “most relevant” productions that Conicet researchers must choose to present themselves for promotion in that body, detects that, of a total of 23,852 productions, 83% is published in English (Beigel, 2017). In contrast, the study of the total productions of these researchers self-loaded in *Sigeva* shows that only half (54.5%) is in English, a significantly

lower percentage (Beigel and Gallardo, 2021). It is a fact that says a lot about the evaluative culture because when researchers have to choose the publications they consider most effective for mobility, they tend to select publications in English, while their complete trajectories show greater diversity. Let us now see in depth how the battle among languages and bibliodiversity is viewed, incorporating the disciplinary dimension.

Linguistic distribution of the published output of the researchers from CNPq (Brazil) and Conicet (Argentina)

To compare two research systems such as those of Brazil and Argentina, it is necessary to establish the main characteristics of two national systems for categorizing researchers that have elements in common and significant differences. Both systems are strongly internationalized, which is evidenced by the weight of the impact indicators of the journals and the publication in English for the promotion of their agents. However, there are important differences between the two countries. On the one hand, at Conicet there is no monetary incentive system for productivity: all researchers in the same category earn practically the same (there are only some small differences due to the geographical area of the professional address). The research career has five hierarchical positions that are achieved through a rigorous promotion process with strict productivity requirements. In Brazil, the productivity fellowship is not a research career with staggered positions, like that of Conicet, but rather it is a subsidy to complete a research project. However, there are five categories, with an ascending order according to the background of the candidate, and has an enabling character in that it grants a professor the status of “productive researcher”. Promotion in its different categories has become increasingly competitive both for the financing it implies and for the status it grants (Beigel *et al.*, 2022).

The evaluation of the publications in both has important differences. In the CNPq, a fairly widespread predominance of the Scopus hierarchy is observed to award the maximum scores. A factor that also affects this field is the existence of a national journal evaluation system. In Brazil, Qualis brings together the classifications made by all the evaluation committees of Capes and CNPq, granting a national instrument that has favored the quantification of the evaluation of trajectories. In Conicet, impact indicators predominate in the “hard sciences”, but there is a special regulation for Social Sciences and Humanities that weights mainstream indexing services and regional ones such as SciELO or Latindex Catalog equally. The Caicyt of Argentina evaluates only the national journals that request it and there is no national instrument that guides the evaluation of international journals. The evaluation boards generally

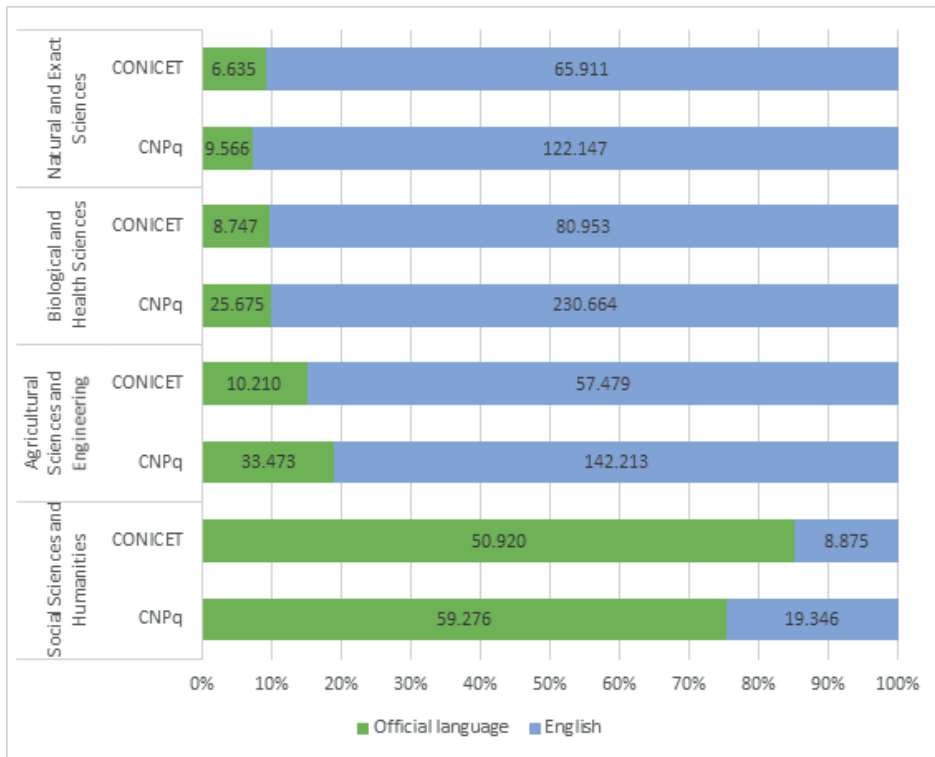
use mainstream criteria to decide on the admission or promotion of researchers, and in the social and human sciences an internationalization oriented to the Latin American circuit is observed. Ultimately, these are two academic populations over-selected and heavily pressured to publish at the highest level based on global criteria. There are significant differences in terms of the gender composition of the two populations: in Argentina, women are the majority (52% of the total) while in Brazil they are a clear minority (35% of the total). For the three major areas of “hard sciences”, it is clearly observed that, in all cases, both for Brazil and Argentina, the average number of publications in English is higher for men than for women. And, on the contrary, the average production in the national language is higher for women. If, as we argue, the publication languages reflect the internationalization of circulation and the positive effects it has on the evaluative culture of these organizations, there is a slight but clear trend towards a masculinization of international prestige and a feminization of local prestige (Beigel *et al.*, 2022).

Let us now see, comparatively, how these two populations of researchers perform when analyzing the publications from the linguistic perspective, one being Portuguese speaking and the other Spanish speaking. For the CNPq researchers in Brazil, we extracted the total production declared in the *Lattes* system between 2013-2020. For the Conicet researchers in Argentina, we have the total number of productions uploaded to the *Sigeva* system from the beginning of each person’s career until February 1, 2020, when the extraction was carried out. The total number of individuals included in the study is the universe officially registered as Conicet researchers (10,619) and CNPq researchers from Brazil (14,418).

When we observe only journal articles, the English language clearly predominates, the proportion being higher in the case of researchers from Brazil (79%) than in the case of Argentina, where articles in English represent 64% of the total. As expected, the linguistic distribution changes according to the scientific area. Figure 2 shows the specificity of the SSH, where the articles in English represent a minority portion compared to the other areas. For Argentina it is a portion, around 15%, while in the case of Brazil it represents 25% of the total. It is interesting to note that, in Argentina, in the “hard sciences”, the proportion of publications in Spanish tends to increase in the lower categories of the career, that is, in the younger generations. Meanwhile, in the highest categories, made up of the oldest groups of researchers, the proportion of articles in English, inversely, increases. Among Conicet youth, there is even a growing trend towards publication in Argentina, driven mainly by the SSH and by the regulations that the organization has since 2014, in which the publications of these disciplines are classified, valuing regional indexing as equivalent to hegemonic indexing.

FIGURE 2

Articles by Conicet and CNPq researchers, by language and scientific area* (CNPq $N = 14.784$; Conicet $N = 10.619$)



* The figure compares the distribution of articles published in English and in the official language (Spanish or Portuguese), so articles published in other languages were not included. Unlike Argentina, where we have the entire production of the researchers, in the case of Brazil, the large scale of the production required working on the 2013-2020 cut, which is why it represents a photograph of the most recent trend, without the historical component of publishing practices of older generations.

Source: Sigeva-Conicet and Lattes-CNPq.

We will see below that in Brazil the publications in national journals have a big share, but the main difference is that in Argentina they are mostly in Spanish while in Brazil the number of journals published entirely in English has increased significantly. Now, as expected, the distribution of publication languages is closely linked to the disciplinary dynamics. There are significant differences among the four areas selected for comparison³ that are observed with a similar pattern for the two countries. In the former, more than 90% of the articles are in English, while in agricultural sciences they are around 80%, with a greater presence of Portuguese for CNPq researchers than Spanish for researchers in these disciplines at Conicet.

3. There are four large Conicet areas, while in CNPq there are eight, so for comparison purposes, the Brazilian areas were grouped into the same four Conicet areas.

The SSH of Argentina show a greater inclination to publish in Spanish, around 85% of the articles. However, as we said above, among these publications there are many articles in Ibero-American journals. CNPq researchers, on the other hand, may be publishing in English in journals from their own country and have a lower tendency to publish in Latin American journals.

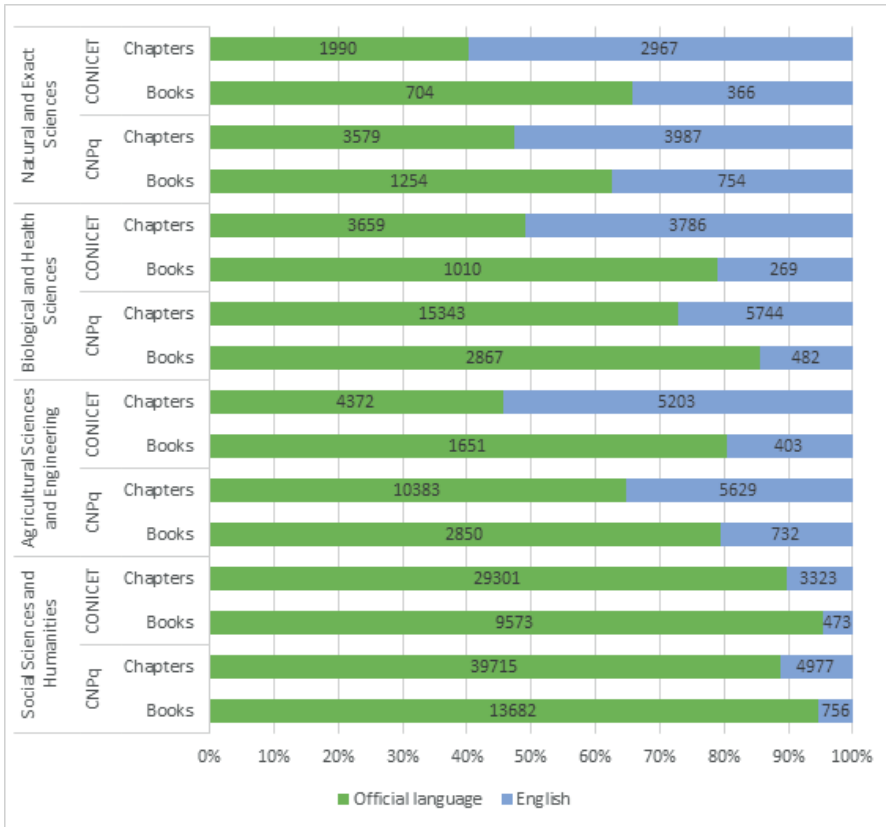
The comparative study on gender asymmetries in this compared production showed that productivity shows a clear gap in favor of men and that when the linguistic variable is introduced, this gap is affirmed in all scientific areas. In the comparison of the average number of articles published in English is a notoriously favorable balance for male production in that language (Beigel *et al.*, 2022). For Argentina, on average for all researchers, men published 23.6 articles while women, 17 (see Figure 3). In Brazil we observe a similar phenomenon: the average for all male researchers is 37.4 articles in English, while for women it reaches 30.1. The distances between the sexes triple in Brazil within the exact and agrarian sciences, while for the biological sciences and the SSH the gap is smaller. This is related to the gender composition of this population of CNPq researchers, which is characterized by significant masculinity, especially in the higher categories. In Argentina, the greatest distance is observed in the exact and natural sciences. The agrarian and social sciences have closer averages between the sexes. It is interesting to observe that in the biological and health sciences, Argentine women accumulate a greater number of articles in English than men, something that corresponds to a high rate of feminization of this group in Conicet.

A look at the complete productions of an academic community allows us to verify the limitations of the hegemonic databases, since not only journal articles are analyzed, but also all communication formats, such as books, conference proceedings, reports, which continue to have an impact on researchers' publication practices. Let us now see how the idiomatic situation is inverted when we consider the chapters and parts of the book, for all scientific areas. Figure 3 shows that these are mostly published in the national language. In both countries, the SSH have similar proportions between English and the national language, while for the other areas, Conicet shows more book publications in English than Brazil. For Argentina, the book chapters in Spanish represent 61% and analyzed only the books, the values increase to 79%. For CNPq researchers, book chapters in Portuguese represent 74%, while for complete books the proportion in that language rises to 85%. The presence of other languages is minimal in all types of publication: only in SSH it is relevant.

As we see in Figure 3, researchers from both countries, when they publish in book format, do, mostly, in their own language. In contrast, book chapters in English have a significant presence in the "hard sciences", with a higher incidence in Argentina than

FIGURE 3

Chapters and books by Conicet and CNPq researchers by language and scientific area (CNPq N = 14.784; Conicet N = 10.619)



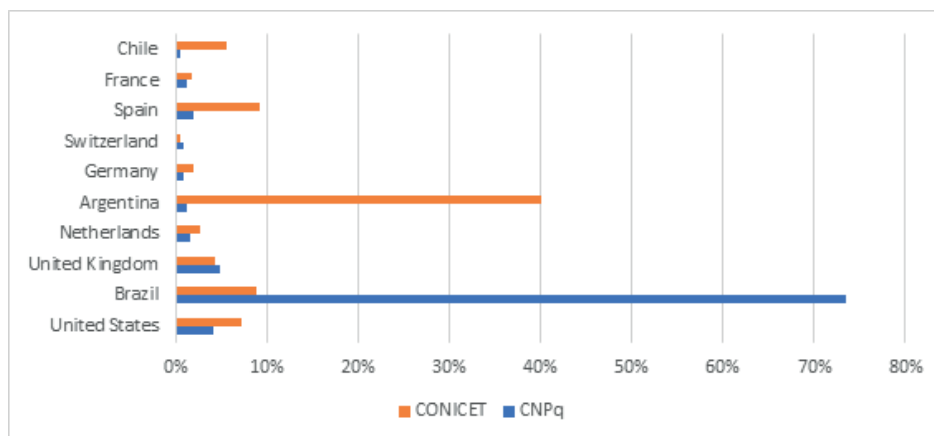
Source: Sigeva-Conicet and Lattes-CNPq.

in Brazil. A stimulus to the publication of books and book chapters in Portuguese for the biological and health sciences comes from the SciELO Books collection. In total, 1,516 books have been published in this collection since its creation in 2014, with 1,383 published in Portuguese, 125 in Spanish, and only 8 in English.

The publishing spatial morphology

Let us now move on to analyze the publishing country of these publications, especially considering the weight of national journals in each universe of researchers. Starting with Brazil, we can see in Figure 4 that the social and human sciences tend to publish most of their productions in Brazilian journals, reaching 73% of the total. Outside of Brazil, only two countries can be noted, the United Kingdom with 5% and the United States with 4% of the total articles, and the rest of the countries are distributed in the remaining small percentage. The disciplines that show the high-

FIGURE 4
Percentage of articles from social and human sciences (2013-2020) published by Conicet and CNPq, by country of the journal



Source: Elaborated by the authors based on Sigeva-Conicet and Lattes-CNPq.

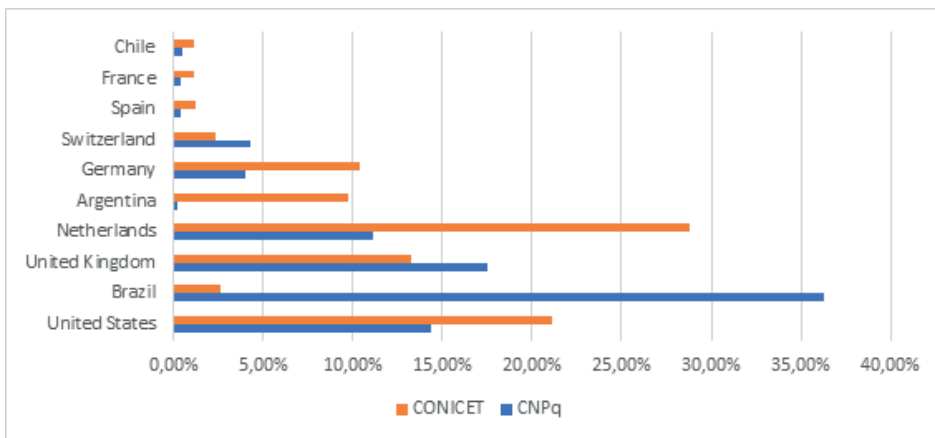
est percentages of national publication are Linguistics, Social Service and Home Economics. Due to the female predominance of these disciplines, we could think that women have a greater tendency to publish in Brazil, but if we isolate the articles published only by women in this scientific area, the total percentage grows slightly to 75% and the distribution by country is very similar to that of men.

Considering the publications of Argentine researchers in the social sciences and humanities, we can see that they tend to publish considerably less than their Brazilian colleagues in journals from their own country, reaching 40% of the total (Figure 4). Unlike Brazil, which does not reflect in a relevant way the publication in Portugal, as would be expected due to the linguistic affinity, in the Argentine case a significant portion of articles is observed in Spanish journals (9%). It is worth mentioning that 9% of the articles are published in Brazil, while for Brazilian researchers, Argentine journals do not seem to be a convening medium. In fact, in Figure 4, we see that there are practically no publications in Latin American journals, while a relevant regional publication phenomenon is observed for the Argentine case (journals from Chile and Brazil account for 14% of the total articles). As we anticipated, this is largely due to the fact that Conicet stimulated publication in indexed journals in Latin America, equating its hierarchy with Scopus and Web of Science in Resolution 2249 approved in 2014 (Baranger and Beigel, 2021).

The disciplines that show the highest percentages of national publication in Argentina are History and Geography (with 49% of the total articles in Argentine

FIGURE 5

Percentage of agricultural sciences and engineering articles (2013-2020) published by Conicet and CNPq, by country of the journal



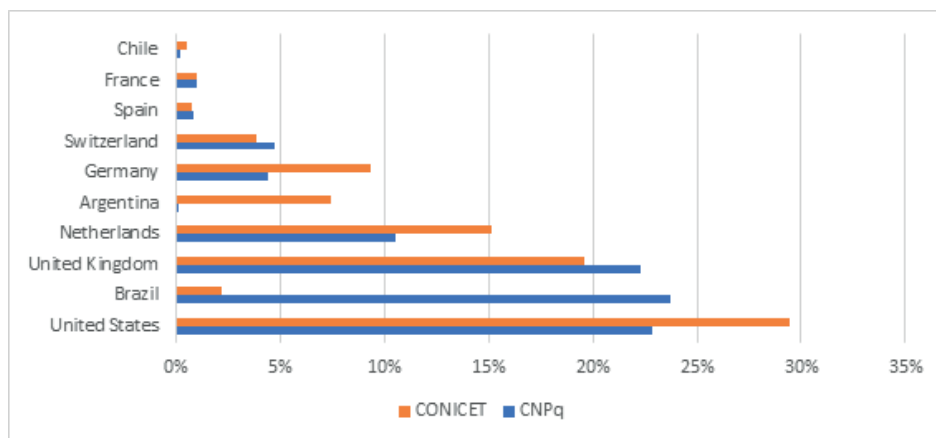
Source: Elaborated by the authors based on Sigeva-Conicet and Lattes-CNPq.

journals), the rest of the disciplines drop to averages of 43% or less. At Conicet, 58% of social sciences and humanities researchers are women, so it is convenient to isolate articles with female authors to analyze whether there are specific patterns of national publication. However, the distribution is almost identical to that of the group with 49% of articles published in Argentina and a similar share from the rest of the countries.

In the other scientific areas, we find a notable tendency to the publication of articles in national journals for Brazil, while, for Argentine researchers, it is something extremely exceptional. Figure 5 shows the area with the greatest presence of national journals is Agrarian Sciences and Engineering, where 36% of the articles by Brazilian researchers are published, while for Argentina the portion of national publications drops to 10%. They are followed by Biological and Health Sciences with 24% of the total for Brazil and only 7% for Argentina (Figure 6).

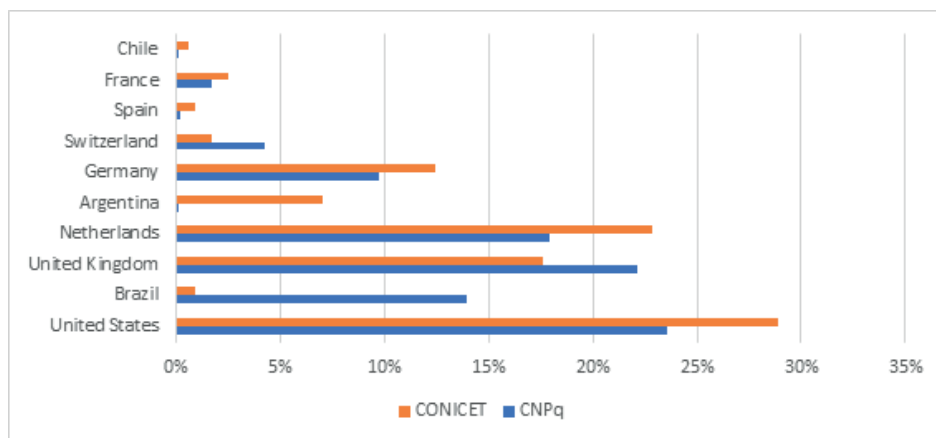
A phenomenon that should be mentioned and certainly contributes to offering an important communication circuit for Health Sciences and Agricultural Sciences in Brazil is the existence of the SciELO health journals, which constitute almost half of the total number of journals in the collection. Especially noteworthy are 109 journals in the health area, to which is added an important communication tradition that was born with the Bireme library and currently Lilacs, with which the offer of dissemination spaces is varied. Lilacs indexes more than 100 Brazilian journals in the Health area present in the SciELO network. This number is higher than the network

FIGURE 6
Percentage of articles in biological and health sciences (2013-2020) published by Conicet and CNPq, by country of the journal



Source: Elaborated by the authors based on Sigeva-Conicet and Lattes-CNPq.

FIGURE 7
Percentage of articles on exact and natural sciences (2013-2020) published by Conicet and CNPq, by country of the journal



Source: Elaborated by the authors based on Sigeva-Conicet and Lattes-CNPq.

journals, in Health, indexed in Scopus (80) or Web of Science (41), reinforcing the importance of this library (Bojo-Canales and Sanz-Valero, 2019). In Argentina there are also many medicine and health sciences journals (122 according to the most recent survey), but only 17 of these are indexed (Beigel, Salatino and Monti, 2022).

The Exact and Natural Sciences is the area that exhibits the least participation in national journals, although the proportion for Brazil is still significant (14% of the total articles), while in Argentina it constitutes 7% (Figure 7). Considering gender

differences, it is observed that, if we isolate the articles published by women, the percentage of publications in Brazil decreases slightly for Agricultural Sciences and Engineering (34%), increases slightly for Exact and Natural Sciences (19%) and for Biological and Health Sciences (28%). In Argentina, the percentages of national publication for women are practically the same as for the universe in the three areas, without any specific pattern standing out. On the other hand, as we saw before, the linguistic patterns of publication vary significantly in both countries, where there is a significant gender gap in publications in English.

If we now review the countries in which researchers from these countries publish in the “hard sciences” we can point out that the United States is a relevant publishing location, although with a more important role in Argentina. The United Kingdom plays significant role among the journals, on a par with the Netherlands for Argentina. This is largely explained because it is in these countries where most of the journals indexed in Scopus are published, and Argentina has not subscribed to the Web of Science collection for more than a decade, which, in fact, is not available for reading in the National Digital Library. Instead, Brazil has access to these collections and values them in its evaluation system of the productivity. For these three areas, journals published in Argentina represent less than 10% of the total, indicating a strongly internationalized trend, with a predominance of journals published in United Kingdom, Netherlands and United States.

Final considerations

Publishing in a language other than one’s own not only implies a complex process of adaptation and learning, but also involves a series of losses that occur with translation. Spanish and Portuguese are universal languages not only because they are spoken by hundreds of millions of people, but also because they have gathered antagonistic experiences, of conquerors and conquered (Sánchez Cuervo, 2021). Stripping them of their historicity and the richness of their particular path in a forced process of translation into English results in an intercultural impoverishment of science. In turn, it distances scientific research from direct interaction with its social environment, and these communities that could be beneficiaries of the results of science or the public policy makers that could use these inputs to generate informed actions. But, as Curry and Lillis (2014) have shown, academics adopt strategies to align themselves with the demands of publication in English, and at the same time use tactics to support agendas that have conflicting orientations. In some moments they adapt, in others they accommodate, and in others they resist the domination of English and this can be observed especially in their complete publication trajectories.

We were able to see that Argentine researchers publish very little in their own country, but maintain a percentage of their publications in Spanish in all areas. They have quality national journals, but even those who publish there estimate that Conicet will not reward them for their academic careers. A process of re-functionalization of the journals edited by scientific societies is required to improve their indexing and advance multilingual policies. Brazilian researchers regularly publish in journals in their country, but many of these are published exclusively in English. The small number of journals indexed in Portuguese, especially outside of Brazil, has been a strong driver of publishing strategies not only for Brazilians, but also for researchers from different countries that have Portuguese as their official language (Solovova, Santos and Veríssimo, 2018). This country has a quality and professionalized national communication circuit, with international visibility, which could eventually become a multilingual space, if it has the right translation policies and the right incentives from the financing and academic evaluation systems.

The participation of these researchers in the Latin American circuit yielded some conflicting findings, especially in the comparison in the practices of the social sciences and humanities. For Brazil, few publications were registered in Latin American journals, while a relevant phenomenon of regional publication is observed for the Argentine case and even a strong presence of journals from Brazil. This trend of regional internationalization constitutes an adaptive strategy developed in Argentina largely thanks to a recommendation promoted by Conicet that recognizes and values these journals in the admission and promotion evaluation process. All of these demonstrates that the incentives of the academic evaluation systems produce changes in the trajectories of researchers circulation.

In relation to the language of publication, we were able to detect levels of productivity differentiated by gender because men publish, on average, more articles in English. Given the valuation of this transnational linguistic capital in evaluation systems and global academic hierarchies, this gender gap can generate significant asymmetries for women when it comes to advancing in academic careers in both countries. For this reason, it is vitally important to address this phenomenon in the current reflections of the national systems for categorizing researchers that exist in both countries, in order to point to more responsible and equitable forms of academic evaluation.

This study has tried to show that when a complete corpus of production is in view and not the one that arises from geographically and linguistically biased databases, the national publication in the case of Brazil and the Latin American publication in the case of Argentina emerge as a significant phenomenon. On the other hand, our national languages continue to struggle and resist. Valuing them and making

them visible is essential to combine an international science, at the same time rooted locally, so that it is increasingly relevant to the society that surrounds it.

References

- ARCHAMBAULT, É.; VIGNOLA-GAGNÉ, É. & CÔTÉ, G.; LARIVIÈRE, V. & GINGRAS, Y. (2006), “Welcome to the linguistic warp zone: Benchmarking scientific output in the social sciences and humanities”. *Retrieved December, 18.*
- BADILLO, A. (2021), *El portugués y el español en la ciencia: apuntes para un conocimiento diverso y accesible*. Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura/ Real Instituto Elcano.
- BARANGER, D., & BEIGEL, F. (2021), “La publication en Ibéro-Amérique en tant que mode d’internationalisation des chercheurs en sciences humaines et sociales du Conicet (Argentine)”. *Revue d’Anthropologie des Connaissances*, 15 (15-3).
- BEIGEL, F. (2017), “Científicos periféricos, entre Ariel y Calibán. Saberes institucionales y circuitos de consagración en Argentina: las publicaciones de investigadores del Conicet”. *Dados, Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, 60 (3): 825-865.
- BEIGEL, F. (2022), “Multilingüismo y bibliodiversidad en América Latina”. *Anuario Glotopolítica*, 5.
- BEIGEL, F.; ALMEIDA, A. CIRIZA, A.; PECHENY, M.; DIGIAMPJETRI, L.; MOSCHKOVICH, M. GALLARDO, O.; ROSSOMANDO, P. & GOMEZ, M. S. (2022), “A comparative study of gender inequalities in scientific publishing and its impact in career-building in Brazil and Argentina”. *Conferencia Chaire Unesco-Dauphine Femmes et Science. Chaire Femmes et Science Rapport Scientifique*. Unesco. Francia, Paris.
- BEIGEL, F. & GALLARDO, O. (2021), “Productividad, bibliodiversidad y bilingüismo en un corpus completo de producciones científicas”. *Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad – CTS*, 16 (46): 41-71. Disponible em <http://ojs.revistacts.net/index.php/CTS/article/view/211>.
- BEIGEL, F.; SALATINO, M. & MONTI, C. (2022), “Estudio sobre accesibilidad y circulación de las revistas científicas argentinas”. In: ZUKERFELD, M. & TERLIZZI, S. (Eds.). *Políticas de promoción del conocimiento y derechos de propiedad intelectual: experiencias, propuestas y debates para la Argentina*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Ciecti. ISBN 978-987-4193-56-8, pp. 10-46.
- BOJO-CANALES, C., & SANZ-VALERO, J. (2019), “Las revistas de ciencias de la salud de la red SciELO: un análisis de su visibilidad en el ámbito internacional”. *Revista Española De Documentación Científica*, 42 (4): e245, doi:10.3989/redc.2019.4.1629.
- CHARDENET, Patrick. (2012), “Langues et savoirs: perceptions et réalités du capital linguistique

- dans la circulation des connaissances”. *Coloquio Circulación Internacional del Conocimiento*. Cinvestav-IIESU, México.
- CURRY, M. J. & LILLIS, T. M. (2010), “Academic research networks: Accessing resources for English-medium publishing”. *English for Specific Purposes*, 29 (4): 281-295.
- CURRY, M. J. & LILLIS, T. M. (2022), “Multilingualism in academic writing for publication: Putting English in its place”. *Language Teaching*, 1-14, doi:10.1017/S0261444822000040.
- CURRY, M. J. & LILLIS, T. M. (2014), “Strategies and tactics in academic knowledge production by multilingual scholars”. *Education Policy Analysis Archives*, 22 (32). <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.v22n32.2014>.
- DA SILVA NEUBERT, P.; SCHWARZ RODRIGUES, R. & MUGNAINI, R. (March 2021), “Vai para onde? O destino da Ciência Latino-Americana e Caribenha”. *Informação & Sociedade: Estudos*. 30 (4): 1-21. DOI:10.22478/ufpb.1809-4783.2020v30n4.57794.
- DACOS, M. & MOUNIER, P. (2010), “Les carnets de recherche en ligne, espace d’une conversation scientifique décentrée”. *Lieux de savoir*, t. 2: *Gestes et supports du travail savant*. Paris, Albin Michel.
- ENGELS, T.; STARCIC, A. & SIVERTSE, G. (2018), “Are book publications disappearing from scholarly communication in the social sciences and humanities?”. *Aslib Journal of Information Management*, 70 (6): 592-607.
- HANAFI, S. & ARVANITIS, R. (2014), “The marginalization of the Arab language in social science: Structural constraints and dependency by choice”. *Current Sociology*, 62 (5): 723-742.
- GALLARDO, O. (2022), “Carrera académica y asimetrías de género en el Conicet, Argentina (2004-2018)”. *Temas Sociológicos*, 30. En prensa.
- GERHARDS, J. (2014), “Transnational linguistic capital: Explaining English proficiency in 27 European countries”. *International Sociology*, 29 (1): 56-74.
- GINGRAS, Y. (2016), *Bibliometrics and research evaluation: Uses and abuses*. Cambridge, Massachusetts, Mit Press.
- MBULA, Erika Kraemer; TIJSSEN, Robert; WALLACE, Matthew L. & MCLEAN, Robert (eds.). (2020), *Transforming research excellence: New ideas from the Global South*. Cape Town, South Africa, African Minds.
- KULCZYCKI, E. *et al.* (2020), “Multilingual publishing in the social sciences and humanities: A seven-country European study”. *J. Assoc. Inf. Sci. Technol.*, 71: 1371-1385.
- MUGNAINI, R.; DAMACENO, R. J. P.; DIGIAMPIETRI, L. A. & MENA-CHALCO, J. P. (2019), “Panorama da produção científica do Brasil além da indexação: uma análise exploratória da comunicação em periódicos”. *Transinformação*, 31.
- ORTIZ, R. (2009), *La Supremacía del inglés en las ciencias sociales*. Buenos Aires, Siglo XXI.
- PARADEISE, C. & THOENIG, J. C. (2017), *In search of academic quality*. México, FCE.
- SÁNCHEZ CUERVO, A. (2021), *Pensar en español*. <https://www.madrimasd.org/cultura-cientifica/ciencia-cultura/ensayo/pensar-en-espanol>.

- SMIRNOVA, N. & LILLIS, T. (2022), "Citation in global academic knowledge making: A paired text history methodology for studying citation practices in English and Russian". *Journal of English for Research Publication Purposes*, 3 (1): 78-108.
- SOLOVOVA, O.; SANTOS, J. V. & VERÍSSIMO, J. (2018), "Publish in English or Perish in Portuguese: Struggles and Constraints on the Semiperiphery". *Publications*, 6 (2): 25. Disponível em <https://doi.org/10.3390/publications6020025>.
- UNESCO (2021), *Unesco science report: the race against time for smarter development*. S. Schneegans, T. Straza and J. Lewis (eds.). Paris, Unesco Publishing. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377433/PDF/377433eng.pdf.multi#page=129>.

Abstract

The battle of the languages in national publishing. A comparative study of the publishing performance by CNPq (Brazil) and Conicet (Argentina)

The predominance of English as an academic language in mainstream journals has been extensively studied. In change, it is difficult to gauge the incidence of publication in this language in the Ibero-American world because there are still few studies of regional databases or based in complete academic trajectories of researchers from the countries of the global South. The reasons are simple: a) there are multiple databases of Ibero-American journals, but with large overlaps in between; b) there are curriculum systems in most countries, but they are not openly available or professionally curated. Precisely to collaborate in this direction, this comparative work offers an overview of the complete publications of two scientific communities: researchers from the Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq, Brazil) and researchers from the National Council for Scientific and Technical Research (Conicet-Argentina). To focus on the language and country of publication of this scientific production, we used the information uploaded in *Sigeva* (Argentina) and *Lattes* (Brazil) curricular system. Its use offers difficulties to bibliometric or citation studies, however, it allows the construction of descriptive statistics of the production of complete production itineraries. A relevant information to offer an overview of multilingualism, bibliodiversity and the weight of the national publication in these communities.

Keywords: Multilingualism; National publishing; Publishing circuits; *Sigeva-Lattes*; Conicet; CNPq.

Resumen

La batalla de las lenguas en la publicación nacional. Un estudio comparativo de las publicaciones del CNPq (Brasil) y Conicet (Argentina)

El predominio del inglés como lengua académica en las revistas de corriente principal ha sido profusamente estudiado. En cambio, es difícil calibrar la incidencia de la publicación en este idioma en el mundo Iberoamericano porque son todavía escasos los estudios de bases de datos regionales o de trayectorias académicas completas de investigadores de los países del Sur global. Las razones son sencillas: a) hay múltiples bases de datos de revistas Iberoamericanas, pero con grandes solapamientos; y b) hay sistemas de currículo en la mayoría de los países, pero no están disponibles abiertamente o no están curadas profesionalmente. Precisamente para colaborar en esta dirección, este trabajo comparativo ofrece un panorama de las publicaciones completas de dos comunidades científicas: los investigadores del Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq, Brasil) y los investigadores del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (Conicet-Argentina). Para poner el foco en el idioma y el país de edición de la producción científica, utilizamos la información autocargada en el sistema curricular *Sigeva* (Argentina) y *Lattes* (Brasil). Su utilización ofrece dificultades a los estudios bibliométricos o de citaciones, en cambio, permite construir una estadística descriptiva de la producción completa de itinerarios completos de producción que es relevante para ofrecer un panorama del multilingüismo, la bibliodiversidad y el peso de la publicación nacional en estas comunidades.

Palabras clave: Multilingüismo; Revistas nacionales; Circuitos de publicación; *Sigeva-Lattes*; Conicet; CNPq.

Resumo

A batalha das línguas na publicação nacional. Um estudo comparativo das publicações do CNPq (Brasil) e Conicet (Argentina)

A predominância do inglês como língua acadêmica nos principais periódicos tem sido amplamente estudada. Por outro lado, é difícil mensurar a incidência da publicação nesse idioma no mundo ibero-americano, porque ainda são poucos os estudos de bases de dados regionais ou baseados em trajetórias acadêmicas completas de pesquisadores dos países do Sul global. As razões são simples: a) existem várias bases de dados de revistas ibero-americanas, mas com grandes sobreposições entre elas; b) existem sistemas curriculares na maioria dos países, mas eles não estão disponíveis abertamente ou com curadoria profissional. Visando a colaborar nessa direção, este trabalho comparativo oferece um panorama das publicações completas de duas comunidades científicas: pesquisadores do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq, Brasil) e pesquisadores do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas (Conicet-Argentina). Para focar o idioma e o país de publicação dessa produção científica, utilizamos as informações disponibilizadas no sistema curricular *Sigeva* (Argentina) e *Lattes* (Brasil). Seu uso oferece dificuldades para estudos bibliométricos ou de citação, porém permite a construção de estatísticas descritivas da produção

de trajetórias completas de produção. Uma informação relevante para oferecer um panorama do multilinguismo, da bibliodiversidade e do peso da publicação nacional nestas comunidades. Palavras-chave: Multilinguismo; Publicação nacional; Circuitos editoriais; *Sigeva-Lattes*; Conicet; CNPq.

Texto recebido em 02/09/2022 e aprovado em 30/09/2022.

DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2022.201819

FERNANDA BEIGEL é socióloga, doutora em Ciências Políticas e Sociais. Pesquisadora principal do Conicet e professora titular da Universidad Nacional de Cuyo, onde dirige o Centro de Estudios de la Circulación del Conocimiento (Cecic), <https://cecic.fcp.uncuyo.edu.ar/acerca-de/>. E-mail: mfbeigel@mendoza-conicet.gob.ar.

LUCIANO DIGIAMPJETRI é doutor em Ciência da Computação pela Universidade Estadual de Campinas. É professor associado na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (USP), Brasil. Publicou mais de duzentos artigos científicos em ciência da computação e ciência da informação. Seus atuais interesses de pesquisa incluem mineração de dados, cientometria, análise de redes sociais, bioinformática. É coordenador de Grupos de Pesquisa em Análise de Redes Sociais e Cientometria. E-mail: digiampietri@usp.br.



Los circuitos lingüísticos de la publicación científica latinoamericana

Maximiliano Salatino*
<https://orcid.org/0000-0001-5573-9599>

Introducción

La producción científica se encuentra mayoritariamente publicada en revistas científicas (Phillips y Bhaskar, 2019). Desde la creación del Science Citation Index en la década de 1960, tanto en los centros como en las periferias del sistema académico mundial, las revistas (y el formato paper) se erigieron como espacios privilegiados de circulación de conocimiento científico (Guédon, 2008). Es así como se constituyeron un sinnúmero de indicadores cuantitativos de productividad, impacto, citación y rankings de revistas que configuraron nuevas modalidades de (e)valuación de la ciencia (Beigel, 2014; Gingras, 2016; Larivière *et al.*, 2010; Santin y Caregnato, 2019; Vessuri *et al.*, 2014). Este proceso transformó el rol de las revistas de ser un artefacto de circulación a un dispositivo consagratorio.

Concretamente, muchos estudios han analizado la constitución históricamente desigual y asimétrica de la ciencia a nivel mundial (Chatelin y Arvanitis, 1989; Gingras, 2002; Guédon, 2008). Esta estructuración ha sido posible debido a la primigenia acumulación de capital simbólico en ciertas instituciones de los centros del sistema. Este proceso fue posible a partir de la universalización de una serie de criterios y parámetros de cientificidad sobre la cual se constituyó la valoración res-

* Universidad Nacional de Cuyo (UNCuy), Mendoza, Argentina.

pecto a la calidad y excelencia de la ciencia. Beigel (2013, 2014) sostiene que, sobre la base de los recursos institucionales, diferencias disciplinares y la constitución del inglés como lingua franca de la ciencia se formularon diferentes estrategias de consagración que impactaron desigualmente en todo el mundo.

El rol de las lenguas en la producción, publicación y circulación del conocimiento científico, por tanto, resulta esencial para comprender las actuales asimetrías y desigualdades en el sistema académico mundial. La constitución del inglés como lengua global ha sido ampliamente documentado (Badillo, 2021; Bennett, 2014; Berns, 2009; Englander, 2011; Gill, 2000; Hamel, 2007, 2013; Lillis *et al.*, 2010; Lillis y Curry, 2015; O’Neil, 2018; Ortiz, 2009; Tardy, 2004). Estos aportes buscan señalar la hipercentralidad del inglés como parte constitutiva de la denominada “corriente principal de la ciencia o corriente mainstream”. Es decir, aquella construcción simbólica, material y cultural orientada por las prácticas científicas de las academias del Atlántico Norte y que ha tenido hasta el día de hoy pretensión de universalidad.

En este contexto, nos interesa indagar los circuitos lingüísticos de la publicación latinoamericana. En primer lugar, reconocemos a América Latina y el Caribe como un espacio intelectual de larga tradición académica que ha tenido como lenguas principales de su producción al español y portugués. En segundo término, consideramos que el escenario mundial es complejo porque probablemente algunos centros no son los únicos ni tan hegemónicos y algunas periferias no se encuentran tan atrasadas o incluso tan periféricas. En el campo de la comunicación científica y de la estructuración de espacios de circulación sugerimos pensar estas relaciones en el marco de la idea de circuitos lingüísticos, los que nos permiten avanzar sobre estrategias supranacionales de circulación al tiempo de identificar singularidades locales. En tercer lugar, muchos/as especialistas advirtieron ya en las décadas de 1970 y 1980 que la ciencia latinoamericana no era visible en el mundo y menos aún citada. Por tanto, en esas décadas se consolidó una estructura de comunicación científica que buscó revalorizar la ciencia producida en esta parte del mundo, con sus singularidades disciplinares, temáticas/agendas de investigación e idioma de publicación/circulación. Esto provocó la regionalización de la circulación de la ciencia latinoamericana, dando paso a una fuerte y consolidada estructura de revistas, redes/nodos científicos, bases indexadoras, repositorios institucionales, organismos internacionales del acceso abierto e incluso universidades nacionales como editoras principales de revistas (Salatino, 2018, 2021).

En este trabajo buscamos contribuir al conocimiento de la ciencia regional publicada en revistas indexadas, lo que nos permitirá en principio dimensionar el volumen de dicha producción, y especialmente, identificar sus características lingüísticas. Un factor central en esta propuesta reside en que la mayor parte de los estudios que han

buscado analizar la producción regional han tomado como fuentes de información bases mainstream como *Scopus* y *Web of Science*. Por estudios disponibles conocemos las limitaciones, escasa representatividad y visibilidad que la ciencia regional posee en dichas bases (Chavarró *et al.*, 2018; Lucio-Arias *et al.*, 2015; Rozemblum *et al.*, 2021; Salatino, 2018; Salatino y López-Ruiz, 2021).

A partir del estudio de las revistas científicas podemos observar cómo se desarrollaron dos estrategias respecto a la lengua de publicación en la región. Por un lado, paulatinamente las revistas (especialmente en disciplinas como medicina y ciencias biológicas) comenzaron a publicar artículos en inglés. El paso siguiente en muchos de estos proyectos editoriales fue transformar completamente su lengua de publicación y tomar el inglés como lengua oficial. Por otra parte, un conjunto de revistas que revalorizaron el español y portugués como lenguas de circulación regional y potenciaron su desarrollo en vistas de regionalizar cada vez más sus producciones. Entre estas dos grandes estrategias, observaremos en este trabajo matices que son necesarios explicitar en búsqueda de generar un mapeo sociolingüístico del estado de la comunicación científica en los centros regionales latinoamericanos.

El trabajo se encuentra estructurado en tres partes. En la primera, se indaga la representación de la producción latinoamericana en bases mainstream como *Scopus* y *Web of Science*. Se prestará especial atención a la descripción lingüística de este circuito, la supremacía del inglés y la mínima representación de lenguas como el español y portugués. En el segundo apartado, se presentará el análisis de un corpus completo de producción científica latinoamericana. Se trata de un estudio sociolingüístico de la base de datos Oliva, compuesta por 1.720 revistas indexadas y más de 900.000 artículos. Por último, se analizará el concepto de circuito lingüístico a la luz del desarrollo sociohistórico del espacio latinoamericano de revistas científicas, con el fin de valorar su actual devenir y principales desafíos.

La circulación de la ciencia latinoamericana en la corriente principal

Uno de los rasgos principales de la producción científica refiere al idioma de su publicación. La circulación y visibilidad se encuentra, por tanto, sujeta a las capacidades lingüísticas que las audiencias desarrollen para poder leer, comprender, hacer uso y citar a las publicaciones. Al mismo tiempo, las plataformas y bases de información científica han tomado el inglés como lengua, por lo que las principales bases indexadoras, rankings de revistas, índices de impacto y citación son desarrollados en inglés.

Aunque muchos estudios han analizado el papel del inglés en la ciencia mundial su conocimiento empírico de las periferias aún es limitado. Particularmente porque muchos de los estudios realizados se encuentran basados en información proveniente

de bases de la corriente principal. Este fenómeno implica por lo menos dos cuestiones medulares. En primer lugar, la indexación mainstream como dispositivo de selección y competencia científica representa una modalidad de exclusión para buena parte de la producción mundial. La cantidad de revistas latinoamericanas incluidas en bases indexadoras mainstream es ínfima en relación con el total de revistas editadas en la región, por lo que la indexación en *SciELO*, *Redalyc* y *Latindex Catálogo* resulta esencial para conocer más y mejor la ciencia latinoamericana. En segundo término, la constitución histórica del espacio regional de comunicación científica ha devenido preponderantemente en español y portugués. Las prácticas de escritura, las culturas locales, el desarrollo de infraestructuras de comunicación y los principales proyectos editoriales fueron constituidos en lenguas diferentes al inglés. Por lo que no se trata simplemente de una dimensión que atañe la traducción o el aprendizaje del inglés como lengua sino que se afianza en raíces intelectuales y socioculturales que poseen más de doscientos años de existencia.

Ahora bien, en *Scopus* podemos identificar 27.339 revistas indexadas, de las cuales, 932 son latinoamericanas (apenas el 3,4% del total). Para el caso de *Web of Science*, el Core Collection (wos CC) cuenta con 24.769 revistas, de las cuales 1.287 son latinoamericanas (el 5,2% del total). Las revistas que poseen Factor de Impacto y son incluidas en el Journal Citation Report de Clarivate (wos JIF) son 13.802, de las cuales, 270 son regionales (0,2% del total)¹.

En la tabla 1 se puede observar la distribución de revistas indexadas en *Scopus* y *Web of Science* según su país de edición. Un detalle importante es la mayor cantidad de revistas regionales y mayor cantidad de países representados en el Core Collection de *Web of Science* (CC) que en *Scopus* (20 de 21 países latinoamericanos). Esto responde a la creación del Emerging Source Citation Index y su mecanismo de evaluación que excluye el requisito de citas. Sin embargo, si observamos a las revistas wos con factor de impacto su representación para la región es muy restrictiva (con revistas de solo 9 países de América Latina y el Caribe).

Del total de revistas en la corriente principal, Brasil es el país con mayor representatividad con el 44,4% en *Scopus*; 39,5% en CC de wos y 48,9% en wos con JIF. Lo secunda Colombia con un 13,2% en *Scopus* y 16,2% en CC de wos mientras que su representación cae a un 6,7% en wos con JIF. Argentina (7,7% en *Scopus*; 10,8% en CC de wos y 6,7% en wos con JIF), Chile (12,8% en *Scopus*; 8,2% en CC de wos

1. El Core Collection de *Web of Science* se encuentra compuesto por el Science Citation Index (SCI), Social Sciences Citation Index (SSCI), Arts & Humanities Citation Index (A&HCI) y Emerging Source Citation Index (ESCI). Sin embargo, solo el SCI, SSCI y A&HCI poseen requisitos de citas para su inclusión y poseen Índice de Impacto (incluido en el *Journal Citation Reports*). Por lo que el ESCI es menos restrictivo y por ende, más inclusivo.

y 18,1% en wos con JIF) y México (12,1% en *Scopus*; 9,4% en CC de wos y 15,6% en wos con JIF) completan las primeras cinco posiciones.

TABLA 1
Revistas latinoamericanas indexadas en Scopus y Web of Science

PAÍSES	REVISTAS EN SCOPUS	REVISTAS EN CORE COLLECTION DE WOS	REVISTAS DE WOS CON JIF
Argentina	72	139	18
Bolivia	1	4	–
Brasil	414	508	132
Chile	119	106	49
Colombia	123	209	18
Costa Rica	7	34	1
Cuba	24	27	–
Rep. Dominicana	–	2	–
Ecuador	5	18	–
El Salvador	–	2	–
Guatemala	–	1	–
Honduras	–	1	–
Jamaica	3	2	1
México	113	121	42
Nicaragua	–	3	–
Paraguay	–	3	–
Perú	15	29	–
Puerto Rico	3	–	–
Trinidad y Tobago	1	2	1
Uruguay	1	20	–
Venezuela	31	56	8
Total	932	1287	270

Fuente: construida por el autor en septiembre de 2022 a partir de información disponible en el sitio oficial de Scopus y Clarivate.

Para profundizar el análisis de las lenguas de publicación es necesario avanzar sobre el universo de artículos latinoamericanos incluidos tanto en *Scopus* como en *Web of Science*. Para ello proponemos una aproximación en tres niveles de comparación: cantidad total de artículos según idioma de publicación, cantidad de artículos latinoamericanos por país de afiliación de los/as autores/as y cantidad

TABLA 2
Cantidad de artículos en Scopus según país de los/as autores/as e idioma de publicación

LENGUA	ARG	%	BR	%	CH	%	COL	%	MÉX	%	TOTALES	%
Inglés	229159	84,7	883.721	81,3	169353	80,5	116679	74,8	356732	85,2	1755644	82,0
Español	38921	14,4	12.582	1,2	39641	18,8	37831	24,3	59995	14,3	188970	8,8
Portugués	1321	0,5	188.416	17,3	697	0,3	1008	0,6	760	0,2	192202	9,0
Francés	694	0,3	1.998	0,2	418	0,2	323	0,2	706	0,2	4139	0,2
Alemán	276	0,1	449	0,0	195	0,1	61	0,0	140	0,0	1121	0,1
Italiano	122	0,0	362	0,0	94	0,0	37	0,0	138	0,0	753	0,0
Totales	270493	100	1087528	100	210398	100	155939	100	418471	100	2143229	100

Fuente: Construida por el autor en septiembre de 2022 a partir de información disponible en el sitio oficial de Scopus / Referencias: Arg-Argentina; Br-Brasil; Ch-Chile; Col-Colombia; Méx-México.

TABLA 3
Cantidad de artículos en CC-wos según país de los/as autores/as e idioma de publicación

LENGUA	ARG	%	BR	%	GHI	%	COL	%	MÉX	%	TOTALES	%
Inglés	180819	88,0	805.542	88,2	138935	85,4	85573	81,0	269315	89,6	1.480.184	87,7
Español	23501	11,4	6.197	0,7	23151	14,2	19495	18,5	30330	10,1	102.674	6,1
Portugués	853	0,4	100.761	11,0	394	0,2	483	0,5	518	0,2	103.009	6,1
Francés	217	0,1	826	0,1	179	0,1	69	0,1	271	0,1	1.562	0,1
Alemán	53	0,0	178	0,0	76	0,0	31	0,0	40	0,0	378	0,0
Totales	205443	100	913504	100	162735	100	105651	100	300474	100	1.687.807	100

Fuente: Construida por el autor en septiembre de 2022 a partir de información disponible en el sitio oficial de Clarivate / Referencias: Arg-Argentina; Br-Brasil; Ch-Chile; Col-Colombia; Méx-México.

de artículos según idioma de publicación para Brasil, Chile, México, Colombia y Argentina.

A septiembre de 2022, *Scopus* posee 62.446.772 millones de artículos de los cuales 56.734.432 son en inglés (90,8%); 1.436.361 en chino (2,3%); 819.625 en alemán (1,3%); 755.030 en francés (1,2%); 542.959 en español (0,9%); 482.899 en ruso (0,8%); 370.947 en japonés (0,6%); 244.568 en portugués (0,4%); 219.443 en italiano (0,4%) y; 131.776 en polaco (0,2%).

Si consideramos el país de afiliación institucional de los/as autores/as, podemos encontrar representación de 23 países latinoamericanos con un total de 2.502.340 artículos (4% del total de artículos en *Scopus*). De este universo de artículos, el 47,3% corresponden a autores/as brasileños/as; 16,3% a mexicanos/as; 10,6% a argentinos/as; 8,1% a chilenos/as y; 5,9% a colombianos/as. Los cinco centros científicos periféricos latinoamericanos concentran el 88,2% de los artículos latinoamericanos en *Scopus*.

En la tabla 2 podemos observar la distribución de artículos en *Scopus* firmados por autores/as de Argentina, Brasil, Chile, Colombia y México según su idioma de publicación. Lo más relevante en todos los casos es que la publicación en inglés es mayoritaria, el 82% de los/as latinoamericanos han publicado en inglés en revistas indexadas en *Scopus*, el 9% en portugués y el 8,8% en español. Argentina y México son los países que se encuentran sobre la media de artículos publicados en inglés sobre el total de su producción. En el caso del español, Colombia es el país con mayor proporción de publicaciones (24,3% sobre un promedio de 8,8%). Y claramente Brasil es el país con mayor proporción de artículos publicados en portugués (17,3% sobre un promedio de 9%). Una situación singular resulta de la escasa publicación de textos en portugués por parte de autores/as latinoamericanos/as que poseen como lengua nativa el español (como máximo el 0,5% de argentinos/as) y, en espejo, los muy pocos artículos publicados en español por parte de autores/as brasileños/as (1,2%).

El Core Collection de *Web of Science* (CC-WOS) posee 34.429.810 artículos de los cuales 1.875.158 (5,4% del total) son publicados por autores/as latinoamericanos/as (de 23 países de la región). La proporción de artículos latinoamericanos es ligeramente superior que en *Scopus* a pesar de que la indexadora de Elsevier incluye casi el doble de artículos. Sobre este universo de artículos, Brasil posee el 49%, México el 16%, Argentina el 11%, Chile el 9% y Colombia el 5%. Entre estos cinco países se concentra el 90% de la representación regional en la base de Clarivate.

Del total de artículos en el CC-WOS el 96% son inglés; el 0,75% en español; el 0,7% en alemán; el 0,56% en francés; el 0,35% en chino; el 0,32% en portugués y el 0,28% en ruso. En comparación con *Scopus* podemos observar representaciones muy similares salvo por una aún mayor concentración del inglés en CC-WOS.

En la tabla 3, se pueden observar las distribuciones de artículos firmados por autores/as de Argentina, Brasil, Chile, Colombia y México según su idioma de publicación en revistas indexadas en CC-WoS. El 88% de los artículos fueron publicados en inglés mientras que tanto el español y el portugués comparten un 6,1%. Nuevamente aquí y en comparación con los artículos en *Scopus*, el inglés posee mayor concentración y los idiomas latinoamericanos se encuentran menos representados. Los artículos de Argentina, Brasil y México publicados en inglés poseen una media superior a la media. Colombia es el país con mayor proporción de artículos en español mientras que Brasil hace lo propio con los artículos en portugués (aún en menor proporción que en *Scopus*).

El análisis de la producción latinoamericana que circula en la corriente principal nos demuestra una continuidad histórica de poca representación y visibilidad. Incluso en los países con mayores capacidades de investigación e internacionalización, la proporción de revistas y artículos continua siendo mínima, en orden con estudios realizados con anterioridad (Beigel *et al.*, 2022; Beigel y Gallardo, 2020; Céspedes, 2021; Miguel, 2011; Salatino, 2018). La concentración del 91% en *Scopus* y 96% en CC-WoS de artículos en inglés no hace más que confirmar la hipercentralidad del inglés en estas bases y su impacto en las academias del Atlántico Norte.

La producción latinoamericana que circula en la región

En este apartado nos concentramos en la producción latinoamericana publicada en revistas indexadas en SciELO y Redalyc. Es decir, nos enfocaremos en un corpus completo de artículos científicos incluidos en las dos bases latinoamericanas que poseen acceso a texto completo y que se han convertido en verdaderas hemerotecas de la ciencia latinoamericana. Para ello se tomará como fuente la base de datos Oliva² constituida por 1720 revistas y 908.982 documentos publicados entre 1909 y mayo de 2019³. Esta base nos permitirá conocer los idiomas de publicación preponderantes en el espacio regional, las concentraciones lingüísticas según países, y lo más importante, los circuitos lingüísticos construidos a partir de un corpus representativo de la producción regional.

2. La base de datos del proyecto Oliva está conformada por datos de las revistas indexadas por SciELO y Redalyc relevados de manera primaria y por la consolidación de los datos de los documentos publicados. Cada uno de estos sistemas de indexación colaboró proveyendo su base de datos histórica actualizada a junio de 2019 y ambas fueron sometidas a un proceso de limpieza y detección de solapamientos de revistas comunes. Oliva es una base de datos de metadatos bibliográficos para fines estadísticos (Beigel *et al.*, 2022).
3. Para una observación del *corpus* completo de Oliva y sus principales características véase: Beigel, Packer, Gallardo y Salatino, 2022.

TABLA 4

Datos básicos del corpus Oliva. Revistas, documentos, artículos y registros de autor/a por país

PAÍS DE EDICIÓN DE LA REVISTA	REVISTAS	DOCUMENTOS	AUTORES DE DOCUMENTOS	ARTÍCULOS	AUTORES DE ARTÍCULOS
Brasil	506	444.332	1.579.011	396.293	1.476.492
Colombia	291	102.762	241.335	90.530	224.630
México	283	120.475	299.471	100.355	273.002
Argentina	167	46.237	121.052	35.919	104.093
Chile	144	69.095	199.308	57.032	178.521
Venezuela	97	34.939	92.097	30.161	85.814
Cuba	82	46.052	160.371	41.621	149.736
Costa Rica	48	16.313	35.322	14.816	33.199
Perú	37	13.902	40.558	11.773	37.066
Uruguay	25	4.756	14.914	3.680	12.866
Bolivia	22	4.491	10.080	3.629	8.767
Ecuador	11	3.440	5.631	2.877	5.002
Puerto Rico	5	1.253	1.841	816	1.382
Panamá	1	408	427	333	341
República Dominicana	1	527	877	469	793
Total	1.720	908.982	2.802.295	790.304	2.591.704

Nota: La columna "Revistas" incluye las activas y no activas; la columna "Documentos" incluye artículos y otros tipos de literatura; las columnas "Autores" refieren la cantidad de ocurrencias de autores/as en las revistas editadas en cada país, no la cantidad de distintos/as autores/as de ese país.

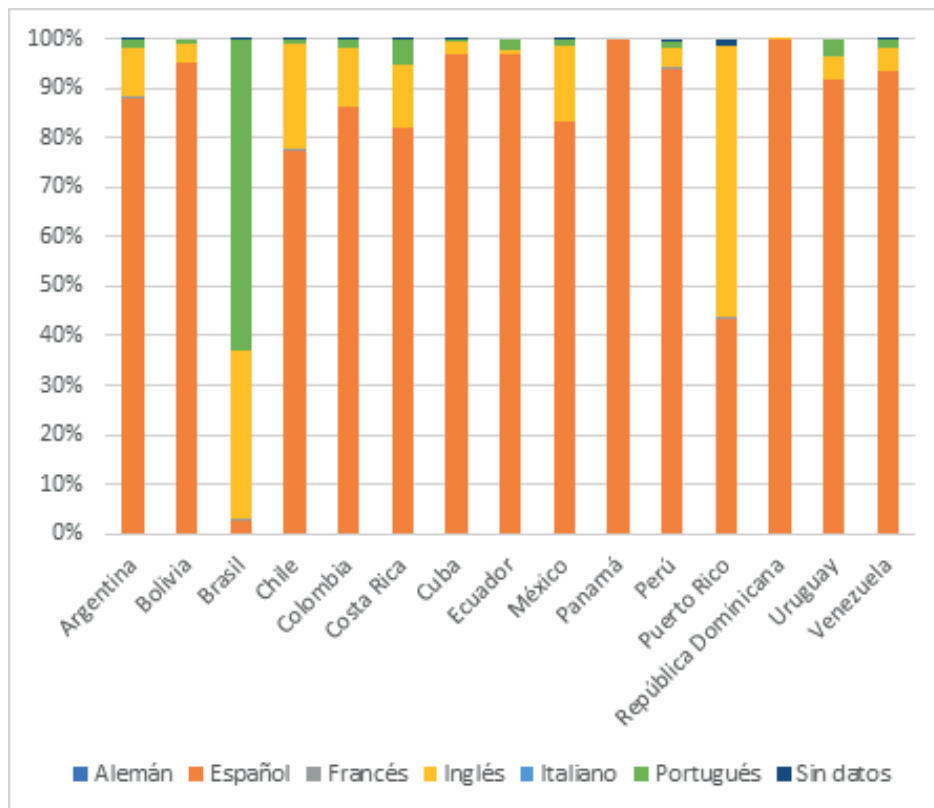
Fuente: Beigel, F; Packer, A.; Gallardo, O. y Salatino, M. (2022). Base de datos Oliva a junio de 2019.

En la tabla 4 se encuentra la distribución de revistas, documentos, artículos y autores/as de la producción incluida en la base Oliva. El 50% de los artículos están editados en revistas brasileñas lo que representa una concentración autoral del 57%. México concentra el 12,7% de los artículos con una proporción del 10,5% de autores/as. Colombia posee el 11,4% de los artículos y un 8,6% de autores/as. El 7% corresponde a artículos en revistas chilenas que concentra 7% de los/as autores/as. Sorpresivamente Cuba es el quinto país con mayor cantidad de artículos (5,2 % del total), mientras que Argentina concentra el 4,5%.

Ahora bien, si nos concentramos en los idiomas de la publicación de la producción latinoamericana detectamos que el 43,7% se encuentra publicada en español,

GRÁFICO 1

Distribución relativa de artículos científicos editados por países según idioma de publicación



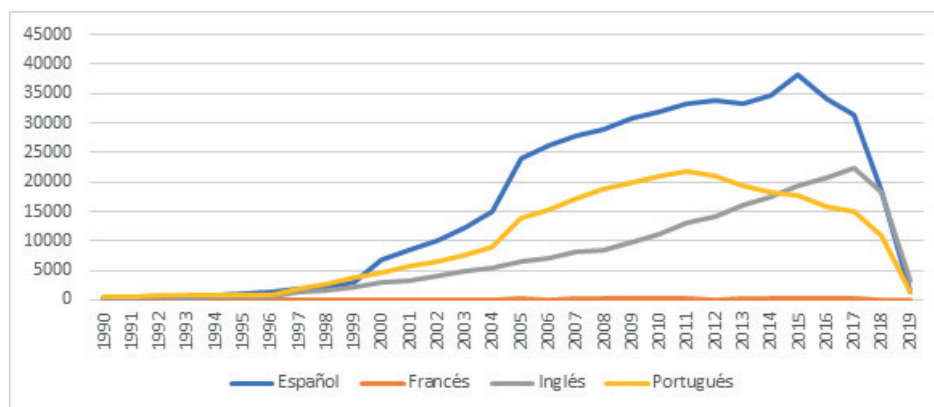
Fuente: Base de datos Oliva.

el 32,09% en portugués, el 23,9% en inglés, el 0,2% en francés y el 0,12% sin datos. A pesar de que el inglés no sea la lengua oficial de los países con mayores capacidades de investigación e internacionalización, su representatividad en la publicación regional es muy importante.

A partir del análisis del gráfico 1, se puede determinar la presencia mayoritaria del español en los países que lo poseen como lengua nativa así como la predominante publicación en portugués en Brasil. Al mismo tiempo, se puede señalar la orientación de la producción brasileña hacia el inglés. Asimismo, cabe destacar algunas singularidades intrarregionales. El país con mayor proporción de producción publicada en inglés es Brasil con un 33,9% (del total de publicaciones brasileñas), muy por encima del promedio regional; y el que menor proporción tiene es Argentina con un 10% (del total de publicaciones argentinas). Chile posee el 21,3% de sus artículos publicados en inglés, un porcentaje alto si se lo compara solo con los países hispanohablantes. Por otra parte, más allá de su pequeña proporción, es importante

GRÁFICO 2

Distribución de artículos científicos según idioma de publicación (1990-2019)



Fuente: Base de datos Oliva.

destacar que en los circuitos lingüísticos latinoamericanos se encuentran presentes lenguas de publicación como el francés, alemán, italiano, entre otros.

Las revistas latinoamericanas que más artículos publican en inglés son brasileñas. Entre ellas, las Memórias do Instituto Oswaldo Cruz posee más de 6.000 artículos en inglés seguida por el Journal of the Brazilian Chemical Society (4.657), Archivos de Neuro-psiquiatria (4.280) y Brazilian Journal of Medical and Biological Research (4.145). Al mismo tiempo, se puede observar que muchas revistas poseen estrategias multilingües dada la presencia de artículos en diversos idiomas, tal es el caso de la propia Memórias, Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, Ciência Rural, Nutrição Hospitalaria, Cadernos de Saúde Pública, Revista de Biología Tropical, entre otras.

En el gráfico 2 se representa un corte temporal entre 1990 y 2019⁴ de la publicación latinoamericana según el idioma. Allí podemos señalar la convivencia del inglés, español y portugués como las lenguas predominantes de los circuitos latinoamericanos por lo menos desde finales del siglo xx. La publicación en español ha sido reforzada en el nuevo milenio, mientras que el portugués ha tenido un decrecimiento lo que ha permitido que a partir del año 2015 el inglés sea la segunda lengua de publicación. Este fenómeno justamente se explica por la progresiva inmersión de las revistas brasileñas en el inglés en detrimento del portugués.

4. El decaimiento del número de artículos de la base Oliva a partir del año 2018 puede interpretarse a partir del rezago en la disponibilidad del texto completo en las bases de *SciELO* y *Redalyc*. Por lo que podemos observar un desfase en la visualización de los últimos números y volúmenes allí incluidos.

El análisis de la información hasta aquí presentada nos muestra un dinámico espacio regional motorizado por la publicación en español y portugués con una creciente presencia del inglés. Lo más relevante es el volumen de producción latinoamericana que se encuentra disponible en importantes bases indexadoras como SciELO y Redalyc publicada en idiomas regionales. La comparación con la visibilidad del español y portugués en *Web of Science* y *Scopus* nos demuestra los límites de éstas bases para analizar la ciencia latinoamericana.

El espacio de revistas científicas y los circuitos lingüísticos

Como se ha mencionado con anterioridad, América Latina y el Caribe posee una larga tradición de producción, edición y publicación científica. En el caso concreto del espacio latinoamericano de revistas científicas podemos afirmar que se constituyó y consolidó principalmente orientado por cinco procesos: 1) la puesta en marcha de bases de documentación, catalogación e indexación en la Unam. La creación de Alerta, Clase, Periodica y principalmente, la Bibliografía Latinoamericana; 2) la emergencia de un posicionamiento crítico a la corriente principal. La presencia de expertos/as latinoamericanos/as en diferentes instancias académicas inició la construcción de un posicionamiento propiamente regional vinculado con el rescate de una tradición científica local y con una fuerte crítica para los instrumentos de diseminación de la corriente principal en el sistema académico mundial. Tal es el caso de los pioneros trabajos de Hebe Vessuri, Lea Velho y Ana María Cetto; 3). Las experiencias de evaluación de revistas regionales. Desde la Reunión de Río Piedras hasta los esfuerzos de expertos brasileños (vinculados a Bireme principalmente) de principios de la década de 1990, se constituyó en América Latina un sistema de evaluación propio basado en las dificultades de la edición periférica pero asimismo orientado a potenciar la publicación local y a valorar su incidencia en los campos científicos nacionales; 4) La construcción de una infraestructura de comunicación científica basada en la circulación de las revistas científicas en acceso abierto y; 5) la expansión numérica de revistas editadas en la región (10.104 revistas científica activas al año 2017). A esta expansión en términos absolutos se le debe sumar una expansión en términos geográficos (28 países cuentan con revistas) y el desarrollo de diferentes estrategias locales/regionales/internacionales de circulación (Salatino, 2018, 2021).

Toda esta estructuración tuvo como soporte al español y portugués como lenguas de la ciencia regional. Este proceso desafía las interpretaciones que postulan que la internacionalización sólo es posible vía el inglés y que además sostienen que sólo es posible si se alcanza la publicación en el denominado mainstream. Muchas de las

revistas editadas en un país latinoamericano pueden ser leídas regionalmente por la lengua de su publicación e inclusión en bases como Scielo, Redalyc y Latindex.

El tan famoso lema del *publish or perish* puede ser reinterpretado desde América Latina. Ya que la región cuenta con una estructura de publicación de revistas de larga duración y que ha permitido publicar y no perecer, aunque sea en idiomas periféricos. Incluso aquí podemos señalar la existencia de circuitos con orientaciones locales en términos más amplios que los desarrollados en este trabajo. Nos referimos a la publicación de libros (tanto en formato papel como digital) que son muy importantes en las ciencias sociales y humanidades y que incluso poseen una estructura editorial de más de 150 años.

En este punto es importante destacar un rasgo lingüístico definitorio en Latinoamérica: la división entre las revistas brasileñas editadas en portugués y el resto de Latinoamérica que mayoritariamente publica en español. Esta gran división idiomática debe ser contextualizada históricamente en relación con la conformación de los espacios intelectuales y académicos en la región. Bethell (2012) afirma que la relación entre la América española y la América lusitana tuvo un devenir de fuertes desencuentros hasta por lo menos mediados del S. XX. La propia intelectualidad brasileña durante el período post-independentista e incluso con la formación de la *República Velha* apuntaron su brújula hacia Estados Unidos y en menor medida Europa. La América española tuvo un lugar siempre relegado a pesar de ser geográficamente el espacio de interacción social, política, económica y cultural más importante del Brasil, quien por su parte apuntó a apoyar el panamericanismo como movimiento continental (Bethell, 2012).

Fue recién en el período de posguerra en el cual Brasil comenzó a ser pensado e incluido dentro de la América Latina. Serán los organismos internacionales como la Unesco y la OEA, fundaciones, sociedades académicas y otros organismos multilaterales quienes incluyeron a Brasil en sus políticas ahora sí completamente regionales. El portugués no fue una lengua compartida en el resto de la región y, en contrapartida, el español fue desde el principio un rasgo de unidad continental primero alentado por el hispanoamericanismo y luego por el latinoamericanismo.

A partir de la observación de la producción científica publicada en revistas latinoamericanas y el contexto sociohistórico de desarrollo de la comunicación científica regional, podemos avanzar hacia una conceptualización de circuito lingüístico que nos permite comprender los patrones de circulación vinculados a las lenguas de publicación. La idea de circuito de publicación fue desarrollada por Beigel (2013, 2014) para analizar los patrones de circulación de la ciencia mundial a partir de algunas problematizaciones centrales, entre ellas, la lengua de publicación. En este trabajo retomamos ese concepto y lo contrastamos a partir de la identificación de

las lenguas que efectivamente circulan en la región. A partir del análisis del corpus Oliva identificamos que mayoritariamente la ciencia regional deviene en portugués y español. Sin embargo, se publican artículos en inglés, alemán, francés, italiano, catalán y otros.

En este sentido, la idea de circuito lingüístico nos permite identificar la lengua de circulación de un texto académico al tiempo de complejizar el *hecho editorial* a partir del reconocimiento del contexto sociohistórico de su producción, los efectos culturales de las lenguas y las prácticas científicas propias en los procesos de investigación. Es decir, advertimos la relevancia de avanzar más allá de la identificación idiomática para comprender el conjunto de prácticas científicas y culturales que forman parte del contexto de los resultados de investigación.

A partir de la identificación de las instituciones editoras de las revistas, las lenguas de publicación, los países de edición, el área disciplinar y la indexación identificamos por lo menos 4 circuitos lingüísticos en la región:

- Un circuito que ha virado su estrategia editorial casi completamente hacia el inglés con el fin de formar parte del mainstream (39 revistas). Anclado en disciplinas como la medicina, las ciencias biológicas y ciencias agrarias. Vinculado a revistas editadas en Brasil, México y Chile principalmente. Todas estas revistas se encuentran indexadas en *Scopus* y en el Core Collection de *wos* (entre ellas: *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*; *Brazilian Journal of Infectious Diseases*; *Journal of the Chilean Chemical Society*; *Brazilian Oral Research*; *Neotropical Ichthyology*; *Latin American Journal of Solids and Structures*; *Chilean journal of agricultural research*; *Journal of soil science and plant nutrition*).
- Un circuito que se declina fuertemente al español con revistas que casi exclusivamente publican en ese idioma (211). Las revistas que solamente publican en español corresponden a disciplinas médicas, ciencias sociales y, en menor medida, de humanidades. Son editadas en Cuba, Argentina, Chile, Colombia y México. En este circuito la posibilidad de visitas, descargas y citación se amplifica ya que el idioma permite su circulación por la mayor parte de América Latina sin tener ningún tipo de restricción lingüística. El espacio sociohistórico del español continúa siendo en el siglo XXI un rasgo relevante de internacionalización (entre ellas, *Revista Chilena de Cirugía*; *Revista de Ciencias Médicas de Pinar del Río*; *Revista Información Científica*; *Revista Médica Herediana*; *Acta Médica Colombiana*; *Revista de Especialidades Médico-Quirúrgicas*; *Sociológica*; *Revista de Ciencias Sociales*).
- Un tercer circuito predominantemente publicado en portugués (12 revistas). Más pequeño que los anteriores por lo que su circulación restringida no impacta

de manera decisiva en el posicionamiento lingüístico de Brasil. Se encuentra compuesto por revistas de diversas disciplinas editadas en sociedades científicas principalmente. Entre ellas, *Revista Brasileira de Cardiologia Invasiva; Relações Internacionais; Revista Dental Press de Ortodontia e Ortopedia Facial; Epidemiologia e Serviços de Saúde; Revista Brasileira de Coloproctologia; Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social; Comunicação e Sociedade; Caderno de Estudos; Sur. Revista Internacional de Direitos Humanos*).

- Por último, un circuito multilingüe compuesto por más de 1000 revistas que publican artículos en al menos tres idiomas (español, portugués e inglés) y, en algunos casos, en francés, alemán e italiano. No tan solo es el circuito con mayor cantidad de revistas sino también con la mayor cantidad de artículos por revistas. La mayoría forman parte de instituciones de educación superior (entre ellas, Memórias do Instituto Oswaldo Cruz; Arquivos de Neuro-Psiquiatria; Cadernos de Saúde Pública; Revista médica de Chile; Revista chilena de pediatría; Revista Mexicana de Astronomía y Astrofísica; Salud Pública de México).

El caso latinoamericano es un ejemplo singular en el concierto internacional de la comunicación científica. La mayor parte de las revistas son editadas por universidades nacionales, los artículos se encuentran disponibles en acceso abierto no comercial y se asientan en idiomas diferentes al inglés. Al mismo tiempo, si observamos las lenguas de los artículos publicados en revistas latinoamericanas advertimos que las revistas con mayor cantidad de documentos son multilingües. Es decir, publican por lo menos artículos en inglés, español y portugués. Este grado de desarrollo de prácticas de publicación/circulación imprime al espacio regional de una internacionalización que lo diferencia principalmente del monolingüismo de la corriente principal.

Conclusiones

Un elemento central en la jerarquización del inglés en el ámbito de la producción y publicación científica se vincula con el desarrollo de la denominada corriente principal. Las grandes editoriales mundiales, bases indexadoras, indicadores cuantitativos y rankings se declinan en inglés y, es allí, donde esta lengua reviste de vital importancia para comprender las asimetrías y desigualdades en el sistema académico mundial.

El inglés como un medio para la estructuración desigual de los intercambios científicos implica una completa invisibilización de lenguas periféricas en la corriente principal. Como hemos visto en este trabajo más del 90% de los artículos en *Scopus* y el 96% en el Core Collection de *Web of Science* son publicados en inglés. La hiper

representación del inglés en estas bases de información ha llevado a que históricamente se construya una imagen demasiado homogénea de la ciencia mundial.

Por ello, en este trabajo tuvimos el objetivo principal de visibilizar un corpus de producción científica publicada en revistas indexadas latinoamericanas de más de 900.000 artículos. Tanto el volumen de artículos como la cantidad de revistas analizadas permite advertir un dinámico espacio regional de circulación con fuertes raíces sociohistóricas y que se caracteriza por el acceso abierto no comercial y por la edición preponderantemente en organismos públicos.

Ahora bien, si observamos sus rasgos idiomáticos podemos identificar por lo menos cuatro circuitos lingüísticos: tres orientados casi en su totalidad por el español, portugués e inglés y un cuarto completamente multilingüe. Éste último está compuesto por más de 1000 revistas que por lo menos publican en inglés, portugués y español, y, en muchos casos, en francés, alemán e italiano. Al mismo tiempo, en el circuito multilingüe se encuentran las revistas con mayor cantidad de artículos publicados.

La recepción de artículos en diversas lenguas por parte de revistas latinoamericanas es un paso más hacia mejores estándares de visibilidad y circulación. Este proceso puede ser fortalecido si al mismo tiempo se propicia la publicación de un mismo artículo por lo menos en español, portugués e inglés. Esto permitirá avanzar sobre las fronteras lingüísticas aún existentes en la región y potenciar, al mismo tiempo, su circulación fuera de la región. Especialmente esta estrategia de publicación puede resultar beneficiosa si consideramos las dificultades estructurales que se presentan a la hora de analizar y poner en funcionamiento políticas de traducción estables en el campo de la comunicación científica.

En este trabajo no desconocemos el rol que tiene el inglés en los intercambios científicos mundiales. Ya que ha permitido el diálogo Norte-Sur/Sur-Norte y, tal vez más importante, Sur-Sur. El predominio y hegemonía del inglés puede ser observado a partir de las innumerables asimetrías que ha producido en la práctica científica. Pero, al mismo tiempo, ha permitido que se desarrollen vínculos entre instituciones y agentes científicos con diferentes tradiciones, culturales y lenguas. Esta situación no implica desconocer el carácter estructuralmente monolingüe de la considerada corriente principal de la ciencia.

A partir de trabajos empíricos representativos de la producción regional, esperamos iniciar una discusión necesaria y decisiva para el desarrollo de nuestros sistemas científicos latinoamericanos. Mientras las miradas de los sistemas de evaluación hace décadas se encuentran orientadas hacia el Norte y se declinan en inglés, en la región se ha desarrollado una infraestructura de circulación de conocimiento científico evaluado y de calidad que se publica en múltiples idiomas. El vínculo entre evaluación,

revistas científicas y lenguas de publicación debe ser un punto nodal de las reformas de los sistemas científicos nacionales. En especial, si se espera que dichas reformas impliquen mayores niveles de inclusión, soberanía y desarrollo para nuestros países.

Referencias

- BADILLO, Á. (2021), *El portugués y el español en la ciencia: apuntes para un conocimiento diverso y accesible*. OEI/Instituto Real Elcano.
- BEIGEL, F. (2013), “Centros y periferias en la circulación internacional del conocimiento”. *Nueva Sociedad*, 245.
- BEIGEL, F. (2014), “Introduction: Current tensions and trends in the World Scientific System”. *Current Sociology*, 62 (5): 617-625. Disponible en <https://doi.org/10.1177/0011392114548640>
- BEIGEL, F. & GALLARDO, O. (2020), “Productividad, bibliodiversidad y bilingüismo en un corpus completo de producciones científicas”. *Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad*, 46, En prensa.
- BEIGEL, F.; PACKER, A. L.; GALLARDO, O. & SALATINO, M. (2022), “Oliva: una mirada transversal a la producción científica indexada en América Latina. Diversidad disciplinar, colaboración institucional y multilingüismo en *SciELO* y *Redalyc*”. *Dados*. <https://doi.org/10.1590/SCIELOPREPRINTS.2653>.
- BENNETT, K. (2014), “Introduction: The political and economic infrastructure of academic practice: The ‘semiperiphery’ as a category for social and linguistic analysis”. *The Semiperiphery of Academic Writing*, 1-9. Disponible en https://doi.org/10.1057/9781137351197_1.
- BERNS, M. (2009), “English as lingua franca and English in Europe”. *World Englishes*, 28 (2): 192-199. Disponible en <https://doi.org/10.1111/J.1467-971X.2009.01578.X>.
- BETHELL, L. (2012), “Brasil y ‘América Latina’”. *Prismas*, 16 (1): 53-78. Disponible en http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1852-04992012000100003&lng=es&nrm=iso&tlng=es.
- CÉSPEDES, L. (2021), “Latin American journals and hegemonic languages for academic publishing in *Scopus* and *Web of Science*”. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 60 (1): 141-154. Disponible en <https://doi.org/10.1590/010318138901311520201214>.
- CHATELIN, Y. & ARVANITIS, R. (1989), “Between centers and peripheries”. *Scientometrics*, 17 (5): 437-452. Disponible en <https://doi.org/10.1007/BF02017464>.
- CHAVARRO, D.; RAFOLS, I. & TANG, P. (2018), “To what extent is inclusion in the *Web of Science* an indicator of journal ‘quality’?”. *Research Evaluation*, 27 (2): 106-118. Disponible en <https://doi.org/10.1093/reseval/rvy001>.
- ENGLANDER, K. (January 2011), “The globalized world of English scientific publishing: An analytical proposal that situates a multilingual scholar”. *Discourses and identities in contexts*

- of educational change: Contributions from the United States and Mexico*, vol. 387. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/i40115913>.
- GILL, S. K. (2000), "The past, present and future of English as a global/international language: Issues and concerns in the Malaysian context". *Asian Englishes*, 3 (2): 98-126. Disponível em <https://doi.org/10.1080/13488678.2000.10801057>.
- GINGRAS, Y. (2002), "Les formes spécifiques de l'internationalité du champ scientifique". *Actes de La Recherche En Sciences Sociales*, 141-142 (1-2) : 31-45. Disponível em <https://doi.org/10.3917/ARSS.141.0031>.
- GINGRAS, Y. (2016), *Bibliometrics and research evaluation. Uses and abuses*. Cambridge, MA, The MIT Press.
- GUÉDON, J.-C. (2008), *Open access and the divide between "mainstream" and "peripheral" science*. Disponível em <http://eprints.rclis.org/10778/>.
- HAMEL, R. E. (2007), "The dominance of English in the international scientific periodical literature and the future of language use in science". *Aila Review*, 20 (1): 53-71. Disponível em <https://doi.org/10.1075/AILA.20.06HAM/CITE/REFWORKS>.
- HAMEL, R. E. (2013), "El campo de las ciencias y la educación superior entre el monopolio del inglés y el plurilingüismo: elementos para una política del lenguaje en América Latina". *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 52 (2): 321-384. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-18132013000200008>.
- LARIVIÈRE, V.; MACALUSO, B.; ARCHAMBAULT, É. & GINGRAS, Y. (2010), "Which scientific elites? On the concentration of research funds, publications and citations". *Research Evaluation*, 19 (1): 45-53. Disponível em <https://doi.org/10.3152/095820210X492495>.
- LILLIS, T. & CURRY, M. J. (2015), "The politics of English, language and uptake". *Aila Review*, 28: 127-150. Disponível em <https://doi.org/10.1075/AILA.28.06LIL>.
- LILLIS, T.; HEWINGS, A.; VLADIMIROU, D. & CURRY, M. J. (2010), "The geolinguistics of English as an academic lingua franca: Citation practices across English-medium national and English-medium international journals". *International Journal of Applied Linguistics*, 20 (1): 111-135. Disponível em <https://doi.org/10.1111/J.1473-4192.2009.00233.X>.
- LUCIO-ARIAS, D.; VELEZ-CUARTAS, G. & LEYDESDORFF, L. (2015), "SciELO Citation Index and Web of Science: Distinctions in the visibility of regional science". *Proceedings of Issi 2015*, June, 1152-1160.
- MIGUEL, S. (2011), "Revistas y producción científica de América Latina y el Caribe su visibilidad en SciELO, RedALyC y Scopus". *Revista Interamericana de Bibliotecología*, 34 (2): 187-200.
- O'NEIL, D. (2018), "English as the lingua franca of international publishing". *World Englishes*, 37 (2), 146-165. Disponível em <https://doi.org/10.1111/WENG.12293>.
- ORTIZ, R. (2009), *La supremacía del inglés en las ciencias sociales*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno.
- PHILLIPS, A. & BHASKAR, M. (2019), *The Oxford handbook of publishing* (A. Phillips & M. Bhaskar, Eds.; First). Oxford, Oxford University Press.

- ROZEMBLUM, C.; ALPERIN, J. P. & UNZURRUNZAGA, C. (2021), "Las limitaciones de *Scopus* como fuente de indicadores: Buscando una visibilidad integral para revistas argentinas en ciencias sociales". *E-Ciencias de La Información*, 11 (2): 2-27. Disponible em <https://doi.org/10.15517/eci.v11i2.44300>.
- SALATINO, M. (2018), *La estructura del espacio latinoamericano de revistas científicas*. Mendoza, tese (doutorado em Ciências Sociais), Facultad de Ciencias Políticas y Sociales da Universidad Nacional de Cuyo.
- SALATINO, M. (2021), "Entre Ciudad de México y San Pablo. Itinerarios históricos del espacio latinoamericano de revistas científicas". *Pilquen. Sección Ciencias Sociales*, 24 (4).
- SALATINO, M., & LÓPEZ-RUIZ, O. (2021), "El fetichismo de la indexación. Una crítica latinoamericana a los regímenes de evaluación de la ciencia mundial". *CTS: Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad*, 16 (46): 73-100.
- SANTIN, D. M. & CAREGNATO, S. E. (2019), "The binomial center-periphery and the evaluation of science based on indicators". *Investigacion Bibliotecologica*, 33 (79): 13-33. Disponible em <https://doi.org/10.22201/iibi.24488321xe.2019.79.57930>.
- TARDY, C. (2004), "The role of English in scientific communication: Lingua franca or Tyrannosaurus rex?". *Journal of English for Academic Purposes*, 3 (3): 247-269. Disponible em <https://doi.org/10.1016/j.jeap.2003.10.001>.
- VESSURI, H.; GUÉDON, J. C. & CETTO, A. M. (2014), "Excellence or quality? Impact of the current competition regime on science and scientific publishing in Latin America and its implications for development". *Current Sociology*, 62 (5): 647-665. Disponible em <https://doi.org/10.1177/0011392113512839>.

Resumen

Los circuitos lingüísticos de la publicación científica latinoamericana

Dado el papel actual de la producción científica publicada en revistas, es fundamental comprender sus patrones de circulación lingüística. Para ello, examinamos las revistas y artículos incluidos en *Scopus* y *Web of Science* para demostrar su falta de representatividad y diversidad, especialmente para la producción científica latinoamericana. Uno de los principales objetivos de este trabajo es visibilizar un corpus de producción científica publicado en revistas latinoamericanas. Para ello, analizamos más de 900 mil artículos y 1.720 revistas científicas. Tanto el volumen de artículos como el número de revistas analizadas revelan un espacio dinámico de circulación regional con fuertes raíces sociohistóricas, caracterizado por un acceso abierto no comercial y predominantemente multilingüe. Partiendo del concepto de circuito lingüístico, concluimos ilustrando la importancia de este multilingüismo creciente para el desarrollo y la internacionalización de la ciencia latinoamericana.

Palabras llave: Producción científica; América Latina; Circuitos lingüísticos.

Abstract

Linguistic circuits of Latin American scientific production

Given the current role of scientific production published in journals, it is essential to understand their linguistic circulation patterns. To this end, we examined the journals and articles included in *Scopus* and *Web of Science* to demonstrate their lack of representation and diversity, especially for Latin American scientific production. One of the main objectives of this work is to make visible a corpus of scientific production published in Latin America. To this end, we analyzed more than 900,000 articles and 1.720 scientific journals. Both the volume of articles and the number of journals analyzed reveal a dynamic regional circulation space with strong socio-historical roots, characterized by non-commercial open access and predominantly multilingual. From the concept of linguistic circuit, we conclude how important is this increasing multilingualism for the development and internationalization of Latin American science.

Keywords: Scientific production; Latin America; Linguistic circuits.

Resumo

Circuitos lingüísticos da produção científica latino-americana

Dado o papel atual da produção científica publicada em periódicos, é essencial compreender seus padrões de circulação lingüística. Para tanto, examinamos as revistas e artigos incluídos no *Scopus* e na *Web of Science* para demonstrar sua falta de representação e diversidade, especialmente, para a produção científica latino-americana. Um dos principais objetivos deste trabalho é tornar visível um *corpus* de produção científica publicado em periódicos latino-americanos. Para isso, analisamos mais de 900 mil artigos e 1.720 periódicos científicos. Tanto o volume de artigos quanto o número de periódicos analisados revelam um espaço de circulação regional dinâmico

com fortes raízes sócio-históricas, caracterizado por um acesso aberto não comercial e predominantemente multilíngue. A partir do conceito de circuito linguístico, concluímos ilustrando a importância desse crescente multilinguismo para o desenvolvimento e a internacionalização da ciência latino-americana.

Palavras-chave: Produção científica; América Latina; Circuitos linguísticos.

Texto recebido em 06/09/2022 e aprovado em 30/09/2022.

DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2022.201928

MAXIMILIANO SALATINO é pesquisador do Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología (Conicet) e professor da Universidad Nacional de Cuyo (UNCuyo), cientista político, mestre em estudos latino-americanos e doutor em ciências sociais, todos pela UNCuyo. Faz parte do Centro de Estudios de la Circulación del Conocimiento (Cecic) e integra projetos de investigação nacionais e internacionais. Em 2017 ganhou o Premio Internacional Pedro Krotzsch en Estudios Universitarios. Sua trajetória de publicação e pesquisa está relacionada com o espaço latino-americano de revistas científicas, circuitos de publicação e políticas regionais de indexação. E-mail: maxisalatino@gmail.com, msalatino@mendoza-conicet.gob.ar.



Linguistic circuits of Latin American scientific production

Maximiliano Salatino*
<https://orcid.org/0000-0001-5573-9599>

Introduction

Scientific production is mostly published in scientific journals (Phillips and Bhaskar, 2019). This process emerged and consolidated since the creation of the Science Citation Index in the 1960s. As a result, the paper and journals as have become privileged spaces for the circulation of scientific knowledge (Guédon, 2008). Since then, countless quantitative indicators of productivity, impact, citation, and journal rankings were created, configuring new ways of (e)valuing science (Beigel, 2014; Gingras, 2016; Larivière *et al.*, 2010; Santin and Caregnato, 2019; Vessuri *et al.*, 2014). This development transformed the role of journals from an artifact of circulation to a consecrating device.

Specifically, many studies have analyzed the historically unequal and asymmetrical constitution of science at the global level (Chatelin and Arvanitis, 1989; Gingras, 2002; Guédon, 2008). This structuring has been possible due to the primordial accumulation of symbolic capital in certain institutions in the centers of the world academic system. This process was made possible by the universalization of a series of criteria and parameters that define excellence as quality. Beigel (2013, 2014) argues that, based on institutional resources, disciplinary differences, and the constitution

* Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, Argentina.

of English as the lingua franca of science, different strategies of consecration were formulated that had an unequal impact worldwide.

The role of languages in the production, publication, and circulation of scientific knowledge is therefore essential to understand the current asymmetries and inequalities in the world academic system. The constitution of English as a global language has been widely documented (Badillo, 2021; Bennett, 2014; Berns, 2009; Englander, 2011; Gill, 2000; Hamel, 2007, 2013; Lillis *et al.*, 2010; Lillis and Curry, 2015; O'Neil, 2018; Ortiz, 2009; Tardy, 2004). These contributions seek to point to the hyper-centrality of English as a constitutive part of the so-called "mainstream science". That is, the symbolic, material and cultural construction oriented by the scientific practices of the North Atlantic academies and which to this day has had a claim of universality.

In this context, we are interested in investigating the linguistic circuits of Latin American publishing. Firstly, we recognize Latin America and the Caribbean as an intellectual space with a long academic tradition in which Spanish and Portuguese have been the main languages of scientific production. Secondly, we consider that the global scenario is complex because some centers are probably not unique or hegemonic and some peripheries are not so backward or even so peripheral. In the field of scientific communication and the structuring of spaces of circulation, we suggest thinking about these relations within the framework of the idea of linguistic circuits, which allow us to comprehend supranational strategies of circulation while identifying local singularities. Thirdly, many specialists warned as early as the 1970s and 1980s that Latin American science was not visible in the world, let alone cited. In contrast in those decades a structure of scientific communication was consolidated that sought to valorize the science produced in this part of the world, with its disciplinary singularities, research themes/agendas, and language of publication/circulation. This led to the regionalization of the circulation of Latin American science, giving way to a strong and consolidated structure of journals, scientific networks/nodes, indexing bases, institutional repositories, international open-access organizations, and even national universities as main journal publishers (Salatino, 2018, 2021).

In this paper, we seek to contribute to the knowledge of regional science published in indexed journals, which will allow us to measure the volume of such production, and especially to identify its linguistic characteristics. A central factor in this proposal lies in the fact that most of the studies that have sought to analyze regional production have taken mainstream databases such as *Scopus* and *Web of Science* as sources of information. From available studies, we know the limitations, low representativeness, and visibility that regional science has in these databases

(Chavarro *et al.*, 2018; Lucio-Arias *et al.*, 2015; Rozemblum *et al.*, 2021; Salatino, 2018; Salatino and López-Ruiz, 2021).

From the study of scientific journals, we can observe how two strategies developed concerning the language of publication in the region. On the one hand, journals (especially in disciplines such as medicine and biological sciences) gradually began to publish articles in English. The next step in many of these editorial endeavors was to completely transform their language of publication and take English as the official language. On the other hand, several journals spotlight Spanish and Portuguese as languages of regional circulation and boosted their development to increasingly regionalize their productions. Between these two major strategies, we will observe in this paper nuances that need to be made explicit to generate a sociolinguistic mapping of the state of scientific communication in Latin American regional centers.

The paper is structured in three parts. The first part examines the representation of Latin American production in mainstream databases such as *Scopus* and *Web of Science*. Special attention will be paid to the linguistic description of this circuit, the supremacy of English, and the minimal representation of languages such as Spanish and Portuguese. In the second section, the analysis of a complete corpus of Latin American scientific production will be presented. This is a sociolinguistic study of the Oliva database, composed of 1,720 indexed journals and more than 900,000 articles. Finally, the concept of the linguistic circuit will be analyzed in the light of the socio-historical development of the Latin American scientific journal space, to assess its current development and main challenges.

The circulation of Latin American science in the mainstream

One of the main features of scientific production refers to the language of publication. Circulation and visibility are therefore subject to the language skills that audiences develop to be able to read, understand, use and cite publications. At the same time, scientific information platforms and databases have taken English as their language, so that the main indexing databases, journal rankings, impact, and citation indexes are developed in English.

Although many studies have analyzed the role of English in global science, their empirical knowledge of the peripheries is still limited. Particularly because many of the studies conducted are based on information from mainstream databases. This phenomenon implies at least two core issues. Firstly, mainstream indexing as a device for scientific selection and competition represents a form of exclusion for a large part of the world's scientific output. The number of Latin American journals included in mainstream indexing databases is tiny concerning the total number

of journals published in the region, which is why indexing in *SciELO*, *Redalyc*, and *Latindex Catalogue* is essential to gain more and better knowledge of Latin American science. Secondly, the historical constitution of the regional scientific communication space has been predominantly in Spanish and Portuguese. Writing practices, local cultures, the development of communication infrastructures, and the main publishing projects were constituted in languages other than English. So, this is not simply a dimension that concerns translation or the learning of English as a language but is embedded in intellectual and socio-cultural roots that go back more than two hundred years.

In *Scopus*, we can identify 27,339 indexed journals, of which 932 are Latin American (barely 3.4% of the total). In the case of Web of Science, the Core Collection (wos CC) has 24,769 journals, of which 1,287 are Latin American (5.2% of the total). The journals that have an Impact Factor and are included in Clarivate's Journal Citation Report (wos JIF) are 13,802, of which 270 are regional (0.2% of the total)¹.

Table 1 shows the distribution of journals indexed in *Scopus* and *Web of Science* according to their country of publication. An important detail is the greater number of regional journals and the greater number of countries represented in the Core Collection of *Web of Science* (CC) than in *Scopus* (20 out of 21 Latin American countries). This is due to the creation of the Emerging Source Citation Index and its evaluation mechanism that excludes the citation impact requirement. However, if we look at wos journals with an impact factor, their representation of the region is very restrictive (with journals from only 9 Latin American and Caribbean countries).

Of the total number of journals in the mainstream, Brazil is the country with the highest representation with 44.4% in *Scopus*; 39.5% in wos CC, and 48.9% in wos with JIF. It is followed by Colombia with 13.2% in *Scopus* and 16.2% in wos CC while its representation drops to 6.7% in wos with JIF. Argentina (7.7% in *Scopus*; 10.8% in wos CC and 6.7% in wos with JIF), Chile (12.8% in *Scopus*; 8.2% in wos CC and 18.1% in wos with JIF) and Mexico (12.1% in *Scopus*; 9.4% in wos CC and 15.6% in wos with JIF) complete the top five positions.

1. The Web of Science Core Collection is composed of the Science Citation Index (SCI), Social Sciences Citation Index (SSCI), Arts & Humanities Citation Index (A&HCI) and Emerging Source Citation Index (ESCI). However, only the SCI, SSCI and A&HCI have citation requirements for inclusion and have an Impact Index (included in the Journal Citation Reports). Thus, ESCI is less restrictive and therefore more inclusive.

TABLE 1
Latin American journals indexed in Scopus and Web of Science

COUNTRIES	JOURNALS IN SCOPUS	JOURNALS IN THE CORE COLLECTION OF WOS	JOURNALS IN WOS WITH JIF
Argentina	72	139	18
Bolivia	1	4	–
Brazil	414	508	132
Chile	119	106	49
Colombia	123	209	18
Costa Rica	7	34	1
Cuba	24	27	–
Rep. Dominicana	–	2	–
Ecuador	5	18	–
El Salvador	–	2	–
Guatemala	–	1	–
Honduras	–	1	–
Jamaica	3	2	1
México	113	121	42
Nicaragua	–	3	–
Paraguay	–	3	–
Perú	15	29	–
Puerto Rico	3	–	–
Trinidad y Tobago	1	2	1
Uruguay	1	20	–
Venezuela	31	56	8
Total	932	1287	270

Source: Elaborated by the author in September 2022 from information available on the official Scopus website and Clarivate.

To deepen the analysis of the languages of publication, it is necessary to advance on the universe of Latin American articles included in both *Scopus* and *Web of Science*. To this end, we propose an approach based on three levels of comparison: total number of articles by the language of publication, number of Latin American articles by country of affiliation of the authors, and number of articles by the language of publication for Brazil, Chile, Mexico, Colombia, and Argentina.

As of September 2022, *Scopus* has 62,446,772 million articles, of which 56,734,432 are in English (90.8%); 1,436,361 in Chinese (2.3%); 819,625 in Ger-

TABLE 2
Number of articles in Scopus by country of authors and language of publication

LANGUAGE	ARG	%	BR	%	CH	%	COL	%	MÉX	%	TOTAL	%
English	229159	84,7	883.721	81,3	169353	80,5	1116679	74,8	356732	85,2	1755644	82,0
Spanish	38921	14,4	12.582	1,2	39641	18,8	37831	24,3	59995	14,3	188970	8,8
Portuguese	1321	0,5	188.416	17,3	697	0,3	1008	0,6	760	0,2	192202	9,0
French	694	0,3	1.998	0,2	418	0,2	323	0,2	706	0,2	4139	0,2
German	276	0,1	449	0,0	195	0,1	61	0,0	140	0,0	1121	0,1
Italian	122	0,0	362	0,0	94	0,0	37	0,0	138	0,0	753	0,0
Total	270493	100	1087528	100	210398	100	155939	100	418471	100	2143229	100

Source: Elaborated by the author in September 2022 from information available on the official Scopus website / References: Arg-Argentina; Br-Brazil; Ch-Chile; Col-Colombia; Mex-Mexico.

TABLE 3
Number of articles in CC-wos by country of authors and language of publication

LANGUAGE	ARG	%	BR	%	CHI	%	COL	%	MÉX	%	TOTAL	%
English	180819	88,0	805.542	88,2	138935	85,4	85573	81,0	269315	89,6	1.480.184	87,7
Spanish	23501	11,4	6.197	0,7	23151	14,2	19495	18,5	30330	10,1	102.674	6,1
Portuguese	853	0,4	100.761	11,0	394	0,2	483	0,5	518	0,2	103.009	6,1
French	217	0,1	826	0,1	179	0,1	69	0,1	271	0,1	1.562	0,1
German	53	0,0	178	0,0	76	0,0	31	0,0	40	0,0	378	0,0
Total	205443	100	913504	100	162735	100	105651	100	300474	100	1.687.807	100

Source: Elaborated by the author in September 2022 from information available on the official Clarivate website / References: Arg-Argentina; Br-Brazil; Ch-Chile; Col-Colombia; Mex-Mexico.

man (1.3%); 755,030 in French (1.2%); and 819,625 in English (1.3%). 030 in French (1.2%); 542,959 in Spanish (0.9%); 482,899 in Russian (0.8%); 370,947 in Japanese (0.6%); 244,568 in Portuguese (0.4%); 219,443 in Italian (0.4%) and 131,776 in Polish (0.2%).

If we consider the country of institutional affiliation of the authors, we can find representation from 23 Latin American countries with a total of 2,502,340 articles (4% of the total number of articles in *Scopus*). Of this universe of articles, 47.3% correspond to Brazilian authors; 16.3% to Mexicans; 10.6% to Argentines; 8.1% to Chileans; and 5.9% to Colombians. The five Latin American scientific centers account for 88.2% of Latin American articles in *Scopus*.

Table 2 shows the distribution of articles in *Scopus* signed by authors from Argentina, Brazil, Chile, Colombia, and Mexico according to their language of publication. What is most relevant in all cases is that publication in English is the majority: 82% of Latin Americans have published in English in journals indexed in *Scopus*, 9% in Portuguese, and 8.8% in Spanish. Argentina and Mexico are the countries with the highest average number of articles published in English out of their total production. In the case of Spanish, Colombia is the country with the highest proportion of publications (24.3% out of an average of 8.8%). Brazil is the country with the highest proportion of articles published in Portuguese (17.3% out of an average of 9%). A singular situation results from the scarce publication of texts in Portuguese by Latin American authors whose native language is Spanish (at most 0.5% of Argentines) and, paralleling this, the very few articles published in Spanish by Brazilian authors (1.2%).

The Core Collection of *Web of Science* (CC-wos) has 34,429,810 articles of which 1,875,158 (5.4% of the total) are published by Latin American authors (from 23 countries in the region). The proportion of Latin American articles is slightly higher than in *Scopus*, even though Elsevier's index includes almost twice as many articles. Of this universe of articles, Brazil has 49%, Mexico 16%, Argentina 11%, Chile 9%, and Colombia 5%. These five countries account for 90% of the regional representation in the Clarivate database.

Of the total number of articles in CC-wos, 96% are in English; 0.75% in Spanish; 0.7% in German; 0.56% in French; 0.35% in Chinese; 0.32% in Portuguese, and 0.28% in Russian. Compared to *Scopus* we can observe very similar representations except for an even higher concentration of English in CC-wos.

Table 3 shows the distribution of articles signed by authors from Argentina, Brazil, Chile, Colombia, and Mexico according to their language of publication in journals indexed in CC-wos. Eighty-eight percent of the articles were published in English, while Spanish and Portuguese share 6.1%. Here again, compared to the

articles in *Scopus*, English is more concentrated, and Latin American languages are less represented. Articles from Argentina, Brazil, and Mexico published in English have a higher average. Colombia is the country with the highest proportion of articles in Spanish, while Brazil has the highest proportion of articles in Portuguese (still lower than in *Scopus*).

The analysis of Latin American production circulating in the mainstream shows a historical continuity of low representation and visibility. Even in countries with greater research and internationalization capacities, the proportion of journals and articles continues to be minimal, in line with previous studies (Beigel *et al.*, 2022; Beigel and Gallardo, 2020; Céspedes, 2021; Miguel, 2011; Salatino, 2018). The 91% concentration of English-language articles in *Scopus* and 96% in CC-WOS only confirms the hyper-centrality of English in these databases and their impact on North Atlantic academia.

Latin American production circulating in the region

In this section, we concentrated on Latin American production published in journals indexed in *SciELO* and *Redalyc*. In other words, we will focus on a complete corpus of scientific articles included in the two Latin American databases that have full-text access and have become veritable libraries of Latin American science. For this purpose, we will use as a source the Oliva database² consisting of 1720 journals and 908,982 documents published between 1909 and May 2019³. This database will allow us to identify the predominant languages of publication in the regional space, the linguistic concentrations according to countries, and most importantly, the linguistic circuits constructed from a representative corpus of regional production.

Table 4 shows the distribution of journals, documents, articles, and authors of the scientific output included in the Oliva database. Fifty percent of the articles are published in Brazilian journals, which represents a concentration of authorship of 57%. Mexico concentrates 12.7% of the articles with a proportion of 10.5% of authors. Colombia has 11.4% of the articles and 8.6% of the authors. Chile accounts for 7% of the articles in Chilean journals, with 7% of the authors. Surprisingly, Cuba

2. The Oliva project database is made up of data from *SciELO* and *Redalyc* indexed journals surveyed on a primary basis and by consolidating data from published papers. Each of these indexing systems collaborated by providing their historical database updated to June 2019 and both were subjected to a process of cleaning and detection of common journal overlaps. Oliva is a bibliographic metadatabase for statistical purposes (Beigel, *et al.*, 2022).

3. For an overview of the full Oliva corpus and its main features see: Beigel, Packer, Gallardo and Salatino, 2022.

is the country with the fifth highest number of articles (5.2% of the total), while Argentina has 4.5%.

TABLE 4
Basic data of the Oliva corpus. Journals, documents, articles, and author records by country

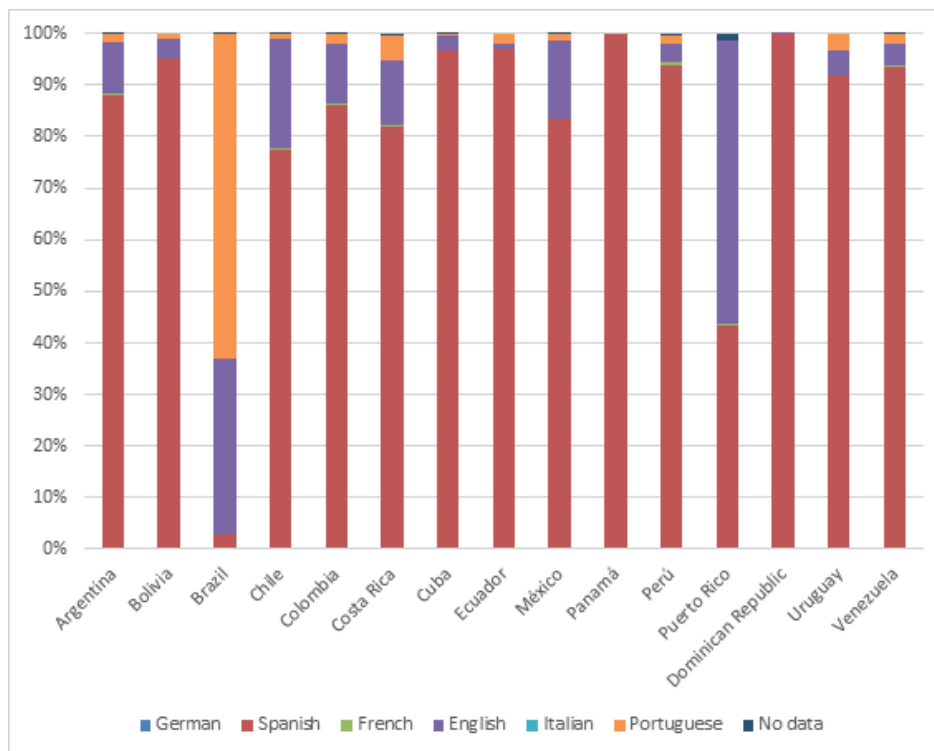
COUNTRY OF PUBLICATION	JOURNALS	DOCUMENTS	DOCUMENT AUTHORS	ARTICLES	ARTICLE AUTHORS
Brazil	506	444,332	1,579,011	396,293	1,476,492
Colombia	291	102,762	241,335	90,530	224,630
Mexico	283	120,475	299,471	100,355	273,002
Argentina	167	46,237	121,052	35,919	104,093
Chile	144	69,095	199,308	57,032	178,521
Venezuela	97	34,939	92,097	30,161	85,814
Cuba	82	46,052	160,371	41,621	149,736
Costa Rica	48	16,313	35,322	14,816	33,199
Peru	37	13,902	40,558	11,773	37,066
Uruguay	25	4,756	14,914	3,680	12,866
Bolivia	22	4,491	10,080	3,629	8,767
Ecuador	11	3,440	5,631	2,877	5,002
Puerto Rico	5	1,253	1,841	816	1,382
Panama	1	408	427	333	341
Dominican Republic	1	527	877	469	793
Total	1,720	908,982	2,802,295	790,304	2,591,704

Note: "Journals" column includes active and non-active journals; "Papers" column includes articles and other literature; "Authors" columns refer to the number of author occurrences in journals published in each country, not the number of different authors from that country. Source: Beigel, Packer, Gallardo and Salatino, 2022. Oliva database as of June 2019.

However, if we focus on the languages in which the Latin American production is published, we find that 43.7% is published in Spanish, 32.09% in Portuguese, 23.9% in English, 0.2% in French, and 0.12% with no data. Although English is not the official language of the countries with the greatest research and internationalization capacities, its representation in regional publications is very important.

From the analysis of graph 1, it is possible to determine the majority presence of Spanish in the countries that have it as their native language, as well as the predominant presence of Portuguese in Brazil. At the same time, the orientation of Brazilian production towards English can be noted. Some intra-regional singularities should also be distinguished. The country with the highest proportion of produc-

FIGURE 1
Relative distribution of scientific articles published according to the language of publications by country



tion published in English is Brazil with 33.9% (of total Brazilian publications), well above the regional average; and the lowest proportion is Argentina with 10% (of total Argentinean publications). Chile has 21.3% of its articles published in English, a high percentage compared only with Spanish-speaking countries. On the other hand, beyond its small proportion, it is important to note that Latin American language circuits include publication languages such as French, German and Italian, among others.

The Latin American journals that publish the most articles in English are Brazilian. Among them, *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* has more than 6,000 articles in English, followed by the *Journal of the Brazilian Chemical Society* (4,657), *Arquivos de Neuro-psiquiatria* (4,280) and *Brazilian Journal of Medical and Biological Research* (4,145). At the same time, it can be observed that many journals have multilingual strategies given the presence of articles in several languages, such as the case of *Memorias*, *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, *Ciência Rural*, *Nutrición Hospitalaria*, *Cadernos de Saúde Pública*, *Revista de Biología Tropical*, among others.

FIGURE 2
Distribution of scientific articles by the language of publication (1990-2019)

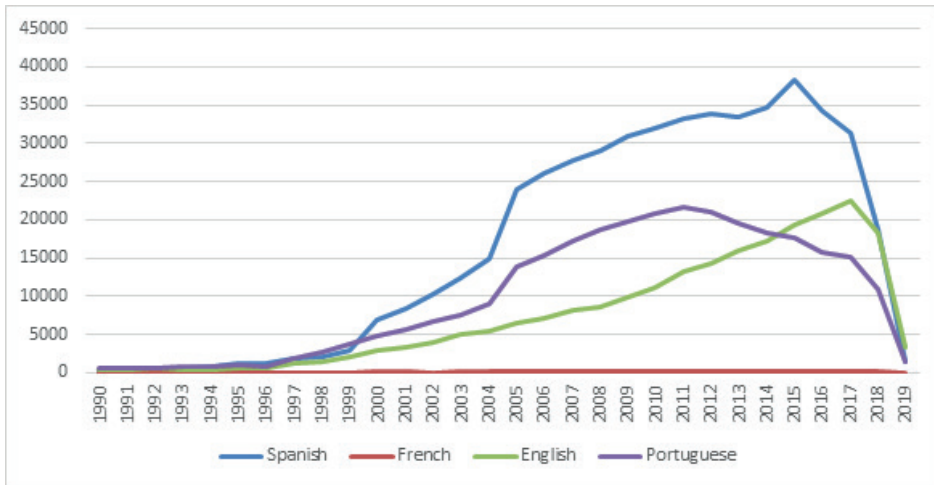


Figure 2 shows a time slice between 1990 and 2019⁴ of Latin American publications according to language. There we can point out the coexistence of English, Spanish, and Portuguese as the predominant languages of Latin American circuits at least since the end of the 20th century. Publishing in Spanish has been strengthened in the new millennium, while Portuguese has seen a decline, which has allowed English to become the second language of publication as of 2015. This phenomenon is precisely explained by the progressive immersion of Brazilian journals in English to the detriment of Portuguese.

The analysis of the information presented so far shows a dynamic regional space driven by publication in Spanish and Portuguese with a growing presence of English. What is most relevant is the volume of Latin American production that is available in important indexing databases such as Scielo and Redalyc published in regional languages. A comparison with the visibility of Spanish and Portuguese in *Web of Science* and *Scopus* shows the limits of these databases for analyzing Latin American science.

The scientific journal space and linguistic circuits

As mentioned above, Latin America and the Caribbean have a long tradition of scientific production, editing, and publication. In the specific case of the Latin American

4. The decline in the number of articles in the Oliva database from 2018 onwards can be interpreted from the lag in the availability of the full text in the *SciELO* and *Redalyc* databases. We can therefore observe a time lag in the visualisation of the latest issues and volumes included there.

space of scientific journals, we can affirm that it was constituted and consolidated mainly guided by five processes: 1) the implementation of documentation, cataloging, and indexing databases at Unam. The creation of *Alerta*, *Clase*, *Periodica*, and, above all, *Bibliografía Latinoamericana*; 2) the emergence of a critical positioning to the mainstream. The presence of Latin American experts in different academic initiated the construction of a proper regional positioning linked to the rescue of a local scientific tradition and a strong critique of the instruments of mainstream evaluation in the world academic system. Such is the case of the pioneering work of Hebe Vessuri, Lea Velho, and Ana María Cetto; 3). The experiences of regional journal evaluation. From the Rio Piedras Meeting to the efforts of Brazilian experts (mainly linked to Bireme) in the early 1990s, an evaluation system was established in Latin America based on the difficulties of peripheral publishing but also aimed at promoting local publication and assessing its impact on national scientific fields; 4) the construction of scientific communication infrastructure based on the circulation of scientific journals in open access and; 5) the numerical expansion of journals published in the region (10,104 active scientific journals as of 2017). To this expansion in absolute terms must be added an geographical expansion (28 countries have journals) and the development of different local/regional/international circulation strategies (Salatino, 2018, 2021).

All this structuring was supported by Spanish and Portuguese as languages of regional science. This process challenges the interpretations that postulate that internationalization is only possible via English and that it is only possible if publication in the so-called mainstream is achieved. Many of the journals published in a Latin American country can be read regionally because of the language of their publication and their inclusion in databases such as *SciELO*, *Redalyc*, and *Latindex*.

The famous publish or perish motto can be reinterpreted from Latin America. This is because the region has a long-standing journal publishing structure that has allowed it to publish and not perish, albeit in peripheral languages. Even here we can point to the existence of locally oriented circuits in broader terms than those developed in this paper. We refer to the publication of books (both in paper and digital format) which are very important in the social sciences and humanities, and which even have a publishing structure of more than 150 years.

At this point, it is important to highlight a defining linguistic feature in Latin America: the division between Brazilian journals published in Portuguese and the rest of Latin America, which mainly publishes in Spanish. This great language division must be historically contextualized concerning the shaping of intellectual and academic spaces in the region. Bethell (2012) affirms that the relationship between Spanish America and Lusitanian America was marked by strong disagreements until

at least the middle of the 20th century. The Brazilian intelligentsia itself during the post-independence period and even with the formation of the República Velha pointed its compass toward the United States and, to a lesser extent, Europe. Spanish America was always relegated to a secondary position, despite being geographically the most important space for social, political, economic, and cultural interaction in Brazil, which for its part aimed to support Pan-Americanism as a continental movement (Bethell, 2012).

It was only in the post-war period that Brazil began to be thought of and included within Latin America. It was international organizations such as Unesco and the OAS, foundations, academic societies, and other multilateral organizations that included Brazil in their now fully regional policies. Portuguese was not a shared language in the rest of the region, and, on the other hand, Spanish was from the beginning a feature of continental unity, first encouraged by Hispano-Americanism and then by Latin Americanism.

From the observation of the scientific production published in Latin American journals and the socio-historical context of the development of regional scientific communication, we can move towards a conceptualization of a linguistic circuit that allows us to understand the circulation patterns linked to the languages of publication. The idea of the publication circuit was developed by Beigel (2013, 2014) to analyze the circulation patterns of world science based on some central problematizations, including the language of publication. In this paper, we take up this concept and contrast it by identifying the languages that circulate in the region. From the analysis of the *Oliva corpus*, we identify that most regional science is published in Portuguese and Spanish. However, articles are published in English, German, French, Italian, Catalan, and others.

In this sense, the idea of a linguistic circuit allows us to identify the language of circulation of an academic text, while at the same time making the publishing process more complex by recognizing the socio-historical context of its production, the cultural effects of languages, and the scientific practices involved in the research processes. In other words, we note the relevance of going beyond language identification to understand the set of scientific and cultural practices that form part of the context of research results.

Based on the identification of journal publishing institutions, languages of publication, countries of publication, disciplinary area, and indexing, we identified at least four linguistic circuits in the region:

- A circuit that has shifted its editorial strategy almost entirely towards English to become part of the mainstream (39 journals). Anchored in disciplines such

as medicine, biological sciences, and agricultural sciences. Linked to journals published mainly in Brazil, Mexico, and Chile. All these journals are indexed in *Scopus* and the *WOS* Core Collection (among them: *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*; *Brazilian Journal of Infectious Diseases*; *Journal of the Chilean Chemical Society*; *Brazilian Oral Research*; *Neotropical Ichthyology*; *Latin American Journal of Solids and Structures*; *Chilean Journal of Agricultural Research*; *Journal of Soil Science and Plant Nutrition*).

- A circuit that is strongly biased towards Spanish with journals that almost exclusively publish in Spanish (211). The journals that only publish in Spanish correspond to medical disciplines, social sciences, and, to a lesser extent, humanities. They are published in Cuba, Argentina, Chile, Colombia, and Mexico. In this circuit, the possibility of visits, downloads, and citations is amplified since the language allows their circulation throughout most of Latin America without any kind of linguistic restriction. The socio-historical space of Spanish continues to be a relevant feature of internationalization in the 21st century (among them, *Revista Chilena de Cirugía*; *Revista de Ciencias Médicas de Pinar del Río*; *Revista Información Científica*; *Revista Médica Herediana*; *Acta Médica Colombiana*; *Revista de Especialidades Médico-Quirúrgicas*; *Sociológica*; *Revista de Ciencias Sociales*).
- A third circuit predominantly published in Portuguese (12 journals). Smaller than the previous ones, so its restricted circulation does not have a decisive impact on Brazil's linguistic positioning. It is made up of journals from various disciplines, mainly published in scientific societies. Among them, *Revista Brasileira de Cardiologia Invasiva*; *Relações Internacionais*; *Revista Dental Press de Ortodontia e Ortopedia Facial*; *Epidemiologia e Serviços de Saúde*; *Revista Brasileira de Coloproctologia*; *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*; *Comunicação e Sociedade*; *Caderno de Estudos*; *Sur. Revista Internacional de Direitos Humanos*).
- Finally, a multilingual circuit composed of more than 1000 journals that publish articles in at least three languages (Spanish, Portuguese and English) and, in some cases, in French, German and Italian. It is not only the circuit with the largest number of journals but also with the largest number of articles per journal. Most of them belong to higher education institutions (among them, *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*; *Arquivos de Neuropsiquiatria*; *Cadernos de Saúde Pública*; *Revista Médica de Chile*; *Revista Chilena de Pediatría*; *Revista Mexicana de Astronomía y Astrofísica*; *Salud Pública de México*).

The Latin American case is a unique example in the international concert of scientific communication. Most of the journals are published by national universities, and the articles are available in non-commercial open access and are in languages other

than English. At the same time, if we look at the languages of the articles published in Latin American journals, we see that the journals with the highest number of documents are multilingual. That is, they publish at least articles in English, Spanish and Portuguese. This degree of development of publication/circulation practices impregnates the regional space with an internationalization that differentiates it mainly from the monolingualism of the mainstream.

Conclusions

A central element in the hierarchization of English in the field of scientific production and publication is linked to the development of the so-called mainstream. The world's major publishers, indexing bases, scientometric indicators, and rankings are declined in English, and it is here that English is of vital importance for understanding the asymmetries and inequalities in the global academic system.

English as a medium for the unequal structuring of scientific exchanges implies a complete invisibilisation of peripheral languages in the mainstream. As we have seen in this paper, more than 90% of the articles in *Scopus* and 96% in the Core Collection of *Web of Science* are published in English. The over-representation of English in these databases has historically led to an overly homogenous picture of world science.

For this reason, our main objective in this study was to make visible a corpus of scientific production published in Latin American-indexed journals of more than 900,000 articles. Both the volume of articles and the number of journals analyzed reveal a dynamic regional circulation space with strong socio-historical roots, characterized by non-commercial open access and predominantly public publishing.

However, if we look at its linguistic features, we can identify at least four linguistic circuits: three oriented almost entirely towards Spanish, Portuguese, and English, and a fourth that is completely multilingual. The latter is composed of more than 1000 journals that publish at least in English, Portuguese and Spanish, and, in many cases, in French, German and Italian. At the same time, the multilingual circuit contains the journals with the highest number of published articles.

The reception of articles in different languages by Latin American journals is another step towards better standards of visibility and circulation. This process can be strengthened if, at the same time, the publication of the same article in at least Spanish, Portuguese, and English is encouraged. This will make it possible to move beyond the linguistic boundaries that still exist in the region and, at the same time, boost its circulation outside the region. This publication strategy may be especially beneficial if we consider the structural difficulties that arise when it comes

to analyzing and implementing stable translation policies in the field of scientific communication.

In this paper, we are not unaware of the role of English in global scientific exchanges. It has enabled North-South/South-North and, perhaps more importantly, South-South dialogue. The predominance and hegemony of English can be seen from the countless asymmetries it has produced in scientific practice. But, at the same time, it has allowed the development of relations between scientific institutions and agents with different traditions, cultures, and languages. This situation does not imply ignoring the structurally monolingual character of what is considered mainstream science.

Based on empirical work representative of regional production, we hope to initiate a discussion that is necessary and decisive for the development of our Latin American scientific systems. While the focus of evaluation systems has for decades been oriented towards the North and declined in English, the region has developed an infrastructure for the circulation of evaluated and quality scientific knowledge published in multiple languages. The connection between evaluation, scientific journals, and languages of publication must be at the heart of reforms of national science systems. Especially if such reforms are expected to lead to greater levels of inclusion, sovereignty, and development for our countries.

References

- BADILLO, Á. (2021), *El portugués y el español en la ciencia: apuntes para un conocimiento diverso y accesible*. OEI/Instituto Real Elcano.
- BEIGEL, F. (2013), "Centros y periferias en la circulación internacional del conocimiento". *Nueva Sociedad*, 245.
- BEIGEL, F. (2014), "Introduction: Current tensions and trends in the World Scientific System". *Current Sociology*, 62 (5): 617-625. Disponível em <https://doi.org/10.1177/0011392114548640>.
- BEIGEL, F. & GALLARDO, O. (2020), "Productividad, bibliodiversidad y bilingüismo en un corpus completo de producciones científicas". *Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad*, 46, En prensa.
- BEIGEL, F.; PACKER, A. L.; GALLARDO, O. & SALATINO, M. (2022), "Oliva: una mirada transversal a la producción científica indexada en América Latina. Diversidad disciplinar, colaboración institucional y multilingüismo en *SciELO* y *Redalyc*". *Dados*. <https://doi.org/10.1590/SCIELOPREPRINTS.2653>.

- BENNETT, K. (2014), "Introduction: The political and economic infrastructure of academic practice: The 'semiperiphery' as a category for social and linguistic analysis". *The Semiperiphery of Academic Writing*, 1-9. Disponível em https://doi.org/10.1057/9781137351197_1.
- BERNS, M. (2009), "English as lingua franca and English in Europe". *World Englishes*, 28 (2): 192-199. Disponível em <https://doi.org/10.1111/J.1467-971X.2009.01578.X>.
- BETHELL, L. (2012), "Brasil y 'América Latina'". *Prismas*, 16 (1): 53-78. Disponível em http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1852-04992012000100003&lng=es&nrm=iso&tlng=es.
- CÉSPEDES, L. (2021), "Latin American journals and hegemonic languages for academic publishing in *Scopus* and *Web of Science*". *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 60 (1): 141-154. Disponível em <https://doi.org/10.1590/010318138901311520201214>.
- CHATELIN, Y. & ARVANITIS, R. (1989), "Between centers and peripheries". *Scientometrics*, 17 (5): 437-452. Disponível em <https://doi.org/10.1007/BF02017464>.
- CHAVARRO, D.; RÀFOLS, I. & TANG, P. (2018), "To what extent is inclusion in the *Web of Science* an indicator of journal 'quality'?. *Research Evaluation*, 27 (2): 106-118. Disponível em <https://doi.org/10.1093/reseval/rvy001>.
- ENGLANDER, K. (January 2011), "The globalized world of English scientific publishing: An analytical proposal that situates a multilingual scholar". *Discourses and identities in contexts of educational change: Contributions from the United States and Mexico*, vol. 387. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/i40115913>.
- GILL, S. K. (2000), "The past, present and future of English as a global/international language: Issues and concerns in the Malaysian context". *Asian Englishes*, 3 (2): 98-126. Disponível em <https://doi.org/10.1080/13488678.2000.10801057>.
- GINGRAS, Y. (2002), "Les formes spécifiques de l'internationalité du champ scientifique". *Actes de La Recherche En Sciences Sociales*, 141-142 (1-2) : 31-45. Disponível em <https://doi.org/10.3917/ARSS.141.0031>.
- GINGRAS, Y. (2016), *Bibliometrics and research evaluation. Uses and abuses*. Cambridge, MA, The MIT Press.
- GUÉDON, J.-C. (2008), *Open access and the divide between "mainstream" and "peripheral" science*. Disponível em <http://eprints.rclis.org/10778/>.
- HAMEL, R. E. (2007), "The dominance of English in the international scientific periodical literature and the future of language use in science". *Aila Review*, 20 (1): 53-71. Disponível em <https://doi.org/10.1075/aila.20.06ham/cite/refworks>.
- HAMEL, R. E. (2013), "El campo de las ciencias y la educación superior entre el monopolio del inglés y el plurilingüismo: elementos para una política del lenguaje en América Latina". *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 52 (2): 321-384. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-18132013000200008>.
- LARIVIÈRE, V.; MACALUSO, B.; ARCHAMBAULT, É. & GINGRAS, Y. (2010), "Which scien-

- tific elites? On the concentration of research funds, publications and citations”. *Research Evaluation*, 19 (1): 45-53. Disponível em <https://doi.org/10.3152/095820210X492495>.
- LILLIS, T. & CURRY, M. J. (2015), “The politics of English, language and uptake”. *Aila Review*, 28: 127-150. Disponível em <https://doi.org/10.1075/AILA.28.06LIL>.
- LILLIS, T.; HEWINGS, A.; VLADIMIROU, D. & CURRY, M. J. (2010), “The geolinguistics of English as an academic lingua franca: Citation practices across English-medium national and English-medium international journals”. *International Journal of Applied Linguistics*, 20 (1): 111-135. Disponível em <https://doi.org/10.1111/J.1473-4192.2009.00233.X>.
- LUCIO-ARIAS, D.; VELEZ-CUARTAS, G. & LEYDESDORFF, L. (2015), “SciELO Citation Index and Web of Science: Distinctions in the visibility of regional science”. *Proceedings of Issi 2015*, June, 1152-1160.
- MIGUEL, S. (2011), “Revistas y producción científica de América Latina y el Caribe su visibilidad en SciELO, RedALYC y Scopus”. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, 34 (2): 187-200.
- O’NEIL, D. (2018), “English as the lingua franca of international publishing”. *World Englishes*, 37 (2), 146-165. Disponível em <https://doi.org/10.1111/WENG.12293>.
- ORTIZ, R. (2009), *La supremacía del inglés en las ciencias sociales*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno.
- PHILLIPS, A. & BHASKAR, M. (2019), *The Oxford handbook of publishing* (A. Phillips & M. Bhaskar, Eds.; First). Oxford, Oxford University Press.
- ROZEMBLUM, C.; ALPERIN, J. P. & UNZURRUNZAGA, C. (2021), “Las limitaciones de Scopus como fuente de indicadores: Buscando una visibilidad integral para revistas argentinas en ciencias sociales”. *E-Ciencias de La Información*, 11 (2): 2-27. Disponível em <https://doi.org/10.15517/eci.v11i2.44300>.
- SALATINO, M. (2018), *La estructura del espacio latinoamericano de revistas científicas*. Mendoza, tese (doutorado em Ciências Sociais), Facultad de Ciencias Políticas y Sociales da Universidad Nacional de Cuyo.
- SALATINO, M. (2021), “Entre Ciudad de México y San Pablo. Itinerarios históricos del espacio latinoamericano de revistas científicas”. *Pilquen. Sección Ciencias Sociales*, 24 (4).
- SALATINO, M., & LÓPEZ-RUIZ, O. (2021), “El fetichismo de la indexación. Una crítica latinoamericana a los regímenes de evaluación de la ciencia mundial”. *CTS: Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad*, 16 (46): 73-100.
- SANTIN, D. M. & CAREGNATO, S. E. (2019), “The binomial center-periphery and the evaluation of science based on indicators”. *Investigacion Bibliotecologica*, 33 (79): 13-33. Disponível em <https://doi.org/10.22201/iibi.24488321xe.2019.79.57930>.
- TARDY, C. (2004), “The role of English in scientific communication: Lingua franca or Tyrannosaurus rex?”. *Journal of English for Academic Purposes*, 3 (3): 247-269. Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.jeap.2003.10.001>.
- VESSURI, H.; GUÉDON, J. C. & CETTO, A. M. (2014), “Excellence or quality? Impact of the current competition regime on science and scientific publishing in Latin America and its

implications for development". *Current Sociology*, 62 (5): 647-665. Disponível em <https://doi.org/10.1177/0011392113512839>.

Abstract

Linguistic circuits of Latin American scientific production

Given the current role of scientific production published in journals, it is essential to understand their linguistic circulation patterns. To this end, we examined the journals and articles included in *Scopus* and *Web of Science* to demonstrate their lack of representation and diversity, especially for Latin American scientific production. One of the main objectives of this work is to make visible a corpus of scientific production published in Latin America. To this end, we analyzed more than 900,000 articles and 1.720 scientific journals. Both the volume of articles and the number of journals analyzed reveal a dynamic regional circulation space with strong socio-historical roots, characterized by non-commercial open access and predominantly multilingual. From the concept of linguistic circuit, we conclude how important is this increasing multilingualism for the development and internationalization of Latin American science.

Keywords: Scientific production; Latin America; Linguistic circuits.

Resumo

Circuitos lingüísticos da produção científica latino-americana

Dado o papel atual da produção científica publicada em periódicos, é essencial compreender seus padrões de circulação lingüística. Para tanto, examinamos as revistas e artigos incluídos no *Scopus* e na *Web of Science* para demonstrar sua falta de representação e diversidade, especialmente, para a produção científica latino-americana. Um dos principais objetivos deste trabalho é tornar visível um *corpus* de produção científica publicado em periódicos latino-americanos. Para isso, analisamos mais de 900 mil artigos e 1.720 periódicos científicos. Tanto o volume de artigos quanto o número de periódicos analisados revelam um espaço de circulação regional dinâmico com fortes raízes sócio-históricas, caracterizado por um acesso aberto não comercial e predominantemente multilíngue. A partir do conceito de circuito lingüístico, concluímos ilustrando a importância desse crescente multilinguismo para o desenvolvimento e a internacionalização da ciência latino-americana.

Palavras-chave: Produção científica; América Latina; Circuitos lingüísticos.

Resumen

Los circuitos lingüísticos de la publicación científica latinoamericana

Dado el papel actual de la producción científica publicada en revistas, es fundamental comprender sus patrones de circulación lingüística. Para ello, examinamos las revistas y artículos incluidos en *Scopus* y *Web of Science* para demostrar su falta de representatividad y diversidad, especialmente

para la producción científica latinoamericana. Uno de los principales objetivos de este trabajo es visibilizar un corpus de producción científica publicado en revistas latinoamericanas. Para ello, analizamos más de 900 mil artículos y 1.720 revistas científicas. Tanto el volumen de artículos como el número de revistas analizadas revelan un espacio dinámico de circulación regional con fuertes raíces sociohistóricas, caracterizado por un acceso abierto no comercial y predominantemente multilingüe. Partiendo del concepto de circuito lingüístico, concluimos ilustrando la importancia de este multilingüismo creciente para el desarrollo y la internacionalización de la ciencia latinoamericana.

Palabras llave: Producción científica; América Latina; Circuitos lingüísticos.

Texto recebido em 06/09/2022 e aprovado em 30/09/2022.

DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2022.201928

MAXIMILIANO SALATINO é pesquisador do Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología (Conicet) e professor da Universidad Nacional de Cuyo (UNCuyo). Salatino é cientista político, mestre em estudos latino-americanos e doutor em ciências sociais, todos pela UNCuyo. Faz parte do Centro de Estudios de la Circulación del Conocimiento (Cecic) e integra projetos de investigação nacionais e internacionais. Em 2017 ganhou o Premio Internacional Pedro Krotsch en Estudios Universitarios. Sua trajetória de publicação e pesquisa está relacionada com o espaço latino-americano de revistas científicas, circuitos de publicação e políticas regionais de indexação. E-mail: maxisalatino@gmail.com, msalatino@mendoza-conicet.gob.ar.



Documento e patrimônio entre usos e reflexões

Hilário Figueiredo Pereira Filho*

<https://orcid.org/0000-0003-1114-9719>

Dentre as várias formas de abordar a temática patrimonial, a noção de documento mostra-se como possibilidade para pensarmos formas de representação daquilo que se denomina patrimônio cultural. Afinal, é possível relacionar os diferentes tipos de documentos com os bens patrimoniais? Que tipo de processo pode ser articulado por agentes, grupos sociais e instituições em prol de valorizar um determinado conjunto de documentos? As possíveis respostas para tais indagações podem ser concebidas partindo-se de dois tipos de olhares: o primeiro centra-se na própria ideia de documento como fonte de pesquisa, pautada pela necessidade de alargar as concepções restritas de representatividade documental, enquanto o segundo foco se dirige para as práticas voltadas para o reconhecimento formal dos acervos documentais como entes e coisas passíveis de patrimonialização. Ambos os olhares convergem para a importância de se destacar o documento como dimensão potente e inventiva de qualificar o que nomeamos de patrimônio.

Muitos historiadores já se dedicaram a problematizar o *status* simbólico do documento como simples fonte de verdade dos fatos sociais. Tal perspectiva veio contrapor-se à recorrente tradição historiográfica do século XIX de buscar nas fontes uma espécie de revelação fidedigna do passado. A virada epistemológica, provocada por diferentes concepções nutridas na França, Inglaterra e em outros países, rompeu com a lógica positivista: ao invés de serem formas de revelar aquilo que supostamente

* Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, Brasil.

aconteceu, os documentos passaram a ser concebidos como meios de representar uma determinada perspectiva do que ocorrera. Concepção esta carregada de parcialidade, escolhas deliberadas, lutas por hegemonia, violência simbólica, silenciamentos e demais aspectos que compõem a vida coletiva¹.

Jacques Le Goff, historiador francês com destacada produção durante o século XX, escreveu o célebre “Documento/Monumento” (Le Goff, 2013), muito revisitado nas discussões acerca do estatuto epistemológico do documento no campo das humanidades. A proposta principal do texto de Le Goff consiste em desnaturalizar a roupagem de aparente neutralidade da documentação. Nessa medida, importa ao pesquisador adotar uma postura que não seja ingênua, nutrida por um senso crítico de perceber que a dimensão documental está permeada de relações de poder e disputas, as quais se conectam aos conflitos e acordos gestados em cada realidade social. A aproximação do documento com a categoria de monumento mostra-se marcante na reflexão proposta pelo historiador francês, evidenciando que o fragmento documental é uma representação intencional e/ou involuntária para acessar determinado contexto histórico (Le Goff, 2013, pp. 496-467). Nesses termos, interessa valorizar a dimensão potencialmente (re)criadora do documento: além de permitir análises acuradas sobre as relações sociais do passado, perpassando inclusive pelos não-ditos que a materialidade carrega, a ideia de que o item documental acolhe infindáveis leituras futuras o qualifica como item passível de múltiplas abordagens.

Afeito às reflexões sobre as modalidades de pesquisa, o historiador inglês Peter Burke afirma que o documento é um artefato a partir do qual se pode traçar uma série de olhares para o contexto sociocultural a ser investigado nas diferentes temporalidades. Nesses termos, lançar perguntas assume protagonismo no âmbito do saber fazer dos pesquisadores; para Burke, “... quando os historiadores começaram a fazer novos tipos de perguntas para o passado, para escolher novos objetos de pesquisa, tiveram de buscar novos tipos de fontes, para suplementar os documentos oficiais” (Burke, 1992, p. 25). Por exemplo, além dos tratados entre países, das correspondências de Estados, das atas de reuniões de ocupantes de cargos públicos, dos discursos de políticos em cerimônias, há uma miríade de possibilidades de construir uma versão da história da diplomacia cultural que não fique circunscrita aos registros chancelados por autoridades. O primeiro passo consiste em lançar tipos de perguntas que fujam de um interrogatório previsível – seria o conselho de Peter Burke de ler o documento

1. As teses de Walter Benjamin sobre história podem ser instigantes para problematizar a representatividade documental nas sociedades humanas. Em passagens trabalhadas por comentaristas da obra benjaminiana, destacam-se trechos extraídos como: “Nunca há um documento da cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento da barbárie. E, assim como ele não está livre da barbárie, também não o está o processo de sua transmissão, transmissão na qual ele passou de um vencedor a outro”. Löwy, 2005, p. 70.

nas entrelinhas. Após o exercício crítico de dissecar as fontes de pesquisa de forma pormenorizada, um outro caminho interessante reside na constante busca de ampliar o repertório daquilo que pode ser considerado documento.

O exercício de perguntar, problematizar e questionar os mais diversos tipos de textos, imagens e registros audiovisuais produzidos mostra-se como postura imprescindível para ampliar o leque de documentos que podem ser mobilizados pelos pesquisadores. Em uma sequência de máximas que também se assemelham a espécie de mantras de boas práticas na lida cotidiana com os arquivos, Marlon Salomon é categórico: “Os textos e documentos do passado, ‘por si mesmos’, nada dizem. Para que eles nos digam algo, é preciso interrogá-los. Para obter respostas, é preciso questioná-los. O que quer dizer, em outros termos, que não nos aproximamos deles sem teoria” (Salomon, 2011, p. 14). A depender da área de formação do pesquisador, haverá um tipo de abordagem que permitirá o lançamento de perguntas propositivas às fontes documentais. Apesar dos historiadores serem apontados como um dos mais familiarizados com o exercício crítico na lida com os documentos, atualmente é possível ampliar consideravelmente o rol de profissionais que se debruçam sobre as fontes de pesquisa como matérias-primas para suas reflexões – cientistas sociais, arquitetos, arqueólogos, jornalistas, antropólogos, geógrafos, bibliotecários, arquivistas, bacharéis em direito são alguns exemplos de como os documentos ganharam relevância nas formações desses profissionais.

Considerando que o campo do patrimônio cultural é marcadamente interdisciplinar e aliado à perspectiva de que muitos de seus agentes assumem posturas questionadoras diante dos diferentes contextos em que estão inseridos, pensar a noção ampliada de documento nos leva a ampliar a própria categoria de patrimônio². Isso porque muitos são os olhares disciplinares que podem ser lançados para as diferentes realidades apreendidas: que traços dos rituais sagrados de uma determinada comunidade são documentos para o antropólogo? Como o historiador faz sua pesquisa sem ficar apenas restrito aos clássicos registros de um arquivo paroquial? De que forma o geógrafo pode produzir fontes para compreender a vivência coletiva de uma procissão? O olhar fotográfico do jornalista cria novas percepções sensoriais a respeito de uma festividade em vias de ser patrimonializada? Para além da análise estética dos imóveis que integram o conjunto tombado onde manifestações religiosas e profanas ocorrem, o arquiteto pode se nutrir de que tipo de registro documental para subsidiar suas interpretações acerca do sítio em que ocorrem manifestações culturais? Ainda que as referidas perguntas sejam hipotéticas, o simples exercício de abrir possibilidades de investigação nos aponta para algo interessante: com os

2. Para uma interessante discussão acerca do patrimônio como categoria conceitual, ver Gonçalves, 2009.

olhares de diferentes profissionais da lida patrimonial, é possível tecer perguntas que destaquem o protagonismo do documento nas diferentes maneiras de ver, perceber e sentir experiências afetas ao patrimônio cultural.

Potencializar as fontes de pesquisa valendo-se da diversidade de olhares

A associação quase automática da condição de existência de um documento histórico a um registro escrito foi e ainda continua bastante vigente. Não obstante a essa espécie de lugar comum sobre aquilo que pode ser apontado como tipo documental, interessa registrar os muitos esforços em desmistificar a ideia de que a escrita seja uma espécie de condição imprescindível para que um determinado documento exista. Esse olhar mais amplo da noção documental está presente entre historiadores que se opuseram à visão ortodoxa cultivada pela historiografia positivista do século XIX. Contemporâneo de Marc Bloch em torno da proposta disruptiva da “Revista dos Annales”, Lucien Febvre escreveu uma passagem que se tornou emblemática em meio aos esforços de permitir novas leituras e abordagens dos contextos sociais, econômicos, políticos e culturais:

A História faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas ela pode fazer-se, ela deve fazer-se sem documentos escritos, se os não houver. Com tudo o que o engenheiro do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, à falta de flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas. Com formas de cultivo e ervas daninhas. Com eclipses da lua e cangas dos bois. Com enxames de pedras por geólogos e análises de espadas de metais por químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem (Febvre *apud* Nascimento, 2016, p. 129).

Sem descartar a primazia da escrita, o historiador francês faz uso de uma linguagem plástica para expandir a potencialidade daquilo que pode ser considerado signo documental. Nesses termos, a atividade humana assume papel decisivo para garantir a expressão de algo que pode se tornar documento sob os olhos argutos do pesquisador.

Além da historiografia, outras áreas do conhecimento também contribuíram para que o documento não ficasse restrito aos cânones dos registros escritos. Bastante referenciado nos estudos acerca da documentação, Paul Otlet teceu importantes reflexões na primeira metade do século XX. Com o intuito de superar a noção restrita de documento como algo escrito, Otlet o qualifica como representante de ideias ou objetos, podendo alcançar o formato tridimensional. Somada à versão corriqueira de palavras inscritas nos textos, os documentos são e estão nas coisas concretas da nossa

realidade, em uma perspectiva ampla de concebê-los como formas materiais de se registrar algo. Defensor de uma visão holística do mundo, Paul Otlet acreditava que a riqueza documental estava nas conexões possíveis entre os documentos nos seus mais diversos formatos: “A ideia era reunir, correlacionar, integrar e criar múltiplas representações do conhecimento, que haviam sido produzidas e disseminadas aleatoriamente, e que por isso se mostravam fragmentadas, dispersas, repetitivas, sujeitas a erros e incompletas” (Otlet, 2018, p. 14). Nessa medida, o trabalho dos profissionais da documentação seria o de propiciar redes conectivas em prol da produção de conhecimento com base em uma ampla, criativa e sensível base documental.

O campo do patrimônio cultural apropriou-se, paulatinamente, desse tipo de visão mais abrangente de documento. Os esforços de pesquisa acionaram uma perspectiva interdisciplinar em especial a partir dos anos 1980, quando a produção científica da área potencializou novos olhares para o patrimônio. Destaca-se, portanto, o entendimento dos bens culturais como documentos, na medida em que há um rico manancial de informações que estão materializadas nesses artefatos representativos da nossa cultura (Motta, 2011, pp. 2-3). Isso não significa adotar a postura de desvelar supostos signos que estão à espera de serem descobertos; muito pelo contrário, a atitude consiste em questionar, através dos diversos bens culturais, em que medida informações podem ser lidas a partir de perguntas que levem em consideração as ideias de mudanças, permanências, rupturas e continuidades nos diferentes contextos históricos. Ou seja, vislumbrar os bens culturais como potenciais fontes documentais para a construção de um conhecimento interdisciplinar acerca do patrimônio cultural.

Os centros históricos podem facilitar nossa percepção acerca das possíveis relações entre documentação e bens culturais. Se anteriormente a concepção da “cidade-monumento” era predominante nas políticas preservacionistas – haja vista que a cidade recebia um tratamento de obra de arte a ser descoberta e/ou identificada, em consonância com a ideia estética de valor nacional excepcional –, a perspectiva da “cidade-documento” ofereceu novas possibilidades de apreender os conjuntos urbanos como organismos vivos e em constante mutação. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) agregou, na década de 1980, essa virada cognitiva de apropriar os sítios urbanos através de uma linguagem documental das suas formas. “Esse processo contribuiu para o entendimento da cidade como lugar socialmente produzido, onde se acumulam vestígios culturais sucessivos resultantes da permanente apropriação das coisas do passado, documentando a trajetória de uma sociedade” (Iphan, 2001, p. 13). Ao analisar o tombamento pioneiro do centro histórico de Laguna, estado de Santa Catarina, Flávia Brito do Nascimento frisa que a medida preservacionista se ancorou em justificativas inovadoras para a época: ao

invés de valorizar determinados traços arquitetônicos já bastante consagrados pelo Iphan, o mote foi a cidade como expressão documental de uma história que, longe de ser meramente factual, trazia marcas de um processo de ocupação do sítio urbano. A arquiteta e historiadora é enfática ao constatar que:

A possibilidade de entender os bens culturais, especificamente os centros históricos, como fontes documentais viabilizou, a nosso ver, a proteção de bens imóveis que dificilmente encontrariam possibilidade de preservação nos conceitos da excepcionalidade determinada pela legislação federal de tombamento (Nascimento, 2016, p. 131).

Além de ampliar o leque de opções sobre quais conjuntos urbanos têm potencial para receber a proteção legal do tombamento, a perspectiva de tratar a cidade como documento possibilita que outros agentes entrem em cena no processo de construção simbólica sobre o local onde moram, transitam, fruem e compartilham suas experiências. A ideia de uma história escrita a partir de outros marcos que prezem pela diversidade das formas urbanas – tanto nos aspectos físicos e naturais do sítio, como nas construções heterogêneas que dialogam com as diferentes ocupações do território – mostra-se, portanto, como desafio permanente do nosso olhar em provocar novas e inquietantes perguntas sobre o que pode ser considerando documento.

Tratar os documentos como fontes de pesquisa pressupõe adotar uma postura crítica, acurada, reflexiva e propositiva no exercício de problematização. As fontes funcionam como espécies de mediadoras na busca de informações do nosso tempo e de outras temporalidades; a documentação nos permite acessar e estabelecer pontes de diálogos com vários objetos, temas e problemas de um contexto histórico específico. Por sua vez, interessa não perder de vista que toda e qualquer fonte tem suas limitações. Um documento carrega velados silêncios e omissões. Há dimensões do não-dito que podem ser exploradas no exercício de dissecar a documentação. Nessa toada, o pesquisador necessita da perspicácia para perceber o potencial e o limite que sua leitura poderá extrair de determinada representação sem correr riscos de ser demasiadamente ingênuo ou anacrônico. Analisar de maneira pormenorizada os tipos de linguagens presentes no documento permite percebê-lo como constructo social dotado de camadas temporais que se formam a partir do agenciamento de diferentes sujeitos. Reforça-se, portanto, a necessidade constante de desconfiar das fontes, questioná-las, contextualizá-las com vistas a criar conexões possíveis entre as perguntas do pesquisador, assim como identificar os formatos e conteúdos materializados nos documentos.

As fontes permitem acessos a diversos tipos de eventos, objetos e ações humanas. A acessibilidade a outros tempos de diferentes lugares, os quais têm outras refe-

rências em relação ao pesquisador, possibilita ter contato com agentes distintos; o exercício da alteridade é, nesse sentido, uma constante na proposta de desconstruir criticamente um documento. A postura de indagar as circunstâncias de produção das fontes, assim como das suas respectivas circulações, mostra-se como estratégia fundamental para o tratamento das mesmas. Trata-se, sobretudo, de uma prática de leitura crítica permeada de boas perguntas: como e por que foram produzidas? De que formas passaram a ser utilizadas? Em que medida ficaram silenciadas e esquecidas? Quais são seus formatos que se interligam, semanticamente, aos conteúdos nelas vinculados? Lançar questões nos abrem caminhos para respostas que não são definitivas e autossuficientes. Pelo contrário, o exercício propositivo da dúvida permite abordagens inovadoras a respeito dos documentos que, uma vez reinventados nas suas próprias existências, incentivam uma atitude propositiva diante dos desafios que a pesquisa nos apresenta a todo momento.

Quanto às especificidades da investigação científica com temas do patrimônio cultural, a atitude de ler criticamente as fontes precisa ser sempre revigorada. A miríade de documentos se desenrola num inesgotável rol de itens que podem ser acessados sob diferentes olhares: processos de tombamento e de registro de bens culturais; inventários de acervos das diversas categorias; planos diretores de cidades; instrumentos de salvaguarda de bens acautelados; sítios urbanos captados com base nas suas materialidades e imaterialidades; cartas e tratados acordados em encontros diplomáticos internacionais; mapas, plantas e croquis elaborados por técnicos dos órgãos preservacionistas; entrevistas produzidas em encontros mediados com detentores e agentes do campo do patrimônio; obras literárias que abordem temáticas culturais abertas ao exercício da pluralidade de visões; leis, portarias e todo aparato jurídico em torno das medidas de proteção ao patrimônio cultural; fotografias e pinturas produzidas no exercício da lida patrimonial; e registros colhidos a partir da imersão em práticas culturais imbuídas de sentidos e valores compartilhados por uma determinada coletividade são alguns exemplos de como o leque de possibilidades para abordar a temática patrimonial pode ser constantemente construída pelos pesquisadores³.

Pioneira nos estudos e reflexões sobre a importância da participação do historiador nas pesquisas desenvolvidas no campo do patrimônio, Márcia Chuva é bastante esclarecedora ao problematizar como um bem arquitetônico pode ser abordado criticamente:

3. O presente parágrafo e os dois anteriores foram escritos com base nas minhas anotações quando assisti à aula dos professores Claudia Leal e Luciano Teixeira no Mestrado Profissional do Iphan (PEP). Aula ministrada no dia 22/10/2020, através de plataforma digital, como parte integrante da disciplina Metodologia de Pesquisa da Turma 2020 do PEP.

Podemos pensar num exemplo: uma Casa de Câmara e Cadeia. Ela é uma fonte, ela tem várias linguagens a serem decifradas – a técnica construtiva; o aspecto estético; os usos que teve e a hierarquia dos seus espaços internos, que informam sobre uma dada realidade social; a apropriação que dela se fez historicamente até os dias de hoje; a mão de obra utilizada na época em que foi construída; as restaurações, se teve, informando sobre novas visões a respeito do mesmo objeto etc.

Falei que realidade existe. Afirmo agora que a fonte é nossa escolha – transformamos os ‘objetos’ que existem, materiais ou não, em fontes. A fonte nasce e se organiza a partir de uma necessidade de recriar algum passado, uma memória específica do seu passado. Cada geração tem uma memória específica e essas memórias se constroem a todo momento. A fonte já contém o que tenho em mente na minha ação. Falamos através da nossa própria fala, que é o nosso presente; nós sempre falamos dos outros, e não pelos outros (Chuva, 1998, p. 44).

Para além da aparência de um simples monumento, as edificações carregam as marcas de serem documentos em constante transformação e permanência. A depender do tipo de pesquisador e da proposta de olhar projetado no e pelo bem cultural, as perguntas permitirão leituras criativas acerca do documento que se mostra como fonte aberta ao diálogo, às perspectivas temporais e aos fazimentos de se compreender o mundo através de lentes marcadas pela heterogeneidade das gerações passadas, presentes e vindouras.

Reconhecimentos formais do documento como patrimônio

Apesar dos documentos estarem representados em variados formatos e dispersos nos mais diferentes lugares, os arquivos são os lugares de memória, por excelência, dos acervos documentais (Nora, 1993, p. 14). É interessante perceber que as fronteiras da documentação são muito tênues e permeáveis. Isso porque podemos encontrar documentos arquivísticos sob guarda de bibliotecas e museus que, a princípio, priorizariam os tratamentos de outros tipos documentais: enquanto o principal item documental dos acervos bibliográficos são as publicações nos formatos de livros, nos museus o documento que se torna item museológico abarca um amplo escopo de objetos tridimensionais. Por sua vez, as coisas musealizadas são exemplares únicos, enquanto os itens que compõem uma biblioteca podem ser repetidos. Já os arquivos agregam documentos mais no sentido *strito senso* do termo, ou seja, podemos considerar o acervo arquivístico como “conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho das suas atividades, independente da natureza dos suportes” (Arquivo Nacional, 2005, p. 27). Tal definição é abrangente e flexível, tanto que existe a guarda de documentos

arquivísticos em acervos de bibliotecas e museus, assim como se nota a ocorrência de arquivos correntes nos interiores de instituições museológicas e bibliotecárias.

Apesar da importância de se refletir sobre as especificidades e porosidades entre as áreas do conhecimento da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, assim como o perfil marcadamente complexo das constituições dos nossos acervos documentais, o foco da seção do presente texto se restringe aos acervos arquivísticos localizados em instituições de memória. Considerando esse tipo de bem permanente constituído formalmente através dos meandros das trajetórias institucionais, cabe indagar algo basilar para nossa compreensão: todo e qualquer arquivo preservado por alguma instituição pública ou privada pode ser considerado patrimônio cultural? Se formos adotar uma perspectiva mais ampla e menos formalista do ponto de vista dos instrumentos de patrimonialização, a possibilidade de resposta é ‘sim’. Caso optemos por um viés especializado, atento às nuances dos processos de atribuição de valor patrimonial, a nossa resposta passa a ser ‘depende’. Em ambos os casos existe algo em comum: a concepção de que os arquivos são espaços fundamentais para que a preservação das fontes de pesquisa seja um dos sustentáculos da produção do conhecimento científico.

Na hipótese de considerar todo e qualquer acervo arquivístico preservado como bem patrimonial, interessa pensar na trajetória dos documentos para que fique mais clara a dimensão da constituição dos próprios arquivos. Quando um determinado documento é criado no âmbito do serviço público, por exemplo, há intencionalidades que nortearam a produção por parte do agente responsável – afinal, todo e qualquer documento tem alguma finalidade inicial. Na sequência, com base no processo de tramitação desse hipotético documento, existem formas de classificá-lo de acordo com regras arquivísticas que buscam gerir a informação do denominado acervo corrente. A depender da sua utilização cotidiana, um grupo de documentos pode ficar bastante tempo numa espécie de latência, cuja atividade da avaliação documental será decisiva para definir se parte do arquivo intermediário será descartado e/ou mantido, mediante critérios estabelecidos por comissões interdisciplinares; estas, por sua vez, aprovam instrumentos como as tabelas de temporalidade que definem prazos de validade dos documentos não permanentes. No caso dos grupos de documentos preservados, entram em cena os esforços para organizar e acessar a massa documental que passa a receber o sugestivo nome de acervo histórico. A partir dessa configuração, os instrumentos de pesquisa dos arquivos tornam-se os principais meios de acessar a documentação histórica.

A sucinta descrição do parágrafo anterior não abarca as inúmeras intercorrências que são típicas dos cotidianos das instituições. Muitas são as dificuldades de gestão documental no âmbito do serviço público e, também, na seara das instituições

privadas. Especialistas apontam a explosão documental como característica típica do período pós Segunda Guerra Mundial (Santos, 2008, pp. 85-95), o que de fato é observável também no cenário contemporâneo. Ainda que tenhamos avançado bastante no quesito do aparato tecnológico – incorporando novas ferramentas digitais na nossa forma de produzir, tramitar, acessar e armazenar a documentação – a avalanche de informações nos coloca um desafio ainda maior de gerir os documentos de diferentes suportes constituidores dos acervos arquivísticos. E, em meio a esse cenário que expõe o dilema entre o que preservar ou não, além dos riscos iminentes das perdas que possam vir a ocorrer em qualquer momento, há de se reconhecer que aquilo que se mantém como acervo preservado pode ser considerado, em grande medida, um patrimônio de todos. Ao dicionarizar o binômio “Patrimônio e Acervos”, Zita Possamai esclarece que:

Desse modo, acervo designa um conjunto de bens estabelecidos como patrimônio de uma instituição ou de uma coletividade, e, nesse sentido, sua preservação é assegurada às futuras gerações pelos valores que representa à sociedade, sejam estes de caráter histórico, cultural, artístico, afetivo, de raridade ou ineditismo, entre outros. Assim, a existência de acervos envolve, por um lado, um acúmulo realizado no decurso do tempo, quer por pessoas, grupos, associações ou instituições. Por outro lado, a perenidade de qualquer acervo é assegurada pelo desejo de conservação e pela atribuição de valores, por indivíduos, instituições e pela sociedade, ao conjunto reunido (Possamai, 2020, p. 47).

Verticalizando nosso olhar para os acervos arquivísticos e, se considerarmos as dificuldades enfrentadas pelas instituições brasileiras nos variados contextos, não há dúvida de que a preservação de determinado arquivo é um objetivo difícil de ser alcançado. Se pensarmos na quantidade de registros do passado que se esvaíram em função das dificuldades de manter serviços mínimos de preservação e conservação, os acervos hoje preservados podem receber o atributo de serem sobreviventes de situações-limites enfrentadas nos cotidianos das instituições. Ainda que tenhamos avanços jurídicos que garantam nosso direito à memória, a preservação de documentos de arquivos precisa ser uma constante. A Constituição Federal de 1988 traz no seu artigo 23, como competência compartilhada da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, o dever de preservar os variados tipos de acervos: “... proteger os *documentos*, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos” [grifo nosso]. Considerando que a ideia de documento abrange um amplo rol de registros, cabe a nós exigirmos aprimoramentos e aperfeiçoamentos para que o patrimônio documental seja mais amplamente reconhecido e fortalecido.

Um dos instrumentos jurídicos importantes que se consolidou a partir das discussões da Constituinte foi a conhecida “Lei de Arquivos”, oficializada através da lei federal n. 8.159 de 1991. Em vigor até os dias de hoje, tal aparato jurídico estabeleceu diretrizes para a política nacional de arquivos públicos e privados e o início dos trabalhos do Conselho Nacional de Arquivos (Conarq). A legislação é marcadamente técnica e conceitual – traz, por exemplo, a definição de gestão documental –⁴, além de reforçar a necessidade de estabelecer critérios mínimos de acesso aos arquivos, demanda cara aos segmentos sociais que permaneciam mobilizados após a censura do regime militar. Ademais, a “Lei de Arquivos” explicita o dever do Estado em promover a gestão e proteção dos documentos, entendidos como “instrumento de apoio à administração, à cultura, ao desenvolvimento científico e como elementos de prova e informação”⁵; as qualificações atribuídas à documentação incorporavam o desejo coletivo de uma sociedade mais plural nesse contexto brasileiro de redemocratização.

Após um período de duas décadas em que houve avanços significativos nas melhorias da gestão documental do país, ainda que muitos processos iniciados nas instituições sofressem interrupções de projetos, a legislação arquivística incorporou diretrizes e práticas experienciadas no Brasil. No ano de 2011 promulgou-se a nova “Lei de Acesso à Informação” (LAI)⁶, seguida do seu respectivo decreto regulamentador,⁷ e os primeiros balanços técnicos sobre a LAI começaram a sair tão logo ocorreu a sua implantação⁸, manuais contemporâneos de tratamento arquivístico qualificam a Lei de Acesso à Informação como um instrumento de aperfeiçoamento da democracia brasileira, sob o respaldo do preceito constitucional da transparência pública. Por sua vez, de nada adianta a legislação recomendar uma série de medidas se as instituições não estiverem preparadas para implantar e manter um programa contínuo de gestão documental. Nessa medida, para que não se torne uma legislação inócua, alerta-se para “... o grande desafio de criar as condições e construir os mecanismos, de natureza administrativa, técnica e operacional, para assegurar o seu efetivo cumprimento” (Jardim, 2013).

A perspectiva de acessibilidade aos arquivos precisa avançar concomitantemente às medidas de proteção dos próprios acervos documentais. O binômio ‘preservação e acesso’ se consolidou como um dos principais eixos norteadores da área da documentação, porém o ato de preservar recebeu mais atenção ao longo do tempo; o debate

4. De acordo com os termos da Lei Federal n. 8.159/1991, “Art. 3º Considera-se gestão de documentos o conjunto de procedimentos e operações técnicas referentes à sua produção, tramitação, uso, avaliação e arquivamento em fase corrente e intermediária, visando a sua eliminação ou recolhimento para guarda permanente”.

5. Trecho retirado do artigo 1º da Lei Federal n. 8.159 de 08/01/1991.

6. Lei Federal n. 12.527 de 18/11/2011.

7. Decreto Federal n. 7.724 de 16/05/2012.

8. Para um exemplo das primeiras abordagens críticas à Lei de Acesso à Informação, ver Jardim, 2013.

mais amplo sobre acesso aos arquivos é pauta das últimas décadas. A ideia de preservar o acervo físico, por exemplo, já tinha uma atenção especial antes da promulgação da Lei de Acesso à Informação de 2011. De uma perspectiva punitiva, citam-se o artigo 305 do Código Penal de 1940, a Lei Federal n. 9.605, de 12/02/1998, e o Decreto Federal n. 6.514, de 22/07/2008, que preveem punições àqueles que cometerem destruição, inutilização ou deterioração dos documentos públicos ou protegidos. Por sua vez, a Constituição Federal de 1988 foi a nossa primeira Carta Magna que explicitou o termo “documentação”: “cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear a consulta a quantos dela necessitarem”⁹. Considerando que a ideia de “gestão da documentação” agrega as dimensões de trocas e complementariedade entre preservação e acesso, pode-se afirmar que os arquivos ganharam mais respaldo através do aparato jurídico maturado nos últimos trinta anos.

Por outro lado, se nosso olhar for mais especializado a partir das políticas patrimoniais, podemos retomar uma pergunta lançada anteriormente: considerando os mais variados tipos de acervos arquivísticos preservados, podemos atribuir valor de patrimônio para alguns conjuntos de documentos que são partes constituintes desses arquivos? É possível qualificar trechos da documentação histórica dos arquivos como representativos do patrimônio cultural? Novamente a Constituição Federal de 1988 nos oferece um ótimo ponto de partida para pensarmos nessas questões. O conhecido artigo 216, que traz no seu bojo uma definição alargada e heterogênea daquilo que pode vir a ser considerado patrimônio, elenca em seus incisos uma série de bens passíveis de patrimonialização:

Artigo 216 – Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

[...]

IV – as obras, objetos, *documentos*, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais [grifo nosso].

Dentro da proposta de patrimonializar bens que não se enquadram nas noções estéticas de excepcionalidade, os documentos são possibilidades para pensar outras narrativas que não se ancorem apenas nos bens imóveis já consagrados das políticas de preservação. Ainda que houvesse o risco de selecionar somente a documentação vista como ‘reliquia’ ou ‘raridade’, a ideia de maior representatividade dos grupos

9. Artigo 216, inciso IV, parágrafo 2º da Constituição Federal de 1988.

sociais, a partir da Constituinte de 1988, sugere um viés mais plural e heterogêneo dos arquivos que podem receber o atributo de patrimônio cultural. Nesses termos, a patrimonialização de acervos documentais abarca tanto a parte dos suportes com base nos quais o documento se auto constitui e existe, como a dimensão simbólica da documentação com “suas representações, as informações que contêm, as interpretações da realidade às quais se filiam, o ambiente histórico em que foram produzidos e as diversas formas de apropriação vivenciadas ao longo do tempo” (Chuva e Andrade, 2003, pp. 138-139).

Atualmente existem três instrumentos de reconhecimento dos acervos arquivísticos como patrimônio: tombamento por parte de órgãos preservacionistas, declaração de interesse público e social pelo Conselho Nacional de Arquivos (Conarq) e registro como Memória do Mundo através da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). A patrimonialização ocorre, portanto, por diferentes instituições que cancelam o reconhecimento através de títulos simbólicos. Cada instrumento tem a sua especificidade e, por vezes, um pode se sobrepor ao outro nos processos de valoração do patrimônio documental; há, também, casos em que a soma desses tipos de reconhecimentos vira uma espécie de trunfo para que instituições detentoras dos acervos reconhecidos consigam maiores recursos com vistas a aprimorarem suas próprias gestões preservacionistas. Ou seja, o capital simbólico adquirido a partir do título de patrimônio documental pode ser muito importante para que um determinado arquivo consiga angariar recursos financeiros e logísticos para sua própria existência.

De acordo com Sonia Rabello, o tombamento “é a forma mais antiga e consolidada de preservação do patrimônio cultural”, e após a sua criação via Decreto-lei n. 25 de 1937, “foi recepcionado pela Constituição de 1988, na qual o conceito ampliado de patrimônio cultural insere esse instrumento como uma espécie dentre as diversas do gênero da preservação, dirigido a determinados tipos de bens” (Rabello, 2009, p. 1). Tal dispositivo legal consolidou-se como marca de atuação do Iphan em nível federal, expandindo-se para as esferas estaduais e municipais através de órgãos ligados às secretarias de cultura. Ao longo da sua trajetória institucional, o Iphan pouco tombou acervos de arquivos e bibliotecas. Geralmente esses bens receberam essa proteção jurídica por estarem situados nos interiores de imóveis de interesse arquitetônico – igrejas, conventos, museus, dentre outros –, sem que isso significasse um pleno conhecimento dos itens desses acervos¹⁰.

10. A Resolução do Conselho Consultivo do Iphan, de 13/08/1985, estabeleceu que todos os acervos de bens móveis, localizados nos interiores de bens tombados desde 1938, passariam a ter a mesma proteção jurídica.

Para subsidiar nossas colocações do parágrafo anterior, tomamos como referência uma tabela denominada “Controle de Bens Tombados”, elaborada pelo Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização (Depam) do Iphan¹¹, a qual estabelece 16 categorias de bens culturais¹² dentre outras variáveis a fim de possibilitar algumas leituras sobre os Processos de Tombamento abertos desde 1938. Do total de 1.263 bens tombados, apenas 22 estão enquadrados na categoria “Coleções e Acervos”, dos quais somente cinco se alinham às características de documentação arquivística e bibliográfica: Coleção Mário de Andrade do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP); Partituras de Villa-Lobos, depositadas no museu homônimo, pertencente ao Instituto Brasileiro de Museus (Ibram); Acervo do Museu de Imagens do Inconsciente do Rio de Janeiro; Acervo Histórico da Discoteca Oneyda Alvarenga, pertencente ao Centro Cultural São Paulo; e Pergaminhos da Torá, integrantes do acervo do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro¹³.

Já a declaração de interesse público e social dos arquivos privados, sejam acervos pessoais ou institucionais, consiste num instrumento valorativo previsto desde a já mencionada Lei de Arquivos de 1991. Gestada a partir dos debates técnicos nutridos no interior do campo arquivístico, traz a exigência de que os acervos “sejam considerados como conjuntos de fontes relevantes para a história e desenvolvimento científico nacional”¹⁴. O primeiro acervo foi reconhecido como de interesse público e social somente em 2004¹⁵: estabelecida uma comissão de três técnicos nomeada pelo Conarq, os especialistas visitam o local de guarda e emitem um parecer que é avaliado e votado pelos membros do Conarq. Após esse sequenciamento, iniciam-se trâmites administrativos que culminam na publicação do decreto do presidente da República. Há um ponto de confluência com o tombamento, previsto no Decreto

11. Uma versão adaptada da tabela, destinada ao público geral e com dados mais enxutos, encontra-se disponível no portal do Iphan: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>

12. As 16 categorias de bens culturais estipuladas são: Bem Paleontológico; Bens Móveis e Integrados; Coleções e Acervos; Coleções e Acervos Arqueológicos; Conjunto Arquitetônico; Conjunto Rural; Conjunto Urbano; Edificação; Edificação e Acervo; Equipamentos e Infraestrutura Urbana; Jardim Histórico; Paisagem; Quilombo; Ruína; Sítio Arqueológico; Terreiro.

13. Os pergaminhos da Torá são documentos da cultura hebraica, adquiridos por Dom Pedro II, e são considerados por especialistas como um dos mais antigos do judaísmo. À época do incêndio de grandes proporções do Museu Nacional, em setembro de 2018, estavam no setor de restauração que ficou ileso do sinistro ocorrido na Quinta da Boa Vista. Informações retiradas de: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/pergaminhos-da-tora-escapam-de-incendio-no-museu-nacional/>, consultado em 05 de setembro de 2022.

14. Trecho do artigo 12 da Lei Federal n. 8.159 de 1991.

15. Trata-se do acervo documental privado de Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho, cuja instituição custodiadora é o Centro de Cidadania Barbosa Lima Sobrinho.

4.073/2002, em que se afirma que “são automaticamente considerados documentos privados de interesse público e social os arquivos e documentos privados tombados pelo Poder Público”¹⁶. Esse tipo de situação ainda não se aplicou aos quinze acervos¹⁷ que já receberam parecer favorável do Conarq. Nessa medida, pode-se entender que a declaração de interesse público e federal veio preencher uma demanda das instituições detentoras de acervos documentais: apesar de reconhecerem a importância do tombamento, acionaram um dispositivo mais especializado para a lida com arquivos históricos de entidades privadas.

Por sua vez, o instrumento adotado pela Unesco desde 1992, quando da criação do Programa Memória do Mundo (MOW)¹⁸, recebeu o nome de inscrição e/ou registro. O MOW consiste em uma iniciativa da Unesco em prol da preservação e do amplo acesso aos acervos documentais localizados principalmente em arquivos e bibliotecas. O registro de Memória do Mundo, concedido aos documentos cujas significâncias são valoradas com base em critérios preestabelecidos pela organização é o aspecto mais visível do MOW; as obtenções desses títulos acontecem via editais públicos, quando as candidaturas são apresentadas em formulários próprios. Segundo a Unesco, todos os acervos reconhecidos como Memória do Mundo devem ter significância mundial; já a concepção de influência complementa a titulação dos acervos patrimonializados, cujas variações se alternam entre internacional, regional e nacional. Ou seja, os registros podem ser Memória do Mundo Internacional, Memória do Mundo Regional e Memória do Mundo Nacional, demonstrando uma sobreposta complexidade entre as fronteiras estabelecidas pela Unesco.

A mencionada influência encontra correspondência com a estrutura de funcionamento do MOW: além do Comitê Internacional, constituído por membros estrangeiros e alicerçado pelos serviços da Secretaria do Programa, localizada na sede da Unesco em Paris, existem três Comitês Regionais – Africano; Ásia e Pacífico; América Latina e Caribe – e 91 Comitês Nacionais, contabilizados até o ano de 2021. Estes últimos encontram-se agrupados de acordo com a divisão geopolítica

16. Há, ainda, outras duas situações em que os documentos são automaticamente considerados como de interesse público e social: “os arquivos presidenciais” e “os registros civis de arquivos de entidades religiosas produzidos anteriormente à vigência da Lei n. 3.071, de 01/01/1916” (também conhecido como Código Civil de 1916).

17. Os 15 acervos declarados de interesse público e social são: Barbosa Lima Sobrinho; Associação Brasileira de Educação; Companhia e Cervejaria Brahma; Companhia Antártica Paulista; Glauber Rocha; Atlântida Cinematográfica; Darcy Ribeiro; Berta Gleizer Ribeiro; Oscar Niemeyer; Abdias Nascimento; César Lattes; Paulo Freire; Cúria Diocesana de Nova Iguaçu; Dom Lucas Moreira Neves; e Associação Circo Voador.

18. Sigla, em inglês, para *Memory of the World*. O termo MOW é frequentemente utilizado pela Unesco e pelos agentes do Programa nos diferentes países, inclusive no Brasil.

da Organização das Nações Unidas (ONU), tendo na Europa e América do Norte o maior número de países integrantes: 28 Estados-Membros. A América Latina e Caribe aglutinam 24 países, seguida por Ásia e Pacífico (16), África (16) e Estados Árabes (7). Os editais do Comitê Internacional ocorrem a cada dois anos, quando se abrem oportunidades para os registros internacionais de acervos como patrimônio da humanidade.

No caso do Comitê MOW Brasil, o registro e/ou nomeação concedido aos arquivos é quantitativamente bem mais acionado se comparado ao tombamento por parte do Iphan e à declaração de interesse público e social do Conarq. O primeiro edital do Memória do Mundo no Brasil foi lançado em 2007 e, após de mais de uma década de funcionamento, contabiliza 101 acervos nominados. Dentre as várias candidaturas já contempladas, destacam-se acervos cujas temáticas versam sobre temas estruturantes da nossa história como escravidão, formação das cidades, política indigenista, campo científico e lutas contra a censura e o autoritarismo da ditadura civil militar brasileira de 1964 a 1985. Se pensarmos que o MOW Brasil já reconheceu acervos constituídos em torno de nomes como Abdias do Nascimento, Nise da Silveira e Paulo Freire, além de coleções de documentos de instituições de importância como Instituto Butantan, Fundação Nacional do Índio (Funai), Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e Cinemateca Brasileira – muitas atacados no contexto de tentativas de sucateamento do serviço público e de desinformação e negacionismo agravados pela pandemia da Covid-19 –, interessa destacar o MOW como uma das ferramentas primordiais para que nossas memórias não sejam esquecidas e desvalorizadas.

Diante das incertezas do presente e do futuro próximo, a noção plural de documento pode ser pragmática para se manter uma perspectiva de patrimônio coletivo e democrático. A ideia de arquivos abertos ao diálogo, fundamentais para as construções de histórias e memórias da nossa sociedade, é basilar para que nossos direitos sociais conquistados sejam preservados e, sempre que possível, ampliados e aperfeiçoados. (Re)pensar o patrimônio cultural através da chave da documentação se mostra como alternativa atraente para enfrentarmos tempos difíceis de crises ambiental, climática, sanitária, política e social. A apropriação dos documentos nos fortalece na leitura de mundo mais crítica, imprescindível para compreender nosso papel como agentes de contextos históricos permeados de lutas e disputas em torno da definição do que é patrimônio.

Referências Bibliográficas

- APESP, Arquivo Público do Estado de São Paulo. (2014), *Política Pública de Arquivos e Gestão Documental do Estado de São Paulo*. São Paulo, Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- ARQUIVO NACIONAL. (2005), *Dicionário Brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional.
- BURKE, Peter. (1992), “Abertura: A Nova História, seu passado e seu futuro”. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista.
- CHUVA, Márcia. (1998), “A História como instrumento de identificação dos bens culturais”. In: MOTTA, Lia & SILVA, Maria Beatriz de Resende. *Inventários de identificação: um programa da experiência brasileira*. Rio de Janeiro, Iphan.
- CHUVA, Márcia & ANDRADE, Luiz Cristiano de. (2003), “Papeis monumentais: a cidade do Rio de Janeiro e o patrimônio documental brasileiro Brasil”. *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, 35: 135-152.
- GONÇALVES, José Reginaldo (2009), “O patrimônio como categoria de pensamento”. In: ABREU, Regina & CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro, Lamparina.
- IPHAN. (2001), *Inventário Nacional de Bens Imóveis: sítios urbanos tombados: Manual de preenchimento, versão 2001*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Departamento de Identificação e Documentação.
- JARDIM, José Maria. (2013), “A implantação da lei de acesso à informação pública e a gestão da informação arquivística governamental”. *Liinc em Revista*, 9(2): 383-405, novembro.
- LE GOFF, Jacques. (2013), “Documento/Monumento”. In: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, Editora da Unicamp.
- LEAL, Claudia Baeta & TEIXEIRA, Luciano dos Santos. (2020). Aula ministrada no dia 22/10/2020, através de plataforma digital, como parte integrante da disciplina Metodologia de Pesquisa da Turma 2020 do PEP.
- LÖWY, Michael. (2005), *Walter Benjamin: Aviso de incêndio. Uma leitura das teses ‘Sobre o conceito de história’*. São Paulo, Boitempo.
- MOTTA, Lia. (2011), “Arquivos e o patrimônio da arquitetura: um diálogo necessário”. *Anais do Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação: desafios e perspectivas*, Belo Horizonte, IEDS.
- NASCIMENTO, Flávia. (2016), “Patrimônio Cultural e escrita da história: a hipótese do documento na prática do Iphan nos anos 1980”. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, 24(3): 121-147, setembro-dezembro.
- NORA, Pierre. (1993), “Entre memória e história. A problemática dos lugares”. *Projeto História*, n. 10. São Paulo, Educ, pp. 7-28.

- OTLET, Paul. (2018), *Tratado de documentação: o livro sobre o livro teoria e prática*. Brasília, Briquet de Lemos/Livros, 2018.
- POSSAMAI, Zita. (2020), Patrimônio e Acervos. In: CARVALHO, Aline & MENEGUELLO, Cristina (Orgs.). *Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos*. Campinas, Editora da Unicamp.
- RABELLO, Sonia. (2009), *O Estado na preservação dos bens culturais: o tombamento*. Rio de Janeiro, Iphan.
- SALOMÃO, Marlon. (2011), *Saber dos Arquivos*. São Paulo, Edições Ricochete.
- SANTOS, Paulo Roberto Elian dos. (2008), *Arquivística no Laboratório: história, teoria e métodos de uma disciplina*. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Resumo

Documento e patrimônio entre usos e reflexões

O artigo problematiza os processos de atribuição de valor de patrimônio cultural aos documentos históricos. Para isso, adota duas perspectivas complementares: a noção alargada de fonte de pesquisa e seu exercício constante de provocar reflexões, assim como destaca práticas mobilizadas em prol do reconhecimento dos acervos documentais como bens suscetíveis à patrimonialização. Com base em instrumentos acionados pelo campo do patrimônio cultural – tombamento, declaração de interesse público e social e registro do Memória do Mundo – destaca-se que os documentos podem ser apropriados por olhares interdisciplinares. Transformar a documentação histórica em patrimônio é, portanto, um processo de leitura crítica do próprio acervo documental. Palavras-chave: Documento; Patrimônio; Interdisciplinaridade.

Abstract

Document and heritage between uses and reflections

The article problematizes the processes of attribution of value of cultural heritage to historical documents. For this, it adopts two complementary perspectives: the broad notion of research source and its constant exercise of provoking reflections, as well as highlighting practices mobilized in favor of the recognition of documentary collections as assets susceptible to patrimonialization. Based on instruments activated by the field of cultural heritage – heritage, declaration of public and social interest and registration of the Memory of the World – it is emphasized that documents can be approached from interdisciplinary perspectives. Transforming historical documentation into heritage is, therefore, a process of critical reading of the documentary collection itself.

Keywords: Document; Patrimony; Interdisciplinarity.

Texto recebido em 05/09/2022 e aprovado em 24/10/2022.

DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2022.201919

HILÁRIO FIGUEIREDO PEREIRA FILHO é doutor em história pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e mestre em história pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Desde 2006 trabalha como historiador no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), onde é professor do Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural (PEP). E-mail: hilario.iphan@gmail.com.



“Saia do Brasil Agora”

Emigração brasileira como ação antecipatória

Kathleen M. Millar*

<https://orcid.org/0000-0001-5931-6008>

Michele A. Fanini**

<https://orcid.org/0000-0003-3211-3950>

Introdução

Em agosto de 2018, a quase dois meses das eleições presidenciais no Brasil, o canal do *YouTube*, *Canadá Diário*, transmitiu o episódio “Saia do Brasil Agora e Vá para o Canadá!”. Com cerca de 420 mil inscritos, o canal, comandado por Dimitri Kosma, um brasileiro que emigrou com a esposa, Fabiana Ferlin, para Vancouver há mais de dez anos, publica vídeos quase diariamente, retratando as experiências de vida de sua família no Canadá (seus dois filhos nasceram em Vancouver), além de informações, conselhos, debates, depoimentos e entrevistas sobre assuntos de interesse dos brasileiros que consideram imigrar para o país em questão ou que já o tenham feito.

Nesse episódio em particular, Kosma entrevista Marilene Quintana, da e-Visa Immigration, agência de imigração por ela fundada em 2014, voltada especialmente para o público brasileiro e que, atualmente, conta com cerca de cinquenta funcionários e escritórios em São Paulo, Vancouver, Toronto e Teerã. A mensagem de Quintana, como bem expressa no título do episódio, é sucinta e enfática: saia do Brasil antes que seja tarde demais. Ao longo do vídeo, Quintana elenca inúmeros motivos para se deixar o país, tocando em temas de grande apelo popular como, por exemplo, violência, instabilidade política e crise econômica. Contudo, o tom emergencial de

* Simon Fraser University, Vancouver, Canadá.

** Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

seu conselho destoa do tipo de vida dos brasileiros que têm emigrado. Em sua fala, a ênfase recai justamente sobre o que pode vir a acontecer caso a situação do Brasil se agrave. Prognóstico, previsão, plano, o risco da espera e a probabilidade de as coisas só piorarem são palavras e frases proferidas repetidamente ao longo da entrevista. Deixar o Brasil, portanto, não é algo apresentado no episódio como uma resposta ao presente, mas como uma ação urgente a ser tomada em antecipação a um futuro ameaçador.

Tomando este exemplo como ponto de partida, propomos aqui analisar a recente fase emigratória brasileira, em cujo cerne se encontram, predominantemente, as classes média e média alta brasileiras, como uma política antecipatória que emerge do que poderíamos denominar de um mal-estar de classe média¹. Por meio da ênfase na noção de antecipação, buscaremos abordar os modos como um evento que ainda não ocorreu e que pode nunca se concretizar produz, a despeito disso, efeitos no presente. A análise se fundamentará em uma pesquisa etnográfica, que se estendeu entre 2019 e 2020, com brasileiros relativamente privilegiados² que haviam chegado fazia poucos anos à Grande Vancouver, região localizada na costa oeste do Canadá³, com a intenção de construir uma nova vida nesse país. A pesquisa envolveu

1. Antes de prosseguirmos, consideramos necessários alguns esclarecimentos terminológicos. Nos últimos anos, têm ocorrido inúmeros debates sobre classe média no Brasil que destacam a sua pluralidade, i.e., a existência não de uma, mas de inúmeras classes médias, incluindo-se aí desde a classe média tradicional até a denominada “nova classe média” (Klein *et al.*, 2018; Kopper e Damo 2018; Souza 2010; Yaacoub, 2011). Também recentemente, em um contexto marcado pela ascensão de uma nova direita no Brasil, o termo *classe média* vem sendo reivindicado como uma espécie de selo de pertencimento político-ideológico por brasileiros identificados com os discursos e as práticas de vieses eminentemente conservadores, reacionários e mesmo antidemocráticos. Diferentemente do sentido empregado no artigo, segundo esta conotação, a expressão “mal-estar de classe média” poderia designar, no limite, o modo como os próprios apoiadores desta nova direita se compreendem. Aqui, a definição propriamente dita de classe média, como trataremos posteriormente, advém tanto da autoclassificação de nossos entrevistados (a maioria se considera pertencente às classes média e média alta no Brasil) quanto de sua disponibilidade de recursos (capital financeiro e capital humano) quando emigraram para o Canadá, evidenciada por meio da estrutura de oportunidades que se pode depreender de seus relatos e dos critérios de seleção e tecnologias de controle dos programas migratórios canadenses, que produzem um perfil desejável de imigrante. O acesso aos recursos necessários para a imigração para o Canadá posiciona nossos entrevistados em uma, por assim dizer, fatia relativamente privilegiada da classe média no Brasil.
2. Por “relativamente privilegiados” estamos nos referindo aos vários indicadores de privilégio de classe, considerando-se que a maioria dos entrevistados descreveu seu padrão de vida como confortável, concluiu curso superior (bem como, ao menos, um dos pais), possuía carreiras profissionais estáveis, casa própria, recursos suficientes para, por exemplo, manter os filhos em escolas particulares e arcar com planos de saúde privados.
3. A região da Grande Vancouver, localizada na província de British Columbia (BC), possui uma população de, aproximadamente, 2,5 milhões de habitantes, da qual fazem parte 21 municipalidades, sendo as principais: Vancouver City, North Vancouver, Burnaby, Richmond, Surrey, White Rock, Coquitlam, Delta, Langley, Maple Ridge, Port Coquitlam, Pitt Meadows, New Westminster e Port Moody. Embora estejamos falando de diferentes cidades, muitas delas estão a apenas uma ou poucas estações de metrô de distância umas das outras.

entrevistas semiestruturadas e individuais com 36 brasileiros residentes na região; conversas casuais e observação participante em condomínios residenciais, parques, restaurantes, lojas e agências de assistência a imigrantes frequentadas por brasileiros; participação em grupos de apoio a brasileiros imigrantes em Vancouver; e etnografia digital de grupos virtuais de ajuda a brasileiros no Canadá ou que planejavam se mudar. Durante o período da pesquisa etnográfica, Michele Fanini também residia em um condomínio no qual viviam, aproximadamente, 25 famílias brasileiras.

Para muitos dos brasileiros com quem conversamos na Grande Vancouver, as razões apontadas para que deixassem o Brasil – a exemplo do aumento do desemprego e da violência urbana – ainda não haviam se materializado em suas vidas. Muitos deles desfrutavam do conforto e dos privilégios de uma vida de classe média e média alta, carreiras profissionais sólidas, casa própria e relativa segurança. Abriram mão de empregos estáveis, venderam seus imóveis e se mudaram para um país que, salvo algumas exceções, nunca haviam visitado e cuja língua falada pouco ou nada dominavam. Chamaram-nos a atenção suas disposições em desenraizarem suas vidas, motivados por uma preocupação em relação a algo que pudesse nunca acontecer. Suas histórias contrastam frontalmente com aquelas veiculadas pelos meios de comunicação sobre os imigrantes que chegam à fronteira dos Estados Unidos vindos de El Salvador, Honduras, Guatemala e outros países da América Central, fugindo de riscos *imediatos*, sob a forma de ameaças de morte a familiares, violência entre gangues e do agravamento da pobreza.

Ainda que o estudo etnográfico tenha como foco de atenção os brasileiros na Grande Vancouver, nossa pesquisa se inscreve em um movimento no qual brasileiros relativamente privilegiados se mudam para países como Portugal, Austrália, Israel e Canadá. Em termos numéricos, os recentes fluxos migratórios de brasileiros para o exterior não possuem precedentes históricos. Considerando-se como parâmetro os levantamentos produzidos pelo Itamaraty a partir de relatórios consulares, estima-se que as saídas tenham mais do que dobrado no intervalo entre o início da década de 2000 e o ano de 2020, passando de 2 milhões para 4.2 milhões. Apenas no intervalo entre 2018 e 2020, o número estimado de nacionais emigrados foi de cerca de 600 mil⁴. Apesar de suas possíveis inconsistências, as estimativas do Itamaraty não deixam de sugerir a magnitude de um fenômeno que parece corresponder à emergência de uma nova fase emigratória brasileira, diferente das demais não apenas numericamente.

Traçando um breve paralelo, os movimentos de saída de brasileiros a partir de meados da década de 1980, que atingiram cifras inéditas para a época, a ponto de

4. Fonte: “Comunidade brasileira no exterior – Estatísticas 2020”. Ministério das Relações Exteriores. 19 jul. 2021.

representarem “uma descontinuidade histórica em um país acostumado a imaginar-se como uma terra de oportunidade para estrangeiros” (Cavalcanti e Oliveira, 2018, p. 99), foram impulsionados, sobretudo, pela deterioração do padrão de vida da população durante a chamada “década perdida”. Tendo como destinos iniciais os Estados Unidos, o Japão e a Europa Ocidental⁵ (Torresan, 2007, p. 103; Almeida e Baeninger, 2016, p. 130), esses deslocamentos eram formados majoritariamente por brasileiros economicamente motivados (Dias e Martins Junior, 2018, p. 117), que concebiam a emigração como uma empreitada individual e provisória. Possuíam uma grande disposição para trabalhar em qualquer tipo de emprego, como na construção civil, em fábricas, em serviços de limpeza, como lavadores de pratos em restaurantes, engraxates, motoristas, manobristas etc., desde que conseguissem acumular alguma reserva e remeter parte dos ganhos aos familiares no Brasil (Margolis, 1990; Menai, 2016).

Contrastivamente, os deslocamentos mais recentes têm sido protagonizados por brasileiros que emigram em família, deixam para trás uma vida confortável e financeiramente estável e se desfazem de seus bens no país de origem (de seus laços materiais), em um claro sinal de que a partida se faz sem a intenção de retorno (Menai, 2016).

Merece ainda destaque o fato de que, nestas dinâmicas recentes, muitos brasileiros têm optado por destinos alternativos aos Estados Unidos, o que se mostra, em parte, sintomático dos impactos da era Trump (2017-2020) sobre as políticas migratórias estadunidenses. O Canadá, nesse sentido, tem se destacado como lugar de destino para um número cada vez maior de brasileiros. Em termos estatísticos, entre 2006 e 2021, ano de publicação do mais recente censo canadense, a população de imigrantes brasileiros no país triplicou, passando de 15.755 para 48.450 (Statistics Canada)⁶.

Nas seções a seguir, pretendemos oferecer três contribuições aos estudos sobre imigração e classe social no Brasil e globalmente. Em primeiro lugar, por meio da análise dos deslocamentos internacionais protagonizados pelas populações relativamente privilegiadas, intentamos complexificar as concepções tradicionais acerca de quem constitui um imigrante. Quanto a isso, Vered Amit (2007), em texto introdutório a uma coletânea de ensaios sobre migração de classe média e elite, nota que há uma tendência, entre os antropólogos, a se conferir maior ênfase às migrações de trabalhadores não qualificados, associando a categoria do imigrante àquela de viajantes sem recursos.

5. Vale acrescentar que o Paraguai também passou a receber um grande número de brasileiros a partir das últimas décadas do século xx, em virtude de uma dinâmica de fronteira (Bógus e Baeninger, 2018, p. 3; Almeida e Baeninger, 2016, p. 130).

6. Incluindo-se neste cômputo apenas os residentes permanentes (que possuam o Permanent Resident card ou a cidadania canadense).

Embora os imigrantes frequentemente enfrentem inúmeras desvantagens nos países de destino, Amit ressalta que a imigração demanda certo grau de recursos e que, além disso, “imigrantes voluntários geralmente não provêm de populações de envio mais pobres e destituídas” (2007, p. 3; Torresan, 2007, p. 106)⁷. Além disso, a categoria de imigrante é não apenas definida quanto à classe social, mas também racializada, o que se dá, sobretudo, por meio do emprego de procedimentos de controle e tecnologias de seleção que distinguem quem é aceitável e apto a ser incorporado ao país de chegada como residente e futuro cidadão (Fassim, 2011). Daí o fato de muitos brasileiros da elite vivendo no exterior recusarem o rótulo de imigrantes, preferindo ser chamados de expatriados, de modo a se descolarem de uma “ideia racializada do imigrante brasileiro típico como sendo pobre, indocumentado, não branco e subalterno” (Robins, 2019, p. 9)⁸. Similarmente, não trataremos o recente movimento de brasileiros para o Canadá a partir de uma categoria preconcebida de imigrante, mas, ao invés disso, na senda de Sayad (1998), como uma trajetória social que inclui as condições e experiências, a um só tempo, da partida de um lar e da chegada e das negociações de um novo.

Em segundo lugar, sustentamos que, nesta recente fase emigratória brasileira, os imigrantes enxergam na mudança de país uma solução definitiva aos sentimentos crescentes e difusos de apreensão e medo em relação ao futuro, especialmente quanto à vida profissional e à violência urbana, que se (re)traduzem no que poderíamos denominar de um mal-estar de classe média. A vida no Canadá é idealizada como um porto seguro onde certos ideais de classe, sintetizados no apreço por valores como segurança e qualidade de vida, podem ser alcançados. A ideia de mal-estar, nesse sentido, nos parece apropriada para encapsular esses sentimentos esparsos de insatisfação, cujas causas, antes de enfaticamente expressas e nomeadas, trazem algo de irresoluto.

Por fim, a ideia de imigração motivada, ao menos em parte, por um mal-estar de classe, aponta para um novo tipo de ação antecipatória. Mais propriamente, a imigração pode ser compreendida como uma forma de preempção. Estamos aqui tomando de empréstimo a tipologia sobre lógicas antecipatórias do geógrafo Ben Anderson (2010), na qual o autor sugere a existência de, pelo menos, três tipos de ação quanto à percepção de futuro: precaução, preparação e preempção.

A precaução é uma medida preventiva diante da identificação de uma ameaça, mesmo que não se saiba de que forma acontecerá. Políticas, acordos internacionais de regulação e outras ações relacionadas à mudança climática antropogênica são claros

7. No original: “voluntary migrants are not usually drawn from among the poorest and most destitute sending populations”.

8. No original: “racialised idea of the typical Brazilian migrant as poor, undocumented, dark skinned, and subaltern”.

exemplos de precaução. Já a lógica da preparação é distinta: no lugar de tentar evitar que uma ameaça ocorra, busca-se mitigar os efeitos de um evento potencialmente catastrófico. Serviços de socorro, rotas de evacuação, sistemas de alerta, simulações de rápida resposta a situações de emergência são parte de uma infraestrutura de preparação ao desastre. Por fim, a preempção, que nos interessa particularmente explorar no caso da emigração, é mais próxima à lógica da precaução que da preparação, mas dela se diferencia em um importante aspecto. A precaução busca interromper um processo que começou a emergir antes que se torne irreversível, tal o caso da mudança climática. A preempção, em contraste, é uma resposta a ameaças que ainda não emergiram (Anderson, 2010, p. 790). Não se trata de uma ação paralisante, mas produtiva. Pode incitar, produzir ou desencadear eventos futuros, na medida em que age dentro das condições de possibilidade de emergência de uma ameaça.

A emigração de brasileiros relativamente privilegiados pode ser lida a partir de uma lógica antecipatória guiada pela preempção, na medida em que é motivada por uma preocupação prospectiva, por um alerta generalizado sobre crises ainda por acontecer. Não deixa de ser sugestivo que a expressão utilizada pelos brasileiros para se referirem às suas estratégias migratórias seja Plano Canadá e que, como mostraremos, este possa ser compreendido como um plano de ação antecipatória. Além disso, muitos de nossos entrevistados apontaram o medo e a apreensão – seja em termos profissionais/econômicos ou relacionados à violência urbana – como motivações para saírem do Brasil. Conforme Brian Massumi (2010), a ameaça pode ser entendida como uma realidade iminente no presente, sendo o medo como prenúncio seu modo real de existência. O medo, portanto, expressa uma realidade antecipatória, no presente, de um futuro ameaçador. “A realidade sentida de uma ameaça”, diz Massumi, “legitima a preempção” (p. 54), visto que é “tão superlativamente real, que se traduz em uma certeza sentida sobre o mundo, mesmo na ausência de outro fundamento para tal no mundo observável” (p. 55)⁹. Em vista do exposto, sugerimos que, enquanto preempção, a atual fase emigratória brasileira possui o potencial de, a um só tempo, evocar e produzir uma futuridade imaginada e ameaçadora.

O novo imigrante brasileiro

Especialista de sucesso, no Brasil, na área de Tecnologia da Informação (TI), Fábio¹⁰ imigrou do Grande ABC para a Grande Vancouver em 2019. Não foi sozinho, mas

9. No original: “The felt reality of a threat is so superlatively real that it translates into a felt certainty about the world, even in the absence of other grounding for it in the observable world”.

10. As menções aos entrevistados serão feitas por meio de nomes fictícios.

acompanhado de sua esposa e de um casal de filhos, um adolescente e uma criança de três anos. Fábio se define como pertencente à classe **média** e descreveu sua vida no Brasil antes da mudança para o Canadá como confortável. Possuía um bom emprego, havia ascendido profissionalmente, e seu salário (a esposa não trabalhava fora desde o nascimento da filha caçula) lhe permitia manter o filho em uma boa escola particular. Mesmo considerando que a família possuía um bom padrão de vida antes de deixar o Brasil, a emigração aparece em seu relato como uma ação de antecipação a um futuro imaginado como ameaçador, à sensação de que, em suas palavras, “o Brasil é um país que você não sabe o dia de amanhã”. Apesar de uma longa e bem-sucedida carreira, Fábio se preocupava com a possibilidade de ficar desempregado ou de não conseguir se aposentar. Durante nossa entrevista, ele explicou suas principais motivações para que uma mudança tão significativa como esta ocorresse em sua vida e na de sua família:

Um dos motivos [para emigrar] foi a perspectiva de qualidade de vida na minha aposentadoria, e isso é o fator 1. Embora nos últimos anos eu alcancei um nível de carreira relativamente bom, eu tinha um salário relativamente bom que eu conseguia dar... eles [os filhos] estudavam, o meu filho estudava em escola boa particular, eu dei... eu estava dando uma vida boa para eles, mas o Brasil é um país que você não sabe o dia de amanhã, se eu ficasse desempregado, eu poderia sair de um *status* classe média, sei lá, não sei se é alta que diz, mas é uma classe média boa, para ir passar umas dificuldades que meu pai passou.

Fábio relatou ainda que seu pai havia migrado internamente, do Nordeste para o ABC, nos anos 1950, e que enfrentara sérias dificuldades financeiras nas décadas de 1980 e 1990. A lembrança de uma infância pobre e do período de adoecimento e morte dos pais, quando sentiu que o Brasil não possuía “uma situação que cuida dos idosos”, vem acompanhada, em sua fala, do medo de que um dia ele ou seus filhos pudessem viver situação semelhante.

Eu tive uma infância difícil, bem pobre, assim, meu pai passou por dificuldades na década de 80/90, a questão financeira, eu acabei, eles acabaram... minha mãe faleceu em 2004, eu tinha 23 anos de idade, então ela faleceu de câncer, então acabei ficando só eu e meus irmãos e meu pai. Meu pai entrou em depressão, ficou uns cinco, seis anos com depressão, aí teve Alzheimer por causa da depressão, aí eu cuidei dele nos últimos seis, sete anos, eu fiquei cuidando dele, aí quando ele faleceu foi que eu vim para o Canadá, que eu decidi vir para o Canadá, aí eu cuidei dele, gastei rios e rios de dinheiro cuidando dele, o Brasil não tem uma... uma situação que cuida dos idosos e aí ele... ele faleceu e tudo mais e aí, um dos motivos da gente estar aqui hoje é... eu me espelho nele, eu não quero que meus filhos passem pelo que eu passei com ele,

que eu tive que cuidar dele, investi dinheiro, investi tempo e tudo mais e se eu ficar doente, alguma coisa assim, eu não quero... eu não quero que eles passem pela mesma coisa, então esse foi um dos motivos de a gente vir para cá, de que ele... de dar uma vida diferente para eles e diferente da que os meus pais tiveram no Brasil e que puderam proporcionar para a gente.

Sendo uma pessoa que se declarou de classe média, com uma situação socioeconômica que lhe possibilitava uma boa vida antes da mudança para o Canadá, a história de imigração de Fábio difere muito daquelas que caracterizavam os períodos anteriores da emigração brasileira. Nos deslocamentos dos anos 1980 e 1990, os brasileiros geralmente se descreviam como “refugiados econômicos” ou “prospectores econômicos” (Margolis, 2008, p. 285) e eram, em sua maioria, jovens, solteiros, do sexo masculino, oriundos da classe média e predominantemente das regiões Sul e Sudeste do Brasil. Por sua vez, nas dinâmicas que marcaram o início dos anos 2000, nota-se a presença crescente de brasileiros provenientes das regiões Nordeste e Centro-Oeste, bem como de trabalhadores de nível médio e de classe média baixa (*Idem*). De acordo com Torresan, esse fluxo do início do século XXI “era composto de brasileiros menos qualificados e definido como ‘migração laboral’” (2012, p. 112)¹¹.

Em ambos os casos, a maioria dos brasileiros considerava a imigração um empreendimento provisório e economicamente motivado, ainda que muitos acabassem alterando seus projetos e não mais retornando ao Brasil. A partir da segunda metade da década de 2000, observa-se uma maior complexificação dos eixos migratórios internacionais de e para o Brasil, sob os impactos globais do atentado de 11 de setembro de 2001 e da crise financeira de 2008 e, pensando internamente, do fortalecimento socioeconômico do país. É quando se assiste a um incremento dos deslocamentos populacionais em direção ao Brasil, incluindo-se aí não apenas estrangeiros provenientes sobretudo do Sul Global, como também brasileiros retornados (Oliveira, 2013, p. 207). Após meados da década de 2010, em um contexto nacional marcado por profundas crises socioeconômicas e político-institucionais, o Brasil assiste a um novo e expressivo aumento nos movimentos de saída, sinalizando a emergência desta nova fase emigratória.

Conforme nossa pesquisa evidenciou, os brasileiros recém-imigrados deixaram para trás negócios próprios, carreiras ascendentes ou já consolidadas na esfera pública, em empresas nacionais e multinacionais, não esboçam intenção de retorno, a não ser a turismo, partem, em maior número, em família (dezenove dos entrevistados emigraram casados, cinco dos quais com filhos em diferentes fases da infância e adolescência) e enxergam na emigração um movimento de antecipação a um futuro

11. No original: “was composed of less qualified Brazilians and defined as ‘labour migration’”.

percebido como pouco promissor profissionalmente ou ameaçador em relação à violência urbana (Anderson, 2010). Assim como Fábio, a maioria (33 entrevistados) se considera pertencente à classe média ou média alta e descreveu níveis de educação (bem como dos pais)¹², profissões, experiências de viagens internacionais, posse de imóveis, que sugerem o *status* de classe média e média alta. Considerando-se que nossa pesquisa é de natureza qualitativa e que uma amostra estatisticamente significativa da posição de classe de todos os brasileiros vivendo na Grande Vancouver transcende o escopo do projeto, é provável que muitos dos brasileiros que tenham chegado à região nos últimos anos compartilhem certas características com os nossos entrevistados, dados os procedimentos de controle e tecnologias de seleção da política migratória canadense.

Quanto a isso, chamou-nos a atenção o fato de que quase todos os entrevistados possuíam não apenas o mesmo *status* migratório, como também haviam recorrido à mesma estratégia de imigração. Eram residentes temporários com permissão de estudo (Study Permit/SP) ou de trabalho (Work Permit/WP). A alta competitividade do atual sistema de pontos da imigração federal canadense, o Express Entry, em vigor desde 2015, no qual se fundamenta o mais abrangente processo migratório do país, considerado informalmente um sistema baseado no mérito (Papademetriou e Hooper, 2019)¹³, leva muitos cidadãos estrangeiros a recorrerem a estratégias migratórias alternativas, sendo esta, via estudo e trabalho, certamente a mais popular. Entre 2011 e 2017, 549,5 mil brasileiros solicitaram o SP no Canadá. Em 2017, o Brasil ficou atrás apenas da China, da Índia e do México em número de solicitações dessa modalidade de permissão no referido país (Fellet, 2017).

A vantagem desse caminho para os casais, segundo avaliaram nossos entrevistados, é que enquanto o(a) solicitante principal estuda, o cônjuge está autorizado a trabalhar sem limitação de jornada¹⁴. Entre os participantes da pesquisa que possuíam SP, quase todos haviam realizado ou estavam realizando um curso pós-secundário em um *college*¹⁵, visando assim a obter uma melhor posição no *ranking* do sistema

12. Como dito anteriormente, ao menos um dos pais da grande maioria dos entrevistados possui curso superior completo.
13. A despeito da fama de país aberto à imigração, o Canadá possui uma das mais restritivas políticas migratórias do mundo. Desde 2017, 85% dos pontos no processo migratório do país advêm de fatores relacionados ao capital humano (Papademetriou e Hooper, 2019).
14. O estudante internacional, salvo exceções, é autorizado a trabalhar até 20 horas semanais fora do *campus* (*off-campus*). Atividades remuneradas, desde que no *campus* (*in-campus*), são permitidas, sem limitação de jornada, bem como nas férias de verão (*summer holidays*) e intervalos de primavera (*spring breaks*).
15. Os *college* são equivalentes, de certo modo, aos institutos que oferecem cursos técnicos no Brasil, podendo ser na modalidade integral ou meio período, com duração média de dois anos.

migratório. Outro aspecto apontado pelos brasileiros como vantajoso é o fato de que, ao final do curso pós-secundário, o(a) estudante internacional conta com uma nova permissão (Post-Graduation Work Permit/PGWP)¹⁶, que lhe possibilita permanecer no país por até três anos mais¹⁷ e trabalhar em tempo integral. A extensão da permanência e a da permissão de trabalho são também conferidas ao cônjuge, desde que atendidos alguns requisitos de elegibilidade. Não por acaso, seis entrevistados haviam chegado à Grande Vancouver recém-casados, descrevendo a oficialização do matrimônio como uma decisão que favoreceria suas estratégias migratórias.

Ainda que não se trate de um programa de imigração *per se*, esta estratégia requer que o(a) solicitante preencha os requisitos de uma rigorosa seleção que, vale salientar, se assemelha aos critérios mesmos do Express Entry. Para se ter uma ideia mais clara do exclusivismo do processo de solicitação do Study Permit, o(a) proponente deve: 1) possuir visto canadense válido¹⁸ e apresentar comprovação, por exemplo, 2) de matrícula em instituição pós-secundária de ensino canadense¹⁹ (sendo esta, bem como as demais taxas e mensalidade para estudantes internacionais, em média, três vezes o valor pago por não estrangeiros e residentes permanentes; 3) do nível de proficiência em inglês, ao qual a matrícula na instituição pós-secundária de ensino é condicionada²⁰; 4) de laudo médico; 5) do nível de escolaridade; 6) de reserva financeira que lhe possibilite, e à família, caso seja casado(a), custear as despesas do primeiro ano no Canadá²¹; 7) da origem da reserva financeira apresentada; 8) da experiência profissional no país de origem; 9) do histórico de viagens internacionais, caso possua.

Por se tratar de um processo bastante burocrático, muitos brasileiros ainda recorrem aos serviços de agências de imigração, tal o caso de 23 dos nossos entrevistados, cujas taxas de consulta, preparação e revisão da documentação são cobradas em dólar canadense. O valor de uma consulta inicial de quarenta minutos, por vídeo-chamada, com um(a) consultor(a) de imigração brasileiro(a) regulamentado(a), custa entre 150 e 195 dólares canadenses.

16. Desde que se trate de instituições de ensino consideradas elegíveis ao PGWP pelo governo canadense.

17. Este cálculo é feito com base na duração do curso pós-secundário realizado.

18. São isentos do visto canadense os brasileiros que possuam passaporte da UE, visto dos Estados Unidos válido ou que tenham estado no Canadá há até dez anos da data da nova viagem. A estes, é necessária apenas uma autorização eletrônica de viagem (eTA), ao custo de 7 dólares canadenses.

19. Em média, o valor integral de um *college* de dois anos para estudantes internacionais pode variar entre 15,000 e 35,000 dólares canadenses.

20. À exceção da Província de Quebec, cujo idioma oficial é o francês.

21. O valor mínimo a ser comprovado ao governo canadense, além do pagamento da taxa de matrícula do *college* e do primeiro trimestre, é de 10,000.00 dólares canadenses, acrescidos de 4,000.00 caso seja casado(a), e mais 3,000.00 para cada filho.

A possibilidade de sucesso na solicitação do SP, WP e, por fim, do PGWP e da residência permanente demanda recursos que efetivamente restringem os brasileiros “aptos” a entrar no Canadá àqueles pertencentes às classes mais privilegiadas. A trajetória de Fábio é exemplar nesse sentido. Quando a entrevista ocorreu, Fábio realizava o primeiro termo²² do *college*, tendo sido admitido com base em suas credenciais educacionais e no pagamento de todas as taxas do curso. Seu objetivo era concluir os estudos e obter o PGWP, etapa chave na referida estratégia migratória, pois é geralmente quando os interessados na residência permanente buscarão alcançar os pontos faltantes para se qualificarem, seja por meio da chamada “experiência canadense” no mercado de trabalho (dentro de determinadas categorias profissionais) ou de uma oferta de emprego (a chamada *job offer*). É também quando, comumente, o leque de caminhos migratórios se amplia e conseguem se qualificar, por exemplo, para os programas provinciais de imigração do país, os Provincial Nominee Programs (PNPs), a exemplo do BC PNP²³, que abrange a Grande Vancouver, cujo nível de inglês requerido é inferior ao do Express Entry e a idade dos proponentes não é levada em conta²⁴. Daí também sua popularidade entre brasileiros acima dos trinta anos²⁵.

Contudo, a decisão de Fábio pela imigração para o Canadá não veio desacompanhada de sacrifícios. Conciliava os estudos com um trabalho de meio período como *valet*, obtido graças à indicação de um amigo da mesma cidade natal que, já residente na Grande Vancouver com a família, os vinha auxiliando durante o período de adaptação. Aliás, Fábio se refere a essa fase como um “pedágio”, dados seus múltiplos desafios: barreira linguística, a volta aos bancos escolares após vinte anos de carreira, as demandas mesmas do *college*, a dificuldade para encontrar um emprego em sua área de atuação, TI, na qual ocupava posição gerencial antes de emigrar. A despeito desses desafios e da perda de *status* profissional, Fábio pretende permanecer no Canadá e não se arrepende de sua decisão. Sua decisão, assim como a de quase todos os brasileiros que viemos a conhecer, evidencia que este novo período de emigração brasileira não pode ser compreendido sem que se atente para a dimensão dos afetos na vida de classe média no Brasil. Na próxima seção, exploraremos o que enxergamos como uma subjetividade de classe média, que combina sentimentos de inquietação

22. Cada termo corresponde, geralmente, a três meses.

23. O certificado ou o diploma devem ser obtidos em instituições consideradas elegíveis, pelo governo, ao programa de imigração.

24. Não é raro que o cônjuge passe a se tornar o(a) solicitante principal do processo migratório, dada a experiência profissional acumulada nos primeiros anos de trabalhado com o WP.

25. Pelo Express Entry, a pontuação máxima é conferida aos(às) proponentes que contem entre 20 e 29 anos, sendo zerada para aqueles abaixo de 18 ou acima de 47 anos.

no presente com um pressentimento, um mal-estar que produz apreensão e medo em relação ao futuro no país.

Mal-estar de classe média

Pâmela, natural do Rio de Janeiro, imigrou para Vancouver com o marido em 2016, também por meio da estratégia de estudo e trabalho. Psicóloga de formação e tendo descrito sua fase profissional antes da emigração como bem-sucedida e sua situação financeira como estável, sentia que ainda faltava algo em sua vida, o que definiu em termos de uma melhor qualidade de vida e de mais segurança. No momento da entrevista, já tendo obtido o PGWP, trabalhava como coordenadora de desenvolvimento em uma *start-up* sediada em Vancouver.

Quando eu vim para cá, assim, a gente tinha uma estabilidade financeira muito boa e a gente era muito novo na época, né, a gente tinha 25 anos, mas os dois já estavam bem, muito bem profissionalmente, e a gente estava conseguindo atingir os nossos objetivos, mas faltava alguma coisa, né, assim, qualidade de vida era zero, não tinha tempo de exercício, alimentação. No Brasil, você ainda tem uma certa facilidade, assim, como serviço não é uma coisa muito cara, você ainda consegue ter alguma pessoa para te ajudar, e aí a gente conseguia se alimentar um pouquinho melhor nesse sentido, mas fora isso, não, então a gente começou a pensar, assim, como que a gente poderia melhorar a qualidade de vida, a questão da segurança no Rio.

Na avaliação de Pâmela, ela e seu marido estavam ascendendo em suas carreiras no Brasil, já desfrutavam de um bom nível socioeconômico, mas, apesar disso, o sucesso conquistado não se fez acompanhar de uma melhora em sua qualidade de vida, tal como a havia idealizado. Para Pâmela, a ideia de uma boa qualidade de vida é algo inseparável do problema da segurança no Rio de Janeiro – segurança tanto no sentido de proteção física face à violência urbana quanto de estabilidade profissional, manutenção do padrão de vida e realização de certos objetivos de vida. Segurança é, aliás, um refrão comum nas entrevistas. Quase todos mencionaram ter sido a preocupação com a segurança um dos motivos centrais na decisão de deixarem o Brasil, ou comentaram sobre o quanto Vancouver lhes parecia um lugar seguro. Muitos *youtubers* brasileiros que encorajam seus conterrâneos a investirem no Plano Canadá exageram na representação do país como um local seguro, veiculando vídeos nos quais eles mesmos caminham pelas ruas da cidade apontando, por exemplo, para as casas sem portões, muros e alarmes, algumas delas com suas garagens deixadas abertas.

Em que pese o fato de o medo da violência urbana no Brasil aparecer como um tópico comum de discussão nas conversas com os brasileiros em Vancouver, poucos

havia sido vítimas diretas de algum tipo de crime. A paulista Priscila, que vive em Vancouver desde 2015, descreveu sucintamente esta situação: “Eu nunca fui assaltada, nunca aconteceu nada comigo no Brasil, nunca, mas sempre com medo, esse estado de alerta, horrível, você quer sair à noite e voltar, você fica... [gesto de apreensão]”.

Não se pretende, contudo, dizer que o medo relatado por muitos dos brasileiros entrevistados seja apenas imaginado, especialmente quando consideramos aqueles que emigraram do Rio de Janeiro. A “proximidade compulsória” entre as populações marginalizadas dos morros e aquelas mais afluentes dos bairros à beira-mar, como Ipanema e Copacabana, faz do Rio um dos locais em que não só as profundas desigualdades de classe e raça se dão a ver mais explicitamente à luz do dia, como as consequências dessa desigualdade – incluindo-se aí os crimes violentos – são uma ameaça sobremodo real (Veloso 2010). Em um país como o Brasil, com inúmeras especificidades locais e regionais, as experiências literais de violência variam significativamente, inclusive entre os que pertencem às camadas mais privilegiadas²⁶.

No entanto, independente das cidades de onde vieram nossos entrevistados, o medo da violência e a forma como lidam com ele guardam similaridades: dirigir olhando o tempo todo para o retrovisor, com os vidros do carro sempre fechados e as portas travadas, estar sempre alerta, evitar sair à noite, alterar o percurso etc. A extensa lista de precauções por eles descritas como parte de seus hábitos cotidianos no Brasil traduz um “cenário de percepções sociais agudas de insegurança coletiva” (Adorno e Nery, 2019, p. 170).

Seus relatos vêm saturados de referências a episódios que qualificam como traumáticos, a maior parte decorrentes de furto e roubo ocorridos com pessoas de seu círculo social mais próximo ou conhecidas, reiteraões temáticas que ecoam a chamada “fala do crime”²⁷ (Caldeira, 2000), indicando que “experiências de violência tendem a ser específicas em cada classe” (*Idem*, p. 57). É a antecipação de um possível crime violento no futuro próximo, e não a experiência em si da violência no passado, que moveu muitos deles a desenraizarem suas vidas no Brasil. A presença de um futuro

26. Sabe-se que a violência urbana no Brasil é um fenômeno complexo e multifacetado e que sua fisionomia e configurações se alteraram profundamente ao longo do processo de urbanização. Se, por um lado, escapa aos propósitos do artigo uma discussão sobre o fenômeno, por outro, importa considerar que, atualmente, “o termo é empregado de modo polissêmico”, como salienta Adorno (2011, p. 72). Segundo o autor, “seus múltiplos significados gravitam em torno do universo de valores que constitui o ‘sagrado’ para determinado grupo social”, estando os “atos violentos referidos ao mundo das percepções coletivas e das representações” (*Idem*, p. 73). É igualmente relevante considerarmos que, a partir do início do século XXI, conforme esclarece Vaz (2007), nota-se um maior destaque dos meios de comunicação à temática do risco, das vítimas aleatórias de crimes, uma intensificação do chamado “discurso da vítima”, produzido nos anos 1990.

27.

ameaçador no presente é sentida sob a forma de uma apreensão capaz de deteriorar o senso de bem-estar, ou o que Pâmela descreveu como “qualidade de vida”. Isto se dá, ao menos, de duas maneiras.

A primeira se deve ao fato de a hipervigilância da classe média em relação aos riscos de violência urbana ter lhe imposto limitações à liberdade cotidiana. Leandra, que se mudou do Pará para Vancouver em 2019, relatou que sua vida social foi severamente prejudicada no Brasil por medo de estar sozinha, à noite, no espaço público:

A minha mãe teve síndrome do pânico, teve depressão, já foi, enfim... sequestro-relâmpago, essas coisas. [No Brasil], você não pode sair à noite, você não pode dirigir à noite, você só pega um táxi, né, não tinha Uber direito, então, eu cresci sendo, enfim, proibida de ter uma vida social. A primeira vez que eu saí do Brasil, eu senti essa diferença, né, primeira vez que eu tive um intercâmbio, que eu estava por mim mesma, que eu podia voltar a hora que eu queria e tal e não sei o quê, e foi para o Canadá, foi para Toronto a primeira vez, então, isso já foi, assim, esse baque da segurança, não é nem, enfim, o social, é claro que você sente, mas a segurança é um fator externo que eu posso colocar, com certeza, foi decisivo para me... para me mudar, porque eu não tinha liberdade, né, se você não tem segurança, você não tem liberdade, então eu me sentia muito presa em tudo, assim, sempre muito preocupada de, enfim, “vou ser assaltada, cadê?”, eu dirigindo olhando para todos os lados, então isso... isso é horrível, para mim, esse foi um dos fatores.

Como mostra Caldeira (2000), a percepção do espaço público como inseguro produziu um “novo padrão de segregação espacial”²⁸, que remonta a um processo iniciado no Brasil na década de 1970, caracterizado pela construção de “espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer e trabalho”, com a promessa de proporcionarem aos moradores um “estilo de vida total, superior ao da cidade” (*Idem*, p. 211). Verdadeiros “enclaves fortificados”, (*Idem*, p. 3), com sua assepsia, homogeneidade e previsibilidade, esses espaços segregados tornaram ainda mais acentuadas “as diferenças de classe e as estratégias de separação”, constituindo-se, simbolicamente, como potentes metáforas da atrofia do espaço público e da paradoxal ideia de confinamento como liberdade (*Idem*, p. 211).

Em segundo lugar, preocupações com a segurança entre os brasileiros de classe média erodiram o que compreendiam como sendo “boa qualidade de vida”, por meio da limitação de oportunidades – de trabalhar com eficiência, de aprimorar

28. Sobre as especificidades dos padrões de segregação urbana no Rio de Janeiro, examinadas a partir das noções de “proximidade compulsória” e “violência da proximidade”, ver o já citado trabalho de Veloso (2010).

suas qualificações ou ascender na carreira. Sandra, que se mudou de Pernambuco para Vancouver em 2018, enfatizou o quanto valoriza poder finalizar algum trabalho no computador durante seus trajetos de metrô em Vancouver, o que considera impraticável no Brasil:

[Aqui em Vancouver, eu posso] pegar o metrô e eu posso ir trabalhando no metrô, posso pegar o meu *notebook*, eu posso, né, adiantar alguma coisa da faculdade ou no próprio celular, coisas que no Brasil eu não poderia fazer jamais, andar na rua, estar numa parada de ônibus sem ter o medo de alguém aparecer e querer levar a sua bolsa, querer levar o seu celular.

No relato de Sandra, sua percepção sobre violência urbana vem entrelaçada a um medo generalizado, expresso por muitos brasileiros em Vancouver, de um futuro que deixou de ser promissor. Ainda que muitos fossem profissionais bem-sucedidos, preocupavam-se com a possibilidade de suas carreiras estagnarem, de não terem oportunidade de se desenvolverem profissionalmente. O mineiro Leandro que, diferente da maioria, se mudou solteiro para Vancouver em 2017, expressou esse sentimento em termos de uma impossibilidade de “evoluir”: “A segurança, a qualidade de vida, né, tudo isso o país [Brasil] não tem a oferecer num nível que o Canadá tem a oferecer, né. Então, foram várias coisas que culminaram nessa mudança, né, então esse foi um ponto. A questão profissional, de não sentir uma evolução maior”.

Quando conversamos, Leandro havia acabado de conseguir um emprego em sua área de formação, Engenharia Ambiental, após ter atuado por oito meses como atendente em um hotel em Vancouver. Lamentou ter precisado negociar com o atual contratante a redução de sua jornada para meio período, por ainda lhe faltarem alguns meses para concluir o *college*. Em sua avaliação, após ter vivido um declínio em seu *status* profissional, em comparação com o que possuía no Brasil, o novo emprego simbolizava uma primeira e importante aproximação, em Vancouver, com seu campo de atuação. Sentia que este momento de sua trajetória era mais promissor.

Apenas alguns de nossos entrevistados haviam conseguido inserção na mesma área em que atuavam no Brasil. Pâmela relatou ter trabalhado nos primeiros meses em Vancouver com limpeza de escritórios comerciais e, logo depois, como vendedora em uma grande loja de departamento, onde permaneceu por dois anos. Sandra, que abriu mão da estabilidade de um emprego público no Brasil, trabalhava, no momento da entrevista, no próprio *campus* onde estudava, mas estava à procura de uma posição como assistente administrativa. Já Priscila aproveitou o projeto migratório para mudar de profissão. Trocou sua carreira ascendente em contabilidade pelo *college* em Serviço Social, área em que costumava realizar trabalhos voluntários no Brasil. Conseguiu conciliar os estudos com um emprego de meio

período em uma organização não governamental, onde foi contratada em período integral após se formar.

Para a maioria dos entrevistados, a mudança para o Canadá não se deu sem grandes sacrifícios em suas vidas profissionais, ao menos nos primeiros meses, ou mesmo nos primeiros anos. A disposição em aceitarem tamanho sacrifício sugere que a decisão de abandonarem seus empregos, venderem suas casas e se mudarem permanentemente com suas famílias para o Canadá emergiu de um significativo, ainda que difuso, descontentamento com a vida de classe média no Brasil. Denominamos de mal-estar de classe média essa insatisfação profunda, como uma forma de capturar as múltiplas e variadas experiências cotidianas de ansiedade, apreensão e imobilidade no Brasil, que se originaram, em larga medida, de preocupações com a insegurança. Havia um sentimento de que, a despeito dos signos externos de *status* de classe média – uma carreira estável, escola particular para os filhos, casa própria, a condição de poderem prestar ajuda financeira –, não estavam vivendo uma “verdadeira” vida de classe média ou não estavam desfrutando da qualidade de vida a que supostamente tinham direito. Como discutiremos a seguir, a mudança para o Canadá se torna uma estratégia de reivindicação da qualidade de um tipo de vida imaginada, por eles e seus familiares, como mais promissora.

O Plano Canadá

Ana Clara, que trabalhava como advogada em Manaus antes de imigrar para o Canadá, em 2018, e que, no momento da entrevista, atuava como coordenadora de um escritório de tecnologia em Vancouver, perguntou durante nossa conversa se havíamos lido o *post* “O Plano Canadá Que Deu Errado”, publicado no *Facebook* por um imigrante brasileiro em Toronto. O *post* trazia uma descrição detalhada, incluindo datas exatas, do passo a passo do processo migratório de um funcionário público de 46 anos que se mudara, com a esposa e o filho de onze anos, para a capital da Província de Ontário, em 2017, com a intenção de se estabelecerem permanentemente no Canadá. As etapas relatadas incluíam pesquisas sobre as várias possibilidades de emigrar, o pagamento de uma consultoria de imigração, a ida para o Canadá inicialmente sozinho, como estudante de inglês, a venda do imóvel da família no Brasil e de todos os itens pessoais, a matrícula em um *college*, a mudança da família para Toronto. Porém, ao final de 2019, o “plano” começou a não sair como imaginado. A esposa possuía permissão para trabalhar no Canadá (WP), mas não conseguia ganhar o suficiente para cobrir as despesas mensais da família. O autor do *post* relatou sua tentativa de trabalhar em turnos noturnos, como faxineiro, a fim de conseguir alguma renda extra, rotina que foi se tornando incompatível com as demandas do

college durante o dia. O casal começou então a fazer uso de uma reserva financeira oriunda, em grande parte, da venda de seu apartamento no Brasil. Em menos de um ano, esse fundo havia se esgotado e já não tinham mais condições de arcar com os custos do curso. Sem estar matriculado em um *college*, seu visto não lhe permitiria, nem à esposa, trabalhar legalmente. Em julho de 2020, viram-se obrigados a retornar ao Brasil, com uma perda estimada em R\$400.000,00.

O propósito do *post* era claramente aconselhar, oferecer um tipo de alerta aos que pretendiam emigrar ou haviam chegado recentemente ao Canadá sobre como não cometer certos erros e, assim, não verem seus próprios “planos” fracassarem. E conclui: “Boa sorte para todos que estão aqui e para os que ainda estão elaborando seu projeto. Espero que meus erros possam ajudar vocês em algo”. Tão logo o *post* começou a circular em grupos do *Facebook* e *WhatsApp*, uma longa e acalorada discussão entre os brasileiros em Vancouver ganhou terreno, on-line e off-line. Alguns se solidarizaram com o autor do *post*, mas outros criticaram a falta de planejamento (como, por exemplo, emigrar com uma baixa proficiência no idioma). De um modo geral, as discussões giraram em torno de questões sobre o modo como melhor preparar, desenvolver e executar o plano. Questionamentos subjacentes à ideia mesma de um Plano Canadá não entraram em pauta.

Durante nossa pesquisa de campo, a expressão Plano Canadá surgiu como um termo popular para descrever especialmente a estratégia migratória via estudo e trabalho. Executá-la representava uma meta na vida da maior parte dos entrevistados, que só a consideravam de fato bem-sucedida com a obtenção da residência permanente, percurso que pode levar até mais de cinco anos. Ao mesmo tempo em que é descrito como um projeto de médio e longo prazos, o Plano Canadá requer agilidade em sua execução, “antes que seja tarde”, e se divide basicamente em duas etapas, a primeira delas, em geral, no Brasil, quando o processo é iniciado e a resposta do consulado canadense é divulgada, e a segunda, já no Canadá, quando a estratégia migratória se desenrola concretamente. Durante a primeira fase, muitos brasileiros passam a integrar grupos e fóruns virtuais, nos quais compartilham as angústias da espera, conselhos e atualizações sobre o *status* da análise de seus processos. Sugestivamente, um dos mais populares fóruns, ativo até 2019, se chamava “Demora no retorno do visto canadense”.

A popularidade da expressão Plano Canadá é ilustrativa do quanto os brasileiros identificam e depositam no país a esperança de um futuro promissor. Em seus relatos, assim como nos conteúdos publicados por influenciadores digitais e consultores de imigração, a expressão aparece investida de um senso de urgência, alimentado por previsões sobre um Brasil à beira do colapso, sobre um futuro no país a ser evitado. O vídeo citado na introdução do artigo, “Saia do Brasil agora e vá para o Canadá!”,

é um claro exemplo de como a ideia de urgência cadencia as discussões sobre a imigração para o Canadá e, conforme nossa pesquisa evidenciou, respalda não só as decisões de muitos brasileiros, mas o modo mesmo como a presença do futuro (a ser evitado no Brasil e a ser buscado no Canadá) se intensifica em suas vidas por meio do Plano Canadá. Trata-se de um plano não apenas orientado para o futuro, mas também percebido como um futuro que é permanente.

Assim, diferentemente dos chamados imigrantes pioneiros da “primeira onda”, que partiam em “voos solo”, com um “até breve”, e viam na emigração uma oportunidade de fazer dinheiro, de acumular alguma reserva para remeter à família no Brasil, adquirir bens e/ou investir em um negócio próprio quando de seu retorno à terra natal (ainda que este dia nem sempre chegasse, como mencionado), os imigrantes recentes se despedem do país com um “adeus”, partem, o mais das vezes em família, consideram a mudança de país um alto investimento (financeiro, mas também emocional) e a emigração em si uma oportunidade de recomeçar a vida. Por exemplo, o economista Túlio, que se mudou para Vancouver do Rio de Janeiro, relatou que já havia passado uma temporada na cidade, em 2011, para aprimorar o inglês e que, em 2018, decidiu imigrar de vez, desta feita, recém-casado.

Olha, eu vou ser bem sincero, eu sinto muita falta do Rio, eu sinto muita falta do Rio, principalmente pela minha família e pelos meus amigos. Essa é a resposta que você vai escutar em 98% das suas entrevistas. Mas, a ideia é ficar. Quando eu vim para cá, disposto a fazer um investimento, né, a gente sabe que não é baixo, a ideia era ficar, e o Brasil, agora, turismo.

Mas se, por um lado, a emigração simboliza recomeço, o movimento de retorno é, por outro, coletivamente desencorajado, tratado quase como um tabu. Por pressupor um alto investimento, o Plano Canadá vem imbuído de um sentido motivacional inspirado em uma ética meritocrática de sucesso, na qual a correlação entre sacrifício e recompensa encontra seu duplo no popular chavão *no pain no gain*. Portanto, enquanto plano de uma nova vida, requer que todas (ou muitas) fichas sejam nele depositadas, perfazendo um investimento de alto risco. Em que pesem os motivos alegados, regressar ao Brasil passa, então, a coincidir cada vez mais, para muitos, com a ideia de “plano fracassado”.

O Plano Canadá traria consigo a *promessa* de fruição de um estilo de vida total (Caldeira, 2000), mas sem os inconvenientes do enclausuramento da vida em condomínio. Enquanto promessa, a um só tempo, representa e coloca em ação ao menos duas temporalidades. A primeira é orientada para um futuro iminente, imaginado pela classe média brasileira enquanto possibilidade de sofrer, a qualquer momento, algum tipo de violência urbana no Brasil. Tenham ou não sido vítimas diretas de

violência (como mencionado, para muitos dos entrevistados, este não era o caso), a sentida necessidade de uma hipervigilância em relação a tudo o que se passa ao redor requer um constante planejamento acerca do que pode vir a acontecer. O Plano Canadá é, assim, uma resposta urgente a esses riscos iminentes. Podemos também compreender o Plano Canadá como uma estratégia de antecipação (*preemption*) às ameaças de um futuro mais distante – o risco de estagnação profissional, a impossibilidade de se aposentar, a perda de um emprego, uma recessão econômica.

A emigração para o Canadá não deixa de ser, portanto, uma resposta a uma experiência vivida do presente. Aqui, recorremos ao estudo de Brian Massumi (2015) a respeito da atual cultura da insegurança, segundo o qual a ameaça (que, por definição, se refere a algo que ainda não aconteceu) possui uma futuridade que é, no entanto, sentida no agora. Uma ameaça, afirma Massumi, “tem a capacidade de preencher o presente sem se apresentar” (p. 175)²⁹. Para os brasileiros de classe média, a ameaça da violência e da perda preenchem o presente sob a forma de mal-estar e apreensão em suas vidas cotidianas. Apreensão em relação à violência e à hipervigilância que ela produz. Apreensão em garantir a própria rede de proteção – plano de saúde privado, escola particular, transporte particular, segurança privada. Apreensão que emerge de um pessimismo generalizado, um sentimento de que as coisas no Brasil não estão caminhando em um sentido próspero.

Apesar de os brasileiros que viemos a conhecer na Grande Vancouver estarem indo bem no Brasil do ponto de vista de fatores objetivos, tais como nível de renda, *status* profissional, formação educacional e casa própria, o medo e a apreensão erodiram o que descreviam como qualidade de vida. Mais propriamente, as constantes alterações com os medos e tensões em suas vidas cotidianas os impossibilitavam de desfrutar daqueles marcadores mesmos de bem-estar de classe média que, como relataram, haviam se esforçado muito para alcançar, causando-lhes, assim, um mal-estar difuso e algo irresoluto. A mudança para o Canadá é por eles vista como uma forma de antecipação à realidade sentida de uma ameaça (preempção) (Massumi, 2010), de assegurarem que esta nunca venha a se materializar em suas vidas e de, finalmente, aliviarem o estresse diário do gerenciamento desses medos. Assim, face aos sentimentos múltiplos e esparsos de insegurança, o Plano Canadá, enquanto preempção, se converte em uma espécie de passaporte para uma vida idealizada de classe média.

29. No original: “has the capacity to fill the present without presenting itself”.

Considerações finais

Para concluir, gostaríamos de refletir brevemente sobre as possíveis implicações da emigração brasileira para as desigualdades sociais, quando compreendida, conforme argumentamos, como uma ação antecipatória. Em estudo recente sobre a resiliência em contexto de gerenciamento de desastres, Kevin Grove (2013) sugere que o trabalho de antecipação e preparação para potenciais eventos desastrosos, em última análise, preserva a ordem corrente. Resiliência seria uma “tecnologia do eu” (p. 150), por meio da qual os sujeitos se responsabilizariam por assegurar seu próprio bem-estar futuro. Face a colapsos econômicos e catástrofes ecológicas, o objetivo da antecipação como resiliência não é questionar suas causas, mas encontrar meios de suportar seus efeitos. A política da antecipação, segundo Grove, é, portanto, eminentemente conservadora. Trata-se de manter as condições normativas da vida impedindo, assim, formas mais radicais de mudança social.

Por certo que o fenômeno da recente emigração brasileira para o Canadá corresponde a um processo muito diverso daquele relacionado à preparação para um desastre, mas ambos apresentam importantes similitudes. Os dois casos envolvem uma orientação afetiva para o futuro, que antecipa potenciais eventos negativos e responde a eles antes que ocorram. Esta resposta diz respeito às ideias de vida segura e bem-estar – físico, familiar e financeiro. Também evoca, no presente, as ameaças que podem ou não acontecer, fazendo com que, como no caso específico do Plano Canadá, este seja vendido como uma *promessa*, como um produto que irá garantir um estilo de vida idealizado de classe média. Enquanto orientada para o futuro, a antecipação pode, portanto, ironicamente se tornar um mecanismo de manutenção do *status quo* atual. Mais propriamente, ela reafirma um repertório de ideias articuladas sobre como uma vida de classe média branca deveria parecer, sem confrontar os fundamentos mesmos das desigualdades sociais que se encontram no cerne da violência e da insegurança.

Além disso, a preempção é produtiva. Agir em relação a ameaças que ainda não emergiram pode incitar ou desencadear novas realidades (Anderson, 2010; Massumi, 2015). É possível que, ironicamente, no caso da emigração brasileira, o esforço para se evitar a insegurança urbana e de classe no Brasil, não raro, produza novas inseguranças e insatisfações no Canadá. Por vezes, estas se manifestam como insegurança financeira, tal como demonstrado na história do “Plano Canadá que Deu Errado”. Em situações mais raras, podem envolver violência física, como foi o caso de uma de nossas entrevistadas, a paulistana Regiane: recém-imigrada, com um inglês hesitante e ainda pouco familiarizada com certos pontos da cidade, foi roubada e agredida em uma rua de *downtown* Vancouver após pedir informação. Ainda que Vancouver

apresente uma baixa taxa de criminalidade³⁰ ocorrências como essa não deixam de evidenciar, em alguma medida, a vulnerabilidade da posição dos imigrantes.

No entanto, a forma mais comum de insegurança produzida pela ação antecipatória de emigrar para o Canadá se relaciona com a perda da centralidade do trabalho na vida de muitos desses brasileiros, o que nos leva a pensá-la como uma das notórias implicações do processo migratório, especialmente se considerarmos que, nos estudos de tradição sociológica sobre estratificação social no Brasil, a divisão do trabalho, ou então, “as posições ocupacionais de indivíduos dentro de unidades produtivas e nos mercados de trabalho” (Ribeiro, 2003, p. 91) operam, por excelência, como índices de referência na definição das classes sociais. Ao invés de preencher uma imagem idealizada de vida de classe média, para muitos dos brasileiros que conhecemos em Vancouver, a imigração deteriorou seu *status* de classe média.

Daí ter nos chamado atenção o relato de Alice, com o qual gostaríamos de encerrar este artigo, já que nos convida a sugestivas ponderações. Carioca, de família abastada e casada pouco antes da mudança de país, Alice descreveu a emigração como um processo de descamação/despojamento de classe e dos privilégios que sua posição lhe conferia no Brasil. Em suas próprias palavras, “[emigrar é] a primeira oportunidade que eu tenho de ficar muito tempo sem todas as camadas que me cobriam, sem a proteção dos meus pais, da minha família e da minha classe também”. Ao deslocar, inadvertidamente, para o centro do processo os privilégios de classe, a emigração os põe em xeque, os desestabiliza e, no limite, os corrói.

30. Em 2022, a taxa de crimes violentos em Vancouver é de 8,46 por 1000 habitantes (“Vancouver Police Department Crime Incident and Crime Rate Statistics”. Disponível em: <https://vpd.ca/wp-content/uploads/2022/02/crime-incident-crime-rate-2019-2021.pdf>).

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Sérgio. (2011), “Violência e crime: sob o domínio do medo na sociedade brasileira”. In: BOTELHO, André & SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Agenda brasileira: temas de uma sociedade em mudança*. São Paulo, Companhia das Letras.
- ADORNO, Sérgio & NERY, Marcelo Batista. (jan./abr. 2019), “Crime e violências em São Paulo: retrospectiva teórico-metodológica, avanços, limites e perspectivas futuras”. *Cad. Metrop.*, São Paulo, 21 (44): 169-194.
- ALMEIDA, G. M. R. de. & BAENINGER, R. (2016). “A imigração brasileira na França: do tipo histórico às modalidades migratórias contemporâneas”. *Rev. Bras. Estud. Popul.*, 33 (1): 129-153.
- AMIT, Vered (editor). (2007), *Going first class?: New approaches to privileged travel and movement*. Nova York/Oxford, Berghahn Books.
- ANDERSON, Ben. (2010), “Preemption, precaution, preparedness: anticipatory action and future geographies”. *Progress in Human Geography*, 34 (6): 777-797.
- BÓGUS, Lúcia & BAENINGER, Rosana (orgs.). (2018), *A nova face da emigração internacional no Brasil*. São Paulo, Educ.
- CALDEIRA, Teresa. (2000), *Cidade de muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo, Editora 34/Edusp.
- CAVALCANTI, Leonardo & OLIVEIRA, Márcio de. (jan.-abr. 2018), “O tema das migrações internacionais na Sociologia no Brasil”. *Revista Brasileira de Sociologia*, 6 (12): 88-113.
- CENSO DEMOGRÁFICO 2010. (2011), Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Rio de Janeiro.
- DIAS, Gustavo & MARTINS JÚNIOR, Angelo. (nov. 2018), “A segunda onda migratória brasileira: o impacto das mudanças econômicas e sociais no Brasil sobre a migração contemporânea para o Reino Unido”. *Século XXI: Revista de Ciências Sociais*, [S.l.], 8 (1): 112-143.
- FASSIM, Didier. (2011), “Policing borders, producing boundaries. The governmentality of immigration in dark times”. *Annu. Rev. Anthropology*, 40: 213-26.
- FELLET, João. (31 jan. 2017), “Atraindo cada vez mais brasileiros, Canadá se firma como destino global de imigrantes”. *BBC News Brasil*.
- GROVE, Kevin. (2013), “On resilience politics: From transformation to subversion”. *Resilience: International Policies, Practices, and Discourses*, 1 (2): 146-153.
- KLEIN, Charles H. et al. (2018), “Naming Brazil’s previously poor: ‘new middle class’ as an economic, political, and experiential category”. *Economic Anthropology*, 5 (1): 83-95.
- KOPPER, Moisés & DAMO, Arlei Sander (jan./abr. 2018), “A emergência e evanescência da nova classe média brasileira”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 24 (50): 335-376.
- MARGOLIS, Maxine L. (1990), “From mistress to servant. Downward mobility among Brazilian immigrants in New York City”. *Urban Anthropology and Studies of Cultural Systems and World Economic Development*, 19 (3): 215-231.

- MARGOLIS, Maxine L. (jan.-jun. 2008), “Brasileiros no estrangeiro: a etnicidade, a autoidentidade e o ‘outro’”. *Revista de Antropologia*, 51 (1): 283-302.
- MASSUMI, Brian. (2010), “The future birth of affective fact. The political ontology of threat”. In: GREGG, Melissa & SEIGWORTH, Gregory (editors). *The affect theory reader*. Durham & Londres, Duke University Press.
- MASSUMI, Brian. (2015), *Ontopower: War, powers, and the state of perception*. Durham & Londres, Duke University Press.
- MENAI, Tania. (2016), “Brazilians are leaving: this time, for Good”. *Women Across Frontiers*, 4.
- MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. (2021), “Comunidade brasileira no exterior – Estatísticas 2020”. 19 jul. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/artigos-variados/comunidade-brasileira-no-exterior-2013-estatisticas-2020>.
- OLIVEIRA, Antônio. T. (jan./jun. 2013), “Um panorama da imigração internacional a partir do censo demográfico de 2010”. *Rev. Inter. Mob. Hum. Brasília*, XXI (40): 195-210.
- PAPADEMETRIOU, Demetrios. G. & HOOPER, Kate. (2019), *Competing approaches to selecting economic immigrants: points-based vs. demand-driven systems*. Washington, DC, Migration Policy Institute.
- RIBEIRO, Carlos Antonio C. (2003), *Estrutura de classe e mobilidade social no Brasil*. Bauru, SP, Edusc-ANPOCS.
- ROBINS, Daniel. (2019), “Lifestyle migration from the Global South to the Global North: Individualism, social class, and freedom in a centre of ‘superdiversity’”. *Population, Space and Place*, 25 (6): 1-13.
- SAYAD, Abdelmalek. (1998), *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo, Edusp.
- SOUZA, Jessé de. (2010), *Os batalhadores brasileiros. Nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte, Editora UFMG.
- STATISTICS CANADA. (2006), Census of Population. Disponível em: <https://www12.statcan.gc.ca>. Acesso em 16 nov. 2022.
- STATISTICS CANADA. (2011), Census of Population. Disponível em: <https://www12.statcan.gc.ca>, consultado em 16/11/2022.
- STATISTICS CANADA. (2016), Census of Population. Disponível em: <https://www12.statcan.gc.ca>, consultado em 16/11/2022.
- STATISTICS CANADA. (2021), Census of Population. Disponível em: <https://www12.statcan.gc.ca>, consultado em 16/11/2022.
- TORRESAN, Angela. (2007), “How privileged are they? Middle-class Brazilian immigrant in Lisbon”. In: AMIT, Vered. (editor). *Going first class?: New approaches to privileged travel and movement*. Nova York/Oxford, Berghahn Books.
- TORRESAN, Angela. (2012), “A middle class besieged: Brazilians’ motives to migrate”. *The Journal of Latin American and Caribbean Anthropology*, 17: 110-130.

- “VANCOUVER POLICE Department Crime Incident and Crime Rate Statistics”. Disponível em: <https://vpd.ca/wp-content/uploads/2022/02/crime-incident-crime-rate-2019-2021.pdf>.
- VAZ, Paulo. (14 abr. 2007), “Pesquisa analisa formação da percepção social sobre a criminalidade”. Entrevista para Mônica Maia e Cristiane Barbalho. *Arquivo de Notícias Faperj*.
- VELOSO, Leticia. (2010), “Governing heterogeneity in the context of ‘compulsory closeness’: the ‘pacification’ of favelas in Rio de Janeiro”. *Suburbanization in Global Society. Research in Urban Sociology*, 10: 253–272.
- YAACOUB, Hilaine (jul./dez. 2011), “A chamada ‘nova classe média’: cultura material, inclusão e distinção social”. *Horizontes Antropológicos*, 17 (36): 197-231.

Resumo

“Saia do Brasil agora”: emigração brasileira como ação antecipatória

Nos últimos anos, o número de brasileiros a deixarem o país atingiu cifras recordes, o que parece indicar uma nova e sem precedentes fase emigratória. Em contraste com os períodos anteriores da emigração brasileira, esta recente fase é composta, principalmente, de brasileiros que partem em família, com a intenção de não mais retornarem ao Brasil como residentes. O artigo analisa este novo movimento, por meio de uma etnografia dos brasileiros na Grande Vancouver, Canadá, região onde essa população triplicou entre 2006 e 2021. Argumentamos se tratar de um movimento migratório em resposta a sentimentos generalizados e difusos de apreensão e medo em relação ao futuro no Brasil, que destoam do padrão de vida confortável e da posição relativamente privilegiada daqueles que estão se mudando. A emigração emerge, assim, como uma forma de ação antecipatória impulsionada pelo que aqui denominamos de um “mal-estar de classe média”. Palavras-chave: Brasileiros em Vancouver; Migrações internacionais; Classe(s) média(s); Ação antecipatória.

Abstract

“Get Out of Brazil Now”: Brazilian Emigration as Anticipatory Action

In recent years, the number of Brazilians leaving the country has reached record levels, suggesting a new and unprecedented phase of emigration. In contrast to earlier periods of emigration from Brazil, this recent phase is primarily comprised of Brazilians who have left with their families with the intention of never returning to Brazil as residents. This article analyses this new movement through an ethnography of Brazilians living in Greater Vancouver, Canada, a region in which the Brazilian population tripled between 2006 and 2021. We argue that this migratory movement is a response to generalized and diffuse feelings of apprehension and of fear of the future in Brazil, that diverge from the comfortable standard of living and privileged relatively position of those leaving Brazil. As a result, emigration emerges as a form of anticipatory action motivated by what we call “middle-class malaise”.

Keywords: Brazilians in Vancouver; International migration; Middle-class(es); Anticipatory action.

Texto recebido em 07/06/2022 e aprovado em 21/10/2022.

DOI:10.11606/0103-2070.ts.2022.198669

KATHLEEN M. MILLAR é professora associada da Faculdade de Sociologia e Antropologia da Simon Fraser University (SFU, Vancouver). Mestre e doutora em Antropologia pela Brown University. Realizou pós-doutorado na Duke University. Autora do livro *Reclaiming the discarded: Life and labor on Rio's garbage dump* (Duke University Press, 2018). E-mail: kmillar@sfu.ca.

MICHELE A. FANINI é pesquisadora. Mestre e doutora em Sociologia pela USP-SP. Realizou pós-doutorado (Fapesp) no IEB-USP, do qual resultou o livro *A (in)visibilidade de um legado: seleta de textos dramaturgicos inéditos de Júlia Lopes de Almeida* (Fapesp/Intermeios, 2016). Atuou como pesquisadora associada do GEPHOM-USP, onde desenvolveu pós-doutorado sobre a imigração brasileira na Grande Vancouver. E-mail: michele.fanini@usp.br.



Management of natural resources in protected areas

Interinstitutional dialogue, social capital, and agency in the transition to agroecological systems¹

Aico Sipriano Nogueira*

<https://orcid.org/0000-0001-9471-7966>

Introduction

In the last decades, participation of local communities and achieving development goals has been increasingly debated in the development literature, and widely promoted by scholars (Blackburn *et al.*, 1999; Chambers, 1983, 1997; Hagedorn, 2015; Ostrom, 1990, 2005; Pretty and Smith, 2004), and multilateral agencies (Cornwall, 2000; Dongier *et al.*, 2004). They look for ways to associate these groups with actions that at the same time preserve biodiversity, respect traditional forms of life and adopt actions that contribute to the transition to sustainable societies and reduce poverty.

* Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

1. This article was written as part of research I carried out as a Queen Elizabeth Scholar (QES) at the University of York, Canada, with support from the Social Sciences and Humanities Research Council, and the Center for Research in International Development, Canada. I would like to thank Dr. Ellie Perkins, from the University of York and coordinator of QES, for the important support and valuable comments to the work. To Dr. Marcos Sorrentino, coordinator of the Environmental Education and Policy Laboratory (OCA), in the Department of Forestry Sciences at the Superior School of Agriculture at the University of São Paulo, Esalq-USP, I want to thank for his encouragement and constant willingness to contribute in an always positive and creative way to the search. To Anna Fridha Santos Ott, Maria Clara Cruz Moura, and Ivo Ferraz Racca, students at Esalq-USP, I would like to thank for their important contribution to the field research in the Guapiruvu Community. To the residents of the Guapiruvu Community, especially Mr Gilberto Ohta and Mr. Geraldo Xavier de Oliveira, I am grateful for their hospitality and solicitude in the various visits we made to the community.

In this context, the change of conventional methods of agricultural production into agroecology is seen as an essential aspect of sustainability, as it contributes to food and nutrition security, socio productive inclusion of family farmers, reduced emissions of greenhouse gases and global warming. The techniques required to achieve this transition go beyond technological or agronomic aspects of production. They also incorporate broad and complex dimensions such as economic, social, and environmental, cultural, political, and ethical components (Caporal and Costabeber, 2000; 2002a; 2002b; 2004; Guzmán Casado *et al.*, 2000; Gliessman, 2000; Wezel *et al.*, 2009).

These initiatives have been particularly challenging in the context of groups living in and around protected areas (PAs), as they are subjected to restrictive environmental laws that often have a negative impact on their traditional lifestyles (Andrade and Rhodes, 2012; Lane, 2001; Pretty and Smith, 2004; Wilshusen *et al.*, 2002). In order to deal with these challenges, several studies have demonstrated the importance of strengthening local institutions as a way of empowering these actors in decision-making processes. It aims to guarantee community autonomy and self-management and access to common resources through an effective interinstitutional dialogue with official institutions operating in these areas.

However, the real transformative potential of the participation and empowerment of these groups has also been the subject of criticism by researchers, emphasizing the decontextualization and over-simplification of local social structures (Eversole, 2003; Henry, 2004; Loker, 2000; Sesan, 2014). In reaction, these groups sometimes express their agency by subverting the proposed objectives, showing their ability to mobilize effectively their identity relationships around specific issues (Gilmour *et al.*, 2013; Sampson *et al.*, 1997; Durham *et al.*, 1997; Bandura, 2000; Newman and Dale, 2005; Nogueira, 2018). Through this process strategies are created, and advantage taken of political opportunities, in support of their own demands for development, which are not always in line with the officially defined objectives. Among these schemes, the way some groups develop the ability to incorporate sustainability narratives as a way of strengthening their dialogue with other levels of governance, but sometimes eventually becoming an instrument of compliance and reproduction of the dominant agrifood regime, is something not widely discussed in the literature. Thus, the central questions that this work seeks to answer are: what elements of the internal social structuring of these groups allow them to perform this dual process?; and, how does this information contribute to more effective interventions in terms of public policies aiming at agroecological transition?

To explore these issues, we have done research in Vale do Ribeira in the State of Sao Paulo, Brazil. It is an area which since the 1950's has been under various forms

of environmental protection, as it concentrates the main contiguous remaining areas of Atlantic Rainforest in the country.

Our case study is the Guapiruvu community in the municipality of Sete Barras, a place where over the last 30 years environmental issues, with the implementation of two large conservation units neighbouring the area in the long-term context of a struggle for land ownership, have guided its social processes of development. The way in which the community has built local social organizations, capable of establishing an effective dialogue among themselves and with other levels of governance operating in the area, has enabled it to be recognized as an effective community working towards development (Bernini, 2009; Grigoletto, 2018; Valentin, 2006).

In this paper we argue that the appropriation of the environmental discourse by some community leaders has allowed initially contentious relations to be gradually converted into a more cooperative relationship across many issues and scales. Moreover, the discourse of the transition from conventional agriculture to agroecology came to represent the peak of this process, a strategy that has been the foundation of local organizations' action.

Nevertheless, despite the presence of favourable social organization conditions agroecology has been a means rather than an end in itself, and the community performs a double development. While most of the community members are committed to continuing the reproduction of the dominant agrifood regime, through its insertion in the conventional agricultural production markets, it is at the same time part of a new process of legitimation and consolidation of new sustainable short circuits formats of production and commercialization. Furthermore, also for the consolidation of new patterns of responsible consumption, especially in the urban areas (Bava, 2012; Feenstra, 2002; Sevilla Guzmán and Soler Montiel 2010). This second movement is responsible for the visibility and gains of the community in terms of income generation, public facilities of education, health, and infrastructure. This has arisen from a political rhetoric constructed by a community that knew how to organize and make the most of this strategy (Levidow *et al.*, 2014; Smith and Raven, 2012). It shows the importance of considering the internal structuring of local groups in the formulation of public policies, and the agency of the subjects in response to the lack of support from public authorities.

The research was conducted from a theoretical perspective on the transition to a sustainable society, agroecology, food security, multilevel governance/ interinstitutional dialogue, and the participation of local communities in the management of common natural resources, especially in protected areas. The field work was carried out based on qualitative methods, with primary and secondary data collected between September 2019 and April 2020 from 3 sources: published government

documents and academic works; informal and semi-structured interviews; and field observations.

The article is organized as follows: firstly, discussing the relationship between local communities, multilevel governance/ dialogue, and the transition to agroecology in protected areas. It is followed by an explanation of the methodological procedures. The research object is then characterized, showing the historical importance of the environmental issue in the Vale do Ribeira region, and the problems involved in the formation of the community. In the next section, the different institutional spheres in the community are analysed, followed by a discussion of the aspects of shared mental representations, the community's internal classification system, leadership and their effects on local organizations and the community's production system. The paper then discusses the community's agroecological production, as well as its connections with the family production and commercialization of Sete Barras, and with largest urban centres of the state of São Paulo. The paper is concluded with a discussion of the double process verified in the community, as a product of its existing social capital and agency, which are mobilized efficiently by the group to guarantee their subsistence, and in response to the absence of official support to their actions.

Protected areas (PAS), local communities, and agroecology

It has been widely recognized that many areas sensitive to biodiversity loss and in need of conservation are also areas of high social vulnerability. They are generally characterized by elevated levels of poverty, repressive and unstable anti-democratic regimes, and problems linked to the struggle for land tenure (Brechin *et al.*, 2002; Myers, 1998; Myers *et al.*, 2000; Brüggemann *et al.*, 1997; West and Brechin, 1991). In many such areas, ecologically sustainable interrelationship systems between humans and the land, sometimes evolved over millennia by Indigenous peoples, are under pressure from 'outside' populations, extraction, and political considerations. Furthermore, these areas are frequently arenas of conflicts (Ostrom, 2005) with disputes between groups representing such diverse interests as tourism, mineral and oil exploration companies, guerrilla groups and drug cartels (Brechin *et al.*, 2002). All of this makes these spaces a complex mixture of social, economic, and political disputes, which present further challenges in the management of environmental conservation programs, and especially for the implementation of transition practices towards more sustainable societies. The question of who has access and rights in such spaces is therefore central.

Regarding protected areas, and especially the populations living in and around them, there is a vast literature dealing with the often-contentious relationship

between the management of PAs and these communities. And these works are focused mainly on the impacts caused by conservation programs and policies on the traditional ways of life of local people, particularly regarding changes to their access to natural resources (Andrade and Rhodes, 2012; Bennett *et al.*, 2017; Bernini 2009; Brüggemann *et al.*, 1997; Chape *et al.*, 2008; García-Frapolli *et al.*, 2009; Pretty and Smith, 2004; West and Brechin, 1991). The frequent prohibition of communities' access to important natural resources, and even the removal of some of these groups from their lands, in many cases has harmed these communities rather than helped them. Hence, this naturally undermines the effectiveness of environmental protection policies (Anthony, 2007; Hamilton *et al.*, 2000; Jim and Xu, 2002; Lane, 2001).

Likewise, thinking about how these conflict arenas and multiple levels of governance and institutional actors can achieve not only conservation, but also the integration of surrounding communities and their commitment to the transition to agro-sustainable practices has been a challenge for researchers and policymakers. of public policies. This difficulty has been particularly evident when considering conservation units, characterized by environmental and social vulnerability and restrictive environmental laws.

Hence, the transition to agroecology, as part of a wider effort to establish sustainable societies is being driven by a growing concern over global food insecurity, as well as the significant contribution of the food system to greenhouse gas emissions and global warming. Furthermore, agroecology has been also recognized as a potential alternative to current agrifood systems (Altieri *et al.*, 1998, Altieri and Toledo 2011, Levidow *et al.*, 2014; Wezel *et al.*, 2009), and has become increasingly central to the global debate. This interest is not only concerned with technical issues around sustainable food production, but also been identified as improving the access and distribution of natural resources through breaking away from conventional models of exploitation.

In this arena of debates, several studies emphasize the need to redesign the economic and social structures that govern our food systems, and especially the relationship between agroecology and politics. Furthermore, also the importance of socio-political and institutional reforms that allow the construction of sustainable agrarian systems (Altieri *et al.*, 1998; Altieri and Toledo, 2011; Buttel, 1997; De Molina, 2009, 2013; Rosset, 2003).

In developing countries, the rural population is unequal access to resources such as water, land, energy, and environmental services builds pressure on these resources, driving social conflicts. Moreover, the wealth these resources generate is often appropriated by a limited number of actors, widening social inequalities.

Hence, resource inaccessibility leads to environmental degradation and increasing inequality, constituting a persistent source of instability, and delineating the strong relationship between equity and sustainability (Guzmán Casado *et al.*, 2000). And these relationships depend “critically on the institutional settings that structure interactions among agents” (Baland *et al.*, 2018, p. 8).

Thus, the importance of local institutions and the participation of local actors in the management and conservation of biodiversity, and for the transition strategies for sustainable societies have been increasingly recognized in the literature (Hagedorn, 2015; Ostrom, 1990, 2005; Pretty and Smith, 2004), showing the difficulties faced when local communities are not co-participants in such processes (Andrade and Rhodes, 2012; Anthony, 2007; Grainger, 2003; Pretty and Smith, 2004). In these studies, especially those by Elinor Ostrom (1990, 2001, 2009a, 2009b, 2010) and her adherents, existing social dynamics and processes that allow or hamper the construction of appropriate institutional arrangement, designed to manage shared natural resources, have been identified in many places (Leroy, 2016; Perkins *et al.*, 2017; Santana *et al.*, 2010). However, the degree of participation of local populations in these processes, as a way of ensuring better compliance with preservation policies (Wilshusen *et al.*, 2002), and the factors that most influence communities’ agreement with these actions, have been attributed generally to local specificities, especially their capacity to engage in interinstitutional dialogue.

Therefore, the capacity of local actors to engage in discussions with other instances of power is seen as crucial for concerted conflict solutions, especially due to the lack of legitimacy that external regulations have, often contrary to the customary practices of traditional communities (Brechin *et al.*, 2002). This ability to enter dialogue is at the basis of governance, seen as a “processes of interaction and decision-making among the actors involved in a collective problem that lead to the creation, reinforcement, or reproduction of social norms and institutions” (Hufty, 2011, p. 405), is a fundamental element within this process. Although authors also recognize the existing difficulties mainly due to the multiple power relations in these communities, and the great heterogeneity of these groups in terms of classes, ethnicities, religious and political orientations, they point to the importance of incorporating governance strategies in conservation initiatives (Brechin *et al.*, 2002; Gibson *et al.*, 2000; Ostrom, 1990; Ostrom *et al.*, 1994).

Multilevel and multi-actor governance, understood as a set of initiatives or actions that express the ability of a territorially organized society to manage public affairs, based on the joint and cooperative involvement of social actors (Forsyth, 2009; Kern and Alber, 2008; Piattoni, 2009; Stein and Turkewitsch, 2008), has been increasingly seen as an important tool to augment participation and reduce competition

between people and agencies. This happens as far as vertical and horizontal relations, respectively established between actors with the same degree of influence and interest, and those located at different spatial levels can act collaboratively (Cudney-Bueno and Basurto, 2009). Therefore, important components such as actors, spheres of authority and interests constitute central aspects of multilevel and multi-actor governance (Forsyth 2009), based on essential elements of good governance such as participatory democratic processes, transparency, and accountability².

Hence, the search for sustainable development involves a change in existing social and institutional dynamics, which implies the redesign of public policies and their internal mechanisms, on which to build new sustainable agroecosystems.

In addition to the recognized importance of structuring local communities to establish an effective dialogue with other governance bodies, agency is another important element of this process, defined as the ability of groups to plan and to initiate actions through intentional causality aiming at a desired effect (Bandura 2000; Onyx and Bullen, 2000). In this sense, as Newman and Dale state (2005, p. 482), agency is the engine that moves the action, and this occurs when the actors are aware of their power to transform their aspirations and desires into results. Even though there are cases in which agency is not necessarily linked to the internal structure of local communities (Krishna, 2001), it is certain that the existence of a strong local organization is a great facilitator of this process.

Nevertheless, notwithstanding social capital and agency being seen as important components for sustainable development processes, analysis of specific cases in which multiple levels of institutional action are present – with a strong local relations of trust; reciprocity and exchanges; system of common norms and penalties; and networks and groups connections, elements that classically characterize social capital (Newman and Dale, 2005; Pretty and Ward, 2001) –, they do not guarantee alone the effectiveness of biodiversity conservation actions and transition to sustainable agroecological systems.

In this context, the Guapiruvu community is an example of this process, in which the existence of these elements, combined with an efficient appropriation of sustainability rhetoric, acts to reduce conflict, and facilitate interinstitutional dialogue. However, the community's socioeconomic and cultural cleavages make local institutions a reflection of these internal divisions, whose actions result in a double process. On the one hand, the community subscribes to conventional patterns of production and commercialization through an increase and strong

2. <https://www.undp.org/content/dam/aplaws/publication/en/publications/democratic-governance/dg-publications-for-website/a-users-guide-to-measuring-local-governance-/LG%20Guide.pdf>.

insertion in the markets; on the other hand, it also plays a role of resistance and countermovement to the deepening of market forces. This process is thus the result of self-protection actions of subordinate groups, through social disputes and other silent practices unleash for structures of domination e tensions between the state, markets, and civil society at local and global level (Block and Somers, 1984; Schneider and Escher, 2011).

Methodology

From the reading of official and historical documents, as well as academic works such as Grigoletto (2018), Bernini (2009) e Marinho (2006; 2012), five subsequent visits to the community were carried out, with informal and semi-structured interviews (Longhurst, 2016) with local leaders, settled families and other residents. The visits and interviews were based on three main axes: 1- *temporal* – looking for the movement of people in and through the community; the connections of these people with past and future; 2- *cosmological* – trying to understand their ideas and believes, conceptions of time, nature and environment; agroecology; notions of equity and social plurality; 3- *social* – observing the internal organization of the community; the relations of the community with the local society; of the community’s residents with society as a whole, and with formal and informal institutions; cooperation and conflicts.

TABLE 1

SEX	SETTLERS	NO SETTLERS	TOTAL
Women	2	4	6
Men	3	6	9
TOTAL	5	10	15

Semi-structured interviews were also carried out with representatives of other spheres of power present in the community at the federal and state levels, respectively from the National Institute of Colonization and Agrarian Reform, Incra, the Fundação Florestal (FF) and the Intervales State Park (PEI). These interviews were organized around the following thematic axes: 1- interinstitutional dialogue with other levels of government and at the local level; 2- the main obstacles faced in this dialogue and for the implementation of policies; 3- the main advances and challenges in the process of converting traditional agriculture to sustainable agroecological systems in the territory.

TABLE 2

	INCRA	FF	PEI	TOTAL
TOTAL	2	2	1	5

As a way of complementing the collection of qualitative data, a closed-ended questionnaire was also applied to 69 of the 83 rural producers in the community (83.14%). It aimed to assess their perception of issues such as environmental preservation, conventional / agroecological production, and aspects related to the agroecological transition.

The Guapiruvu Community and environmental issue in Vale do Ribeira

The currently Guapiruvu social organization originated from the conjunction of some factors: the location of the community in the Vale do Ribeira, an area strongly marked by the presence of conservation units and restrictive environmental laws; the struggle on the part of the community for the possession of the land that they occupied for more than 100 years; for being located in the buffer zone of a large state park; and, for the presence of local leaders committed to the environmental issue.

Vale do Ribeira is a territory made up of 25 municipalities, whose area is covered by 60 % vegetation with 35³ Conservation Units⁴, comprising the largest area of state parks and reserves in the state of Sao Paulo (Brancher, 2006; Galvanese and Favareto, 2014; Resende, 2002). This has made the environment an extremely sensitive issue for the economic and social development of the region.

After a crisis in the region's rice production, due to the drop in prices resulting from the competition with other country's large production centres, in the second half of the 19th century, part of the population living in rice producing municipalities has left these areas in search of other forms of survival and fertile lands. This process created new population centres in the region, such as the Guapiruvu community (Bernini, 2009; Grigoletto, 2018; Zan, 1986), formed by the Alves, Teixeira and Pereira families in the 1860s. These families settled in this place occupying a land hitherto without owners, and until the first decades of the 20th century lived on forest resources and growing foodstuffs for survival.

3. <http://www.sigrh.sp.gov.br/cbhrb/apresentacao>.

4. Conservation areas in Brazil are divided into: Environmental Protection Area (APA); Area of Relevant Ecological Interest (Arie); Ecological Station (EE); State Park (PE); National Park (PN); Sustainable Development Reserve (RDS); Extractive Reserve (Resex); Private Reserve of Natural Heritage (RPPN); Wildlife Refuge (RVS).

FIGURE 1

Vale do Ribeira Territory	
Municipalities	25
Area	18.112,80Km2
Population	443.231
Urban population	328.410(74,09%)
Rural population	114.821 (25,91%)
Settled families	159
Family farming enterprises	7.037
Fishermen	3.438
Extreme poverty families	33.904
Quilombolas communities	33
Indigenous communities	13
Conservation units	35

Source: IBGE, Censo Demográfico (2010); Incra (2014); *Atlas do desenvolvimento Humano* (2014); *Human Development Index/UNDP* (2014).

The growth in urban-industrial in the state of São Paulo from the 1940s onwards, associated with the expansion of the road system incorporated the Vale do Ribeira into a new social and economic dynamic. It generated a major boost to real estate speculation in the region (Bernini, 2009; Grigoletto, 2018), favouring major private interests and ignoring the presence of squatter families (Bernini, 2009; Grigoletto, 2018). This led to an intense struggle for lands traditionally occupied by families in the area throughout the 1970s and 1980s, with countless cases of violence, evictions, and repossessions in the 1990s.

In 1996, the community’s social organization process intensified due to recognition of Guapiruvu by the NGO Vitae Civillis⁵ for its leadership amongst disadvantaged groups in the area, especially dispossessed families. Therefore, the community was selected by Vitae Civilis for a pilot project to the development of an Agenda 21, as a document that aims to create local solutions to global socio-environmental problems⁶. One of the first initiatives was the creation of the Association of Solidary Economy and Sustainable Development of Guapiruvu – AGUA, in 1997.

5. For an overview of Vitae Civilis’ work in Guapiruvu, see the video: <https://www.youtube.com/watch?v=q3n53Hg3X-k>.

6. See: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/Agenda21.pdf>.

FIGURE 2

The location of the Guapiruvu community and surroundings PAs



Source: Instituto Socioambiental – ISA – Programa Monitoramento de Áreas Protegidas, 2019; Sivam/Sipam, 2004; MMA, 2006.

The launch of Agenda 21, in 1998, also marked a closer relationship between the Guapiruvu community with the public authorities aiming at obtaining basic services theoretically guaranteed by law, such as income generation projects and activities related to eco-tourism and environmental preservation. In 2000, AGUA started supporting the creation of a rural settlement in the area, in which the historical roots of the Alves, Teixeira and Pereira families in the region could be recognized (Grigoletto, 2018).

Thus, the growing organization of the community and the approach to state public agencies and NGOs linked to the environmental issue, made the struggle for land start to attract the attention of the authorities in another way. In 2000, AGUA, with the support of the Instituto Florestal and Vitae Civilis, presented a proposal to the National Institute of Colonization and Agrarian Reform (Incrá) to create a Sustainable Development Project (PDS) in the area, using alternative formats of rural settlements created by Incra⁷ as a way to mitigate land conflicts, especially in the Amazon region (Paula and Silva, 2008).

7. The approximately 9,000 rural settlements in Brazil created by Incra, can be divided into two groups: 1- Settlement Projects (PAS), created by obtaining land from Incra; Agroextractive Settlement Projects (PAE), those that are environmentally differentiated; Sustainable Development Project (PDS); Forest Settlement Project (PAF); e- Decentralized Sustainable Settlement Project (PDAS). 2- Settlement projects created by other government institutions, and recognized by Incra.

Since the claimed area is in the buffer zone of the PEI, there was an initial refusal by Incra to proceed with the establishment of the settlement, due to environmental impediments. However, as Bernini (2009) points out, the combination of the land issue with the environmental ideal resulted in the expropriation of the farm, which had been a key objective for dispossessed families, and the creation of the Alves, Teixeira, and Pereira Sustainable Development Project, in 2005.

The proximity to the park largely determines the community's relationship with the environment and its forms of local social organization, profoundly impacting the traditional practices of the local groups, as they were prevented from making their livelihood from the forest and land. Access to traditional resources was always limited by checkpoints and inspections carried out by the police inside and outside the park, seeking to prevent poaching of prohibited species and animal-hunting, and especially the illegal extraction of juçara heart of palm (*Euterpe edulis*) for family consumption and mainly for sale. Given the importance of the juçara, whose fruits are essential for the balance of the food chain of birds and mammals in the Brazilian Atlantic Rainforest ecosystem, and due to the fact that after the extraction of the heart of palm the tree is totally discarded and does not regenerate (Janishevski *et al.*, 2015), its removal became an environmental crime in Brazil. Thus, these families became targets of repression and even arrests (Bernini, 2009), while deprived them of one of their main means of subsistence.

The different community institutional spheres

The struggle for land ownership by part of the community triggered an increasing process of local organization, given the need to coexist and dialogue with multiple institutions spheres: at the federal level, the agroecological settlement managed by Incra; at the state level, the PEI, managed by the São Paulo State Forestry Foundation; and at the community level, the local organizations.

Since its creation in 1997, AGUA has become the leading organization in the area (Raelin, 2003). It started a series of programmes such as ecotourism activities, production and commercialization of medicinal plants, courses on agroforestry, support for the creation of the Municipal Secretariat for Rural Development, mapping tourist trails in the PEI and beginning of guided activities, and fundraising from various sources for activities aimed at environmental sustainability. Agua thus constituted initially an organization of a mainly political character. It was responsible for bridging the gap with other institutions outside the community, such as local public authorities and the agencies of the federal and state government, formulating public policies demands and defending sustainable development in the area.

FIGURE 3
The Guapiruvu institutional governance



From Agua, other local organizations were formed. While AGUA had mainly a political role, other instances such as Asas, Dasmu and Amas represent specific groups and community interests.

In Guapiruvu, the interaction of local institutions with the federal and state levels is done through official agencies that represent them.

TABLE 3

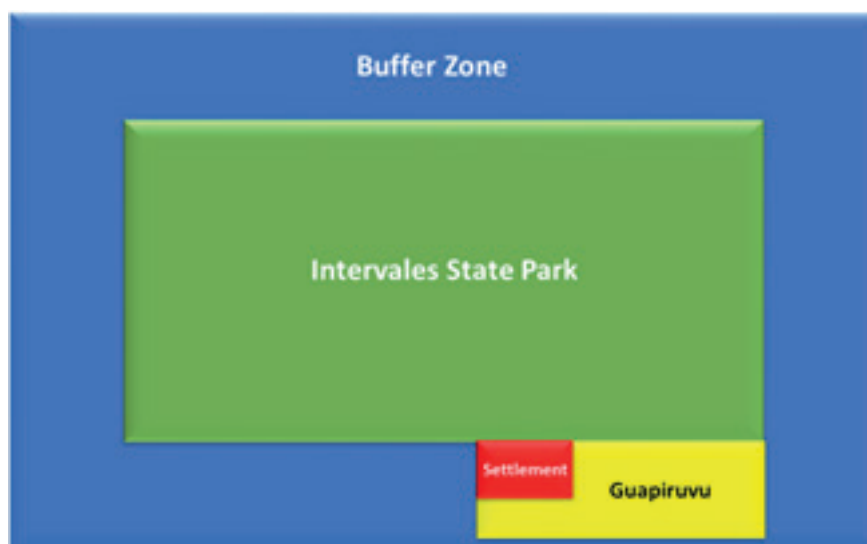
Local Institution	Role in the Community
COOPERAGUA - Cooperative of Sustainable Products of Guapiruvu	Responsible for the commercialization of most of the community's agricultural production
ASAS - Association of the Sustainable Development Project Alves Teixeira Pereira Agro-environmental Settlement	It is the sphere of representation mainly of the interests of the agrarian reform settlers, without much force for dialogue with INCRA and the Fundação Florestal.
AMA – Friends of the Forest Club	It seeks to build eco-citizenship in the young people in the community, encouraging them to participate actively in the processes of necessary society changes aiming at social justice and sustainable development. The activities developed by AMA over time have been discontinuous, especially training as ecotourism guides.
DASMU - Women's Club	It aims to strengthen the role and positions of women in the neighborhood development process, mainly encouraged by AGUA's leaders. However, the strong local patriarchal culture and the absence of female leaders meant that the actions undertaken were only spasmodic, so that DASMU basically exists only on paper.

At the state level, the main regulatory body for the conservation units is the FF of the State of São Paulo. It also manages the PEI, and its remit is stated in its Management Plan as it “establishes specific rules regulating the occupation and use of land in its buffer zone and suggest ways to integrate the unit into the Continuum of Paranapiacaba⁸; promoting the socioeconomic integration of the surrounding

8. The Ecological Continuum of Paranapiacaba is an Atlantic Forest corridor that exceeds 120,000 hectares, formed together by the Intervalles Park, the Carlos Botelho State Park, the Alto Ribeira Tourist State Park (Petar), the Xitué Ecological Station, the Serra do Mar APA and the Atlantic Forest Biosphere Reserve.

FIGURE 4

The location of the Guapiruvu and its settlement in the PEI buffer zone



communities and valuing their traditional knowledge as principles of governance” (Furlan *et al.*, 2008).

The federal action in the community is carried out by Incra, the agency responsible for the division of plots, selection and installation of families, land credit, construction of houses, opening of roads, electricity, and technical assistance in the rural settlement. After being installed, the families cannot sell, lease, rent, lend or give the plots to private individuals.

In the case of the Alves, Teixeira, and Pereira settlement, Incra technicians and an entity called Agricultural, and Forestry Studies and Research (Fepaf) were involved in its implementation. Likewise, two residents of the neighbourhood were hired for this work, which also had the support of Agua and Copperagua.

After the families took possession of their plots in the settlement, Incra started supporting them with work tools and monthly food basket. In addition, it also provided some resources for building houses. However, this support has been discontinuous and today it is totally paralyzed due to the changes implemented by the Bolsonaro government, which has drastically reduced the resources for land reform, including settlements support.

Leadership, community shared mental representations and internal structuring

As indicated by the classic work of Ostrom (1998), understanding the cooperation mechanisms and the internal structuring of the community is an essential element

for the comprehension of the communication channels built by the subjects with other institutional levels. In Ostrom's work, variables such as "individual attributes that are particularly important in explaining behaviour in social dilemmas", that "include the expectations individuals have about other's behaviour (trust), the norms individuals learn from socialization and life's experiences (reciprocity), and the identities individuals create that project their intentions and norms (reputation)" (1998, p. 14), are driving cooperation forces. In other words, cooperation depends on how the subjects ensure reciprocity, and invest in their reputation to achieve mutual trust. Likewise, the existence of effective communication channels is also seen as a key element in the construction of agreements and rules for the use of these resources. This deeper consideration enables a focus on more subtle and subjective aspects that guide the actions of people, based on mental models built alongside existing social processes (Bicchieri, 2006). In this sense, people's preferences depend on the context in which they are produced, and on the social institutions that formed the interpretive frameworks through which individuals see the world (Basu, 2010). Furthermore, the understanding of these worldviews and how they are formed makes it possible to contribute to a more sophisticated perception of public policies, which would not only be more consistent with the expectations and motivations of the local actors, but also to channel the existing agency for the development goals. Hence, in order to understand how the process of internal community organization and dialogue with other institutions take place in Guapiruvu, it is important to analyse its community leaderships.

An analysis of the narratives collected from the community, as an essential source of shared mental representations (Hoff and Walsh, 2018), allow us to observe subtle aspects of the existing community social classification system that reflect on the formation of their leaders, and in the constitution and use of their local organizations.

In this structure, six basic criteria are used by the inhabitants to mentally categorize each other within the community, and to allocate everyone to a cognitive model that works not only to order, rank and map each person in the broader group. It guides also their likely reactions to specific situations. These criteria are: 1- to be born or not in the district (insider or outsider); 2- socioeconomic level (class); 3- educational level; 4- size of their property; 5- whether the agrarian reform allows them to be settled or not; 6- defend conventional agrarian practices or support a move towards sustainable development practices.

In this context, there are those people who boosted Guapiruvu's social organization process in the 1980s, culminating in the formation of Agua. Among them, two leaders stand out for incorporating the ideals of struggle and social transformation. Our interviews with them revealed not only important aspects about the history of the area,

but also essential elements that contribute to explain the emergence and consolidation of these leaders, and their importance for the community's social organization.

The literature states that a leader's success is closely linked to his/her ability to create legitimacy, credibility and motivate their communities around them (Sutton and Rudd, 2019). In this sense, their motivation can largely be explained by their backgrounds, which led them to embrace the causes advocated in the locality.

The first of them (A) was trained in the Base Ecclesial Communities of the Catholic Church in the 1980s, at the time of the strong call by the Church for reflection on the relationship between faith and politics, and the necessary social changes in Brazil (Betto, 1985; Hewitt, 1990). Yet he still plays an important role in the local Catholic Church. The second leader (B) identifies himself as an atheist. He is the son of a former mayor of the city of Sete Barras, who holds of large tracts of land in the region. He has a university degree, a strong humanistic background, identifies himself as a Marxist, often citing vast list of contemporary authors, and has great interest in social mobilization and the transition to sustainable societies.

[...] We must consider the difficult time the world is going through in all sectors. The limits of constant growth, of intensive exploitation of natural resources are clear. It is very important to strengthen our spirit of community, to act together, to unite, to organize ourselves. We've been trying to do that here. Despite so many difficulties, we have achieved many gains talking to various public and private institutions, and NGOs [...] ("B").

Despite their different backgrounds, our interviews with them also showed that both have great admiration and mutual respect, a critical capacity for understanding and leading current social processes, and an emphatic desire to defend the need for social inclusion and agroecological transition. This resulted in converting all their lands into organic production, developing agroforest experiences, and encouraging other producers to do the same. These elements give both a strong motivation for the work they perform.

Another aspect that draws attention is that the literature generally highlights local origins as being an important attribute for the success of community leadership (Sutton and Rudd, 2019). However these leaders were not born in the Guapiruvu community, but rather in the city of Sete Barras. Furthermore, they also have no links with the pioneer families in the area, but rather acquired lands and were linked, above all, to large banana producers in the region. Despite this background they embraced the cause of landless families, started to defend the transition from conventional to agroecological agriculture, and were responsible for the intense social mobilization in the area.

Much of their legitimacy can be explained primarily by the fact that they know and respect the local culture and its demands. In addition, over time they demonstrated a great capacity for articulation and dialogue with residents and other constituted powers around local needs, a feature that according to authors like Krishna (2002) is essential for an effective interinstitutional horizontal dialogue. Furthermore, their achievements were not seen as promoting their own interests, but rather the wider community. Thus, both were primarily responsible for the choice of Guapiruvu by the NGO Vitae Civillis for the pilot for the development of Agenda 21 in the locality.

On the other hand, other community leaders differ from these two examples above. They are natives of Guapiruvu, have low socioeconomic, social, and educational levels, and most of them are settled by the agrarian reform. This means that they do not belong to the traditional families of Sete Barras, have small farms or plots in the agroecological settlement, and are thus part of the largest portion of the community's population.

Furthermore, they advocate an increasing investment in traditional agriculture with a strong criticism of the high costs of organic production, the lack of government support and the absence of markets. For this group, the key leader (C) is paradoxically the main representative of Asas, an agrarian reform settler who therefore should be supposedly committed to the objectives of the area where he lives. Nevertheless, he represents the conventional vision of production and development. In an interview with him, when asked about the role of the environmental issue in the community development, the answer was that the environment is more of a problem than a solution to the challenges of Guapiruvu.

[...] It's a very difficult life, and we don't have any support from the authorities. We don't even have a basic infrastructure here. Almost everything we try to do to help the settlement is blocked by environmental issues, such as installing a power grid. The bridge that we asked the government to build, connecting us to the rest of the community was denied, and we had to do it ourselves anyway. And how are we going to plant organic, if there's no technical support and places to sell it? [...] ("C").

Therefore, the above elements confer a strong relationship of identity, legitimacy, and credibility of these leaders with most people in the neighbourhood, ending up dividing the community into two basic groups. On the one hand, an economic, cultural, educated, and enlightened outsiders, who advocate a transition agenda for sustainable societies having agroecology as their flagship. On the other hand, an insiders' working-class with limited access to resources that differentiate them

from the first. Especially given the absence of official support for their activities, they come to defend conventional forms of development.

Community perception and practices on environmental preservation, and conventional / agroecological production

The semi-structured interviews revealed important aspects about the perception and practices of the inhabitants of Guapiruvu regarding the environment, sustainability, agroecology, and territorial institutions. These aspects were confirmed through a closed-ended questionnaire applied in 69 of the 83 rural producers in the community.

The first aspect refers to the way the inhabitants see the environmental issue in the neighborhood. In the interviews, the importance of preserving the environment was always highlighted. However, while they demonstrate this concern and a commitment to preservation, they also point out that the biggest obstacle to community development is the rigid existing environmental legislation and lack of government actions.

[...] Of course, we don't want the water to be polluted, for the animals to end up, for the forest to be cut down. We know that this is very important for our survival. The problem is that people can't do anything here without a forest guard fining us or arresting us. If we want to make a new garden or increase the one we have, and we have to cut down some trees, even small ones, we are not allowed. If we cut a palm tree, even if it is for us to consume the palm heart, we can be arrested. If we want electricity in the settlement, we need an environmental license that has not been approved for more than 10 years [...].

This aspect was confirmed through the questionnaires. On a Likert scale: Very concerned, Moderately concerned, Neutral, Moderately unconcerned, Not at all concerned, the Very concerned percentages for aspects of environmental preservation were as follows: air pollution (57.97%), water pollution (75.71%), extinction of animals (67.16%), extinction of plants (51.43%), infertile land (67.16%), global warming (52.11%), garbage recycling (52.94%). In addition, on a Likert scale: Very Important, Fairly Important, Important, Slightly Important, Not at all important, 44.93% and 34.78% of the residents say that environmental preservation in Guapiruvu is respectively Very important and Fairly important. Nevertheless, 50% of those interviewed said that the environmental issue, especially restrictive environmental laws, and lack of government support are the main obstacles to community development.

[...] A few years ago I participated in some meetings with people from the community about agroecology. I liked that and decided to plant some banana trees, and also an organic vegetable garden. But that requires lots of care, otherwise the pests will wipe out everything. And I didn't have much knowledge on how to do that. Then, when I tried to sell the products, nobody wanted to pay a little more for organics, and they kept saying that the products didn't look so good. I then decided to produce only conventionally. When it comes to selling it's also easy, and our cooperative helps a lot. I would like to produce only organic products, but my financial conditions do not allow it [...].

About organic production in the community, semi-structured interviews showed that the little financial return, along with technical difficulties and lack of access to markets are the main obstacles to its implementation by most producers. The idea of organic production seems to please most of the interviewees, but its implementation is always understood as something utopian in the face of the need for survival. Thus, the conventional production of bananas and pupunha heart of palm (*Bactris gasipae*), which it is not a native plant can be planted and after harvesting the tree regenerates, appear as the preferred crops in the community. Even the majority of those who produce organic do so on a small scale, concentrating mainly on conventional production. The only residents of the neighborhood who dedicate themselves entirely to organic production are the two community leaders who introduced this issue to the territory.

The questionnaire with closed questions once again showed this aspect. First, showing 55.07% of respondents have already produced organic. However, they abandoned this production because: 1- they did not have a market (21.15%); 2- low productivity (19.87%); very expensive products (15.38%); and lack of technical support (10.90%).

Another factor revealed by the questionnaire concerns the analysis of the items that refer to the commitment that the interviewee considers having with the preservation of the environment; the degree of interest in preserving the environment and; the probability of changing the way of life to better adapt to the preservation of the environment, in view of family income. The crossing of these data shows us a decrease in the respondents' commitment/interest and willingness to change their ways of life in terms of environmental preservation, as their family incomes increase. This may be an indication that, in general, lower-income residents have a better perception of general and specific issues of environmental sustainability than higher-income residents.

Local institutions as an expression of different views of development

Consequently, the community's local institutions end up expressing not only the interests of groups that defend or not sustainable production practices, but also the

socio-educational and economic divisions of the neighbourhood and different views of development. Hence, Agua is the locus of action and expression of ideas led by the local “elite”, and Cooperagua as the instance of domination of the poorest, as well as the space for the consolidation and reproduction of conventional forms of development and ideological confrontation.

However, despite being dominated by groups and different views of development, these two local institutions end up playing complementary and interdependent roles: Agua, for its political function and the effective way in which it formulates demands for public policies, dialogues with different institutional levels, and builds a public image of Guapiruvu as an example of a community committed to sustainable development; Cooperagua, for giving a voice and strengthening the poorest families and improving the economic conditions of the neighbourhood, and making local production viable.

Although the social organization of the neighbourhood today was a creation of this first group, due to the intensification of disputes over different views of agricultural production, and the strengthening of the group of natives in face of the progressive expansion of conventional banana production, made Cooperagua the locus of these disputes. Thereby, it is divided between those who defend “solidarity cooperativism”, inspired by the principles of self-management, cooperation, solidarity, economic viability, equal relations, and sustainability (Singer, 2002, 2008); and those who support “business cooperativism”, with its traditional and practical managerial characteristics and customary participation in the market economy, which bring them very close to established mainstream companies (Costa and Stöberl, 2016).

From Cooperagua’s 83 members in 2020, 6 of them produced organically: respectively 7,23 % and 92,77 % of organic and conventional production and representation. This shows the cooperative as an instrument for the inclusion of small farmers in broader commercial relations under capitalism, through conventionally produced products.

As a result of this, through an agreement between the residents of the neighbourhood, Cooperagua started to dedicate itself exclusively to the commercialization of bananas produced in a conventional way, while Agua became responsible for making the community’s organic production viable. It is basically composed by lemon, papaya, mango, yam, custard apple, orange, tangerine, pupunha heart of palm, as well as gold, bread, silver, and dwarf bananas.

In this way, the appropriation of the local institutions by both groups was consolidated, which started to use them as a way of instrumentalizing ideologies and strategies of agricultural production and commercialization. This clash of forces

within Cooperagua is therefore a reflection not only of their different views of development, but also of their local social, cultural, and political relations.

Agroecological production in the community and its insertion in alternative agrifood systems

Currently, there are 15 organic food producers in Guapiruvu. From them, 2 are working exclusively with agroecological products, withdrawing their production entirely from agroforestry systems. The others 13 producers work with mixed systems: organic gardens and crops and small agroforestry, but also with conventionally produced products. It means that 9.86 % of the neighbourhood families (152) produce organics (but also conventionally produced products), and only 1.31 % are dedicated to agroecology.

The PDS, which should be the great showcase for agroecological production not only for the community but for the wider region, is experiencing a paradoxical situation. While its main strategy regarding the transition to sustainability and environmental preservation should be the adoption of ecological agriculture, combining the production of agricultural products with the conservation of biodiversity, today it represents about 2 % of the neighbourhood's organic production. At the same time, it accounts for 55 % of conventional banana production at Cooperagua.

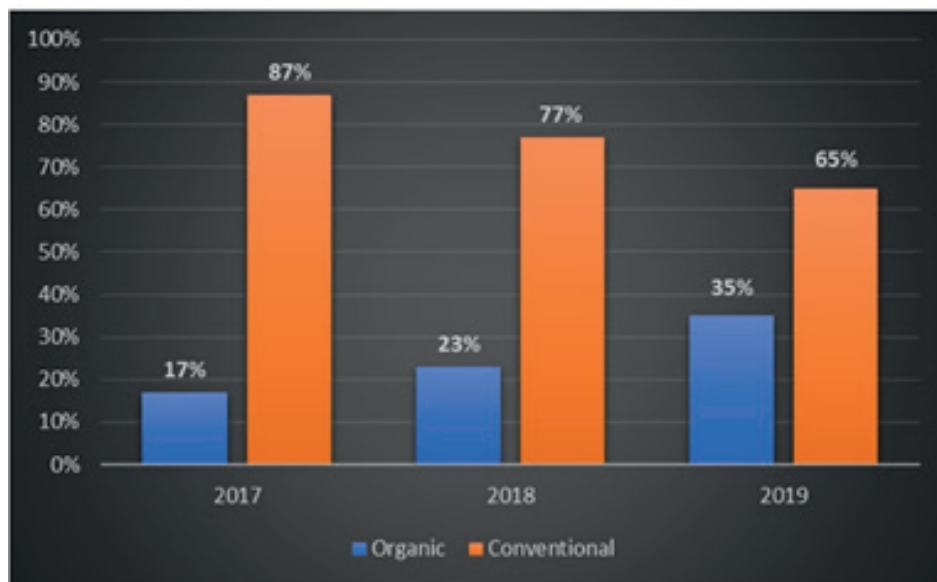
In terms of commercialization, insofar Agua became responsible for the commercialization of the neighbourhood's organic production, it also contributed greatly to setting up a system of selling family agricultural organic products of Sete Barras, integrated with the growing alternative agri-food systems in large urban centres.

Thus, having Cooperagua as a model, and with the support of the Municipal Council for Rural Development of Sete Barras, in 2011 was created the Cooperative of Family Agriculture of Sete Barras, Coopafasb. Its objective is to promote the solidarity economic viability of family farmers in the municipality, seeking market opportunities and supplying products to institutional and conventional markets⁹.

For this proposal, 5 Centre for Cooperation and Solidarity Integration (Nicos) were created, each of them integrating family producers of different districts in the city. Through this model, Coopafasb acts as an umbrella aggregating the production of 160 families of these Nicos, and selling their products to different markets: organics fairs, solidarity economy initiatives, responsible consumption groups, restaurants, and cultural groups, above all located in the São Paulo and Campinas metropolitan

9. See: <https://coopafasb.com.br/>.<https://coopafasb.com.br/coopafasb>

FIGURE 5
Conventional and organic Coopafasb commercialization – 2017-2019



Source: Coopafasb.

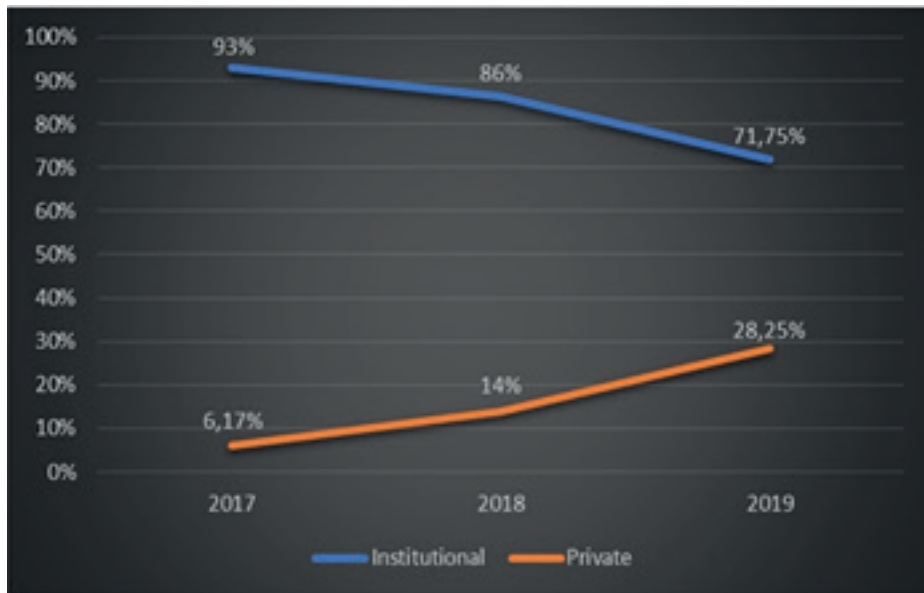
centres. More than 100 products are sold, including non-conventional food plants¹⁰ (Kinupp and Lorenzi, 2014).

The main market for Coopafasb products is primarily official purchases through two government programs. The first is the Food Acquisition Program (PAA), whose main objective is to guarantee the basic rights to food and nutritional security, and the second is the National School Feeding Program (PNAE), which requires that 30% of school meals must be purchased from local producers. Their main tool is the government purchase – with no bidding – of food from family farmers, settled by agrarian reform, indigenous communities and other traditional peoples and communities, for the formation of strategic stocks and distribution to the most socially vulnerable population.

As can be seen in Figure 6, from 2017 government sales have been steadily decreasing, while private sales that include organic products have been growing ever since. This can be explained by the reduction in purchases made by the government through the PAA, but also by a strengthening of the alternative production and marketing network of which Sete Barras is a part.

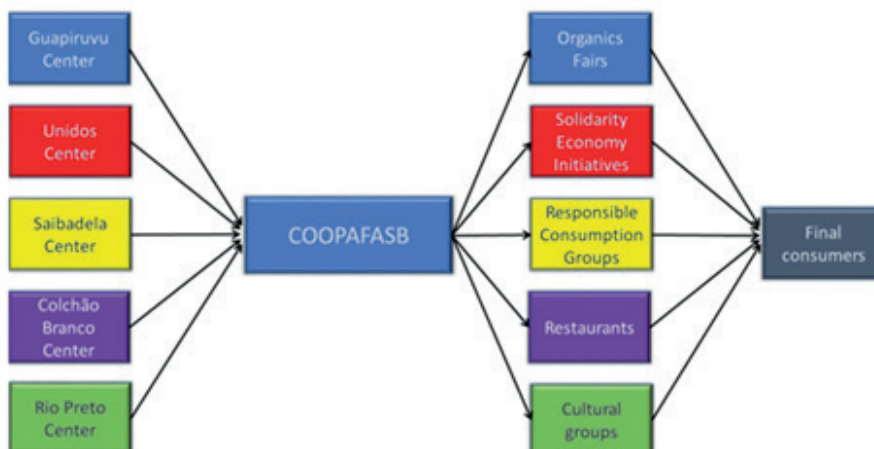
10. Non-conventional food plants (Pancs), is a term created in 2008 by the biologist Valdely Ferreira Kinupp to refer to plants or parts of plants that can be used in food, but that are not used in the daily lives of people in general. These vegetables, however, do not constitute a homogeneous group, like a plant family, and can include, for example, both native and exotic plants, spontaneously produced or cultivated plants.

FIGURE 6
Coopafasp public and private sales – 2017-2019



Source: Coopafasp.

FIGURE 7
Flow of agroecological production and commercialization of Sete Barras



Source: Prepared by the author.

Representatives of the cooperative stated that in 2019 their income was around R\$ 3,000,000.00 (\$ 572,136.93), with each family annually gaining of around R \$ 18,759.00 (\$ 3,575.85). That means a monthly amount of R \$ 1,563.00 (\$ 293.31), which represents a 49.57 % increase over the minimum wage in Brazil in 2020, that was R\$ 1,045.00 (\$ 196.10)

Thus, the experience of agroecological transition initiated in Guapiruvu overcame the limits of the community, influenced sustainable agriculture practices in the municipality and contributed to the strengthening of an agrifood system that transcends Sete Barras. It completes itself in the niches of consumer markets in large urban centres in the state of São Paulo, in which authors like Moraine *et al.* (2018, p. 2) call Agroecological Farming Systems.

Conclusion

The literature has increasingly underlined the multifactorial aspects of the transition from current models of conventional rural development and agriculture to patterns of sustainable rural development. In this sense the Guapiruvu community has different elements articulated in this process. However, this study shows that even with the presence of elements pointed out by the literature as essential to the process of sustainable development, such as the capacity for interinstitutional dialogue, social capital and agency by local communities, the participation of the state as a facilitator of this process is often vital.

In the case of the other levels of governance that operate in the Guapiruvu area, the broader situation of the community in adhering to sustainable development practices has arisen basically from poor intergovernmental support to foster the agroecological transition, especially technical assistance, and the broader socio-productive viability of sustainable products. This has happened despite official documentation planning joint activities for this purpose, as stated in the PEI Management Plan zoning. Another factor leading to failure is the lack of support for basic infrastructure improvements. The struggle for electricity in the settlement drags on for 10 years, not only harming development activities in the area but also negatively affecting the families' living conditions. Due to these difficulties, many of them prefer to live in the village, going to their plots just for work. In fact, the only constant presence of state power in the community is aimed at suppressing deforestation, hunting wild animals, and especially the extraction of *juçara* hearts of palm.

Hence, although agroecological production has been practiced entirely by only 1.31 % of the inhabitants, and despite its great influence on the organization and support to family farmers in the municipality, at the community level agroecol-

ogy and sustainable development practices have become the great showcase of the neighbourhood.

The efficient use of this image by a small group of residents was responsible for gains on other fronts. In addition to the agroecological settlement, there has been the construction of 2 schools; selected garbage collection; and obtaining a tractor by the cooperative that can now be used by the entire community. Moreover, important partnerships have been founded with institutions such as the Vitae Civilis, Brazilian Foundation for biodiversity – FUNBIO, Ford Foundation, and with the government of the state of São Paulo and the World Bank for the Watershed Project, for numerous sustainable development activities.

In this way, the absence of incentives but having the sustainability as its main banner, in Guapiruvu most of its members were able to make an efficient use of the sustainability discourse, although strengthening the sectorial character of production and commercialization. Furthermore, also supplying the market with conventionally produced products, especially from the banana monoculture in the area. It shows, as Jansen (2015) states, that part of the crisis in the agrarian capitalism today is due to the desire for participation by those who feel excluded from it.

References

- ALTIERI, M. A. & TOLEDO, V. M. (2011), “The agroecological revolution in Latin America: rescuing nature, ensuring food sovereignty and empowering peasants”. *Journal of Peasant Studies*, 38 (3): 587-612.
- ALTIERI, M. A.; ROSSET, P. & THRUPP, L. A. (1998), *The potential of agroecology to combat hunger in the developing world*. Retrieved from: <http://www.fao.org/docs/eims/upload/207906/gfar0052.pdf>.
- ANDRADE, G. & RHODES, J. (2012), “Protected areas and local communities: an inevitable partnership toward successful conservation strategies?”. *Ecology and Society*, 17 (4).
- ANTHONY, B. (2007), “The dual nature of parks: attitudes of neighbouring communities towards Kruger National Park, South Africa”. *Environmental Conservation*, 34 (3): 236-245.
- BALAND, J.-M.; BARDHAN, P. & BOWLES, S. (2018), *Inequality, cooperation, and environmental sustainability*. Princeton, Princeton University Press.
- BANDURA, A. (2000), “Exercise of human agency through collective efficacy”. *Current directions in psychological science*, 9 (3): 75-78.
- BASU, Kaushik (2010), *Beyond the invisible hand: Groundwork for a new economics*. Princeton, NJ, Princeton University Press.
- BAVA, Silvio Caccia. (2012), “Circuitos curtos de produção e consumo”. In: *Um campeão visto*

de perto – Uma análise do modelo de desenvolvimento brasileiro. Rio de Janeiro, Heinrich Böll Stiftung.

- BENNETT, N. J. *et al.* (2017), “Conservation social science: Understanding and integrating human dimensions to improve conservation”. *Biological Conservation*, 205, 93-108.
- BERNINI, C. I. (2009), *De posseiro a assentado: a reinvenção da comunidade do Guapiruvu na construção contraditória do assentamento agroambiental Alves, Teixeira e Pereira, Sete Barras-SP*. São Paulo, dissertação de mestrado em Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- BETTO, F. (1985), *O que é comunidade eclesial de base*: São Paulo, Abril Cultural.
- BICCHIERI, C. (2006), *The grammar of society: the nature and dynamics of social norms*. Nova York, Cambridge University Press.
- BLACKBURN, J.; CHAMBERS, R. & GAVENTA, J. (1999), “Learning to take time and go slow: mainstreaming participation in development and the comprehensive development framework (CDF)”, paper prepared for Operations Evaluation Dept, World Bank. Brighton, IDS.
- BRANCHER, Paulo. (2006), “Território Vale do Ribeira”. *Plano safra territorial*, São Paulo.
- BRASIL. (2006). *Plano Nacional de Áreas Protegidas*. Brasília, *Diário Oficial da União*. Disponível em https://www.mma.gov.br/estruturas/240/_arquivos/decreto_5758_2006_pnap_240.pdf.
- BRECHIN, S. R.; WILSHUSEN, P. R.; FORTWANGLER, C. L. & WEST, P. C. (2002), “Beyond the square wheel: toward a more comprehensive understanding of biodiversity conservation as social and political process”. *Society & Natural Resources*, 15 (1): 41-64.
- BRÜGGEMANN, J.; GHIMIRE, K. B. & PIMBERT, M. P. (1997), *Social change and conservation: Environmental politics and impacts of national parks and protected areas*. Londres, Earthscan.
- BUTTEL, F. H. (1997), “The politics and policies of sustainable agriculture: Some concluding remarks”. *Society and Natural Resources*, 10: 341-344.
- CAPORAL, F. R. & COSTABEBER, J. A. (2000), “Agroecology and sustainable rural development: perspectives for a new Rural Extension”. *Rural Extension Magazine*, Emater/RS, 1 (1).
- CAPORAL, F. R. & COSTABEBER, J. A. (2002a). “Agroecology: scientific and strategic approach”. *Agroecology and Sustainable Rural Development*, 3 (2): 13-16.
- CAPORAL, F. R. & COSTABEBER, J. A. (2002b). “Multidimensional analysis of sustainability”. *Agroecology and Sustainable Rural Development*, 3 (3): 70-85.
- CAPORAL, F. R., & COSTABEBER, J. A. (2004). *Agroecology: some concepts and principles*. Disponível em <https://www.fca.unesp.br/Home/Extensao/GrupoTimbo/Agroecologia-Conceitoseprincipios.pdf>.
- CHAMBERS, R., (1983), *Rural development: putting the last first*. Londres, Longman.
- CHAMBERS, R., (1997), *Whose reality counts? Putting the first last*. Londres, Intermediate Technology Publications.
- CHAPE, S.; SPALDING, M.; TAYLOR, M.; PUTNEY, A.; ISHWARAN, N.; THORSELL, J.; HARRISON, J. *et al.* (2008), “History, definitions, value and global perspective”. In: CHAPE, S.,

- SPALDING, M. & JENKINS, M. (eds.). *The world's protected areas: status, values and prospect in the 21st century*. Los Angeles, California, University of California Press, pp. 1-35.
- CORNWALL, A. (2000), "Beneficiary, consumer, citizen: perspectives on participation for poverty reduction". *Sida Studies*, 2. Stockholm, Sida.
- COSTA, P. R. N. & STÖBERL, P. R. (2016), "Cooperativas e representação política empresarial no Brasil: o caso do cooperativismo rural no Paraná". *Política & Sociedade*, 15 (32): 258-281.
- CUDNEY-BUENO, R. & BASURTO, X. (2009), "Lack of cross-scale linkages reduces robustness of community-based fisheries management". *PloS one*, 4 (7): e6253.
- DE MOLINA, M. G. (2009), *Las experiencias agroecológicas y su incidencia en el desarrollo rural sostenible: La necesidad de una Agroecología Política*. São Paulo, Expressão Popular.
- DE MOLINA, M. G. (2013), "Agroecology and politics. How to get sustainability? About the necessity for a political agroecology". *Agroecology and Sustainable Food Systems*, 37 (1): 45-59.
- DONGIER, P.; VAN DOMELEN, J.; OSTROM, E.; RYAN, A.; WAKEMAN, W. & BEBBINGTON, A. (2004), "Community Driven Development". *PRSP Sourcebook*, 9. Washington, DC, The World Bank.
- DURHAM, C. C.; KNIGHT, D. & LOCKE, E. A. (1997), "Effects of leader role, team-set goal difficulty, efficacy, and tactics on team effectiveness". *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 72 (2): 203-231.
- EVERSOLE, R. (2003), "Managing the pitfalls of participatory development: some insight from Australia". *World Development*, 31 (5): 781-795.
- FEENSTRA, G. (2002), "Creating space for sustainable food systems: lessons from the field". *Agriculture and Human Values*, 19 (2): 99-106.
- FORSYTH, T. (2009), "Multilevel, multiactor governance in REDD: Participation, integration and coordination". In: ANGELSEN, A. (ed.), *Realising REDD+: National strategy and policy options*. Bogor, Indonesia, Center for International Forestry Research Bogor Barat.
- FURLAN, S. A.; LEITE, S. A.; MARINHO, M. de A. & LEONEL, C. (2008), *Plano de manejo: Parque Estadual Intervales*. São Paulo, Fundação Florestal.
- GALVANESE, C. & FAVARETO, A. (2014). "Dilemas do planejamento regional e as instituições do desenvolvimento sustentável". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 29 (84): 73-86.
- GARCÍA-FRAPOLLI, E.; RAMOS-FERNÁNDEZ, G.; GALICIA, E. & SERRANO, A. (2009), "The complex reality of biodiversity conservation through Natural Protected Area policy: Three cases from the Yucatan Peninsula, Mexico". *Land Use Policy*, 26 (3): 715-722.
- GILMOUR, P. W.; DWYER, P. D. & DAY, R. W. (2013), "Enhancing the agency of fishers: a conceptual model of self-management in Australian abalone fisheries". *Marine Policy*, 37: 165-175.
- GLIESSMAN, S. R. (2000), "The ecological foundations of agroecosystem sustainability". In: GLIESSMAN, S. R. (ed.). *Agroecosystem sustainability. developing practical strategies*. Boca Raton, USA, CRC Press, pp. 3-14.

- GRAINGER, J. (2003), “‘People are living in the park’. Linking biodiversity conservation to community development in the Middle East region: a case study from the Saint Katherine Protectorate, Southern Sinai”. *Journal of Arid Environments*, 54 (1): 29-38.
- GRIGOLETTO, F. (2018), *O bairro Guapiruvu como lugar-organização: uma abordagem institucional do organizar*. 258 p. São Paulo, FGV.
- GUZMÁN CASADO, G.; GONZÁLEZ DE MOLINA, M. & SEVILLA GUZMÁN, E. (2000), *Introducción a la agroecología como desarrollo rural sostenible*. Madri, Ediciones Mundi-Prensa.
- HAGEDORN, K. (2015). “Can the concept of integrative and segregative institutions contribute to the framing of institutions of sustainability?”. *Sustainability*, 7 (1): 584-611.
- HAMILTON, A.; CUNNINGHAM, A.; BYARUGABA, D. & KAYANJA, F. (2000), “Conservation in a region of political instability: Bwindi Impenetrable Forest, Uganda”. *Conservation Biology*, 14 (6): 1722-1725.
- HENRY, L. (2004), “Morality, citizenship and participatory development in an indigenous development association: the case of GPSDO and the Sebat Bet Gurage of Ethiopia”. In: HICKEY, S. & MOHAN, G. (eds.). *Participation: From tyranny to transformation? Exploring new approaches to participation in development*. Londres, Zed Books, pp. 140-156.
- HEWITT, W. E. (1990), “Religion and the consolidation of democracy in Brazil: The role of the Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)”. *Sociological Analysis*, 51 (2): 139-152.
- HOFF, K. & WALSH, J. (2018), “The whys of social exclusion: Insights from behavioral economics”. *The World Bank Research Observer*, 33 (1): 1-33.
- HUFTY, M. (2011), “Investigating policy processes: the governance analytical framework (GAF)”. *Research for Sustainable Development: Foundations, Experiences, and Perspectives*, 6: 403-424.
- JANISHEVSKI, L.; SANTAMARIA, C.; GIDDA, S. B.; COOPER, H. D. & BRANCALION, P. H. S. (2015), “Ecosystem restoration, protected areas and biodiversity conservation”. *Unasylva*, 245: 19-27.
- JANSEN, K. (2015), “The debate on food sovereignty theory: agrarian capitalism, dispossession and agroecology”. *Journal of Peasant Studies*, 42 (1).
- JIM, C. Y. & XU, S. S. W. (2002), “Stifled stakeholders and subdued participation: interpreting local responses toward Shimentai Nature Reserve in South China”. *Environmental Management*, 30 (3): 327-341.
- KERN, K. & ALBER, G. (2008), *Governing climate change in cities: modes of urban climate governance in multi-level systems*. Paper presented at the OECD International Conference: ‘Competitive Cities and Climate Change’.
- KINUPP, V. F. & LORENZI, H. J. (2014), *Plantas alimentícias não convencionais (Panc) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas*. São Paulo, Instituto Plantarum de Estudos da Flora.
- KRISHNA, A. (2001), “Moving from the stock of social capital to the flow of benefits: the role of agency”. *World Development*, 29 (6): 925-943.

- KRISHNA, A. (2002), *Active social capital: tracing the roots of development and democracy*. Nova York, Columbia University Press.
- LANE, M. B. (2001), "Affirming new directions in planning theory: comanagement of protected areas". *Society & Natural Resources*, 14 (8): 657-671.
- LEROY, J. P. (2016), *Mercado ou bens comuns: O papel dos povos indígenas, comunidades tradicionais e setores do campesinato diante da crise ambiental*. Rio de Janeiro, Fase.
- LEVIDOW, L.; PIMBERT, M. & VANLOQUEREN, G. (2014), "Agroecological research: Conforming-or transforming the dominant agro-food regime?". *Agroecology and Sustainable Food Systems*, 38 (10): 1127-1155.
- LOKER, W. M. (2000), "Sowing discord, planting doubts: Rhetoric and reality in an environment and development project in Honduras". *Human Organization*, 59 (3): 300-310. DOI:10.17730/humo.59.3.617h50624627628q.
- LONGHURST, R. (2016), "Semi-structured interviews and focus groups". In: CLIFFORD, N. J.; FRENCH, S. & VALENTINE, G. (eds.). *Key methods in geography*. Third edition. Londres, Sage Publications, pp. 103-1015.
- MARINHO, M. de A. (2006), *Conflitos e possíveis diálogos entre unidades de conservação e populações camponesas: Uma análise do Parque Estadual Intervales e o bairro do Guapiruvu (Vale do Ribeira/SP)*. São Paulo, dissertação de mestrado em Geografia Física, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- MARINHO, M. de A. & FURLAN, S. Â. (2012), "Conflitos e possíveis diálogos entre parques e populações: Intervales e Guapiruvu, SP". *Floresta e Ambiente*, 14 (2): 22-34.
- MORAINE M.; LUMBROSO S. & POUX, X., (2018), "Transforming agri-food systems for Agroecology development: exploring conditions of success in European case studies". *Proceedings of the 13th International Farming Systems Association*, 01-05 July 2018, Chania, Greece.
- MYERS, Norman. (1988), "Threatened biotas: 'hot spots' in tropical forests". *Environmentalist*, 8 (3): 187-208. Disponível em <https://doi.org/10.1007/BF02240252>.
- MYERS, N.; MITTERMEIER, R. A.; MITTERMEIER, C. G.; DA FONSECA, G. A. B. & KENT, J. (2000), "Biodiversity hotspots for conservation priorities". *Nature*, 403 (6772): 853.
- NEWMAN, L., & DALE, A. (2005), "The role of agency in sustainable local community development". *Local Environment*, 10 (5): 477-486.
- NOGUEIRA, A. S. (2018), "Institutionalization of rural social movements in the Lula government and the decline of land reform in Brazil: co-option, political identity and agency". *Análise Social*, 53 (227): 362-387.
- ONYX, J., & BULLEN, P. (2000), "Measuring social capital in five communities". *The Journal of Applied Behavioral Science*, 36 (1): 23-42.
- OSTROM, E. (1990), *Governing the commons: the evolution of institutions for collective action*. Nova York, Cambridge University Press.
- OSTROM, E. (1998), "A behavioral approach to the rational choice theory of collective action:

- Presidential address, American Political Science Association, 1997". *American Political Science Review*, 92 (1): 1-22.
- OSTROM, E. (2001), "Commons, institutional diversity of". In: LEVIN, S. A. (ed.). *Encyclopedia of Biodiversity*. San Diego, CA, Academic Press, vol. 1, pp. 777-791.
- OSTROM, E. (2005), *Understanding institutional diversity*. N.J, Princeton University Press.
- OSTROM, E. (2009a), "A general framework for analyzing sustainability of social-ecological systems". *Science*, 325 (5939): 419-422.
- OSTROM, E. (2009b), "A polycentric approach for coping with climate change". *The World Bank Policy Research Paper*, 5095, <https://core.ac.uk/download/pdf/6305219.pdf>.
- OSTROM, E. (2010), "Beyond markets and states: polycentric governance of complex economic systems". *American Economic Review*, 100 (3): 641-672.
- PAULA, E. A. de & SILVA, S. S. de. (2008), "Floresta, para que te quero? Da territorialização camponesa a nova territorialidade do capital". *Revista Nera* (12): 86-97.
- PERKINS, P. E.; CESAR, M.; SANTOS, N. dos; BRITTO, Bohn S. & LUNA, I. (2017), *Brazil's Traditional and New Commons*.
- PIATTONI, S. (2009), *Multi-level governance in the EU. Does it work*. Paper presented at the Globalization and politics: A conference in honor of Suzanne Berger. Cambridge, Massachusetts, MIT.
- PRETTY, J. & SMITH, D. (2004), "Social capital in biodiversity conservation and management". *Conservation Biology*, 18 (3): 631-638.
- PRETTY, J. & WARD, H. (2001), "Social capital and the environment". *World Development*, 29 (2): 209-227.
- RAELIN, J. (2003), "Creating leaderful organizations: How to bring out leadership in everyone". *Management Decision*, 41 (10): 1089-1091.
- RESENDE, Roberto Ulisses. (2002), *As regras do jogo: legislação florestal e desenvolvimento sustentável no Vale do Ribeira*. São Paulo, Annablume/Fapesp.
- ROSSET, P. (2003), "Food sovereignty: global rallying cry of farmer movements". *Institute for Food and Development Policy Background*, 9 (4): 1-4.
- SAMPSON, R. J.; RAUDENBUSH, S.W. & EARLS, F. (1997), "Neighborhoods and violent crime: A multilevel study of collective efficacy". *Science*, 277: 918-924.
- SANTANA, Vladimir & FONTES Filho, J. (2010), *Elementos de gestão local: A perspectiva de Elinor Ostrom aplicada ao Parque Estadual da Ilha do Cardoso*. Paper presented at the Encontro de administração pública, Vitória, ES.
- SESAN, T. (2014), "Peeling back the layers on participatory development: evidence from a community-based women's group in Western Kenya". *Community Development Journal*, 49 (4): 603-617.
- SEVILLA GUZMÁN, E. & SOLER, M. M. (2010), "Agroecología y soberanía alimentaria: alternativas a la globalización agroalimentaria". In: Instituto Andaluz de Patrimonio Histórico

- (ed.), *Patrimonio cultural en la nueva ruralidad andaluza*. Sevilla, Junta de Andalucía. Consejería de Cultura, vol. 26, pp. 191-217.
- SINGER, P. (2002), *A recente ressurreição da economia solidária no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- SINGER, P. (2008), “Economia solidária”. *Estudos Avançados*, 22 (62): 289-314. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10335>.
- SMITH, A. & RAVEN, R. (2012), “What is protective space? Reconsidering niches in transitions to sustainability”. *Research Policy*, 41 (6): 1025-1036.
- STEIN, M. & TURKEWITSCH, L. (2008), *The concept of multi-level governance in studies of federalism*. Paper presented at the International Political Science Association International Conference: “International Political Science: New Theoretical and Regional Perspectives, Montreal.
- SUTTON, A. M. & RUDD, M. A. (2019), “Factors influencing community fishers’ leadership engagement in international small-scale fisheries. In: RATTER, Beate M. W.; STORCH, Hans von; WANG, Wen-Cheng & BRECKWOLDT, Annette (eds.), *Fishing for human perceptions in coastal and island marine resource use systems*. 2nd edition. Lausanne, Frontiers Media SA.
- VALENTIN, A. (2006), *Uma civilização do arroz: agricultura, comércio e subsistência no Vale do Ribeira (1800-1880)*. São Paulo, tese de doutorado em História Econômica, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- WEZEL, A.; BELLON, S.; DORÉ, T.; FRANCIS, C.; VALLOD, D. & DAVID, C. (2009), “Agroecology as a science, a movement and a practice. A review”. *Agronomy for Sustainable Development*, 29 (4): 503-515.
- WILSHUSEN, P. R.; BRECHIN, S. R.; FORTWANGLER, C. L. & WEST, P. C. (2002), “Reinventing a square wheel: Critique of a resurgent ‘protection paradigm’ in international biodiversity conservation”. *Society & Natural Resources*, 15 (1): 17-40.
- ZAN, J. R. (1986), *Conflito de terra no Vale do Ribeira: estudo sobre os pequenos posseiros em luta pela terra no município de Sete Barras*. São Paulo, dissertação de mestrado em Sociologia, Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Abstract

Management of natural resources in protected areas: interinstitutional dialogue, social capital, and agency in the transition to agroecological systems

This article analyses the processes of participation and integration of groups living in and around protected areas, in efforts to convert conventional methods of agricultural production into agroecologically sustainable practices. Taking as a case study a community located in the buffer zone of a large conservation unit, and part of the main contiguous remaining areas of the Brazilian Atlantic Rainforest, this work focuses on the articulation among multiple existing elements in this area: an agroecological settlement, different levels of governance, internal social differentiation and classification systems, community agency, antagonistic visions of development, and their effects on community development practices. It also examines the external connections that the community establishes, acting as an instrument of compliance and reproduction of the dominant agrifood regime, and contributing to the formation and strengthening of an alternative short circuit of production and commercialization network, integrating local family producers to the consumers in large urban centres.

Keywords: Agroecological transition; Protected areas; Local development; Multilevel governance.

Resumo

Gestão de recursos naturais em áreas protegidas: diálogo interinstitucional, capital social e agência na transição para sistemas agroecológicos

Este artigo analisa os processos de participação e integração de grupos que vivem dentro e ao redor de áreas protegidas, na tentativa de converter métodos convencionais de produção agrícola em práticas agroecologicamente sustentáveis. Tomando como estudo de caso uma comunidade localizada na zona de amortecimento de uma grande unidade de conservação no Estado de São Paulo, e parte dos principais remanescentes contíguos da Mata Atlântica brasileira, este trabalho foca na articulação entre os múltiplos elementos existentes nesta área: um assentamento agroecológico, diferentes níveis de governança, sistemas internos de diferenciação e classificação social, agência comunitária, visões antagônicas de desenvolvimento e seus efeitos nas práticas de desenvolvimento comunitário. Examina também as conexões externas que a comunidade estabelece, atuando ao mesmo tempo como instrumento de reprodução do regime agroalimentar dominante, e contribuindo para a formação e fortalecimento de um circuito curto alternativo de produção, comercialização e consumo, integrando produtores familiares locais aos consumidores nos grandes centros urbanos.

Palavras-chave: Transição agroecológica; Áreas protegidas; Desenvolvimento local; Governança multinível.

Texto recebido em 23/11/2021 e aprovado em 09/08/2022.

DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2022.192812

AICO SIPRIANO NOGUEIRA possui graduação em Ciências Sociais, mestrado e doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo, e pós-doutorado em Ambiente e Sociedade pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais da Universidade de Campinas, Nepam (2013). Foi *Visiting Research Fellow* no Department of International Development da London School of Economics, LSE, Reino Unido (2013-2014 e 2016-2017); *Visiting Research Student* (Bolsa Sanduíche) no Development Studies Institute da London School of Economics, LSE, Reino Unido (1998-1999); e *Scholar* do Canadian Queen Elizabeth II Diamond Jubilee, University of York, Toronto, Canadá. Atualmente, é pesquisador colaborador do Departamento de Ciências Florestais da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo, e finalizou em maio de 2022 estágio como Research Fellow no Centro Maria Sibylla Merian de Estudios Latinoamericanos Avanzados (Calas), em Guadalajara, México, com financiamento da Universidade de Kassel, Alemanha. E-mail: aico.nogueira@gmail.com.



Duelos e intelectuais no Brasil (1886-1892)

Marconi Severo*

<https://orcid.org/0000-0002-5374-5183>

Quanto à violência, sou da família de Stendhal, que escrevia com o coração nas mãos: Mon seul défaut est de ne pas aimer le sang.
Machado de Assis, *A Semana*, 24/03/1895, p. 1.

Introdução

Em 1853, em um dos primeiros dicionários de língua portuguesa voltado para a realidade brasileira, Brás Rubim definiu capanga, espoleta, jagunço e peito-largo como valentões que servem “de guarda-costas a algum fazendeiro ou senhor de engenho” (1853, p. 17). São, sem dúvida, personagens conhecidas na história da formação social do Brasil, como atestam os clássicos de Florestan Fernandes (2008), Sérgio Buarque de Holanda (1995) e Victor Nunes Leal (2012). Mas o que faz da definição acima particularmente interessante é o fato de que ela aponta para a existência da violência privada como fenômeno social. Mais especificamente, remete a um momento no qual o Estado parece não deter ainda, para falarmos como Weber, o “monopólio do uso legítimo da violência física” (2007, p. 56). A violência, como argumenta Michaud (1989), é um problema sociológico que tem uma profunda relação com a sociedade e época em que se manifesta. Dentre as muitas formas de violência, o duelo constituiu um fenômeno único que permite apreender como alguns indivíduos pertencentes às classes dominantes interagiam entre si no que se refere à resolução de conflitos por meios potencialmente violentos e situados à margem da legalidade, em um período decisivo para formação do moderno Estado brasileiro, isto é, nos anos finais do Império e início da República.

* Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

Os duelos analisados neste artigo ocorreram entre os anos de 1886 e 1892, período que, para Misse (1999), assinala o início da normalização dos conflitos pessoais sob um maior controle estatal. Logo, ao analisarmos os duelos podemos, nas palavras de Gilberto Velho, apreender “as diferentes construções sociais da realidade” (1982, p. 8). Os duelistas eram homens (brancos) que detinham algum tipo de poder (militar, político, intelectual), podendo inclusive agir profissionalmente em nome do Estado como militares, políticos, burocratas, além de atuarem como jornalistas e escritores. Para mencionarmos alguns exemplos, em 1886, motivados pelo duelo entre os editores dos dois mais importantes jornais à época, *O Paiz* e *Gazeta de Notícias*, parlamentares debatiam se o duelo poderia ser considerado um crime, e em caso afirmativo, quais deveriam ser as penas¹. Na sequência, houve uma verdadeira febre, conforme atestam os achados de Braga-Pinto (2018). O escritor Coelho Neto duelou com o jornalista Castro Soromenho; o também jornalista e escritor Pardal Mallet duelou, entre outros, com Olavo Bilac; este, por sua vez, duelou com Raul Pompeia. Até mesmo Artur Azevedo foi desafiado por Mallet, que também duelou com Germano Hasslocher.

À diferença do Sul do Brasil do início do século XIX, onde os duelos eram motivados por vinganças, desavenças pessoais e familiares, disputas por terras e afronta à honra (militar), os duelos que tomaram a Corte por palco, já ao final da década de 1880, foram “pacíficos”, raramente terminando em ferimentos graves. Como seus predecessores, porém, tinham como agente causador a desonra. No resto, diferiam significativamente. O encontro era divulgado em jornais de grande circulação, envolvendo personalidades publicamente conhecidas, e ainda possuía a estranha particularidade de se restringir a um grupo de amigos que, antes ou depois da contenda, continuaram sendo amigos. Nesse meio, o duelo foi uma prática que oscilou entre o perigo e a jocosidade, entre a sutileza nos modos e a violência nua e crua. A existência de tal prática, porém, pressupunha a inexistência de um aparelho estatal consolidado? O que teria motivado intelectuais pacíficos a empregar meios potencialmente letais para resolver pendências pessoais? Em que consistia a alegada desonra? Por que a divulgação pormenorizada nos jornais? Teria a República contribuído para pôr fim aos duelos?

O objeto empírico utilizado para responder às questões acima, que consistem na nossa problemática, é composto por reportagens, crônicas e relatos *dos e sobre os* duelistas publicados nos principais jornais da época, além de relatos memorialísticos, necrológicos e biografias. A análise documental priorizou fontes originais que, uma vez contrastadas com o referencial teórico, permitiram apreender o duelo como um

1. Conforme crônica publicada no jornal *Gazeta de Notícias*, em 16/09/1886, p. 2.

fenômeno social relevante para a compreensão das interações entre grupos e classes tendo por base comportamentos violentos e extraoficiais em um momento de intensa ruptura política e institucional.

Violência, controle social, duelos

O uso legítimo da violência física constitui, para Norbert Elias (1997), uma condição fundamental para a pacificação de uma sociedade, embora possa ser também utilizado como uma “perigosa arma” a serviço dos grupos e classes que controlam o Estado. Nesse caso, a arbitrariedade daria lugar, nas palavras de Barrington Moore Jr., a uma “violação extrema da obrigação de manter a paz” (1987, p. 50). De fato, como argumenta Hannah Arendt (2015), poder e violência estão intimamente ligados. Enquanto fenômeno social, conforme Michaud (1989, p. 10), a violência pode ser caracterizada de duas formas: como elemento de força física e como transgressão à ordem normativa. No primeiro caso, o dano é corporal; no segundo, imaterial. O duelo é um tipo de comportamento violento que abrange ambos os aspectos. É causador de dano físico ao mesmo tempo em que infringe uma norma jurídica que o tipifica como crime (pelo menos desde o Código Penal de 1890). Márcia Costa é contundente ao afirmar que, no Brasil, o Estado “sempre exerceu a violência em nome da manutenção dos interesses privados dominantes” (1999, p. 7). Para a autora, historicamente as elites não apenas empregaram o aparato estatal em benefício próprio, como também desenvolveram uma série de usos paralelos da violência privada, seja para resolver conflitos inter ou intraclasses, seja para garantir sua segurança pessoal, familiar ou patrimonial. Por outro lado, como lembra Sérgio Adorno (1998, p. 41), nem as classes sociais se sujeitam da mesma forma aos estatutos legais, nem a “complexa problemática do controle social” se encerra no “domínio exclusivo dos aparelhos repressivos de Estado”.

Um bom exemplo desse raciocínio pode ser encontrado na questão agrária. Ao estudá-la, pode-se dizer que César Barreira chegou à conclusão de que os mesmos personagens citados por Brás Rubim continuam atuantes. Para o autor, nas “sociedades onde o espaço público e privado não tem fronteiras nítidas, como é o caso da brasileira, é muito difícil a modelação social de indivíduos ou grupos, principalmente de setores pertencentes à classe dominante”, uma vez que “tais setores possuem sólidas raízes fincadas em práticas violentas nas resoluções de conflitos interpessoais ou na manutenção do poder econômico e político” (Barreira, 2000, p. 170). A história sociopolítica brasileira estaria permeada por conflitos violentos que se estendem para além da legalidade, a tal ponto que se poderia falar de um “quadro de resoluções de conflitos fora do universo jurídico”, segundo a máxima da “justiça com as próprias

mãos”, o que levou Barreira a concluir que, se outrora o emprego de milícias privadas pressupunha a fragilidade, ou mesmo a inexistência de um poder judicial, e se essa lógica já não mais se aplica, nem por isso o uso da violência, “por parte dos grandes proprietários de terra”, deixou de ser a “afirmação de um poder paralelo” (2000, p. 169). De fato, Wieviorka argumenta que a fórmula weberiana parece ter perdido espaço nas sociedades contemporâneas, embora reconheça como paradoxal o fato de que as “formas mais espetaculares da violência não correspondem necessariamente às situações de maior carência, debilidade ou ausência do Estado” (1997, p. 21).

Para Michel Misse (1999), no Rio de Janeiro, por exemplo, a população de baixa renda possui uma “histórica desconfiança” em relação à polícia, e a sua marginalização acabou por gerar um fenômeno semelhante ao que Barreira identificou entre as classes dominantes, ou seja, a resolução de conflitos por vias extraoficiais: “assim como a ‘delação’ substitui a denúncia, no âmbito moral”, argumenta Misse, a “eficácia” da “justiça privada substitui os procedimentos racionais-legais, no âmbito da sensibilidade jurídica” (1999, p. 64-65). As classes populares, por vezes estigmatizadas como “classes perigosas”, não apenas estão mais sujeitas a sofrer os impactos diretos da violência, como também tendem, nesses casos, a não acionar o poder público devido à falta de informação, proteção e recursos financeiros. O que parece estar em jogo, portanto, é menos a concorrência com o monopólio estatal do que a existência de lacunas mais ou menos consentidas para o exercício da violência privada, uma vez que o seu emprego se faz presente tanto entre as diferentes classes e grupos como também no interior de um mesmo grupo.

O duelo se insere neste último caso. Embora possa ser considerada uma prática violenta, ele geralmente esteve associado às noções de elegância, nobreza, distinção. Conforme Norbert Elias (1994), entre outras práticas cortesãs que seriam absorvidas pela burguesia ascendente do século XIX, estava o duelo. Para que houvesse um, era fundamental o reconhecimento tácito acerca da legitimidade da honra ferida e da igualdade de condições. No seu estudo sobre Mozart, Elias (1995, p. 22) cita um exemplo interessante de como funcionavam os duelos tomando por base o caso de Voltaire. Segundo o sociólogo, Voltaire, que assim como Mozart situava-se no início desse processo de transição, teria desafiado um nobre “bem-nascido” para um duelo, no que este, se sentido insultado por ter sido desafiado por alguém de posição social inferior, “mandou um de seus lacaios dar-lhe uma surra na rua, como sinal de que encarava como uma arrogância o desafio por um burguês”.

O também sociólogo Gabriel Tarde dedicou uma parte considerável do seu *Études pénales et sociales* (1892) para a análise desse fenômeno. Para o eminente sociólogo, o duelo, ao lado do suicídio, deveria figurar dentre os temas da criminologia, já que seria uma forma de assassinato que pressupõe o *agir premeditado*. Tarde, testemunha

ocular do fenômeno, via o duelo como um anacronismo na França de sua época. Embora não ignorasse o argumento de que o duelo servia para realçar posições sociais, questionava em que a honra ferida de um ministro ou deputado difere da honra ferida de um simples cidadão, a ponto de que somente os primeiros possam se valer do duelo. Evidentemente, o conceito de honra é relativo. Pode variar de uma sociedade para outra ou assumir diferentes significados em uma mesma sociedade, conforme a época ou a classe social. Ao analisar processos criminais do século XIX, Vellasco (2017, p. 278) chegou à conclusão de que também no Brasil a honra se manifesta conforme as posições sociais e que tem por intuito “demonstrar superioridade e preservar perante os demais uma posição social”. A honra visa o público e, como tal, demanda reconhecimento. É o que transparece no estudo de Thompson Flores e Arend. Segundo as autoras (2017, p. 300), se o sentimento de honra ferida é intensificado pela presença de plateia, “na mesma medida, a restauração da honra ultrajada também precisa ser pública ou alcançar alguma publicidade para ser considerada efetiva”. Isso faz com que, independente da forma como ocorra a reparação, a “presença de terceiros” cumpra com a função de atestá-la e, conseqüentemente, manter ou restabelecer a ordem.

Concentradas nas noções de honra e de justiça junto às classes populares do Rio Grande do Sul do século XIX, Thompson Flores e Arend (2017, p. 303) defendem que também entre elas o duelo esteve presente. Porém, diferentemente das classes cultas, nesses casos os conflitos de honra tendem a assumir formas “mais espontâneas e violentas”, portanto em franca oposição às “regulamentações da elite”. Em contraste com Gabriel Tarde, Thompson Flores e Remedi (2019, p. 7), defendem que o século XIX foi “auge da virilidade”, do “refinamento” e da “normatização dos duelos”. A prática se encontrava *ressignificada*. Para os autores (2019, p. 8), esse comportamento, que entende que a responsabilidade pela defesa da honra pertence à esfera do individual e do particular, “cuja resolução não se atribui a terceiros, mesmo que esse terceiro seja o Estado”, deve-se ao “triunfo do individualismo burguês”. Michel Misse, por sua vez, defende que a “construção da civilidade burguesa” e a “normalização do individualismo” deram-se “principalmente pela *regulação* da distância social entre os indivíduos, impedindo-a que diminuísse muito” (1999, p. 69).

De um lado, a racionalização do aparato estatal assegurava as distinções sociais, de outro, a própria racionalização requeria um maior controle estatal dos usos da violência. A rigor, o fenômeno não pode ser explicado unicamente pelo individualismo burguês, uma vez que os duelos, como mostram Elias (1994) e Tarde (1892), tiveram seu auge junto à sociedade de Corte. Além disso, Vellasco (2017) entende que a modernização do aparato judicial brasileiro ao longo do século XIX fez que o Estado passasse a intermediar cada vez mais as pendências de honra. Logo, o duelo e

a constituição de um Estado burguês são incompatíveis. Esse fenômeno, no entanto, também cumpre com uma função que tem menos a ver com a violência em si do que com a *forma* como ela é empregada. Nesse caso poderíamos dizer, com Bourdieu (2010), que diferentes atores viam no duelo uma estratégia que poderia ser mobilizada para conquistar ou consolidar posições em determinado campo (literário, político, militar etc.), razão pela qual o reconhecimento público é imprescindível, condição necessária para que se obtenha prestígio, isto é, *capital específico* entre os pares que compõem o campo. Talvez essa busca pela distinção através do uso galante da violência privada, dispensando a necessidade de um mediador como o Estado, seja o mais autêntico resquício de um passado nobre, no duplo sentido do termo, e socialmente hierarquizado.

O duelo não ficou restrito à Europa. Parker (2001) e Thompson Flores e Remedi (2019) argumentam que ele também se fez presente na América Latina. Conforme estes últimos autores, na Argentina, no Brasil e no Uruguai, o auge dos duelos se deu entre o final do século XIX e o início do século XX. Em termos comparados, pode-se dizer que enquanto na Argentina o “recurso ao duelo foi disseminado entre a elite”, conforme Thompson Flores e Arend (2017, p. 298), no Brasil os casos de duelos “não alcançaram as dimensões verificadas nos países platinos vizinhos”. Os primeiros duelos de que se teve notícia no Brasil, de acordo com Braga-Pinto (2014), surgiram não por acaso na porção meridional do país, ainda durante a primeira metade do século XIX. Eram então raros, mesmo para uma província belicosa como o Rio Grande do Sul².

De acordo com Remedi (2009, p. 168), “mais que aceitação dos duelos”, os “intelectuais do século XIX e do início do século XX eram assíduos nos confrontos de honra”. Embora repertorie uma série de duelos cometidos ao redor do mundo, cita, entre os nomes que compõe nosso objeto de estudo, apenas os casos Mallet-Bilac (1889) e Bilac-Pompeia (1892). Essa perspectiva, junto da afirmação de que “esses sujeitos” se “deixavam dominar pelo comportamento violento praticado pelo entorno social em que viviam” (p. 169), pode nos fazer crer, talvez equivocadamente, que os intelectuais brasileiros do período eram mais agressivos e violentos do que a análise crítica nos permite crer. Evidentemente, Remedi fundamenta suas constatações nos casos observados no Sul do Brasil, segundo a perspectiva de Thompson Flores e Arend (2017) e Thompson Flores e Remedi (2019).

2. O Rio Grande do Sul foi palco de inúmeros conflitos armados, tais como a Guerra dos Sete Povos (1753-1756), a Guerra de 1801, a Guerra contra Artigas (1816-1820), a Guerra da Cisplatina (1825-1828) e a Guerra do Paraguai (1864-1870); em nível regional ou nacional pode-se citar ainda a Guerra dos Farrapos (1835-1835), a Revolução Federalista (1893-1895) e a Revolução de 1923. Para Cervo e Bueno (2011), Félix (1987) e Reckziegel (1999), o constante estado de beligerância influenciou profundamente sua formação social e cultural.

Duelos e intelectuais no Brasil

Entre os intelectuais brasileiros, o duelo só se tornaria uma moda no final do século XIX, mais especificamente após o embate entre os editores dos jornais *O Paiz e Gazeta de Notícias*. Os embates não se resumiam aos duelistas, pois envolviam também padrinhos e, eventualmente, assistência médica. Seus incentivadores, opositores e praticantes eram jornalistas, escritores, burocratas, políticos, militares etc., portanto colegas não apenas de profissão, mas de geração. Porém, diferentemente das gerações analisadas por Sergio Miceli (1979), Pécaut (1990) e Sevcenko (1999), situadas já no século XX, os intelectuais em questão transitavam entre diferentes campos, no sentido de Bourdieu (2010), uma vez que, de um lado, um mesmo indivíduo poderia ser jornalista e escritor (Olavo Bilac), escritor e burocrata (Raul Pompeia), político e diplomata (Assis Brasil); e, de outro, devido ao fato de que os próprios campos não passaram ainda pelo processo que Bourdieu chamou de “autonomização”, consequentemente fazendo com que suas fronteiras fossem indistintas para aqueles que neles circulavam. A coesão do grupo, segundo José Murilo de Carvalho, devia-se à sua formação educacional, o que fazia dessa elite uma “ilha de letrados num mar de analfabetos” (1996, p. 55).

Como notou Braga-Pinto (2014), o duelo era a antítese das práticas violentas associadas às classes populares, condensadas na prática da capoeira. A simples nomeação dos envolvidos é o suficiente para que possamos identificar o duelo como uma prática distintiva. Em 20 de agosto de 1886, anunciava a *Revista Ilustrada* que, devido a uma “pendência de honra” ocorrida entre membros de “duas famílias respeitabilíssimas”, “bateram-se em duelo” os “nossos estimados colegas” João José dos Reis Júnior, proprietário de *O Paiz*, e o redator-chefe da *Gazeta de Notícias*, José Ferreira de Souza Araújo³. Tomaram parte “neste incidente altamente honroso para a dignidade da imprensa fluminense”, os “Srs. almirante barão de Jaceguai, capitão de mar e guerra Marques Guimarães, 1º tenente Delamari, e Fogliani, jornalista, como testemunhas; e o Dr. Pereira Guimarães, como médico”. Todos os pormenores do embate foram descritos como inspirados, “repetindo-se, *pari-passu*”, o duelo ocorrido, na França, entre o Ministro da Guerra e o Barão de Lareinty. A inspiração é legítima, prossegue a crônica, pois remete aos *costumes* cultivados pela *civilização culta* – a Europa, e em especial a França, são tomadas então como referência cultural –, sendo o manejo do florete ao mesmo tempo uma manifestação de virilidade e de elegância, tal como notou Norbert Elias (2008). Ao fim e ao cabo, e “apesar do eminente risco” de vida dos “nossos dois inestimáveis colegas”, “tudo correu bem”, “sendo a honra satisfeita” sem o “derramamento de sangue”.

3. Editorial, 1886.

TABELA 1
Duelos noticiados na imprensa (1886-1892)

DATA	BELIGERANTES*	PROFISSÕES**
Ago. 1886	João J. Reis Júnior x José F. S. Araújo	Jornalista x Jornalista
Out. 1888	Cândido de Oliveira x Alexandre D'Atri	Político x Burocrata
Dez. 1888	Pardal Mallet x Germano Hasslocher	Escritor x Jornalista
Mai. 1889	Coelho Neto x Castro Soromenho	Escritor x Jornalista
Set. 1889	Pardal Mallet x Olavo Bilac	Escritor x Escritor
Abr. 1891	Joaquim F. Assis Brasil x José H. D. Pereira	Político x Político
Mar. 1892	Raul Pompeia x Olavo Bilac	Escritor x Escritor

*Foram contabilizados apenas os duelos noticiados como realmente ocorridos. **Foi considerada a atividade principal pela qual o duelista era conhecido.

Fonte: Elaboração própria.

O alegado ataque à honra parece se resumir à simples discordância política, não havendo insultos pessoais, blasfêmias ou ataques físicos prévios ao duelo. De fato, segundo Arthur Azevedo, sob o pseudônimo de *Eloy, O herói*, o motivo da honra ferida não foi mais do que um “um artigo” assinado pelo redator de *O Paiz*⁴. Conforme Thompson Flores e Remedi (2019, p. 16), tendo em vista o gosto do público leitor, a imprensa noticiava com frequência casos envolvendo crimes e criminosos, seção que incluía também os duelos. No entanto, a notícia desse duelo e dos que se seguiram a ele tem, porém, uma tonalidade própria: sua divulgação possuía uma conotação pitoresca, exótica, que oscilava entre o romanesco anacrônico e o burlesco contemporâneo, como comprova o tom sutil e jocoso com que a crônica foi escrita. Por outro lado, e para além do seu estilo, o relato é permeado por uma interpretação valorativa que, se menciona apenas de passagem a violência, os riscos e o motivo do duelo, assinala reiterada e entusiasticamente que, por seu intermédio, homens respeitáveis se reuniram, sem outra mediação que não dos padrinhos, para resolver de forma *honrosa* suas pendências.

Naturalmente, o episódio repercutiu. A seção *Diário das Câmaras*, publicada na Gazeta de Notícias em 16 de setembro de 1886, dá uma noção dos impactos do duelo no meio político⁵. O senador Viriato Medeiros se questionava se o ocorrido “é

4. Eloy, O Herói. (Pseud. de Arthur Azevedo), 1886.

5. Diário das Câmaras, 1886. O relato contido nessa seção está conforme os *Anais do Senado do Império do*

verdadeiro ou é mentira”, o que denota certo ceticismo para com a prática. Decide, no entanto, que o duelo deve ser verdadeiro, porquanto “não acredita que cavalheiros tão distintos fossem dar um espetáculo simplesmente para mostrar a este país e aos países estrangeiros que aqui também há duelos”. Levantada a questão da inspiração, Alfredo Taunay teria dito que o duelo “foi uma coisa séria” e que era respeitado nos “países estrangeiros”. A afirmação recebeu apoio de Afonso Celso, para quem “não há lei e é um mal que não esteja introduzido entre nós”. A opinião de Viriato Medeiros de que o duelo foi verdadeiro se embasava também no fato de que “distintos oficiais da marinha serviram de testemunhas a esse ato de barbárie”, e que “aqueles oficiais não se prestariam a uma farsa ridícula”. Dirigindo-se ao presidente do conselho, o Sr. Barão de Cotegipe, Medeiros indagou sobre as punições cabíveis. Que “pena merecem os oficiais que se defendem pela imprensa, e os que contra as leis expressas pelo país tomam parte em atos de barbárie ou de verdadeiro assassinato com premeditação? Isto deve ser punido ou não deve ser punido? E quais foram as medidas tomadas para punir esses oficiais?” Lembrado por Taunay de que o duelo era praticado no “mundo civilizado”, Medeiros responde que “não duvida que em outros países seja assim, mas suas leis aqui não regem; o orador não está na *estranja*, está no Brasil, onde há leis que proíbem o duelo”.

A dimensão social do fenômeno transparece na fala do Sr. Vieira da Silva, para quem “não há ninguém que deixe de aceitar um duelo. Para o Brasil basta a rasteira e o soco. O duelo é preferível à rasteira”. A punição legal é então debatida. Afonso Celso faz saber a todos que “a lei não proíbe”. Em resposta, Viriato Medeiros alega não saber como os juristas “admitem semelhantes coisas”, defendendo que “se as nossas leis admittissem o duelo, este país seria um país de bugres”. Para o parlamentar, o conceito de civilização recai na coibição de práticas violentas, incluindo o duelo. Proibindo-o, o Brasil se mostraria como um país civilizado. Afonso Celso, para quem não havia lei que o proibisse, via o duelo de forma semelhante a Arthur Azevedo, o que o levava a arguir que era “um mal que este costume não se tenha introduzido; seria um meio de evitar muitos escândalos”.

A reação de Medeiros é imediata. O orador lembra que “mesmo em muitos países civilizados não se admite duelo”, citando para tanto o exemplo da Inglaterra. O contraponto é dado por Taunay, que igualmente faz lembrar a existência do duelo

Brasil, Pedido de Informações, sessão de 15 de setembro de 1886, páginas 144-145. Nesse documento é informado que o presidente do Conselho, Sr. Barão de Cotegipe, declarou que as autoridades optaram por não apurar o duelo, uma vez que “não tiveram certeza dele”, embora alegue ter lido sobre o assunto nos jornais. Ao que parece, Cotegipe considerou o caso como irrelevante, o que gerou críticas por parte do Sr. Henrique d’Ávila, para quem o duelo era um crime, e não somente isso, mas, em sintonia com Arthur Azevedo, um crime ligado ao “abuso de liberdade de imprensa”.

em países ditos civilizados, ao lembrar que “ainda há pouco na Franca, o ministro da guerra bateu-se com um parlamentar”, caso que teria inspirado o duelo ocorrido entre os dois jornalistas. Viriato Medeiros requereu então “que pelo ministério da marinha seja o senado informado se já foram tomadas as medidas necessárias para serem punidos os oficiais da marinha nacional, que, contra as leis expressas do país”, embora não as cite, “tomaram parte como testemunhas de um duelo”. O apelo foi acatado pelo presidente, para quem o “duelo é proibido pelas nossas leis, e mesmo não sabe de nação alguma civilizada que não o proíba”. A discussão chegou a termo com Medeiros ressaltando que, mesmo em países civilizados, o duelo sempre foi punido, por vezes condenando à morte “pessoas altamente colocadas”, levando-o a concluir que “as autoridades fazem vistas grossas” ao fenômeno.

A resolução de uma pendência via duelo pressupõe, no mínimo, o mútuo reconhecimento entre os indivíduos e a presença de testemunhas alternativas aos órgãos oficiais de mediação. Nesse caso, a resolução da pendência é uma questão de honra. Por outro lado, Wieviorka (1997, p. 13) argumenta que, para que haja um *conflito* – portanto algo não necessariamente ligado à honra – passível de ser resolvido mediante a intervenção de meios legais, primeiro é preciso que existam atores; segundo, é necessário um problema que os interligue; e, por fim, que tenham possibilidades de se opor entre si sem incorrer na destruição do adversário. O ponto-chave do debate parlamentar é justamente a legalidade do duelo, o que parece contestar a afirmação de Thompson Flores e Remedi, para quem “tanto no Brasil quanto em Portugal, o duelo sempre foi tipificado como crime, ou seja, proibido” (2019, p. 9-10)⁶. Seria legítimo, porque praticado em países considerados civilizados e por pessoas respeitáveis, ou seria uma prática bárbara, que poderia não apenas corromper os costumes, mas desafiar o poder do Estado? O envolvimento de indivíduos vinculados à marinha parece ter sido um agravante entre os opositores, porém, a participação de nobres parece ter sido um atenuante. No entanto, convém não perder de vista que mesmo entre os nobres, como é o caso do Barão de Cotegipe, o duelo foi duramente recriminado. A divergência parlamentar pode, com efeito, ser enquadrada em uma fase anterior à criminalização do duelo, como comprova o fato de que o fenômeno era debatido de um ponto de vista moral.

O crime, de acordo com Misse (1999, p. 68), é um acontecimento social, mas a incriminação recai sobre os indivíduos, portanto, considerar o duelo como um crime pressupõe que o caso seja interpretado como uma transgressão à lei, o que está para

6. Opinião semelhante, e igualmente contrastante, pode ser encontrada no longo e contemporâneo comentário de Oscar de Moraes, quando de sua análise do Código Penal de 1890. Ver Brasil, 2004, p. 634-640.

além da transgressão moral, e que, como tal, seja elevado à “esfera do dispositivo estatal de criminalização”, responsável pelo início da apuração legal do crime. De certa forma, embora parta de uma perspectiva pós-moderna, Santos também reconhece que o fenômeno da “violência difusa consiste em um processo social diverso do crime, anterior ao crime ou ainda não codificado como crime no Código Penal” (2004, p. 3). O debate acima deixa entrever que, como argumenta Misse (2010, p. 22), o crime é “definido primeiramente no plano das moralidades” hegemônicas, “cuja vitória será inscrita posteriormente nos códigos jurídicos”, motivo pelo qual uma vez assim tipificado, resta pouca ou nenhuma margem para sua justificação moral.

Os incentivadores

A crônica que trata do duelo de 1886 é taxativa: “o duelo não se justifica, impõe-se”⁷. A divergência de opiniões não se restringia aos parlamentares. Entre os intelectuais, as opiniões eram as mais diversas. Ao comentar o episódio, Arthur Azevedo afirmou em crônica de 31 de agosto de 1886⁸, com o estilo que lhe era próprio, que a “história registrará também a data do primeiro duelo a sério, havido no Brasil entre homens da imprensa”. Azevedo, também ele jornalista e escritor, era de opinião favorável ao duelo. “Tenho ouvido a algumas pessoas ridicularizar levemente o encontro dos dois jornalistas; eu, por mim, declaro que tenho este duelo, como todos os duelos, em conta de coisa séria”, o que o leva a rogar “que se introduza na nossa imprensa” o “costume geralmente adotado em todos os países onde a civilização penetrou a jorros mais largos que no Brasil”. Os seus motivos diziam respeito menos ao duelo do que aos atritos na imprensa. Para ele, o duelo era uma espécie de responsabilização extraliterária pelos *desatinos* cometidos nas letras. “Por via de regra, ficam sem solução as questões que todos os dias se suscitam na nossa imprensa; estabelecido o duelo, haverá sem dúvida mais prudência da parte dos agressores e mais para a desafronta dos agredidos”. Em sua opinião, o “duelo é, sem dúvida, mais decente que a rasteira, a cabeçada e o *petropolis*”, ou seja, o embate se dá às claras entre os ofendidos, sem artimanhas veladas (rasteira), sem embates contínuos na imprensa (cabeçadas), e sem a intervenção de membros da Corte, senão do próprio Imperador (daí o “*Petrópolis*”).

Pardal Mallet, além de praticante, foi outro grande incentivador do duelo no Brasil. Segundo ele, em crônica de 21 de julho de 1888⁹, não era possível condenar o duelo unicamente pelo “fato de sua origem bárbara”, uma vez que “tal é a ascendência

7. Editorial, 1886.

8. Eloy, O Herói. (Pseud. de Arthur Azevedo), 1886.

9. Mallet, Pardal. 1888a.

de todas as instituições”. O duelo, por se tratar de uma luta, “conserva integralmente a honorabilidade de cada adversário”, bem como permite que “possam mais tarde apertar-se as mãos ou que o sobrevivente acompanhe o prestígio funério do morto”. A “sociedade há de preferir sempre o homem que reage àquele que vai se queixar à polícia. E, entre aqueles que reagem, ao que joga capoeira no meio da rua, ela prefere ainda o que expõe o peito à lâmina ou à bala do adversário”. Manifestação elitista, não surpreende quais sejam suas inspirações: “há uma bela poesia cheia de respeito à humanidade na memória desses fidalgos franceses que se batiam à morte, mas, cortesmente, de chapéu na mão”. Mallet não estava sozinho, conforme se depreende da crônica publicada na *Gazeta de Notícias*, em 19 de dezembro de 1890¹⁰. Nela se lê que a reparação pelo duelo “exige do ofensor mais alguma coisa do que pode impor-lhe um tribunal de honra: exige-lhe a coragem de se colocar na frente da ponta de uma espada ou do cano de uma pistola”, coragem essa “muito mais apreciável do que a de suportar a sentença de um tribunal, a cuja execução ninguém o obriga”. A dimensão social do fenômeno aparece claramente quando se afirma que “isto de honra é, além de um caso de consciência, um caso de temperamento, e também de educação e de meio social”.

Não é diferente a opinião de Emanuel Carneiro, publicada em 5 de março de 1891 como resposta a um tal “Sr. Mello”, que o teria acusado de não conhecer os ritos do duelo¹¹. Carneiro faz observar ao seu opositor, com grifos seus, que “é inútil dizer *duelo de homens cultos*, porque nem os operários nem os taverneiros, nem os carroceiros se batem em duelo”. “É o mesmo”, prossegue, “que se um médico ou um advogado fosse inscrever-se para um concurso de amanuense do correio, e lhe negassem a inscrição: ‘o senhor não pode, sabe muito, é doutor’”. O argumento de Carneiro se faz presente também em uma crônica assinada alguns dias mais tarde por Thomas Grimm, um pseudônimo coletivo, segundo Braga-Pinto (2018)¹². Ao que tudo indica, o texto é uma tradução da publicação originalmente efetuada no francês *Petit Journal*. Nele, são destacadas as diferenças entre ingleses e franceses, sendo que os primeiros desclassificam o duelo, enquanto que os últimos fazem dele uma distinção galante. Segundo a crônica, “em matéria de duelo o uso e a moda são mais fortes que a lei, ou para melhor dizer, são a própria lei”, assertiva reforçada pelos grifos originais do autor quando destaca que “em parte alguma esta verdade tem mais razão de ser do que na França, onde o duelo é uma *moda* [...] o duelista é um *beligerante particular*, e não um *guerreiro*”.

10. Cousas do Dia, 1890.

11. Carneiro, 1891.

12. Grimm, 1891.

Para os seus incentivadores, o duelo consistia em uma forma de violência privada de que homens respeitáveis podiam lançar mão para resolver suas pendências, e a própria resolução teria como resultado, afora a extinção da pendência, o aumento do prestígio dos duelistas. Estava, portanto, moralmente autorizado. De fato, como afirmam Thompson Flores e Remedi, os duelos “eram práticas de desagravo reservadas às elites” (2019, p. 2). A busca pelo reconhecimento entre os pares constitui uma das principais dimensões simbólicas do duelo. A violência distintiva, à moda dos *fidalgos*, diferia da violência das classes populares. No entanto, havia como que uma hierarquia velada que estabelecia que, apesar do estigma, a capoeira era ainda preferível ao ato *queixar-se à polícia*. O homem, especialmente homem distinto, faz-se reconhecido por si mesmo, dispensa intermediários – o que significa que eles existem, e existem precisamente como representantes do Estado, daí as forças policiais e os tribunais. Extraoficial, o duelo dependia única e exclusivamente do reconhecimento mútuo entre os praticantes, mas também da certeza que não seriam incriminados ao praticá-lo ou, uma vez obrigados a prestar contas, não seriam estigmatizados como contraventores ou criminosos, tal como se enquadravam os capoeiristas.

Os opositores

Porque violento e potencialmente letal, o duelo despertou a preocupação de alguns parlamentares que temiam que a prática pudesse influenciar o que se chamava de *os costumes nacionais*, tornando-se assim um problema social, a exemplo do que era, aos olhos da classe dirigente, a capoeira, a prostituição e o alcoolismo entre as classes populares. Ainda no início da *moda*, Raul Pompeia foi um dos seus críticos mais contundentes. Tomou posição contrária quando do duelo entre os seus amigos Pardal Mallet e Germano Hasslocher, conforme atesta a crônica publicada em 9 de dezembro de 1888¹³. O “duelo, para mim, é magnífico em uma vistosa estampa de romance ilustrado. Fora disso, considero uma brutalidade absurda e repugnante”. O seu raciocínio parece estar de acordo com o de Gabriel Tarde, para quem o duelo era essencialmente uma combinação medieval de atos de honra e distinção com as “brutais elegâncias da cavalaria” (1892, p. 39). De acordo com o cronista, não é possível compreender o ato de duelar sem considerar também “o risco de morte”

13. A crônica encontra-se na compilação publicada em 1996. A cautela a citar essa edição se deve a algumas imprecisões, talvez de editoração: de um lado, as crônicas selecionadas não correspondem à sua versão original, já que algumas foram reduzidas a menos de um terço; de outro, há erros relacionados às datas de publicação. Por exemplo, a crônica publicada entre as páginas 30-31 é referenciada pela data de 19 de agosto de 1888, embora a versão correta seja 16 de setembro de 1888 (*Jornal Diário de Minas/MG*).

inerente à prática, e “ainda menos se compreende, com as ideias atuais da luta pela vida e do requinte complicado dos combates da civilização”, como alguém pode “decidir” pela “supressão do adversário”. Para Pompeia, o duelo nada mais é senão o “assassinato” do “argumento honesto de uma boa razão com um sofisma sangrento do espadachim”.

Raul Pompeia tornaria a se opor ao duelo alguns meses mais tarde, dessa vez devido ao embate entre os seus amigos Pardal Mallet e Olavo Bilac. Em crônica de 29 de setembro de 1889 deixa mais uma vez entrever o seu desapontamento com o conflito entre “um jornalista e um poeta, jornalista também”¹⁴. “Pela profissão dos adversários”, diz ele, “vê-se que apesar do esforço de alguns para introduzir nos costumes nacionais este exotismo de capa e espada, o duelo ainda não conseguiu fazer carreira fora da roda em que teve aceitação”. Para o escritor, o duelo “não somente está adstrito à fração da sociedade que iniciou aqui a sua prática, como, entre os seus próprios introdutores, vai perdendo opinião”. Sendo o duelo uma prática bárbara e irracional, para Pompeia, ao praticá-lo, seus colegas de profissão e de geração consequentemente estigmatizavam a classe a que pertenciam e o grupo que formavam.

Contemporâneo de Pompeia, Augusto Britto também se opôs ao duelo em crônica de 15 de outubro de 1890¹⁵. Para Britto, o duelo era uma *monstruosidade*, uma “prática estabelecida entre gente bárbara” que se resume a um “sistema demasiadamente revoltante contra a boa razão”. O seu argumento, próximo ao de Gabriel Tarde, se pretende mais lógico do que aquele dos que incentivavam o duelo. “Punir o criminoso, cometendo outro crime talvez maior”, ou seja, “o de arrancar a vida humana”, faz com que se questione: afinal, “onde é que a morte evapora a desonra?” Britto desacredita que as pendências de honra devam ser lavadas com sangue. O “duelo dá azo a que o criminoso proclame-se de triunfador, e bem assim, a que o inocente se transforme em criminoso; sendo que tudo o mais provará, nunca, porém, em matéria de honra”. Como o parlamentar Viriato Medeiros, considera que a legalização do duelo seria algo irracional e inútil: “irracional por que deixa tanto o inocente quanto o culpado expostos à pena última; e inútil por que jamais poderá declarar quem teve razão ou quem teve crime, nem tampouco qual dos contendores teve honra ou não a teve”.

Outra personalidade de renome que se destacou como grande opositor dos duelos foi “Sr. promotor público, o Dr. Viveiros de Castro”, o mais “feroz oponente do duelo”, segundo expressão de Braga-Pinto (2014, p. 608). Em crônica de 8 de março de 1891, publicada na *Gazeta de Notícias*, noticiava-se que, findo o duelo

14. Pompeia, 1889.

15. Britto, 1890.

Assis Brasil-Hygino, Viveiros de Castro entrou “com seu pedido de licença aos presidentes do senado e da câmara para denunciar aqueles representantes do país, e mais os seus padrinhos, como incursos nos artigos tais e tais do código penal”¹⁶. A julgar pela crônica, a atuação do promotor foi bem acolhida pela opinião pública ao pôr em prática o novo Código Penal de 1890. Como se pode perceber, entre os opositores do duelo, predominava o entendimento de que este era uma prática violenta que em nada agregava à resolução das pendências ditas de honra, sendo não apenas um *barbarismo* letal, mas um inibidor da racionalidade individual. Uma resolução verdadeiramente honrosa impediria que um delito pudesse ser punido com outro, segundo a prática da “justiça com as próprias mãos”, daí a necessidade da intermediação do Estado, que cumpria, segundo o princípio de Wieviorka, com a função básica de impedir a destruição do adversário. *Moralmente* tipificado como crime, o duelo deveria ser então duramente incriminado e recriminado, como de fato o é *legalmente* por Viveiros de Castro.

Os praticantes

Em crônica de 14 de outubro de 1888¹⁷, Arthur Azevedo novamente dedicou-se à análise do duelo. Tratava-se, dessa vez, do embate “entre o Sr. senador Cândido de Oliveira e o Sr. Alexandre D’Atri, agente de colonização”. Ao noticiá-lo, vaticinava que caso “se realizar o encontro, e houver sangue, embora pouco, os duelos ficarão para sempre fixados nos nossos costumes, e perderão a camada de ridículo que os envolve”. Assertiva importante, pois não nega a distinção dos envolvidos, pelo contrário, se vale dela para validar uma prática tida por excêntrica. Com sua característica bonachona, prescreve que “no Brasil as coisas tomam sempre um caráter sério desde que haja um senador envolvido nelas”, e “desde que o duelo entre no rol das coisas sérias, haverá o maior cuidado em evitá-lo, provindo daí bons elementos para a moralidade do parlamento e da imprensa”, segundo o argumento já conhecido. Azevedo não nega que “à primeira vista parece absurdo confiar à sorte das armas e aos caprichos do acaso a resolução das pendências de honra, e é muito comum ver o ofendido morto ou ferido pelo ofensor”, o que não o impede afirmar que “esse é, infelizmente, o único meio de reprimir a imoderação de linguagem que caracteriza o nosso meio jornalístico e parlamentar”. O duelo cumpriria uma função regulatória:

16. Crônica da Semana, 1891.

17. Eloy, O Herói. (Pseud. de Arthur Azevedo) 1888a. Ao comentar sobre o caso no Senado, o Sr. Cândido de Oliveira ouviu de um de seus pares que “a isto se responde com riso”, deixando entrever o grau de seriedade com que eram tratados os duelos. Ver *Anais do Senado do Império*, sessão de 13 de outubro de 1888, Reclamações, p. 178-179.

“desde que se arriscasse a pele nessas contendadas, não seriam elas tão numerosas nem tão ignóbeis”.

É preciso contextualizar a questão da liberdade de imprensa. José Murilo de Carvalho afirma que o “Império foi o período da história brasileira em que a imprensa foi mais livre” (1996, p. 46), opinião que é corroborada por Luciana Fagundes que, embasada nos arquivos do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro – IHGB, afirma ser possível caracterizar a monarquia como “época de paz, união e, principalmente, de liberdade de expressão” (2016, p. 48), segundo a comparação com os primeiros governos republicanos. Compreende-se, assim, o posicionamento de Azevedo como favorável não tanto ao duelo, mas antes ao papel que este desempenharia no meio jornalístico. Com efeito, alguns meses depois do caso narrado, o tema novamente voltava à baila.

No editorial da *Gazeta da Tarde*, de 4 de dezembro de 1888, anunciava-se outro duelo, dessa vez entre o “nosso colega” Germano Hasslocher e o “também jornalista” Pardal Mallet¹⁸. Após classificá-lo positivamente como algo corriqueiro em outros países, sobretudo na França, é informado que “foram testemunhas por parte do nosso companheiro de redação o Dr. Gregório de Almeida, redator do *Diário de Notícias* e o nosso colega e amigo Antônio Azeredo e testemunhas do Dr. Pardal Mallet os Srs. Dr. Luiz Murat e Coelho Neto, também jornalistas”. Por aí se vê o quanto a prática era restrita a um mesmo grupo. Após informar os fatos com minúcias, o que leva a crer que a notícia de um duelo continuasse a despertar a atenção dos leitores, a narrativa concentra-se em pormenorizar o desfecho do embate: “no terceiro assalto, foi ferido no braço direito o nosso colega: julgou-se que estava salva a honra dos dois combatentes, que portaram-se galhardamente, colocando a coragem acima da inabilidade no manejo das armas, e deu-se por findo o encontro”. Nas entrelinhas, o exotismo de uma prática levada a cabo por indivíduos que sequer dominavam o manejo das armas, mas que buscavam nela, ou melhor, através dela, ressaltar sua *galhardia*.

Alguns dias depois, novamente os jornais noticiavam um duelo que se formava entre dois de seus incentivadores, Pardal Mallet e Arthur Azevedo. O embate não chegou a ocorrer, todavia é interessante que o analisemos. Em crônica de 29 de dezembro de 1888, Azevedo alegava que a notícia não passava de um boato, que “é mentira”, e que não foi “convidado nem aquiesci”¹⁹. Azevedo alegou ainda que a “mofina que aludi está assinada pelo Sr. Pardal Mallet, e contém, realmente, injúrias difíceis de roer; nenhum esforço, entretanto, posso tirar”. Os insultos de Mallet foram feitos alguns dias antes da crônica de Azevedo, mas só foram publicados, “por

18. Editorial, 1888.

19. Eloy, O Herói. (Pseud. de Arthur Azevedo), 1888b.

falta de espaço”, no dia seguinte, portanto em 30 de dezembro de 1888²⁰. A origem da desavença teria sido uma questão literária qualquer, da qual Mallet se sentira insatisfeito. Soma-se a isso uma suposta crítica de Azevedo ao seu romance *O Lar*. Mallet chamou Azevedo de “mesquinho”, “tacanho”, “pulha”, alguém que “tem a coragem dos covardes, investindo manhosamente contra quem está distraído”. Mas vai além, e afirma que o “Sr. Arthur Azevedo”, “homem que já tem a epiderme coriácea pelo hábito de receber o insulto”, seria um “capoeira literário que converteu a pena em navalha, e que de quando em vez faz um sarilho na imprensa para não perder a ciência da cabeçada”, frisando ainda que o mesmo “quer, entretanto, gingar comigo”, o que o leva a asseverar que “esse procedimento de chocar odiosinhos e de fazer emboscadas – procedimento próprio de um homem de mau caráter – quem o tem é o Sr. Arthur Azevedo”.

Bastou substituir o duelo pela capoeira e a espada pela navalha para fazer da associação um estigma. A recusa de Azevedo é significativa, mas não mais do que o fato de que, ao longo de sua crônica, indiretamente desacredita o duelo ao classificar como infundados os motivos que levaram Mallet a alegar que sua honra fora ferida. Azevedo, então com 33 anos, atribui o desafio aos excessos da juventude de Mallet, que recém completara seus 24, deixando transparecer que, se incentivou a prática como função regulatória, nem por isso a tinha verdadeiramente “no rol das coisas sérias”. Ademais, a atitude de Mallet lembra a crítica de Raul Pompeia, pois deixa transparecer que o duelo estava restrito aos que se esforçavam por introduzi-lo nos “costumes nacionais”. Ademais, se a juventude teve seu quinhão de influência na personalidade de Mallet, outro fato que deve ser levado em consideração é que o rapaz, que nasceu na belicosa província do Rio Grande do Sul, era filho e neto de militares. De fato, a forma como procedia em relação ao duelo era conhecida, o que lhe rendeu uma dedicatória de Magalhães Castro, que compusera uma polca intitulada *A duelista*, conforme consta no jornal *Cidade do Rio*, de 29 de janeiro de 1889²¹.

Mallet não só foi um duelista praticante como também serviu de padrinho para seus amigos. É o que aconteceu, por exemplo, no caso do duelo ocorrido entre o escritor Coelho Neto e o redator e jornalista Castro Soromenho, segundo notícia publicada pela *Gazeta de Notícias* em 28 de maio de 1889²². Igualmente ocorrido em

20. Mallet, 1888b.

21. Editorial, 1889a. “Entrou-nos hoje pelo escritório adentro alegre, buliçosa, saracoteando a *Duelista*. Não vão pensar agora que se trata de algum espadachim. A *Duelista* é pura e simplesmente uma polca deliciosa, que o seu autor, o Sr. Magalhães Castro ofereceu ao nosso colega de redação Dr. Pardal Mallet. A polca é editada pela casa A. Fertim de Vasconcellos & Cia., da rua do Carmo n. 25. Agradecendo a delicadeza da oferta, sentimo-nos ainda mais penhorados pela lembrança da dedicatória”.

22. Editorial, 1889b.

uma ilha à época deserta, a Ilha de Paquetá, os motivos se repetem: houve “entre os dois cavalheiros uma questão, em resultado da qual houve frases que o Sr. Soromenho julgou ofensivas à sua honra”. Em vista disso, os “Srs. Filinto de Almeida e Germano Hasslocher foram por eles encarregados de pedir a retratação dessas frases, ou uma reparação pelas armas”. Coelho Neto, por sua vez, nomeou como seus padrinhos os “Srs. Pardal Mallet e Manuel Carneiro”. O duelo não pôde ser evitado, uma vez havia certo entusiasmo por parte dos ofendidos, e talvez ainda mais por parte dos padrinhos. “Foi resolvido que o duelo seria à *épée de combat*, que terminaria ao primeiro sangue, e que a sorte designaria o padrinho que devia dirigir o combate. Coube a sorte ao Sr. Pardal Mallet”. “Trocados diversos golpes, o Sr. Coelho Neto recebeu um ferimento na região superior do esterno”, isto é, no peito, o que fez com que prontamente os padrinhos dessem “por terminado o combate, conforme o convencional”, e assistido pelos “médicos os Drs. Monat e Leal da Cunha”. O duelo foi também noticiado, em reportagem do mesmo dia, n’*O Paiz*²³. Consta que o florete fora “corajosamente” manejado “por ambos os contendores”, e que o “assalto durou cerca de 10 minutos”, mas não é dito nada acerca dos motivos que levaram ao duelo, salvo que eram desconhecidos.

O relato está em sintonia com Thompson Flores e Remedi (2019, p 13), para quem os duelos não se destinavam a matar ou ferir os oponentes, mas tão somente a se impor como um ritual de desagravo, embora distinto da pura e simples vingança. Logo, era comum que a reparação se desse ao “primeiro sangue”, o que obviamente não diminui o risco de ferimentos graves. Realmente, a pendência parecia não ser grave, a julgar pela ausência declarada dos motivos e pela relativa facilidade com a qual a honra foi reparada. Esse raciocínio é reforçado pelo próprio Castro Soromenho que dali a alguns meses, em 31 de agosto de 1889, publicava uma edição do *Arquivo Contemporâneo* em que não poupava elogios a Coelho Neto, Francisco de Paula Ney e Pardal Mallet. Contudo, poucos dias depois da contenda, os jornais anunciavam um novo duelo, desta vez a entre Olavo Bilac e Pardal Mallet.

Ao contrário dos duelos anteriores, houve nesse alguns contratemplos, como se pode inferir pelo editorial da *Cidade do Rio*, de 24 de setembro de 1889²⁴. O primeiro incidente diz respeito aos padrinhos. Os que foram escolhidos pela primeira vez desistiram de atuar no combate devido à perseguição da polícia. Novos padrinhos foram arranjados, mas como a repressão policial não arrefeceu, os contendores acharam por bem bater-se a sós. Três tópicos sobressaem desse caso: primeiro, o entusiasmo, quase obsessão, pela prática do duelo; segundo, a proximidade dos envolvidos, homens de

23. Editorial, 1889c.

24. Editorial, 1889d.

mesma classe e condição, além de bons amigos; por fim, a repressão policial. Sobre esta última questão, cabe destacar que, se o debate parlamentar de 1886 não chegou a um consenso acerca da tipificação do duelo como crime, o que só viria a ocorrer com o Código Penal republicano, a perseguição policial denota que havia um entendimento prévio de que a prática poderia ser enquadrada, senão como crime, como ato ilegal (nesse caso, a *respeitabilidade* dos praticantes não seria um atenuante).

A causa do duelo foi uma suposta ofensa cometida por Bilac, o que bastou para que Mallet o desafiasse para “uma reparação pelas armas”. Mallet teve como testemunhas primárias os “Srs. Henrique Stepple e Coelho Neto”, enquanto que Bilac requisitou a assistência dos “Srs. José do Patrocínio e Emílio Rouéde”, ficando acertado que os beligerantes se dariam por “satisfeitos e desafrontados ao primeiro sangue”. Contudo, segundo uma narração digna de Arthur Azevedo, o duelo não ocorreu naquela ocasião, porquanto “durante toda a noite de terça-feira e toda a manhã de quarta-feira, foram, contendores e padrinhos, seguidos pela polícia”. Como os primeiros padrinhos desistiram, foram substituídos pelos “Srs. Orozimbo Muniz Barreto e José Augusto Vinhaes”, em favor de Mallet, e os “Srs. Castro Soromenho e Emanuel Carneiro”, em favor de Bilac. No final, o imbróglie se resolveu rapidamente e sem padrinhos. “Bateram-se sem camisa, com o peito inteiramente descoberto. O combate demorou 4 segundos. O Sr. Pardal Mallet recebeu um ferimento no lado esquerdo do ventre”. Estava encerrada a pendência. Mas esse não seria o último duelo de Bilac. Alguns anos depois, em 1892, bateu-se também com Raul Pompeia.

Antes, porém, outro duelo ganhou as estampas da imprensa finissecular. Trata-se do duelo entre Joaquim Francisco de Assis Brasil e José Higyno Duarte Pereira. A trama foi criticada por Emmanuel Carneiro em crônica de 1º de março de 1891²⁵. A crítica se deve às expectativas frustradas do cronista, para quem as testemunhas “procederam mal”, pois estavam em desacordo com o que supõe ser os ritos do duelo. “Doente e aflito, como estou, abei-ro-me a custo à mesa de trabalho do meu quarto, para escrever esta crítica do incidente, que tanto me interessa, e enviar ao mesmo tempo os meus cumprimentos e os meus aplausos”, porquanto “eu trabalho pela introdução do duelo”. Ao contrário dos duelos anteriores, este teria sido efetuado por meio de armas de fogo²⁶. A notícia é comprovada pela *Gazeta de Notícias*, que publicaria alguns dias depois, em 8 de março de 1891, uma nova versão dos fatos²⁷.

25. Carneiro, 1891a.

26. As estatísticas analisadas por Gabriel Tarde (1892, p. 54) para a Europa demonstram que parte significativa dos duelos usava armas brancas ao invés de armas de fogo. Por exemplo, dos 269 duelos registrados na Itália em 1888, apenas 15 utilizaram armas de fogo, contra 254 que optaram pelo sabre ou espada.

27. Crônica da Semana, 1891.

O texto realça que o duelo ofereceu “uma pequena diversão aos espíritos dos frequentadores da rua do Ouvidor”, e também que Assis Brasil era um bom atirador, ao passo que o seu adversário mal sabia manusear a arma. Para Gabriel Tarde (1892, p. 77), contemporâneo dos fatos, casos desta natureza, nos quais há um descompasso entre os beligerantes, eram metade-suicídio, metade-assassinato.

O último embate anunciado entre os membros desse grupo de intelectuais foi o duelo Bilac-Pompeia. O motivo da desavença é já conhecido: insultos publicados na imprensa. Esse duelo, no entanto, foi diferente dos anteriores em vários aspectos. A começar que o verdadeiro motivo da desavença entre aqueles que antes da República foram bons amigos é de ordem política. Pompeia era florianista, Bilac um contumaz crítico de Floriano. As ofensas tinham como origem não mais as picuinhas, como aquelas observadas entre Mallet e Azevedo, mas posicionamentos e atuações profissionais efetivas junto à burocracia estatal. Basta dizer que ao contrário dos casos anteriores, quando momentos após o combate os duelistas confraternizavam como bons amigos, Pompeia nunca mais procurou Bilac (segundo algumas fontes da época, o seu suicídio teria relação direta com seus posicionamentos políticos, radicalmente afetados com a virada governamental de Prudente de Moraes, que trouxe Bilac e seu grupo de volta aos bastidores do governo).

Ana Silva (2002), que explorou o episódio com propriedade, tem toda a razão ao afirmar que aquilo que começou com desavenças políticas foi, pouco a pouco, transformado em desavenças pessoais. O auge dos desentendimentos, e consequentemente a causa do duelo, diz respeito ao comentário que Olavo Bilac direcionou a Raul Pompeia no final de sua crônica publicada em *O combate*, no dia 8 de março de 1892²⁸. Mas antes de analisar o seu conteúdo, convém salientar uma interessante observação de Silva (2002, p. 141). Segundo a autora, a publicação dessa crônica possivelmente resulta de um mal-entendido: “os biógrafos e memorialistas”, diz ela, são “unânicos” quanto ao fato de que naquela “edição de *O Combate*, o texto da série teria sido escrito por Oscar Rosas” a pedido do próprio Olavo Bilac, ou seja, não teria sido Bilac o autor. Contudo, verdade ou não, a assinatura da crônica permanece sob o pseudônimo Pierrot, usado por Bilac. Conforme Silva (2002, p. 142), Pompeia teria salientado que esse fato não isentaria Bilac da responsabilidade assumida, como secretário do jornal, de lê-la antes de sua publicação. Bilac, por sua vez, teria procurado Pompeia para desculpar-se, mas foi ignorado. Daí a opção de Pompeia por responder da mesma forma, ou seja, em crônica publicada no *Jornal do Commercio*, no dia 15 de março de 1892²⁹.

28. Pierrot (Pseud. de Olavo Bilac), 1892.

29. Y. (Pseud. de Raul Pompeia), 1892.

Nas “*Lembranças da Semana*, folhetim d’*O Jornal do Commercio*”, diz Pierrot, “bem estão merecendo da nossa crônica uma menção especial”. Essa atenção devia-se ao fato de que o “autor das *Lembranças* é um empregado do governo, professor de Mitologia da Escola de Belas Artes”, cargo este que explicaria o viés governista de Pompeia. Esse “moço bem podia ganhar e ingerir o seu ordenado completamente, sem rebaixamentos de caráter e sem alusões indignas”, mas “ele, entretanto, prefere comer esse pão que o diabo amassou repassando-o pela manteiga do servilismo e da adulação”. Percebe-se que o teor das críticas atinge a honra de Raul Pompeia (“rebaixamento de caráter”, “alusões indignas”, “servilismo”, “adulação”), e não mais apenas suas posições políticas. As críticas, no entanto, não cessariam aí: Pompeia “é muito pretensioso quando pensa que, incensando o marechal Deodoro, o arrasta para as bandas florianistas, onde a desonra impera”. Mas isso “talvez não seja pretensão, talvez seja amolecimento cerebral”, afinal, “Raul Pompeia masturba-se e gosta de, a altas horas da noite numa cama fresca, à meia luz de *veilleuse* mortiça, recordar, amoroso e sensual, todas as lealdades³⁰ que viu durante o seu dia, contando em seguida as tábuas do teto, onde elas vaporosamente valsam”.

As críticas são contundentes. Mas o que causou o maior incômodo em Pompeia – e possivelmente nos leitores da época – foi a causa do “amolecimento cerebral”, ou seja, o fato de Pompeia masturbar-se. Embora um assunto como este possa parecer hoje normal, no século XIX a masturbação era tida como um desvio patológico. Afora o ato em si, sugere ainda o cronista que não seria saudável que mulher alguma se aproximasse de Pompeia, dado seu comportamento libidinoso. Ora, no seu conjunto, o teor dessas poucas linhas é suficiente para causar, no mínimo, um sério embaraço tanto para o acusador quanto para o acusado. Pompeia responderia da mesma forma, dedicando algumas poucas linhas igualmente no final de sua crônica, publicada no dia 15 de março de 1892. De acordo com Pompeia, “pode-se lançar à conta dos fatos da semana a agressão que sofreu nominalmente o obscuro autor destas crônicas” por “parte dos escritores prováveis ou certos da seção especial dos desaforos, de um dos diários desta cidade”. É assim que Pompeia visa transmitir a noção de insignificância e amadorismo do seu detrator, afinal, não se sabe se ele é um escritor (“escritor provável”), embora sugira que não seja, dado que um escritor não se prestaria a assinar uma “seção de desaforos”. “Fato mínimo”, prossegue, pois este “só não foi personalíssimo porque foi um caso de imprensa, e por isso apenas é lembrado em fim de crônica”.

30. Na publicação original está escrito “lealdades” e não “beldades”, conforme consta no texto de Silva (2002).

O ápice de sua narrativa se dá então quando reflete sobre a possibilidade de uma resposta “à altura”. “Quanto a responder...”, diz ele, “haveria mister voltar contra os agressores a mesma arma fácil da afronta, de que se servirão, assacar um doesto bem forte, dizer, por exemplo, detidamente” – e aqui Pompeia desfere sua crítica mais contundente – “que o ataque foi bem digno de uns tipos, alheados do respeito humano, licenciados, marcados, sagrados – para tudo – pelo estigma preliminar do Incesto”. Pompeia se referia ao fato de que Olavo Bilac não tinha filhos e sequer tinha interesse em tê-los, pois já era o responsável pela educação de seu sobrinho tal como se seu filho fosse, daí a alusão ao incesto. Ana Silva (2002, p. 142), pautada na leitura de alguns biógrafos e memorialistas, afirma que após a publicação das crônicas houve acidentalmente um encontro entre os escritores na “confeitaria Cailteau”, ocasião em que ambos “se atracaram aos safanões e se esbofetearam, sendo apartados graças às várias investidas dos colegas que se encontravam no local”.

A agressão foi uma sequência (e consequência) daquilo que não poderia ser expresso através das crônicas, ou pelo menos não sem antes comprometer o prestígio dos escritores. O ato seguinte, naturalmente, foi duelo³¹. Em resumo, o embate teve por padrinhos Pedro Rabello e João Andrea, em favor de Pompeia, e Jesuíno de Carvalho e o capitão Carvalho como padrinhos de Bilac. Entre as tratativas e o desfecho daquilo que Arthur Azevedo chamou de “duelo gorado”, houve episódios no mínimo curiosos³². É o caso, por exemplo, da escalada no muro da casa dos irmãos Bernadelli, que não estavam em sua casa na ocasião. No derradeiro momento, julgando ser o caso de extrema seriedade devido ao real perigo de morte, os padrinhos convenceram Bilac e Pompeia a fazer as pazes. O atrito, no entanto, não mais desapareceria.

Se a honra ferida pode levar agredido e agressor a colocarem a vida em risco, é pouco provável que terminado o embate os beligerantes voltem a ser amigos. Entretanto, não é o que se aplica a maior parte dos casos analisados pela simples razão de que o duelo não abalou os laços de amizade. Inclusive, somos tentados a crer que muitos duelos só ocorreram porque os envolvidos estavam *entre amigos*. A coesão era tamanha que Pardal Mallet sentia-se autorizado a exprimir uma dimensão claramente familiar ao grupo de intelectuais a que pertencia, como fica visível em crônica de 10 de julho de 1890, na qual afirma que “fomos – o Bilac, o Pompeia, o Neto, o Guimarães, o Alcindo e eu, quase todos da mesma idade, nascido entre os anos de 63 e 65,

31. De acordo com Silva (2002, p. 142-143), pautada em Rodrigo Octávio, a ideia do duelo partira não de Bilac, mas curiosamente do próprio Pompeia (o que é confirmado por Viveiros de Castro). José Broca (1961, p. 4) também confirma essa versão. Não esqueçamos que Pompeia desprezava os duelos, o que demonstra sua fúria.

32. Azevedo, 1892.

reunidos pela convivência acadêmica”, além de estarem “bastante certos para aceitar a camaradagem dos veteranos – Luiz Murat, Paula Ney, Aluísio Azevedo, Emílio Rouéde e Arthur Azevedo, bastante fortes para fazer de todo este pessoal uma só família”³³. Conforme Mallet, “nós fomos um grupo principalmente solidário pela amizade”, e “nunca faltamos ao apelo do interesse coletivo, nunca deixamos de ser – um por todos e todos por um”. Sem dúvida, a conhecida máxima dos mosqueteiros de Dumas resume o ideal do duelo ao mesmo tempo em que nomeia os duelistas.

A avaliação de Mallet é confirmada por Valentim Magalhães, quando este escreveu seu necrológico, publicado em 16 de fevereiro de 1895³⁴. De acordo com Magalhães, Mallet fazia parte do ciclo de amizades que compreendia Guimarães Passos, José do Patrocínio, Luiz Murat, Paula Ney, Olavo Bilac, Raul Pompeia e “outros fulgurantes rapazes da boemia dourada do Rio”. Magalhães fornece ainda uma importante interpretação do fenômeno quando rememora o duelo ocorrido entre Mallet e Bilac. Escreve o cronista que não sabia por qual “futilidade chegaram à contingência dolorosa de baterem-se”, no entanto, o “que sei é que na véspera do duelo o Bilac foi na casa do Mallet com os floretes, passou com ele a noite a tomar conhaque e a fumar cigarros na maior cordialidade”; chegada a aurora, “foram para o quintal, puseram-se nus da cinta para cima e bateram-se, sem testemunhas, com armas que nenhum deles conhecia”. Ferido Mallet, tão logo “Bilac viu o sangue no peito do seu querido amigo atirou-se a ele chorando, levou para a cama e saiu, como um doido, em cabelo, a procura de um médico. O ferimento foi leve”.

Considerações finais

Considerar o duelo uma *prática criminosa* pressupõe, conforme pondera Misse (2010, p. 24), que ele tenha chances objetivas de ser *criminado* e que os atores envolvidos estejam conscientes de que poderão ser submetidos a um “processo de incriminação”. Naturalmente, para que tal processo ocorra, deve existir o que Misse (2010, p. 22) chama de “pauta classificatória”, a exemplo dos Códigos Penais, que é “anterior e exterior ao evento”. A classificação de um indivíduo ou sua transgressão conforme preconiza, por exemplo, o Código Penal, constitui um “complexo processo de interpretação baseado também em *poderes* de definição da situação” (2010, p. 22-23). O Código Penal de 1890, portanto um código republicano, constituiu um importante marco contra a prática do duelo, conforme defende Braga-Pinto (2018). No entanto, para Thompson Flores e Remedi (2019, p. 10), também é igualmente

33. Mallet, 1890.

34. Magalhães, 1895.

verdadeiro que o referido código assegurou a distinção social dos praticantes por meio da cuidadosa redação que objetivava “descrever as circunstâncias distintas que configuram um duelo”, resguardando-as a “uma determinada camada social apta a lançar mão daqueles recursos”, conseqüentemente os diferenciando dos “conflitos comuns de outras ordens para os quais as penas seriam pesadas”.

A incriminação, que é também um processo social, se manifesta na forma como o Código Penal de 1890 foi constituído³⁵. De um lado, se tipificou como crime o duelo, por outro, assegurou que o mesmo não fosse classificado como uma contravenção qualquer. A distinção social estava assegurada. Mas não menos importante é o fato de que, se o duelo constituiu uma forma extraoficial de manejar a violência privada para resolver conflitos no interior de um grupo seletivo, e se uma das características desse fenômeno consistia não apenas em assegurar certo prestígio a seus praticantes, como também sua oposição a manifestações semelhantes entre as classes populares, o primeiro Código Penal republicano consolidou na interpretação oficial a moral hegemônica: de acordo com Misse, (1999, p. 184), o novo código teria transformado a “prática da capoeira de simples contravenção em crime, agravado se existir formação de grupo ou malta”. Uma vez mais, a distinção social estava assegurada.

Em mais de uma ocasião o duelo esteve associado ao universo dos costumes tidos por galantes, distintos, nobres. Talvez o fato de que o Brasil fosse uma monarquia em que conviviam nobres de diferente hierarquia, por mais que essa fosse apenas nominal, tenha de alguma forma contribuído para que o duelo se tornasse uma moda. Porém, como toda moda é passageira, também o duelo foi esquecido após a Proclamação da República, período histórico que coincidiu com o envelhecimento natural dessa geração de intelectuais (sem falar nos efeitos ocasionados pelas mortes abruptas de Pardal Mallet, em 1894, e Raul Pompeia, em 1895). Evidentemente, a República não significou seu imediato desaparecimento, como atestam os achados de Thompson Flores e Remedi (2019). Mas certamente desempenhou um papel decisivo no que se refere à tipificação do duelo como um crime, demonstrando com isso o interesse de assegurar ao Estado o monopólio dos usos legítimos da força física.

35. Brasil, Código Penal de 1890, título x, capítulo VI, integralmente dedicado ao duelo.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Sérgio. (1998), “Conflitualidade e violência: reflexões sobre a anomia na contemporaneidade”. *Tempo Social*, 10(1): 19-47, jan./jun.
- ARENDT, Hannah. (2015), *Crises da República*. São Paulo, Editora Perspectiva.
- ASSIS, Machado de. (1895), “A semana”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 24/03.
- AZEVEDO, Arthur. (1892), “Cartas fluminenses”. *O Pharol*, Juiz de Fora, 27/03, p. 1.
- BARREIRA, César. (2000), “Massacres: monopólios difusos da violência”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 57-58: 169-186, nov.
- BOURDIEU, Pierre. (2010), *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo, Companhia das Letras.
- BRAGA-PINTO, César. (2014), “Journalists, capoeiras, and the duel in nineteenth-century Rio de Janeiro”. *Hispanic American Historical Review*, 99 (4): 581-614, nov./dec.
- BRAGA-PINTO, César. (2018), *A violência das letras: amizades e inimizades na literatura brasileira (1888-1940)*. Rio de Janeiro, EdUERJ.
- BRASIL. (1886), *Anais do Senado do Império do Brasil*. Brasília, Secretaria Especial de Editoração e Publicações (transcrição, Livro 5).
- BRASIL. (1888), *Anais do Senado do Império do Brasil*. Brasília, Secretaria Especial de Editoração e Publicações (transcrição, Livro 6).
- BRASIL. (2004), *Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil, 1890*. Introdução e comentários de Oscar de M. Soares. Ed. fac-similar. Brasília, Senado Federal/STJ.
- BRITTO, Augusto. (1890), “O duelo”. *A Estação*, Rio de Janeiro, 15/10, p. 84.
- BROCA, José B. (1961), “Duelos de escritores: Pardal Mallet foi o que mais número travou”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20/08.
- CARNEIRO, E. (1891a), “Duelo Assis-Hyginio”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 01/03, p. 2.
- CARNEIRO, E. (1891b), “Duelo: resposta”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 05/03.
- CARVALHO, José M. (1996), *A construção da Ordem: a elite política imperial e Teatro de Sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, Relume-Dumará.
- CERVO, Amado L. & BUENO, Clodoaldo. (2011), *História da política exterior do Brasil*. Brasília, Editora UnB.
- COSTA, Márcia R. (1999), “A violência urbana é particularidade da sociedade brasileira?”. *São Paulo em perspectiva*, 13(4): 3-12, set./dez.
- COUSAS DO DIA. (1890), *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 19/12, p. 1.
- CRÔNICA DA SEMANA. (1891), *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 08/03, p. 1.
- DIÁRIO DAS CÂMARAS. (1886), *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 16/09, p. 2.
- EDITORIAL. (1886), “Duelo”. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 20/08, p. 3.
- EDITORIAL. (1888), “Duelo”. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 04/12, p. 1.
- EDITORIAL. (1889a), *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, 29/01, p. 1.

- EDITORIAL. (1889b), *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 28/05, p. 1.
- EDITORIAL. (1889c), “Duelo”. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 28/05, p. 1.
- EDITORIAL. (1889d), “Duelo”. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, 24/09, p. 1.
- ELOY, O HERÓI. (Pseud. A. Azevedo) (1886), “Croniqueta”. *A Estação*, Rio de Janeiro, 31/08, p. 64.
- ELOY, O HERÓI. (1888a), “De palanque”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14/10, p. 1.
- ELOY, O HERÓI. (1888b), “De palanque”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 29/12, p. 1.
- ELIAS, Norbert. (1994), *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, v. 1.
- ELIAS, Norbert. (1995), *Mozart, sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- ELIAS, Norbert. (1997), *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- FAGUNDES, Luciana P. (2016), “E quando é morto o imperador? Batalhas memoriais nos funerais de D. Pedro II (1891)”. *Revista M.*, 1 (1):27-52, jan./jun.
- FÉLIX, Loiva O. (1987), *Coronelismo, Borgismo e cooptação política*. Porto Alegre, Mercado Aberto.
- FERNANDES, Florestan. (2008), *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. São Paulo, Globo.
- GRIMM, Thomas. (1891), “Duelo na nossa época”. *Gazeta da Tarde*, RJ, 23/03, p. 2.
- HOLANDA, Sérgio B. (1995), *Raízes do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras.
- LEAL, Victor Nunes. (2012), *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras.
- MAGALHÃES, Valentim. (1895), “Pardal Mallet”. *A semana*, Rio de Janeiro, 16/02, p. 19.
- MALLET, Pardal. (1888a), “Duelo”. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, 21/07, p. 1.
- MALLET, Pardal. (1888b), “Alto lá!” *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 30/12, p. 3.
- MALLET, Pardal. (1890), “Um que parte”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 10/07, p. 1.
- MICELI, Sergio. (1979), *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo/Rio de Janeiro, Difel.
- MICHAUD, Yves. (1989), *A violência*. São Paulo, Ática.
- MISSE, Michel. (1999), *Malandros, marginais e vagabundos: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Ciências Humanas – Sociologia). Rio de Janeiro, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro.
- MISSE, Michel. (2010), “Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria ‘bandido’”. *Lua Nova*, 79: 15-38, jan./abr.
- MOORE JR., Barrington. (1987), *Injustiça: as bases sociais da obediência e da revolta*. São Paulo, Brasiliense.
- PARKER, David. S. (2001), “Law, honor, and impunity in Spanish America: the debate over dueling, 1870-1920”. *Law and History Review*, 19 (2): 311-341.
- PÉCAUT, Daniel. (1990), *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo, Editora Ática.

- PIERROT (Pseud. Olavo Bilac). (1892), “Vida Fluminense”. *O Combate*, Rio de Janeiro, 08/03, p. 1.
- POMPEIA, Raul. (1889), “A vida na Corte”. *Diário de Minas*, Juiz de Fora, 29/09, p. 2-3.
- POMPEIA, Raul. (1996), “A vida na Corte”. *Diário de Minas*, Juiz de Fora, 09/12/1888. In: POMPEIA, Raul. *Crônicas do Rio*. Organização de Virgílio M. Moreira. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, p.2-3.
- REMEDY, José M. R. (2009), “Intelectuais e honorabilidade: o papel dos duelos como forma de pertencimento ao campo social”. *Métis*, 8 (15): 167-184, jan./jun.
- RECKZIEGEL, Ana L. G. (1999), *A diplomacia marginal: vinculações entre o Rio Grande do Sul e Uruguai (1893-1904)*. Passo Fundo, UPF Editora.
- RUBIM, Brás C. (1853), *Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Tipografia de Paula Brito.
- SANTOS, José V. T., (2004), “Violências e dilemas do controle social nas sociedades da ‘modernidade tardia’”. *São Paulo em perspectiva*, 18(1): 3-12, jan./mar.
- SEVCENKO, Nicolau. (1999), *Literatura como missão: tensões e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense.
- SILVA, Ana Carolina F. (2002), “Entre a pena e a espada. Literatura e política no governo de Floriano Peixoto: uma análise do jornal *O Combate* (1892)”. *Cadernos AEL*, Campinas, 9 (16-17): 137-178, jan./dez.
- TARDE, Gabriel. (1892), *Études pénales et sociales*. Paris, G. Masson Éditeur.
- THOMPSON FLORES, Mariana F. C. & AREND, Jéssica F. (2017), “Noções de honra e justiça entre as classes populares da fronteira no Brasil meridional na segunda metade do século XIX – estudo de casos”. *Aedos*, 9 (20): 296-315, ago.
- THOMPSON FLORES, Mariana F. C. & REMEDI, José M. R. (2019), “Território neutro: soberanias justapostas e duelos de honra às margens dos estados nacionais sul-americanos de meados do século XIX às primeiras décadas do século XX”. *História*, 38: 1-25, jan./dez.
- VELHO, Gilberto. (1982), “Violência e relações sociais: a questão da diferença”. *Revista de Ciências Sociais*, 12-13(1-2): 5-9, jan./dez.
- VELLASCO, Ivan A. & SUTIL, Séfora S. (2017), “Honra, litigiosidade e justiça: os crimes de honra na região de Formiga/Minas Gerais (1807-1875)”. *Aedos*, 9 (20): 276-295, ago.
- WEBER, Max. (2007), *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo, Cultrix.
- WIEVIORKA, Michel. (1997), “O novo paradigma da violência”. *Tempo Social*, 9(1): 5-41, jan./jun.
- Y. (Pseud. Raul Pompeia). (1892), “Lembranças da Semana”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15/03, p. 1.

Resumo

Duelos e intelectuais no Brasil (1886-1892)

Durante os anos finais do Império e o início da República, o duelo foi vivenciado como uma moda por um pequeno grupo de homens cultos e socialmente bem-colocados. A sua análise permite apreender as relações estabelecidas entre as classes sociais e o modo como recursos alternativos à esfera estatal, sobretudo no que se refere ao uso da violência privada, podiam ser mobilizados para resolver pendências pessoais. Embora potencialmente letal, o duelo serviu menos para reparar a honra supostamente ferida do que como um meio empregado para aumentar e assegurar a coesão do grupo mediante sua distinção social.

Palavras-chave: Duelos; Intelectuais; Sociologia da Violência.

Abstract

Duels and intellectuals in the Brazil (1886-1892)

During the final years of the Empire and the beginning of the Republic, dueling was experienced by a small group of educated and socially well-placed men as a fad. Its analysis allows us to apprehend the relations established between social classes and the way alternative resources to the state sphere, especially regarding the use of private violence, could be mobilized to solve personal disputes. Although potentially lethal, the duel served less to repair supposedly injured honor than as a means employed to increase and ensure group cohesion through social distinction.

Keywords: Duels; Intellectuals; Sociology of Violence.

Texto recebido em 14/12/2021 e aprovado em 04/07/2022.

DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2022.193456

MARCONI SEVERO é doutorando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: marconisevero@hotmail.com.



Jovens ciganos no ensino médio em Portugal

Fatores-chave para a continuidade e o sucesso escolar

Maria Manuela Mendes*

<http://orcid.org/0000-0002-5269-8004>

Olga Magano**

<http://orcid.org/0000-0001-9661-6261>

Sara Pinheiro***

<http://orcid.org/0000-0002-0045-7647>

Susana Mourão****

<http://orcid.org/0000-0003-2828-7640>

Introdução

Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico [OCDE] (2019), Portugal é um dos países onde a origem socioeconômica dos/as estudantes assume um peso decisivo nas desigualdades escolares. Não sendo uma singularidade exclusivamente portuguesa, mas transversal aos vários países da União Europeia [UE] (García-Carrión, Molina-Luque e Roldán, 2028; Pasca, 2014), as pessoas de origem cigana (entre as quais se enquadram, por exemplo, os Calons, cf. Ferrari, 2012 e Fotta, 2019) estão entre os principais afetados pelas desigualdades escolares, pois a maioria continua a deter baixos níveis de escolaridade e altos índices de insucesso e abandono escolar. Entre as pessoas ciganas persistem problemas, por vezes extremos, de pobreza, analfabetismo, exclusão e discriminação social (CE, 2004; FRA, 2022), sendo frequentemente alvos de atitudes de segregação e de racismo (FRA, 2018, 2022). Contudo, nos últimos anos verificou-se um incremento de políticas sociais para combater as desigualdades e quebrar o ciclo vicioso da pobreza que se perpetua de geração em geração. A UE preconiza que é “essencial investir na educação

* Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

** Universidade Aberta, Lisboa, Portugal.

*** Universidade do Porto, Porto, Portugal.

**** Universidade Autónoma de Lisboa, Lisboa, Portugal.

das crianças ciganas a fim de lhes permitir entrar mais tarde com êxito no mercado de trabalho” (CE, 2011, p. 2). Contudo, as políticas públicas têm sido insuficientes para ultrapassar os problemas de analfabetismo, abandono e insucesso escolar das pessoas ciganas¹, em virtude do seu caráter universalista e desajustamento face às especificidades, características culturais e origens sociais dos diferentes utentes e beneficiários (Santos, 2013; Mendes, Magano, Candeias, 2014).

Em Portugal são muito claras a sub-representação de estudantes de origem cigana no ensino médio² e uma maior presença de jovens rapazes nesse grau de ensino (DGEEC, 2020). Nesse âmbito foram adotadas algumas iniciativas governamentais de ação afirmativa, como o Programa Roma Educa³ (bolsas concedidas a estudantes ciganos/as a frequentar o 3º ciclo do ensino básico⁴ e ensino médio, secundário) e o Programa Operacional para a Promoção da Educação (Opre)⁵, de apoio ao acesso e permanência de estudantes ciganos/as no ensino superior. Embora estas sejam medidas isoladas e sem articulação com outras políticas públicas, as mesmas pugnam pela promoção da igualdade de oportunidades e redução das disparidades sociais e escolares.

A análise que aqui se apresenta deriva de uma pesquisa mais ampla assente numa metodologia mista (combinação entre abordagens qualitativa e quantitativa) e de caráter colaborativo⁶, em que se triangularam diferentes técnicas de recolha e de análise de dados, de caráter qualitativo, quantitativo e participativo, sendo os sujeitos de pesquisa atores parceiros e ativos na coprodução de conhecimento. Neste caso, entre outros objetivos, procurou-se analisar percursos escolares de continuidade e as percepções de jovens estudantes ciganos/as que residem nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto e que frequentam o ensino secundário/médio. Especificamente, analisa-se o material qualitativo das entrevistas em profundidade realizadas com os/as alunos/as, com o objetivo de compreender as determinantes que se prefiguram como fatores-chave para o incremento de trajetórias de permanência e continuidade escolar dos/as estudantes ciganos/as portugueses (Gamella, 2011; Gofka, 2016; Bereményi

1. A conclusão da escolaridade obrigatória em Portugal implica a frequência de doze anos ou a permanência no sistema escolar até aos dezoito anos de idade.
2. O ensino secundário em Portugal corresponde ao ensino médio no Brasil e abrange os alunos com idades entre os quinze-dezoito anos, sendo composto por três anos que devem preparar os alunos para o mercado de trabalho e/ou para entrar no ensino superior. Ver Apêndice II.
3. <https://www.acm.gov.pt/documents/10181/0/Regulamento+2%C2%AAEdi%C3%A7%C3%A3o+ROMA+Educa.pdf/ecd3d1b0-4baf-48e5-8d16-beb6ba401c7b>.
4. O 3º ciclo do ensino básico corresponde ao ensino fundamental no Brasil.
5. <https://www.acm.gov.pt/-/programa-operacional-para-a-promocao-da-educacao-opre-candidaturas-abertas>.
6. Referência: PTDC/CED-EDG/30175/2017, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

e Carrasco, 2017); sendo que relativamente ao contexto português, alguns destes fatores ainda não foram suficientemente explorados (Mendes, Magano e Costa, 2020). Este conhecimento poderá sustentar a concepção de políticas públicas que garantam uma maior equidade no acesso (e permanência) à escolaridade de nível secundário/médio e até superior.

Contexto educativo português e fatores-chave nos percursos de continuidade e sucesso escolar

Os Ciganos constituem a maior minoria étnica presente na Europa, sendo que em Portugal estima-se que a sua proporção oscile entre 0,4-0,6% (Mendes, Magano e Candeias, 2014). Apesar de no país a Constituição da República não permitir a produção de estatísticas étnicas, no âmbito da Estratégia Nacional para a Integração das Comunidades Ciganas foi possível recolher alguns dados a nível nacional (*Idem*), através de um inquérito por amostragem, sendo bem evidente a existência de contrastes em termos de níveis de escolaridade entre ciganos e não ciganos e entre homens e mulheres ciganas. Com efeito, cerca de um terço dos inquiridos não ultrapassou o 1º ciclo do Ensino Básico (quatro anos de escolaridade) ou nunca frequentou a escola; 22,5% possuem o 1º ciclo. Apenas 13,7% concluíram o 2º ciclo (seis anos de escolaridade); 7,2% o 3º ciclo (nove anos), e apenas 2,3% dos inquiridos possuem diploma do ensino secundário/médio e 0,1% do ensino superior (Mendes, Magano, e Candeias, 2014). Se compararmos estes dados com os referentes à população portuguesa, verificamos uma diferença substancial face aos descritos para a população cigana (Apêndice I), sendo que apenas 8,3% dos portugueses não tinham escolaridade; 55,4% detinham o ensino básico (entre quatro-nove anos de escolaridade); 19,1% tinham concluído o ensino secundário (doze anos de escolaridade); e 16,8%, o ensino superior⁷ (Apêndice I).

Embora nos últimos anos se verifique um maior cumprimento do ensino fundamental por parte de crianças e jovens ciganos/as e também um aumento da frequência em creches, jardins de infância e centros de apoio ao estudo (Magano e Mendes, 2016)⁸, o número de estudantes ciganos tende a diminuir à medida que se progride em termos de nível de ensino, sobretudo na passagem do 1º para o 2º ciclo, e do 3º ciclo (ensino fundamental no Brasil – ver Apêndice II) para o ensino secundário/

7. *Pordata*, Estatísticas sobre Portugal e Europa, [https://www.pordata.pt/portugal/populacao+residente+com+idade+entre+16+e+89+anos+por+nivel+de+escolaridade+completo+mais+elevado+\(percentagem\)-884](https://www.pordata.pt/portugal/populacao+residente+com+idade+entre+16+e+89+anos+por+nivel+de+escolaridade+completo+mais+elevado+(percentagem)-884).

8. Importa referir que este artigo reflete sobretudo o contexto pré-pandemia, muito embora alguns dos dados tenham sido recolhidos já em contexto pandémico.

médio⁹. A taxa de abandono geral precoce situa-se nos 8%, sendo esta mais saliente no 2º ciclo e no ensino secundário. De fato, os problemas de insucesso e de abandono residem sobretudo nas transições de ciclo (Mendes, Magano e Candeias, 2014) e por vezes em passagens sem a aquisição das competências formalmente estabelecidas (Mendes, Magano e Costa, 2020).

Em conformidade com a Lei n. 85/2009¹⁰, de 27 de agosto, a escolaridade obrigatória implica a conclusão do ensino secundário (doze anos de escolaridade), encontrando-se a legislação em vigor muito distanciada das expectativas e práticas efetivas por parte de muitos/as jovens ciganos/as portugueses. De ressaltar ainda que apenas 2,9% dos/as jovens ciganos/as frequentavam o ensino secundário (DGEEC, 2020).

Apesar deste cenário, estamos perante a geração cigana mais escolarizada, estando em condições de protagonizar processos de mobilidade social ascendente, parcialmente explicados pelo incremento do nível da escolaridade (Machado e Costa, 1998), evidências que estão em sintonia com o que acontece em diferentes países da UE (Marcu, 2019).

As motivações e condições que favorecem o sucesso e a continuidade escolar de alunos/as ciganos/as e que permitem maior aproximação com a cultura escolar têm sido alvo de análise ao longo das duas últimas décadas em contexto europeu (Abajo e Carrasco, 2004; Bereményi e Carrasco, 2017; Bruggermann, 2014; Gamella, 2011; Gofka, 2016), destacando-se, por exemplo, o estudo realizado na Espanha por Abajo e Carrasco (2004), com pessoas com o ensino secundário completo. Esta pesquisa revela que o sucesso e a continuidade escolar podem ser alcançados em várias situações pessoais e sociais, sendo identificados dois grupos de fatores, que se alimentam mutuamente, como os mais importantes para criar as condições favoráveis ao sucesso: a) a valorização positiva das potencialidades académicas (expectativas elevadas e apoio de professores, família com capital ou aspirações escolares, boa integração na turma/escola, acesso a recursos humanos, educativos ou económicos de apoio); b) a construção de um projeto pessoal de continuidade educativa (reconhecimento de sucesso escolar inicial, empenho da pessoa, habilidades sociais para aceder a grupos de pares de apoio e capacidade de negociação com o grupo familiar, pressões comunitárias ou grupo de pares ciganos). Gamella (2011), por seu turno, efetua uma análise de casos de sucesso e desenvolve um modelo multifatorial, processual, histórico, interativo e dinâmico, com cinco níveis socioculturais inter-relacionados, mas analiticamente distintos: 1) *individual/pessoal*; 2) *familiar*; 3) *a escola e os seus profissionais*; 4) *a comunidade local envolvente*, em que se incluem grupos sociais com

9. DGEEC (2020), dados relativos ao ano letivo de 2018/2019 (taxa de resposta de escolas públicas de 99%).

10. <https://data.dre.pt/eli/lei/85/2009/08/27/p/dre/pt/html>.

os quais o indivíduo interage; 5) *nível social mais amplo*, em que se inserem o indivíduo, a comunidade local e a família; isto é, tanto o entorno urbano imediato, como as escalas regionais, nacionais e mesmo globais exercem pressões e condicionamentos sociais, políticos e económicos nos desempenhos escolares. Este autor entrecruzou vários círculos sociais, desde o indivíduo, até à família, à escola, à comunidade, ao território, apresentando uma análise detalhada de dezessete casos de sucesso escolar e desempenho educacional, usando uma metodologia de caso-controle. Em linha com essa perspetiva de análise, sobressai o estudo realizado na Grécia por Gofka (2016), que elenca os diversos fatores cruciais que determinam um percurso de continuidade e sucesso escolar entre os/as jovens ciganos/as, tais como o estatuto socioeconómico e as atitudes das famílias em relação à escolarização; mentoria proporcionada por professores e experiências escolares iniciais positivas; modelos de referência ciganos e de pares; apoio de religião, grupos, voluntários ou outros adultos; influências de questões locais (nomeadamente viver em áreas urbanas, locais sem população cigana ou áreas de ciganos com condições privilegiadas); questões individuais e circunstanciais, em particular trabalho árduo, persistência, empenho, resiliência e sorte. Assim, esta pesquisa reforça, por um lado, fatores de diferenciação socioeconómica e de como é preciso considerar a relação entre diversos fatores explicativos para analisar as trajetórias e percursos de sucesso. Por outro lado, e sobretudo por ter em conta a perspectiva dos próprios protagonistas, enfatiza as características individuais e a sua capacidade de agência (e resiliência) nessas trajetórias, no sentido desenvolvido por Giddens (2004).

Entre 2014 e 2015, num estudo realizado (Magano e Mendes, 2016) sobre a relação indivíduo/família e educação constatou-se que professores e técnicos responsabilizavam os/as estudantes ciganos/as e as suas famílias pelo desinteresse, insucesso e abandono escolar, sem nunca questionarem criticamente a organização escolar, os programas, as metodologias e outros enquadramentos pedagógicos. Contudo, na verdade algumas medidas de política educativa aplicadas (Pief¹¹, Teip¹², Novas Oportunidades) foram quase sempre formas encontradas de aglutinar e segregar os/as estudantes que delas se beneficiavam em turmas específicas, gerando por vezes estratégias de “fuga” das mesmas por parte de famílias não ciganas (Mendes, 2007; Abrantes *et al.*, 2016). Pressupõem também, frequentemente, encaminhamentos para estratégias compensatórias, assentes em pressupostos de “inadequação cultural” ou

11. Programa Integrado de Educação e Formação (Pief): visa a favorecer o cumprimento da escolaridade obrigatória e a inclusão social.

12. Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (Teip): iniciativa governamental, implementada atualmente em 136 agrupamentos de escolas/escolas não agrupadas que se localizam em territórios económica e socialmente desfavorecidos.

de “déficit psicossocial” das crianças e jovens ciganos. A par dessa exclusão escolar verificam-se, a nível nacional e europeu, exclusões em outros domínios, nomeadamente em termos económicos, no acesso à habitação, ao mercado de trabalho, à saúde, sendo ainda as pessoas ciganas vítimas de racismo e discriminação (FRA, 2018 e 2022). Em Portugal, embora existam alguns trabalhos em torno dos percursos de maior escolarização entre alunos de origem imigrante (por exemplo, Seabra e Mateus, 2003, Seabra *et al.*, 2016), esta situação contrasta com o caso dos/as ciganos/as, em que há uma ausência de estudos sobre os fatores que ajudam a compreender os percursos de sucesso e de continuidade escolar entre os/as ciganos/as portugueses/as. Considerando a revisão da bibliografia e partindo dos resultados obtidos através das entrevistas semidiretivas realizadas com 31 estudantes ciganos/as do ensino médio, este artigo pretende analisar os percursos de continuidade escolar, atendendo a alguns fatores determinantes e que ajudam a compreender estes processos, tais como: o contexto pessoal, familiar e comunitário e a resiliência e agencialidade do sujeito (Emirbayer e Mische, 1998).

Procedimentos metodológicos: entrevistas com estudantes ciganos/as

Os dados apresentados resultam de 31 entrevistas semidiretivas realizadas com estudantes ciganos/as que, no ano letivo de 2018-2019, frequentavam o ensino secundário nas áreas metropolitanas de Lisboa (AML) e do Porto (AMP). Estamos perante uma população estudantil de difícil (auto e hétero) identificação e localização, por serem ainda escassos/as os/as jovens que frequentam o ensino secundário (médio) e também por não ser permitida a recolha de dados referentes à identificação étnica-cultural dos/as estudantes. Além disso, há jovens que dissimulam e ocultam a sua pertença cultural, por recearem comportamentos discriminatórios e racistas. Assim, a estratégia para identificar os/as entrevistados/as implicou o cruzamento entre contatos com pessoas ciganas e associações ciganas e outras, entidades públicas e escolas, bem como listagem pública com os nomes de estudantes ciganos/as que frequentam o ensino secundário e a quem foi atribuída uma bolsa de estudos no âmbito do programa público Opre – Programa Operacional de Promoção da Educação, o que permitiu selecionar os participantes através da estratégia por “bola de neve”. Ainda assim, procurou-se diversificar a amostra em termos de género, idade, localização geográfica, contexto familiar e condições socioeconômicas.

De início, as entrevistas foram conduzidas presencialmente, sobretudo em espaços públicos. Posteriormente, face às condicionantes impostas pela pandemia de Covid-19 (a recolha de dados decorreu entre 2019 e 2020), reajustou-se a estratégia de recolha de dados, e as entrevistas passaram a ser realizadas em formato *on-line*, através

da plataforma *Zoom*. Essa mudança nas condições de interação entre pesquisadores e entrevistados/as condicionou o acesso aos contextos familiares e comunitários mais amplos, em que os/as jovens se inserem ecológica e socialmente; elementos que poderiam ser relevantes fontes complementares da informação recolhida oralmente. Para além disso, importa realçar dificuldades potenciais de alguns/mas dos/as jovens no agendamento das entrevistas *on-line*, atendendo ao nosso conhecimento prévio sobre as suas dificuldades de acesso à internet e com necessidade, por vezes, de partilha de equipamentos por vários elementos do agregado familiar.

Considerando a revisão de literatura apresentada, foi construído um guião semi-estruturado das entrevistas, em que se destacam as seguintes dimensões: i) história de vida pessoal (locais de residência e mobilidade, e construção da própria família e trabalho); ii) história da família de origem (educação, profissões, pertenças étnicas); iii) relação com a escola (trajetória escolar, experiências de discriminação); iv) tempo livre e lazer, práticas religiosas, associativas, desportivas, culturais e recreativas; v) expectativas de futuro e opiniões sobre estratégias para melhorar a situação dos/as jovens ciganos/as na escola durante o primeiro confinamento.

Os dados recolhidos foram examinados, numa fase inicial, através de uma análise de conteúdo clássica (Bardin, 2011; Maroy, 1997), tendo por base as principais dimensões do guião de entrevista criado. Definiram-se, ainda, outras categorias e subcategorias, num processo de codificação misto. Posteriormente, as categorias mais relevantes para o objetivo específico do estudo foram selecionadas e reavaliadas através de uma análise temática (Clarke, Braun, Terry e Hayfield, 2019), de forma a identificar os temas e subtemas que melhor caracterizam os fatores-chave mais determinantes para a continuidade escolar dos/as jovens ciganos/as. A análise dos dados foi realizada por dois codificadores independentes e posteriormente discutida em equipe alargada. Toda a análise de dados foi suportada pelo *software Maxqda*.

Resultados e discussão: diversidade(s) nos percursos escolares de continuidade e de sucesso

Todos/as os/as estudantes encontravam-se, no ano letivo anterior ao momento da entrevista, inscritos no ensino médio, em escolas localizadas na Área Metropolitana de Lisboa (AML) ou do Porto (AMP), critério de seleção para participar no estudo. Na AML foram entrevistados/as dezesseis jovens: doze do sexo masculino e quatro do sexo feminino, a maioria a residir em concelhos da periferia da cidade de Lisboa ou na margem Sul do rio Tejo (Tabela 1). No caso da AMP, foram entrevistados quinze jovens: oito do sexo masculino e sete do feminino, sendo que oito residiam no concelho do Porto e os restantes em concelhos vizinhos. Os/As estudantes ti-

nham idades compreendidas entre os quinze e os 28 anos ($M = 18,2$), apresentando a maioria idade inferior a dezoito anos.

Grande parte destes/as jovens residiam com familiares, geralmente família nuclear (pais e/ou irmãos), com exceção de uma jovem que vivia sozinha. Cerca de metade dos/as estudantes ($n = 16$) indicaram que os/as progenitores/as eram de origem cigana, enquanto catorze tinham apenas um/a dos/as progenitores/as de origem cigana (oito casos do lado da mãe, seis do lado do pai). Uma entrevistada declarou não ter progenitor/a de origem cigana, tendo sido adotada por uma pessoa cigana.

TABELA 1
Caraterísticas dos/as entrevistados/as

VARIÁVEIS	PARTICIPANTES AML (N = 16)	PARTICIPANTES AMP (N = 15)	AMOSTRA TOTAL (N = 31)
SEXO			
Feminino	4 (25,0%)	8 (53,3%)	12 (38,7%)
Masculino	12 (75,0%)	7 (46,7%)	19 (61,3%)
IDADE			
Menos de 16 anos	0	1 (6,7%)	1 (3,2%)
16-18 anos	10 (62,5%)	9 (60,0%)	19 (61,3%)
Mais de 18 anos	6 (37,5%)	5 (33,3%)	11 (35,5%)
Min.-Máx. (Média)	16-20 (17,9)	15-28 (18,5)	15-28 (18,2)
AGREGADO FAMILIAR			
Vive só	1 (6,3%)	0	1 (3,2%)
Pais	2 (12,5%)	0	2 (6,5%)
Pais e irmãos	11 (68,8%)	7 (46,7%)	18 (58,1%)
Mãe	0	1 (6,7%)	1 (3,2%)
Mãe e irmãos	0	2 (13,3%)	2 (6,5%)
Pais, irmãos e outros familiares	1 (6,3%)	4 (26,7%)	5 (16,1%)
Avó	1 (6,3%)	0	1 (3,2%)
Avós e outros familiares	0	1 (6,3%)	1 (3,2%)
PAIS DE ORIGEM CIGANA			
Ambos	8 (50,0%)	8 (53,3%)	16 (51,6%)
Apenas mãe (incluindo adotiva)	5 (31,3%)	4 (26,7%)	9 (29,0%)
Apenas pai	3 (18,8%)	3 (20,0%)	6 (19,4%)
APOIOS SOCIAIS^a			
Apoio Social Escolar	15 (93,8%)	9 (60,0%)	24 (77,4%)
Rendimento Social de Inserção	3 (18,8%)	6 (40,0%)	9 (29,0%)

^a Em três casos é reportada uma situação de atividade informal ou não remunerada. O mesmo para outros dois casos, em que a situação principal é de desemprego, a par de atividades esporádicas informais ou não remuneradas.

A maioria dos/as entrevistados/as (24) eram beneficiários da Ação Social Escolar¹³, sendo de realçar que em algum momento da sua vida a família recebeu o Rendimento Social de Inserção, o que indicia que estamos perante situações familiares marcadas por uma certa vulnerabilidade socioeconómica.

TABELA 2
Situação escolar dos/as entrevistados/as

VARIÁVEIS	PARTICIPANTES AML (N = 16)	PARTICIPANTES AMP (N = 15)	AMOSTRA TOTAL (N = 31)
ANO DE ESCOLARIDADE			
10º	5 (31,3%)	4 (26,7%)	9 (29,0%)
11º	3 (18,8%)	1 (6,7%)	4 (12,9%)
12º	8 (50,0%)	9 (60,0%)	17 (54,8%)
Sem informação	0	1	1 (3,2%)
TIPO DE CURSO FREQUENTADO			
Profissional	10 (62,5%)	11 (73,3%)	21 (67,7%)
Regular	5 (31,3%)	4 (26,7%)	9 (29,0%)
Ensino a distância	1 (6,3%)	0	1 (3,2%)
ÁREA DO CURSO FREQUENTADO			
Línguas e Humanidades	6 (37,5%)	4 (26,7%)	10 (32,3%)
Restauração/Cozinha ou Hotelaria	2 (12,5%)	2 (13,3%)	4 (12,9%)
Gestão e Informática ou Eletrónica	2 (12,5%)	3 (20,0%)	5 (16,1%)
Mecânica ou mecatrónica	2 (12,5%)	0	2 (6,5%)
Técnico de comércio ou vendas	1 (6,3%)	1 (6,7%)	2 (6,5%)
Técnico de contabilidade	1 (6,3%)	0	1 (3,2%)
Desporto	1 (6,3%)	1 (6,7%)	2 (6,5%)
Vídeo ou multimídia	1 (6,3%)	1 (6,7%)	2 (6,5%)
Teatro ou artes cênicas	0	3 (20,0%)	3 (9,7%)

Denota-se uma clara preponderância de jovens a frequentar e/ou com o 12º ano já terminado ($n = 17$) e o ensino profissional ($n = 21$). Entre os cursos profissionais frequentados, destacam-se sobretudo a informática, restauração/cozinha e hotelaria, teatro/artes cênicas; tendo menos expressão áreas como a gestão ou desporto. Os/As dez jovens inscritos em cursos científico-humanísticos encontravam-se a estudar Línguas e Humanidades (Tabela 2).

13. A Ação Social Escolar é uma medida de apoio às famílias com menos recursos económicos e consiste na comparticipação estatal nas despesas escolares.

Quanto aos níveis de escolaridade dos pais e mães, é de ressaltar que as mães possuíam sobretudo o 1º ciclo do ensino básico, denotando-se, contudo, ligeiras nuances geográficas (ver Tabela 3). Enquanto na AML os pais possuíam o 2º ou 3º ciclo do ensino básico, na AMP prevalecia o 1º ciclo. Quanto à situação socioprofissional dos pais, destaca-se a atividade comercial em mercados e/ou feiras, e também situações de desemprego ou sem atividade, encontrando-se, contudo, algumas diferenciações por gênero.

A maioria das mães são profissionalmente ativas (trabalham na venda ambulante e algumas têm o seu próprio negócio), havendo um número não desprezível de mães classificadas como desempregadas e inativas, ou como estando em situação de baixa médica. Em certos casos, essa situação principal de não trabalho é complementada por algum trabalho informal esporádico e/ou não remunerado.

TABELA 3
Escolaridade e situação profissional dos/as progenitores/as

VARIÁVEIS	PARTICIPANTES AML (N = 16)	PARTICIPANTES AMP (N = 15)	AMOSTRA TOTAL (N = 31)
NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA MÃE			
Sem escolaridade/não sabe ler e escrever	0	3 (20,0%)	3 (9,7%)
1º ciclo	10 (62,5%)	7 (46,7%)	17 (54,8%)
2º ou 3º ciclos	4 (25,0%)	3 (20,0%)	7 (22,6%)
10º ano	2 (12,5%)	0	2 (6,5%)
Licenciatura (ou frequência)	0	2 (13,3%)	2 (6,5%)
NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO PAI			
Sem escolaridade/não sabe ler e escrever	1 (6,3%)	2 (13,3%)	3 (9,7%)
1º ciclo	4 (25,0%)	5 (33,3%)	9 (29,0%)
2º ou 3º ciclos	9 (56,3%)	3 (20,0%)	12 (38,7%)
Ensino secundário	2 (12,5%)	1 (6,7%)	3 (9,7%)
Licenciatura (ou frequência)	0	2 (13,3%)	2 (6,5%)
Sem informação/contato com o pai	0	2 (13,3%)	2 (6,5%)
SITUAÇÃO PROFISSIONAL DA MÃE^b			
Vendas/feiras	6 (37,5%)	5 (33,3%)	11 (35,4%)
Gestão de negócio próprio	2 (12,5%)	1 (6,7%)	3 (9,7%)
Doméstica/Limpezas	3 (18,75%)	3 (20,0%)	6 (19,4%)
Pastora	2 (12,5%)	0	2 (6,5%)
Administrativa	0	1 (6,7%)	1 (3,2%)

VARIÁVEIS	PARTICIPANTES AML (N = 16)	PARTICIPANTES AMP (N = 15)	AMOSTRA TOTAL (N = 31)
Desempregada e sem outra atividade*	3 (18,75%)	5 (33,3%)	8 (25,8%)
SITUAÇÃO PROFISSIONAL DO PAI			
Vendas/Feiras	8 (50,0%)	5 (33,3%)	13 (41,9%)
Gestão de negócio próprio	1 (6,3%)	1 (6,7%)	2 (6,5%)
Mediador intercultural	0	2 (13,3%)	2 (6,5%)
Vigilante	0	1 (6,7%)	1 (3,2%)
Motorista	1 (6,3%)	1 (6,7%)	2 (6,5%)
Construção civil	4 (25,0%)	0	4 (12,9%)
Funcionário de empresa	0	1 (6,7%)	1 (3,2%)
Desempregado	1 (6,3%)	1 (6,7%)	2 (6,5%)
Sem informação	1 (6,3%)	3 (20,0%)	4 (12,9%)

No caso dos pais, a principal atividade laboral está ligada ao comércio nas feiras, à venda ambulante ou venda informal (por exemplo, de automóveis). Em alguns casos, envolve o exercício de uma atividade por conta de outrem (por exemplo, na construção civil, como mediadores interculturais) ou por conta própria. Apesar de esses dados deixarem transparecer a persistência de algumas diferenças de gênero ligadas ao papel do homem e da mulher (ciganos), as mulheres continuam a ter um papel fundamental que extravasa a mera esfera doméstica, assumindo função nuclear na economia familiar.

Trajetórias escolares: ambivalências e oportunidades

As experiências escolares desses jovens entrevistados revelam uma realidade complexa, marcada por acontecimentos e momentos tensos, mas também remetem para oportunidades de construção de trajetórias de continuidade escolar. Destacamos algumas dessas dimensões: 1) O contexto familiar, para alguns, é percebido como fonte de referências múltiplas e de inspiração, enquanto para outros/as (em menor número) funciona como contexto de desincentivo à continuidade dos trajetos escolares, contribuindo para reforçar processos de reprodução social (Bourdieu e Passeron, 1970). Acresce 2) a zona de residência em contextos de precariedade e destituição, em que os/as jovens mais escolarizados ora são encarados como modelos a seguir e fonte de orgulho, ora são também desincentivados, de forma a não se distanciarem de um padrão cultural e social dominante (Bourdieu, 2007); 3) O contexto escolar: por um lado, estudar em escolas com elevada concentração de minorias étnicas e

com alunos/as oriundos de contextos desfavorecidos é interpretado como um fator que favorece e incentiva os/as estudantes, pois confere alguma familiaridade face a redes de amigos e vizinhança preestabelecidos. Por outro lado, existem jovens que saíram do contexto de residência, mudando não só de área, mas sobretudo de escola, decisão que assenta numa estratégia individual ou familiar para garantir a continuidade e o sucesso escolar, pois a escola por vezes reforça e legitima a manutenção das desigualdades que extravasam o espaço escolar (Bourdieu, 1999). A esse respeito, não deixa de ser elucidativo o estudo de Parra, Álvarez-Roldan e Gamella (2017), que, ao focalizar-se no abandono escolar dos/as ciganos/as que frequentam o ensino secundário, conclui que os fatores institucionais e estruturais são determinantes, assim como os outros fatores mais micro, como a família e as práticas discriminatórias e racistas.

Família e escolarização: mudanças e resistências

Esta geração, a dos/as entrevistados/as, é mais escolarizada, face às gerações dos pais e avós, o que revela novas e maiores expectativas quanto à prossecução de estudos por parte não só dos/as jovens, mas também de familiares. A maioria dos/as jovens tem um nível de escolaridade superior ao dos pais e mães, denotando o panorama uma escassez de progenitores/as com o ensino secundário ou superior. Um terço dos/as jovens detém o nível de escolaridade mais elevado de toda a família, sendo que a restante maioria tem alguém na família alargada com o ensino secundário ou superior, ou com frequência do ensino superior.

Esse desfasamento geracional significa que, independentemente de o nível de escolaridade dos pais e mães ser inferior ao dos/as filhos/as, estes podem constituir uma referência positiva a seguir, nomeadamente em termos de incentivo para a continuidade e o investimento na educação e escolarização (Gamella, 2011). Os conhecimentos informais e práticos adquiridos ao longo da vida, a inteligência, o *know-how* e as conquistas pessoais dos pais e mães sobrepõem-se muitas vezes, na perspetiva dos/as filhos/as, ao grau de escolaridade alcançado, e uma das jovens fez questão de sublinhar a inteligência dos pais e avó, que só não avançaram porque se viram forçados a abandonar a escola. Ou seja, há a valorização de outros conhecimentos, adquiridos por processos de educação informal, para além dos escolares.

E alguns progenitores (três pais e cinco mães) regressaram à escola já em idade adulta e incrementaram os seus níveis de escolaridade, através de processos de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências ou de outros cursos com certificação escolar, sobretudo por vontade ou motivação individual, o que revela o impacto de algumas políticas públicas junto das famílias ciganas, como é o caso do

Rendimento Social de Inserção, ou a inscrição no Centro de Emprego (Magano e Mendes 2014):

Não, o meu pai estudou até ao 6º, mas o meu pai sempre teve o grande sonho de se formar, desde sempre, era bastante criticado. E, então, ele casou-se, tiveram dois filhos e depois de ele ter dois filhos, ele foi estudar de noite... e foi trabalhar para um hospital [...], porque ele queria ser enfermeiro (Entrevistada, dezenove anos, AMP, 12º ano).

Os discursos dos/as jovens e as próprias representações e atitudes dos pais face à educação deixam ver uma valorização generalizada da frequência escolar, que funciona como fator facilitador e normalizador da frequência escolar, tendo existido mudanças intergeracionais a esse respeito. Para tais estudantes, a escola é um espaço gerador de oportunidades que as gerações mais velhas não conseguiram aceder ou experienciar. Para algumas famílias, o argumento principal que justifica a indispensabilidade de frequentar a escola prende-se com a necessidade de assegurar uma certa previsibilidade no futuro socioeconómico das gerações mais jovens, pois as ocupações tradicionalmente desempenhadas pelas famílias ciganas – como feiras, vendas ambulantes ou cestaria – estão em declínio e não garantem a continuidade da subsistência das famílias:

Os familiares... até dão força... “Estuda! Que a vida de cigano já não é a mesma.” Antes um cigano ia para a feira, fazia dinheiro para comer, fazia dinheiro para comprar uma casa, fazia dinheiro... pronto, para viver bem, nas feiras. Agora já não é isso (Entrevistado, dezoito anos, AML, 10º ano).

Mas a valorização escolar por parte dos familiares também se manifesta através de práticas e atitudes de responsabilização dos filhos, pois alguns dos/as entrevistados/as referiram ter pais rigorosos e exigentes no que respeita à assiduidade, ao comportamento e ao aproveitamento escolar. Outros pais e mães constituem um importante suporte emocional nas alturas mais difíceis, como no caso em que os resultados escolares ficavam aquém das expectativas dos entrevistados; assim, uma das entrevistadas revela que “os meus pais ligavam-me sempre, davam-me o maior apoio do mundo” (Entrevistada, dezesseis anos, AMP, 10º ano).

A maioria dos pais e mães estabeleceram metas mínimas a serem atingidas pelos filhos – geralmente a finalização do ensino secundário, ou seja, a escolaridade obrigatória em Portugal¹⁴, que é de doze anos. Excepcionalmente, e no caso de algumas

14. Lei n. 46/86, de 14 de outubro (versão atualizada) – Lei de Bases do Sistema Educativo.

meninas, as expectativas escolares e profissionais eram ainda mais elevadas, e suas aspirações não concretizadas são muitas vezes transferidas positivamente para os descendentes. A esse respeito, Bourdieu (2007) evidencia que o desejo dos pais, por mais realista que seja, amplia-se quando transposto para os/as filhos/as. Uma das entrevistadas (dezenove anos, AML) afirmou mesmo que o pai sempre lhe disse que devia graduar-se em Direito, para “ser alguém” e exercer a profissão de advogada, enquanto a mãe desejava que ela fosse farmacêutica, transferindo para a filha esse desejo pessoal, já que não teve oportunidade de concretizar tal aspiração. Ficou também evidenciado, por vezes, um processo de transferência para si de expectativas não concretizadas associadas a irmãos mais velhos, que por diversas razões desistiram do seu percurso escolar: “Os meus pais sempre me apoiaram. [...] também queriam que o meu irmão *fosse para a universidade*, mas o meu irmão casou e teve a filha... e tendo um filho, esquece...” (Entrevistado, dezessete anos, AMP, 11º ano).

É também relevante o apoio dado pelas famílias no sentido da prossecução de estudos, sendo referenciadas situações frequentes em que os pais “*fazem sacrifícios*”, principalmente financeiros, no sentido de garantir a continuidade escolar dos/as filhos/as:

Quando eu tive problemas com Matemáticas Aplicadas às Ciências Sociais. O meu pai e a minha mãe fizeram um esforço – e eu sei reconhecer que foi um esforço grande – para poderem pagar explicação [...]. E consegui passar (Entrevistado, dezessete anos, AML, 11º ano).

A questão da área de residência é também assinalada como podendo ser um fator condicionador da continuidade escolar. Alguns jovens afirmam que os pais mudaram da zona de residência, afastando-se de contextos de realojamento marcados por conflitos e problemas e com maior concentração de pessoas ciganas, no sentido de criarem condições propícias ao seu percurso escolar:

Ou seja, o simples fato da minha mãe ter desistido da ideia de morar num bairro e ter vindo... [...] sozinha... para uma das maiores cidades do país, o Porto, esse foi logo o primeiro, assim a... a primeira coisa que ela fez para nos incentivar ao estudo. E sempre [...] nunca nos deixar faltar, levar-nos à escola, incentivar-nos, dizer-nos, mostrar-nos o quanto importante é estudar e frequentar a escola (Entrevistado, dezenove anos, AMP, 12º ano).

Contudo, nem todos os jovens assinalam a valorização da escola por parte das famílias, sendo que o apoio dos pais não é condição *sine qua non* para o prosseguimento de estudos, embora, de certa forma, tal relação possa vir a colocar constrangimentos a esse percurso (Gamella, 2011; Gofka, 2016). O trajeto de uma das jovens

entrevistadas foi sempre marcado por tensões e conflitos com a família, sobretudo a partir da adolescência:

Foi um período muito complicado, porque era os meus pais a lutar que eu não fosse para a escola e eu a batalhar para continuar as aulas. Não podia faltar, porque o curso... tem horas a cumprir e tornava-se um pouco mais complicado. Tendo em conta que eu tinha de conciliar a vida de estudante com a etnia. Ou seja, tinha de comparecer em eventos sociais [...] represento a minha família e se for numa festa, a um evento. Então, se eu quisesse estudar, é uma opção minha, vou de direta. Aquele dever eu tenho que cumprir (Entrevistada, dezenove anos, AML, 12º ano).

Essa jovem declara que sempre sentiu uma atitude de forte ambivalência dos pais em relação aos estudos. Por um lado, manifestavam orgulho pelo seu desempenho escolar, tendo chegado a pagar aulas particulares de apoio às disciplinas nas quais tinha maiores dificuldades. Por outro lado, receavam que se afastasse “da tradição cigana”, pressionando-a a participar de festas, eventos familiares e outras iniciativas intracomunidade. Nessa situação a família é geradora de tensões e contradições (Bourdieu, 2007), e de fato, ao longo do percurso escolar inicial, essa jovem travou diversas discussões com os pais, sentiu tensões entre o seu papel de filha e de estudante, e ponderou mesmo abandonar os estudos. Mais tarde, após o término do ensino secundário, foi pressionada a casar “segundo a tradição”. Essa ambivalência da família face à escola foi também relatada por outra jovem, a frequentar o Ensino Doméstico¹⁵, que deixou clara a difícil conciliação entre os valores “tradicionais” – manutenção da reputação e honra da moça – *versus* a liberdade/igualdade de oportunidades para estudar e trabalhar: “uma mulher não pode fazer a faculdade, uma mulher não pode trabalhar, assim, num local sozinha”. (Entrevistada, dezesseis anos, AML, 11º ano)

Para os pais de MN (entrevistada, dezoito anos, AMP) e de F (entrevistado, dezenove anos, AMP) – os primeiros do acampamento em que vivem a prosseguir os estudos para além do 3º ciclo –, para os seus progenitores, este nível de ensino “já chegava bem”, pois pretendiam que apenas os/as filhos/as ajudassem nas vendas; o que denota algum desinteresse face à continuidade do percurso escolar e a aspirações claramente condicionadas pelas oportunidades objetivas (Bourdieu, 2007). Essa situação está também patente nos discursos que denunciam poucas expectativas

15. Este tipo de ensino está regulamentado pelo Decreto-Lei n. 70/2021, de 3 de agosto, e visa a dar resposta às famílias que, por razões de natureza estritamente pessoal ou de mobilidade profissional, pretendem assumir maior responsabilidade na educação dos seus filhos ou educandos, optando por desenvolver o processo educativo fora do contexto escolar (<https://www.dge.mec.pt/ensino-individual-e-ensino-domestico>).

dos pais face ao desempenho escolar dos/as filhos/as. SM (entrevistado, dezesseis anos, AML, 10º ano) optou por ingressar num curso profissional, por influência da mãe que receava maiores exigências no ensino regular, mas acabou por não gostar da experiência. Também JG (entrevistado, dezoito anos, AML, 10º ano) declara que nunca se empenhou muito ao longo do seu percurso escolar, uma vez que as expectativas da mãe não eram muito elevadas.

Agencialidade e resiliência: determinante-chave para a continuidade e sucesso escolar

O fato de haver, na maioria dos casos, um apoio vincado por parte das famílias, pares ciganos e comunidades próximas quanto à prossecução dos estudos não significa que não existam mensagens ambivalentes ou opiniões discordantes. A valorização da escola não é, como vimos, transversal a todas as famílias, o que se pode configurar como um fator de impacto, podendo originar tensões e ambivalências identitárias. É, sobretudo, nos membros da família alargada e em outros elementos das famílias ciganas, nomeadamente mais velhos, que surgem as situações de discordância face à continuidade escolar e/ou maior pressão para que os jovens constituam família.

Particularmente em relação às estudantes, vêm os discursos de oposição entre a cultura e tradição cigana e a continuidade do percurso escolar. PB (entrevistada, dezenove anos, AML, 12º ano) foi acusada pelos primos mais afastados de “ser mais não cigana do que cigana”, e EM (entrevistada, dezenove anos, AML, 12º ano) sentiu que a sua decisão de continuar os estudos foi interpretada como uma afronta à cultura cigana, receando a sua família alargada que se “fosse perder”, pois, apesar de já ter idade para contrair matrimônio, continuava na escola. Essas representações estereotipadas de gênero, que subsistem nos discursos de algumas das participantes, relacionam-se provavelmente com valores culturais mais conservadores relativos às vivências amorosas e sexuais das moças ciganas, em que são privilegiadas, por exemplo, as relações endogâmicas e a manutenção da virgindade até ao momento do casamento (Kyuchukov, 2011). Nestes casos, a escola enquanto espaço de socialização interétnica pode ser considerada como uma ameaça à manutenção desses traços culturais e identitários. Contudo, o processo de afastamento do qual alguns/mas jovens são acusados/as não significa que percam necessariamente as suas raízes (Brüggemann, 2014). A sua identidade cigana é gerida de forma contextual e situacional, embora marcada por tensões e constrangimentos, em que se procura gerir e conciliar as diferentes dimensões da sua identidade (Carmona, González-Monteagudo e Soria-Vílchez, 2017).

O papel que tradicionalmente é imposto à mulher cigana gera e reforça desigualdades de gênero, não favorecendo as expectativas de prossecução de estudos

para além do ensino secundário, nem tão pouco os seus sonhos profissionais. Por isso, EM (entrevistada, dezenove anos, AML, 12º ano) acabou por romper vários noivados e desistiu do casamento antes de ingressar na faculdade, altura em que saiu de casa e esteve “fugida” durante meses. Nestes casos, os percursos escolares dos/as jovens são sustentados pela sua persistência e resiliência em desenvolver projetos pessoais de continuidade escolar, independentemente do apoio da família, pares e/ou comunidade local. Alguns/mas jovens declararam mesmo manter uma relação de afastamento face às pessoas com discursos negativistas, críticos ou de oposição à educação, embora isso acarrete consequências no quotidiano, como a decisão de passar menos tempo nos espaços públicos ou de evitar contato com determinados ciganos. Sobretudo estes/as jovens identificaram características, atitudes e comportamentos que podem ajudar a explicar os seus percursos de continuidade escolar, em particular, o esforço, a tenacidade, a autoconfiança e o comprometimento pessoal (Abajo e Carrasco, 2004), bem como a capacidade de resiliência e competências de relacionamento interpessoal (Bereményi e Carrasco, 2017), a vontade de estudar e gosto pela escola, a responsabilidade face à assiduidade, a adesão a compromissos escolares e a motivação pessoal (Magano e Mendes, 2016).

A motivação e o gosto pela aprendizagem manifestam-se também através de hábitos de estudo. Cerca de metade dos/as jovens referiram ter por hábito estudar fora da escola, sobretudo as moças, incluindo nas suas atividades a revisão da matéria, realização de trabalhos de casa e o estudo diário: “Uma hora, uma hora e meia, por dia. É para dar uma revisão de tudo o que eu dei. Todos os dias eu dou uma revisão, que é para depois quando chegar ao teste eu não estar a marrar muito” (Entrevistada, dezenove anos, AML, 12º ano).

Além de terem incorporado hábitos de estudo, muitos destes/as jovens mostram um forte compromisso com as suas responsabilidades escolares. São particularmente ilustrativas as palavras de EM (Entrevistada, dezenove anos, AML, 12º ano), que acabou por se afastar da sua família e contexto de residência para poder prosseguir as suas aspirações de acesso ao ensino superior e a um percurso profissional muito desejado.

Todos/as os/as jovens atribuem importância à escola, embora tendam a valorizar questões distintas. A maioria refere o papel da escola como meio de aprendizagem de uma futura profissão e como requisito mínimo para acesso a oportunidades de trabalho. Independentemente dos resultados escolares apresentados pelos/as jovens, cinco deles/as admitiram ter “curiosidade” e predisposição para aprender e manifestaram gosto pela aprendizagem.

Considerações finais

Os desempenhos e comportamentos escolares desses jovens só podem ser compreendidos caso a situação seja concebida como uma interação nas redes de interdependência (Lahire, 1997) entre indivíduo, família, escola, comunidade mais ampla. De fato, a análise das percepções e experiências escolares desses/as estudantes permitiu-nos compreender a relevância da motivação pessoal e dos impactos do seu contexto familiar, comunitário, grupo de pares e agencialidade no seu trajeto de continuidade escolar, perfilando-se como fatores-chave que justificam o aumento do número de casos de permanência e sucesso escolar de estudantes ciganos/as no ensino secundário nos últimos anos.

É possível distinguir trajetórias escolares diferenciadas entre os jovens, sobretudo em função do gênero, mas também de acordo com os contextos socioeconômicos de origem e práticas culturais marcados por um maior e/ou menor grau de tradicionalidade, impondo-se a necessidade de se adotarem olhares plurais e perspectivas processuais de análise das trajetórias, rompendo com estereótipos e representações sociais fixistas sobre as pessoas ciganas.

De fato, o alargamento da escolarização tem tido um caráter transformativo importante, sendo perceptíveis mudanças lentas, ainda que circunscritas, paulatinas e incontornáveis nos perfis desses/as jovens. Muitos movem-se em universos culturais diferenciados, distanciando-se, por vezes, do relacionamento com pares ciganos/as, valorizando o seu percurso e trajetória de vida e o apoio do grupo familiar. Apesar da baixa escolarização das famílias de origem e de algumas atitudes de resistência e oposição à continuidade escolar, sobressai, de forma geral, uma valorização da escola e da educação, aspecto que funciona como uma condição favorável aos percursos escolares de continuidade e sucesso escolar. Os discursos dos jovens revelam a necessidade de gerir, por um lado, as opiniões de desincentivo perante percursos escolares de continuidade, sobretudo por parte da família alargada, que teme a perda das práticas culturais e referências identitárias; mas, por outro lado, é manifesto o orgulho dos familiares, principalmente quando os seus estudos são apoiados por programas governamentais, associações ciganas e/ou iniciativas de cariz religioso.

A maior parte dos/as jovens entrevistados manifestaram aspirações por um percurso de mobilidade social, através da escola (como meio), e a sua posterior inserção no mercado de trabalho, continuando a preservar valores e traços mais tradicionais (por exemplo, casamento de endogamia). Alguns dos/as estudantes com percursos considerados de continuidade mantêm relações próximas com familiares, amigos e comunidade mais alargada, negando a oposição entre cultura cigana e escola, e empenhando-se ativamente na renegociação dessa relação e na reconstrução de uma

identidade de fronteira e híbrida (Canclini, 1997; Bhabba, 2007). Nestes casos, estamos perante identidades que não são estáticas ou rígidas, mas sim constantemente redesenhadas para adaptação aos processos subjacentes à vivência em “mundos” que, embora não necessariamente opostos, acabam por se constituir como cultural e socialmente distintos (Magano, 2010).

Nos poucos casos em que a continuidade do percurso escolar não era reconhecida, nem valorizada pelas famílias, o apoio dos pais não foi identificado como um elemento decisivo para a prossecução dos estudos, evidenciando-se a saliência da agência humana como um processo de engajamento social incorporado temporalmente, informado pelo passado, mas também orientado para o futuro e para o presente. À medida que os jovens se movem dentro de diferentes contextos e entre eles, são capazes de mudar sua relação com a estrutura (Emirbayer e Mische, 1998). Tal fato remete também para a concepção de projeto de vida (Velho, 1999) que salienta a autonomia individual, apesar dos constrangimentos familiares e sociais.

Em jeito de conclusão, importa ressaltar que, apesar do crescimento do número de ciganos no ensino médio, as desigualdades persistem entre jovens ciganos e não ciganos, e importa investir de forma sistemática e continuada na concepção de medidas de política pública que garantam maior equidade no acesso (e permanência) à escolaridade de nível médio e universitário por parte dos cidadãos ciganos.

Referências Bibliográficas

- ABAJO, J. E. & CARRASCO, S. (2004), *Experiencias y trayectorias de éxito escolar de gitanas y gitanos en España. Encrucijadas sobre educación, género y cambio cultural*. Madrid, Cide, Instituto de la Mujer.
- ABRANTES, P.; SEABRA, T.; CAEIRO, T.; ALMEIDA S. & COSTA, R. (2016), “A escola dos ciganos: contributos para a compreensão do insucesso e da segregação escolar a partir de um estudo de caso”. *Configurações*, 18 (1): 47-66.
- BARDIN, L. (2011), *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70.
- BHABBA, H. K. (2007), *O local da cultura*. Belo Horizonte, Editora UFMG.
- BEREMÉNYI, B. Á. & Carrasco, S. (2017), “Bittersweet success. The Impact of academic achievement among the Spanish Roma after a decade of Roma inclusion”. In: PINK, W. T. & NOBLIT, G. W. (eds.). *Second international handbook of urban education*. Nova York, Springer, pp. 1169-1198.
- BOURDIEU, P. (2007), “A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura”. In: NOGUEIRA, M. A. & CATANIA, A. (orgs.). *Escritos de educação*. Rio de Janeiro, Editora Vozes, pp. 39-64.

- BOURDIEU, P. (1999), “As contradições da herança”. In: NOGUEIRA, M. A. & CATANIA, A. (orgs.). *Escritos de educação*. Rio de Janeiro, Editora Vozes, pp. 231-267.
- BOURDIEU, P. & PASSERON, J. C. (1970), *La Reproduction. Éléments pour une théorie du système d'enseignement*. Paris, Minit.
- BRÜGGEMANN, C. (2014), “Romani culture and academic success: arguments against the belief in a contradiction”. *Intercultural Education*, 25 (6): 439-452.
- CANCLINI, N. G. (1997), *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo, Edusp.
- CARMONA, T. P., GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, J. & SORIA-VILCHEZ, A. (2017), “Gitanos en la Universidad: Un estudio de caso de trayectorias de éxito en la Universidad de Sevilla”. *Revista de Educación*, 377: 184-207.
- CLARKE, V.; BRAUN, V.; TERRY, G. & HAYFIELD, N. (2019), “Thematic analysis”. In: LIAM-PUTTONG, P. (ed.). *Handbook of research methods in health and social sciences*. Singapore, Springer, pp. 843-860.
- COMISSÃO EUROPEIA [CE] (2011). *Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das regiões: um quadro europeu para as estratégias nacionais de integração dos ciganos até 2020*. Bruxelas. <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=celex:52011DC0173>.
- DIREÇÃO Geral de Estatísticas de Educação e Ciência [DGEEC]. (2020), *Perfil escolar das comunidades ciganas 2018/2019*. Lisboa.
- EMIRBAYER, M. & MISCHE, A. (1998), “What is agency?”. *American Journal of Sociology*, 103 (4): 962-1023.
- FERRARI, F. (2012), *O mundo passa. Uma etnografia dos calon e suas relações com os brasileiros*. São Paulo, tese de doutorado em Antropologia Social, FFLCH-USP.
- FOTTA, M. (2019), “‘Only the dead don’t make the future’: Calon lives between non-Gypsies and death”. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 25 (3): 587-605.
- FRA (2018), *Fundamental rights report*. Luxemburgo, Publications Office of the European Union. <https://fra.europa.eu/en/publication/2018/fundamental-rights-report-2018>.
- FRA (2022), *Roma in 10 European countries: Main results*, <https://fra.europa.eu/en/publication/2022/roma-survey-findings#publication-tab-1>.
- GAMELLA, J. (2011), *Historias de éxito. Modelos para reducir el abandono escolar de la adolescencia gitana*. Madri, IFIIE y Ministerio de Educación.
- GIDDENS, A. (2004), *Dualidade da estrutura: Agência e estrutura*. Oeiras, Celta Editora.
- GARCÍA-CARRIÓN, R.; MOLINA-LUQUE, F. & ROLDÁN, S. M. (2018), “How do vulnerable youth complete secondary education? The key role of families and the community”. *Journal of Youth Studies*, 21 (5): 701-716.
- GOFKA, P. (2016), *Greek Roma in higher education: A qualitative investigation of educational success*. Londres, PhD thesis, King’s College.

- LAHIRE, B. (1997), *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo, Ática.
- MACHADO, F. L. & COSTA, A. F. (1998), “Processos de uma modernidade inacabada. Mudanças estruturais e mobilidade social”. In: VIEGAS J. M. L. & COSTA, A. F. (eds.), *Portugal: que modernidade?* Oeiras, Celta Editora, pp. 17-44.
- MADARIA, B. de & VILA, L. E. (2020), “Segregaciones escolares y desigualdad de oportunidades educativas del alumnado extranjero en València”. *Reice*, 18 (4): 269-299.
- MAGANO, O. (2010), *Tracejar vidas normais. Estudo qualitativo sobre a integração social de indivíduos de origem cigana na sociedade portuguesa*. Lisboa, tese de doutoramento em Sociologia, Universidade Aberta.
- MAGANO, O. & MENDES, M. M. (2014), “Ciganos e políticas sociais em Portugal”. *Sociologia*, n. temático: Ciganos na Península Ibérica, 15-35, Universidade do Porto.
- MAGANO, O., & MENDES, M. M. (2016), “Constrangimentos e oportunidades para a continuidade e sucesso das pessoas ciganas”. *Configurações*, 18: 8-26.
- MARCU, S. (2019), “Mobility as a learning tool: educational experiences among Eastern European Roma undergraduates in the European Union”. *Race Ethnicity and Education*, 23 (6): 858-874.
- MAROY, C. (1997), “A análise qualitativa de entrevistas”. In: ALBARELLO, L. et al., *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa, Gradiva, pp. 117-155.
- MENDES, M. M. (2007), *Representações face à discriminação: ciganos e imigrantes russos e ucranianos na área metropolitana de Lisboa*. Lisboa, tese de doutoramento em Ciências Sociais, Universidade de Lisboa.
- MENDES, M. M.; MAGANO, O. & CANDEIAS, P. (2014), *Estudo nacional sobre as comunidades ciganas*. Estudos Obcig, 1. Lisboa, Alto Comissariado para as Migrações (ACM, IP).
- MENDES, M. M.; MAGANO, O. & COSTA, A. R. (2020), “Ciganos portugueses. Escola e mudança social”. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 93: 109-126.
- ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO [OCDE] (2019). *Estudos Económicos da OCDE Portugal*.
- PARRA, I.; ÁLVAREZ-ROLDAN, A. & GAMELLA, J. F. (2017), “Un conflicto silenciado: procesos de segregación, retraso curricular y abandono escolar de los adolescentes gitanos”. *Revista de Paz y Conflictos*, 10 (1): 35-60.
- PASCA, E. M. (2014), “Integration of the Roma population in and through Education, European educational experiences”. *Procedia: Social and Behavioral Sciences*, 142: 512-517.
- PORDATA, Estatísticas sobre Portugal e Europa, <https://www.pordata.pt/>.
- SANTOS, S. A. (2013), *O rendimento social de inserção e os beneficiários ciganos: o caso do concelho de Faro*. Faro, dissertação de mestrado, Universidade do Algarve.
- SEABRA, T. & MATEUS, S. (2003), “Os descendentes de imigrantes na escola portuguesa: contingente, localização e resultados”. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*. 10 (8): 820-833.

- SEABRA, T. (coord.); ROLDÃO, C.; MATEUS, S. & ALBUQUERQUE, A. (2016), *Caminhos escolares de jovens africanos (Palop) que acedem ao ensino superior*. Lisboa, ACM.
- VELHO, G. (1999), "Projecto, emoção e orientação em sociedades complexas". In: VELHO, G. (ed.). *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, Zahar Editor, pp. 15-37.

Apêndices

APÊNDICE I

Indicadores sobre a situação escolar de estudantes ciganos/as e não ciganos/as em Portugal (%)

	POPULAÇÃO CIGANA	POPULAÇÃO EM GERAL
Não sabe ler ou escrever	27,1	8,7
1º ciclo do Ensino Básico	22,5	24,1
2º ciclo do Ensino Básico	13,7	10,9
3º ciclo do Ensino Básico	7,2	20,1
Ensino Secundário	2,3	19,5
Ensino Superior	0,1	16,5

Fonte: Mendes, Magano & Candeias (2014) e Pordata (2014).

APÊNDICE II

Correspondência entre ciclos, nomenclaturas e divisões da educação em Portugal e no Brasil

NÍVEIS DE ESCOLARIDADE EM PORTUGAL	NÍVEIS DE ENSINO NO BRASIL
Pré-escolar/ Jardim de Infância	Educação Infantil
1º Ciclo do Ensino Básico	Ensino Fundamental
2º Ciclo do Ensino Básico	Ensino Fundamental
3º Ciclo do Ensino Básico	Ensino Fundamental
Ensino Secundário	Ensino Médio
Ensino Superior	Curso Superior ou Curso Técnico Superior

Nota: O Ensino obrigatório em Portugal termina com o Ensino Secundário (12º ano de escolaridade).

Resumo

Jovens ciganos no ensino médio em Portugal: fatores-chave para a continuidade e o sucesso escolar

Apesar de em Portugal existirem políticas públicas de combate às desigualdades, incluindo as escolares, a origem socioeconômica, o gênero e a pertença étnica dos estudantes continuam a ter um impacto incontornável nos percursos escolares. Os ciganos são dos mais afetados por essas desigualdades, reveladas pelas ainda salientes taxas de abandono escolar precoce e por retenções e insucesso escolar. Tendo por base os resultados derivados de entrevistas semidiretivas, o objetivo do artigo consiste em compreender os fatores-chave determinantes nas trajetórias de continuidade escolar dos ciganos no ensino médio. Os resultados revelam jovens tendencialmente mais escolarizados que as gerações anteriores, evidenciando-se a importância do contexto familiar, mas também a agencialidade e a resiliência.

Palavras-chave: Ciganos portugueses; Ensino secundário e médio; Trajetórias escolares de continuidade; Escola pública

Abstract

Young Gitanos in secondary education in Portugal: key factors for continuity and school success

Despite the fact that in Portugal there are public policies to combat inequalities, including school inequalities, socio-economic origin, gender and ethnic belonging of students continue to have an unavoidable impact on school careers. Gitanos are among the most affected by these inequalities, revealed by the still outstanding rates of early school leaving and school retention and failure. Based on the results derived from semi-directive interviews, the objective of the article is to understand the key-factors that determine the school continuity trajectories of Gitanos in high school. The results reveal young people tending to be more educated than previous generations, highlighting the importance of the family context, but also agency and resilience.

Keywords: Portuguese gitanos; Secondary and high school; Continuing school trajectories; Public school.

Texto recebido em 02/04/2022 e aprovado em 08/11/2022.

DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2022.196230

MARIA MANUELA MENDES é socióloga, doutora em Ciências Sociais pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL) e professora associada no Instituto de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa (ISCSP-UL). É investigadora integrada no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (Cies-Iscte). E-mail: mamendesster@gmail.com.

OLGA MAGANO é doutora em Sociologia pela Universidade Aberta. É investigadora integrada do Centro de Investigação e Estudos em Sociologia (Cies-Iscte) e professora auxiliar da Universidade Aberta, Departamento de Ciências Sociais e de Gestão. E-mail: olgamagano@gmail.com. SUSANA MOURÃO é doutora em Psicologia. Foi pesquisadora no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-Iscte) e no Instituto de Saúde Ambiental da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (Isamb); atualmente é investigadora no Centro de Investigação em Psicologia (CIP-UAL), Universidade Autónoma de Lisboa. E-mail: susanasofiamourao@gmail.com. SARA PINHEIRO é doutora em Ciências da Educação, pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Foi investigadora no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (Cies-Iscte); atualmente é investigadora no CIIE, Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP). E-mail: sarafspinheiro@gmail.com.



Entrevista com Monique de Saint Martin

As elites em face às reconversões, bifurcações e fronteiras sociais

Maria Chaves Jardim*

<https://orcid.org/0000-0001-5715-1430>

Thais Joi Martins**

<https://orcid.org/0000-0003-0114-4658>

Monique de Saint Martin é socióloga, diretora de estudos da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS)¹ e é membro do Institut de Recherche Interdisciplinaire sur les Enjeux Sociaux (IRIS). Realizou e dirigiu inúmeras pesquisas sobre sociologia das elites, sociologia do poder e sociologia da educação, entre outros temas, e fez parte da equipe de pesquisadores coordenada por Pierre Bourdieu, quando escreveu diversos artigos com o autor, como o seminal *Anatomie du goût*, publicado na *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, em 1976. A lista de publicações de Saint Martin é extensa, mas damos destaque ao livro *L'espace de la noblesse* (Edição Métailié, 1993). A entrevista foi realizada de forma remota, em julho de 2022.

Monique, eu li na entrevista que você cedeu ao FFYH (Faculdade de Filosofia e humanidades da Universidade de Córdoba, Argentina)² que você já abordou o tema de conversão e reconversão em entrevistas. Contudo, esse tema é muito caro para a sociologia brasileira

* Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo, Brasil.

** Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Bahia, Brasil.

1. E-mail: monique.de-saint-martin@ehess.fr. Orcid: 0000-0003-0316-6703.

2. Essa entrevista foi realizada por Mónica Maldonado, da Universidade Nacional de Córdoba, Argentina. Disponível em: <https://ffyh.unc.edu.ar/ciffyh/los-sociologos-se-deben-comprometer-con-los-movimientos-de-defensa-de-los-derechos-humanos/>

que estuda elites, com inspiração em seus estudos e em Pierre Bourdieu. Nesse sentido, gostaria que você retomasse a definição de conversão e reconversão e falasse também sobre a distinção/semelhança que esses termos possuem com os estudos de mobilidade social, a fim de nos contar um pouco mais sobre eles, a partir de sua experiência empírica.

Monique de Saint Martin (MSM): Agradeço muito a vocês, Maria e Thais, pela proposta desta conversa em torno de temáticas e questões que me preocupam há muito tempo, começando pela questão das reconversões.

Antes de tudo, gostaria de dizer que seria arriscado propor definições de noções tais como reconversão e conversão; elas correm o risco de ser redutoras e de dar uma ideia substancial das noções. Há 50 anos que trabalho e reflito sobre e em volta das reconversões; quanto mais as pesquisas progridem, mais me parece complicado propor uma definição. Além disso, é muito difícil determinar a partir de que momento se dá a reconversão. Prefiro procurar compreender e explicar o sentido dessas noções e o que as caracteriza.

Operar uma reconversão é, para os membros de uma classe ou de uma parcela de classe, operar “uma mudança de estratégias e de instrumentos de reprodução destinada a reproduzir ou elevar sua posição, abandonando sua condição”, dissemos no artigo escrito com Pierre Bourdieu e Luc Boltanski, publicado em 1973 (Bourdieu, Boltanski, Saint Martin, 1973). As estratégias de reconversão eram então inscritas no conjunto das estratégias de reprodução, sem serem estratégias de reprodução propriamente ditas, na medida em que a mudança estava na sua base.

Mais tarde, sobretudo após 1989 e a queda do muro de Berlin, a noção de reconversão foi usada cada vez mais amplamente, sobretudo pelos pesquisadores que estudavam os países da Europa do leste; aliás, essa noção foi relativamente banalizada. Esse movimento se dissolveu parcialmente; no entanto, pesquisas continuam sendo feitas em vários países.

O que é revelado, em várias pesquisas, é que as reconversões designam o conjunto das ações e reações permanentes pelas quais um grupo social se empenha em manter ou mudar sua posição dentro da estrutura social. Elas se traduzem em deslocamentos – no espaço social de atores ou de grupos de atores – provocados por grandes transformações políticas (por exemplo, a queda do muro de Berlin, a Revolução de 1917 na União Soviética e a guerra civil que a ela se seguiu) ou por transformações mais estruturais (transformações das formas de propriedade, dos modos de reprodução), com o abandono de posições estabelecidas e o ingresso em novos setores.

As reconversões dos descendentes da antiga nobreza que, na França, muitas vezes reconverteram seu capital social e seu capital simbólico em capital econômico – ao fazer valer, por exemplo, seu sobrenome e seu título de nobreza na publicidade, nas

relações públicas ou então no mercado de arte, nas galerias de arte ou no paisagismo de parques e jardins – chamaram especialmente minha atenção (Saint Martin, 1993).

As reconversões ocorrem, muitas vezes, à escola; posso citar a reconversão de capital econômico em capital escolar, por exemplo, para filhos de agricultores ou de comerciantes na França dos anos 1960-1970. Pode haver, inversamente, reconversões de capital escolar em capital econômico ou de capital burocrático em capital econômico (por exemplo, na Rússia, a transição da antiga nomenklatura para as grandes empresas privatizadas após 1989). Há também “reconversões militantes” quando antigos militantes sindicais ou políticos fazem uma transição para organizações humanitárias ou gabinetes de consultoria; uma obra coletiva, coordenada por Sylvie Tissot, foi dedicada a essas reconversões (Tissot, Gaubert, Lechien, 2005).

Vocês me perguntam, também, quais são as relações entre as reconversões e as diferentes formas de mobilidade. Pitirin A. Sorokin, o pai fundador do conceito de “mobilidade social”, o definia como “o fenômeno do deslocamento de indivíduos dentro do espaço social” (Sorokin, 1927). Estudar a mobilidade social é, de fato, observar as condições de deslocamento dos indivíduos dentro de uma escala; a mobilidade social sendo geralmente solidária a uma representação das sociedades como escalas com graus mais ou menos numerosos, mais ou menos afastados, como salientaram Dominique Merllié e Jean Prevot em seu livro (Merllié, Prevot 1991). No entanto, como pude mostrar me apoiando nas investigações e pesquisas feitas na França, na Rússia e em vários países do leste europeu, as reconversões não podem ser entendidas apenas como formas de mobilidade ou circulação ligadas a diferentes imposições ou ao efeito de atração exercido pela abertura de novas possibilidades; elas supõem, de fato, uma forma de ruptura com a herança, uma dissolução dos antigos recursos e uma recomposição desses recursos baseada em bases diferentes (Saint Martin, 2022).

As noções de reconversão e conversão são, às vezes, usadas de maneira mais ou menos sinônimas; por exemplo, por Victor Karady que estudou, entre outras, a conversão de descendentes da burguesia judia comerciante, industrial ou financeira e profissional liberal, sobreviventes do genocídio, dentro do aparelho stalinista entre 1945 e 1956. Parece-me que é preferível distinguir as duas noções e escolher a noção de conversão quando se trata de um processo, mais ou menos enquadrado, de transformação mais radical e total, que designa, antes de tudo, mudanças de crenças religiosas e de disposições. Por isso, para o caso dos sindicalistas brasileiros que antes não viam com bons olhos o dinheiro de fundos de pensão e que, sob o governo Lula, apoiaram e encorajaram a criação e o desenvolvimento dos fundos de pensões sindicais no Brasil, me pareceu interessante propor a análise desse processo como sendo uma grande conversão (Saint Martin, 2009).

Eu acrescentaria que as reconversões supõem uma mobilização de recursos detidos, um trabalho incessante sobre recursos engajados no processo. A mobilização desses recursos e a atividade produzem “um mundo novo” que não é determinado de antemão. Os movimentos de reconversão não são, de fato, nunca unilineares e não constituem o resultado de uma decisão única. Eles se apresentam geralmente como um encadeamento de eventos, circunstâncias, etapas, encontros e, às vezes, rupturas; os atores engajados nesses processos dinâmicos entram muitas vezes em contradição e são dilacerados pelos vários universos que procuram conciliar ao negociar acordos.

Assim, o processo de reconversão dos antigos nomenklaturistas, dentro de empresas ou associações russas, não era organizado em torno de uma lógica única; assistíamos bem mais a adaptações, acordos e reconfigurações (Chmatko, Saint Martin, 1997). Muitas vezes, como apontou David Stark, os atores reconstruíram ou reutilizaram as antigas organizações e as instituições (Stark, 1996), participaram da instauração de uma economia de um tipo novo que não é nem economia do tipo socialista, nem economia de mercado propriamente dita, entraram em contradição e articularam com as diferentes possibilidades que se apresentavam.

Certamente, deveríamos recorrer à noção de reconversão apenas quando há uma ruptura entre a herança anterior, os antigos recursos detidos e, portanto, uma certa forma de imprevisibilidade, de dissolução dos antigos recursos seguida de uma recomposição baseada em bases diferentes e de uma reconstrução identitária.

No Brasil, no passado e ainda hoje, surgiram várias oportunidades de se analisar os processos de reconversão, geralmente, complexos. Assim, para tomar apenas um exemplo, Afrânio R. Garcia pôde analisar como os descendentes das famílias de grandes fazendeiros em declínio se reconverteram em líderes da revolução de 1930 e elites políticas nacionais (Garcia, 1993).

No mundo atual que está vivendo um forte aumento de incertezas, de crises e tragédias econômicas, políticas, sociais e sanitárias, parece-me desejável tentar apreender não apenas as reconversões, mas também os processos antagônicos às reconversões que exercem efeitos de afastamento, de separação na medida em que o projeto de reconversão ou conversão se torna distante. Também me parece desejável explorar a noção de desconversão. Não seria mais apropriado prestarmos atenção ao que se refere a indivíduos e grupos ou parcelas, na emergência do processo de desconversão, em vez de a uma sociedade em seu conjunto? Esta noção de desconversão, sugerida por Robert Castel (Castel, 1995), iria além da ideia de “desclassificação”? Se, como sugeria Maurice Halbwachs, desclassificar-se é “passar de um grupo que conhecemos, e que nos valoriza, para outro que nos ignora e que não nos dá nenhum motivo para quereremos sua estima” (Halbwachs, 1930), desconverter-se seria, sobretudo – após uma forte ruptura política, social ou econômica – passar de um grupo ou de um

lugar conhecido para um espaço de turbulências em que não há mais pontos de referência que nos permitam saber de que grupo fazemos parte, em que os antigos recursos não são praticamente mais válidos, em que a tensão entre vários universos se torna intolerável.

Parece, assim, necessário explorar a variedade de caminhos e de percursos seguidos pelos atores durante as reconversões, conversões e desconversões; principalmente os caminhos tomados pelos que se encontram “entre dois” grupos ou “entre duas” posições sem que haja, no entanto, uma infinidade de itinerários individuais isentos de imposições e regularidades.

Gostaria que você comentasse um pouco os estudos sobre bifurcação na França. Esse tipo de conceito se aproxima do conceito de reconversão social ou pode ser visto a partir de outro olhar? Quando nos referimos, por exemplo, às classes baixas brasileiras que sofreram um processo de mobilidade ascendente durante o governo Lula, poderíamos considerar esse processo como uma bifurcação ou uma reconversão? Ou as duas coisas?

MSM: As reconversões podem parecer bastante semelhantes às bifurcações exatamente na medida em que a ideia de ruptura – com a herança, o passado, as antigas atividades – é central tanto para a análise das bifurcações quanto para a análise das reconversões. No entanto, a análise das reconversões leva bem mais em conta os processos e os diferentes recursos detidos pelos atores do que a análise das bifurcações em que se presta uma grande atenção aos acontecimentos desencadeadores, às sequências de ações, às rupturas e em que se ressalta a imprevisibilidade das situações. Marc Bessin, Claire Bidart e Michel Grossetti propuseram um repertório muito esclarecedor da questão das bifurcações na sociologia e publicaram uma obra memorável (Bessin, Bidart, Grossetti, 2010). Eles explicam, notadamente, que as abordagens que se interessam pelas bifurcações se inscrevem, geralmente, na linha de estudos de Georg Simmel. A bifurcação designa uma mudança importante e brutal na orientação da trajetória, imprevisível tanto para o ator quanto para o sociólogo. A exclusão explícita da contingência e dos acontecimentos é bem evidente na sociologia francesa, particularmente nos estudos que se inscrevem na linhagem durkheimiana. De fato, a sociologia durkheimiana é, em grande parte, fundada contra a tentativa de explicação dos fenômenos históricos através dos acontecimentos.

O caso das classes populares brasileiras que viveram os deslocamentos, seja em direção da classe média, seja em direção de uma nova forma de proletariado, durante o governo Lula, é impressionante pela sua amplitude e pelo fato de que esse processo foi rapidamente seguido por outro processo – dessa vez, de declínio – durante

os governos que sucederam os de Lula e de Dilma Rousseff; há aí, claramente, um efeito dessas políticas. Dito isso, para responder a sua pergunta, eu precisaria saber o que, exatamente, fizeram (tipo de atividade ou emprego ocupado e escolarização das crianças) aqueles e aquelas que tiveram uma ascensão e que não constituem um conjunto homogêneo, de modo que não é possível responder de maneira unívoca. Sem dúvida, certos grupos ou parcelas das classes populares deste imenso conjunto – estamos falando de 40 milhões de pessoas, envolvidas nesses deslocamentos dentro do espaço social, que conheceram uma real melhora de condições de vida – tentaram reconversões ou incentivaram a reconversão de seus filhos. Além do mais, seria necessário saber e especificar o que os membros desses grupos eventualmente reconverteram.

Sem dúvida mais fecunda quando aborda em uma situação dada a indivíduos e grupos restritos, a problemática das reconversões seria menos pertinente quando tentamos empregá-la para explicar as mudanças na vida de coletividades mais amplas (instituições, sociedades)³. Teriam certos atores operado bifurcações? É bem provável e acredito que sim.

Como você vê o processo de enriquecimento das elites mundiais e a precarização e marginalização das classes sociais mais baixas nesse período de pandemia? No Brasil, nós estamos vendo um retrato de um país que volta a ter muitas pessoas passando fome em meio à administração do governo Bolsonaro. Na França ocorre o mesmo, ou as políticas de seguridade social tem dado conta de cuidar dessa população marginalizada?

MSM: As elites de quase todos os países do mundo, sobretudo as elites das tecnologias, enriqueceram muito e continuam enriquecendo descaradamente durante a pandemia da Covid-19 que se prolonga e passa por várias reviravoltas. As desigualdades se agravaram de maneira trágica com o Covid.

Um milhão de francesas e franceses caíram na miséria. Na França, a desigualdade, entre os mais favorecidos e os mais desfavorecidos, aumentou dentro da escola e os estudantes se encontraram, muitas vezes, em situações dramáticas. Um dos sinais mais fortes e visíveis dessa crise é a explosão da ajuda alimentar. No entanto, a situação é diferente da observada no Brasil; segundo uma recente pesquisa do INSEE, não teria ocorrido, na França, um aumento muito importante da pobreza. São as pobrezas “já instaladas” que sofreram mais e para as quais o governo provém apenas respostas pontuais; a pandemia agravou a intensidade da pobreza; a organização *Le Secours*

3. Essa conclusão vai ao encontro das conclusões de Alain Dewerpe quando ele se interessa pela noção de estratégia na obra de Bourdieu (Dewerpe, 1996).

Catholique apontou, em seu relatório anual de 2021, que as filas de espera foram aumentando diante dos centros de distribuição alimentar.

Observamos um forte aumento de insegurança, sobretudo entre as pessoas em situação mais precária, mas também entre as da classe média. O debate a respeito das políticas a serem adotadas se mantém acirrado na França atualmente; diante da crescente precarização, a carência de poder de compra se tornou uma preocupação crescente e um tema central dos debates.

Também é preciso ressaltar que ocorreu, desde o início da pandemia, o que podemos chamar de uma crise moral: um aumento de estados depressivos, de ansiedade diante do futuro, de stress e suas graves consequências para as crianças e para os jovens.

Hoje, em 2022, é difícil dissociar os efeitos da pandemia do Covid dos efeitos da guerra na Ucrânia, do aquecimento global, das mudanças climáticas, da seca e das políticas sobre o aumento das desigualdades e da grande pobreza no mundo. O grande economista Thomas Piketty, que sempre denunciou a explosão das desigualdades que irromperam nesses últimos 40 anos no mundo todo, nos lembra com justeza, em seu último livro, que na linha do tempo da história, desde 1789 – a revolução francesa – e 1791 – a revolta dos escravos em Santo Domingo – as desigualdades regrediram e que o combate contra elas deve ser prosseguido (Piketty, 2021).

Em seus estudos você retoma a questão da fronteira social. Igualmente, gostaria que você indicasse a importância desse conceito para o estudo das elites.

MSM: Por muitos anos, estudamos com Mihaï D. Georghiu e um grupo de pesquisadores e doutorandos de quatro países – Brasil, França, Romênia e Suécia – em diferentes contextos sociais, os efeitos das experiências educativas sobre a construção e a redefinição das fronteiras entre os grupos sociais. E procuramos compreender como é que dentro de diferentes grupos sociais – famílias de imigrantes, classes populares, classes médias, burguesias – se transmitia o sentido das diferentes fronteiras através da educação (Saint Martin, Gheorghiu, Montvalon, 2010). Na França, enfatizamos a pesquisa sobre a fronteira que separa e opõe os que, nesses diferentes grupos, estão “estabelecidos”, instalados, e que ocupam posições bem estáveis aos que estão mais para “outsiders”, em posições instáveis; para tanto, nos inspiramos na distinção feita por Norbert Elias, em *Logiques de l'exclusion* entre *established* e *outsiders*, a partir do estudo feito nos anos 1950 numa comunidade operária situada perto de Leicester na Inglaterra (Elias, Scotson, 1997).

É sobre as burguesias, que são, no seu conjunto, muito expeditas ao erguer o que poderíamos chamar de muralhas protetoras em volta delas, que eu tive a oportunidade de refletir e trabalhar nesta pesquisa. Com Barbara Bauchat, estudei as fronteiras

dentro das burguesias a partir de uma investigação realizada em Strasbourg e pudemos mostrar a fronteira que separa a burguesia de passagem, que mora há apenas dois ou três anos na cidade, e a burguesia estabelecida que lá vive há muito tempo; algumas, por várias gerações. A parcela da burguesia que nós chamamos de “burguesia de passagem” é majoritariamente mais móvel, internacionalizada e geralmente se apoia na mudança e a suscita para se desenvolver. No entanto, ao mesmo tempo, ela levanta muralhas em sua volta, desenvolvendo um sistema de forte cooptação em suas relações e para seus filhos. A burguesia estabelecida é, geralmente, mais conservadora, mais ancorada em suas posições e, também, mais ameaçada dentro do mundo contemporâneo.

No Brasil, a equipe coordenada por Ana Maria Almeida conduziu sua pesquisa principalmente em três bairros socialmente contrastantes do distrito residencial de Barão Geraldo da cidade de Campinas. Ela conduziu a pesquisa dentro das famílias estendidas – incluindo avós, pais e filhos – e também nas escolas públicas e privadas em que esses filhos estão sendo escolarizados; isso permitiu uma melhor percepção do que depende, de um lado, das famílias de diferentes grupos sociais e, de outro, das escolas na transmissão e no aprendizado das diferentes fronteiras.

Se, de maneira geral, as burguesias e as elites parecem firmes em sua vontade de ignorar as fronteiras sociais e geográficas, elas são uma das primeiras a investir em proteções e muralhas como o demonstra muito bem a existência de numerosos condomínios no Brasil e em outros países. Seria necessário desenvolver pesquisas sobre as elites, seus diferentes grupos e suas modalidades ambíguas de utilização das fronteiras e de jogo com as fronteiras.

Pierre Bourdieu e sua equipe renovaram a sociologia na França. Em 2022 temos 20 anos da morte de Pierre Bourdieu. Do seu ponto de vista, qual é a força da sociologia deixada por Bourdieu 20 anos depois?

MSM: Bourdieu foi o autor de uma obra científica vasta e muito rica; ao mesmo tempo sociológica, antropológica, histórica, filosófica, uma obra de ciências sociais que não se limita a uma disciplina acadêmica estritamente definida. Sua contribuição vai além da sociologia. A revista *Actes de la recherche en sciences sociales* – que foi, no seu início, em 1975, uma formidável inovação dentro das ciências sociais – atesta a importância da renovação trazida por Bourdieu e por aqueles e aquelas que trabalharam com ele na pesquisa e na escrita das ciências sociais.

Especificarei também que a experiência argelina foi determinante para Bourdieu. Em sua caminhada da filosofia em direção à sociologia, as investigações e pesquisas na Argélia – com Abdelmalek Sayad, Mohamed Boukobza, Alain Darbel, Claude Seibel

e Mouloud Mammeri, entre outros – desempenham um papel muito importante. Sem a passagem pela Argélia, talvez não tivesse ocorrido a conversão de Bourdieu da filosofia para a sociologia, nem a transformação de sua visão de mundo.

“Como todo verdadeiro sociólogo”, Bourdieu “sempre uniu o trabalho de campo, o conhecimento, a análise dos problemas e a reflexão sobre sua abordagem” explicava Alain Touraine (Touraine, 2002). Essa é uma das características mais importantes de sua obra e de sua concepção da sociologia. Bourdieu tinha, antes de tudo, este gosto pelo trabalho de campo, pela investigação; ele se interrogava sobre a relação entre conceptualização, teoria e campo; e sempre se manteve atento às observações do trabalho de campo.

Esse interesse contínuo pelo trabalho de campo, esse vai e vem entre trabalho de campo e conceptualização eram, para Bourdieu, inseparáveis de uma preocupação, revelada bem cedo, em “restituir, aos homens, o sentido de seus atos” (Bourdieu, 1962). Aprender a se conhecer, a se situar, refletir sobre sua posição, realizar um trabalho prévio de “lucidez sobre si mesmo” como o diz tão bem Rose Marie Lagrave, eram suas grandes exigências.

Bourdieu parece, sobretudo nos últimos anos de vida, ter optado por uma ampla consideração das possibilidades de contestação social. De fato, me parece impossível ignorar o fato de que um profundo sentimento de rebeldia e de revolta contra a ordem universitária, assim como contra as desigualdades, as injustiças, o neoliberalismo, a dominação econômica inspirava Bourdieu. Também é impossível ignorar o fato de que ele incomodava frequentemente e tinha boas razões para incomodar. Ele sempre relembra que o conhecimento dos determinismos pode favorecer a liberdade e a ação e, assim, a sociologia pode ser um instrumento de libertação; “mas ela suscita muito pouca ilusão” para que o “sociólogo possa considerar-se, por um instante sequer, como tendo a função do herói libertador” (Bourdieu, 1984).

Várias obras e numerosos artigos foram escritos por Bourdieu com seus colegas, ou com jovens pesquisadores que se empenharam em dar um novo impulso à sociologia e às ciências sociais, e em propor inovações; tratava-se de um empreendimento coletivo, de uma escola sociológica ou de um grupo de pesquisa? Bourdieu esteve empenhado em fazer pesquisas, escrever uma obra e, também, em constituir e desenvolver o que pode ser descrita como sendo uma escola sociológica internacional, uma escola “bourdieusiana” de sociologia que propõe conceitos, métodos de pesquisa e uma abordagem sociológica original. Não se trata de uma escola sociológica francesa como no caso de Durkheim, Simiand e Mauss, mas de uma escola sociológica internacional com alunos da maioria dos países europeus, da América do Norte, de vários países da América do Sul, da Austrália, do Japão, da Coreia, de uma parcela (embora pequena) de países da África e que também pode ser vista

como uma empresa científica transnacional. Se muitas obras, artigos e teses foram dedicados a Bourdieu, a história daquelas e daqueles que trabalharam com ele – as colaborações, divergências, rupturas, amizades e inimizades dentro desse grupo de pesquisa (em suas várias gerações), as experiências muito diversas e muito ricas da divisão de trabalho – foi iniciada e ainda tem muito a ser feito e escrito.

Referências Bibliográficas

- BESSIN, Marc; BIDART, Claire & GROSSETTI, Michel (Dir.). (2010), *Bifurcations. Les sciences sociales face aux ruptures et à l'événement*. Paris, La Découverte.
- BOURDIEU, Pierre. (1962), "Célibat et condition paysanne". *Études Rurales*, 5-6: 109.
- BOURDIEU, Pierre. (1984), *Homo Academicus*, Paris, Editions de Minuit, p. 16
- BOURDIEU, Pierre; BOLTANSKI, Luc & SAINT MARTIN, Monique de. (1973), "Les stratégies de reconversion. Les classes sociales et le système d'enseignement". *Information sur les Sciences Sociales*, 12(5): 101.
- BOURDIEU, Pierre & SAINT MARTIN, Monique de. (1976), "Anatomie du goût". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 2(5): 2-81
- CASTEL, Robert. (1995), *Les métamorphoses de la question sociale*. Paris. Fayard.
- CHMATKO, Natalia & SAINT MARTIN, Monique de. (1997), "Les anciens bureaucrates dans l'économie de marché en Russie". *Genèses*, 27: 88-108, juin.
- DEWERPE, Alain. (1996), "La 'stratégie' chez Pierre Bourdieu. Notes de lecture". *Enquête*, 3: 191-208.
- ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. (1997), *Logiques de l'exclusion: Enquête sociologique au cœur des problèmes d'une communauté*. Prefácio de Michel Wieviorka, Paris, Fayard (1re édition française).
- GARCIA JR., Afrânio. (1993), "Reconversion des élites agraires. Du pouvoir local au pouvoir national". *Études Rurales*, 131-132: 89-106, juillet-déc.
- HALBWACHS, Maurice. (1930), *Les causes du suicide*, Paris, Alcan.
- MERLLIÉ, Dominique & PREVOT, Jean. (1991), *La mobilité sociale*. Paris, La Découverte, p. 21 (Coll. Repères).
- PIKETTY, Thomas. (2021), *Une brève histoire de l'égalité*. Paris, Ed. du Seuil.
- RIEFF, Philipp. (1968), *The triumph of therapeutic: the Uses of Faith after Freud*. Nova York, Harper and Row.
- SAINT MARTIN, Monique de. (1993), *L'espace de la noblesse*. Paris, Métailié (Collection Leçons de choses).
- SAINT MARTIN, Monique de. (2009), "Prefácio". In: JARDIM, Maria Chaves, *Entre a solidariedade e o risco. Sindicatos e fundos de pensão em tempos de governo Lula*. São Paulo, Annablume, pp. 9-18 (Col. Trabalho e Contemporaneidade).

- SAINT MARTIN, Monique de. (2022), “Rumo a uma abordagem dinâmica para reconversões”. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, 27, jan./dez.
- SAINT MARTIN, Monique de; GHEORGHU, Mihai D. (Dirs.) & MONTVALON, Bénédicte de (Coord.). (2010), *Education et frontières sociales. Un grand bricolage*, Paris, Michalon.
- SAINT MARTIN, Monique de; ROCHA, Daniella Castro de & HEREDIA, Mariana. (2008), “Trocas intergeracionais e construção de fronteiras sociais na França”. *Tempo Social*, 20 (1): 135-162.
- SOROKIN, Pitirin A. (1927), *Social mobility*. Nova York, Harper and Brothers (Reed. aumentada, *Social and cultural mobility*. Glencoe, The Free Press, 1959, reed. 1964).
- STARK, David. (1996), “Recombinant property in East European capitalism”. *American Journal of Sociology*, 101 (4): 993-1027, janv.
- TISSOT, Sylvie; GAUBERT, Christophe & LECHIEN, Marie Hélène (org.) (2005), *Reconversions militantes*. Prefácio de Yvon Lamy. Limoges, Presses Universitaires de Limoges, p. 10.
- TOURAINÉ, Alain. (2002), “Il était une référence – positive ou négative – indispensable”. *Libération*, Propos recueillis par José Garçon, 25 janvier.

Texto recebido em 11/09/2022 e aprovado em 04/10/2022.

DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2022.202080

MARIA CHAVES JARDIM é professora do Departamento de Ciências Sociais da Unesp de Araraquara, onde defendeu sua Livre Docência em sociologia. É Bolsista Produtividade CNPq. Além disso, é estudiosa da teoria de Pierre Bourdieu e de temas discutidos por Saint Martin nessa entrevista. E-mail: maria.jardim@unesp.br.

THAIS JOI MARTINS é professora adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) onde atua no Centro de Artes, Humanidades e Letras e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. É pesquisadora no Neseff-Ufscar e no Nespom-Unesp. E-mail: thaisjoi@gmail.com.



Abdelmalek Sayad. *Femmes em rupture de ban: entretiens inédits avec deux Algériennes*. Paris, Raisons d'Agir, 2021, 214 pp.

Por Gustavo Dias
Universidade Estadual de Montes Claros,
Montes Claros, Minas Gerais, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-5325-3253>

Nos últimos anos, temos tido a (re) publicação da obra de Abdelmalek Sayad (1933-1998), sociólogo que, de forma decisiva, contribuiu para os debates migratórios e da luta anticolonial. Certamente, um dos motivos que faz com que seus textos sigam despertando interesse é o seu cuidado metodológico na condução de entrevistas. Migrantes, retornados e potenciais migrantes, em seus textos, ganham protagonismo. Proposta esta fundamental para auxiliar pesquisadores a compreender, por exemplo, os diversos processos de desenraiza-

mentos e dominação que o regime econômico vigente produz na periferia do sistema-mundo. Entrevistados refletem temas propostos pelo autor, auxiliam-no a questionar modelos teóricos e, em muitos casos, evidenciam o mundo social produzido pela migração. Mas não só. As entrevistas também permitem com que eles façam autoanálise de suas trajetórias de vida e da experiência migratória na qual se encontram. *Femmes em rupture de ban: entretiens inédits avec deux Algériennes*, publicado pela editora francesa Raisons d'Agir, em 2021, vem para somar qualitativamente à proposta.

Não se trata propriamente de um livro escrito por Sayad, mas de duas extensas entrevistas conduzidas por ele, respectivamente, com Ourida e Fatiha¹, e que estavam guardadas em seu arquivo. Duas mulheres que viveram rupturas existenciais e sociais produzidas pelos paradoxos migratórios. O livro conta, também, com um prefácio escrito pelos organizadores, Salima Amari e Éric Fassin, e, ao final, uma entrevista com Tassadit Yacine, em que reflete, especificamente, sobre a trajetória de Ourida. Logo no início, somos informados por Amari e Fassin de que as duas entrevistas compõem parte de um projeto de pesquisa, do qual ambos participavam, e cujo título era *Genre et sexualité en migration: "laisser la parole" sans "parler à la place"*. Fica, portanto, compreensível que o objetivo desse livro é explorar as questões de gênero e sexualidade na obra de Sayad, bem como sua técnica de entrevista, ao se retirar de cena e deixar a palavra exclusivamente com Ourida e Fatiha.

Amari e Fassin desenvolvem um prefácio cujo objetivo central é introduzir leitores no debate sobre a marginalização histórica e política das mulheres nos estudos migratórios produzidos na França, ao longo dos anos 1970. Para tal, valem-se da historiadora Nancy L.

Green, conhecida pelos seus estudos comparados em migrações contemporâneas, para esmiuçar as transformações historiográficas nessa área de pesquisa, nas últimas quatro décadas. Green, mais especificamente em seu artigo “Quatre âges des études migratoires” (2020), demonstra como a “descoberta” dos trabalhadores migrantes na sociedade francesa, nos anos 1960 e 1970, seria superada por uma nova descoberta nos anos 1980: a presença de mulheres². Nos anos 1990, teríamos, então, o gênero aparecendo como uma categoria analítica essencial e que viria a marcar a terceira idade da história da migração. Por fim, nos anos 2000, temos o que ela define como a quarta idade, focada agora na sexualidade dos migrantes, como objeto de controle estatal ou como dimensão da intimidade.

Com base nesse diálogo estabelecido por Green com o próprio Sayad, Amari e Fassin argumentam que o sociólogo argelino, já na década de 1970, havia criado, em suas investigações, espaço para as mulheres, gênero e sexualidade. Para dar sustentação a essa tese, ponderam que Sayad procurou historicizar não apenas valores familiares, mas também o lugar das mulheres ao longo das três idades migratórias. Teria o sociólogo não se contentado apenas em compreender a passagem de uma emigração individual de homens para uma imigração familiar. Ele buscou ainda demonstrar como a migração argelina, entendida como um movimento de rupturas violentas, teria ameaçado a ordem sexual da sociedade argelina.

Uma violência que não poderia ser explicada apenas através do islamismo e de uma estrutura familiar patrilinear, mas do legado deixado pelo violento sistema colonial francês. Para tanto, a análise da situação social da mulher argelina na migração deveria passar pela mobilização de uma história política e

não de uma análise centrada exclusivamente no culturalismo. Tal leitura, aproxima-o do que, posteriormente, intelectuais feministas como, por exemplo, Deniz Kandiyoti (1991), Boutheina Cheriet (1996) e Marnia Lazreg (2019) evidenciaram em seus escritos: mulheres no Oriente Médio não devem ser estudadas através de cultura islâmica, mas através dos diferentes projetos políticos estatais, suas relações com o colonialismo e o Ocidente, política de classes, usos ideológicos de um idioma islâmico e lutas contra o papel da lei islâmica nos aparelhos legais do Estado³.

O segundo ponto explorado no livro é a forma com que suas entrevistas valorizam as histórias contadas por essas duas mulheres. E aqui o aproxima de um profícuo diálogo com estudos etnográficos e de gênero. Destacaria, em particular, a antropóloga Lila Abu-Lughod (1998, 2020), que ressalta a importância da escrita etnográfica em gerar um livro de histórias. Ao deixar Ourida e Fatiha falar, Sayad permite com que elas próprias examinem a interface entre acontecimentos históricos, condições de guerras, políticas econômicas, jurídicas ou sociais, e as próprias mulheres nas suas interações com os homens. São mulheres que contam histórias. Elas não estão aqui como “as filhas de” ou “a esposa de” e nem como personagens oprimidas. Ourida e Fatiha permitem-nos ver mulheres, nessa longa migração argelina, como um grupo diversificado de indivíduos que pensaram, defenderam e conseguiram transformar suas vidas em contextos (pós)coloniais e nacionalistas. Suas histórias não homogeneizam o fenômeno migratório. Elas produzem diferenciações internas no processo. Demonstram que a migração não é um processo preciso e fácil de demarcar, como, por exemplo, muitas vezes, generalizamos através de expressões como

“migrações na América Latina” ou “migração brasileira”.

Através da primeira, conduzida com Ourida, em 1972, o leitor acompanha a sua jornada migratória que se inicia na Argélia, passa pela Tunísia e chega na França. Seguimos uma migração que emaranha vidas e espaços sociais ao longo do Mediterrâneo. A luta anticolonial é pano de fundo e Ourida faz parte. Ao mesmo tempo, acompanhamos a dura negociação que ela precisa realizar com familiares e militantes da Frente de Libertação Nacional Argelina (FLN) para superar proibições e garantir a guarda de sua filha, Samira.

Curiosamente, a jornada migratória de Ourida, que vem ao público só agora, traz novos elementos para pensarmos a dimensão paradoxal que a migração produz e que Sayad buscou investigar. Ela, por exemplo, problematiza o seu artigo *Imigração e convenções internacionais*, publicado, originalmente, em 1979. Nele, Sayad expõe que seus entrevistados homens comparam a própria condição de migrante vivida por eles com a situação de uma mulher “malcasada” (Sayad, 1998, p. 250). Segundo eles, o imigrante é dado para a imigração, assim como uma mulher é dada ao casamento. Todavia, não se trata de uma mulher qualquer, mas com alguma “imperfeição física”, que a faz valer menos no mercado matrimonial. Assim como a mulher que nasce, é educada e cresce na casa de seus pais até o dia de seu casamento, quando é levada, o imigrante também nasce em seu país, cresce e depois precisa migrar. Fica a “ausência” ou rupturas. Ourida oferece uma visão mais complexa desse processo. Mulheres migrantes podem viver concretamente essa dupla situação. Ela mostra que, em sua vida, a ruptura é causada pela migração, mas, também, pelo casamento. Em outras palavras, ela é “malcasada” duas vezes. Migração e casamento a forçam a se

mover entre uma estrutura familiar patrilínea dominante, que a impele a um status subsidiário dentro dela, e a miséria pós-colonial. Porém, Ourida, ao lutar pela independência da Argélia e seu legado desigual, reivindica igualdade de gênero. “Eu sou o homem e a mulher de minha casa”, diz ela. Acompanhamos a trajetória de uma mulher que passará a sua vida resistindo às rupturas que o legado colonial produziu em sua vida: a separação de sua filha e de sua autonomia, que, segundo ela, poderia vir através do divórcio.

A história de Fatiha, por sua vez, surge através de uma entrevista mais curta. Ela revela uma longa reflexão produzida por uma jovem, filha de argelinos e nascida na França, sobre sua própria condição existencial. Fatiha, igualmente, lança forte luz sobre temas trabalhados por Sayad ao longo de sua obra. A começar, demonstra um importante paradoxo causado pela migração, vivido por filhos de migrantes nascidos na sociedade de destino: ser um imigrante sem ter migrado. Encurralada nessa condição paradoxal, que tem seus resquícios no colonialismo francês, a vida de Fatiha também mergulha em rupturas. Mesmo tendo nascido na França, ela não se sente parte desse universo social. Ela vive os mesmos dramas de outras jovens nascidas na França e que vivem nos fatídicos conjuntos habitacionais populares (HLM), marcados por segregação urbana. Encontramos, por exemplo, inúmeras angústias partilhadas por Zahoua e Farida, igualmente entrevistadas por Sayad (1998, 1999), em outros momentos. Porém, a entrevista com Fatiha, mesmo parcialmente editada, não veio ao público até então. A entrevista está na íntegra e temos um tema caro analisado por ela mesma: a sororidade. Fatiha destaca a empatia por suas irmãs e sobre a importância em construir alianças sólidas com suas amigas, para poderem su-

perar as adversidades de gênero, de faixa etária, financeira e de inserção na sociedade francesa.

Por se tratar de duas entrevistas publicadas postumamente, não encontraremos, em cada um dos dois capítulos, como de praxe, as análises sociológicas tecidas pelo próprio Sayad. Todavia, Ourida e Fatiha não deixam por menos. Elas próprias analisam questões caras para sua própria obra. Com Ourida, por exemplo, recuperamos temas como: provisoriamente, *el ghorba*⁴, *bidonvilles*⁵, colonialismo e luta anticolonial. Já Fatiha aborda conflitos geracionais de filhos argelinos, as condições precárias vividas em habitações populares e na rede escolar, além de um imaginário sobre a Argélia dos pais. Portanto, arriscamos dizer que as entrevistas apresentam um limitado grau de ineditismo como o subtítulo do livro pontua, pois, os dilemas abordados ali já foram, de certa forma, apresentados por Sayad tantas outras vezes. Parece mais sensato entendermos que, como faz qualquer pesquisador dedicado à pesquisa de campo, essas entrevistas são parte de um amplo acervo de fontes coletadas por ele próprio e que foram sendo utilizadas de forma indireta. Aliás, Amari e Fassin expõem isso logo no início.

Ademais, a escolha dessas duas entrevistas é certa ao lançar o leitor – interessado mais especificamente na obra de Sayad – a um patamar caro em suas reflexões acerca do fenômeno migratório: a dimensão histórica. Ourida e Fatiha, por meio de um diálogo produzido pelo próprio livro, demonstram que estão conectadas por uma longa história de dominação colonial. Ourida nos mostra as dores de viver em um universo político e laboral produzido pelas rápidas mudanças que a Argélia atravessou antes e durante sua luta de independência. Como argelina, ela vive e participa da independência de seu país. Porém, ela é uma

mulher que também reivindica protagonismo e igualdade. Algo que, como Sayad demonstra, faltou ao seu país, mergulhado em relações pós-coloniais e lutas internas. Fatiha, por sua vez, nasce em um momento em que a comunidade argelina já está estabelecida na França, mesmo que argelinos e franceses sigam partilhando a ilusão da provisoriamente. Momento um tanto distinto do vivido por Ourida, mas que segue recebendo ecos de um mundo colonial que insiste em não sumir. O desenraizamento e a migração em massa, portanto, seguem.

O último capítulo recebe o sugestivo título “Abdelmalek Sayad et Ourida: l'écrivain public et la militante féministe ‘porteuse de valise’”⁶. Trata-se de uma entrevista conduzida com Tassadit Yacine – antropóloga argelina, dedicada ao estudo de populações berberes, e ainda pouco conhecida no Brasil –, que analisa cuidadosamente as condições de vida na qual Ourida estava inserida e como ela responde a isso. Em outras palavras, de que forma Ourida, subversivamente, produz rupturas com a *doxa masculina* imposta pelos homens da família e pelos militantes da FLN. Para Yacine, a guarda da sua filha e o direito de criá-la sozinha compõem o mote central de sua vida, que se inicia com a migração em si, expande para o casamento e culmina no questionamento à falta de autonomia que a FLN dá às mulheres que, como ela, sustentaram a luta pela independência da Argélia. Através desse capítulo e da expressão “*porteuse de valise*” no título, a entrevistada aponta que Ourida inclusive fez parte da Rede Jeanson⁷. Nesse capítulo final, retomando Nancy L. Green, temos a chance de compreender melhor a presença de mulheres e como o tema da sexualidade tornou-se estrategicamente uma ferramenta de controle dos estados francês e argelino nesse longo processo de desenraizamento.

Fica, ao fim da leitura, a curiosidade em entender os motivos pelos quais Sayad nunca utilizou diretamente determinados temas políticos, de gênero e sexualidade, tratados por Ourida e Fatiha em suas respectivas entrevistas. Yacine acredita que ele temia publicar estudos que fizessem referências excessivas às minorias que compunham, em sua época, a comunidade argelina na França. Segundo ela, Sayad tinha receio de que poderiam enfraquecer a luta por um reconhecimento político do migrante perante a sociedade francesa. Ademais, produzir a imagem da própria Argélia como um estado fragmentado e incapaz de ser inserido no mundo atual a manteria presa na condição de um grande laboratório de pesquisas antropológicas. De fato, essa hipótese lançada por Yacine ganha muito corpo se recorrermos ao primeiro artigo de Sayad (1960).

Todavia, reiteramos que, se elas não aparecem diretamente em seus textos, muito do que expõem acerca da violência produzida pela migração e seus traumas pessoais estão presentes no conjunto de sua obra. Sem sombra de dúvida, esse é um livro que merece ser traduzido para o português. Primeiramente, por auxiliar-nos na ampliação do conhecimento acerca da obra desse fundamental sociólogo das migrações. Segundo, por se tratar de uma fonte de reflexões substantivas para temas das dominações colonial e seus desdobramentos, através de duas mulheres que pensam e falam por si.

Referências Bibliográficas

- ABU-LUGHOD, Lila (Org). (2018), *Remaking women: feminism and modernity in the Middle East*. Princeton, Princeton University Press.
- ABU-LUGHOD, Lila. (2020), *A escrita dos mundos de mulheres: histórias beduínas*. Rio de Janeiro, Papéis Selvagens.
- CHERIET, Boutheina. (1996), "Gender, Civil Society and Citizenship in Algeria". *Middle East Report*, 198: 22-26.
- ELHAJJI, Mohammed & ESCUDERO, Camila. (2018), "Sentidos e expressões da noção de ghorba na obra de Abdelmalek Sayad". In: DIAS, Gustavo; BÓGUS, Lucia; PEREIRA, José Alves & BAPTISTA, Dulce. *A Contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayad*. São Paulo, Educ, pp. 157-180.
- GREEN, Nancy L. (2020), "Quatre âges des études migratoires". *Clio. Femmes, Genre, Histoire*, 51: 185-206.
- KANDIYOTI, Deniz (Org). (1991), *Women, Islam and the State*. Philadelphia, Temple State Press.
- LAZREG, Marnia. (2019), *The Eloquence of Silence*. London/New York, Routledge.
- PALENZUELA, Jordi Moreras. (2018), "Sayad y las paradojas del islam" In: AVALLONE, Gennaro & SANTAMARÍA, Enrique. *Abdelmalek Sayad: una lectura crítica. Migraciones, saberes y luchas (sociales y culturales)*. Barcelona, Dados, pp. 299-320.
- SAYAD, Abdelmalek. (1960), "Les libéraux un pont jeté entre les deux communautés". *Études Méditerranéennes*, 7: 43-50.
- SAYAD, Abdelmalek. (1977), "Les trois âges' de l'émigration algérienne en France". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 15: 59-79.
- SAYAD, Abdelmalek & DUPUY, Éliane. (1995), *Un Nanterre algérien, terre de bidonvilles*. Paris, Autrement.
- SAYAD, Abdelmalek. (1998), *A migração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo, Edusp.
- SAYAD, Abdelmalek. (1998), "Imigração e convenções internacionais" In: SAYAD, Abdelmalek. *A migração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo, Edusp, pp. 235-264.
- SAYAD, Abdelmalek. (1999), "A emancipação". In: BOURDIEU, Pierre (Org.). *A Miséria do Mundo*. Petrópolis, Ed. Vozes, pp.673-685.
- SAYAD, Abdelmalek. (2014), *L'immigration ou les paradoxes de l'alterité. 3. La fabrication des identités culturelles*. Paris, Raisons d'Agir.

WACQUANT, Loic. (2001), “Un Nanterre algérien, terre de bidonvilles”. *Ethnography*, 1: 139-141.

Notas

1. Ourida é um nome fictício dado por Sayad. Já Fatiha é o nome dado pelos organizadores do livro para torná-la mais familiar aos leitores. Segundo eles, Sayad havia apenas colocado F.
2. Green pretende estabelecer um diálogo direto com o clássico artigo “Les trois ‘âges’ de l’émigration algérienne en France”, do próprio Sayad, publicado em 1977.
3. Para maiores informações sobre a relação entre islamismo e imigração em Sayad, ver Sayad (2014), Palenzuela (2018).
4. Na lógica tradicional, Elghorba, como o autor expõe, é associada à terra de exílio e traz definições como escuridão, isolamento, medo e hostilidade, entre outros sentimentos de desolação. Em virtude da complexidade do tema e dos limites para essa resenha, ver Sayad (1998), ElHajji e Escudero (2020).
5. Bidon/villes [bairros de lata] seriam assentamentos urbanos informais e extremamente precários, produzidos e ocupados por migrantes magrebinos em Nanterre. Para maiores informações, consultar Sayad (1995), Wacquant (2001).
6. “Abdelmalek Sayad e Ourida: o escrivão público e a ativista feminista ‘carregadora de bagagem’”.
7. Rede anticolonial autônoma, criada em 1957, pelo ativista político francês Francis Jeanson, cujo objetivo era coletar e transportar recursos financeiros e documentos falsos para militantes da FLN. Daí vem o apelido “porteuse de valise” ou, em português, “carregadores de bagagem”.

Texto recebido em 16/09/2022 e aprovado em 24/10/2022.

DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2022.202408

